

J. J. BENÍTEZ

CAVALO

DE TRÓIA 1

JERUSALÉM

 Planeta

EDIÇÃO REVISADA
APRESENTAÇÃO
INÉDITA
DO AUTOR

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros, disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível.



J. J. Benítez

CAVALO
DE TRÓIA 1

Tradução
Hermínio Tricca

 Planeta

Copyright © 1984, J. J. Benítez
Título original: Caballo de Troya

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B
Edifício New York
05001-100 – São Paulo – SP
www.editoraplaneta.com.br
vendas@editoraplaneta.com.br

Conversão para eBook: Freitas Bastos

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Benítez, J.J.

Cavalo de Troia 1 : Jerusalém / J.J. Benítez ; tradução Hermínio Tricca. – São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2008.

Título original: Caballo de Troya

ISBN 978-85-7665-948-8

1. Realismo fantástico I. Título.

08-05122

CDD-001.9

Ebook adquirido na Livrarialivros.com

Há muitas outras coisas que Jesus fez. Se fossem escritas
uma de cada vez, creio que nem o mundo todo
poderia conter os livros que seriam escritos.
Evangelho de João, 21, 25

A Gabriel Del Barrio García, um nobre e veterano socialista, que me precederá no
Reino dos Céus.

(Representando os muitos amigos que me ajudaram durante os cem dias
que permaneci submerso na realização de Cavalo de Troia 1.)

Apresentação

Sempre sonhei em escrever a vida de Jesus de Nazaré como teria feito um jornalista, ou um cientista, passo a passo e em detalhes. O que não podia imaginar é que os sonhos acabam se realizando bem aqui, em vida, ou depois da morte. Cavalo de Troia 1 foi o resultado desse sonho. Um dia, quando menos esperava, surgiu uma documentação importantíssima que me levou a escrever o que todos conhecem.

Cavalo de Troia 2 e os outros surgiram, praticamente, como um resultado natural do primeiro. A documentação que havia chegado a minhas mãos era volumosa e importante o suficiente para não deixar o assunto em apenas um primeiro livro. E a obra será publicada integralmente, a despeito das fortes críticas e das manobras de desprestígio que sofri nestes 21 anos desde a publicação da primeira edição do Cavalo de Troia 1 no Brasil, em 1987. (Na Espanha, o livro foi publicado em 1984.) Entendo que a narração da vida de Jesus de Nazaré, do modo como aparece na série, era uma obrigação moral que eu tinha para com os leitores. Sentimos a verdade porque toca o coração, e foi isso que me aconteceu quando conheci esta versão da vida e do pensamento de Jesus. Nenhuma igreja tem o direito de esconder a Verdade e, muito menos, de manipulá-la. E isso é o que tem feito a Igreja Católica desde o início.

Fiquei surpreso e, depois, imediatamente encantado. Esse Jesus humano, próximo, e ao mesmo tempo Deus, me impressionou. Era o que eu precisava e buscava – em vão – havia muito tempo. O Jesus da série Cavalo de Troia não é um deus castigador nem controlador. Simplesmente brinda a imortalidade. E isso me convenceu.

A Igreja Católica, especialmente seus setores mais conservadores, tentou – e tenta – ridicularizar o meu trabalho. O livro, porém, continua na linha de frente. Várias gerações se incorporaram à sua leitura seguindo o boca a boca. Por que será? Eu sempre disse: Cavalo de Troia é um livro mágico, que toca o coração das pessoas, sem importar se são crentes ou ateus; não importa a idade nem a condição social.

Agora sou uma pessoa mais segura. Acredito saber o que me espera depois da morte. Sei que, depois dela, há VIDA. E isso devo a Ele. Agora creio saber quem sou e por que estou aqui. Isso acontece a todo aquele que lê a obra, cedo ou tarde. Ler Cavalo de Troia é conseguir um passaporte para a certeza. Cavalo de Troia tem a virtude de não deixar ninguém indiferente e de mexer com o mais íntimo de cada ser humano.

Talvez a maior recompensa por esses muitos anos de trabalho sejam as cartas e os contatos dos leitores. Chegam diariamente. São cartas e mensagens que


agradecem pela aproximação ao Mestre. Entendo que esses anos de sacrifício, as viagens e as 4.500 páginas sobre Jesus de Nazaré valeram a pena. Acho que meu trabalho está praticamente concluído. Falta apenas o Cavalo de Troia 9 para terminar a saga. Imagino que estará nas ruas em 2010, possivelmente no outono. Depois... surpresa!

Segundo a editora, dos oito volumes foram vendidos cerca de 6 milhões de exemplares em todo o mundo. Isso significa mais de 24 milhões de possíveis leitores, e a contagem não para...

Só posso estar agradecido por tanta fidelidade.

Um abraço para meus queridos leitores brasileiros,

J. J. Benítez

A handwritten signature in black ink, appearing to be 'J. J. Benítez', with a stylized flourish extending to the left.

Washington

Meu relógio marcava três da tarde. Faltavam duas horas para que o Cemitério Nacional de Arlington fechasse. Eu havia passado quase toda aquela segunda-feira, 12 de outubro, diante dos três túmulos dos soldados desconhecidos e da minúscula chama alaranjada que dá vida à rústica laje cinzenta sob a qual repousam os restos do presidente John Fitzgerald Kennedy.

Ainda que de tanto lê-lo já o tivesse decorado, consultei uma vez mais o código que o Major havia me dado. Pela enésima vez examinei o maciço sarcófago de mármore branco erguido na face leste do Anfiteatro Comemorativo, monumento inicial e mais destacado do túmulo do Soldado Desconhecido. Na face oeste, haviam sido esculpidas as três figuras que simbolizam a Vitória alcançando a Paz por meio da Coragem. Mas aquele painel não parecia guardar relação com meu código...

Lentamente, como um turista a mais, contornei o cordão que circunda a pequena esplanada retangular e fui sentar-me diante da parte de trás do túmulo central, nos degraus de um pequeno anfiteatro. Exausto, repassei o que havia anotado. À minha frente, a cinco metros dos túmulos, um soldado de infantaria do Primeiro Batalhão da Velha Guarda, com sede em Fort Myer, marchava para cima e para baixo, fuzil no ombro a luzir no escuro uniforme de gala.

Ainda que a corrente de segurança me mantivesse a uns dez metros dessa parte do túmulo, a legenda gravada no mármore podia ser lida com facilidade: "Aqui repousa gloriosamente um soldado dos Estados Unidos que só Deus conhece".

"Estará aí a chave?" – perguntei-me nervosamente.

A solitária sentinela, espigada e fria como a baioneta que rematava seu brilhante mosquetão, havia parado. Depois de uma breve pausa, girou o corpo e mudou a arma de ombro. Segundos depois, voltou sobre seus passos e deteve-se diante do túmulo. Ali, repetiu a mudança de posição do fuzil, girou o corpo de novo e reiniciou seu solene desfile.

Meu amigo, o Major norte-americano, fazia referência ao soldado que dia e noite monta guarda no cemitério dos heróis, em Washington.

"A sentinela que vela diante do túmulo vai lhe revelar o ritual de Arlington", dizia a primeira frase de sua última carta...

Mas é justo que, antes de prosseguir a narrativa desta nova aventura, eu conte quando e em que circunstâncias conheci o Major, e como me vi envolvido em uma das investigações mais estranhas e fascinantes que já empreendi.

Em abril de 1980, por motivos que não vêm ao caso, encontrava-me na Cidade do México, Distrito Federal. Fazia poucos meses que eu havia escrito meu primeiro livro, a respeito das descobertas de cientistas da NASA sobre o Santo Sudário de Turim, e me lembro de que, em uma das minhas intervenções na televisão asteca – mais precisamente no prestigioso e popular programa informativo de Jacobo Zabludowsky –, eu havia comentado sobre alguns detalhes das violentas torturas a que Jesus de Nazaré havia sido submetido. Para minha surpresa e da equipe do canal de televisão, registrou-se naquela noite uma torrente de telefonemas dos pontos mais díspares do país e até mesmo de Miami e da Califórnia.

Ao regressar ao hotel, a telefonista do Presidente Chapultec passou-me uma ligação de que jamais esquecerei.

– É o senhor J. J. Benítez?

– Sim, pode falar...

– É o senhor J. J. Benítez?

– Sim, sou eu, quem fala?

– Eu o vi no programa do senhor Zabludowsky. Eu me sentiria muito honrado se pudesse conversar com o senhor.

– Bem, pode falar – respondi quase mecanicamente, ao mesmo tempo que me deixava cair sobre a cama. Nos primeiros instantes confundi meu interlocutor com o típico curioso e estava pronto para acabar com a conversa na primeira oportunidade.

– Como o senhor pode ter percebido pelo sotaque, sou estrangeiro. Ao ouvi-lo, fiquei sinceramente impressionado com seu interesse em Cristo.

– Desculpe-me – eu o interrompi, buscando algo a que me prender –, como disse que se chama?

– Não, eu não lhe disse meu nome. E, se me permite, dada minha condição de antigo piloto da Força Aérea dos Estados Unidos, gostaria de não o dar pelo telefone.

Aquilo me pôs em guarda. Eu me recompus e tentei ordenar minhas ideias.

– Não sei qual é seu plano de trabalho no México – continuou ele em tom bastante afável –, mas talvez possa ser de grande interesse para o senhor que nos vejamos. O que acha?

– Não sei – respondi hesitante. – Onde o senhor se encontra?

– Estou falando do Estado de Tabasco. O senhor tem alguma viagem prevista

para essa região?

– Francamente, não, mas...

Uma vez mais deixei-me levar pela intuição. Um antigo piloto da Força Aérea dos Estados Unidos. Podia ser interessante...

A experiência como pesquisador tem me ensinado a aceitar riscos. Que podia eu perder com aquela entrevista?

– Pode adiantar-me algo? – arrisquei sem reprimir a curiosidade.

– Não... Creia-me. Não por telefone... Mais que isso: não desejo enganá-lo e, desde já, adianto-lhe que dessa primeira conversa, se é que chegaremos a tê-la, provavelmente não tirará muitas conclusões. Não obstante, insisto em que nos vejamos...

– Está bem – atalhei quase bruscamente. – Aceito. Onde e quando?

– Pode deslocar-se até Villahermosa? Estarei aqui até sábado. Conhece a cidade?

– Sim, certamente – respondi contrariado.

Se não me falhava a memória, em julho de 1977, Raquel e eu havíamos visitado a Zona Arqueológica do Palanque, no Estado de Chiapas, e as colossais cabeças olmecas¹ de Villahermosa. Mas agora eu me encontrava no Distrito Federal, a mil quilômetros da tórrida região tabasca.

– Está bem para o senhor sexta-feira, dia 18?

– Um momento. Deixe que eu examine minha agenda.

Na verdade, eu sabia de antemão que não existia compromisso algum na agenda para sexta-feira, 18. Mas o fato de ter de viajar para Tabasco sem garantias nem referências acerca da pessoa com quem deveria conversar tinha me deixado irritado. Por isso, eu buscava avidamente alguma desculpa para cair fora de tão disparatada viagem. Foram alguns segundos tensos. De um lado, o instinto jornalístico me arrastava para Villahermosa; de outro, o bom senso começava a diluir meu já frágil entusiasmo. Para minha sorte, o primeiro impulso se impôs e eu aceitei:

– Muito bem. Creio que há um voo que sai da capital na primeira hora da manhã. Onde posso encontrar o senhor?

– O senhor conhece o Parque de La Venta?

O homem deve ter percebido minha hesitação e acrescentou:

– O das cabeças olmecas...

– Sim, conheço.

– Pois estarei à sua espera próximo do Grande Altar.

– Mas como o reconhecerei?

– Não se preocupe.

Aquela segurança me deixou fascinado.

– O mais provável é que eu o reconheça primeiro – concluiu.

– Está bem. Em todo caso, levarei um livro nas mãos...

– Como quiser.

- Então, até sexta.
- Perfeito. Obrigado por atender meu telefonema.
- Foi um prazer – menti. – Boa noite.

Ao desligar o telefone, fiquei cheio de dúvidas. Por que havia aceitado tão prontamente? Que garantia eu tinha de que aquele suposto estrangeiro era mesmo um piloto aposentado da Força Aérea dos Estados Unidos, a USAF? E se tudo não passasse de um trote?

Ao mesmo tempo, porém, alguma coisa me dizia que eu devia ir a Villahermosa. O tom de voz do homem fazia-me intuir que eu estava diante de uma pessoa franca. Mas que queria ele me comunicar?

Essa enigmática questão não me saía da cabeça. “O mais lógico – dizia a mim mesmo enquanto tentava em vão conciliar o sono – é que se trate de algum caso de OVNI protagonizado por militares norte-americanos. Ou não?”

“Por que ele citou meu interesse por Cristo? Que teria a ver com esse assunto um veterano militar?”

Para dizer a verdade, quanto mais eu pensava no caso, mais obscuro e irritante ele me parecia. Assim, optei pela única solução prática: esquecê-lo até sexta-feira, 18 de abril.

1 Olmeca – Cultura mexicana do período pré-clássico (500 a 600 anos d.C., aproximadamente). (N. T.)

Tabasco

Às 10h45, apenas uma hora depois de deixar o aeroporto Benito Juárez, da Cidade do México, eu aterrissava em Villahermosa. Ao pisar na pista, um familiar formigamento no estômago anunciou-me o começo de uma nova aventura. Ali estava eu, debaixo de um sol tropical, com a inseparável bolsa preta de câmeras fotográficas no ombro e um exemplar de meu livro O enviado nas mãos.

“Veremos o que me reserva o destino” – pensei enquanto cruzava a tórrida pista em direção ao terminal de passageiros. Aquela situação – como negar? – me seduzia. Sempre gostei de brincar de detetive...

Por isso, desde o momento em que deixei o avião da Companhia Mexicana de Aviação, que me havia transportado para o Estado de Tabasco, fui fixando minha atenção nas pessoas que aguardavam no aeroporto. Estaria ali o misterioso interlocutor?

A julgar pelo timbre de voz, meu amigo anônimo devia beirar os cinquenta anos. Talvez mais, considerando que se tratava de um piloto afastado do serviço ativo.

Segurei o livro com a mão esquerda, procurando deixar bem visível a capa, e lentamente encaminhei-me ao serviço de câmbio. Se o norte-americano estivesse ali, conseguiria me identificar.

Troquei alguns dólares e com a mesma calma dirigi-me para a porta de saída em busca de um táxi.

Ninguém fez qualquer movimento nem se dirigiu a mim em momento nenhum. Estava claro que o estrangeiro não havia ido ao aeroporto ou, pelo menos, não quisera dar sinal de vida.

Poucos minutos depois, às 11h15 daquela sexta-feira, 18 de abril de 1980, um empregado do Parque Museu de la Venta estendia-me o bilhete de entrada, juntamente com um simples, mas minucioso, mapa para localização das gigantescas esculturas olmecas.

O parque parecia tranquilo.

Consultei o mapa e comprovei que o Grande Altar – nosso ponto de encontro – estava encravado exatamente no centro daquele belo museu ao ar livre. O itinerário assinalava um total de 27 monumentos. Eu deveria chegar ao enclave número 5 e, se tudo caminhasse bem, lá iria conhecer, enfim, meu informante.

Sem perda de tempo tomei o estreito caminho e segui as pegadas que haviam sido pintadas em vermelho pelo pessoal do parque, como uma simpática ajuda aos visitantes.

Uns poucos metros adiante, à minha esquerda, descobri o monumento número 1. Era uma formidável cabeça de jaguar, semidestruída, pesando umas trinta

toneladas.

Proseguí a marcha e adentrei num pequeno e espesso bosque. E aí meu coração começou a acelerar. A uns oitenta passos, à direita do caminho, surgiram as esculturas de um macaco e de outro jaguar. Eram os monumentos 2 e 3. Diante do jaguar, o mapa marcava a figura de um manati, talhado em mármore serpentino. Era o número 4.

Avancei outros trinta metros e, ao deixar para trás uma das curvas do caminho, reconheci entre as folhagens o encrave número 4-bis: outro pequeno jaguar, talhado igualmente em mármore serpentino.

O seguinte era o Grande Altar Triunfal.

Aqueles últimos metros até a pequena esplanada onde se ergue o monumento número 5 foram singularmente tensos. Até então eu não havia cruzado com um só turista. Minhas únicas companhias eram meus pensamentos e a louca algaravia da infinidade de pássaros multicoloridos que revoloteavam entre as copas de densos huaiacãs, parotas e cedros vermelhos.

Ao penetrar na clareira parei, o coração aos saltos. O Grande Altar estava deserto. Ao pé dele, em um nicho central, uma figura masculina nua e musculosa tinha uma adaga na mão esquerda, e, com a direita, segurava uma corda, à qual estava amarrado um prisioneiro.

O furioso sol do meio-dia reconduziu-me à realidade.

“Onde está o maldito ianque?” – murmurei indignado.

Senti-me desconcertado diante da ideia de que tivesse sido vítima de uma gozação. Foi com esse estado de espírito que caminhei em direção ao Grande Altar, sentindo sob os pés o crepitar do cascalho branco.

“Talvez eu esteja adiantado” – pensei, numa débil tentativa de me tranquilizar.

Subitamente, alertado, suponho, pelo ruído de meus passos nos pedregulhos, um homem surgiu por detrás de uma grande pedra. Permanecemos ambos imóveis por alguns segundos, observando-nos. Jamais esquecerei aquele instante. Diante de mim estava um indivíduo alto – talvez chegasse a 1,80 metro –, de cabelos grisalhos, vestindo jaqueta e calça brancas.

Respirei aliviado; sem dúvida era ele meu interlocutor anônimo.

– Bom dia – exclamou, ao mesmo tempo que tirava os óculos de sol e esboçava um amplo sorriso. – É o senhor J. J. Benítez?

Assenti e apertei-lhe a mão. Costumo, aliás, dar grande importância a esse gesto e gosto das pessoas que o fazem com energia. Aquele aperto de mãos foi sólido, como o de amigos que se reencontravam depois de um longo tempo.

– Obrigado por ter vindo – disse ele. – Creio que não se arrependerá de ter me conhecido.

Nem nessa entrevista, nem nas que se seguiram nos meses posteriores, pude calcular a idade exata daquele norte-americano. A julgar por seu aspecto – ossudo, face sulcada de rugas –, talvez tivesse uns sessenta anos. Seus olhos claros, afiados como sabres, inspiravam-me confiança. Não sei por que razão, mas desde

aquele primeiro encontro ao pé do Grande Altar, no Museo de La Venta, estabeleceu-se entre nós uma corrente de confiança mútua.

– Conheço um restaurante onde podemos conversar. Está com fome?

Eu não tinha o menor apetite, mas aceitei. A curiosidade me consumia.

Depois de alguns minutos, sentamo-nos em um estabelecimento sombreado, quase no fim da rua do Paralelo 18. Nenhum de nós disse uma só palavra durante o trajeto. Suponho que meu novo amigo tenha feito o mesmo que eu: tratou de estudar o outro nos mínimos detalhes... Depois daquela saudação no museu das gigantescas cabeças negroides, crescia em mim a certeza de que estava diante de um furo jornalístico.

– Diga, senhor... – rompi o silêncio, incitando meu companheiro a começar a falar.

– Em primeiro lugar, quero recordar-lhe o que já disse pelo telefone. É possível que se sinta decepcionado depois desta primeira conversa.

– Por quê?

– Quero ser muito sincero com o senhor. Eu mal o conheço. Não sei até onde pode chegar a sua honestidade...

Deixei-o falar. Seu tom pausado e cordial tornava as coisas muito mais fáceis.

– Para depositar em suas mãos a informação que possuo, é necessário, primeiro, que demonstre ter confiança em mim. Por isso, e peço-lhe que não se assuste, necessito estar seguro de sua firmeza de espírito e, sobretudo, de seu interesse por Cristo.

O norte-americano levou à boca seu suco de laranja e continuou perfurando-me com seu olhar de falcão. Deve ter captado minha confusão. Que diabo minha firmeza de espírito tinha a ver com Cristo, ou melhor, com meu interesse por Jesus?

– Permita-me um par de perguntas, senhor...

– Se não se importa – retrucou com um sorriso fugaz –, chame-me de Major. Neste momento, e por razões de segurança, não posso dizer-lhe meu verdadeiro nome.

Aquilo me contrariou, mas aceitei. Que outra coisa eu poderia fazer se queria chegar ao fundo daquele enigmático assunto?

– Está bem, Major. Vamos por partes. Em primeiro lugar, o senhor disse ser um oficial reformado das forças aéreas norte-americanas. Estou errado?

– Não, não está.

– Bem. Segunda pergunta: que tem a ver meu interesse por Cristo com essa informação que o senhor diz possuir?

O garçom colocou sobre a toalha vermelha várias bandejas com postas de robalo, mole verde,² pastéis de queijo e um imenso filé à moda de Tampico.

O Major ficou em silêncio. Agora, estou certo de que aquela foi uma situação difícil para ele. Meu amigo deve ter se segurado para se conter.

– Quando o senhor conhecer a natureza dessa informação – acentuou – compreenderá minhas precauções. É preciso, antes que isso aconteça, que eu

esteja convencido de que o senhor, ou a pessoa escolhida, será capaz de valorizá-la e, acima de tudo, fazer bom uso dela.

– Não consigo entender por que me escolheu...

O Major suspendeu o olhar penetrante e, por sua vez, me perguntou:

– O senhor crê na casualidade?

– Sinceramente, não.

– Quando eu vi e ouvi o senhor na televisão, houve um frase sua que me impeliu a chamá-lo. O senhor teve a coragem de reconhecer publicamente que, a partir de suas investigações sobre as descobertas dos cientistas da NASA, havia “descoberto” Jesus de Nazaré. O senhor não parece envergonhar-se de Cristo...

Sorri.

– E porque iria fazê-lo, se realmente creio Nele?

– Isso foi o que o senhor transmitiu por intermédio do programa. E é isso, nem mais nem menos, o que eu busco.

Não pude conter-me e soltei à queima-roupa:

– Desculpe-me, mas o senhor é membro de alguma seita religiosa?

O Major pareceu desconcertado, mas acabou sorrindo e acrescentando um novo dado sobre sua pessoa.

– Vivo só e isolado. Sou crente, mas apesar disso tenho fugido de qualquer tipo de igreja ou grupo religioso. Pode acreditar. O senhor não está diante de um fanático...

Creio haver percebido gotas de tristeza ou melancolia em algumas dessas palavras. Hoje, ao recordá-las, e à medida que fui desvendando o enigma do Major norte-americano, não posso evitar um calafrio de emoção e de profundo respeito por aquele homem.

– Onde o senhor vive?

– No Yucatán.

– Posso saber por que vive só e retirado?

Mas antes que me respondesse, procurei encurralá-lo com uma segunda pergunta:

– Isso tem algo a ver com essa informação que o senhor diz conhecer?

– Posso responder a essa pergunta com um peremptório sim.

De novo o silêncio caiu entre nós.

– E que deseja que eu faça?

O Major sacou de um dos bolsos de sua túnica uma pequena e desbotada caderneta azul, escreveu algumas palavras e estendeu-me a folha de papel. Tratava-se de uma caixa postal da cidade de Chichén Itzá, no Estado de Yucatán.

– Desejo que nos mantenhamos em contato – respondeu apontando sua anotação. – Pode me escrever para esta caixa postal?

– Naturalmente, mas...

O homem pareceu adivinhar meus pensamentos e acrescentou com uma firmeza que não deixava dúvidas:

– É preciso que eu ponha à prova sua sinceridade. Peço-lhe que não se magoe. Só quero estar seguro. Ainda que agora o senhor não entenda, sei que meus dias estão contados. E tenho pressa para encontrar a pessoa que saberá divulgar essa informação...

Aquela confissão deixou-me perplexo.

– Está dizendo que sabe que vai morrer?

O Major baixou os olhos. Amaldiçoei minha falta de tato.

– Perdoe-me...

– Não se desculpe – interrompeu-me, voltando ao tom jovial. – Morrer não é bom nem mau. Se eu dei a entender isso foi para que soubesse que esse momento está próximo e que, conseqüentemente, o senhor não está diante de um louco nem de um farsante.

– Como saberei se decidiu ou não que eu sou a pessoa adequada?

– Espero tornar a vê-lo em breve, não se preocupe. Simplesmente o saberá.

– Não posso mais ocultar-lhe. O senhor sabe que eu pesquiso o fenômeno OVNI...

– Sei.

– Pode ao menos esclarecer-me se essa informação tem algo a ver com aeronaves?

– A única coisa que posso lhe dizer é não.

Aquilo me desconcertou.

Duas horas mais tarde, com o espírito turbado pelas dúvidas, eu decolava de Villahermosa de volta à Cidade do México. Mal podia imaginar naquele momento o que me preparava o destino.

2 Mole verde – No México, guisado de carne com pimentão vermelho. (N. T.)

Ao regressar à Espanha e durante vários meses, o Major e eu trocamos cartas. Àquela altura minhas atividades na investigação de OVNI's haviam alcançado um volume e uma penetração suficientemente notórios para chamar a atenção dos diversos Serviços de Inteligência que atuam em meu país. Eu estava certo – e ainda agora estou – de que meu telefone estava “grampeado” e de que, em muitas ocasiões, dada a natureza de algumas dessas investigações, os sutis agentes desses departamentos (civis e militares) de informação haviam seguido muito de perto meus deslocamentos e encontros. O que esses cães de caça nunca sonharam – ao menos assim espero – é que eu, na suposição de que minha correspondência pudesse ser interceptada, havia alugado uma caixa postal, servindo-me para isso da cumplicidade de um bom amigo, cujo nome figurava como o legítimo usuário da caixa. Essa cautela permitiu-me desviar do “canal oficial” as cartas, os documentos e as informações em geral que eu desejava isolar da curiosidade doentia de tais agentes secretos. Naturalmente, pela antiga profissão e pela nacionalidade do Major, e por aquilo que poderia ocorrer com ele, fiz que suas cartas seguissem sempre essa via confidencial. Nem mesmo Raquel, minha mulher, ficou sabendo da existência desse novo amigo e de meus constantes contatos com ele.

Por outro lado, ainda que as cartas do Major caíssem em mãos do Serviço de Inteligência, duvido muito que o conteúdo delas pudesse despertar atenção. Por mais que eu o tivesse pressionado, jamais consegui que o Major deixasse escapar uma única pista acerca da informação que dizia possuir. Em suas cartas, sempre gentis, aquilo de que ele mais cuidava era de inteirar-se o mais completamente possível da minha forma de pensar, de minhas inquietações e, especialmente, de meus passos e investigações em torno da paixão e morte de Cristo. Lembro-me de que uma de suas cartas foi dedicada inteiramente a interrogar-me sobre a última parte de meu livro *O enviado*. Parece que minha suposta entrevista com Jesus de Nazaré, que fecha essa obra, havia-lhe causado especial impacto.

E chegou o outono de 1980. A bem da verdade, minhas esperanças de conseguir algum indício sobre o impenetrável segredo do Major haviam esfriado. Houve momentos difíceis, nos quais minhas dúvidas me assaltaram mais intensamente. Creio até que meu já escasso entusiasmo teria sido apagado totalmente não fosse aquela lacônica carta – quase telegráfica – em que meu amigo pedia-me que “deixasse tudo e voasse para a cidade de Mérida, no Estado de Yucatán”. Durante alguns dias – não posso negar – debati-me em angustiosa sensação de dúvida. Que deveria fazer? Será que o Major decidira afinal me falar claramente? Estive tentado escrever-lhe uma vez mais, para pedir-lhe explicações, mas algo me conteve. Intuí que aquela podia ser outra prova, talvez a definitiva.

Afinal, tomei a decisão de voar para a América e iniciei um sem-número de gestões para conseguir subvencionar a custosa viagem, no todo ou em parte. Ao contrário do que muitos possam pensar, minhas economias são sempre escassas, e aquele imprevisto salto para o outro lado do Atlântico acabaria por desequilibrá-las. Por sorte, meu amigo e editor José Manuel Lara aceitou a ideia de apresentar meus últimos livros na América, e com essa desculpa aterrissei em Bogotá.

Aquele desvio retardou em alguns dias meu encontro com o Major, mas foi um ato de prudência indispensável. Eu não estava disposto a conceder a menor folga ao Serviço de Inteligência. Comuniquei essa minha disposição a meu amigo em uma carta que me precedeu e na qual, naturalmente, indicava-lhe o dia e o voo em que esperava aterrisar em Mérida.

Concluídas minhas obrigações na Colômbia, arquitetei um meio para cancelar meus compromissos em Caracas e voei, rigorosamente incógnito, via Belmopan, para Yucatán.

Ao passar pela alfândega, e antes que tivesse tempo de procurar meu amigo, tomei um susto ao me deparar com uma placa em que estava escrito meu primeiro sobrenome. A escandalosa placa estava sendo carregada por um homem rijo, de espesso bigode negro e pele bronzeada. Ao apresentar-se a mim, identificou-se como Laurêncio Rodarte, a serviço do Major.

– Ele não pôde vir recebê-lo – desculpou-se, enquanto se esforçava para ajudar-me a carregar minha maleta. – Se não se importa, eu o levarei até ele.

Meu instinto me pôs em guarda e, antes de deixar o aeroporto, procurei averiguar que papel desempenhava aquele indivíduo e por que razão o Major não havia ido ao meu encontro.

Laurêncio deve ter captado meus receios, pois, largando a maleta, resumiu:

– O Major está doente.

– E onde está?

– Sinto, mas não estou autorizado a dizê-lo. Ele mandou-me que o viesse receber e...

– Olhe, Laurêncio, nada tenho contra você. E mais: agradeço-lhe que tenha vindo esperar-me, mas se você me disser onde está o Major, irei até ele com meus próprios meios.

O homem ficou em dúvida.

– É que minhas ordens...

– Não se preocupe. Diga onde o Major me espera e eu irei ao encontro dele.

Tão firme era o tom de minha voz que Laurêncio acabou por encolher os ombros, perguntando com má vontade:

– Conhece Chichén Itzá?

– Sim.

– O Major ordenou-me que o levasse até o poço sagrado.

Laurêncio apontou meu relógio e disse que eu deveria estar lá às quatro. Depois deu meia-volta e encaminhou-se para a porta de saída. Conferi a hora local

e verifiquei que tinha apenas duas horas para chegar até o poço sagrado dos maias. Eu já havia visitado o sítio arqueológico da recôndita povoação de Chichén Itzá, a leste de Mérida, em plena selva da província de Yucatán. Conhecia também os dois famosos poços – o sagrado e o profano – situados a curta distância da cidade. Segundo os arqueólogos, eles haviam sido utilizados pelos antigos maias como depósitos naturais de água; e o poço sagrado, especificamente, como centro religioso onde se praticavam sacrifícios humanos.

Ao ver afastar-se o Toyota preto que conduzia Laurêncio, concedi-me uma pausa e procurei pôr em ordem minhas ideias. Não demorou muito para que eu me censurasse pela seca e radical atitude que havia tido com o emissário do Major. Especialmente na hora de regatear com os taxistas que montavam guarda no aeroporto.

Depois de muita conversa, um dos motoristas concordou em levar-me por 850 pesos. E por volta das duas da tarde – e eu sem comer nada e com a roupa empapada de suor –, o táxi tomou a estrada 180 em direção a Chichén.

Tal como havia prometido, o motorista cobriu os 120 quilômetros que separam Mérida de Chichén Itzá em pouco mais de hora e meia. Após uma rapidíssima ducha no hotel da Vila Arqueológica, dirigi-me ao local escolhido pelo Major. Às quatro em ponto, a passos largos e com o coração na boca, deixei para trás a impressionante pirâmide de Kukulcán e a plataforma de Vênus, e penetrei na chamada Via Sagrada, que morre precisamente em um poço ou redemoinho de água de quase sessenta metros de diâmetro por quarenta de profundidade.

Antes de alcançar o poço sagrado, avistei duas pessoas sentadas ao pé de uma frondosa acácia de florzinhas rosadas. Ao me ver, uma delas ergue-se. Era Laurêncio. Reduzi o passo e, à medida que me aproximava, senti uma incontida onda de vergonha. Mais uma vez eu havia me equivocado.

Mas aquele sentimento logo se desvaneceu quando vi a segunda pessoa. Fiquei atônito. Era o Major, mas vinte anos mais velho do que aparentava quando o conhecera em Villahermosa. Permaneceu sentado sobre a plataforma de pedra do velho altar de sacrifícios, a observar-me com uma mescla de incredulidade e emoção. Lentamente, em silêncio, deixei cair o estojo das câmeras, ao mesmo tempo que Laurêncio o ajudava a se erguer. O Major estendeu-me então seus braços largos e, sem que eu soubesse por que, deixando-me arrastar pelo coração, abraçamo-nos.

– Querido amigo! – sussurrou o agora velho homem. – Querido amigo!...

Seus olhos penetrantes, agora afundados num rosto cadavérico, estavam umedecidos. Algo muito grave, de fato, havia minado sua antiga e garbosa figura. Seu corpo estava encurvado e reduzido a um molho de ossos sob a pele ressequida e salpicada de pintas escuras. Uma barba branca e malcuidada marcava ainda mais sua decadência.

Tentei esboçar uma desculpa enquanto apertava a mão de Laurêncio, mas ele, sem perder o sorriso, pediu-me que esquecesse o incidente do aeroporto.

Apoiado em meu ombro, o Major sugeriu que caminhássemos um pouco até o prado que circunda a pirâmide de Kukulcán.

Com passos vacilantes e muitas paradas no caminho, fomos nos aproximando do castelo ou pirâmide da Serpente Emplumada. Assim, naquela primeira jornada em Chichén Itzá, fiquei sabendo dos lábios do próprio Major que seu fim estava próximo e que, contrariamente ao que se poderia imaginar, sua morte marcaria precisamente o começo de meu trabalho.

Também soube que, tal como havia me insinuado em outras ocasiões, sua enfermidade era consequência de uma falha não prevista em um projeto secreto levado a cabo anos antes, quando ele ainda pertencia às forças aéreas norte-americanas. Quando o interroguei sobre o tal projeto, na suposição de que podia ter estreita relação com a informação que me prometera dar, o Major pediu-me que continuasse sendo paciente e esperasse um pouco mais.

Durante dois dias minha vida transcorreu praticamente sem novidades na pequena casa de um único pavimento nos arredores de Chichén, muito próxima às grutas de Balankachén, na estrada que leva à Valladolid maia. Ali, Laurêncio e sua mulher vinham cuidando de meu amigo fazia seis anos.

Não preciso dizer que aproveitei a magnífica oportunidade para, na medida do possível, mergulhar no passado e na identidade do Major. Mas minhas pesquisas com as diversas autoridades policiais e com a população de Chichén não foram tão positivas quando eu desejava. Por delicadeza com meu amigo, a quem já havia começado a estimar, e pelo receio de continuar sem a prometida informação, optei por suspender as tímidas e dissimuladas sondagens. Cada vez que me lançava a essa operação de rastreamento, um sentimento de autorrepugnância acabava por inibir-me. Era como se eu o estivesse traindo.

Decidi que abandonaria tais manobras de uma vez por todas, se o caso terminasse com a suposta informação secreta em meu poder. Não obstante, e graças a essas primeiras averiguações, confirmei a veracidade de alguns dos dados que o Major me havia fornecido sobre sua pessoa: ele era, efetivamente, de nacionalidade norte-americana, seu passaporte estava em ordem e ele havia pertencido à USAF.

Ainda que talvez ele nunca tenha sabido, antes de regressar à Espanha eu já conhecia sua verdadeira identidade, assim como outros pequenos detalhes sobre sua límpida e aprazível vida em Yucatán. Tudo isso, como é natural, me tranquilizava, mas fazia crescer minha curiosidade e meu interesse pela tal informação de que tanto me falara o Major.

Antes de partir, ao anunciar ao ex-oficial a intenção de regressar a minha terra, expus-lhe com toda a clareza minha aflição por seu estado de saúde e pela não menos inquietante circunstância, ao menos para mim, de não haver obtido a mínima pista sobre o segredo que ele dizia guardar tão zelosamente.

O Major pediu a Laurêncio que lhe passasse um envelope branco que descansava sobre uma prateleira do armário da pequena sala onde

conversávamos. De modo grave, colocou o envelope em minhas mãos e disse:

– Aqui tem a primeira entrega. O resto chegará a seu poder quando eu morrer...

Examinei o envelope com certo nervosismo.

– Está fechado – observei. – Posso abri-lo?

– Eu pediria que o fizesse longe daqui. Talvez no avião.

Enquanto eu guardava o envelope entre as folhas do passaporte, meu amigo adotou um tom mais descontraído:

– Obrigado. É preciso que compreenda que sua busca começa agora.

– Minha busca?... mas de quê?

O Major não me respondeu.

– Peço-lhe apenas que continue acreditando em mim e que empenhe todo o seu coração em decifrar o código que o conduzirá a meu legado.

– Continuo sem compreender...

– Não importa. Agora, antes que parta, o senhor tem de me prometer algo.

O Major ficou em pé e eu fiz o mesmo. Em um extremo da sala, Laurêncio assistia à cena com seu proverbial mutismo.

– Prometa-me – pediu-me o velho enquanto levantava a mão direita – que, haja o que houver, jamais revelará minha identidade...

Apesar de minha crescente confusão, ergui também minha mão direita e prometi isso a ele com toda a solenidade de que fui capaz.

– Obrigado mais uma vez – murmurou o Major enquanto se deixava cair lentamente sobre a cadeira. – Que Deus o abençoe...

Espanha

Aquela foi a segunda e última vez que vi o Major com vida. Ao iniciar o voo de regresso à Espanha, e enquanto o avião sobrevoava as crateras do Popocatepetl, peguei o misterioso envelope que o Major me dera, apalpei-o lentamente e, com surpresa, percebi algo duro em seu interior. A curiosidade, que havia sido dificilmente contida durante aqueles dias, extravasou. Comecei a abri-lo com todo o cuidado.

Ao examinar o interior, minha decepção quase chegou a provocar-me uma parada cardíaca. Estava vazio! Ou melhor, quase vazio. Cuidadosamente colada a uma parede do envelope, por meio de uma tira transparente de fita adesiva, havia uma chave.

Arranquei-a sem poder conter meu desencanto e comecei a passá-la de uma mão para outra, sem saber o que pensar.

Procurei tranquilizar-me, enganando-me a mim mesmo com os mais variados argumentos. Mas a verdade nua e crua continuava ali, diante de mim, na forma de uma chave. Para cúmulo da decepção, aquela peça de escassos quatro centímetros de comprimento não continha um único signo ou inscrição que permitisse algum tipo de identificação. Havia sido usada, isso estava claro. Mas onde?

Durante horas debati-me entre mil conjecturas, juntando o pouco que o Major me havia adiantado às minhas próprias especulações e fantasias. O resultado foi uma séria dor de cabeça.

“Aqui tem a primeira entrega...”

Que mistério encerrava aquela frase? E, sobretudo, em que poderia consistir “o resto”?

“... O resto chegará a seu poder quando eu morrer.”

A única coisa clara, medianamente clara, em toda aquela confusão, era que a informação em questão (ou o que quer que fosse) devia guardar alguma relação com aquela chave. Mas qual?

Era absolutamente necessário esperar, a não ser que eu quisesse enlouquecer. E isso foi o que fiz: aguardei pacientemente.

Durante a primavera e o verão de 1981, as cartas do Major foram-se distanciando cada vez mais no tempo. Finalmente, no mês de julho, um fato deixou-me alarmado: o fiel Laurêncio fora encarregado de responder às minhas cartas.

... O Major – dizia-me em uma das últimas cartas – entrou em profundo estado de prostração. De fato, mal pode falar...

Aquelas palavras faziam prever um rápido e fatal desenlace. Mentalmente,

preparei-me até para uma nova e derradeira viagem a Yucatán. Acima de meu inegável e reiterado interesse – digamos, jornalístico –, havia prevalecido, graças a Deus, um arraigado afeto por aquele velho prematuro. Bem sabe Deus que eu desejaria estar junto dele no momento de sua morte. O destino, porém, reservava-me outro papel nessa desconcertante história.

Foi causalidade? Sinceramente, não sei o que pensar...

O caso é que naquele 7 de setembro de 1981, data de meu aniversário, chegou-me uma carta procedente de Chichén Itzá. Em frases lacônicas, Laurêncio anunciava:

... Tenho o doloroso dever de comunicar-lhe que nosso irmão comum, o Major, faleceu no último dia 28 de agosto. Seguindo suas instruções, junto segue um envelope que só o senhor deverá abrir...

Ainda que a notícia não me houvesse apanhado de surpresa, devo confessar que o desaparecimento de meu amigo atirou-me durante vários dias em uma singular melancolia, comparável talvez com a tristeza que haveria de me causar, um ano depois, a morte de outro íntimo mestre e amigo: Manoel Osuna.

Naquela mesma tarde de 7 de setembro, desanimado, conduzi meu automóvel às escarpas de Punta Gálea e ali, diante do azul e manso Cantábrico, orei pelo Major.

E foi ali mesmo, naquela solidão, que rompi o lacre que protegia o envelope e dele retirei o conteúdo.

Curiosamente, e ao contrário do que eu mesmo imaginara semanas antes, minha alvoroçada curiosidade e desenfreado interesse por desvendar o mistério do Major haviam passado para um segundo plano. Durante mais de duas horas, a ansiada segunda entrega permaneceu quase esquecida no assento lateral do meu carro.

Eu havia verdadeiramente estimado aquele velho.

Mas no fim, é claro, a curiosidade se impôs. O envelope continha duas grandes folhas, de um papel encorpado e quadriculado. Reconheci prontamente a letra pontiaguda do Major.

Uma das folhas era uma carta, escrita de ambos os lados. Estava datada de agosto de 1980! Isso significava, deduzi, que o Major já havia tomado a decisão de me confiar seu segredo pouco depois de nosso primeiro encontro, ocorrido em 18 de abril de 1980.

A carta, que estava firmada com nome e sobrenome, era na realidade uma última recomendação para que eu procurasse me manter no caminho da honradez e do amor por meus semelhantes. No último parágrafo, e quase de passagem, o Major referia-se à famosa segunda entrega, explicando que, para chegar à informação que eu tanto desejava, deveria primeiro decifrar o código que anexava em folha à parte.

Por fim, em palavras toscamente sublinhadas, mas bem destacadas, pedia-me

que fizesse bom uso da informação.

... Meu desejo é que com ela possa levar um pouco de paz a todos aqueles que, como tu e eu, estejam empenhados na busca da verdade.

O segundo papel, igualmente manuscrito pelo Major, continha um total de cinco frases, em inglês, à primeira vista absurdas e incongruentes. Eis a tradução:

"A sentinela que vela diante do túmulo vai lhe revelar o ritual de Arlington."

"Chave e ritual conduzem a Benjamin."

"Abra seus olhos diante de John Fitzgerald Kennedy."

"O irmão dorme em 44-W. A sombra da nespereira cobre-o ao entardecer."

"Passado e futuro são o meu legado."

O Major, uma vez mais, parecia divertir-se com aquele jogo. Ou não se tratava de um jogo? Perguntei-me mil vezes a razão de tantos rodeios e precauções. Se meu amigo estava morto, o lógico seria que me houvesse facilitado a informação, sem necessidade de novas complicações.

Mas as coisas eram como eram, e a alternativa que me restava era desembaraçar aquela meada, cada vez mais enredada.

Como o leitor deduzirá, passei horas com os cinco sentidos presos àquelas frases. Estive tentado a recorrer a amigos em busca de auxílio. Contive-me, porém, pois seria forçado a confiar-lhes os antecedentes de tão longa e incrível história. Ademais, com o passar do tempo, longe de desanimar, passei a encarar o assunto como um desafio pessoal. E os que me conhecem um pouco sabem que essa é uma das minhas fraquezas.

Para começar, só o que estava claro era que a chave que o Major me dera guardava uma indubitável e estreita relação com a segunda frase. Essa chave deveria "conduzir-me" ou levar-me a Benjamin. Mas quem, ou o quê, era "Benjamin"?

Várias vezes, no decurso de quase três semanas, esmiucei frase por frase, palavra por palavra, e efetuei os mais disparatados embaralhamentos nas frases, buscando um sentido mais lógico. Foi tudo inútil.

De tanto mergulhar no código, acabei por decorá-lo. Vivi aquele mês de setembro, e parte do seguinte, para a mensagem cifrada. Passava os dias perambulando sem rumo, o olhar perdido, alheio praticamente a tudo o que me rodeava. Foram meus filhos e especialmente Raquel que padeceram com mais cruza de minhas aparentemente absurdas e inexplicáveis mudanças de comportamento, minhas contínuas depressões e até uma injusta irascibilidade. Espero que agora, ao lerem estas linhas, possam compreender-me e perdoar-me.

Cheguei até a consultar peritos serralheiros, que examinaram a misteriosa chave por todos os ângulos possíveis. O resultado era sempre o mesmo: liga comum, dentes rotineiros... tudo convencional.

Mas aquela situação, que começava a beirar os indesejáveis limites da obsessão, não podia continuar. E, um belo dia, fiz um balanço. Que tinha eu

realmente em mãos? A que conclusões havia chegado?

Infelizmente, elas reduziam-se a um par de pistas:

1ª – Arlington é um cemitério norte-americano. Eu não sabia que se tratava do famoso campo-santo dos heróis de guerra dos Estados Unidos.

Documentei-me com tudo o que pude e comprovei que, de fato, naquele local existe um mausoléu que guarda os restos de um soldado desconhecido. Logicamente, deduzi que esse túmulo estaria protegido e vigiado por alguma guarda de honra.

O Major estaria se referindo a essa sentinela?

2ª – Também no Cemitério Nacional de Arlington está sepultado o presidente Kennedy. Mas por que eu deveria “abrir meus olhos diante de John Fitzgerald Kennedy”?

Esses eram os únicos pontos em comum que eu havia sido capaz de articular.

A sentinela que vela diante do túmulo vai lhe revelar o ritual de Arlington. Essa primeira frase me havia transtornado. Não era necessário ser muito sagaz para deduzir que uma das peças-chave tinha de estar na palavra “ritual”. Uma prova disso é que o Major havia tido o cuidado de repeti-la na segunda frase.

Qual era esse ritual? Por que a sentinela é quem o revelaria? Será que eu teria de interrogá-la? Mas, se fosse assim, a quem eu poderia pedir auxílio?

Não havia alternativa: o primeiro passo teria de ser decifrar o maldito ritual. Só assim eu poderia saber – isso eu pensava na ocasião – quem, ou o quê, era “Benjamin”.

Quanto às duas últimas frases do código, sinceramente preferi deixá-las de lado temporariamente.

Faltou pouco para que eu chamasse meu amigo Chenchó Arias, àquela altura diretor do Escritório de Informação Diplomática do Ministério de Assuntos Exteriores espanhol. Com toda a certeza, graças a seus contatos em Washington, ele me teria poupado parte do caminho. Mas pensei duas vezes e abandonei a ideia. Depois de tudo, ainda tinham restado quatro frases mais para esclarecer...

Não havia outra solução: eu tinha de voltar aos Estados Unidos e enfrentar o problema no corpo a corpo.

Washington

Às 11h50 de um domingo, 11 de outubro, o voo 903 da TWA decolava do aeroporto de Barajas e alcançava seu nível de cruzeiro – 33 mil pés – em pouco mais de dezesseis minutos.

Nossa próxima escala – Nova York – ficava a milhares de milhas. Havia tempo de sobra para planejar a estratégia a seguir em Washington, assim como para saborear uma cerveja gelada e trocar impressões com os amigos e colegas que ocupavam boa parte do avião.

Era curioso. Simplesmente incrível...

Por aqueles dias, enquanto eu espremia o cérebro para desvendar o enigmático código do Major, outro acontecimento veio enredar ainda mais as coisas. Em um esplêndido artigo no ABC, o escritor Torquato Luca de Tena oferecia aos espanhóis as primeiras informações sobre os fantásticos descobrimentos nos olhos da Virgem de Guadalupe, na Cidade do México. Foi como um tiro. Aquela nova “isca” a 10 mil quilômetros precipitou minha decisão de viajar de novo ao continente americano.

Aquilo justificava duplamente minha viagem. Não obstante, pela enésima vez tive de enfrentar o sempre prosaico, mas inevitável capítulo do dinheiro. Meu plano estava claro: primeiro Washington, depois México. Desta vez, no entanto, a sorte sorriu-me rapidamente. Ou não foi a sorte? O fato é que, por meio de uma providencial chamada telefônica de Madri, fiquei sabendo da iminente viagem de Suas Majestades os reis da Espanha aos Estados Unidos. Eu havia acompanhado o rei Juan Carlos e a rainha Sofia em outras visitas de Estado e sabia que aquela era uma oportunidade que eu não podia deixar escapar. Entre outras importantes razões, porque esse tipo de viagem é sempre acessível às modestas condições financeiras dos profissionais da imprensa.

E assim foi como, naquele 11 de outubro de 1981, em companhia de umas três dezenas de jornalistas espanhóis, um segundo aparelho da TWA – o voo 407 – deixou-me no aeroporto nacional da capital federal dos Estados Unidos. Eram 17h58 (hora local de Washington).

Apesar de minha crescente inquietação e de meu nervosismo, a ansiada visita ao Cemitério Nacional de Arlington teve de ser retardada até o dia seguinte, segunda-feira, pois no mês de outubro o campo-santo fechava às cinco da tarde. Usando o cansaço da viagem como pretexto, não aceitei o convite de meus amigos íntimos Jaime Peñafiel, Giani Ferrari e Alberto Schommer para visitar a cidade, preferindo trancar-me no apartamento 549 do Hotel Marriot, sede e quartel-general da imprensa espanhola. Eles, é claro, estavam inteiramente alheios aos verdadeiros objetivos da minha viagem.

Até altas horas da madrugada, permaneci mergulhado no possível “plano de

ataque". Um plano, diga-se de passagem, que terminaria, como sempre, por sofrer sensíveis transformações. Mas vamos por partes.

Às nove da manhã do dia seguinte, 12 de outubro, com minhas câmeras a tiracolo e um inocente ar de turista perdido, aproximei-me dos escritórios do Temporary Visitors Center, na porta do Cemitério Nacional de Arlington. Ali, uma amável funcionária – mapa na mão – indicou-me o caminho mais curto para localizar o Túmulo do Soldado Desconhecido. Uma brisa fresca e leve, procedente do rio Potomac, havia começado a agitar os ramos dos álamos e abetos que se alinham de ambos os lados do drive ou passeio de McClellan. Poucos minutos depois, trêmulo de emoção, divisei as praças de Wheaton e Otis, e, imediatamente atrás, o túmulo a que, sem dúvida, fazia referência a mensagem do meu amigo Major.

Ainda que o cemitério tivesse aberto seus portões fazia apenas uma hora, um numeroso grupo de turistas já se dividia ao longo da corrente que isolava a pequena esplanada de grandes lousas cinzentas, onde se localiza o vasto mausoléu de mármore branco com os restos de um soldado desconhecido tombado nos campos de batalha da Europa – além de outras duas sepulturas, à direita e à esquerda da anterior, nas quais foram enterrados outros dois soldados desconhecidos, um morto na Segunda Guerra Mundial e o outro na da Coreia.

Ali estava a sentinela, a única, segundo me informaram no Centro de Visitantes, que monta guarda permanente em Arlington.

"A sentinela que vela diante do túmulo vai lhe revelar o ritual..."

Meus primeiros instantes diante do túmulo causaram-me indescritível mescla de aturdimiento, confusão e absurda pressa de assimilar tudo o que me rodeava. E, no meio daquele caos mental, a primeira frase do Major: "A sentinela que vela...".

Após duas horas de observação, um pouco mais tranquilo, peguei meu caderno e iniciei uma frenética anotação de tudo o que havia sido capaz de captar.

A sentinela – ponto central de minhas indagações – era rendida a cada hora. Isso significava sessenta minutos. A verdade é que, à medida que ia escrevendo, muitas daquelas observações me pareceram ridículas. Mas eu não estava em condições de desprezar o mínimo detalhe.

Também fiz uma minuciosa descrição de sua indumentária: túnica azul-marinho, quase preta, calças igualmente azuis (em tom mais claro), com uma lista amarela nos flancos, oito botões prateados, luvas brancas e quepe negro, em forma de prato. Ao ombro, um mosquetão com a baioneta calada...

Observe – continuei anotando – que a sentinela, ao chegar ao extremo de seu curto e marcial desfile diante dos túmulos, muda sempre a arma de ombro. Curiosamente, o fuzil nunca parece estar de frente para o mausoléu.

Mas que tinha a ver tudo aquilo com o festivo ritual?

O curto trajeto do soldado diante dos sepulcros transcorria monótona e silenciosamente. Estava evidente que a sentinela não podia falar. Como é fácil

compreender, não tive ilusões acerca da remota possibilidade de interrogá-la sobre o “ritual de Arlington”. Naquela primeira frase de seu obscuro código, o Major tampouco afirmava que o soldado poderia transmitir-me, de viva voz, o mencionado ritual. A expressão “lhe revelará” podia ser interpretada de várias formas, ainda que, praticamente desde o princípio, eu houvesse descartado um hipotético diálogo com o membro da Velha Guarda. O segredo tinha de estar em outra parte. Seguramente, e considerando que um ritual é uma cerimônia, eu teria de me concentrar por completo em tudo quanto compunha o rito.

Um tanto aborrecido, e para não despertar suspeitas com minha prolongada presença na praça leste do anfiteatro, procurei dividir a manhã e a parte da tarde entre o sempre concorrido túmulo do Soldado Desconhecido e a lápide do malogrado presidente Kennedy, localizada a pouco mais de trezentos metros, na face oriental da colina que é arrematada precisamente pelos três túmulos dos norte-americanos desconhecidos.

Abra seus olhos diante de John Fitzgerald Kennedy, dizia a terceira frase da mensagem...

No entanto, por mais que os abrisse, minha mente continuava em branco. Cheguei até a somar os números das datas de seu nascimento e sua morte (1917-1963), sem resultado. Por pura inércia, joguei com a idade do Presidente, montando infinitas combinações, tão absurdas quanto estéreis. Creio que, de positivo, em todas aquelas horas passadas diante da sepultura de Kennedy e das dos que morreram antes dele, só mesmo o Pai-Nosso que pude desfiar em silêncio, como modesto reconhecimento a seu trabalho.

Às três da tarde, faminto e meio derrotado, deixei-me cair sobre os belos degraus brancos do minúsculo anfiteatro que se ergue diante das três sepulturas. Em meu caderno, recheado de números, comentários mais ou menos acertados e até de desenhos da meia dezena de sentinelas que havia visto desfilar até aquele momento, agora havia espaço apenas para a desilusão.

“Creio que vou desistir – escrevi. – Não sou suficientemente inteligente...”

A sentinela número seis, numa daquelas monótonas pausas, passou seu mosquetão para o outro ombro e retomou o passo. De forma abobalhada, atraído provavelmente pelo brilho de suas botas, comecei a contar cada um de seus passos, ao mesmo tempo que os acompanhava de um impropério, prêmio à minha comprovada inépcia:

“Três (idiota)... quatro (imbecil)... sete (néscio)... vinte (mentecapto)... vinte e um (otário)...”

O soldado deteve-se. Nova pausa. Girou o corpo. Trocou o fuzil. Nova pausa. E prosseguiu o desfile.

“... Dois (bêbado)... quatro (burro)... doze (calamitoso)... vinte (paranoico)... vinte e um...”

“Vinte e um?” O último insulto foi substituído por um calafrio. Terei contado direito?

A sentinela havia dado 21 passos. Meu desalento desapareceu. Fiquei em pé e tornei a contar:

“... Dezenove, vinte, vinte e um!”

Eu não me enganara... Aquela nova pista ressuscitou-me o entusiasmo. Como eu não me havia dado conta disso antes?

Avancei para a corrente de segurança e, com o relógio na mão, cronometrei o tempo que o soldado consumia em cada deslocamento.

“Vinte e um segundos! Vinte e um passos em vinte e um segundos?”

Fiz novas provas e todas – absolutamente todas – davam o mesmo resultado. Que significava aquilo? Seria apenas casualidade?

Ferido em meu amor-próprio, propus-me a contabilizar os movimentos da sentinela, desde o mais insignificante deles. E foi então, ao contar o tempo consumido pelo soldado em cada uma de suas paradas, que meu coração começou a acelerar: vinte e um segundos!

“Não pode ser” – disse a mim mesmo, trêmulo de emoção. “Certamente estou errado...”

Mas não. Como um robô, a sentinela caminhava 21 passos, empregando neles 21 segundos. Detinha-se exatamente por 21 segundos, girando o corpo e mudando a posição da arma. A nova pausa, antes de prosseguir a marcha, durava outros 21 segundos, e assim sucessivamente.

Anotei “minha” descoberta e reli o código do Major com especial fruição.

A sentinela que vela diante do túmulo vai lhe revelar o ritual de Arlington. “Não pode ser casualidade” – repetia para mim mesmo obsessivamente. “Mas por que vinte e um? Que significa esse número?”

Para assegurar-me, esperei as últimas rendições da guarda e repeti os cálculos. Os soldados números oito e nove comportaram-se exatamente do mesmo modo.

Abstraído com aquela cifra, cheguei quase a ficar preso no cemitério. E foi com estranha alegria que voltei a refugiar-me no hotel, para mergulhar de novo em infinitas reflexões.

Na manhã seguinte, depois de uma noite praticamente em claro, juntei-me à comitiva de jornalistas. Ainda que minha mente continuasse fixada no túmulo do Soldado Desconhecido e no misterioso número 21, optei por aproveitar aquela oportunidade única de visitar o interior da Casa Branca e ver de perto o presidente Reagan e o general e secretário de Estado Haig – e, certamente, os monarcas de meu país.

Depois de suportar um sem-número de controles e registros, coloquei-me com meus colegas no cuidadíssimo gramado que se estende diante da famosa Casa Branca.

Às dez em ponto, coincidindo com a chegada do rei Juan Carlos e da rainha Sofia, as baterias localizadas a uma centena de metros atroaram o espaço com a salva regulamentar.

Alguém atrás de mim ia contando os tiros de canhão e fez uma observação que

nunca poderei agradecer suficientemente:

– Vinte, vinte e um!

Voltei-me para ele como que impulsionado por uma mola:

– Vinte e um o quê?

O jornalista olhou-me fixamente, como se tivesse diante de si um estúpido, um ignorante:

– É a saudação ritual... vinte e um tiros...

Ao regressar ao Marriot, tomei o telefone disposto a solucionar minhas dúvidas de um só golpe.

Disquei 6931174 e perguntei pelo senhor Wilton, encarregado de Relações Públicas e Imprensa do Cemitério Nacional de Arlington.

O bom homem deve ter ficado atônico ao ouvir meu problema.

– Sou jornalista espanhol e desejava perguntar-lhe se o número 21 tem relação com algum ritual.

– O senhor se refere ao túmulo do Soldado Desconhecido?

– Sim.

– De fato – confirmou o senhor Wilton –, o ritual de Arlington assenta-se precisamente nesse número. Como o senhor sabe, a saudação aos mais altos dignitários se baseia no número 21.

– Desculpe-me por minha insistência, mas o senhor está seguro disso?

– Naturalmente.

Ao desligar o telefone, me deu vontade de saltar e gritar. Abri meu caderno de anotações e repassei o código do Major.

Se o ritual do Arlington é o número 21, a segunda frase – chave e ritual conduzem a Benjamin – começava a adquirir certo sentido. Estava claro que minha chave e o número 21 tinham estreita relação; e que, se eu fosse capaz de descobrir quem ou o quê era “Benjamin”, parte do mistério estaria esclarecido. Mas, por onde começar?

Pela lógica, aquela pequena chave deveria abrir algo. Uma casa, talvez? Suas pequenas dimensões não pareciam se encaixar, todavia, nas fechaduras que habitualmente se utilizam nas casas norte-americanas.

Abandonei momentaneamente essa possibilidade e fixei-me em outras ideias mais razoáveis.

Poderia o Major ter guardado sua informação em algum banco ou numa caixa postal? Ou talvez em algum armário de depósito da estação ferroviária? Só havia um meio para decifrar “Benjamin”: armar-me de paciência e repassar – uma por uma – as listas telefônicas, de correios e de estações ferroviárias de Washington.

Se essa primeira exploração falhasse, haveria tempo para me aprofundar em outras direções.

Mas essa laboriosa procura ficaria subitamente suspensa por uma chamada telefônica. Apesar de minha intensa dedicação ao assunto do Major norte-americano, eu não me havia esquecido da fascinante descoberta dos cientistas da

NASA nos olhos da Virgem de Guadalupe. Ao pisar nos Estados Unidos, uma de minhas primeiras preocupações foi telefonar para o México e averiguar se o doutor Aste Tonsmann, um dos mais destacados peritos, estava no Distrito Federal ou se, como me haviam informado na Espanha, podia estar em Nova York, na Universidade de Cornell, onde lecionava. Era vital para mim localizá-lo, para evitar uma viagem inútil ao México.

Naquela mesma manhã de terça-feira, 13 de outubro, pedi à telefonista do hotel que insistisse – pela terceira vez – e anotasse o telefone da casa do doutor Tonsmann. E pelo meio da tarde, como já disse, o aviso da amável telefonista iria alterar todos os meus planos. Do outro lado da linha telefônica, a esposa de José Aste confirmaria que o cientista havia marcado seu regresso ao México, procedente de Nova York, para a quarta ou quinta-feira seguinte.

Depois de algumas dúvidas, meu senso prático se impôs, e então deduzi que o mais oportuno seria suspender minhas investigações em Washington. Tonsmann era uma peça básica em meu segundo projeto e eu não podia desperdiçar sua rápida estada no México. Afinal de contas, eu era a única pessoa que possuía o código do segredo do Major, e isso me dava certa tranquilidade.

E, antes que me arrependesse, fiz as malas e embarquei no voo 905 da Eastern Lines, rumo às cidades de Atlanta e do México (D.F.). Naquela quarta-feira, 14 de outubro de 1981, começaria para mim uma segunda aventura, que meses mais tarde seria descrita em meu décimo quarto livro – O Mistério da Virgem de Guadalupe.

Essas coisas costumam acontecer comigo...

Eu havia permanecido durante horas diante do túmulo do presidente Kennedy, incapaz de decifrar o segredo da terceira frase do código do Major:

Abra seus olhos diante de John Fitzgerald Kennedy.

Pois bem, meus olhos abriram-se a 10 mil metros de altitude e quando eu estava a milhares de quilômetros de Washington.

Enquanto o avião se dirigia à cidade de Atlanta, nossa primeira escala, ocorreu-me tentar encaixar o número 21 nas três últimas frases da mensagem.

Eu devo ter mudado de cor, porque a galante aeromoça da Eastern, com ar de preocupada e apontando para a xícara de café que oscilava na borda de meus lábios, comentou, ao mesmo tempo que se inclinava sobre o encosto de minha poltrona:

– Não gostou do café?

– Desculpe-me...

– O senhor se sente bem?...

– Ah! – respondi voltando à realidade. – Sim, estou perfeitamente bem... A culpa é do número 21...

A aeromoça levantou a vista e confirmou o número de meu assento.

– Não é isso, desculpe – disse logo, para evitar mais mal-entendidos –, mas

tenho sonhado com o número 21.

A moça esboçou um sorriso de cumplicidade e, colocando a mão sobre meu ombro, gracejou:

– Jogou na loteria?

E desapareceu pelo corredor, convencida, suponho, de que o mundo está cheio de loucos. Por instantes, as longas pernas da comissária conseguiram afastar-me de minhas reflexões. Terminei o café e voltei a contar as letras que formavam o nome e os sobrenomes do falecido presidente norte-americano. Não havia dúvida: somavam 21!

Aquele segundo achado – e muito especialmente o fato de que ambos apontavam para o número 21 – confirmou minhas suspeitas iniciais. O Major devia ter guardado o segredo em algum depósito ou lugar estreitamente vinculado a essa cifra e, obviamente, com a chave que me havia dado em Chichén Itzá. Considerei também a possibilidade de que “Benjamin” fosse algum parente ou amigo do Major; mas, em todo caso, que faziam em tudo aquilo o número e a chave?

Durante minha prolongada permanência no México, estive tentado a fazer uma pausa nas investigações sobre a Virgem de Guadalupe e voltar a Yucatán para visitar Laurêncio. Mas minhas reservas financeiras se haviam reduzido de forma tão alarmante que, para meu pesar (pois realmente queria concluir minhas investigações em Washington), tive de desistir e postergar a viagem a Chichén para uma ocasião mais apropriada.

Um ano mais tarde, em dezembro de 1982, ao retornar ao México para lançar meu livro O Mistério da Virgem de Guadalupe, comprovei, com certo espanto, que, se houvesse viajado naquela época para Yucatán, minha visita teria sido inútil: segundo me confirmaram as autoridades locais, Laurêncio e sua mulher haviam deixado a cidade de Chichén Itzá pouco depois do falecimento do Major. E ainda que eu não tenha desistido do propósito de localizá-los, até hoje continuo sem notícias do fiel companheiro do ex-oficial das forças aéreas norte-americanas. Não preciso dizer que meus primeiros passos naquele inverno de 1982 orientaram-se para localizar o túmulo de meu amigo. Ali, diante de uma modesta cruz de madeira, mantive com o Major meu último diálogo, agradecendo-lhe por ter posto em minhas mãos seu maior e mais prezado tesouro...

Ao chegar novamente a Washington, minha primeira preocupação não foi “Benjamin”. Sentado na cama do apartamento de meu novo hotel – agora mais modesto do que o Marriot –, estendi sobre a colcha todo o meu capital. Depois de um minucioso balanço, percebi que minhas reservas somavam um total de 75 dólares e 1.500 pesetas.

Ainda que a tragédia parecesse iminente, não me deixei abater pela crua realidade. Tinha ainda os cartões de crédito.

Durante aqueles dias limitei minha dieta a um café-da-manhã, o mais sólido possível, e a um copo de leite com um modesto sanduíche antes de dormir. A verdade é que, mergulhado nas pesquisas, e não sendo eu um glutão, a situação

não me chegou a ser excessivamente dolorosa. Minha grande obsessão, ainda que pareça mentira, foram os táxis. Estes, sim, consumiram meu exíguo capital.

“Chave e ritual conduzem a Benjamin.”

Essa segunda frase do código cifrado do Major foi uma cruz que me atormentou por quatro dias. Nesse espaço de tempo, tal como havia previsto antes de minha partida de Washington, empenhei-me de corpo e alma na revisão das enciclopédicas listas telefônicas da Capital Federal, assim como nas visitas às estações ferroviárias, à central dos correios e aos aeroportos Dulles e National.

Os serviços de depósito das estações foram cancelados de minha relação, em razão da sensível diferença entre a forma de suas chaves e a da que eu tinha. Já os aeroportos, por sua vez, não tinham esse tipo de armário. Assim, meu interesse centrou-se nas caixas de segurança dos bancos e nas caixas postais. Essas duas alternativas pareciam ser as mais lógicas para guardar qualquer coisa de certo valor.

Comecei pelos bancos.

Repassei a centenária lista de centrais e sucursais financeiras da cidade, sem encontrar uma única pista sequer que fizesse menção ou referência ao nome “Benjamin”.

Por outro lado, e como pude comprovar pessoalmente, se o Major houvesse trancado sua informação em uma caixa de segurança de algum desses bancos, nem eu nem ninguém teria tido acesso a ela, por falta de documentação que identificasse o portador da chave como o legítimo proprietário ou usuário da caixa. Em alguns casos, as medidas de segurança eram até mesmo reforçadas por uma segunda chave, que ficava com o responsável ou o vigilante do cofre-forte do banco. Ainda assim, e para não deixar nada por apurar, iniciei uma última investigação, em duas frentes. Eu conhecia a identidade do Major e comecei a manipular uma série de recursos e contatos – dentro da Embaixada da Espanha e do próprio Pentágono – a fim de apurar se ele havia deixado algum parente em Washington. Essa foi, seguramente, minha maior imprudência, a julgar pelo que me aconteceria dois dias depois...

A segunda frente – na qual, graças a Deus, coloquei maior dedicação – consistiu em obter os endereços das duas centrais e das 58 sucursais do correio na cidade. Na sede central do U.S. Postal Service, que é o cérebro dos serviços postais de todo o país, um amável funcionário estendeu diante de mim a longa lista de estações postais existentes em Washington D.C.

Ao debruçar-me sobre a relação em busca de algum indício do enigmático nome “Benjamin”, meus olhos não precisaram passar da primeira sucursal. Senti um impacto. Na lista aparecia o seguinte:

Box nº 1-999 – Benjamin Franklin. STa. Avenida Pennsylvania (Washington D.C. 20044).

Anotei os dados, sem poder conter o tremor da mão, num misto de emoção e nervosismo. Acendi um cigarro para me acalmar. Tinha de estar absolutamente

seguro de que aquela era a tão aguardada pista. E percorri com os olhos os sessenta endereços, com uma meticulosidade que nem eu mesmo consigo explicar.

Com surpresa, verifiquei que o nome de Benjamin Franklin repetia-se três outras vezes: nos postos 14, 19 e 33 da relação. Nos demais postos de Washington, o nome "Benjamin" não aparecia.

Mas havia algo que eu ainda não compreendia. Por que quatro postos de correio na mesma estação postal de Benjamin Franklin? No registro do posto 14, o cabeçalho trazia os números 6100-6199. O que ocupava o número 19 da lista trazia as cifras 7100-7999; e o último, o 33, era precedido da numeração 14001-14999.

Pedi ao funcionário que me explicasse o significado daquelas numerações. A resposta, conclusiva e concisa, dissipou-me as dúvidas:

– São quatro seções, cada uma corresponde a determinadas caixas postais. Na primeira lista, como o senhor vê, figuram as de número 1 a 999...

Acho que aquele funcionário do correio não havia recebido até então um "thank you" tão efusivo e feliz como o meu.

Saltei de três em três os degraus do gigantesco U.S. Postal Service e corri como um meteoro para o primeiro táxi que apareceu. Eram 16h30 do dia 4 de novembro de 1981.

Enquanto o táxi se aproximava da avenida Pennsylvania, resolvi aproveitar aquela rajada de boa sorte para voltar a refletir sobre a frase do Major. Agora eu começava a enxergar claramente. "Minha chave e o ritual – quer dizer, o número 21 – conduzem a Benjamin."

"Casualmente", das sessenta agências postais de toda Washington, só uma leva o nome de Benjamin. Curiosamente, também, nessa sucursal – e só nessa – achava-se a caixa número 21. Se considerarmos que as sessenta agências somavam, em 1981, mais de 24 mil caixas, a que conclusão se podia chegar?

Mas no meio do caminho minha satisfação acabou. Havia esquecido a chave no hotel!

Nesse caso, minha prudência franciscana havia me aconselhado mal. Consultei o relógio. Não havia tempo para voltar ao hotel e depois sair à procura da agência postal. De mau humor, entrei na agência, disposto a pelo menos dar uma olhada.

Perguntei pela venda de selos e, com a desculpa de escrever alguns cartões-postais, rodei por mais de quinze minutos pelas imensas e bem iluminadas salas da sucursal. No primeiro pavimento, encostadas na parede de mármore preto, alinhavam-se centenas de pequenas caixas metálicas, de uns doze centímetros de largura, com os respectivos números. Ali estava meu objetivo.

Felizmente para mim, o movimento de gente era tal que o policial negro que vigiava o andar não se deu conta de meus movimentos. Antes de deixar a agência, fiz uma rápida inspeção nas caixas e parei por alguns segundos diante da que tinha o número 21. Por um momento tive a sensação de que estava sendo alvo de dezenas de olhares. Por seu reduzido tamanho, o orifício da fechadura parecia corresponder a uma chave como a que eu guardava.

Ao fazer o caminho de volta para o hotel, percebi que os cartões-postais continuavam em minhas mãos suadas. Nem Ana Benítez, nem meus pais, nem Alberto Schommer, nem Raquel, nem Castillo, nem Gloria de Larrañaga jamais chegaram a receber tais lembranças.

Naquela mesma tarde, num último esforço para me descontraír, visitei o Museu do Espaço, na avenida Jefferson. Apesar do iminente e aparentemente simples fim da busca da informação do Major, minhas dúvidas haviam crescido. E se eu estivesse equivocado? E se aquela caixa postal não fosse a que eu buscava com tanto empenho?

A verdade é que eu estava chegando ao limite de minhas possibilidades. Aquelas – e eu estava seguro disso – eram minhas últimas horas nos Estados Unidos. Se não conseguisse elucidar o enigma, teria de esquecer o assunto por muito tempo. Sentado no saguão do museu, solitário e com uma angústia capaz de matar um cavalo, senti falta de alguém com quem partilhar aqueles momentos de tensão. No centro da sala, formando uma longa fila, turistas e curiosos aguardavam pacientemente sua vez de passar diante da uma em que estava exposto um fragmento de rocha lunar não maior do que um cigarro. Um segundo fragmento, menor ainda, estava incrustado ao pé da vitrine. E, como se fosse uma relíquia sagrada, cada visitante, ao chegar à uma, passava os dedos pela negra e desgastada pedra.

Por pura inércia, abri meu caderno de notas e fui descrevendo o que observava. E naturalmente terminei voltando ao código do Major, só que desta vez no original, na versão inglesa.

Meu péssimo costume de sublinhar, desenhar e traçar mil garatuñas nos livros ou apontamentos que manipulo estava a ponto de me despertar da profunda tristeza em que me encontrava.

Na verdade, tudo começou como um jogo, como um meio simples e inconsciente de aliviar meu estado de tensão. Sei de muitas pessoas que, quando falam ao telefone, ou quando meditam, ou até quando conversam, acompanham suas palavras ou seus pensamentos com os mais absurdos desenhos, linhas, círculos etc., traçados sobre qualquer pedaço de papel. Pois bem, eu estava-me dedicando a enquadrar – sem ordem nem coerência – algumas das palavras de cada uma das cinco frases que compunham a mensagem cifrada.

A sorte – ou não seria a sorte? – quis que eu colocasse dentro de variados retângulos, entre outras, as primeiras palavras de cada uma das frases do código. Depois, continuando com o passatempo, entretive-me em cortá-las com linhas verticais.

Ao ler de cima para baixo aquela aparente confusão, uma das absurdas construções deixou-me estarecido. As cinco primeiras palavras de cada frase, lidas no sentido vertical, encerravam um significado. E que significado! “A chave abre o passado.”

Já o restante das frases assim obtidas não tinha sentido.

Antes de dar como certa a nova pista, repassei a mensagem, escrevendo e unindo as palavras de cima para baixo, da esquerda para a direita e até em diagonal. Mas foi inútil. As únicas que apresentavam algo coerente – “casualmente” – eram as cinco primeiras.

The guard – dizia a mensagem em inglês – who keeps the vigil in front of Tomb will reveal the ritual of Arlington Cemetery to you.

Key and ritual lead you to Benjamin.

Open your eyes before John Fitzgerald Kennedy.

The brother lies to rest in 44-W. The shadow of the medlar tree covers him in the late afternoon.

Past and future are my legacy.

Que teria desejado dizer o Major com essa sexta pista? Intuitivamente associei a nova frase da mensagem com a última: “Passado e futuro são meu legado”. Que relação existiria entre a chave, o passado e o futuro?

Animado com aquela súbita descoberta, ainda que impotente – reconheço – para desfazer tanto mistério, decidi aguardar as primeiras luzes da quinta-feira, que se prenunciava particularmente tensa...

Ao descer naquela quinta-feira, 5 de novembro de 1981, na porta da agência de correio Benjamin Franklin, senti que meus joelhos dobravam. Em minha mão direita, trancada como numa armadilha, a pequena chave que o Major me confiara estava umedecida por um suor frio e incômodo. Respirei fundo, cruzei o umbral e dirigi-me com passos firmes para a parede em que se alinhavam, reluzentes, as pequenas caixas metálicas.

Eu havia agido com acerto, sem dúvida, esperando que o relógio marcasse dez da manhã. Dezenas de pessoas se movimentavam àquela altura nas diferentes dependências do correio. Quando me coloquei diante do número 21, um numeroso grupo de pessoas, na maioria idosas, abria seus respectivos depósitos, alheias ao que as rodeava.

Passei a chave para a mão esquerda e, num gesto mecânico, enxuguei na calça cinza o crescente suor da palma de minha mão direita. Voltei a respirar o mais fundo possível e, tremendo, levei a pequena chave à fechadura. Mas os nervos me traíram. Antes que pudesse experimentar se a chave se encaixava ou não no orifício, ela escorregou-me entre os dedos e caiu sobre o branco e polido piso de ladrilho. O tilintar do metal em seus múltiplos saltos sobre o chão me fez empalidecer. Lancei-me como um autômato atrás da maldita chave, furioso comigo por tanta frouxidão; já me preparava para recolhê-la quando uma mão longa e firme se antecipou à minha. Ao levantar os olhos, uma língua de fogo perfurou-me o estômago. O cortês indivíduo era um dos policiais de serviço na agência. Em silêncio e oferecendo-me apenas um sorriso franco como comentário, o agente estendeu a mão e entregou-me a chave. Deus permitiu que eu pudesse corresponder àquele gesto com outro sorriso circunstancial e, sem sequer descerrar

os lábios, desse meia-volta em direção à caixa número 21.

Hoje, tremo só de pensar no que poderia ter ocorrido se o policial me tivesse feito alguma pergunta...

Ainda com o susto me afetando o corpo, tateei o orifício da fechadura com a ponta da chave. Meu coração saltava no peito sem piedade.

“Por favor, entre!...Entre!...”

Docemente, como se tivesse me ouvido, a chave penetrou até a cabeça.

Deu vontade de gritar. Havia entrado! Na verdade não era minha mão direita que empunhava a chave; era meu coração, meu cérebro, todo o meu ser...

Antes de prosseguir na operação, olhei cautelosamente à esquerda e à direita. Tudo parecia normal.

Engoli em seco e ensaiei abrir a caixa. Por mais que a puxasse, porém, a portinha metálica não se movia. Senti uma onda de sangue golpeando-me o estômago. Que estava acontecendo? A chave havia entrado na ranhura. Por que não conseguia abrir a caixa?

No meio de todo aquele nervosismo e agitação, compreendi que estava forçando a chave em um único sentido: o esquerdo. Girei-a, então, para a direita, e a portinhola se abriu com um leve chiado.

Como teria sido gostoso poder parar o tempo. Depois de tantos sacrifícios, angústias e quebra-cabeças, ali estava eu, às 10h15 de uma quinta-feira, 5 de novembro de 1981, a ponto de desvendar o “Mistério do Major”...

Naquele momento, prestes a iniciar a exploração da caixa, lamentei não dispor de uma câmara fotográfica – ainda que isso possa parecer incrível. Mas um senso elementar de prudência me levava a deixá-la no hotel.

Estendi a mão e tateei a superfície metálica do interior da caixa. Na semipenumbra, percebi a presença de dois objetos. Estavam no fundo do estreito nicho retangular. Ao apalpá-los, eu os identifiquei com algo semelhante a tubos ou cilindros. Tirei um deles e vi que se tratava de uma espécie de cartucho de papelão, de uns trinta centímetros de comprimento, perfeita e solidamente protegido por um envoltório de plástico ou papel plastificado. Seu peso era mínimo. Não apresentava nenhuma inscrição ou nome, à exceção de um pequeno algarismo “1”, desenhado em preto e a mão sobre uma pequena etiqueta branca, colada, por sua vez, sobre uma das faces circulares do cilindro. Tudo isso, como disse, sobre um brilhante material plástico, cuidadosamente fixado ao cartucho.

Apressei-me em retirar o segundo objeto. Era outro cilindro, similar ao primeiro, mas com o algarismo “2” em uma das faces.

Imediatamente comecei a sentir uma estranha pressa. Experimentei a intensa sensação de que estava sendo observado. Mas dominei o ímpeto de virar-me e introduzi a mão na caixa, fazendo uma terceira busca. Meus dedos tocaram então num envelope. Trouxe-o para a boca da caixa e, antes de retirá-lo, cuidei de certificar-me de que a caixa ficara vazia. Apalpei até mesmo a parede superior e as laterais. Uma vez convencido de que a caixa número 21 estava totalmente vazia,

apanhei o envelope branco e, sem sequer examiná-lo, fechei a portinhola. Aparentando naturalidade, guardei a chave e tomei a direção da saída.

Por um momento tive vontade de correr. No entanto, tirando forças da fraqueza, parei a meio caminho da porta, apanhei algumas de minhas últimas moedas e aproveitei aquela simulada desculpa para me virar. A verdade é que não havia nada de suspeito. O intenso movimento de gente tinha diminuído um pouco, ainda que restassem pequenos grupos de pessoas diante das mesas de mármore, nos diversos balcões e junto aos blocos de caixas. Um pouco mais sossegado, e supondo que aquele pressentimento tivesse sido criado por minha excitação, cruzei a porta de saída e distanciei-me da agência do correio.

Quarenta e cinco minutos mais tarde, eu pendurava na maçaneta da porta de meu apartamento o cartão verde de "Não perturbem". Coloquei ambos os cartuchos sobre a cobertura de vidro da mesinha que me servia de escrivaninha e recuei dois passos.

"Eu consegui!..."

Durante alguns minutos, com o envelope entre as mãos, desfrutei daquele espetáculo. Não conseguia sequer imaginar o que continham aqueles cilindros de papelão, mas isso – naquele momento – era o de menos.

"Eu consegui!..."

E dava tudo por bem empregado: tempo, dinheiro, solidão...

Deixei-me cair sobre o assoalho e, como num filme, fui recordando os passos que havia seguido no curso de todos aqueles meses.

Mas, finalmente, a curiosidade venceu e eu rasguei o envelope. No seu interior, nem uma só palavra ou indicação. Assim que retirei do envelope a folha de papel que ele continha, reconheci a letra aguda e agitada do Major.

Estava datada de 7 de abril de 1979, em Washington D.C., e dizia simplesmente que seu irmão... em sua "grande viagem" havia falecido dois anos antes – em 1977 – e que, seguindo os impulsos de sua consciência, nesse mesmo 7 de abril de 1979 dava por concluído o diário de dita viagem...

A breve mensagem finalizava com estas palavras:

Só peço a Deus que nosso sacrifício possa ser conhecido algum dia e leve a paz aos homens de boa vontade, da mesma forma que meu irmão... e eu tivemos a graça de encontrá-la.

Ao pé da nota, o Major suplicava que a pessoa que tivesse acesso ao diário e àquela missiva respeitasse o anonimato de ambos.

É por essa razão que ocultei a identidade da pessoa a quem o Major faz menção, chamando-a "irmão". Posso esclarecer, isso sim, que na verdade não se trata de irmão consanguíneo, mas de uma qualificação puramente espiritual...

Minha primeira reação ao ler aquele bilhete foi consultar o código. Aquela confissão do falecido oficial da USAF parecia encaixar-se como uma luva na quarta e não menos misteriosa frase:

O irmão dorme em 44-W. A sombra da nespereira cobre-o ao entardecer.

De novo, ocorreu-me o nome de Arlington...

“Sim, agora sim, pode fazer sentido”– disse a mim mesmo. “Agora começo a compreender...”

Tinha de visitar de novo o cemitério. Na realidade, como pude verificar ao ler o diário do Major, as duas últimas frases de sua mensagem cifrada não eram outra coisa senão uma confirmação – para a pessoa que chegasse até seu legado – da realidade física de seu companheiro na “grande viagem” e, obviamente, da natureza do citado diário.

A bem da verdade, depois de conhecer a incrível informação que havia sido guardada nos cilindros, não era importante a localização do falecido companheiro de meu amigo. Os que me conhecem um pouco sabem, porém, que gosto de aprofundar as investigações; e com muito mais razão iria fazê-lo naquele momento, quando estava tão perto do final.

No entanto, as surpresas não haviam terminado ainda naquela inesquecível quinta-feira... Antes de proceder à solene abertura dos cartuchos de papelão, coloquei o envelope próximo aos tubos e os fotografei com todo o sossego. Ato contínuo e, após verificar que o plástico protetor não apresentava o menor descolamento por onde eu pudesse iniciar o trabalho de abertura, apanhei uma lâmina de barbear e, cautelosamente, separei o círculo que cobria uma das faces do cilindro. Exatamente a face oposta àquela que apresentava a pequena etiqueta com o algarismo “1”.

Nervosamente, apanhei o papelão. Parecia muito sólido. Depois de um minucioso – quase me atrevera a chamá-lo de microscópico – exame, fui obrigado a escarificá-lo ao longo da circunferência. Passada uma hora, o tenaz invólucro (de cinco milímetros de espessura e dez centímetros de diâmetro) se desenrolava e deixava a descoberto o interior do tubo.

Mais alguns segundos e apareceria diante de mim um maço de papéis cuidadosamente enrolados. Ele havia sido introduzindo em uma capa de plástico transparente, hermeticamente grampeada na parte superior. Tive de recorrer a um cortador de unhas para fazer saltar os dezessete grampos. Com uma excitação difícil de descrever, dei uma primeira olhada nos papéis e verifiquei que haviam sido datilografados em espaço pequeno e no que conhecemos como papel-bíblia. Cada folha (20 x 31 centímetros), até um total de 250, havia sido assinada e rubricada no canto inferior esquerdo pelo Major. Era a mesma letra – e eu diria que até a mesma tinta – que figurava ao pé da carta que eu havia encontrado na caixa postal 21 e acabara de abrir.

O texto, em inglês, arrebatou-me desde o momento em que nele fixei os olhos. E creio que não teria conseguido desligar-me de sua leitura não fosse aquela inesperada chamada telefônica...

Por volta das 13 horas, o telefone de meu apartamento devolveu-me à crua realidade.

– Senhor Benítez?...
– Sim, sou eu, diga...
– Dois senhores estão procurando pelo senhor. Estão aqui.
– Dois senhores? – perguntei admirado diante da inesperada visita. – Quem são?

– Um momento – respondeu hesitante o empregado do hotel. – Não sei...
Quem poderia ter interesse em me ver? E mais – pensei, com um estranho pressentimento –, quem sabe que estou em Washington?

– Um deles – disse-me o recepcionista segundo depois – afirma ser do FBI...
– Ah! – exclamei num fio de voz. – Bem... desço agora mesmo...
Tudo havia sido tão rápido e inesperado que, mal dependurei o telefone, senti-me empalidecer. Não era lógico nem normal que o FBI se interessasse por mim. Que poderia ter ocorrido? Em que nova confusão eu havia me metido?

Prontamente lembrei-me. Dias antes eu havia cometido a insensatez de perguntar na Embaixada da Espanha e no Pentágono acerca de possíveis parentes do Major. Enquanto recolhia precipitadamente os cilindros e o envelope e os ocultava no fundo da bolsa de minhas câmeras, um torvelinho de temores, hipóteses e contra-hipóteses embaralhou ainda mais minha mente.

Com a chave do apartamento na mão, morto de medo, apresentei-me no saguão do hotel.

Dois indivíduos de forte compleição e esmeradamente vestidos levantaram-se das poltronas colocadas de frente para a porta do elevador. Não tive oportunidade sequer de me aproximar do balcão da recepção para perguntar por meus insólitos visitantes. Com um sorriso meio forçado, um deles cortou-me os passos estendendo-me a mão.

– Senhor Benítez?

Ao apresentar-se, aquele que me havia dado a mão em primeiro lugar e que, dos dois, parecia ser o maioral, convidou-me para sentar com eles.

– Não se preocupe – advertiu, com evidente desejo de tranquilizar-me. – Trata-se de simples rotina...

Também eu me esforcei para sorrir, enquanto pedia a eles que se identificassem.

– Pelo telefone – acrescentei –, disseram-me que um dos senhores é agente do FBI. Poderia ver suas credenciais?

Instantaneamente, e como se meu pedido fizesse parte de um cerimonial rotineiro e habitual, cada qual sacou do bolso interno do casaco sua carteira de plástico preto. Na primeira, a do maioral, pude ler, em caracteres que se destacavam do resto, as palavras Federal Bureau of Investigation. Aquilo, realmente, correspondia à famosa sigla FBI, ou Agência Federal de Investigações.

Na segunda credencial, que não foi retirada da minha vista com tanta rapidez como a do agente do FBI, li outra coisa: Departamento de Estado – Escritório de Imprensa, e algo assim como um endereço: 2201 'C' Street...(Washington D.C.) e

um número que começava por (202) 632...

– Muito obrigado – agradei com mais medo ainda, como se isso fosse possível.
– Que querem os senhores de mim?

– Sabemos quem é o senhor. Conhecemos também sua condição de jornalista espanhol – replicou o homem do FBI, enquanto abria uma pequena caderneta e recusava amavelmente um de meus cigarros – e fomos comunicados de que na última terça-feira, às 11h15 da manhã, o senhor se mostrou interessado pelos possíveis parentes do Major...

“Caramba!” – pensei. “Para o inferno o Serviço de Informação!”

– Pois bem – prosseguiu o agente, indicando-me os apontamentos que apareciam em sua caderneta. – Em primeiro lugar, queríamos averiguar se esses dados são corretos.

– Efetivamente são...

– Nesse caso, gostaríamos de saber o porquê de seu interesse pela família do Major...

Meu cérebro, alertado sem dúvida pelo medo, foi buscando as respostas com uma frieza que ainda hoje me surpreende.

– Bem, é uma velha história. Conheci o Major em uma de minhas viagens ao México e travei com ele uma sincera amizade. Nós nos correspondemos e, há algumas semanas – menti –, ao visitar de novo aquele país, soube que havia falecido.

Sem pestanejar, suportei o desconcertado olhar do ianque. Talvez ele esperasse outra versão e, ao comprovar que eu dizia a verdade (ou, ao menos, parte da verdade), ficou indeciso. Esse foi seu primeiro erro.

Antes que ele ensaiasse uma nova pergunta, aproveitei aqueles poucos segundos e tomei a iniciativa:

– Os senhores sabem também que eu pesquiso e escrevo sobre o fenômeno OVNI...

O agente sorriu.

– Em certa ocasião – continuei improvisando –, o Major deu-me a entender que sabia de certa informação... relacionada com esse tema. E deu-me o nome de um companheiro que reside aqui nos Estados Unidos... Ele me daria os dados, desde que o Major tivesse falecido...

Meu interlocutor, tal como eu desejava, mordeu a isca:

– Pode nos dizer o nome dessa pessoa?

Fingi certa resistência e objetei:

– A verdade é que não me agradaria prejudicar ninguém...

– Não se preocupe...

– Está bem. Não vejo inconveniente em dar-lhes o nome dessa pessoa que procuro, desde que os senhores mantenham-me fora disso e respondam a uma pergunta...

Os dois personagens trocaram olhares de cumplicidade; o funcionário do

Departamento de Estado, que até aquele momento não abrira a boca, perguntou:

– De que se trata?

– Poderiam dar-me uma pista sobre algum parente do Major, ou sobre esse amigo que tenho interesse em localizar?

Antes que seu parceiro tivesse tempo de responder, o agente do FBI interveio de novo:

– Está feito o trato. Vejamos: como se chama essa pessoa com quem o senhor deve fazer contato?

Ao anotar o nome e o primeiro sobrenome do “irmão do Major”, o agente titubeou e de novo trocou um olhar fugaz com seu parceiro. Esse foi seu segundo erro.

Aquela quase imperceptível vacilação acabou por alertar-me. Nesse instante – e pela primeira vez –, comecei a tomar consciência de que me havia aventurado por um assunto extremamente perigoso. Seguramente, os dois homens – e isso saltava aos olhos – sabiam muito mais do que diziam. Mas o pior não era isso. O dramático era que, por uma dessas casualidades do destino, eu tinha em meu poder uma informação que começava a queimar-me as mãos e pela qual os serviços de informação norte-americanos teriam sido capazes de qualquer coisa.

– E sobre a pista? – pressionei com fingido ar de satisfação.

O agente do FBI guardou silêncio e, depois de anotar algo em sua caderneta, arrancou a folha e colocou-a em minhas mãos.

– É tudo o que podemos dizer-lhe – resmungou com má vontade. – Acreditamos que se trata de um dos parentes do Major...

No papel pude ler o nome da cidade de Nova York e dois sobrenomes. Simulei uma certa contrariedade e perguntei:

– Mas não podem me dizer algo mais?

Os homens se levantaram e, depois de me desejarem boa sorte, caminharam para a porta de saída. Sem querer, aqueles “gorilas” me haviam brindado com a melhor das desculpas para abandonar Washington o mais rápido possível.

Antes de subir ao meu apartamento, tive a boa ideia de aproximar-me dissimuladamente da porta giratória do hotel, a tempo de ver os agentes subindo em um automóvel azul metálico, estacionado a vinte ou trinta metros dali. Atravessei de imediato o saguão em direção ao elevador e pude sentir sobre mim o olhar curioso do recepcionista.

Abri a porta do apartamento, recoloquei o aviso “Não perturbem”, fechei a porta e passei a tranca. Meus joelhos começaram a tremer e fui forçado a deixar-me cair sobre a cama. Suponho que minha perturbação não se devia apenas àquela – digamos – “delicada” visita, mas, sobretudo, ao conteúdo do primeiro cilindro.

Não sei quanto tempo permaneci deitado na cama, o olhar perdido na penumbra do apartamento. Uma coisa estava clara em toda aquela agitação: agora, mais do que nunca, eu teria de agir com pés de pluma. Se o FBI havia entrado nesse jogo era porque, logicamente, estava a par da “grande viagem” que

o Major e seu "irmão" haviam realizado. Não era preciso muita destreza para perceber que os serviços de inteligência norte-americanos não estavam dispostos a permitir que aquela informação secreta vazasse para a imprensa.

Por enquanto, a extrema prudência do Major me havia proporcionado uma certa vantagem. E eu estava disposto a utilizá-la, é claro. Se o FBI e o Departamento de Estado – que sabiam muito bem da morte dos veteranos da USAF – continuassem acreditando que eu só queria localizar o amigo do Major, talvez minha saída do país fosse mais fácil do que eu imaginava. Esta, em síntese, foi a importante resolução que acabei adotando naquele meio-dia de quinta-feira, 5 de novembro de 1981: regressar à Espanha imediatamente... e, claro, com meu tesouro...

Saltei da cama disposto a pôr em prática a última etapa de meu plano: a visita ao Cemitério Nacional de Arlington. Ainda que, repito, a confirmação da morte do colega e "irmão" de meu amigo não tivesse agora especial importância, em meu foro íntimo eu necessitava fechar aquele misterioso círculo que constituía o código.

Preparei as câmeras e consultei o relógio. Eram duas da tarde. Restavam três horas para o cemitério fechar seus portões ao público. Mas quando me preparava para deixar o apartamento, um elementar senso de prudência levou-me a olhar pela janela. Por um momento fiquei paralisado. Estacionado na frente do hotel, junto à calçada, no mesmo lugar onde eu o havia visto ali pelas 13h30, estava o carro azul metálico dos agentes que me haviam visitado. Instintivamente recuei e fechei a janela. Não podia ser casualidade. Aquele era o automóvel do FBI. Evidentemente, eu havia subestimado os agentes...

"Se me arrisco a sair agora – pensei buscando uma solução –, que poderá ocorrer?"

Não haveria nada de fantástico se resolvessem seguir-me discretamente. Mas também poderia ocorrer o pior – aproveitarem minha ausência para revistar o apartamento. E essa última ideia me encheu de pavor. Que fazer? Por outro lado, eu não me resignava a permanecer enclausurado entre aquelas quatro paredes...

De repente, lembrei-me da escada de incêndio.

"Sim – disse a mim mesmo para me reanimar –, aí pode estar a saída."

Desliguei a televisão e, procurando fazer o menor ruído possível, abri lentamente a porta. O corredor estava deserto. Rapidamente cheguei ao fundo dele, diante da saída de emergência. Contrariamente ao que costuma ocorrer nos hotéis espanhóis, os norte-americanos fazem que essas portas permaneçam sempre abertas. Ao passar para fora, pela plataforma metálica que une a escada ao sexto andar, onde eu estava, comprovei que aquela saída conduzia diretamente a uma ruela pouco movimentada. Nas imediações não havia um único veículo. Isso me tranquilizou.

Em poucos minutos, eu fechava de novo a porta do apartamento e me preparava para a fuga. O mais importante era não levantar suspeitas. Assim, obedecendo a um plano metódico, telefonei para o serviço de quarto e solicitei um

almoço frugal. Em seguida, despi-me e vesti um pijama. Disquei o número da recepção e, adotando uma entonação lenta e cansada, expliquei ao empregado de serviço que estava muito cansado e desejava dormir. Por último, e depois de insistir que não me transmitisse nenhum telefonema, pedi-lhe que me despertasse às seis da tarde. Se, como eu suspeitava, o pessoal do hotel tinha ordens de controlar e comunicar minhas entradas e saídas, essa poderia ser uma boa jogada.

Depois de quinze minutos o camareiro chegou com meu almoço. Dei-lhe uma boa gorjeta e disse-lhe que não se preocupasse em voltar para recolher a mesa-carrinho.

– Eu mesmo a colocarei no corredor quando acordar – rematei.

O homem pareceu concordar e desapareceu no corredor, enquanto eu voltava a dependurar na maçaneta o aviso “Não perturbem”.

Vesti-me em segundos, mordisquei um pãozinho e apanhei a bolsa das câmeras, em cujo fundo eu havia depositado os cartuchos de papelão e a carta do Major. Meu relógio marcava 14h45.

Após certificar-me de que a porta do apartamento continuava trancada, guardei a chave e, feito um fantasma, percorri os trinta passos que me separavam da saída de emergência. Ao fechá-la atrás de mim, dediquei alguns segundos a uma completa exploração da rua e dos lances que teria de descer. Tudo estava tranquilo.

Sem perder um único minuto mais, precipitei-me escada abaixo, procurando pisar com a ponta dos sapatos. Ao alcançar o penúltimo degrau, parei. O coração não cabia no peito... Dei uma olhada geral e, depois de comprovar que o caminho continuava livre, continuei, cheio de excessivo otimismo. E faço essa observação porque, ao chegar aos últimos degraus, uma surpresa abalou-me da cabeça aos pés. Eu não havia contado com aquele pequeno-grande obstáculo: a escada de incêndio terminava a uma considerável altura do solo...

Olhei para baixo e compreendi, com angústia, que se pretendia prosseguir na fuga deveria primeiro saltar aqueles dois ou três metros. (A verdade é que eu nunca soube com certeza a que altura estava do chão.) Tinha de agir com rapidez: ou regressava ao apartamento ou me lançava. Minha posição na ponta da escada era francamente comprometedor. Qualquer transeunte que surgisse por ali naquele instante poderia surpreender-me.

Engoli em seco e comprimi a bolsa no ventre, rodeando-a fortemente com ambos os braços. Depois, num ato puramente inconsciente, saltei.

Apesar da flexão das pernas, o golpe foi respeitável. Em meu afã de proteger o equipamento fotográfico, inclinei-me excessivamente para um lado e rolei com todo o meu tamanho pelo pavimento duro da rua.

Consegui levantar-me com a maior rapidez, como poucas vezes na minha vida. Minha única preocupação – verdade seja dita – era que alguém me tivesse visto saltar. Mas a sorte parecia ainda do meu lado. A ruela continuava solitária. Limpei a jaqueta com um par de palmadas e saí assobiando em direção ao cruzamento

mais próximo. Se tudo funcionasse como eu queria, do outro lado da quadra, na direção oposta à que eu tomava, deveria continuar o turismo do FBI.

Vinte minutos mais tarde, quando meu relógio estava se aproximando das três e meia, um táxi me deixava no Memorial Drive, na porta do cemitério. Ainda que em meu rápido deslocamento até Arlington eu não tivesse notado – apesar de olhar constantemente para trás – se estava sendo seguido pelo temido carro azul, nessa nova visita ao cemitério dos heróis norte-americanos evitei entrar pelo portão principal. Caminhei pela calçada de Schley e em cinco minutos estava diante do balcão do Temporary Visitors Center.

Enquanto explicava a uma das funcionárias que meu propósito era localizar o túmulo de um velho amigo, minhas esperanças, diante dos poucos dados que eu possuía, sinceramente não eram muito grandes. A mulher tomou nota do nome, assim como do presumido ano de falecimento (1977) e, sem mais perguntas, como se aquela consulta fosse uma consulta rotineira, deu meia-volta e dirigiu-se a um monitor colocado à esquerda da sala. Digitou no teclado e, em poucos segundos, a tela mostrava alguns signos e palavras de cor verde que não consegui decifrar. Então a funcionária tomou um dos pequenos mapas que eu já conhecia e escreveu em vermelho o primeiro sobrenome e o nome de “meu amigo”; depois, na linha inferior, assinalou, em preto, nos espaços destinados a grave (túmulo) e a section (seção), os números correspondentes.

– Conhece o cemitério? – perguntou-me.

– Não muito...

– Bem, é fácil – respondeu com voz monótona –, nós estamos aqui...

Com a caneta vermelha, assinalou o Temporary Visitors Center e depois traçou uma linha sobre o passeio de L’Enfant e de Lincoln. E com uma precisão que me deixou estupefato, assinalou um ponto na seção 43, concluindo:

– Aqui achará a lápide. A pé, são dez minutos...

– Muito obrigado.

É possível que a moça tivesse interpretado esse agradecimento e meu largo sorriso como um sentimento normal de satisfação pela rapidez com que fora localizada a pessoa que eu buscava. Mas os tiros iam em outra direção...

À medida que eu caminhava para o ponto indicado no mapa, minha excitação aumentava. O fato de o computador de Arlington haver respondido afirmativamente – declarado que ali, de fato, havia sido sepultado o “irmão” do Major – fizera que eu vibrasse de emoção e esquecesse momentaneamente meus dissabores.

No cruzamento do L’Enfant Drive com o Lincoln Drive, parei. Se as indicações da funcionária não estavam equivocadas, eu devia estar a pouco mais de trezentos metros da sepultura. Repassei o mapa e descobri outro detalhe que aumentou minha alegria: as coordenadas 44 e W confluíam matematicamente naquela área da seção 43! Isso esclarecia a primeira parte da quarta frase do Major: O irmão dorme em 44-W.

O estreito caminho asfaltado levou-me até uma pradaria onde se alinhavam centenas de lápides brancas, de apenas meio metro de altura. Consultei o número da sepultura e, após algumas voltas pela relva bem cuidada, o nome e o sobrenome do também oficial da USAF surgiram diante de meus olhos quase como um milagre.

Como nas demais sepulturas de Arlington, uma pequena cruz dentro de um círculo havia sido gravada na parte superior da lápide. Abaixo, a identidade do morto, sua graduação, a corporação a que havia pertencido e as datas de nascimento e morte. Isso era tudo.

Senti uma mescla de raiva e tristeza. Aquele homem, do mesmo modo que meu velho amigo, o Major, tinha sido sepultado sem uma única alusão à fascinante missão que realizara em vida. E o pior era que seu próprio país – ou ao menos os serviços de inteligência – estava empenhado em que a sua “viagem” continuasse sendo classificada como “secreta e confidencial”...

No horizonte, esfumado entre o verde, o amarelo e o vermelho das árvores do cemitério, o branco monólito erigido em memória do primeiro presidente dos Estados Unidos apontava paradoxalmente para o céu...

Fiquei de joelhos e jurei que lutaria até o fim. Nada nem ninguém me deteria diante do compromisso de divulgar o legado daqueles homens.

Às quatro e meia, depois de fotografar a lápide e quando já me dispunha a ir embora, uma sombra me assustou. Parte da inscrição havia começado a escurecer. Levantei os olhos e reparei em uma pequena árvore. Era uma nespereira!

... A sombra da nespereira – recordei a última parte da quarta frase da mensagem do Major – cobre-o ao entardecer.

Absorto, vi como a sombra daquela humilde companheira de solidão ia caminhando e roubando, lentamente, segundo a segundo, a luz da lápide. Corri os olhos pela pradaria e me dei conta de que a nespereira era a única árvore que crescia em toda aquela parte do cemitério. Já não havia dúvida: o código estava decifrado.

Recolhi algumas nêspersas que haviam caído sobre a grama e as guardei em minha bolsa. Por último, cortei um pequeno ramo da árvore e o coloquei ao pé da lápide.

Pouco a pouco, com um sol moribundo às costas, fui deixando o lugar. Não voltei a ver a frágil nespereira de folhas verdes e pequeninas que faz companhia ao herói norte-americano; mas sabemos ambos que, naquela tarde, parte de meu coração ficou em Arlington.

Em meu plano original de fuga eu não havia previsto nem remotamente que meu regresso ao hotel tivesse de ser feito exatamente pela porta principal. Agora que tudo já passou, se eu soubesse que não havia possibilidade de acesso à escada de incêndio pela ruela dos fundos, o mais sensato seria que eu não me tivesse lançado tão impulsivamente àquela desnecessária comprovação no cemitério de Arlington. Mas eu já não podia voltar atrás. Sou um homem que não

recusa os riscos e até se encanta com eles.

O crepúsculo havia começado a amortecer as cores da grande cidade quando o táxi parou na frente da porta giratória do hotel. Ao pagar a corrida, respirei aliviado: reconheci, pouco adiante, a uns vinte metros, o carro de meus perseverantes guardiães. Ou eu muito me enganava, ou aqueles homens acreditavam que eu estava dormindo a sono solto. Logo eu iria comprovar...

Saltei do táxi e cruzei a calçada olhando furtivamente à minha esquerda. Ainda que por uma fração de segundo, pude perceber que um dos agentes – o do volante – se agitava, tocando ansiosamente o ombro de seu parceiro, que lia um jornal. Não sei o que aconteceu depois. Esgueirei-me pelo saguão, rápida e silenciosamente, evitando o elevador. Graças aos céus, o recepcionista estava de costas e presumo que não me tenha visto desaparecer escada acima.

Arquejante e maldizendo o vício do fumo, irrompi em meu apartamento no momento exato em que o telefone tocava. Tratei de recuperar o fôlego e deixei-o tocar algumas vezes. Ao apanhar o fone, reconheci a voz do recepcionista:

– Desculpe-me, senhor – disse ele em tom muito pouco convincente –, pediu-me que o chamasse às cinco e meia ou às seis e meia...?

Tive vontade de reduzi-lo a um trapo. Dissimulei, porém, certo de que ao lado do recepcionista devia estar um dos agentes, se não os dois...

– Às seis e meia, por favor – respondi com voz seca e cortante.

– Desculpe-me, senhor, foi um erro...

Aceitei o pedido de desculpa e, por precaução, despi-me, liquidando o esquecido almoço. Eram cinco e meia da tarde. Se o FBI tinha engolido o ardil, concluindo que tudo não passara de uma confusão e que eu não havia saído do apartamento para nada, quem sabe aquelas últimas horas em Washington não fossem muito difíceis. Mas... e se não tivesse sido assim? Era necessário eliminar as dúvidas.

Então comecei a maquirar um novo plano. Era preciso checar até que ponto acreditavam em minhas palavras...

Minha preocupação, como é fácil perceber, concentrava-se na segurança dos documentos, que eu teria de manter a salvo a qualquer preço. Mas como? Passei mais de meia hora reconhecendo e explorando cada palmo do apartamento. No entanto, nenhum dos possíveis esconderijos pareceu-me suficientemente seguro. Cheguei até a desenroscar o bulbo do chuveiro, considerando a possibilidade de enrolar e ocultar parte do diário do Major no tubo que se projetava por mais de 35 centímetros para fora da parede do banheiro. Graças a Deus, o instinto ou a intuição, ou ambos, fizeram que eu temesse pelos papéis e, finalmente, acabei decidindo-me pela solução mais simples... e arriscada. Perfurei cuidadosamente o segundo cilindro e dele extraí outro pacote de folhas, igualmente protegido por uma capa plástica transparente, minuciosamente grampeada.

Atirei todos os grampos dentro da garrafa de vinho, que havia ficado meio vazia, e com a ajuda de várias tiras de fita adesiva preendi ambos os maços de

folhas no peito e nas costas. Depois de me vestir cuidadosamente, enchi os cartuchos com rolos de filme sem uso, depusitei-os no fundo da bolsa das câmeras e retirei os filmes de ambas as máquinas, substituindo-os por outros ainda virgens.

Meu propósito era sair do hotel ostensivamente e deixar o campo livre para os homens do governo. Corria o gravíssimo perigo de que eles optassem por seguir-me e deter-me, em vez de revistar meu apartamento. Nesse caso, os documentos voariam em questão de minutos... Para prevenir essa delicada circunstância, guardei no bolso da jaqueta e das calças os rolos de TRI-X e de diapositivos que havia tirado em minha recente investigação no México, assim como as imagens de Arlington. "No caso de uma busca –pensei –, sempre é melhor que encontrem primeiro os filmes. Talvez se deem por satisfeitos e se esqueçam do resto..."

Não que esse estratagema me tivesse convencido completamente; mas que outra coisa eu poderia fazer?

Cortei as extremidades dos filmes de uma dezena de rolos ainda sem usar, alinhei-as sobre a pequena escrivaninha, simulando tratar-se do produto de meu trabalho gráfico naqueles últimos dias.

Às seis e quinze apanhei uma folha de papel com o timbre do hotel e escrevi com traços descuidados:

Sexta-feira (6-11-81)... chamar D. Garzón às 13 horas (telefone 6525783).

Rasguei a folha em pedaços pequenos e os deixei cair na cesta de papéis metálica, depois de separar um dos quadradinhos em que se podia ler o seguinte: efone 6525. Coloquei essa parte do escrito no assoalho do apartamento, bem perto da cesta, como se, ao lançar os papéis rasgados, um deles houvesse caído por acaso fora do recipiente.

Esvaziei em seguida um dos cinzeiros no mesmo cesto de papéis e desarrumei as roupas da cama, amarrotando minuciosamente os lençóis.

Às seis e meia, como esperava, soou o telefone. O empregado, num tom muito mais amável, lembrou-me da hora.

– Muito obrigado – respondi, aproveitando a oportunidade para concluir meu plano. – Gostaria de ir a um cinema... Sabe se há algum por perto?

– Sim, senhor... Que tipo de filme deseja ver?

– Bem, já que é tão amável, vá verificando o senhor mesmo, que eu já desço.

Ao desligar o telefone, esfreguei as mãos. Apesar dos pesares, tudo aquilo me parecia eletrizante...

Por fim, e antes de deixar o apartamento, envolvi cuidadosamente meu caderno de notas em dois jornais, escondendo entre suas páginas a carta que eu havia resgatado no box número 21. Chequei a presença do passaporte, das passagens – ainda em aberto – de volta à Espanha, via Nova York, e de meus últimos trinta dólares. Abrindo a porta, empurrei a mesa-carrinho do almoço para o corredor. Depois, retirei o cartão de "Não perturbem" e fechei a porta atrás de mim. Ao encaminhar-me para o elevador, passei por uma bandeja com restos de

comida que havia sido colocada no chão, na frente do outro apartamento. Imediatamente lembrei-me dos grampos e, voltando, apanhei minha garrafa de vinho e a troquei pela daquele hóspede.

Uma vez no saguão, conversei sem pressa com o recepcionista, que, gentilmente e a meu pedido, acompanhou-me até a rua para indicar o caminho mais curto para o cinema. Fingi não ter entendido bem e o homem repetiu suas indicações em detalhes. Tanto ele como eu observávamos de esguelha o carro azul metálico que continuava estacionado a curta distância. Aquela comédia, na realidade, fazia parte da segunda etapa de meu plano. Eu queria que ficasse perfeitamente estabelecido que, no decorrer das horas seguintes, eu iria desfrutar pacificamente de um filme. E certamente era vital fazê-los notar minha "intenção".

Com as mãos nos bolsos e o "diário de campo" bem seguro sob o braço, camuflado entre os jornais, fui me afastando com ar distraído, como quem inicia um aprazível passeio. O peso dos papéis – em especial os do tórax – começava a me incomodar.

Duas ou três paradas, aparentemente casuais, diante de casas comerciais, foram mais do que suficientes para convencer-me de que os agentes não tinham saído do interior do automóvel. Com o mesmo passo displicente, desapareci da rua 17 em busca da movimentada avenida Pennsylvania, entre cujos restaurantes, galerias comerciais, pubs e cinemas é sempre mais fácil passar despercebido.

Comprei um ingresso e às sete e meia entrava em uma das salas de projeção. Mas minha intenção não era ver o filme. Passados quinze minutos e diante da indiferença do porteiro, abandonei o cinema e procurei uma cabine telefônica.

Ainda que estivesse muito próximo da rua 14, achei que era bem mais prudente chamar primeiro o escritório da agência Efe em Washington. Um dos jornalistas, velho amigo, desempenharia papel decisivo nessa última parte do plano. Como era de esperar, o primeiro número estava sempre ocupado. Chamei o segundo – 3323120 – e, por fim, consegui falar com a redação.

Não foi preciso dar muitas explicações. O companheiro e colega, cuja identidade, por razões óbvias, não posso revelar, intuiu que ocorria algo de anormal comigo e concordou em me ver imediatamente.

Ali pelas oito e meia da noite retrocedi até a McPherson Square e, convencido de que ninguém me seguia, dirigi-me rapidamente até o velho elevador do National Press Building, na mencionada rua 14 do setor NW da cidade. Meu amigo me aguardava no conjunto 969, sede da agência Efe.

Uma hora mais tarde, com o mesmo ar de despreocupação, eu empurrava a porta giratória do hotel. De bom grado e sem fazer muitas perguntas, o jornalista prometeu-me ajuda. Estaria em meu hotel às dez horas da manhã do dia seguinte, tal como havíamos combinado...

Minha intuição dessa vez não falhara. Ao aproximar-me da porta principal do hotel, percebi que o automóvel azul havia desaparecido.

Ao pedir minha chave na recepção, observei que os empregados eram outros. E

ainda que ultimamente andasse dominado por suspeitas e temores, o que vinha prejudicando meu senso de observação, compreendi que se tratava de um novo turno. Pedi que me despertassem às oito e meia da sexta-feira e, com um preocupante formigamento no estômago, subi ao sexto andar. Não podia apagar da mente a suspeitíssima circunstância de que o veículo do FBI não estava mais na porta do hotel. Que poderia ter ocorrido nessas três horas?

Não precisei de muito tempo para descobrir. Assim que fechei a porta do apartamento, meus olhos se fixaram na pequena escrivaninha. Os rolos virgens que eu deliberadamente havia alinhado sobre o tampo de cristal haviam desaparecido! Antes de proceder a uma rigorosa inspeção geral, abri a bolsa das câmeras e comprovei com alívio que minhas máquinas estavam lá. Não obstante e tal como eu havia suposto, também os rolos que eu substituíra no último momento haviam sido extraídos (possivelmente rebobinados) das respectivas caixas. O resto do equipamento estava intacto. Os cilindros de papelão, repletos de filmes, não pareciam ter chamado a atenção dos intrusos. Continuavam no fundo da bolsa, cobertos pelas minitoalhas verdes que eu costumo “tomar emprestadas” dos hotéis em que me hospedo e que, imitando o costume do meu mestre e compadre Fernando Mugia, uso para evitar choques e atritos entre câmeras e objetivas.

Tampouco as quatro ou cinco nêspas que eu colherea em Arlington haviam sido subtraídas pelos agentes. Porque, a essa altura, como pude confirmar minutos mais tarde, saltava aos olhos que meu apartamento havia sido revistado pelo FBI. (Ao menos uma vez na vida eu havia acertado completamente.)

Em uma primeira checagem, concluí que o resto de meus pertences – maleta, roupa, objetos de higiene etc. – continuava onde eu os havia deixado. Os indivíduos que tinham invadido o apartamento haviam agido com grande cautela, procurando não alterar a rígida ordem que sempre estabeleço ao meu redor.

Aqueles tipos buscavam informação – qualquer dado que pudesse estar relacionado com o Major ou com o “amigo” que eu dizia estar procurando – e isso eu não demoraria para confirmar.

Um pouco mais tranquilo depois do rápido inventário, examinei o cesto de papel em que deixara cair intencionalmente os pedacinhos de papel e as pontas de cigarro de um dos cinzeiros.

Os papezinhos continuavam no fundo do cesto. Aquele que eu deixara cair intencionalmente no chão, por um lamentável erro do agente, foi jogado dentro do cesto, junto com os demais... Conhecendo como conheço os serviços de informação, eu sabia que um dos lugares que sempre revistam é exatamente o cesto de papéis. A trama havia dado resultado. O agente, depois de reconstituir a folha de papel que eu havia picado, devolveu-a ao cesto com todo o cuidado para que os 28 fragmentos caíssem integralmente no recipiente.

Aquele estúpido representante do FBI havia, além disso, deixado sobre a cobertura de vidro da escrivaninha outro rastro seu. Como o leitor pode ter imaginado, meu gesto de esvaziar um dos cinzeiros no cesto de papéis – mais

especificamente sobre os papéis picados – não teve caráter higiênico, ainda que essa pudesse ser a primeira impressão...

Foi uma manobra calculada. E agora, ao examinar a tampa de vidro sobre a qual – isso era visível – havia sido minuciosamente reconstituída a folha de papel, não demorei em detectar a pegada do intruso.

Ao encaixar os fragmentos de papel, o agente não percebeu que uma mínima porção de cinza – suficiente para o meu objetivo – caíra sobre o vidro da mesa.

Uma vez decifrado o quebra-cabeça, o indivíduo devolvera os restos a seu lugar de origem, mas não tomara a precaução de limpar a superfície sobre a qual havia trabalhado.

Com a ajuda de uma minúscula lupa, Agfa Lupe 8x, que sempre me acompanha e é de muita utilidade para o exame de diapositivos, localizei num instante numerosas partículas, que outra coisa não eram senão parte da cinza que eu despejara sobre os papezinhos.

Se os agentes – como era fácil supor – haviam tomado nota do que eu tinha escrito no papel, era grande a possibilidade de que caíssem em um novo ardil...

Antes de deitar-me, e na suposição de que meu telefone estivesse “grampeado”, disquei o número da Chancelaria Espanhola e disse à pessoa que me atendeu que eu era amigo do senhor Garzón, conselheiro de Informação; e pedi que, por favor, deixasse-lhe um recado escrito de que eu lhe telefonaria por volta das 13 horas do dia seguinte. Dessa forma e na hipótese mais do que possível de que minha conversa tivesse sido gravada, o FBI receberia a confirmação do que sem dúvida seus homens haviam lido em meu apartamento.

Deixei praticamente pronta a mala e decidi repousar. Ao preparar-me para escovar os dentes, porém, tive outra surpresa. Aqueles malditos agentes haviam perfurado, de lado a lado e em três pontos, o tubo da pasta de dente. Examinei o creme de barbear e, como previra, ele também estava perfurado.

“Do que terão sido e do que serão capazes estes ‘gorilas’?” – comecei a perguntar-me com inquietação.

Naquela noite, por precaução, usei a tranca e escorei a porta com a única cadeira existente no apartamento. Como último cuidado, decidi não desprender os documentos do corpo. Contrariando minha previsão, aquela incômoda carga não impediu que o sono acabasse por me vencer. Engraçado... Era a primeira vez que eu dormia com um “segredo de Estado”... Colado no peito e nas costas.

De acordo com o plano traçado na tarde anterior na sede da agência de notícias Efe, às dez da manhã em ponto da sexta-feira entreguei a chave de meu apartamento na recepção e procurei um dos táxis estacionados na porta do hotel.

Depois de tomar o café da manhã no apartamento, enchi os cartuchos de papelão com parte de minha roupa suja – lenços e meias, principalmente –, fechei-os de novo e escrevi em cada um deles meu nome e endereço em Viscaya. E ainda que o tempo em Washington estivesse fresco e ensolarado, vesti uma capa clara.

Com ascâmeras no ombro e os cilindros do Major nas mãos, entrei no táxi e

mandei que o motorista me levasse à central dos correios.

Se os agentes do FBI seguiam meus movimentos, aqueles cartuchos e meu amigo jornalista iriam ajudar-me a jogá-los para escanteio.

Às 10h30, o motorista parava o carro na frente do edifício do correio. Com a promessa de uma excelente gorjeta, o homem concordou em esperar-me por alguns momentos, o tempo justo de franquear e registrar ambos os pacotes. Ao saltar do carro, observei que um automóvel preto o ultrapassava e estacionava uns oitenta ou cem metros adiante.

Com o pressentimento de que os ocupantes daquele carro tinham muito a ver com quem havia invadido e revistado meu apartamento na noite anterior, entrei no correio, muito concorrido àquela hora. Graças a Deus, meu amigo já estava a minha espera no interior do edifício. Com toda a pressa e ante os olhos atônitos de uma jovencinha que preenchia não sei que impressos na mesma mesa em que eu me havia reunido com meu amigo, tirei a gabardine e a entreguei a ele. Escrevi o número da placa do táxi em um dos formulários que se alinhavam nos escaninhos, dei-lhe o papel e o adverti – em castelhano – de que tivesse cuidado com o carro que eu havia visto estacionar a pouca distância do táxi.

Obedecendo ao plano previamente traçado, meu colega vestiu a gabardine e se retirou, enquanto eu me metia no meio da multidão em direção ao guichê de despacho de pacotes. Se tudo corresse bem, em cinco minutos o jornalista deveria entrar no táxi que esperava por mim. Com o objetivo de tornar ainda mais fácil sua identificação, eu lhe havia pedido que fosse ao correio com uma bolsa da mesma cor e o mais possível parecida com a que eu carregava habitualmente.

Quando o funcionário recolheu os cartuchos, fui até a porta e vi que o táxi e o carro preto tinham desaparecido.

Sem perder um minuto sequer, encaminhei-me para a estação do metrô da Gallery Place. Dali, seguindo a linha McPherson-Farragut West, desci na estação de Foggy Bottom. Eram 11h30.

Uma hora depois, outro táxi me deixava no Aeroporto Nacional de Washington. Ou eu muito me enganava, ou os agentes do FBI estavam a ponto de levar um solene blefe... Às 13h25 daquele agitado dia, o voo 104 da empresa BN me tirava – enfim – da Capital Federal.

Difícilmente consigo descrever aquelas últimas quatro horas no aeroporto de Nova York. Se meu amigo não tivesse conseguido ludibriar os obstinados agentes norte-americanos, minha segurança – e pior, meu tesouro – corriam grave risco.

Às quatro da tarde em ponto, tal como havíamos combinado, telefonei para a Efe em Washington. Meu cúmplice, cuja audaciosa cooperação nunca poderei agradecer suficientemente, saudou-me com a contrassenha que só ele e eu conhecíamos:

– “De Santurce a Bilbao...?”

– “Vou pela orla...” – respondi, com a voz entrecortada pela emoção. Aquilo significava, entre outras coisas, que nosso plano havia funcionado.

Em quatro palavras, meu contato me pôs a par do que acontecera desde o momento em que tomara o táxi. Minhas suspeitas eram fundadas: o carro preto que havia estacionado a curta distância da fachada do correio retomara sua discreta perseguição. Os agentes, que eram três, não podiam imaginar que meu amigo havia ocupado meu lugar e que toda aquela trama não tinha outro objetivo senão permitir minha saída do país.

Seguindo as indicações do novo passageiro e ante o presumível desespero dos homens do FBI, o motorista – que viu a tarifa da corrida crescer subitamente com uma inesperada gorjeta de cinquenta dólares (gorjeta que, segundo meu amigo, deixara-o temporariamente surdo e mudo) – conduziu seu veículo até o interior da Chancelaria Espanhola, no 2700 da rua 15. Ali permaneceram até às 13h30. E a essa hora, um dos voos regulares decolava de Washington e me conduzia a Nova York, como já me referi.

Ao verem o táxi reaparecer com outros dois ocupantes, o desconcerto dos “gorilas” – que haviam esperado pacientemente pela saída do veículo – deve ter sido memorável. Meu amigo, que havia deixado a capa e a bolsa no interior da chancelaria, meteu um gorro vermelho na cabeça e saiu acompanhado por um funcionário amigo seu.

Os agentes do FBI tinham mordido novamente a isca e, acreditando que eu continuava no interior da embaixada, permaneceram a minha espera.

“É possível – comentou divertido o repórter da Efe – que ainda estejam lá...”

Às 19h15, com os documentos firmemente presos ao peito e às costas e – por que negar? – quase à beira de uma taquicardia, era eu erguido a 10 mil metros, no voo 904 da TWA, rumo à Espanha. No dia seguinte, sábado, confirmada minha aterrissagem em Madri-Barajas, meu colega apresentou-se no hotel, recolheu minha mala e saldou minha conta. Certamente e tal como eu suspeitara, os cilindros de papelão que eu havia postado em Washington jamais chegaram ao seu destino.

Como eu estava enganado! Minhas angústias não haviam terminado com o resgate do diário do Major. Foi a partir de sua leitura que meu espírito foi envolvido por toda sorte de dúvidas...

Há dois anos, sempre mantendo o mais impenetrável sigilo, venho realizando mil diligências para confirmar a veracidade de tudo o que o falecido piloto da USAF deixou escrito. Apesar dos esforços, porém, pouco consegui. A natureza do projeto é tão fantástica que, mesmo supondo que tudo tenha sido real, a lápide do “segredo de Estado” o terá sepultado e tornado inacessível. Algo a que soviéticos e norte-americanos – diga-se de passagem – têm nos acostumado – e muito –, desde que se empenharam em sua louca corrida armamentista. Não é preciso ser muito perspicaz para compreender que, tanto na conquista do espaço quanto no desenvolvimento do material bélico, uns e outros ocultam boa parte da verdade – e o que é pior: não sentem o menor pudor na hora de mentir e desmentir. Não é de estranhar, portanto, que uma cortina de ferro tenha descido sobre o projeto

relatado pelo Major em seu legado.

No presente trabalho concluí a transcrição – o mais fiel possível – das primeiras 300 folhas do total de 500 que ambos os cilindros continham. Ainda que, por enquanto, eu não vá revelar o resto do projeto, posso adiantar, isso sim, que ele obedece a um denominador comum: uma “grande viagem”, tal como a definiu o próprio Major. Uma viagem que faria empalidecer Júlio Verne...

Não sou tolo, certamente, para crer que, com o achado e o posterior traslado desses documentos para fora dos Estados Unidos, os riscos tenham cessado. Ao contrário. É precisamente agora, com sua exposição pública, que os serviços de inteligência podem apertar seu cerco em torno deste inocente jornalista. É um perigo que assumo, não sem certa preocupação...

Mas, como um homem prevenido vale por dois, após uma fria avaliação do assunto, também eu tomei certas “precauções”. Uma delas – sem dúvida a mais importante – foi depositar os originais do projeto em uma caixa de segurança num banco, em nome de meu editor, José Manuel Lara. Na suposição de que eu viesse a ser “eliminado”, os documentos seriam publicados ipso facto.

Naturalmente, mal pisei na Espanha, uma de minhas primeiras preocupações, além de colocar a salvo ambas as documentações originais, foi fotocopiar as 500 folhas que eu havia tirado de Washington.

Para evitar ao máximo o risco do “desaparecimento” do diário, uma das reproduções foi guardada – junto com os documentos oficiais que me haviam sido entregues em 1976 pelo então general-chefe do Estado-Maior, Dom Felipe Galarza³ – em outra caixa de segurança, em nome de um velho e leal amigo, residente em uma cidade costeira da Espanha.

Ao longo desses dois anos, como já disse, fiz numerosas consultas, especialmente a cientistas e médicos, na tentativa de esclarecer, pelo menos, a parte ficcional de ambas as “viagens”. A bem da verdade, devo dizer que os primeiros se mostraram céticos quanto à possibilidade da materialização de tal projeto. Apesar disso, e antes de passar ao diário propriamente dito, quero deixar claro que meu dever como jornalista começa e termina precisamente com a obtenção e difusão da notícia. Ao leitor – e quem sabe aos homens do futuro, tal como ocorreu com Júlio Verne –, caberá extrair suas próprias conclusões e entregar sua confiança ou não ao que vai encontrar nas próximas páginas.

Seja como for – e com isto concluo esta apresentação –, se a “grande viagem” do Major não passou de um sonho desse homem estranho e atormentado, que Deus abençoe os sonhadores.

³ Essas trezentas folhas fazem parte das doze investigações secretas da Força Aérea Espanhola sobre casos de OVNI's na Espanha e foram publicadas no livro: OVNI's: Documentos Oficiais do Governo Espanhol. (N. de J. J. Benítez)

O diário

Hoje, 7 de abril de 1977, ano de meu retiro voluntário para a selva de Yucatán, pela morte de meu irmão... e quarto ano de nosso regresso da "grande viagem", peço humildemente ao Todo-Poderoso que me conceda a vida e as forças necessárias para deixar por escrito tudo o que conheci e contemplei – pela infinita misericórdia de Deus – na Palestina.

É meu desejo que este testemunho seja divulgado entre os homens de boa vontade – crentes ou não – que, como nós, caminham em busca da verdade.

Há mais de um ano sei que minha morte está próxima – como também sabia meu irmão na "grande viagem". Por isso, obedecendo a seus reiterados pedidos e aos impulsos cada vez mais firmes de minha própria consciência, resolvi ordenar minhas anotações, lembranças e sensações. Espero que a pessoa ou as pessoas que algum dia possam ter acesso a este humilde e sincero diário façam delas minha vontade de permanecer no mais rigoroso anonimato – como meu irmão. Não somos nós os protagonistas, mas sim "ELE".

Não é fácil resumir os anos que precederam a definitiva arrancada para a "grande viagem". E ainda que nunca tenha sido meu propósito revelar os programas e projetos confidenciais de meu país, aos quais tive acesso na minha condição de militar e membro ativo, até 1974, da OAR (Office of Aerospace Research),⁴ entendo que, antes de oferecer os frutos de nossa experiência em Israel, devo relatar a todos os que leiam este informe alguns dos fatos anteriores àquele histórico janeiro de 1973.

Devo também advertir que, dadas a natureza do descobrimento realizado por nossos cientistas e as dramáticas consequências que poderiam advir de sua utilização errônea ou deliberadamente negativa, meus esclarecimentos preliminares terão caráter meramente descritivo. Como mencionei antes, não é o meio o que importa neste caso, mas os resultados que prazerosamente decidimos alcançar. Descarrego, assim, meus escrúpulos de consciência e confio em que, algum dia – se a humanidade vier a recuperar seu perdido senso de justiça e de valores do espírito –, os responsáveis por este sublime achado o deem a conhecer ao mundo na íntegra.

Foi na primavera de 1964 que, confidencialmente e por pura casualidade, chegou aos meus ouvidos a existência de um ambicioso e revolucionário projeto, sob os auspícios da AFOSI e da AFORS,² no qual trabalhava fazia anos uma numerosa equipe de peritos do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT).

Eu havia sido selecionado em outubro de 1963, com outros treze pilotos da USAF, para um dos projetos da NASA. Na qualidade de médico e engenheiro em

física nuclear e por continuar pertencendo à OAR, encomendaram-me um trabalho específico de supervisão do chamado VIAL, o Veículo para a Investigação da Aterrissagem Lunar. Naquela primavera de 1964, duas dessas curiosas máquinas voadoras em que se realizaram os primeiros ensaios para as futuras alunissagens do projeto Apolo chegaram, enfim, ao lugar para onde eu havia sido designado: o Centro de Investigação de Voos da NASA, na base de Edwards, das forças áreas norte-americanas, oitenta milhas ao norte de Los Angeles.

Naquela paisagem desolada, em pleno coração do deserto de Mojave, permaneci até fins de 1964, quando foram concluídas com êxito as provas preliminares de voo dos VIALs.

Não preciso repetir que essas provas e outros projetos, em especial os da USAF, haviam sido qualificados como "altamente secretos". O ingresso no interior da base e, em particular, no recinto das experiências, era limitado ao pessoal especificamente credenciado.

Durante meses convivi com outros candidatos a astronautas, oficiais cientistas e técnicos – todos eles de posse da top secret security clearance,⁵ quando então chegou aos meus ouvidos um fantástico projeto: a Operação Swivel ("Eslabão").

Uma vez concluído meu trabalho em Edwards, a NASA achou que eu devia me incorporar ao Centro Marshall de voos espaciais. Minha verdadeira vocação tem sido sempre a pesquisa. Concretamente, o jovem "mundo" da teoria unificada das partículas elementares. Todavia, minhas preocupações naquele dezembro de 1964 vagavam por outros rumos. Os custos da NASA haviam começado a disparar e o Centro Marshall trabalhava dia e noite para descobrir novos sistemas ou fontes de energia que barateassem as custosas baterias "químicas" dos projetos Explorer, Mercury e Gemini.

Uma semana antes do Natal, por causa de meu trabalho, tive de viajar de novo para Edwards. Durante um dos almoços com o pessoal especializado, conheci o novo chefe do projeto Swivel, o general..., um homem sereno, de brilhante inteligência, que soube escutar pacientemente minhas perguntas e meus lamentos sobre a miopia mental de algumas altas figuras da NASA, que haviam rejeitado mais de uma vez minhas sugestões sobre a necessidade de substituir as antiquadas baterias químicas por células de combustível ou baterias atômicas.

O general pareceu interessado por alguns dos detalhes das pilhas atômicas, e eu, reconheço, exagerei, saturando-o com uma chuva de dados e informações em torno das excelências do plutônio 238, do cúrio 244 e do proméio 147... Antes de levantar-se, o general me fez uma única pergunta: "Quer trabalhar comigo?"

Graças aos céus, minha resposta foi um fulminante "sim".

Dessa forma, em janeiro de 1965, abandonei definitivamente a NASA para incorporar-me ao módulo de experiências da USAF, em Mojave. Eu havia conhecido boa parte dos cientistas e militares que se haviam ocupado daquele fantástico projeto durante minha estada anterior na base de Edwards. Isso facilitou as coisas. Minha integração definitiva na Operação Swivel foi rápida e total.

Durante os primeiros meses, meu papel – de acordo com os desejos do general que me havia contratado e a quem de agora em diante chamarei pelo codinome “Curtiss” – centrou-se numa frenética pesquisa em torno de um sistema auxiliar de abastecimento de energia, mediante uma bateria atômica chamada SNAP-9A – sigla de Systems for Nuclear Auxiliary Powers.⁶

Por aquela época, o projeto já havia superado as primeiras e obrigatórias fases de experimentação, as quais tinham sido realizadas sempre dentro do mais férreo segredo – entre 1959 e 1963. Nunca soube e tampouco me preocupei demais com isso – quem fora o promotor ou descobridor do sistema básico que permitira conceber semelhante aventura. Em algumas de minhas frequentes conversas com o general Curtiss, ele me contou que, embora houvessem participado da equipe inicial, alguns dos veteranos cientistas do projeto Manhattan, que gerou a bomba atômica, “a mudança de critérios em relação à natureza das erroneamente chamadas partículas elementares ou subatômicas procedia da Europa”. Ao que parece, as forças áreas norte-americanas, por meio da CIA, haviam recebido da Europa Ocidental uma série de documentos nos quais se falava de uma brusca virada de 180 graus na interpretação da física quântica.

Em síntese – já que não é minha intenção aqui tratar excessivamente de questões puramente técnicas –, o sistema básico que havia impulsionado a operação consistia na descoberta de uma entidade elementar, abundante no Cosmo, na qual a ciência não havia reparado até aquele momento e que era – e seria no futuro – a “pedra angular” para uma melhor compreensão da formação da matéria e do próprio Universo.

Tal entidade elementar – que foi batizada com o nome de swivel – evidenciou que todos os esforços da ciência para detectar e classificar novas partículas subatômicas nada mais eram do que uma estéril miragem. A razão disso, minuciosamente comprovada pelos homens da operação na qual trabalhei, era tão simples quanto espetacular: um swivel tem a propriedade de alterar a posição ou orientação de seus hipotéticos “eixos”⁷ e transformar-se, com isso, em um swivel diferente.

A descoberta deixou perplexos os poucos iniciados, arrastando-os irremediavelmente a uma visão muito diferente do espaço, da configuração íntima da matéria e do tradicional conceito de tempo.

O espaço, por exemplo, não podia mais ser considerado um “contínuo escalar” em todas as direções. O descobrimento do swivel derrubava as velhas abstrações de “ponto”, “plano” e “reta”. Não são esses os verdadeiros componentes do Universo. Cientistas como Gauss, Riemann, Bolyai e Lobatschewsky ampliaram genialmente os restritos critérios de Euclides, elaborando uma nova geometria para um “n-espço”. Nesse caso, o auxílio da matemática resolvia o grave obstáculo da percepção mental de um corpo de mais de três dimensões. Nós havíamos suposto um Universo em que os átomos, partículas etc., formam as galáxias, sistemas solares, planetas, campos gravitacionais e magnéticos etc. Mas o achado do swivel

e sua ulterior comprovação trouxeram-nos uma visão muito diversa do Cosmo: o espaço não é outra coisa senão um conjunto associado de fatores angulares, integrados por cadeias de swivels. Segundo esse critério, poderíamos representar o Cosmo não como uma reta, mas como um enxame dessas entidades elementares. Graças a tais alicerces, os astrofísicos e matemáticos recrutados pelo general Curtiss para o projeto Swivel foram verificando com assombro que em nosso Universo conhecido registra-se periodicamente uma série de curvaturas e ondulações que oferecem uma imagem geral muito diferente da que sempre havíamos tido.

Mas não quero desviar-me do objetivo principal que me impeliu a escrever estas linhas. No início de 1960, e como consequência de um maior aprofundamento na observação dos swivels, uma das equipes do projeto concretizou outra descoberta que, em minha opinião, constituirá um marco histórico no mundo: por meio de uma tecnologia que não posso revelar, esses hipotéticos eixos de entidades elementares tiveram sua posição invertida. O resultado encheu de espanto e, ao mesmo tempo, de alegria todos os cientistas: o minúsculo protótipo sobre o qual havia sido feita a experiência desaparecera da vista dos pesquisadores, mas o instrumental continuava detectando sua presença.

A partir daí, todos os esforços se concentraram no aperfeiçoamento do processo de inversão dos swivels. Quando eu me incorporei ao projeto, o general me explicou que, com alguma sorte, em poucos anos estaríamos em condições de realizar as mais sensacionais explorações... no tempo e no espaço...

Pouco tempo depois, pude compreender o verdadeiro alcance de suas afirmações.

Ao multiplicar nossos conhecimentos sobre os swivels e dominar a técnica de inversão da matéria, surgiu diante da equipe uma fascinante realidade: "além" ou "do outro lado" de nossas limitadas percepções físicas, há outros universos (as palavras só servem para amordaçar a descrição desses conceitos) tão materiais e tangíveis como o que conhecemos (?). Em sucessivas experiências, os homens do general Curtiss chegaram à conclusão de que nosso Cosmo possui uma infinidade de dimensões desconhecidas. (Matematicamente, foi possível a comprovação de dez.)

Dessas dez dimensões, três são perceptíveis por nossos sentidos e uma quarta – o tempo – nos chega aos órgãos sensoriais como uma espécie de "fluir", em um único sentido, que poderíamos definir grosseiramente como "flecha ou sentido orientado do tempo".

Nessa torrente de informações, surgiu diante de nossos atônitos olhos outro descobrimento que algum dia mudará a perspectiva cósmica e que batizamos como nosso cosmo "gêmeo".⁸

A mim, pessoalmente, assim como ao general-chefe do projeto, o que cativou mesmo foi o novo conceito de "tempo". Ao se manipularem os eixos dos swivels, comprovou-se que essas entidades elementares não "sofriam" o passar do tempo!

Elas eram o tempo!

Longas e laboriosas investigações ressaltaram, por exemplo, que o que chamamos de “intervalo infinitesimal de tempo” não era outra coisa senão uma diferença de orientação angular entre dois swivels intimamente ligados. Aquilo constituiu um autêntico cataclismo em nosso conceito de tempo.⁹

Não foi muito difícil detectar que, por um desses milagres da natureza, os eixos do tempo de cada swivel apontavam em uma direção comum... para cada um dos instantes que poderíamos definir puerilmente como o “meu agora”. No instante seguinte, e no seguinte, e no seguinte – e assim sucessivamente –, esses eixos imaginários variavam sua posição, fazendo passar diferentes “agoras”. E o mesmo ocorria, obviamente, com os “agoras” que chamamos de “passado”. Aquele potencial – simplesmente ao alcance de nossa tecnologia – nos fez vibrar de emoção, ao imaginarmos as esplêndidas possibilidades de “viagens” ao futuro e ao passado.¹⁰

A partir desse momento (1966), o projeto subdividiu-se em três ambiciosos programas.

Ainda que estreitamente vinculadas, as três equipes trabalharam no desenvolvimento de módulos que nos permitiram a exploração – sobre o “terreno” – em três direções bem distintas:

Em primeiro lugar, com uma “viagem” a outro marco dimensional dentro de nossa própria galáxia.¹¹

Em segundo lugar, forçando os eixos do tempo dos swivels para a frente e transladando todo um laboratório, incluídos os astronautas, para nosso futuro imediato.

E por último, por meio de um processo contrário, situando outro módulo ou laboratório no passado da Terra.

Eu fui designado para esse terceiro projeto, batizado de Cavalo de Troia, e a ele – e a tudo o que lhe dizia respeito até que se consumasse, em janeiro de 1973 – é que vou me referir nesta primeira parte do diário.

De 1966 a 1969, nosso módulo (conhecido entre os membros da equipe como “berço”, por sua semelhança com esse móvel), experimentou sucessivas modificações, até alcançar um volume suficientemente grande para abrigar dois tripulantes.

A atenção do pequeno grupo de cientistas selecionados para a Operação Cavalo de Troia fixou-se, durante muitos meses, na consecução de um sistema que permitisse a manipulação total e segura dos eixos do tempo dos swivels de todo o “berço”, tanto manual quanto eletronicamente.

Finalmente, com a colaboração da Bell Aerosystems Co, de Niagara Falls – a mesma empresa que desenhou e construiu o ML, ou módulo lunar, para o projeto Apollo –, nós nos vimos com um laboratório de dez pés de altura, quatro pontos de apoio extensíveis, de treze pés cada um, e peso total de 3 mil libras.

A diferença entre o módulo do primeiro projeto que citei (cuja operação foi

batizada de Marco Polo) e o nosso era que o “berço” dispensava um sistema de propulsão. A manobra de inversão de todas as subpartículas atômicas do “berço”, incluindo seu recinto geométrico, seus ocupantes e a totalidade dos gases, fluidos, etc. que o integram, podia ser efetuada “a seco”, quer dizer, sem que o habitáculo e seus pés de sustentação tivessem de se mover do local escolhido. Nosso hábitat de trabalho em todos aqueles anos (o coração salitroso do deserto de Mojave) reunia, além disso, outro requisito de grande importância para as primeiras e decisivas experiências da Operação Cavalo de Troia. Os informes geológicos nos tranquilizaram bastante ao nos assegurar que aquela zona – apesar de estar ao longo da placa tectônica norte-americana, de grande atividade telúrica – não havia sofrido grandes mudanças desde o final do período jurássico, há mais de 135 milhões de anos, quando ocorreu a chamada “perturbação Nevadiana”. Apesar disso tudo, como medida complementar, o “berço” foi provido de um equipamento auxiliar de propulsão, que consistia num motor gêmeo do motor do VIAL no qual eu havia trabalhado em 1964. A General Electric nos forneceu um motor principal (de turbina a jato, CF-200-2V), que foi montado verticalmente e permitia um rápido e seguro movimento ascensional.¹²

Essas medidas de segurança, que na verdade foram muito pouco utilizadas, são de grande importância. Uma de nossas obsessões, enquanto íamos projetando a primeira “grande viagem” do projeto Cavalo de Troia, era a orografia do terreno escolhido para o salto ao passado. Se nossos informes técnicos estivessem errados quanto à configuração física e geológica do ponto de contato, a inversão dos eixos do tempo dos swivels poderia ter um resultado catastrófico. O “berço”, por exemplo, pousado no século XX em uma planície, poderia desintegrar-se se “aparecesse” – por engano – no interior de uma montanha que no passado houvesse ocupado o espaço que no presente estávamos utilizando como ponto de contato.

Portanto, após uma infinidade de cálculos e estudos, nós, os homens do general Curtiss, concordamos de bom grado que, salvo raras exceções, a fase de inversão deveria ocorrer sempre no ar, em estado estacionário. Uma vez localizado eletrônica e visualmente o ponto de contato, o “berço” poderia aterrissar com toda a comodidade, sem risco algum de choque ou desintegração.

As primeiras provas de voo do “berço”, cujo equipamento de inversão de massa foi suprimido na ocasião por razões elementares de segurança, foram realizadas pelo então piloto-chefe de investigações do Centro da NASA em Edwards, Joseph A. Walker, já falecido, que em 1964 e 1965 dirigiu ou participou de mais de 24 voos experimentais do VIAL. Ele conhecia bem os sistemas de propulsão dos simuladores do módulo de alunissagem, e seu veredicto foi positivo: o “berço”, apesar de seu inusitado aspecto, respondia com docilidade.

Em 1969, após uma centena de ensaios bastante satisfatórios, a equipe fixou definitivamente em oitocentos pés a altitude ideal para realizar a inversão de massa. O tempo médio consumido na operação de decolar e estacionar, antes da

fase da inversão, foi fixado em cinco minutos.

Por fim, no outono de 1969, o general deu luz verde, e quatro dos singulares astronautas que formavam a primeira equipe de “voo ao passado” tiveram a sorte de experimentar até seis retrocessos no tempo – e eu estava entre eles. Todos sempre executados por dois de nós e no “estacionário” convencionado (a 800 pés de altura), em pleno deserto de Mojave.

Tratar agora dessas experiências fascinantes me afastaria muito de meu verdadeiro propósito. Deixarei, portanto, de descrevê-las, até porque elas ficaram minuciosamente registradas em diversos informes, atualmente em poder da Air Force Office of Spacial Investigations e – infelizmente – da DIA (Defense Intelligence Agency).

Destaco, no entanto, que o delicado sistema de retrocesso e ajuste dos eixos do tempo dos swivels nas datas programadas pela equipe mostrou-se assombrosamente preciso, graças à revolucionária rede de computadores¹³ que desde o começo havia sido utilizada para localização dos swivels e que, depois, foi incorporada ao sistema de inversão de massa.

Como é natural, de pouco teria servido aquele gigantesco esforço se nossa tecnologia não se mostrasse capaz de modificar os eixos dos swivels, principalmente os eixos do tempo, forçando-os a novas direções. A rede de computadores, por meio de um complexo processo, chegou a aperfeiçoar esse “traslado” dos “eixos” – e, em definitivo, do módulo – com uma margem de erro de “duas horas para mais ou para menos” nas datas desejadas.

E, enfim, chegou o grande dia. O general Curtiss nos convocou para uma reunião extraordinária.

Os homens da Operação Cavalo de Troia – sempre sob o comando de Curtiss – tinham projetado meia dezena de “viagens”, cada uma mais fascinante que a outra. Não obstante, a lógica e o rigoroso senso de ordem tornavam pouco recomendável pôr em marcha vários projetos simultaneamente. Era preciso decidir por uma primeira exploração, sem, no entanto, relegar ao esquecimento os demais projetos. Três longas horas de debate e, por unanimidade, a cúpula de cientistas e especialistas, em reunião extraordinária na base de Edwards, elegeu três “momentos” da história da humanidade como candidatos possíveis e imediatos para uma eleição final. Era 10 de março de 1971.

Os três objetivos em questão foram:

1º – Março-abril do ano 30 de nossa Era. Justamente os últimos dias da paixão e morte de Jesus de Nazaré.

2º – O ano de 1478. Local: ilha da Madeira. Objetivo: averiguar se Cristóvão Colombo pôde receber alguma informação confidencial de algum pré-descobridor da América sobre a existência de novas terras, assim como sobre a rota a seguir para alcançá-las.

3º – Março de 1861. Local: os próprios Estados Unidos da América do Norte.

Objetivo: conhecer com exatidão os antecedentes da Guerra de Secessão e o pensamento do recém-eleito presidente Abraham Lincoln.

Cada um dos projetos havia sido preparado de modo exaustivo, nos mínimos detalhes. Eu encabeçava os que defendiam inflamadamente a segunda das "viagens". Por intermédio de numerosas leituras e contatos com peritos da Universidade de Yale, eu havia me convencido de que Colombo não fora o primeiro descobridor das terras americanas – e aquela era uma oportunidade magnífica para conhecer a verdade. Mas tanto a "viagem" à Guerra de Secessão quanto a "viagem" à ilha portuguesa acabaram por ser descartadas, em benefício da primeira: a volta no tempo ao ano 30 de nossa Era. Apesar do natural aborrecimento dos defensores dos projetos eliminados, todos nós reconhecemos que o risco na "grande viagem" à Jerusalém de Cristo era sensivelmente inferior ao de ir à Guerra de Secessão ou ao século XV. No caso da exploração dos tempos de Lincoln, os astronautas poderiam correr riscos físicos, e nem o general Curtiss nem os demais componentes da Operação Cavalo de Troia estávamos dispostos a arriscar a segurança de nossos homens. Quanto à "viagem" que eu propugnava, foi determinante a falta de precisão quanto à data exata em que o navegador pioneiro chegou com sua caravela à ilha da Madeira. Nosso apontar histórico, ainda que rigoroso, continha uma inevitável margem de erro.¹⁴

Como se fôssemos um só homem, a partir daquela última e decisiva determinação, os 61 membros da equipe do Cavalo de Troia, de exploração do passado, voltamo-nos com toda a disposição para o desafio de nossa primeira aventura oficial no tempo.

Não vou negar que, naquelas semanas que se seguiram a minha escolha pelo general Curtiss para tripular o "berço" e "descer" no tempo de Jesus de Nazaré, meu estado de espírito ficou profundamente alterado. Apesar da inegável satisfação de ter sido escolhido para participar da primeira dupla de "exploradores" a viajar para outra época, a responsabilidade de tão complexa operação me oprimia – e muitos dias foram necessários para que eu me adaptasse e assimilasse serenamente meu compromisso.

Nunca soube com exatidão por que o chefe do projeto Swivel me escolhera para aquela "grande viagem". É bem possível que, na hora de avaliar conhecimentos e condições pessoais, outros companheiros tivessem tido mais méritos. Curtiss, em uma das inúmeras entrevistas que tivemos antes de minha designação, deixou entrever que a natureza da exploração exigia, fundamentalmente, a presença de um homem cético em matéria religiosa. Ao contrário de muitos membros da equipe, eu não militava em igreja ou movimento religioso nenhum, sendo patente meu caráter agnóstico. Por minha rígida formação científica e militar – e ainda que tenha sempre procurado respeitar as crenças e inclinações religiosas dos outros –, eu não havia sentido jamais a menor necessidade de buscar refúgio ou alento em ideias transcendentais.

Eu não podia imaginar o que o destino me reservava! E tive de reconhecer,

concordando com o general, que, de fato, a objetividade era uma das condições básicas para desempenhar com um mínimo de rigor aquela “observação” da história.

Meu trabalho naquele “traslado” ao ano 30 – do mesmo modo que o de meu parceiro – exigia a aceitação e o cumprimento de uma norma que se havia convertido em regra de ouro para toda a equipe do projeto Cavalo de Troia: os exploradores não podiam, sob pretexto algum, nem sequer o da sobrevivência, exercer alteração, mudança ou influência nos homens, grupos sociais ou circunstâncias que seriam o objetivo de nossas observações ou que simplesmente pudessem surgir no transcurso da operação. Qualquer hesitação na hora de assumir essa premissa principal seria motivo para uma fulminante expulsão do grupo de exploradores. Essa regra inviolável já pressupunha a absoluta objetividade dos observadores. Não obstante, num traço de sutil prudência, o general preferiu que, no nosso caso, a objetividade fosse primordialmente uma especial assepsia em matéria religiosa.

É fácil compreender que um meio tão poderoso como a manipulação dos eixos do tempo dos swivels poderia ser muito perigoso se caísse em mãos de indivíduos sem escrúpulos ou com visão fanática ou facciosa da história. Nas seis primeiras inversões de massa, realizadas em caráter puramente experimental no deserto de Mojave, comprovou-se que a transferência do módulo a épocas remotas não alterava a natureza física nem afetava o psiquismo ou a memória dos tripulantes. Estes, enquanto durou o “salto para trás”, estiveram todo o tempo conscientes de sua identidade e da época a que pertenciam. O grupo discutiu a fundo e com toda a honestidade as gravíssimas repercussões que poderiam advir – para uma pessoa ou para uma coletividade – da trágica circunstância de que “alguém” de uma época passada pudesse ser morto, por exemplo, em uma disputa com algum de nossos exploradores. Se o princípio causa-efeito fosse uma realidade, os resultados históricos poderiam ser funestos.

Por isso, nossa missão – acima de tudo – somente poderia ter como objetivo a observação e a análise de fatos, personagens ou épocas escolhidas. E isso já não era pouco...

Para sorte do projeto Cavalo de Troia, nossas relações com o Estado de Israel eram as melhores possíveis, em especial a partir da Guerra dos Seis Dias. Era essencial para a realização da “grande viagem” que o “berço” pudesse ser trasladado à Palestina e para pousar no “ponto de contato” escolhido. E tudo sem despertar suspeitas. Mas eu pouco posso falar sobre essas gestões, que ficaram inteiramente a cargo do general Curtiss. Só no final, quando faltavam apenas dois meses para a contagem regressiva, é que nós, os mais chegados ao chefe do projeto, ficamos sabendo dos obstáculos surgidos, das duras condições impostas pelo governo de Golda Meir e das frustradas, mas irritantes, tentativas da CIA para arrebatá-lo o controle da operação.

Aqueles embates à sombra dos despachos e da burocracia estatal passaram

despercebidos a mim e ao resto da equipe, absorvidos que estávamos com a última fase dos preparativos da aventura. (Agora dou graças a Deus por essa excessiva ignorância...)

Nos meses restantes de 1971, assim como durante quase todo o ano de 1972, meu centro de operações mudou visivelmente. Nesses dois anos, meu tempo se dividiu entre a aldeia de Ma'lula, a Universidade de Jerusalém e a base de Edwards. A Operação Cavalo de Troia compreendia duas fases perfeitamente claras e definidas.

Na primeira, o módulo sofreria o já conhecido processo de inversão de massa, forçando os eixos do tempo dos swivels até o dia, mês e ano previamente fixados. Nesse primeiro passo, como é lógico, meu companheiro e eu permaneceríamos a bordo até o "ingresso" na data designada e definitivo assentamento no ponto de contato.

A segunda – a mais arriscada e atrativa, sem dúvida – previa o abandono do "berço" por um dos exploradores, que deveria misturar-se com o povo judeu daquela época, convertendo-se em excepcional testemunha dos últimos dias da vida de Jesus, o Galileu. Esse era o meu "trabalho".

Esse difícil empreendimento, no qual eu não quis pensar até que chegasse o momento final, obrigou-me durante esses anos a um febril aprendizado dos costumes, das tradições mais importantes e dos idiomas de uso comum entre os israelitas do ano 30.

Boa parte desses 21 meses dediquei ao duro estudo da língua falada por Cristo: o aramaico ocidental ou galileu. Seguindo os textos de Spitaler e de seu mestre na Universidade de Munique, Bergsträsser, não foi muito difícil localizar os três únicos rincões do planeta onde ainda se fala o aramaico ocidental: a aldeia de Ma'lula, no Antilíbano, e as pequenas povoações, hoje totalmente muçulmanas, de Yubb'adin e Bah'a, na Síria.¹⁵

E ainda que o árabe tenha transposto as montanhas do Líbano, contaminando a linguagem dos três povos, a fonética e a morfologia nesses lugares continuam sendo fundamentalmente aramaicas.

Uma oportuna documentação que me credenciava como antropólogo e pesquisador de línguas mortas pela Universidade de Cornell abriu-me todas as portas e permitiu-me acrescentar aos meus conhecimentos de aramaico galileu, que aprendi com as pessoas humildes do Antilíbano, os de outras fontes, como o Targum palestino e o aramaico literário de Qumrán, o nabateu ou palmirense.

Por último, como complemento, minha preparação foi enriquecida de noções básicas, mas suficientes, de grego e de hebreu mishinico, que também eram falados na Palestina de Cristo.

Percorri uma infinidade de vezes os Lugares Santos, como são chamados pelos católicos, ainda que sabendo que aquele reconhecimento de terreno seria de pouca utilidade na hora da verdade...

Também não quis aprofundar-me excessivamente nos textos bíblicos em que se

narram a paixão, a morte e a ressurreição do Salvador. Por razões óbvias, preferi enfrentar os fatos sem ideias preconcebidas e de espírito aberto. Se minha obrigação era observar e transmitir a verdade do que ocorreu naqueles dias, o mais aconselhável era conservar uma atitude limpa e desprovida de juízos preconcebidos.

Ao retornar à base de Edwards, em fins de 1972, o ambiente ali era de frustração. Logo fiquei sabendo – e a confirmação veio do próprio Curtiss – que, apesar de gestões no mais alto nível, o governo israelense não havia dado autorização para a entrada do “berço” e do resto do sofisticado equipamento no país. Logicamente, eles tinham direito de querer saber do que se tratava, e o chefe do projeto Cavalos de Troia não havia colaborado para a resolução desse aspecto extremo da questão.

O mais elementar senso de segurança impedia o general de revelar aos israelenses a verdadeira natureza da operação. Que podíamos fazer?

Depois de um agitado dezembro – no qual, sinceramente, chegamos a temer pelo êxito da “grande viagem” –, o Pentágono, seguindo recomendações de Curtiss, planejou uma estratégia que dobraria os israelenses. Desde 1959, tanto a União Soviética como nosso país vinham desenvolvendo um programa secreto de satélites-espiões destinados a uma observação mútua de todo tipo de instalações militares, industriais, agrícolas, urbanas etc. Esses “olhos volantes” foram ganhando em penetração, especialmente a partir dos chamados “satélites de terceira geração”, em 1966. Em uma quarta geração, o Pentágono, com a colaboração de empresas especializadas em fotografias, como a Eastman Kodak, a Itek Corporation e a Perkin-Elmer, havia conseguido colocar em órbita um novo tipo de satélite (a série Big Bird), cujo instrumental era capaz de fotografar, a 150 quilômetros de altura, os títulos de um jornal nas mãos de um homem sentado na Praça Vermelha, em Moscou. Apesar da grande reserva do National Reconnaissance Office – um departamento especializado e responsável por esse tipo de informação, com sede no próprio Pentágono –, algumas das características dos Big Bird acabaram vazando para os serviços de inteligência de outros países. O governo de Golda Meir, em diversas ocasiões, havia pressionado os Estados Unidos para que a eficiente rede de nossos satélites pudesse proporcionar a Israel informações gráficas dos movimentos de tropas, instalações de rampas, novas construções etc., nos países árabes. Pois bem, aquela era a nossa oportunidade.

Fazia um ano e meio aproximadamente – desde o princípio de 1971 – que o Pentágono havia começado a trabalhar em um novo desenho de satélites Big Bird, o KH-II.

Curtiss, com prévia autorização do Alto Estado-Maior, e após entrevistar-se com o presidente Nixon e o secretário de Estado Kissinger, voou de novo para Jerusalém. E, dessa vez, ofereceu à primeira-ministra Golda Meir e ao seu ministro da Guerra, o legendário Moshe Dayan, uma explicação “satisfatória”: dentro do mais rigoroso segredo, os Estados Unidos desejavam colaborar com o país amigo –

Israel – montando um laboratório de recepção de fotografias para seus Big Bird. Dessa forma, os israelenses poderiam dispor de um rápido e fiel sistema de controle de seus inimigos; e meu país, por seu lado, de uma nova e estratégica estação, que poupava tempo e facilitava boa parte da sempre embaraçosa manobra de recuperação das oito cápsulas descartáveis que cada satélite conduzia e que eram resgatadas a cada 15 dias nas cercanias do Havaí. Além disso, do ponto de vista puramente militar, a operação tinha um grande interesse para os Estados Unidos, que assim podiam fotografar comodamente faixas muito “instáveis” (politicamente falando) como as das fronteiras da União Soviética com o Irã, Afeganistão e outras regiões do Paquistão e do Golfo Pérsico. Seria possível agora receber centenas de negativos na nova estação “própria” (a israelense) apenas três minutos depois de o satélite haver sobrevoado tais áreas.¹⁶

Graças a esse sutil engodo, o general Curtiss e parte da equipe do projeto Cavalo de Troia conseguiram aterrissar nos primeiros dias de janeiro de 1973 em Tel Aviv. Para evitar suspeitas e de comum acordo com o Mossad (serviço de inteligência israelense), a USAF acondicionou nas cabines de um avião Jumbo, depois de retirados os assentos, dez toneladas de instrumentos “altamente secretos”. E do falso avião de passageiros – camuflado até com o logotipo da Companhia Nacional El Al – desceu um numeroso grupo de aparentemente pacíficos turistas norte-americanos. Era 5 de janeiro.

O que os sagazes agentes do Serviço de Inteligência Israelense nunca souberam é que, misturado com o material para a estação de recepção de fotografias via satélite, viajava também nosso “berço”.

O plano de Curtiss era simples. Segundo minucioso estudo elaborado em Washington pela CIRVIS (Communication Instruction for Reporting Vital Intelligence Sightings),¹⁷ com a colaboração do Departamento Cartográfico do Ministério de Guerra de Israel, a instalação da rede receptora de imagens do Big Bird deveria ser feita em no máximo seis meses, a partir da data de chegada do material. Os especialistas deviam, em uma primeira etapa, proceder à escolha do local definitivo. Os militares haviam designado três pontos possíveis: o cume do monte das Oliveiras, a pequena distância da Cidade Santa de Jerusalém; as colinas de Golán, na fronteira com a Síria; ou os maciços graníticos do Sinai.

Astutamente, o general Curtiss havia feito coincidir o primeiro dos possíveis locais da estação receptora com nosso ponto de contato para a “grande viagem”. Muito antes de o governo de Golda Meir obstar a marcha de nossa operação, os especialistas do projeto Cavalo de Troia haviam avaliado que o monte das Oliveiras era a zona apropriada para a base do “berço”. Sua proximidade com a aldeia de Betânia e Jerusalém o havia convertido em lugar estratégico para a “descida”. E ainda que os israelenses tenham demonstrado certa estranheza pela escolha daquela colina, pareceram bastante convencidos com as explicações dos norte-americanos. Israel estava envolvido ainda em numerosas escaramuças com seus vizinhos egípcios e sírios. Se a instalação receptora fosse feita no Sinai ou em

Golán, os riscos de destruição pela aviação inimiga seriam muito altos.

Era necessário ganhar tempo e, sobretudo, ensinar aos israelenses o manejo dos equipamentos com segurança e sem sustos.

Localizando o assentamento ideal, verificados os numerosos controles e instruídos os israelenses, o laboratório entraria em fase de operação, sempre compartilhado por ambos os países.

Isso pressupunha, segundo todas as previsões, prazo mais que suficiente para nosso trabalho.

Em suma, os israelenses aceitaram muito cordialmente os conselhos dos norte-americanos e colaboraram estreitamente no transporte e na vigilância dos equipamentos.

Desde meados de 1972, os homens da Operação Cavalo de Troia estavam de acordo em que o "ponto de contato" deveria ser a pracinha em que se ergue a mesquita octogonal chamada de Ascensão do Senhor. O muro alto que rodeia essa relíquia da época das Cruzadas era um baluarte perfeito para evitar os olhares dos curiosos. Curtiss, assim como o resto do grupo, havia pensado nos detalhes mais insignificantes. A experiência foi marcada para 30 de janeiro de 1973, improrrogavelmente. Era o momento perfeito por várias razões: em primeiro lugar, porque a montagem dos equipamentos eletrônicos da estação receptora do Big Bird deveria iniciar-se entre 20 e 25 de janeiro; em segundo lugar, porque nesses dias a afluência de peregrinos aos Lugares Santos sofreria grande redução; e, por último, porque o grupo desejava assim homenagear a memória de um dos maiores homens da humanidade: Mahatma Ghandhi. Justamente nesse dia 30 de janeiro de 1973 seria celebrado o 25º aniversário de sua morte.

Certamente, a razão principal era a primeira. A Operação Cavalo de Troia precisava de uma semana para a montagem e checagem geral do "berço". O general, na hora de redigir o projeto de instalação do laboratório receptor de fotografias via satélite, havia imposto uma condição que tinha sido entendida e aceita por Golda Meir e seu gabinete: dado o caráter altamente secreto dos scanners ópticos utilizados e de alguns elementos eletrônicos, a montagem do instrumental deveria ficar, única e exclusivamente, a cargo dos norte-americanos. A segurança e a vigilância interna da estação nessa fase seria missão exclusiva dos Estados Unidos. O governo de Israel ficaria responsável pela proteção externa. Concluída a montagem, passaria a participar do projeto. Esse sutil pretexto não tinha outro objetivo senão manter distanciados os israelenses, o que nos permitiria assim o desenvolvimento completo de nosso verdadeiro programa.

O salto no tempo – programado, como já disse, para terça-feira, 30 de janeiro – havia sido limitado a um total de onze dias. O Cavalo de Troia dispunha, portanto, de um máximo de três semanas para pôr o "berço" em perfeitas condições de partir para a aventura propriamente dita e para o não menos delicado retorno.

Vários dias antes que o falso grupo de turistas norte-americanos partisse dos

Estados Unidos com destino a Tel Aviv, Moshe Dayan havia dado ordens para que seu serviço secreto ativasse uma minioperação, de pequena envergadura, mas vital para a “tomada de posse” da citada mesquita da Ascensão. Era preciso que nossos técnicos pudessem trabalhar no interior da pracinha sem levantar suspeitas entre a população e muito menos entre os muçulmanos, responsáveis pelo culto naquele tabernáculo octogonal, situado no centro do terreno.

Naqueles dias, tanto a OLP (Organização para a Libertação da Palestina) quanto os serviços secretos egípcios (o Mukhabarat e o Kharbeiyah), em perfeita conexão com os agentes soviéticos que ainda operavam no Cairo, haviam desencadeado uma onda terrorista em Israel. As bombas “postais” eram moda. Raro era o dia em que não se detectava ou explodia um desses mortíferos artefatos em Jerusalém, Tel Aviv ou no resto do país. (Justamente na véspera de nossa operação – 29 de janeiro –, foram recebidas em diferentes dependências e organismos da cidade de Jerusalém nove dessas bombas “postais”.)

O plano do efficientíssimo serviço secreto israelense (o Mossad) consumou-se na tarde de 1º de janeiro. Uma dupla de jovens agentes, com toda a aparência de turistas, “esqueceu” uma maleta suspeita próximo aos fortes muros do tabernáculo da Ascensão. O próprio Mossad encarregou-se de dar o alarme e, em questão de minutos, a pracinha e o octógono foram evacuados, enquanto uma equipe de especialistas em desativação de explosivos encarregava-se de “inspecionar” e fazer explodir ali mesmo o pacote-bomba dos falsos terroristas. O fato, dada a natureza do lugar, foi ocultado dos veículos de comunicação de massa – com a prévia anuência dos responsáveis pela custódia dos Lugares Santos.

Tal como haviam previsto os homens de Dayan, a explosão quase não provocou danos nas paredes externas da mesquita. Apesar disso, numa inspeção rotineira, mas obrigatória das demais áreas do octógono, agentes do Mossad, fazendo-se passar por arquitetos da Divisão de Sapadores do Exército, “descobriram” e mostraram aos custodiadores da mesquita radiografias dos alicerces da face leste do Templo, seriamente afetados pelo atentado. Aquilo deixou confusos os muçulmanos. Mas o Mossad já tinha previsto tudo. Em um gesto de “boa vontade” que deixou desconcertados os árabes, o vice-presidente israelense, Ygal Allon, convocou os responsáveis pelo Templo e informou-lhes que o governo havia tomado a decisão de reparar os danos, “como prova de boa-fé”. A iminente chegada da Páscoa judaica e da Semana Santa cristã justificou às mil maravilhas a inusitada pressa do governo de Golda Meir para começar os reparos do monumento.

Ninguém poderia suspeitar que, por trás daquela oportuna e aparente manobra política dos israelenses, acobertava-se uma segunda intenção.

A comédia tinha sido simplesmente perfeita. Ainda que os alicerces da mesquita se encontrassem intactos, ninguém se atreveu a pôr em dúvida a informação dos falsos arquitetos.

Quarenta e oito horas após a explosão, uma “divisão especial”, integrada por

arqueólogos e peritos da Universidade de Jerusalém, da francesa Escola Bíblica e Arqueológica da Cidade Santa e do Museu de Antiguidade de Amã, iniciou os trabalhos de escavação em torno do perímetro da pequena mesquita, com o beneplácito dos árabes. Sinceramente, nunca soubemos o que o serviço secreto israelense fez para que aquele grupo “embarcasse” em tal trabalho de restauração. Em alguns momentos, chegamos a suspeitar que aqueles discretos e diligentes arqueólogos não fossem outra coisa senão homens do Mossad.

O certo é que, quando o general Curtiss e seus colaboradores do projeto Cavalo de Troia fizeram sua primeira visita de inspeção na pracinha da Ascensão, os trabalhadores haviam aberto valas próximo à mesquita e levantado dois grandes barracões, um de cada lado do octógono e de acordo com medidas previamente fornecidas por Curtiss a Dayan. Os 71 pés de diâmetro da pracinha, cercada por um muro de pedra de nove pés de altura, eram mais do que suficientes para nossos propósitos e, certamente, para a instalação do laboratório receptor de fotografias.

Desde 7 de janeiro, de forma escalonada e aproveitando as constantes entradas e saídas de material, israelenses e norte-americanos acertaram a introdução nos barracões do material secreto.

Uma semana depois, para o natural regozijo de Curtiss e de todos os cientistas e militares que haviam participado do transporte do instrumental, tudo estava em ordem para a suposta montagem da estação receptora do Big Bird. Aquilo significou um ganho de quase sete dias no programa.

A partir de 15 de janeiro, o chefe do projeto Cavalo de Troia comunicou às autoridades militares israelenses que os engenheiros norte-americanos estavam prontos para iniciar os trabalhos de montagem do laboratório e que, em consequência – e de acordo com o pactuado –, o acesso aos barracões ficava rigorosamente proibido ao pessoal não-americano. Os israelenses passaram a ficar do lado de fora da mesquita, mantendo-se, no entanto, uma passagem neutra, pela qual podiam circular os “arqueólogos”, cujo trabalho não devia ser suspenso sob nenhum pretexto. Se os árabes chegassem a intuir que aquelas obras de reparação de sua mesquita não eram outra coisa senão um “tapume” para ocultar objetivos puramente militares, a Operação Cavalo de Troia e a própria localização da estação receptora teriam ficado numa situação muito comprometedoras.

As equipes de restauração, portanto, prosseguiram na sua missão ao pé dos muros do octógono, enquanto nós desembalávamos o material e nos entregávamos à frenética tarefa de montagem do “berço”.

Mas a alegria do general e de sua equipe iria sofrer um súbito revés.

Os venenosos tentáculos da CIA – nunca soubemos como – haviam detectado a operação conjunta israelense-norte-americana e a Defense Intelligence Agency (DIA)¹⁸ estava pressionando para que Kissinger a informasse de tudo. As sucessivas negativas do secretário de Estado criaram fortes tensões entre a CIA e os reduzidos círculos militares do Pentágono que estavam a par da missão. E a situação chegou a ficar tão insustentável que o general Curtiss foi chamado a Washington para

apaziguar os ânimos e tentar achar uma solução.

Enquanto isso, os demais membros da equipe da Operação Cavalo de Troia prosseguiram em sua tarefa, ainda que com o ânimo deprimido pela proximidade da sempre perigosa sombra da CIA.

A manifesta habilidade de Curtiss não obteve muito sucesso. O diretor da CIA, Richard Helms, não estava disposto a ceder. Diante da gravidade dos acontecimentos e por sugestão expressa de Kissinger, o presidente Nixon, poucos dias depois, "aconselharia" Helms a se demitir. Com a finalidade de reforçar a confiança do Pentágono, no dia 4 de janeiro o general Alexander Haig, íntimo colaborador de Curtiss, era designado vice-chefe do Alto Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos. A imprensa anunciou, então, que a demissão do diretor da CIA devera-se a "profundos desacordos de Helms com Kissinger em assuntos relacionados com a segurança do Estado". A informação não era incorreta, embora a imprensa nunca viesse a conhecer as verdadeiras razões daquela drástica "operação cirúrgica" na cúpula da Agência Central de Inteligência e do Alto Estado-Maior do Exército dos Estados Unidos.

Uma vez passado o temporal, Curtiss regressou a Jerusalém e reincorporou-se aos derradeiros preparativos daquela que haveria de ser, sem dúvida, uma das maiores aventuras da História da Humanidade.

Em 25 de janeiro de 1973, o "berço" já repousava no centro do barracão principal. Estava totalmente montado, com exceção apenas dos quatro pontos de apoio. Estes, por razões elementares de prudência, só seriam articulados poucas horas antes da decolagem. Um hábil dispositivo hidráulico permitia a abertura do teto do improvisado hangar no qual se desenvolviam nossas operações. Dessa forma e dentro da previsão, o lançamento do módulo na noite de 30 de janeiro não deveria encontrar dificuldades especiais.

Suponho que a pessoa que venha a ler este diário deva perguntar a si mesma como um artefato com as características de nosso "berço" poderia elevar-se sobre o monte das Oliveiras sem chamar a atenção da população e do exército israelense. Muito antes de pôr em marcha essa operação, o projeto Swivel havia incorporado aos seus módulos – como condição básica para todas, ou quase todas, as missões futuras – um sistema de emissão permanente de radiação infravermelha. O "berço" dispunha de uma espécie de "membrana" exterior que recobria totalmente o veículo e cujas funções – entre outras que não posso especificar – eram as seguintes: ¹⁹

1º – Camuflagem do módulo, mediante um "escudo" ou "colchão" de radiação infravermelha (acima de 700 nanômetros).

Essa fonte de luz infravermelha tornava totalmente invisível o aparelho, que podia manobrar sobre qualquer aglomeração humana sem ser visto. Esse requisito era imprescindível para nossas observações, pois não prejudicaríamos o ritmo normal dos indivíduos que pretendêssemos estudar ou controlar.

2º – Absorção, sem reflexo ou retorno, das ondas decimétricas utilizadas

fundamentalmente nos radares. (No caso dos radares militares israelenses camuflados, esse dispositivo de segurança foi previamente ajustado às ondas utilizadas por eles: 1.347 e 2.402 megaciclos.)

Esse simples processo anulava a possibilidade de localização eletrônica do módulo enquanto ele era elevado a oitocentos pés, nível ideal para a fase seguinte de inversão de massa.

3º – A membrana que cobre a blindagem externa do “berço” (cuja espessura é de 0,0329 metro) devia provocar uma incandescência artificial que eliminasse qualquer tipo de germe vivo e que sempre poderia aderir à sua superfície. Essa precaução evitaria que germes fossem invertidos tridimensionalmente com a nave. Um “ingresso” involuntário de tais organismos em outro “tempo” ou em outro marco tridimensional poderia acarretar consequências de caráter biológico imprevisíveis.

Quanto ao inevitável ruído do motor a jato 385 que nos deveria colocar no “estacionário”, os cientistas haviam conseguido reduzi-lo a um silvo agudo, mediante a incorporação de poderosos silenciadores.

Outra questão, impossível de solucionar até aquele momento, era a “atroada” provocada no instante da inversão de massa do “berço”. Por sorte, esse estrondo podia ser atribuído a qualquer dos caças israelenses que, dia e noite, sobrevoavam o território e que, ao cruzar a barreira do som, desequilibravam as moléculas do ar, dando lugar ao que na terminologia aeronáutica se conhece como “bang sônico”.²⁰

Como havia ocorrido nas seis provas anteriores no deserto de Mojave, o cada vez mais próximo lançamento do módulo alterou nosso ânimo. Curtiss procurou fazer que meu companheiro de viagem e eu ficássemos longe da mesquita da Ascensão durante uns dois dias. Mas nossos passos terminavam sempre por nos conduzir até o hangar.

Três dias antes do início da “grande viagem”, o chefe da Operação Cavalo de Troia nos convocou para uma última reunião, na qual repassamos as linhas mestras da operação. Curtiss parecia obcecado com nossa segurança. Ambos conhecíamos nossas obrigações, mas a insistência do general nos inquietou. Que podia estar ocultando o diretor do projeto Swivel? Meses depois daquela experiência, meu “irmão” e eu iríamos conhecer a verdadeira razão daquela inquietação do general.

A estratégia a ser seguida na “descida” no tempo de Jesus de Nazaré havia sido pensada a fundo. Uma vez em terra e depois de várias horas de revisão dos controles, meu companheiro de módulo, a quem de agora em diante chamarei de Eliseu, deveria permanecer durante os onze dias de exploração no comando do “berço”. Só em caso de alta emergência poderia abandonar a nave. Meu papel, creio que já tenha mencionado, exigia que eu desembarcasse em terra e me aproximasse do Mestre da Galileia, seguindo-o e observando-o por todo o tempo que fosse possível.

Para evitar uma possível tentação dos exploradores de reduzir o tempo fixado para a operação, o controle central do “berço” havia sido precisamente programado

– sem que houvesse possibilidade alguma de prorrogar ou anular o programa – para a decolagem e o retorno dos eixos do tempo dos swivels às 7 horas do dia 12 de fevereiro de 1973. Nesse momento, tudo estaria preparado no recinto da mesquita da Ascensão para o reingresso do módulo e seu fulminante desmantelamento.

Enquanto durasse a aventura, os homens de Curtiss concluiriam, no segundo barracão, a montagem do laboratório receptor de fotografias do Grande Pássaro. Isso permitiria uma rápida evacuação do material do Cavalo de Troia, assim como a entrada do pessoal israelense nos hangares.

Antes de encerrar nossa última reunião de trabalho, Curtiss nos comunicou que, de acordo com o combinado com o Pentágono e, certamente, com Kissinger, 24 ou 36 horas antes da decolagem a atenção mundial seria desviada para milhares de milhas de Jerusalém, reforçando assim as medidas de segurança do nosso salto para o século I.

De fato, como havia anunciado o general em 28 de janeiro, depois de “intensos esforços de ambas as partes”, Estados Unidos e Vietnã firmavam em Paris o acordo definitivo que prometia pôr fim à trágica guerra entre os dois países.

Em 30 de janeiro, Eliseu e eu quase não saímos do hangar. Durante todo o tempo ficamos no interior do “berço”, revisando os equipamentos. Meu companheiro teve de se submeter a uma última e delicada operação: a inserção no reto de uma pequena sonda para recolher as fezes. Estas, tratadas previamente com correntes turbulentas de água a 38 graus centígrados, seriam sugadas, durante seus onze dias de permanência obrigatória no módulo, por um dispositivo miniaturizado, acoplado nas nádegas. Dessa forma, as fezes se decompõem em seus elementos químicos básicos. Parte deles é congelado e transformado em oxigênio e hidrogênio, servindo assim para a obtenção sintética da água, que é recuperada e devolvida ao ciclo urina-água, para ingestão. O restante dos elementos é convertido em lodo e expulso sob forma gasosa para o exterior. No meu caso, esse dispositivo para defecação não era aconselhável, já que uma das normas básicas de conduta para os exploradores que deveriam trabalhar no exterior era transportar o mínimo imprescindível de equipamentos – e sempre escondido da vista de possíveis observadores.

Não obstante, eu devia levar o que, no jargão da Operação Cavalo de Troia, chamávamos a “pele de serpente”. Mediante um processo de pulverização, o explorador cobria seu corpo nu com uma série de diferentes aerossóis protetores, formando uma epiderme artificial e milimétrica, capaz de proteger zonas vitais de uma possível agressão, tanto mecânica quanto bacteriológica. Ainda que essa segunda pele pudesse aderir ao corpo todo, por causa do tipo de roupa usada, o chefe do projeto achou que a couraça – transparente e de extrema elasticidade – deveria ir apenas dos órgãos genitais às áreas do pescoço que protegem ambas as carótidas.

Esse efficientíssimo traje protetor, que algum dia será de grande utilidade para

nossos astronautas, mergulhadores etc., pode resistir, à maneira dos antiquados coletes à prova de bala, a impactos como o de um projétil calibre 22 americano, a vinte pés de distância, sem interromper o processo normal de transpiração e evitando, como já disse, a penetração de agentes químicos ou biológicos através dos poros.

O projeto Swivel havia desenvolvido, em especial para os astronautas da fascinante Operação Marco Polo, outros dispositivos que fariam morrer de inveja os técnicos da NASA. Eis aqui alguns dos mais sugestivos:

Boca e olhos dos exploradores de outros mundos tridimensionais de nossa galáxia podem ser protegidos por um sistema absolutamente revolucionário. Os olhos, por exemplo, vão equipados com um sistema óptico formado por lentes de gás, que, perfeitamente controladas por um comando, permitem a adequação da visão tanto em um meio atmosférico adverso como no vazio dos espaços siderais.

Os ouvidos dos astronautas, por sua vez, podem incorporar cápsulas acústicas miniaturizadas, excitadas por ondas gravitacionais através de um equipamento receptor. Tais dispositivos servem para transmitir curtas mensagens entre os membros de um grupo, ou, como no nosso caso, para manter a comunicação permanente durante os onze dias que duraria a aventura. Graças a essas “cabeças de cera”, facilmente dissimuláveis no interior do ouvido, tanto Eliseu como eu poderíamos saber um do outro sem necessidade de carregar incômodos aparelhos de rádio – que, aliás, teriam violado a rigorosa pureza da exploração.

Quanto à alimentação, no caso de viagens de longa duração, os astronautas são dotados de um duplo tubo que leva, por uma das extremidades, a um dispositivo especial fixado na região lombar; e, por outra, a um mecanismo extremamente frágil preso ao lábio inferior. O tubo tem seu interior preparado com uma rede de cílios mecânicos, que impulsionam lentamente cápsulas contendo alimentos concentrados diversos. As cápsulas são de seção elíptica e têm a proteção de uma finíssima película gelatinosa, muito solúvel na saliva. As pálpebras do astronauta, abrindo e fechando uma série de vezes, enviam um sinal em código ao equipamento da zona lombar, e as cápsulas são levadas à boca. O outro conduto transporta um soro nutriente, com diferentes concentrações reguladas.

Por último, outras cápsulas, alojadas nas fossas nasais, geram oxigênio e nitrogênio, partindo da transmutação do carbono puro. Além disso, o CO₂ é captado pelo mesmo dispositivo e decomposto em seus elementos básicos, carbono e oxigênio, o primeiro com liberação energética, que é utilizada para o aquecimento da epiderme.

Embora nosso módulo tivesse sido dotado desses equipamentos, eles quase não foram utilizados, à exceção da “pele de serpente” e do sistema de transmissão auditiva. O “berço” possuía uma reserva especial de água e alimentos suficiente para ambos os exploradores durante um período de tempo um pouco superior a catorze dias. De minha parte, o problema da dieta alimentar não tinha grandes complicações. Em meu intenso treinamento nos dois anos anteriores, eu havia

aprendido o esquema de regime alimentar dos judeus, assim como o dos gentios que conviviam naquele tempo com os habitantes da Judeia. Como estrangeiro (minhas atitudes e meus costumes haviam sido definidos pela Operação Cavalo de Troia como os de um comerciante grego de vinhos e madeira), eu sabia perfeitamente quais eram minhas limitações nesse sentido. Não obstante, no caso de uma emergência, sempre existiria o recurso da minha volta ao módulo.

Minha única saída do hangar foi ao entardecer daquela inesquecível terça-feira. Sem saber por que, desviei-me do andaime dos arqueólogos que trabalhavam na restauração da mesquita e entrei no octógono.

Era estranho. Ali, solitário, diante de três pequenas velas que iluminavam a pedra em que, segundo a piedosa imaginação dos peregrinos católicos, ainda se vê a marca de um pé que se ergue, perguntei-me por que a Operação Cavalo de Troia havia escolhido exatamente a mesquita da Ascensão de Cristo aos céus como nosso ponto de partida para aquela outra ascensão...

Em silêncio, Eliseu e eu abraçamos Curtiss e os demais companheiros. Não houve muitas palavras naquela despedida. Todos estávamos conscientes do momento histórico que protagonizávamos e dos obscuros perigos que poderiam estar nos aguardando do "outro lado".

– Até 12 de fevereiro... – murmurou o general com um toque de emoção em suas palavras.

– Boa sorte! – acrescentaram os homens do Cavalo de Troia.

E às 23 horas GMT, o "berço" começou a elevar-se para o firmamento embranquecido pelas estrelas.

Em trinta segundos alcançamos a cota de oitocentos pés, concluindo a manobra estacionária do módulo. Todos os sistemas funcionavam segundo o plano traçado.

Ainda que nossa nave não fosse viajar pelo espaço – como ocorreria meses depois com os expedicionários do projeto Marco Polo –, Eliseu e eu, seguindo as especificações do chefe da Operação Swivel, tínhamos a missão de provar um dos trajes espaciais, especialmente desenhados para os processos de inversão dos eixos dos swivels e para melhor resistir às fortíssimas acelerações.²¹

Às 23h03, o computador central acionava eletronicamente o sistema de inversão axial das partículas subatômicas de todo o "berço", assim como da capa-limite da membrana exterior, empurrando os eixos do tempo dos swivels para ângulos equivalentes ao retrocesso desejado: 709.137 dias. Em outras palavras, ao dia 30 de março do ano 30.²²

Décimos de segundos após a substituição de nosso antigo sistema referencial de três dimensões pelo novo tempo – e segundo nos contaram os homens da Operação Cavalo de Troia quando regressamos –, uma fortíssima propulsão se fez sentir sobre o cume do monte das Oliveiras, para alegria de nossos companheiros e perplexidade dos israelenses.

5 AFOSI e AFORS são as siglas da Air Force Office of Spacial Investigations (Escritório de Investigações Espaciais da Força Aérea) e da Air Force Office of Scientific Research (Escritório de Investigações Científicas da Força Aérea), respectivamente. (N. de J.J.Benítez)

³ Autorização para ter acesso a determinados segredos que afetam a defesa nacional nos Estados Unidos. (N. de J.J.Benítez)

6 Sistema de Energia Nuclear Auxiliar. Foi empregado, de fato, pela NASA e pelo AEC para usos espaciais. Essa bateria de isótopos radioativos pode produzir várias centenas de watts de eletricidade durante períodos superiores a um ano. (N. de J.J.Benítez)

7 Como esse sensacional achado não foi divulgado à comunidade científica do mundo, ainda hoje numerosos pesquisadores e peritos em física quântica continuam descobrindo e detectando infinidades de subpartículas (neutrinos, mésons, antiprótons etc.), que só contribuem para obscurecer o intrincado campo da física. No dia em que os cientistas tiverem acesso a essa informação, compreenderão que todas essas partículas elementares que formam a matéria não são outra coisa senão diferentes cadeias de swivels, cada uma delas orientada segundo uma forma peculiar em relação às demais. Tanto os especialistas que participaram dessa operação como eu próprio tivemos de alterar nossas velhas concepções euclidianas de espaço, com sua trama de pontos e retas, para assimilar que um swivel é formado por um feixe de eixos ortogonais que “não podem cortar-se entre si”. Essa aparente contradição foi explicada quando nossos cientistas comprovaram que não se tratava de “eixos” propriamente ditos, mas de ângulos. (Por isso eu coloquei o termo “eixo” entre aspas e me referi a hipotéticos eixos.) A chave, portanto, estava em atribuir aos ângulos uma nova propriedade ou um novo caráter: o dimensional. (N. do M.)

8 Vou falar pouco sobre nosso “biocosmo” ou cosmo gêmeo, mas me recuso a ocultar algumas de suas características básicas. Aquelas análises humilharam ainda mais, se isso ainda era possível, nossa soberba científica. Na realidade, não existe um único Cosmo, como sempre havíamos pensado, mas um número infinito de pares de cosmos. A diferença fundamental detectada entre os elementos de um e outro (os nossos, por exemplo) é que as estruturas atômicas deles diferem no sinal da carga elétrica, que nossos cientistas chamaram e continuam chamando incorretamente de “matéria e antimatéria”. Nossos cosmos “gêmeos”, por exemplo, apresentam as seguintes características:

a) Nos átomos de nosso cosmo gêmeo, o córtex é formado por elétrons positivos orbitais e seu núcleo, por antiprótons (prótons negativos).

b) Ambos os cosmos jamais poderão entrar em contato um com o outro. Também não tem sentido pensar que ambos possam superpor-se, pois eles não são separados por relações “dimensionais”. (Não há distâncias nem simultaneidade no tempo.)

c) Ambos os cosmos possuem a mesma massa e o mesmo raio, correspondente a uma hiperesfera da curvatura negativa.

d) Cada um goza de singularidades diferentes: quer dizer, em nosso cosmo gêmeo não há o mesmo número de galáxias, nem elas possuem a mesma estrutura que as “nossas”. Não há, portanto, outro planeta Terra gêmeo.

e) Ambos os cosmos foram “criados” simultaneamente, mas suas flechas do tempo não têm por que estar orientadas no mesmo sentido. (Não podemos falar, portanto, que o nosso cosmo gêmeo coexiste com o nosso no tempo ou que existiu antes ou existirá depois. Só o que podemos afirmar é que ele existe.) Mas talvez o que mais tenha impressionado nossa equipe de pesquisadores foi verificar que esse cosmo gêmeo exerce determinada influência sobre o nosso... e, presumivelmente – porque isto não foi ainda comprovado –, o nosso também atua sobre ele. (N. do M.)

9 As sucessivas verificações demonstraram, por exemplo, que o tempo pode assemelhar-se a uma série de swivels cujos eixos estão orientados ortogonalmente em relação aos raios vetores que implicam distâncias. Com isso, descobrimos que pode acontecer se a inversão dos eixos for adequada – de um observador, em seu novo marco de referência, apreciar como distância o que no antigo sistema referencial era avaliado como “intervalo de tempo”. É fácil então compreender por que um acontecimento ocorrido longe da Terra (por exemplo, em um planeta do cúmulo globular M-13, situado a 22.500 anos-luz) não pode ser simultâneo com outro que se registra em nosso mundo. Isso nos deu a explicação de como um objeto que pudesse viajar à velocidade da luz encurtaria sua distância sobre o eixo de translação até reduzir-se a um par de swivels. Distância que, ainda que tenda a zero, não é nula, como aponta erroneamente uma das transformações do matemático Lorentz. (Talvez eu possa me referir, em outra nota deste relato, ao que descobrimos acerca da velocidade-limite ou da luz, ao inverter os eixos dos swivels, e passar, portanto, a outros marcos dimensionais.) E já que mencionei o processo de inversão de eixos dos swivels, devo assinalar que, no início, muitas das tentativas de inversão da matéria foram frustradas exatamente por falta de precisão na operação. Ao não conseguir uma inversão absoluta, o corpo em questão – por exemplo, um átomo de molibdênio – sofria o conhecido fenômeno de conversão da massa em energia. (Ao desorientarmos no seio de um átomo de MO_1 um só núcleo – um próton, por exemplo –

obtinhamos um isótopo de néobio-10.) Quando essa inversão foi absoluta, o próton parecia aniquilado, sem quebrar, no entanto, o princípio universal da conservação de massa e energia. (N. do M.)

10 Ainda que eu já tenha feito uma ligeira alusão a esse transcendental descobrimento, tratarei de assinalar algumas linhas básicas no que se refere a essa nova definição de "intervalo de tempo". Como já disse, nossos cientistas entendem um intervalo de tempo "T" como uma sucessão de swivels cujos ângulos diferem entre si em quantidades constantes. Quer dizer, consideramos em um swivel os quatro eixos (que não são outra coisa senão uma representação do marco tridimensional de referência), que na realidade não existem; em outras palavras, são tão convencionais como um símbolo, ainda que sirvam ao matemático para fixar a posição do ângulo real. Se dentro desse marco ideal oscila o ângulo real, imaginemos agora um novo sistema referencial dos ângulos, cada um dos quais formando 90 graus com os quatro anteriores. Esse novo marco de ação de um ângulo real e o anteriormente descrito definem respectivamente espaço e tempo. Observemos que os "eixos diretores" que definem espaço e tempo possuem graus de liberdade diferentes. O primeiro pode percorrer ângulos-espaço em três orientações diferentes, correspondendo às três dimensões típicas do espaço, ao passo que o segundo está "condenado" a deslocar-se em um só plano. Isso nos leva a crer que dois swivels cujos eixos difiram em um ângulo tal que não exista no Universo outro swivel cujo ângulo esteja situado entre ambos definirão o mínimo intervalo de tempo. A esse intervalo, repito, chamamos "instante". (N. do M)

11 Como já disse antes, não posso sequer sugerir a base técnica que leva à mencionada inversão de todos e de cada um dos eixos dos swivels, mas posso adiantar que o processo é instantâneo e que o aporte da energia necessária para essa transformação física é considerável. Essa energia, posta em jogo até o instante em que todas as subpartículas sofrem inversão, é restituída integralmente, sem perdas, retransformando-se no novo marco tridimensional em forma de massa. Os experimentos prévios demonstraram que, imediatamente depois desse salto de marco tridimensional, o módulo se deslocava a uma velocidade superior, sem que a brusca mudança da velocidade (aceleração infinita) no instante da inversão fosse acusada pelo veículo. Esse procedimento de viagem, como é fácil perceber, torna inúteis os demais esforços dos engenheiros e especialistas em foguetes espaciais, ainda empenhados em obter equipamentos cada vez mais perfeitos e poderosos... mas sempre impulsionados pela força bruta da combustão ou da fissão nuclear. (Quem sabe agora se comece a entender por que não posso nem devo estender-me nos pormenores técnicos de tal descobrimento...) Ao levar a cabo esses saltos ou mudanças de marcos tridimensionais, observamos desconcertados que, no novo marco, a velocidade-limite ou velocidade da luz (299792,4580 quilômetros por segundo, com 0,0012 para mais ou para menos) mudava visivelmente. A tal ponto que a única referência que pode refletir a mudança de eixo é precisamente a medida dessa velocidade, ou constante C. Teremos assim uma família de valores $C_0, C_1, C_2, \dots, C_n$, que se estende desde $C_0 = 0$ (velocidade da luz nula) a $C_n = \text{infinito}$, cada uma representando um sistema referencial definido. (N. do M).

12 Este não era outra coisa senão um motor de propulsão a jato J85 ao qual se tinha acoplado um ventilador na popa, aumentando seu empuxo de velocidade zero de 2.800 a 4.200 libras-força. Foi montado em um anel cardan e mantido giroscopicamente, apontando direto para baixo, mesmo no caso de uma possível inclinação do "berço". Nas experiências preliminares de aterrissagem, seu empuxo era regulado exatamente a cinco sextos do peso do módulo. A sexta parte restante do peso do habitáculo completo foi sustentada por outros dois foguetes auxiliares ascensionais, reguláveis, de peróxido de hidrogênio, de 500 libras-força de empuxo máximo cada um. Foram montados na estrutura principal do "berço", podendo inclinar-se com o veículo. Oito pequenos motores-foguetes, também impulsionados por peróxido de hidrogênio, controlavam a posição do "berço". Cada foguete de posição podia ser acionado por uma válvula selenoidal individual do tipo de intervalos. Como se fosse um pequeno avião, o piloto podia controlar o cabeceio por meio do movimento proa-popa, e o bamboleio pelo movimento direita-esquerda de uma alavanca. O "berço" era provido até de pedais, que proporcionavam o controle de "guinada". Tanto a alavanca como os pedais foram conectados eletricamente com as válvulas selenoidais. (N. do M.)

13 Embora também não considere oportuno revelar a natureza íntima desse formidável conjunto de computadores, posso esclarecer que, diferentemente dos sistemas tradicionais, os utilizados na Operação Cavalo de Troia não são integrados por circuitos eletrônicos – ou seja, por tubos de vácuo, componentes baseados no estado sólido, como os transistores ou diodos sólidos, condutores, semicondutores, indutâncias etc. –, mas sim por órgãos integrados topologicamente em cristais estáveis, chamados "amplificadores nucleicos". Sua característica principal é que neles não se amplificam as tensões ou intensidades de corrente elétrica como nos amplificadores comuns, mas a potência. Uma função energética de entrada injetada no amplificador nucleico é refletida na saída em outra função analiticamente mais elevada. A liberação controlada de energia realiza-se às expensas da massa integrada no amplificador, e o fenômeno se verifica dimensionalmente em escala molecular. No processo intervêm átomos suficientes para que a função possa ser considerada macroscopicamente contínua.

Quanto à estrutura básica desses supercomputadores – e também dentro de um caráter puramente descritivo –, posso dizer o seguinte:

Os computadores digitais usados atualmente utilizam, em geral, uma memória central de núcleos magnéticos de ferrita e diversas unidades de memória periférica – fita magnética, discos, tambores, varetas com flanco helicoidal etc. Todas elas são capazes de acumular, codificados magneticamente, um número muito limitado de bits, ainda que sempre se fale de cifras de milhões de dígitos. Em contrapartida, as bases técnicas dos computadores do projeto Cavalo de Troia, constituídos de titânio, são diferentes. Sabemos que o córtex eletrônico de um átomo pode excitar-se, com os elétrons alcançando diversos níveis energéticos que chamamos de “quânticos”.

A passagem de um estado para outro realiza-se com liberação ou absorção de energia quantificada, que está associada a uma frequência característica. Assim, o elétron de um átomo de titânio pode mudar de estado no córtex, liberando um fóton, mas no átomo de titânio, assim como em outros elementos químicos, os elétrons podem passar a vários estados, emitindo diferentes frequências. A esse fenômeno chamamos “espectro de emissão característico desse elemento químico”, que permite identificá-lo por valoração espectroscópica. Pois bem, se conseguirmos alterar à vontade o estado quântico desse córtex eletrônico do titânio, podemos convertê-lo em portador, armazenador ou acumulador de uma mensagem elementar: um número. Se o átomo é capaz de alcançar, por exemplo, doze ou mais estados, cada um desses níveis simbolizará ou codificará um algarismo de zero a doze. Mas uma simples pastilha de titânio consta de bilhões de átomos. Podemos imaginar, pois, a informação codificada que ela será capaz de acumular. Nenhuma outra base macrofísica de memória pode ser comparada a ela.

No momento, não me é lícito explicar como conseguimos a excitação desses átomos do titânio... (N. do M.)

14 Tomando como referência mais do que provável a data de 1478 para o assentamento de Colombo na ilha da Madeira, onde sua sogra dirigia uma taberna, e de acordo com as testemunhas de Las Casas e da lenda taina,* é muito possível que os misteriosos “pré-descobridores” da América houvessem visitado as ilhas do Caribe (especialmente a Espanhola) nos meses logo anteriores àquele ano. Talvez em 1476 ou 1477. Teria sido, portanto, nesse ano de 1478 que o retorno dos involuntários “descobridores” para a Europa se tornou possível, com uma fortuita escala na referida ilha portuguesa. (N. do M.)

* Os tainos eram um povo indígena das Antilhas, já extinto. (N. T.)

15 Como informação complementar, posso acrescentar que o acesso à aldeia de Ma'lula – ao menos em 1971 e 1972 – era possível pela estrada de Damasco e Homs. No quilômetro 50, devia-se tomar um desvio à esquerda. Depois de vencidos nove quilômetros de ladeira, surgia-nos diante dos olhos um monastério católico de monges basílios. Ao pé do monastério encontrava-se Ma'lula, com seus escassos mil habitantes. Toda a povoação era católica. A igreja estava confiada a um sacerdote libanês que falava árabe. Exatamente nessa língua é que se desenvolvia a liturgia, se bem que a língua do povo fosse o aramaico ocidental, já muito mesclado com o próprio árabe e com outras palavras e expressões turcas, persas e europeias. (N. do M.)

16 A série de satélites artificiais Big Bird (Grande Pássaro) – em especial o protótipo KH-II – pode voar a uma velocidade de 25 mil quilômetros por hora, só necessitando de noventa minutos para dar uma volta completa no planeta. Como a Terra oscila ligeiramente durante esse lapso de tempo (22 graus e 30 minutos), o Big Bird sobrevoa durante a volta seguinte uma faixa diferente da Terra e retorna a sua trajetória original depois de 24 horas. Se o Pentágono descobre algo de seu interesse, o satélite pode modificar sua órbita, alargando o tempo de revolução durante alguns minutos e descendo a órbitas de até 120 quilômetros de altitude. Uma diferença de um grau e trinta minutos, por exemplo, por dia, permite cobrir a cada dez dias uma zona de conflito, sobrevoando todas as suas cidades e zonas de “interesse militar”. Posteriormente, o Big Bird é impulsionado para uma órbita superior. (N. do M.)

17 Instrução de Comunicação para Informar Avistamentos Vitais de Inteligência. (N. de J.J.Benítez)

18 Agência de Inteligência da Defesa. (N. T.)

19 Como informação puramente descritiva, posso dizer que a membrana ou cobertura do “berço” possui propriedades de resistência estrutural muito especiais. Uma finíssima rede vascular, por cujos condutos flui uma liga metálica liquefativa, mantém ativa a membrana. (Alguns de seus elementos, para se ter uma ideia, não ocupam volumes superiores a 0,07 milímetros cúbicos, sendo compostos, por sua vez, de microdispositivos fabricados em escala celular.)

Esse recobrimento poroso do “berço”, de composição cerâmica, goza de um elevado ponto de fusão: 7.260,64 °C, sendo igualmente muito elevado seu poder de emissão externa. Sua condutibilidade térmica, em compensação, é muito baixa: $2,07113 \times 10^{-6}$ cal/cm/s/°C. Para essa membrana é muito importante que a ablação se mantenha dentro de uma margem de tolerância muito ampla. Para isso, utiliza-se um sistema de resfriamento por transpiração, com base em lítio liquefeito. Além disso, a membrana é provida de uma fina capa de platina coloidal, situada a 0,0108 metro da superfície externa. (N. do M.)

20 Para um observador hipotético que estivesse a curta distância de nosso módulo e supondo que tivessem sido desativados os sistemas infravermelhos de camuflagem, sua sensação no instante da chamada inversão de massa seria de que a nave havia sido “aniquilada”. Nada mais longe da realidade. Como já disse em outras oportunidades, no instante em que todos os swivels correspondentes ao recinto limitado pela membrana mudam os eixos no marco tridimensional em que está situado o observador, toda massa integrada no referido recinto deixa de ter existência física. Não é que a massa seja “aniquilada”, pois o substrato dessa massa é constituído pelos swivels. Dito de outro modo: a massa deve ser interpretada como uma espécie de dobra da urdidura dos swivels. Nossos cientistas interpretam esse fenômeno como se a orientação dessa “depressão” ou “prega” das entidades constitutivas do espaço mudasse de sentido, de modo que os órgãos sensoriais ou os instrumentos físicos do observador não são capazes de captar tal mudança.

Nesse instante – que podemos chamar de T_0 – o vazio do recinto é absoluto. Não há uma só molécula gasosa e, por certo, nenhuma partícula sólida ou líquida; nem sequer uma partícula subatômica (próton, neutrino, fóton etc.) pode se localizar probabilisticamente no mencionado recinto ou módulo. Em outras palavras: a função de probabilidade é nula em T_0 . Não obstante, tal situação instável dura uma fração infinitesimal de tempo. Em seguida, o recinto é invadido por quanta energéticos. (Quer dizer, propagam-se em seu interior campos eletromagnéticos e gravitacionais de diferentes frequências.) Imediatamente, ele é atravessado por radiações iônicas e, no final, produz-se uma implosão, que é quando o gás exterior se precipita no vácuo deixado pela estrutura “desaparecida”. (N. do M.)

21 A “grande viagem” ao ano 30 de nossa Era, como já citei, não pressupunha um traslado físico pelo espaço ou por outros marcos tridimensionais, como os humanos concebemos habitualmente as viagens. Não obstante, em expedições logo posteriores à nossa, como foi o caso da Operação Marco Polo, os astronautas viram-se submetidos à dinâmica dessas fortíssimas acelerações, que alcançaram em certos momentos até 245 metros por segundo. E ainda que esses picos de gradientes na função velocidade durassem frações de segundo, tanto a nave como o grupo de pilotos tiveram de ser devidamente protegidos. Não vou entrar agora nos detalhes da referida aventura; só resumirei, com intuito só apenas descritivo, algumas das extraordinárias características dos trajes espaciais experimentados por meu companheiro e por mim, os quais haviam sido em parte desenhados e desenvolvidos pela Hamilton Standard Division da United Aircraft, em Windson Locks, Connecticut.

Esse traje consta de uma membrana extremamente complexa que envolve o corpo do astronauta, sem contato algum com sua pele. Esse espaço que fica entre a superfície interna do traje espacial e a epiderme humana é com rigor controlado em função do grau de vasodilatação capilar da pele, assim como de sua transpiração. Desse modo, a temperatura do corpo mantém sua graduação normal, permitindo ao viajante desenvolver sua atividade física. Os componentes do meio interno são regulados em função da informação fornecida por detectores da atividade fisiológica dos aparelhos respiratório e circulatório, assim como da epiderme. Os equipamentos de controle fisiológico são dotados de sondas que verificam quase todas as funções orgânicas, sem necessidade de introduzir dispositivos acessórios no interior dos tecidos orgânicos. Desde a atividade muscular e a avaliação dos níveis de glicose e ácido láctico até o controle da atividade neurocortical, que fornece dados precisos sobre o estado psíquico do sujeito, assim como toda a gama de dinamismos biológicos, tudo é canalizado através de $2,16 \times 10^6$ “túneis” ou “redes” informativos. Um computador central compara os dados com padrões standard, ditando as respostas motrizes correspondentes. Na cabeça, o traje é provido de um ampliador em forma troncocônica que permite uma visão natural ou artificial. A base do referido tronco, que permite aos olhos abarcar um ângulo de 130 graus, encontra-se a uma distância de 23 centímetros do rosto. Trata-se, na realidade, de uma tela que permite a visão artificial em casos concretos da viagem. Ela é provida em toda sua superfície de cerca de 16×10^7 centros excitáveis, capazes de irradiar individualmente e com diferentes níveis de intensidade todo o espectro magnético entre $3,9 \times 10^{14}$ ciclos por segundo. A visão binocular é conseguida graças à disposição prismática de cada núcleo emissor. A excitação de faces opostas, de modo que um dos olhos não tenha acesso à imagem ou mosaico do outro, é conseguida por um método muito complexo. Uma sonda registra os campos elétricos gerados pelos músculos oculares dos olhos (autênticos eletromiogramas). O computador central do módulo conhece assim, em cada instante, a orientação do eixo pupilar. De outra parte, os prismas excitáveis que integram a tela – de dimensões microscópicas – estão situados na superfície de uma capa de emulsão viscosa que lhes permite o livre giro. Esses prismas são controlados mecanicamente por meio de um campo magnético duplo, de forma que metade deles obedece a um componente horizontal do campo; e os restantes, a um transversal. Assim, um e outro grupo orientam suas faces com independência, tal qual duas persianas orientam suas lâminas quando se manejam os cordéis que regulam o ângulo para a entrada de luz. (Nesse caso, os “cordéis” seriam ambos os campos magnéticos; e o fator motor, a resposta do computador central aos micromovimentos musculares do globo ocular.)

A percepção binocular oferece imagens de relevo normal, de modo que o astronauta acredita estar vivendo um

mundo real, longe da envoltura e da massa gelatinosa que o rodeiam em determinados momentos da viagem. Em certas fases do voo, em que a nave se vê forçada a experimentar grandes variações na função velocidade, o interior do módulo enche-se previamente de uma massa viscosa em forma de gel. Trata-se de um composto de baixo ponto de gelificação, em suspensão hidrossol. Sua coagulação, em certos casos, e ulterior regressão ao estado "sol" coloidal efetuam-se graças às características do solvente empregado, pois, para uma temperatura de 24,611 °C à sombra, converte-se em um eletrólito de elevada condutibilidade. Suas propriedades tixotrópicas são nulas, de forma que qualquer efeito dinâmico em seu interior – agitação, por exemplo – não provoca sua transformação em "sol". Entre outras funções, essa geleia viscosa atua como proteção contra os elevados picos de aceleração que o módulo sofre em determinadas ocasiões, amortecendo-os. Uma vez desaparecidas essas circunstâncias, a massa gelificada é levada, mediante um duplo efeito de mudança térmica e ionização controlada, ao estado de hidrossol, para ser bombeada para o exterior da cabine do módulo (N. do M.)

22 Pouparei ao hipotético leitor deste diário a descrição da operação completa que denominávamos "ancoragem" e que o computador executava simultaneamente ao processo de inversão axial. Justo nessa fração de tempo, os swivels eram "removidos" até que seus ângulos fizessem parte ativa das novas coordenadas baricêntricas, vitais para "ancorar o berço" no espaço correto, complementar do "agora" em que se desejava atuar. Esse prodigioso sistema de "trasladação" – que não estou autorizado a descrever – constituirá no futuro um meio para vencer as imensas distâncias estelares, sem necessidade de arrastar-se fisicamente pelo espaço. No nosso caso concreto, o "berço", ao retroceder às 23 horas do dia 30 de março do ano 30 de nossa Era, foi localizado e "ancorado" nas seguintes coordenadas baricêntricas, referidas ao equador e ao equinócio médios: 0,8361537003739908, – 0,5247143520738486 e – 0,2302279055872300. (Sendo o Sol, obviamente, o ponto "O" de onde partem os eixos das referidas coordenadas e estimando a unidade astronômica de distância em $1,49597870 \times 10^{11}$ metros.) (N. do M.)

30 de março, quinta-feira

Foi, quem sabe, o instante de maior tensão. Eliseu e eu, afundados em nossos trajes espaciais, percebemos como nossos corações aceleravam sua frequência, até próximo das 150 pulsações. O comando marcava 23 horas, 3 minutos e 22 segundos de quinta-feira, 30 de março do ano 30. Havíamos “retrocedido” 17.019.289 horas.

Pouco a pouco recuperamos o controle da frequência cardíaca, concentrando-nos na operação de manutenção do estacionário e na revisão geral dos sistemas. Nada parecia ter mudado. A fonte exterior de luz infravermelha nos continuava camuflando e os altímetros marcavam os números primitivos: cota de oitocentos pés sobre o solo e nenhuma oscilação no módulo. Durante o processo infinitesimal de inversão de massa, a pilha nuclear SNAP-10A havia continuado a alimentar o motor principal de turbina a jato CF 200-2V. Nossa posição no espaço, portanto, não havia variado.

Checados os circuitos principais, Eliseu e eu realizamos um primeiro contato visual com a região. A oeste de nossa posição, a pouco mais de mil pés, divisamos um extenso núcleo luminoso. Apesar de muitas horas de treinamento, a emoção nos tirou a fala. Os radares confirmavam o perfil de um assentamento humano com uma infinidade de construções de baixa estrutura e duas edificações de grande envergadura: uma no lado leste da cidade – de maiores dimensões –, e a outra a sudeste. Logo deduzimos que se tratava do grande complexo formado pelo Templo e pela torre Antônia e o palácio de Herodes, respectivamente. Nossas suposições, apesar da escuridão cerrada, eram corretas: aquelas luzes amarelas e tremeluzentes correspondiam à Cidade Santa de Jerusalém. A totalidade do núcleo humano achava-se fechada por uma muralha. Um segundo muro, muito semelhante ao que constituía o perímetro da povoação, dividia Jerusalém no seu terço norte, desde a face oeste do Templo até a fachada norte do palácio herodiano.

A leste-sudeste de nosso módulo, avistavam-se outros dois grupos de luzes mortijas, infinitamente menores que o primeiro e situados praticamente no sopé do monte sobre o qual estávamos estacionados, e que presumíamos fosse o monte das Oliveiras. Os equipamentos das ondas de 740 milímetros de longitude captaram as primeiras e confusas imagens desses núcleos humanos, não sendo possível confirmar se, como suspeitávamos, se tratava das aldeias de Betânia e Betfagé.

Após aquele primeiro rastreamento dos arredores mais próximos, meu irmão de exploração e eu executamos a segunda fase do plano: uma nova inversão de massa, com o fim de polarizar os eixos dos swivels até a hora-limite, que nos

serviria de autêntico ponto de partida para uma posterior descida sobre o cume do monte das Oliveiras. Às 23h33 o módulo “retrocedeu” no tempo, sendo “ancorado” nas novas coordenadas e “aparecendo” quinze horas antes. Embora o caudal do gerador atômico permitisse a manutenção da nave no estacionário até o amanhecer do dia seguinte, 31 de março, os objetivos da exploração recomendavam essa segunda inclinação dos ângulos do tempo dos swivels até alcançar as 8h33 do dia 30 de março do ano 30. E ainda que eu não deseje adiantar acontecimentos, nossas fontes de informação prévias apontavam sexta-feira, 31 de março, como a data em que o Mestre da Galileia entrou em Betânia, procedente da vizinha cidade de Jericó, distante uns 34 quilômetros de Betânia, onde residia a família de Lázaro. Se tudo estivesse transcorrendo normalmente, eu deveria estar ali com uma antecedência aproximada de 24 horas.

Como descrever aquele amanhecer de 30 de março sobre a vertical do monte de Oliveiras?

O sol nascente havia apagado as tochas de Jerusalém, oferecendo a nossos olhos atônitos um imenso cacho de casinhas brancas e ocre, apertadas umas contra as outras e lançadas em mil direções por ruelas irregulares. Destacando-se sobre aquele mosaico, uma formidável fortaleza retangular, levantada na face leste da cidade. Era o templo erigido por Herodes, o Grande, com suas imensas colunatas dividindo espaçosos pátios e átrios. Tal qual havia descrito o historiador Flávio Josefo, uma brilhante cúpula, correspondendo ao Santuário, resplandecia como se fosse uma “montanha coberta de neve”.

De norte a sul, ao pé da muralha leste de Jerusalém, divisamos o leito seco e estreito de um rio que identificamos como o Cedron.

Do lado leste-sudeste, ligeiramente esfumada pela névoa, perdia-se no horizonte o mar Morto. Sua superfície azulada refletia-se timidamente, destacando-se como um milagre sobre as ressequidas e acinzentadas ondulações do deserto de Judá. Muito mais ao fundo, perdidos em um verde-azul inverossímil, as colinas de Moab.

Alvorçados, Eliseu e eu descobrimos junto ao vértice sul das muralhas da Cidade Santa o diminuto retângulo de águas marrons que, segundo nossos mapas, devia ser a piscina de Siloé. Nessa mesma direção, a pequena distância dos muros, uma ladeira morria no leito do Cedron. Nessa paragem – conhecida como a terra infértil de Hakeldama – deveria ocorrer o trágico fim de Judas Iscariotes.

E, sob nosso módulo, um promontório se estendia paralelamente à grande muralha leste de Jerusalém. Tratava-se, de fato, do monte das Oliveiras, repleto das árvores que lhe deram o nome.

As primeiras inspeções, com o emprego do sistema de eco-sonda, confirmaram a vastidão de um terreno calcário, num amplo raio ao redor de Jerusalém. Os equipamentos de análises de entornos, baseados em um procedimento estereográfico muito semelhante ao dos raios X, ratificaram a presença de vegetação em um cinturão de 16,650 quilômetros. Toda a orla norte e noroeste da

cidade apresentava extraordinária abundância de hortas e pomares. Ao sul e sudeste, especialmente na massa do monte de Oliveiras, eram muito mais frequentes os olivais, destacando-se aqui e ali aleias de vinhedos. Estes cresciam sobretudo na colina ocidental do vale do Cedron e, mais exatamente, ao sul da esplanada do Templo.

Como detalhe curioso, direi que nossos dispositivos detectaram a sudoeste da cidade um pequeno núcleo urbano (logo soubemos que se tratava da aldeia de Erebinthon), em cuja periferia cresciam amplas plantações de grão-de-bico.

Um caminho poeirento contornava a face oriental do monte das Oliveiras, unindo os povoados de Betfagé e Betânia a Jerusalém. Os limites dessas aldeias apresentavam-se coalhados de palmeiras, figueiras e sicômoros. Em meio àquela esplêndida vegetação, chamou-nos a atenção a secura do Cedron e, especialmente, um débil fio de "água" vermelha que brotava no fundo do talude que se estendia sobre as muralhas, a pequena distância do não menos célebre pináculo do Templo. (Em uma de minhas incursões ao interior da Cidade Santa, eu acabaria desvendando o mistério daquele fio de "água" vermelha.)

Antes de realizarmos a operação de descida definitiva sobre o cume do monte das Oliveiras, meu companheiro e eu concluímos as medições topográficas, e alguns desses cálculos, sinceramente, fizeram transbordar nossa capacidade de assombro.

As medidas do Templo, por exemplo, eram portentosas.

Aquele retângulo, que ocupava pouco mais de uma quinta parte da superfície da cidade, era isolado por sólidas muralhas de 150 pés²³ de altura. Sua face norte, conhecida como átrio dos Gentios, e em cuja extremidade mais oriental se achava apoiada a torre Antônia, media novecentos pés de comprimento. Diante do monte das Oliveiras, a fachada leste do Templo, toda de mármore branco, alcançava 1.285,5 pés. A muralha ocidental tinha praticamente as mesmas dimensões que a anterior. E, por último, o lado sul, que fechava o recinto sagrado e no qual se distinguiam, vistas de nosso módulo, duas amplas portas,²⁴ alcançava 801 pés de comprimento.

Quanto ao templo de Herodes propriamente dito, que se levantava no centro daquele grande retângulo, os equipamentos nos indicaram 578,4 pés de comprimento por 417,6 pés de largura.

A fortaleza ou torre Antônia, residência do representante de César durante as festas mais importantes dos judeus, elevava-se a 2.200 pés acima do nível do mar. Era outra soberba construção de 450 por 384 pés, flanqueada em seus quatro cantos por sólidas torres de 105 pés de altura cada uma.

A oeste da cidade, na parte mais elevada de Jerusalém (2.280 pés), a família Herodes havia construído sua residência-fortaleza. O palácio e os jardins reais ocupavam uma faixa do terreno de 900 x 300 pés junto à muralha mais ocidental da Cidade Santa. A edificação se destacava por suas três torres, de 120,90 e 75 pés.²⁵

Da ala norte do palácio de Herodes – como nossos radares haviam detectado na noite anterior –, estendia-se outra muralha até mais ou menos a metade da fachada oeste do Templo, dividindo a cidade em dois setores.

As dimensões totais de Jerusalém eram as seguintes: longitude máxima (da torre Antônia até o vértice sul), 3.696 pés. Nesse ângulo sul da cidade – junto à piscina de Siloé –, detectamos a parte mais baixa do terreno: 1.980 pés. A largura da Cidade Santa, desde o muro exterior ocidental (correspondente ao palácio de Herodes) até o pináculo do Templo, era de 2.667,6 pés.

A inexpugnável muralha que guardava Jerusalém se erguia a 225 pés sobre a superfície do vale. (O curso do Cedron oscilava entre 1.860 pés, em sua região mais baixa, diante de Hakeldoma e do contraforte formado pelas muralhas ao sul da povoação, e 2.040 pés, em seu trecho na frente do horto de Getsêmani, no sopé ocidental do monte de Oliveiras.)

O computador mediu a extensão total da muralha externa da cidade, registrando na tela 11.378,1 pés.²⁶ Já o muro que passava entre as vivendas, dividindo Jerusalém em duas cidades perfeitamente diferenciadas – como eu iria ter a oportunidade de comprovar pessoalmente –, tinha 1.446,6 pés de extensão.

Em nossa vertical, o monte das Oliveiras apresentava duas cotas máximas: 2.200 pés em frente à piscina de Siloé, vale dizer, ao sul da cidade; e 2.454 pés (elevação máxima) diante do Templo. Localizado na parte inferior, o horto de Getsêmani achava-se a uma distância de 739,2 pés em linha reta (desde a ladeira até o muro oriental do Templo).

A cota máxima do monte (2.454 pés acima do nível do mar) estava a uns 180 pés acima do Templo. Esse fato, aliado à localização feita por nossos equipamentos de uma pequena formação rochosa que despontava no monte entre um mar de oliveiras, levou-nos a estabelecer nosso ponto de contato sobre a pequena clareira de pedra calcária dura.

Às 10h15, o módulo pousou, enfim, sobre o cume do monte das Oliveiras. Em uma primeira “tentativa”, os quatro pés extensíveis do “berço” afundaram ligeiramente entre as lajes rochosas. Finalmente, porém, o módulo estabilizou-se, o que nos permitiu desativar o motor principal.

Embora fosse impossível à população de Jerusalém ou dos arredores ver a descida do módulo, um observador relativamente próximo do nosso ponto de contato poderia ter percebido um súbito redemoinho de poeira e terra, provocado pela pressão dos gases contra o solo na operação final de frenagem da máquina. Por sorte, toda a poeira desapareceu em pouco mais de sessenta segundos, assim como o silvo agudo do reator.

Apesar disso, Eliseu e eu nos mantivemos alertas por quase meia hora, atentos a uma inesperada emissão de radiações infravermelhas, provenientes de seres humanos que pudessem irromper no campo de segurança de nosso veículo, fixado em um raio de 150 pés. Qualquer indivíduo ou animal que penetrasse naquela faixa de terreno seria automaticamente visualizado nos painéis do módulo. No caso de

um presumível ataque, o tripulante que permanecia no interior do “berço” estava autorizado a desencadear um dispositivo especial de defesa – localizado na “membrana” exterior da fuselagem – que projetava a 30 pés da nave uma parede de ondas gravitacionais em forma de cúpula. Ainda que essa semiesfera protetora não pudesse ser vista, o intruso ou os intrusos que tentassem cruzá-la experimentaríamos a sensação de estar enfrentando um furacão. (Como já disse antes, nenhum dos expedicionários poderia lesar e muito menos matar qualquer integrante do meio social sob observação.)

Por volta das 11 horas, depois de medir a temperatura da superfície (11,6 °C), a umidade relativa (57 por cento), a direção e intensidade do vento (ligeira brisa do noroeste) e outras grandezas mais complexas – de caráter biológico –, iniciei os últimos preparativos para minha saída da nave.

Enquanto Eliseu continuava vigiando as proximidades, eu me despi para uma meticulosa inspeção do corpo. Eu deveria desvencilhar-me de qualquer objeto impróprio para a época, como o relógio de pulso, uma corrente com placa identificatória, de uso obrigatório nas forças armadas, e um pequeno anel de ouro que sempre trazia no dedo mínimo esquerdo.

Submeti-me em seguida a uma pulverização do tronco, ventre, genitais, espáduas e base do pescoço e nuca, revestindo-me, assim, com a obrigatoria defesa que chamávamos “pele de serpente”. Essa segunda epiderme era uma fina película cuja substância básica era constituída de um composto de silício em solução coloidal e volátil. Esse líquido, ao ser pulverizado sobre a pele, evaporava-se rapidamente, deixando a epiderme recoberta de uma fina camada, ou película, opaca e porosa, de caráter antieletrostático. Sua cor podia variar, segundo a finalidade, podendo ser utilizada até como código quando se trabalhava em grupo. Entretanto, para evitar possíveis e desagradáveis surpresas, preferi uma “epiderme” absolutamente transparente...

A Operação Cavalo de Troia havia estudado com o mesmo escrupulo a conduta que eu deveria seguir naqueles onze dias. Como eu iria me fazer passar por um honrado comerciante estrangeiro – grego, por sinal –, os peritos haviam preparado um duplo jogo de vestes: uma saia curta ou saiote (marrom-escuro); uma túnica simples, clara; uma faixa ou cinto trançado com cordas egípcias, que prendia a túnica; e um incômodo manto ou roupão, que podia ser enrolado em torno do corpo ou suspenso sobre os ombros. A embaraçosa chlamys, que estive a ponto de perder em vários momentos da exploração, havia sido confeccionada a mão, tal como a túnica, com lã das montanhas da Judeia, e tingida com glasto, até ficar com uma discreta coloração azul-celeste. Para a confecção de ambas as túnicas, os peritos haviam contratado os serviços de hábeis tecelões da Síria, herdeiros do antigo núcleo comercial de Palmira, que ainda manipulavam o linho de sequeiro.

Previendo uma eventual falha do dispositivo de transmissão auditiva, que eu levava no interior de meu ouvido direito,²⁷ Curtiss havia ordenado que a chlamys dispusesse de uma fivela de cinco centímetros, com a qual eu podia prender o

pallium, ou manto, no ombro esquerdo. Essa fivela de bronze encerrava um microtransmissor capaz de emitir mensagens de curta duração, mediante impulsos eletromagnéticos de 0,0001385 segundo cada um. Dessa forma, ficava assegurada uma eficaz e permanente conexão com a base.

Quanto ao calçado, haviam sido desenhados dois pares de sandálias, com solado de fibras de esparto, trançadas nas montanhas turcas de Ancara. Cada pé, costurado manualmente, tinha incrustados nas bordas das solas grandes pares de finas tiras de couro de vaca, convenientemente curtidas. Cada cordão, de cinquenta centímetros, permitia prender o rústico calçado com folga suficiente para quatro voltas nas canelas.

Um mês antes do lançamento, para simplificar minha higiene diária, deixei crescer a barba de forma desordenada.

Aquelas vestes e aquela barba desencadearam o bom humor de Eliseu. Durante os últimos minutos de minha permanência no módulo, ele me submeteu a todo tipo de gozação. E esses momentos de diversão foram altamente relaxantes, fazendo que esquecêssemos momentaneamente onde estávamos e o que nos reservava o destino.

Seguindo um dos costumes populares da Palestina naquele tempo, impregnei os cabelos com gotas de azeite comum, deixando-os mais suaves e sedosos.

Por último, pendurei no cinto uma pequena bolsa de borracha impermeabilizada, na qual a equipe da Operação Cavalo de Troia havia colocado uma libra romana em pepitas de ouro.²⁸ A evidente dificuldade de conseguir moedas de uso legal na Jerusalém do ano 30 havia sido suprida por aqueles gramas de ouro, extraídos dos antiquíssimos filões de Tharsis, nas escarpas da serra ibérica de Las Camorras. Segundo nossos dados, não seria difícil trocá-las por denários de prata e moedas fracionárias como o asse, o óbolo ou o sestércio.²⁹

Eliseu verificou pela enésima vez os sistemas de transmissão, ampliando a faixa inicial de recepção de 10.500 para 15 mil pés. Antes do pouso, os equipamentos haviam medido a distância entre Betânia e a Cidade Santa, seguindo o caminho que contorna a face leste do monte das Oliveiras, e o resultado foi 8.325 pés.³⁰

O cenário em que eu devia me movimentar naqueles dias havia sido delimitado justamente entre essas duas povoações – Betânia e Jerusalém, com o pequeno povoado de Betfagé a curta distância da aldeia de Lázaro. Assim, meu afastamento máximo do “berço”, que estava equidistante de ambos os núcleos urbanos, não deveria ser superior a três milhas. A margem estabelecida para a comunicação auditiva entre mim e Eliseu era, portanto, mais do que suficiente.

Às 12 horas, depois de trocarmos um emocionado abraço, meu parceiro acionou a escadinha de descida e eu saltei em terra.

Minha primeira preocupação ao caminhar sobre aquela terra branqueada pelo sol do meio-dia foi verificar minha posição em relação ao monte das Oliveiras. Poucos passos adiante, ao alcançar um pequeno bosque de oliveiras que se

estendia na direção sul, foi que reparei no grande silêncio, apenas rompido pelo leve rumor de asas de libélulas. Parei e, depois de orientar-me, abri a comunicação auditiva com Eliseu. A julgar pelo trajeto que eu havia percorrido desde aquele amontoado de rochas amareladas sobre as quais o módulo havia pousado, eu devia estar a pouco mais de noventa pés de Eliseu. As palavras do irmão soaram claras e fortes aos meus ouvidos:

– É possível que a razão desse silêncio – disse ele – se deva à presença do “berço”... Apesar da camuflagem, alguns animais podem ter detectado as emissões de ondas...

Um pouco mais tranquilo, prossegui minha minuciosa localização de pontos de referência, vitais para um eventual retorno precipitado à nave. Ainda que o microtransmissor da fivela atuasse também como radioguia multidirecional (com sinais VHF de ultra-alta frequência), possibilitando dessa forma que um dos radares de bordo pudesse receber meu “eco”, ininterruptamente e num raio estimado de cinquenta milhas, eu não estava autorizado a carregar um sistema de localização do invisível módulo. Por causa da natureza de minha missão, os responsáveis pela Operação Cavalo de Troia haviam desaconselhado a inclusão em minha escassa bagagem de uma das “balizas” – do tipo manual – que operavam na frequência de 75 megaciclos, que teria sido utilíssima para meu reencontro com o “berço”. Em suma: eu deveria valer-me apenas de meu sentido de orientação, ao menos até o limite da zona de segurança da nave, a 150 pés dela. Uma vez dentro desse círculo, Eliseu podia “conduzir-me” por meio do transmissor colocado em meu ouvido.

Graças a Deus, o “ponto de contato” achava-se no pico do monte das Oliveiras. Essa circunstância, aliada à presença da pequena clareira pedregosa, tornava relativamente fácil a localização da base de nosso veículo, quer eu escalasse o monte pela rampa oriental (que termina em Betânia), quer pela ocidental, que desemboca na barranca do Cedron.

Revisei rapidamente minhas vestes e, com passo cauteloso, penetrei no olival. À minha direita, entre os ramos de velhas oliveiras, distinguiam-se a cúpula dourada do Templo e boa parte das muralhas da Cidade Santa. Mas, apesar do intenso desejo de me aproximar da borda ocidental da “montanha das azeitonas” – como os israelitas também chamavam o monte das Oliveiras – e desfrutar daquele inigualável espetáculo que era a Cidade Santa, limitei-me ao plano traçado e iniciei a descida pela vertente sul, em busca do caminho que havíamos divisado do alto e que me conduziria a Betânia.

De repente, ao inclinar-me para desviar de um dos frondosos ramos, percebi, com certo sobressalto, quanto meu calçado era chamativo, esmerado demais para pertencer a um andarilho e inquieto comerciante estrangeiro. Sem hesitar, sentei-me em uma das raízes de uma vetusta oliveira e, após olhar ao redor, apanhei alguns punhados de terra ocre e esponjosa e os esfreguei na sandália e nos cordões.

A inesperada interrupção de minha caminhada foi registrada no módulo e Eliseu ficou preocupado com minha segurança.

– Algum problema, Jasão?

A partir de minha saída do “berço”, aquela iria ser minha senha de guerra. O nome Jasão havia sido tomado do herói dos tessálios e beócios, chefe da famosa expedição dos argonautas, cantada pelo poeta grego Apolônio de Rodes e pelo profeta épico latino Valério Flaco. Aceitei o nome, embora tendo consciência de que não tinha nada de herói e que minha missão na Operação Cavalo de Troia não era precisamente a busca do velocino de ouro, na qual tanto esforço havia despendido o bom Jasão.

Expliquei a Eliseu o momentâneo contratempo e retomei a marcha, sempre atento a meu possível primeiro encontro com os habitantes da região.

Caminhados pouco mais de trezentos passos, deixei para trás o olival. Diante de mim abria-se uma pradaria sombreada por dois corpulentos cedros de quase quarenta metros de altura.

O coração bateu mais forte. Sob aquelas árvores haviam sido montadas quatro grandes tendas.

Durante alguns segundos, eu não soube como agir. Fiquei quieto, indeciso. Debaixo das lonas escuras das tendas, agitavam-se numerosos indivíduos.

Pressionei meu ouvido direito e a voz de Eliseu chegou prontamente:

– Que há...? – perguntou ele.

– Primeiro contato humano à vista... Ao que parece são mercadores... Vejo alguns rebanhos de ovelhas próximo às tendas.

Eliseu consultou a memória histórico-documental do computador central do “berço” e transmitiu-me o seguinte informe surgido na tela:

– “Papai Noel”³¹ positivo. Segundo o Livro das Lamentações, R. 2,5 sobre 2,2 (44^a 2), e o escrito rabínico Ta^c anit IV 8,69^a 36 (IV / 1,1,91), nesse extremo sul do sopé do monte das Oliveiras, onde você se encontra agora, instalava-se tradicionalmente um grupo de tendas, em que se vendia o necessário para os sacrifícios de purificação no Templo. Segundo esses dados, sob esses dois cedros você deverá encontrar também um mercado de pombinhos para os sacrifícios. Volume mensal aproximado: 40 se), quer dizer, umas 40 arrobas, ou 600 quilos de pombinhos, se você prefere... “Papai Noel” menciona também um texto de Josefo (Guerras dos Judeus V 12,2/505), no qual se descreve um muro edificado por Tito quando sitiou Jerusalém. Esse muro conduzia ao monte das Oliveiras e fechava a colina até uma rocha chamada “do pombal”. É muito provável que nos arredores você encontre pombais escavados na rocha...

– Recebido. Obrigado. Vou até eles.

– Um momento, Jasão – interveio novamente Eliseu. Esses informes podem ser úteis. “Papai Noel” acrescenta que, segundo o escrito rabínico Menahor (87^a), esses carneiros procediam de Moab; os cordeiros, de Hedron; os bezerros, de Saron; e as pombas, da Montanha Real ou Judeia. O gado vacum, da planície

costeira compreendida entre Jaffa e Lydda. Parte do gado de corte chega da Transjordânia (possivelmente os carneiros). Idiomas dominantes entre esses mercadores: aramaico, sírio e, talvez, algo do grego...

– O.K.

– Boa sorte!

Conforme fui me aproximando das tendas, minha excitação foi crescendo. Aquela podia ser minha primeira oportunidade não só de estabelecer contato com os israelitas, mas também de praticar meu aramaico galileu ou grego.

Ao chegar entre as tendas, uma emanção indescritível, mistura de cheiro de gado, fumaça e azeite cozido, quase me atirou para trás. Três das tendas haviam sido adaptadas como currais. Sob as barracas de uma lona enegrecida e remendada por toda parte, apinhavam-se perto de 150 cordeiros e carneiros. Na quarta tenda alinhavam-se grandes tinas com azeite e farinha. Encostados nessa última tenda, vários homens, com amplas túnicas vermelhas, azuis e brancas, formavam um círculo, sentados sobre seus mantos. A curta distância, fora da sombra das tendas, várias mulheres, quase todas com longas túnicas verdes, ocupavam-se ao redor de uma fogueira. Junto a elas, alguns meninos seminus e de cabeças raspadas ajudavam no que achei que fosse um almoço comum. Uma enorme panela fervia sobre o fogo, suspensa por um aro a três pés de ferro, tão cheios de fuligem quanto a própria panela. Várias jovencinhas, com o rosto coberto por um véu branco e ostentando diversos diademas sobre a testa, permaneciam ajoelhadas junto a pedras retangulares. Mecanicamente, cada menina tomava um punhado de grãos de trigo de um saco colocado ao lado e o depositava sobre a superfície ligeiramente côncava da pedra. A seguir, agarravam com ambas as mãos outra pedra menor e com ela trituravam os grãos. Uma das mulheres passava a farinha por uma peneira com aro de madeira, depositando o resultado da moagem em uma espécie de recipiente de barro.

Permaneci absorto por alguns minutos com aquele espetáculo. O grupo já havia notado minha presença e, depois de trocarem algumas palavras que não cheguei a captar, um deles ficou de pé e dirigiu-se a mim.

O mercador, possivelmente um dos mais velhos, indicou os rebanhos e perguntou-me se eu desejava comprar algum cordeiro para a próxima Páscoa. Ao falar, o homem mostrou a dentadura dizimada pelas cáries.

Sorri e, no mesmo aramaico popular em que ele me havia feito a pergunta, expliquei que não, que eu era estrangeiro e só estava de passagem para Betânia. Ao verificar, tanto por meu sotaque quanto por meus trajes, que de fato eu era um gentio, o hebreu lamentou ter se levantado e, com um gesto de aborrecimento pela presença daquele “impuro”, deu meia-volta e juntou-se de novo aos demais mercadores.³²

Um elementar senso de cautela levou-me a deixar aquele lugar, descendo a ladeira em busca do ansiado caminho. Ao cruzar o segundo cedro, no qual, como o computador havia “profetizado”, tinha sido montada uma quinta tenda, que

abrigava numerosas gaiolas com pombos, parei. E embora tivesse recuperado o ânimo e a confiança ao comprovar que não havia tido grande dificuldade para entender e me fazer entender no diálogo com o israelita, não senti vontade de desafiar a sorte.

O sol corria para o poente, encurtando perigosamente o tempo daquela quinta-feira, 30 de março. Eu devia me apressar para chegar a Betânia. Às 18h22, o ocaso poria um ponto final no dia judeu. E até lá eu já deveria ter feito meu contato com a família de Lázaro.

Apertei o passo e logo alcancei o local onde terminava a encosta do monte das Oliveiras. A meus pés, a uns cinco ou seis metros, aparecia o caminho que unia Jerusalém a Jericó, passando por Betânia. Da minha improvisada atalaia, distinguiam-se grupos de caminhantes que iam e vinham, na maioria peregrinos que se destinavam à Cidade Santa ou que saíam do interior das muralhas rumo a seus acampamentos. Em ambos os lados daquela estrada poeirenta, a perder-se no horizonte, estendia-se uma variada massa de tendas, muitas delas minúsculas, improvisadas.

Caminhei para a estrada e comuniquei ao módulo minha intenção de iniciar a marcha na direção leste, quer dizer, no sentido oposto a Jerusalém.

Logo comprovei que aquelas pessoas eram, em sua quase totalidade, galileus chegados em sucessivas caravanas e que, de acordo com o costume ancestral, costumavam acampar deste lado da cidade. A festa da Páscoa, uma das mais solenes do ano, reunia em Jerusalém centenas de milhares de israelitas, procedentes das diferentes províncias e do estrangeiro. Naquele ano, além do mais, a solenidade era duplamente importante, porque a Páscoa cairia num sábado.³³

Alojar-se em Jerusalém devia ser muito difícil, e muitos dos peregrinos acabavam por se acomodar pelos arredores.

Entre as tendas distingui dezenas de mulheres e meninas conversando animadamente, ocupadas no arranjo de suas frágeis tendas de peles e tecidos multicoloridos. Apesar de as mulheres não serem obrigadas a participar da festa, a família judia ia toda para a Cidade Santa e ali permanecia durante os dias e as noites que precediam os sagrados ritos de oferenda e da ceia pascal.

Enquanto caminhava entre aquela multidão alegre, extrovertida, de aspecto o mais variado possível, comecei a imaginar como poderia ter sido ou como iria ser – a entrada triunfal de Jesus de Nazaré nas primeiras horas da tarde de domingo em Jerusalém...

Para meu grande prazer, nenhum dos acampados ou peregrinos que cruzavam comigo mostrou o menor espanto ao me ver. Apesar disso, minha inquietação cresceu ao divisar ao longe, na estrada, um grupo de cavaleiros pertencentes à guarnição romana de Jerusalém e que regressavam, certamente, a seu quartel na fortaleza Antônia. Como medida de precaução, simulei cansaço e sentei-me à beira do caminho, ao pé de uma das tendas. Instintivamente levei a mão ao ouvido e,

em voz baixa, comuniquei a Eliseu a aproximação da patrulha.

Meu irmão, depois de consultar o computador, deu-me alguns dados sobre os soldados. Podia tratar-se de uma pequena unidade – uma turma –, composta de uns trinta cavaleiros. A legião baseada em Cesareia dispunha de 5.600 homens, dos quais 120 pertenciam à cavalaria. A presença de uma das quatro turmas em Jerusalém poderia significar que Pôncio Pilatos já tinha-se mudado para sua residência na torre Antônia, para ministrar a justiça durante a Páscoa.

– Atenção! – acrescentou Eliseu. – “Papai Noel” especifica que esses cavaleiros podem proceder de terras germânicas. O extrato social deles é muito baixo e o comportamento especialmente agressivo com os judeus. Cada uma das unidades é comandada por três oficiais – decuriões – cabeças de grupo.

A advertência de “Papai Noel” estava correta. Os cavaleiros avançavam devagar, afastando os descuidados com as afiadas bases de ferro do pilum (lança) que traziam. Contei 33 soldados ao todo, perfeitamente uniformizados, com suas cotas escuras de malha, elmos dourados e reluzentes, longas espadas no cinto e escudos hexagonais, orlados com metal. Todos os cavaleiros vestiam calções avermelhados, bastante justos e que chegavam até a metade da perna.

Marchavam em colunas de três e, com isso, ocupavam praticamente a largura da estrada. Ao passarem por mim, descobri com assombro que, à exceção dos chefes ou decuriões, todos eram muito jovens, talvez entre dezoito e trinta anos. É claro, porém, que eu não podia dar muito crédito àquela impressão: no ano 30, a média de vida devia oscilar ao redor dos quarenta anos.

Fechava o grupo armado um trio de soldados, cavalgando tordilhos em cujas garupas haviam sido amarradas faixas de lanças, um pouco mais curtas do que os pilum que traziam na mão direita e que possivelmente passavam de dois metros de comprimento.

Apesar de estar vendo com meus próprios olhos, foi muito difícil para mim naquelas primeiras horas adaptar-me à ideia de que eu retrocedera no tempo e de que aquilo que me cercava era a Palestina do Imperador Tibério!

Quando me decidi levantar e retomar o caminho, senti a leve pressão de uma mão em meu ombro. Ao virar-me, deparei com um menino de tez morena e profundos olhos negros. Vestia uma túnica curta de amplas mangas e cor indefinível. Na mão esquerda, trazia uma pequena tigela de madeira com água. Sem pronunciar uma única palavra, esboçou um sorriso e estendeu-me o escuro recipiente. Molhei meus lábios na água e lhe devolvi a vasilha, agradecendo.

– De onde vens? – perguntei enquanto lhe acariciava a cabeça raspada.

O rapaz apontou na direção de um pequeno grupo de homens e mulheres que descansavam no interior de uma tenda. Uma das mulheres, possivelmente sua mãe, fez um gesto com a mão para que ele respondesse.

– Somos de Magdala, senhor.

– Fica perto do lago, não?

O menino assentiu com a cabeça.

– Já ouviste falar de Jesus, o Nazareno?

Antes que meu jovem amigo chegasse a responder, um dos homens se adiantou até nós. Aparentava uns 35 ou 40 anos e exibia uma abundante barba negra. Tomou o pequeno pelo braço e me perguntou:

– Tu és seguidor do tecton?

Aquela palavra me deixou confuso.

– Perdoa-me, amigo – respondi-lhe. – Sou estrangeiro e não conheço o significado dessa palavra.

O homem soltou o menino e, cruzando os braços entre as pregas de seu manto, acrescentou:

– Nós conhecemos seu pai como José, o carpinteiro e ferreiro. E assim chamamos também seu filho.

Fiquei tentado a unir-me àquela família de galileus e atrasar minha entrada em Betânia. Mas pensei duas vezes e compreendi que ninguém melhor do que Lázaro e suas irmãs para falar do Mestre...

Enquanto prosseguia meu caminho, pedi a Eliseu uma informação sobre aquela nova definição de Jesus. “Papai Noel” foi conciso: “O Galileu, de fato, recebia o apelido de tecton – como carpinteiro, construtor ou ferreiro –, de acordo com a versão que sobre esse termo dava o escrito Shabbat, 31^a. Também Marcos faz alusão a tecton em 6,3”.

É possível que eu tivesse andado um pouco mais da metade do caminho entre Jerusalém e Betânia quando deixei para trás o estreito acampamento dos peregrinos israelitas. A partir daí, as tendas eram mais escassas. Podia estar equivocado, mas quase teria jurado que, no acesso à Cidade Santa, haviam-se instalado mais de mil improvisados albergues. Para uma média de seis ou sete pessoas por tenda, isso podia significar uns 6 mil ou 7 mil peregrinos.

No entanto, naquele último quilômetro não observei redução no intenso tráfego de gente e bestas de carga. Grupos de judeus, com asnos e alguns camelos, continuavam fluindo nos dois sentidos, transportando feixes de lenha e pesados e pontiagudos cântaros, ou tangendo rebanhos de cabras.

A vegetação, de um lado e de outro da estrada, surgia mais florida. À minha esquerda, a encosta oriental do monte das Oliveiras aparecia com uma plantação cerrada de olivas, cedros e alguns sicômoros. À direita, junto a palmeiras e figueiras, chamou-me a atenção uma série de cinamomos, com incipientes cachos de flores violeta, extraordinariamente cheirosas.

O fato de eu não poder carregar relógio me preocupava. Não era fácil saber em que momento do dia eu me encontrava. O sol já havia descambado para o oeste, mas eu ignorava quanto tempo havia transcorrido desde que abandonara o módulo. Por outro lado, desejava acostumar-me o quanto antes com minha nova situação, e isso incluía renunciar, na medida do possível, à comunicação auditiva com Eliseu. A julgar pelo caminho percorrido e pelas paradas que fizera, deviam ser 13h30 quando, ao sair da única curva do caminho, divisei à esquerda um minúsculo

grupo de casas. Ao fundo, à direita, descobri ainda outra aldeia, aparentemente maior que a primeira. Entusiasmado, acelerei o passo. Aquelas povoações deviam ser Betfagé e Betânia, respectivamente.

À medida que fui me aproximando do primeiro povoado, meu desencanto foi crescendo. Betfagé outra coisa não era senão um mísero conglomerado de pequenas casas de um único pavimento. As paredes haviam sido erguidas com pedras – possivelmente basálticas – e os interstícios eram mal tapados com pedras e barro. Os tetos daquela meia dúzia de casas eram constituídos, em sua maioria, de ramos de árvores reforçados com camadas de junco e palha, à exceção de um ou dois terraços.

Os arredores estavam repletos de figueiras e pequenas hortas onde ciscava uma infinidade de galinhas. As últimas e intensas chuvas de janeiro e fevereiro haviam convertido as “ruas” em um lamaçal.

Decepcionado, voltei ao caminho e informei Eliseu de minha passagem pela mísera Betfagé e minha iminente chegada a Betânia. A distância entre os dois lugares não era superior a setecentos ou oitocentos metros.

O lugar em que residiam Lázaro e sua família apresentava, ao contrário, aspecto muito mais sólido e esmerado. As casas eram modestas, mas dispunham de terraço, e suas paredes, quase sempre caiadas, haviam sido construídas com pedras lavradas.

Ao penetrar na aldeia, eu me surpreendi ao ver algumas das ruas pavimentadas com calhaus, se bem que outras ainda fossem estreitos becos, agora barrentos e malcheirosos.

O núcleo principal de Betânia estendia-se à direita do caminho que leva de Jerusalém a Jericó. Do outro lado do caminho, um grupo menor de casas apoiava-se na encosta do monte das Oliveiras. Algumas delas estavam praticamente incrustadas no sopé da montanha.

A animação na aldeia era considerável. Numerosos grupos de judeus iam e vinham por entre suas casas, conversando diante das portas ou à sombra dos vigamentos de junco, onde a hera trepava misturada com parreiras ressequidas e intermináveis.

Não demorei em ficar sabendo que aquela agitação vinha ocorrendo em Betânia desde que o Mestre da Galileia realizara o prodígio de ressuscitar seu amigo Lázaro. A notícia havia corrido como rastilho de pólvora por todo o reino, alcançando até mesmo a Síria e as costas da Fenícia. Desde então, uma legião de simpatizantes e seguidores de Jesus ou amigos de Lázaro acudia até a casa do ressuscitado, com o único propósito de satisfazer a curiosidade. E essa torrente de curiosos havia engrossado muito naqueles dias, por causa da próxima celebração da Páscoa. Com passadas normais, o caminho entre Jerusalém e Betânia podia ser coberto em pouco mais de uma hora, e isso justificava aquela cansativa movimentação pelas ruas da até então tranquila aldeia.

Não foi muito difícil chegar até a casa de Lázaro. Bastou juntar-me a um dos

grupos de judeus que acabavam de entrar em Betânia. Em poucos minutos, eu estava diante de uma propriedade situada quase fora do núcleo principal da povoação. Na fachada da casa, caiada com capricho, abria-se uma porta com vergas e ombreiras trabalhadas com pedras lavradas. Diante da casa, estendia-se um pequeno jardim de cinco ou seis metros de comprimento por seis ou sete de largura. No jardim, sobre um banco de pedra, à sombra de uma frondosa figueira, estava sentado um homem. Vestia uma túnica com franjas verticais vermelhas e azuis, de mangas compridas e largas. Cerca de três dezenas de homens o rodeavam, alguns sentados a seus pés. Absortos, aqueles judeus escutavam e contemplavam o homem de corpo enxuto e rosto picado de varíola. Era Lázaro!

Um estremecimento percorreu-me o corpo da cabeça aos pés. Tentei abrir caminho inutilmente. Ninguém parecia disposto a ceder seu lugar. Lázaro havia-se convertido na atração máxima daqueles dias.

Com voz cansada – como se estivesse repetindo a história pela enésima vez –, foi desenrolando sua “aventura” e respondendo a todas as perguntas que lhe faziam.

Alçando-me por sobre as cabeças dos curiosos, observei que se tratava de um homem relativamente jovem (talvez não tivesse chegado ainda aos quarenta anos), embora a palidez do rosto e as profundas olheiras o envelhecessem visivelmente.

Em poucos minutos, para meu desespero, Lázaro se levantou e despediu-se dos presentes. Eu o vi desaparecer na penumbra de sua casa, enquanto os judeus se dispersavam gesticulando, comentando o que haviam visto e ouvido.

E ali fiquei, deprimido e solitário, diante da pequena cerca de madeira que rodeava o jardim. Que deveria eu fazer? Entrar na casa? Esperar? Mas por quê? E para quê?

Deixei-me cair sobre a úmida pracinha que se abria diante da morada do amigo de Jesus e procurei cobrir-me com o manto. Começava a sentir a frescura do entardecer. Só então percebi que não havia comido nada e que, a julgar pela posição do sol, já devíamos estar no que os judeus chamavam de nona hora, ou seja, três da tarde. Aí compreendi por que Lázaro havia terminado aquela animada tertúlia. Era o momento da refeição principal – a que nós chamamos de ceia.

No entanto, não me deixei vencer pelo abatimento. A equipe da Operação Cavalo de Troia havia previsto que eu tentaria uma entrevista com Lázaro naquela quinta-feira, e assim deveria ser. Eu aguardaria.

Pensei em aproveitar aqueles minutos – enquanto a família ceava – para comprar algumas provisões, mas logo desisti. Na minha preocupação de chegar a Betânia, não havia pensado em entrar em Jerusalém para trocar algumas das pepitas de ouro por moedas, até porque isso me teria atrasado consideravelmente. Para dizer a verdade, não era a fome o que mais me preocupava naquele momento. Meus olhos, fixos na porta, estavam atentos à possível aparição de algum dos membros da família de Lázaro.

A intuição não me traiu. Ainda não havia passado meia hora quando irrompeu no jardim, vindo da parte de trás da casa, uma mulher com o rosto coberto pelo tradicional véu. Dois adolescentes a acompanhavam. Sobre a cabeça da volumosa matrona, balançava levemente um cântaro avermelhado. Ao me ver, deve ter ficado surpresa. Eu sabia que os bons costumes do meio social judeu não permitiam que um homem ficasse a sós com uma mulher, ou que esta sorrisse ou falasse com desconhecidos. Assim, vencendo minha tendência cultural de saudá-la ou de ficar em pé, mantive-me em silêncio, deixando que ela passasse a minha frente. A mulher desviou o olhar e acelerou o passo, perdendo-se por um dos caminhos que desembocavam na pracinha.

Suponho que ela deva ter notado algo de estranho em minha presença, porque dali a poucos minutos um dos meninos voltou correndo e entrou em casa como um meteoro. De repente, surgiram no umbral do jardim dois homens e o adolescente. Este, sem dúvida, os havia alertado sobre aquele estrangeiro que permanecia sentado junto às brancas estacas da cerca.

Fiquei em pé e esperei. Os homens, vestidos com grossos mantos cor de canela, aproximaram-se de mim.

– Que procuras, irmão? – perguntou aquele que parecia ser o porta-voz. O tom de sua pergunta tranquilizou-me. E havia uma grande doçura em sua fisionomia.

– Eu me chamo Jasão e sou da Tessalônica. Estou aqui porque procuro o rabi da Galileia.

– Ele não está aqui...

Simulei grande contrariedade e, olhando fixamente nos olhos de meu interlocutor, perguntei-lhe com veemência:

– Onde eu poderia encontrá-lo?

– Para que o queres?

– Sou estrangeiro, mas tenho ouvido falar dele da Antioquia a Corfu. Percorri muitas léguas porque sou um homem que não se satisfaz nem com os deuses romanos nem com os gregos, e porque desejo conhecer a nova doutrina do rabi a quem chamam Jesus.

– Por que o buscas aqui, diante da casa de Lázaro?

– Desde minha chegada às costas de Tiro, não tenho ouvido falar de outra coisa senão do último prodígio do rabi: dizem que devolveu a vida a seu amigo Lázaro, morto cinco dias antes...

– Fazia três dias que meu senhor estava sepultado – corrigiu-me o servo.

– Logo, é verdade – acrescentei, mostrando uma alegria intencional.

E antes que o homem pudesse retomar a palavra, supliquei que me fizesse ser recebido por Lázaro.

– Talvez ele saiba onde eu poderia falar com o Mestre...

Os homens trocaram um rápido olhar.

– Aguarde aqui – concluíram. – O amo ainda não terminou a ceia.

Assenti, enquanto os servos desapareciam no interior da casa. E diante da

iminente possibilidade de uma primeira entrevista com Lázaro, aproveitei aqueles segundos a sós para informar ao módulo o que se passava.

Devo ter causado boa impressão aos criados de Lázaro. Em poucos minutos era convidado a entrar na casa.

Transpus o umbral com uma mistura de timidez e emoção. O que eu havia tomado como a fachada da casa era na realidade a parede de um átrio ou pequeno pátio interno. A propriedade, pelo que pude observar, era muito maior do que eu havia imaginado. No centro do átrio retangular, a céu aberto, abria-se um pequeno cômodo de uns três metros de largura. O piso, calçado com ladrilhos vermelhos, era ligeiramente inclinado com pequenas canaletas, de forma que as águas pluviais pudessem cair dos beirais dos edifícios situados à esquerda e à direita até o recinto central. Ambas as edificações tinham a mesma altura da parede da fachada: quatro metros, aproximadamente. Logo fiquei sabendo que a da direita era na realidade uma estrebaria e que a da esquerda destinava-se ao depósito de apetrechos de lavoura, arreios e grades para arado.

No fundo do pátio, a uns sete metros do portão por onde eu havia entrado, abria-se outra porta, quase de frente à principal. Ali me esperava o homem que eu havia visto uma hora antes ao pé da figueira. Junto dele, outros três judeus, todos vestindo roupões de cores berrantes. Tal como eu havia observado entre muitos dos peregrinos galileus, eles levavam um turbante de pano na cabeça, com uma das extremidades pendente sobre a orelha direita. Todos tinham barba cerrada, mas bigode completamente raspado. Lázaro, ao contrário, mantinha a cabeça descoberta, mostrando um cabelo liso e curto, prematuramente grisalho.

Os servos convidaram-me a me aproximar de seu senhor. Ao chegar diante dele, pouco faltou para que eu lhe estendesse a mão. Lázaro e os demais permaneceram imóveis, examinando-me dos pés à cabeça. Foi um momento difícil. Mais adiante, eu compreenderia que aquela frieza se justificava. Desde sua ressurreição, os inimigos de Jesus – especialmente os fariseus e outros membros destacados do Grande Sinédrio – vinham mostrando uma preocupante hostilidade para com o vizinho de Betânia. Se o Nazareno já era uma ameaça aos sacerdotes de Jerusalém, Lázaro, com sua volta à vida, havia subvertido os ânimos, erigindo-se como prova excepcional do poder do Mestre. Era lógico, pois, que a família suspeitasse de tudo e de todos.

Aquela tensa situação logo seria aliviada – felizmente para mim –, quando meus anfitriões se convenceram da rudeza de meu sotaque, que me delatava como estrangeiro.

– Tu me procuravas? – interveio Lázaro com gesto grave.

– Venho de terras estranhas, em busca do rabi de Nazaré, de quem contam que é um homem sábio e justo. Ao desembarcar, soube que tu és amigo dele. Por isso estou aqui, em busca de tua compreensão...

Lázaro não respondeu. Com um gesto convidou-me a segui-lo. E ao transpor aquela segunda porta, encontrei-me em um espaçoso pátio de arcos, igualmente

aberto, mas quadrangular. Aquela, sem dúvida, era a parte principal da propriedade. Um total de catorze colunas de pedra, de pouco mais de dois metros de altura, escorava um segundo piso, todo ele construído em ladrilho. A fachada inferior da casa (a situada sob as arcadas) havia sido erguida com grandes pedras retangulares. Pude contar até sete portas, todas elas em sólida madeira cinzenta. No centro do pátio, havia sido escavada uma segunda cisterna. De seus quatro vértices, partiam outras tantas canaletas de pedra, pelas quais achei que deviam fluir as águas da chuva. A piscina estava praticamente cheia, com água de duvidoso colorido. Quase metade do pátio tinha por cobertura uma armação de caniços, sobre a qual descansavam os rebentos de duas parreiras que o pai de Lázaro trouxera da longínqua Corinto, nas costas da Grécia. O fruto dessa videira – de uma casta muito apreciada – tinha a particularidade de ser desprovido de sementes. Durante minha estada em Betânia, fiquei sabendo que Jesus de Nazaré tinha especial predileção pelos frutos daquelas videiras.

Lázaro e seus amigos cruzaram o piso de pedra do pátio e se encaminharam para uma das portas da esquerda. Ao passar sob o portal, reparei em quatro mulheres sentadas em um dos bancos de pedra colocados dorso contra dorso em cada uma das quatro fachadas existentes sob o claustro. Todas vestiam longas túnicas de cores claras – geralmente esverdeadas –, com as cabeças cobertas por grandes lenços. Nenhuma, porém, ocultava o rosto.

Guardarei sempre uma grata e inesquecível recordação daquela sala retangular a que me conduziu o amigo de Jesus. Ali eu passaria alguns dos momentos mais aprazíveis de minha incursão em Betânia.

Tratava-se de uma sala “familiar”. Uma espécie de salão-refeitório, de cerca de oito metros de comprimento por quatro e meio de largura. Três janelas elevadas e estreitas, abertas na parede oposta à porta, quase não deixavam entrar a claridade. Uma mesa clara, de pinho, presidia o centro do cômodo, cujo solo era rebocado com argamassa.

Em um dos cantos faiscavam alguns troncos, alimentados pela forte tiragem da lareira. A lareira cumpria uma dupla missão. De um lado, servia de calefação nos rudes meses de inverno. De outro, permitia a preparação de alimentos. Para isso, os proprietários haviam erguido, a pequena distância da chaminé, uma mureta circular de uns trinta centímetros de altura, formada por quatro camadas em que se alternavam barro e calcário. Em seu interior, entre as brasas, depositavam-se as panelas, assim como as assadeiras convexas que serviam para cozinhar tortas feitas com massa sem levedura. Quando se desejava cozinhar sem contato direto com o fogo, as mulheres depositavam pedras brancas sobre o lume. Quando elas estavam aquecidas, as brasas eram afastadas e o guisado era feito sobre as próprias pedras.

Em quase todas as paredes haviam sido dispostos despensas e prateleiras de madeira, onde se alinhavam bacias, bandejas, sopeiras e outros utensílios, a maioria de barro ou bronze.

Na parede oposta ao fogão, enterradas no piso, viam-se duas grandes tinas, de tonalidade vermelho-acastanhada. Alcançavam mais de um metro de altura e, segundo me explicaria Marta dias depois, eram destinadas ao consumo diário de grãos e vinho. Por uma delas, em especial, Lázaro e sua família tinham grande apreço. Havia sido resgatada muitos anos antes nas cercanias da cidade de Hebron e pertencera – segundo o selo real que apresentava em uma de suas quatro asas – aos vinhedos reais. Em uma minuciosa inspeção posterior, pude comprovar que essa tina apresentava um registro com as letras “lmlk”, que significavam “pertencente ao rei”. Sua capacidade, sensivelmente inferior à da tina destinada ao trigo, era de dois batos israelitas.³⁴ Permanecia sempre hermeticamente fechada com uma tampa de barro, presa, por sua vez, com cintas de pano.

O teto do aposento, situado a dois metros, era cruzado por seis vigas de madeira, provavelmente coníferas, muito abundantes nos arredores. Outras partes da casa com teto, com exceção dos terraços, apresentavam construção menos sólida. A estrebaria e o depósito de apetrechos agrários, por exemplo, haviam sido cobertos com material muito combustível: palha misturada com barro e cal. Esse tipo de teto, segundo me explicou Lázaro, tinha um grande inconveniente. Cada vez que chovia, era necessário alisá-lo de novo, com a finalidade de consolidar o material da superfície e evitar as goteiras. Para isso, eram usados pequenos rodos de pedra, de uns sessenta centímetros de comprimento.

Lázaro e os outros hebreus aproximaram-se do fogo crepitante e sentaram-se sobre algumas peles de cabra que forravam o piso. Eu fiz o mesmo e me dispus ao diálogo.

Nesse momento, uma mulher entrou na sala, trazendo na mão esquerda uma lasca de madeira incandescente. Sem dizer uma única palavra, foi acendendo cada uma das seis lâmpadas de barro cheias de azeite e penduradas ao longo das brancas paredes. Depois, apanhou um candelabro, também de argila, acendeu-o e colocou-o na extremidade da mesa mais próxima do grupo. Feito isso, aproximou-se da lareira e atirou sobre as brasas o resto da estilha e duas bolotas de aspecto resinoso. Eram de canafístula – um perfume usado com frequência entre os hebreus – e exalavam por todo o aposento um aroma suave e duradouro.

De repente, o crepúsculo escureceu aquele histórico recinto.

– Rogamos que desculpes nosso receio – pediu um dos amigos de Lázaro. – Desde que o sumo sacerdote José ben Caifás e muitos dos archiereis³⁵ do Sinédrio deliberaram pôr fim à vida do Mestre, todas as nossas precauções são poucas.

– Sabemos que os betusianos e esbirros de Ben Bebay³⁶ – disse outro dos participantes da reunião – têm ordens de prender Jesus. A festa de Páscoa está próxima e nossos informantes asseguram que os bastões e porretes da polícia do Grande Sinédrio estão prontos para cair sobre o rabi. Apenas aguardam a oportunidade.

– Por quê? – exclamei, mostrando um desejo vivo de compreender. – O Mestre, segundo tenho entendido, é homem de paz. Nunca fez mal a ninguém...

Lázaro deve ter notado uma vibração especial em minha voz. Aquele foi o primeiro passo para a abertura definitiva de seu coração.

– Tu és grego – respondeu o ressuscitado, dando a entender que eu ignorava muitas das circunstâncias que rodeavam o rabino. – Não sei se conheces a profecia que nosso povo acaricia e contempla desde tempos remotos. Um dia nascerá em Israel um Messias que tornará os homens livres. Pois bem, a casta sacerdotal crê e tem feito o povo crer que esse Salvador terá de ser primeiro e, acima de tudo, um sumo sacerdote.

– O Messias deverá ser membro do Grande Sinédrio?

– Isso é o que eles dizem. Os longos anos de dominação estrangeira têm fortalecido a esperança nesse Messias, convertendo-o em um chefe político que liberte Israel do jugo romano. Os sacerdotes sabem que o Mestre prega outro tipo de “libertação” e o consideram um impostor. Isso seria suficiente para acabar com a vida de Jesus. Mas não é tudo...

Lázaro continuava a me observar com olhos que uma progressiva e incontrolável cólera tornava brilhantes.

– Esses “sepulcros caiados”, como o Mestre os chamou, não perdoaram que Jesus os tenha ridicularizado publicamente. É a primeira vez em muitos anos que alguém os desmascara e mina sua influência sobre o povo simples. Jesus, com suas palavras e seus portentos, arrasta as multidões, e isso multiplica a inveja e o rancor deles. Por isso juraram matá-lo...

– Mas não o conseguirão – exclamou outro dos hebreus.

Interroguei Lázaro com o olhar. Que queriam dizer aquelas palavras contundentes?

O amigo amado de Jesus mudou de assunto.

– Por favor, desculpa-nos por nossa descortesia. A julgar pelo pó das tuas sandálias e pela fadiga de teu rosto, deves ter caminhado muito. Suplico-te que, como nosso irmão, aceites minha hospitalidade.

Aquele brusco desvio na postura de Lázaro confundiu-me. Mas esperei.

O homem abandonou o aposento e poucos minutos depois regressou acompanhado de uma mulher.

– Marta, minha irmã mais velha – disse Lázaro referindo-se à judia que o acompanhava –, lavarás teus pés...

Meu coração bateu com força. E sem perceber o erro que estava cometendo, fiquei em pé. O resto do grupo permaneceu sentado. Era tarde demais para corrigir. Procurei acalmar meus nervos. Não podia recusar o oferecimento de meu anfitrião. Isso teria sido considerado um insulto ao arraigado senso oriental de hospitalidade. Assim, colocando minhas mãos sobre os ombros do ressuscitado, sorri e agradeci sua delicadeza da melhor maneira que pude.

Quase não tive tempo de olhar para Marta, a “senhora” – que é o verdadeiro significado desse nome. Antes que seu irmão terminasse de falar, ela já tinha transposto o umbral da sala e sumido no pátio.

Lázaro pediu que eu me sentasse em um dos muitos tamboretos de quatro pés e assento de vime que rodeavam a mesa. Cinco minutos depois, a figura de Marta era novamente recortada contra a moldura da porta. Trazia nas mãos um recipiente de barro, vazio, e de seu antebraço esquerdo pendia um longo lenço branco. Um menino a seguia com uma jarra de bronze cheia de água.

Como se fosse um hábito dos mais rotineiros, a irmã mais velha de Lázaro colocou a vasilha a meus pés e enrolou na cintura uma peça que hoje chamaríamos de toalha. Apressei-me em soltar os cordões de minhas sandálias, enquanto a mulher esvaziava parte do conteúdo da jarra na vasilha. Ao banhar os pés, senti uma sensação reconfortante. A água estava quente!

– Obrigado... – murmurei. – Muito obrigado.

Marta ergueu o rosto e sorriu, deixando à mostra um fio de ouro que servia para fixar alguns dentes postiços. Aquele era outro sinal evidente da situação abonada da família.

Enquanto Marta lavava meus pés doloridos (as quatro voltas dos cordões haviam deixado marcas avermelhadas na pele), procurei observá-la detidamente. Sem dúvida, Marta era mais velha do que Lázaro. Aparentava ter entre 45 e 50 anos, ainda que sua verdadeira idade, como fiquei sabendo depois, rondasse os 36 ou 37 anos. Suas mãos, robustas e calosas, denotavam uma vida de trabalho intensa e longa. Tinha o talhe muito parecido com o do irmão, com cerca de 1,60 metro de altura, mas era mais gorda e tinha o rosto redondo e curtido. Deduzi que seus cabelos, que ela trazia cobertos por um véu preto que caía nas costas, deviam ser negros, como seus olhos e sobrancelhas.

De imediato, olhando-me nos olhos, exclamou:

– Jasão? Conhecemos a um Jasão, faz alguns anos. Tinha a mesma voz que ti...

Sacudindo a cabeça, pareceu afastar aquela estranha sensação. Acrescentou para si mesma:

– Mas não é possível. Aquele grego era mais velho que ti.

Uma vez concluída a lavagem, Marta envolveu meus pés no lenço que tirou da cintura e foi pressionando o tecido suave (provavelmente de algodão) até que ambos ficaram completamente enxutos. Tomou depois as sandálias e, para minha surpresa, passou-as ao rapazinho. Fiquei em silêncio, imaginando que a boa mulher cuidava de limpá-las.

Quando pensava que a operação havia terminado, Marta me pediu que arregaçasse as mangas da minha túnica. Obedeci, e ela, com extrema delicadeza, tomou-me as mãos e as colocou sobre a vasilha, espargindo sobre elas o resto da água da jarra. Mandou então que eu as esfregasse energicamente e, por último, as enxugou. Nesse instante, a “senhora” da casa, que continuava ajoelhada diante de mim, apanhou um cordãozinho que trazia no pescoço e tirou do seio uma bolsinha de pano, cor de azeviche. Abriu-a e despejou o conteúdo sobre a palma da mão esquerda. Eram pequenos grânulos em forma de lágrima, que cintilavam com a claridade das candeias. Marta friccionou aquela substância de aspecto “gomo-

resinoso” em cada um de meus pés, fez o mesmo com minhas mãos e depois devolveu o cheiroso produto à bolsinha.

Não pude resistir à curiosidade e lhe perguntei o nome daquele perfume. Era mirra.

Nos dias que se seguiram à minha saída do módulo, fiquei sabendo que muitas das mulheres israelitas, em especial as de classe média e alta, traziam sob a túnica, como Marta, diversas bolsinhas com mirra. Isso lhes proporcionava uma permanente e agradabilíssima fragrância. Tanto a mirra como o aloés, a erva do bálsamo e outras resinas aromáticas eram consumidas abundantemente pelo povo judeu, não só para aromatizar os templos, mas também no asseio pessoal, na lareira e até no leito.³⁷

Marta e o rapaz abandonaram a sala, e eu, agradecido e aliviado, juntei-me ao grupo. Lázaro atiçava o fogo. Em minha mente fervilhavam tantas perguntas que eu não sabia por onde retomar a conversa. Desejava conhecer a doutrina e a personalidade do Mestre da Galileia, mas também sentia uma aguda curiosidade por aquele exemplar único: um hebreu devolvido à vida depois de morto e enterrado. Como não podia desperdiçar aquela memorável oportunidade – programada, aliás, no esquema de trabalho do general Curtiss –, pedi a meu amável anfitrião que me tirasse algumas dúvidas a respeito do conhecido milagre de Jesus. Na qualidade de médico e apesar dos textos evangélicos e dos numerosos comentários que havia recolhido até aquele momento, era muito difícil para mim imaginar que aquele homem tivesse sofrido aquilo que conhecemos hoje como morte clínica e que, ainda por cima, vários dias depois do seu falecimento, outro “homem” o tivesse resgatado do sepulcro.

– Que desejas conhecer? – perguntou Lázaro, sem deixar de revolver o fogo.

Ainda que correndo o risco de parecer impertinente, expus minha primeira dúvida de forma astuciosa, com o deliberado propósito de provocar a loquacidade dos presentes.

– Não pode ter acontecido que tu estivesses apenas dormindo?

Lázaro esqueceu a lareira e, olhando-me com dureza, replicou:

– É melhor que eles respondam a essa pergunta...

Seus amigos ficaram em silêncio. Por um momento cheguei a pensar que havia forçado a situação. Finalmente, um deles, em tom compreensivo, pegou o fio da conversa.

– É natural que duvides. Tu, como muitos outros, não estavas aqui quando, nos últimos dias de fevereiro, nosso irmão Lázaro foi atacado por uma febre intensa. Apesar dos cuidados de suas irmãs e das prescrições dos sangradores vindos de Jerusalém, o mal foi se agravando. Sua debilidade chegou a tal ponto que ele não era capaz de manter uma escudela de leite entre as mãos. Nem sequer o médico do Templo, Ben Ajia,³⁸ pôde curá-lo. O Mestre não estava na Judeia naquela época; e a família, diante da gravidade do estado do doente, tomou a decisão de enviar ao Mestre um mensageiro pedindo que curasse Lázaro. Todavia, poucas horas

depois da partida do mensageiro a cavalo, Lázaro estava morto.

– Vós vos recordais da data? – perguntei.

– Como esquecer o dia do falecimento de um amigo? A dor caiu sobre esta casa nas últimas horas da tarde do dia 5 de março, um domingo.

– Isso quer dizer – interrompi de novo meu interlocutor – que o mensageiro alcançou Jesus quando Lázaro já havia morrido...

– Sim. O rabi estava, então, na cidade de Bethebara, na Pereia,³⁹ e ainda que o emissário tivesse cavalgado toda a noite, Jesus só recebeu a notícia no dia seguinte, segunda-feira.

– Há algo que não entendo. O mensageiro tinha ordem de pedir ao Mestre que fosse a Betânia?

– Não. As irmãs de Lázaro tinham fé suficiente no rabi para saber que sua presença não era necessária. Elas sabiam que Jesus estava pregando e que bastaria uma única palavra sua para curar o irmão delas. Por isso, como Lázaro morreu pouco depois da partida do mensageiro, todos compreenderam e reconheceram que era tarde demais.

“O que se tornou realmente incompreensível, até mesmo para Marta e Maria – prosseguiu o expositor com a voz trêmula pela triste lembrança daqueles momentos –, foi a resposta de Jesus ao emissário. Quando este regressou a Betânia, na manhã de terça-feira, disse mais de uma vez que ouvira de Jesus que ‘aquela doença não levava à morte’. Todos, crentes ou não, ficamos desconcertados. Ninguém conseguia compreender por que Jesus, o grande amigo da família, não dava sinal de vida.

“Ao saberem da morte de Lázaro, muitos de seus parentes e amigos das aldeias próximas, assim como de Jerusalém, puseram-se a caminho para acompanhar as irmãs no triste transe. Cumprida a primeira parte das normas sobre o luto,⁴⁰ nosso amigo foi sepultado junto a seus pais, no túmulo da família no extremo do jardim.”

– Um momento – interrompi de novo. – Lázaro foi enterrado aqui, em sua própria casa?

– Sim, no panteão de seus antepassados.

Ainda que minha pergunta parecesse sem importância, para mim ela tinha um valor indubitável. Segundo todos os textos bíblicos por mim consultados antes da Operação Cavalo de Troia, o sepulcro de Lázaro havia sido localizado pelos exegetas fora do povoado, mais precisamente na encosta oriental do monte das Oliveiras. Na manhã seguinte, a meu pedido, a irmã mais velha de Lázaro me levaria a uma gruta natural que se abria ao pé de um penhasco de uns dez metros de altura, a pouco mais de quatrocentos metros dos fundos da casa, no fundo de um frondoso horto que integrava a fazenda. Aquela comprovação desfez minhas dúvidas e fortaleceu minha primeira impressão sobre a folgada situação econômica da família, que havia herdado de seus pais vastas áreas de vinhedos e olivais. O fato indiscutível de disporem até de um panteão familiar dentro da propriedade

falava por si só da riqueza dos irmãos.

– Em que dia Lázaro foi sepultado?

– Na quinta-feira, 9 de março, pela manhã. Decorridos os três dias estabelecidos pela lei, a família e os amigos depositaram os despojos de Lázaro em um dos leitos de pedra escavados na gruta e fechamos sua entrada com a laje...

Meus informantes referiram-se, a seguir, à difícil situação que as irmãs do falecido haviam atravessado.

– Apesar dos numerosos amigos e parentes que haviam ocorrido para consolá-las, Maria e a “senhora” estavam consumidas pela dor. Mas com uma diferença: enquanto Maria parecia ter perdido toda a esperança, Marta continuava aferrada a uma ideia: “o Mestre tinha de aparecer a qualquer momento”. E ainda que não soubesse muito bem o que poderia fazer o rabi àquela altura, com seu irmão morto e sepultado, a “senhora” vivera aqueles quatro dias com o desejo ardente de ver surgir Jesus. Seu afeto pelo Mestre era tanto que, naquela mesma manhã de quinta-feira, quando o túmulo foi fechado, pediu a uma vizinha de Betânia que subisse ao alto de uma colina, a leste da aldeia, para vigiar o caminho que conduz a Jericó e pelo qual deveria chegar o rabi da Galileia. Poucas horas depois, a jovem irrompeu na casa de Lázaro, avisando Marta, em segredo, da iminente chegada de Jesus e seus discípulos.

“Pouco depois do meio-dia, a ‘senhora’ se reuniu com Jesus no alto da colina, lançando-se a seus pés, dando vazão às lágrimas e exclamando aos gritos: ‘Mestre, se estivesse aqui meu irmão não teria morrido!’.

“Jesus inclinou-se, ergueu-a e disse: ‘Tem fé e teu irmão ressuscitará’.

“E Marta, que não se atrevera a criticar a aparentemente incompreensível atitude do Mestre, respondeu: ‘Sei que ressuscitará no último dia e desde já creio que Nosso Pai te dará tudo aquilo que lhe pedires’.

“O rabi pôs as mãos sobre os ombros da mulher e, fitando-a fixamente nos olhos, disse-lhe: ‘Eu sou a ressurreição e a vida!’.

“As lágrimas continuaram a correr pelas faces da irmã de Lázaro, e Jesus prosseguiu: ‘Aquele que crer em mim viverá, mesmo que morra. Em verdade te digo que quem viver crendo em mim nunca morrerá realmente. Marta, tu crês nisto?’.

“A mulher assentiu com a cabeça, enxugou os olhos e acrescentou: ‘Sim, há muito tempo que creio que és o Salvador, o Filho de Deus vivo... o que tem de vir a este mundo’.”

Os amigos de Lázaro prosseguiram o relato contando a estranheza do Mestre ao não ver Maria junto da irmã.

– A “senhora”, que já havia recuperado seu ar habitual, explicou a Jesus o profundo e doloroso transe pelo qual passava Maria. E o Nazareno pediu a Marta que fosse avisá-la.

“Marta entrou de novo em casa e, chamando Maria de lado, deu--lhe a notícia da chegada do Mestre.”

Meus interlocutores devem ter notado minha estranheza ante esse gesto da irmã mais velha de Lázaro. Adiantando-se a meu pensamento, esclareceram:

– Entre as numerosas pessoas que haviam acudido a esta casa, havia alguns inimigos de Jesus. Marta, procurando evitar um possível incidente, achou conveniente não falar em público da recente chegada do rabi a Betânia. E mais: sua intenção era permanecer em casa, com os amigos e parentes, enquanto Maria fosse ao encontro de Jesus. Mas a súbita e impetuosa saída da irmã mais nova alarmou os presentes, que a seguiram, crendo que ela se dirigia ao túmulo do irmão.

“Quando Maria alcançou o Mestre, lançou-se também a seus pés, exclamando: ‘Se estivesse aqui meu irmão não teria morrido!’. O grupo, ao ver Jesus com as duas irmãs, permaneceu a uma distância prudente. Naquele momento, enquanto o rabi as consolava, muitos dos parentes e amigos retomaram seus lamentos e gemidos.

“O sol já havia começado a deslocar-se para o oeste quando Jesus perguntou a Maria e Marta: ‘Onde ele está?’. A “senhora” respondeu: ‘Vem e verás’. E as irmãs o conduziram à fazenda, atravessando o horto. Quando chegaram diante da grande pedra, Marta indicou-lhe a laje que fechava o panteão familiar, enquanto Maria, presa de um novo acesso, ajoelhava-se aos pés do Galileu, soluçando e afundando o rosto na terra. Fez-se um grande silêncio, e nós que estávamos junto do rabi vimos que seus olhos se umedeciam e várias lágrimas corriam em sua face. Um dos amigos de Jesus, ao vê-lo chorar, exclamou: ‘Vejam como ele lhe queria. Aquele que abriu os olhos dos cegos não poderia impedir que este homem morresse?’.

“Mas outros dos que estavam ali aglomerados, implacáveis detratores do Mestre, aproveitaram a oportunidade para ridicularizar Jesus, dizendo: ‘Se tinha em tão alta estima este homem, por que não o salvou? De que serve curar estranhos na Galileia se não é capaz de salvar aos que ama?...’.

“Jesus, apesar de tudo, permaneceu em silêncio. E então, erguendo Maria, apertou-a em seus braços para aliviar sua aflição.”

– Que horas eram? – perguntei.

– Faltava muito pouco para a nona. Nesse momento, o rabi dirigiu-se a alguns de seus discípulos e lhes ordenou: ‘Levantem a laje’. Mas Marta, aproximando-se do Mestre, perguntou-lhe: ‘Devemos mover a pedra de lado?’.

Interroguei os amigos de Lázaro sobre o significado da pergunta da “senhora”. Sinceramente, eu não conseguira compreender. Que quisera ela dizer?

– Marta, como todos os outros ali presentes – explicaram-me –, entendeu que Jesus desejava ver Lázaro pela última vez. Embora todos acreditássemos na ressurreição dos mortos, nenhum de nós (nem sequer Marta) imaginava quais eram as verdadeiras intenções do rabi. Por isso, a “senhora” achou que seria suficiente retirar parcialmente a laje. Dessa forma, o Mestre poderia aproximar-se da sepultura e contemplar o corpo do amigo.

“Marta, contudo, tentou persuadir Jesus, dizendo-lhe: ‘Meu irmão morreu há

quatro dias... A decomposição do corpo já se iniciou...’.

“Os cinco homens que se dispunham a deslocar a pedra olharam para Marta sem saber como agir. Mas Jesus, que se havia colocado diante deles, rebateu a explicação lógica da ‘senhora’ dizendo, num tom que não deixava dúvida: ‘Eu não vos disse desde o começo que esta doença não era mortal? Não vim cumprir minha promessa? E depois de tê-los visto, não vos disse que se credes vereis a glória de Deus? Por que duvidais? De quanto tempo necessitais para crer e obedecer?’.

“Marta olhou fixamente para o Mestre e, em um de seus típicos repentes, encorajou os apóstolos e os vizinhos de Betânia a remover a laje e abrir a gruta.

“O silêncio foi quebrado pelo gemido da laje circular atritando contra a rocha e pelos entrecortados gritos de incentivo que os voluntários proferiam em seu esforço para remover o pesado fecho. Na quarta ou quinta tentativa, a boca do túmulo ficou a descoberto.

“Nosso rabi, então, levantou os olhos para o azul daquele entardecer e exclamou de forma que todos pudéssemos ouvir: ‘Pai...,⁴¹ agradeço-te que tenhas ouvido meu pedido. Sei que sempre me escutas, mas falo contigo para que aqueles que estão ao meu lado creiam que me mandaste ao mundo e saibam que intervéns comigo no ato que nos dispomos a realizar’.

“Ato contínuo, cravou o joelho esquerdo na terra e, assomando à galeria que conduz à câmara funerária, gritou com toda a força: ‘Lázaro! ... Vem a mim!’.

“O eco ressoou no interior da cova, enquanto as quarenta ou cinquenta pessoas que ali estavam sentiam um calafrio. Alguns dos mais próximos ao Mestre também nos abeiramos da entrada da câmara e percebemos, na penumbra do fosso, a forma de Lázaro, fortemente enfaixado com tiras de linho branco, repousando no nicho inferior direito do panteão.

“Maria, assustada, abraçou-se à irmã. Nunca um silêncio foi tão dramático.

“Durante um breve instante de tempo, todos contivemos a respiração. Embora muitos de nós houvéssemos sido testemunhas de outros prodígios de Jesus, a realidade nua e crua daqueles quatro dias de sepultamento nos fazia duvidar.

“Que iria acontecer?

“Aquele silêncio incomum tinha-se propagado para os arredores. As primeiras e familiares andorinhas haviam desaparecido do céu, e até o forte vento, tão próprio da estação, acalmara-se inexplicavelmente.

“De repente, o Mestre deu um passo para trás. Nos degraus que conduziam à entrada da cova apareceu o vulto. Maria lançou um grito lancinante e caiu desmaiada. Instintivamente, todos recuamos.

“Um homem coberto com um lençol lutava para ganhar o exterior, mas tinha os pés e as mãos atados, e isso dificultava seus passos.

“Da surpresa passou-se ao terror, e a maioria dos homens e mulheres fugiu para o jardim, entre gritos e quedas.

“Era Lázaro!

“A duras penas, apoiando-se em seus cotovelos e mãos, aquele vulto foi-se

arrastando pelos úmidos degraus de pedra até alcançar o último deles. Ali ele parou, ofegante, enquanto um suor frio nos percorria o rosto.

“Mas ninguém, nem sequer Marta, se atreveu a dar um passo ao encontro do ressuscitado.

“Jesus compreendeu nosso pânico e, dirigindo-se à ‘senhora’, ordenou que livrássemos Lázaro das tiras de pano e o deixássemos caminhar.

“Com os olhos cheios de lágrimas, Marta aproximou-se corajosamente e começou a desatar primeiro os panos que oprimiam seus pulsos. A seguir, antes de liberá-lo das ataduras dos tornozelos, rasgou o lençol e deixou a descoberto o rosto do irmão. Lázaro tinha os olhos muito abertos e a face branca como cal.

“Solto, Lázaro saudou o Mestre e seus discípulos e quis saber de Marta o que significavam aquelas roupas funerárias e por que ele havia despertado no jardim. Enquanto Marta relatava sua morte, seu sepultamento e sua ressurreição, Jesus deu meia-volta e, com sua habitual serenidade, inclinou-se e ergueu o corpo de Maria. A mulher não havia recobrado ainda os sentidos. O Mestre, esquecendo-se por completo de Lázaro e de nós todos, conduziu-a nos braços para casa.

“Pouco depois, os três irmãos prostraram-se diante do rabi, agradecendo-lhe o que havia feito. Mas Jesus, tomando Lázaro pelas mãos, levantou-o, dizendo: ‘Meu filho, o que aconteceu a ti acontecerá a todos aqueles que creiam no Evangelho: ressuscitarão sob a forma mais gloriosa. Tu serás o testemunho vivo da verdade que tenho proclamado: eu sou a ressurreição e a vida. Agora vamos tomar o alimento para nossos corpos físicos’.

“Isso é tudo que temos a dizer.”

Lázaro observava-me fixamente. Mas creio que com menor curiosidade do que aquela que eu sentia por ele.

– Se me permites – intervim, dirigindo-me ao ressuscitado –, gostaria de te fazer uma última pergunta.

O amigo de Jesus assentiu com a cabeça.

– Que recordações guardas desses dias em que provaste a morte?

– Nunca falei disso – respondeu Lázaro –, mas não é muito o que posso te dizer.

Aquela pergunta e a resposta que o dono da casa insinuou surpreenderam o grupo. Curiosamente, ninguém cogitara de averiguar o que Lázaro vira ou sentira durante os quatro dias em que havia permanecido morto.

– Houve um momento – suponho que no instante de minha morte – em que minha cabeça se encheu de um estranho ruído... Foi algo como o zumbido de um enxame de abelhas. Depois, não sei por quanto tempo, experimentei uma sensação desconhecida: era como se estivesse atravessando um estreito e escuro passadiço... Quando voltei a abrir os olhos, tudo estava escuro. Não sabia onde estava nem o que havia acontecido. Senti frio nas costas e percebi, então, que jazia sobre um leito de pedra. Tentei levantar-me, mas notei que estava com as mãos atadas e coberto por um lençol. Quis gritar, mas um pano enrolado na cabeça

apertava fortemente minha mandíbula. Imediatamente compreendi que estava em uma das covas subterrâneas que servem para enterrar nossos mortos. Mesmo assim, e ao contrário do que possas crer, não senti medo. Uma grande paz apoderou-se de mim e, lentamente, como pude, fui-me arrastando até a coluna de luz que se distinguia no fundo da câmara. O resto já conheces.

Não sei como me veio à memória, mas subitamente lembrei-me de que no relato da ressurreição havia sido mencionado um lençol.

– Abusando de tua hospitalidade – eu disse –, gostaria de saber se ainda guardas os lençóis funerários.

– Sim.

– Poderia examiná-los?

Meu inusitado interesse pela mortalha confundiu os presentes, mas Lázaro concordou, pedindo a um dos amigos que fosse buscá-los. Minutos mais tarde, o judeu punha em minhas mãos um rolo de pano. Com a ajuda do próprio Lázaro, e a meu pedido, estendemos o lençol de linho sobre a mesa. Providencialmente, as irmãs haviam optado por guardar o lençol e as tiras tal como haviam sido retirados do corpo de Lázaro. E ainda que a rigorosa lei judaica proibisse todo contato com cadáveres ou com objetos que houvessem permanecido junto a despojos, de homens ou animais, a singularidade do fato – que quebrava todos os esquemas legais⁴² – e a mentalidade liberal desses fiéis seguidores da doutrina de Jesus haviam tornado possível que as vestes funerárias não fossem destruídas e que a família as manipulasse sem escrúpulos de consciência.

Ao passar uma das candeias de azeite sobre o tecido, pude observar um rasgo no centro do lençol, justamente na parte que deveria ter coberto a cabeça. Ao examinar detidamente o tecido, comprovei a existência de manchas marrons, resultado da mistura de unguentos que haviam sido utilizados no embalsamento.

Como médico, dediquei especial interesse à detecção de possíveis sinais ou resíduos que pudessem delatar um natural processo de decomposição. Pelas informações de meus amigos, Lázaro havia falecido no entardecer do domingo, 5 de março. Apesar do isolamento da cova sepulcral, de sua baixa temperatura e da possível ação retardadora dos azeites e aloés, a advertência de Marta a Jesus sobre o odor do cadáver era, sem dúvida, um sintoma claro de que seu irmão já deveria apresentar pelo menos a chamada “mancha verde” abdominal, primeiro sinal de decomposição. (Essa mancha costuma aparecer 24 horas depois do falecimento; e Lázaro, no momento em que o túmulo foi aberto, devia estar morto fazia umas noventa horas.)

No entanto, por mais que eu explorasse o lençol, não pude encontrar resto algum de líquidos procedentes, por exemplo, da ruptura de bolhas em sua epiderme. O que percebi, ao cheirar algumas áreas do tecido, foi um inconfundível odor de sulfídrico, emanção muito própria da putrefação de matéria orgânica. Mesmo que não se tratasse, obviamente, de uma prova definitiva, aquilo me deu certa ideia sobre a possível causa da morte de Lázaro: provavelmente um processo

infeccioso agudo e generalizado. (A título pessoal, depois da “grande viagem”, interessei-me por todos os textos, apócrifos ou não, tradições etc., nos quais se falasse como correu a vida para Lázaro nos anos posteriores. Os escassos dados que encontrei indicavam que o amigo de Jesus faleceria pela segunda vez aos 64 anos, vitimado, curiosamente, pela mesma doença que o conduziu ao sepulcro no ano 30. Mas, logicamente, essas informações não puderam ser comprovadas.)

O que me chamou fortemente a atenção foi comprovar que o testemunho de Lázaro e de seus amigos se encaixava plenamente na tradição judaica sobre a morte. Em geral, os hebreus acreditavam que “a gota de fel na ponta da espada do anjo da morte começava a atuar no fim do terceiro dia”. No quarto, portanto, a decomposição do cadáver já era um fato indiscutível. De acordo com a informação da família de Lázaro, o Mestre recebera a notícia de sua grave doença quando já haviam decorrido onze horas de sua morte, ou seja, na manhã de 6 de março, segunda-feira. Jesus conhecia a crença judaica sobre a morte e, sabiamente, esperou até terça-feira para se pôr a caminho, chegando a Betânia quando Lázaro estava morto havia cerca de 96 horas. Tempo mais do que suficiente para que todos os judeus que sabiam da morte não pudessem ter dúvidas acerca do prodígio que estava a ponto de acontecer.

Nas horas que se seguiram, graças a essas e outras informações, consegui entender em sua verdadeira amplitude por que a aristocracia sacerdotal judaica – encabeçada naquela época pela “saga” do ex-sumo sacerdote Anás⁴³ – buscava a morte de Jesus de Nazaré. Decorridas poucas horas da ressurreição de Lázaro, os chefes do Templo – e, certamente, o genro de Anás – foram notificados minuciosamente de tudo o que havia ocorrido no cemitério de Betânia. Enquanto os amigos do ressuscitado, que em sua imensa maioria tinham sido testemunhas oculares da ressurreição, faziam-se de arautos do prodígio, apregoando aos quatro ventos o milagre do Mestre da Galileia, outros judeus, uma minoria, mas de coração deformado, apressaram-se em informar tudo à casta dos fariseus, que então desfrutava de destacada ascendência sobre os demais sacerdotes e levitas.

É quase certo que se o milagre tivesse ocorrido em outro período do ano judaico, e não às vésperas da solene Páscoa, e com um protagonista de menos opulência e prestígio entre os dignitários de Jerusalém, o feito do rabi talvez fosse engrossar a sua já ampla lista de prodígios apenas a título de “inventário”. Mas o Nazareno havia resgatado de entre os mortos – poder reservado exclusivamente ao Divino – ninguém menos que Lázaro de Betânia. (Muito próximo, muito espetacular e muito importante para esquecer ou condenar ao silêncio.)

O fato adquiriu tal proporção que – segundo Lázaro e seus amigos me contaram – Jerusalém sofreu uma comoção. A circunstância de que entre as testemunhas de sua ressurreição houvesse alguns membros do Templo e distintos judeus, amigos da família de Lázaro, contribuiu para precipitar os acontecimentos. E o Sinédrio, inquieto com a notícia, realizou uma assembleia extraordinária uma hora depois do meio-dia do dia seguinte, sexta-feira. O tema único podia ser

resumido com a seguinte frase: “Que faremos com o impostor?” .

Embora a suprema assembleia de Israel já houvesse discutido em outras oportunidades a possibilidade de deter e julgar Jesus de Nazaré sob a acusação de blasfêmia e transgressão das leis religiosas, desta vez foi diferente. Um dos fariseus chegou a propor uma resolução pela qual se decretasse a imediata prisão do Galileu e sua execução, sem julgamento prévio. Isso provocou acaloradas discussões entre os 71 membros do Sinédrio, em especial entre alguns “anciãos”, ou representantes da “nobreza laica” (caso de José de Arimateia), e os fariseus. Os primeiros achavam ilegal e abominável tal decisão.

Após duas horas de debates e diante do pouco êxito dos que pretendiam que o processo contra Jesus se desenvolvesse sob a mais rigorosa ortodoxia, catorze membros da grande assembleia judaica levantaram-se e ali mesmo apresentaram sua demissão. Duas semanas mais tarde, quando o Sinédrio aceitou essas demissões, o conselho exonerou de seus cargos outros cinco destacados membros, sob a acusação de “mostrar sentimentos de amizade com o Nazareno”. Essas manobras deixaram livre o caminho do Sinédrio para tomar então a decisão quase unânime de prender e julgar o Mestre.

Lázaro e sua família não se enganavam ao acreditar que a sorte de Jesus estava lançada. O ódio do Sinédrio contra o rabi era tanto que naquela mesma tarde de sexta-feira, 10 de março, os policiais do Templo receberam ordem de buscar e capturar Jesus “onde ele estivesse”. Mas a iminente chegada do sábado (entardecer de sexta-feira) salvaria o Nazareno. Embora Jerusalém toda soubesse da presença de Jesus em Betânia, os levitas decidiram aguardar o domingo para executar a ordem de caça e captura. Os amigos do Mestre apressaram-se a lhe comunicar o grave acordo do Sinédrio, pressionando-o a fugir. Mas Jesus não deu atenção e continuou na região até a manhã de domingo, 12 de março. Depois de se despedirem de Lázaro e de suas irmãs, o rabi e seu grupo partiram para o acampamento na cidade de Pella.⁴⁴

Poucos dias depois da partida do Mestre, o frustrado Sinédrio concentrou suas iras no ressuscitado. Lázaro e sua família foram chamados para depor em Jerusalém, e os sacerdotes tiveram de render-se à evidência do milagroso ato de Jesus. Nesse sentido, o testemunho do médico do Templo, Ben Ajia – que havia assistido o vizinho de Betânia durante sua fulminante enfermidade e comprovado com os próprios olhos o ritual do embalsamamento – foi decisivo. Mesmo assim, a insensibilidade de Caifás e seus partidários fez registrar nos arquivos do Sinédrio que “aquele prodígio tivera sua origem no maléfico poder do príncipe dos demônios, aliado ao rabi da Galileia”. Essa ressurreição, insisto nisso, longe de abrir a alma dos representantes religiosos do povo hebreu, envenenou ainda mais o sentimento deles por Jesus. O sumo sacerdote e os chefes do Templo se encarregaram de convencer os demais membros do Tribunal de que, a seguir por aquele caminho, todo o povo de Israel acabaria por adotar a doutrina do Galileu, o que poderia conduzir a nação a uma catástrofe. De certo modo, o Sinédrio tinha

razão, já que muitos hebreus – entre os quais boa parte dos seus próprios discípulos – consideravam o Messias um libertador político que expulsaria os romanos de Israel.

Foi precisamente em uma dessas reuniões do Sinédrio, segundo me informou Nicodemos, que Caifás aludiu, pela primeira vez, a um antigo adágio judeu, repetido em todas as épocas, que dizia: “É preferível ver morrer um homem a ver perecer uma comunidade”.

Mas os problemas da suprema assembleia de Israel não terminavam em Jesus. O Sinédrio havia se dado conta de que era preciso eliminar Lázaro também.⁴⁵ Que conseguiriam, prendendo e justificando o Mestre, se o expoente máximo de seu poder permanecia vivo? A popularidade do ressuscitado havia alcançado tal grau que Caifás e os fariseus decretaram também a eliminação de Lázaro.

Os planos do Sinédrio terminaram por vazar, e o amigo de Jesus foi oportunamente informado. A dramática situação havia lançado a família de Betânia em permanente angústia. Agora eu começava a compreender a natural desconfiança da família quando, poucas horas antes, eu havia solicitado uma entrevista com Lázaro...

Talvez outro dos graves erros do Sinédrio, em minha opinião, tenha sido não deter primeiro o ressuscitado. Ao comprovar que Jesus havia desaparecido, os sacerdotes se esqueceram temporariamente de Lázaro e deram ordens expressas a Yojanan ben Gudgeda, porteiro-chefe, assim como aos demais levitas ou policiais a serviço do Templo, para que, no caso de o Nazareno aparecer, ele fosse imediatamente capturado. Um dos comentários mais difundidos naqueles dias que precederam a celebração da Páscoa – e que eu tinha ouvido desde minha chegada a Betânia – era exatamente se o Nazareno teria coragem suficiente para entrar em Jerusalém e celebrar, como em todos os anos, os ritos sagrados. Esse rumor popular havia perturbado tanto os sacerdotes que eles acabaram deixando o “problema Lázaro” para um segundo plano.

Assim decorreu meu primeiro encontro com o amigo amado de Jesus, interrompido pela entrada de Marta na sala. Em sua bandeja de madeira, ela me ofereceu um alimento frugal, que agradei novamente de todo o coração. Depois do relato dos hebreus que me acompanhavam, minha admiração pela “senhora” havia crescido sensivelmente. E suponho que ela, com sua grande intuição feminina, deva ter notado isso. Ao entregar-me a comida, Marta baixou os olhos cheia de pudor.

– Rogo, irmão Jasão – pediu Lázaro –, que aceites este humilde alimento. Sabemos que necessitas dele. E suplico que te consideres como em tua casa. Nesta noite e em quantas mais precisares, este será teu teto.

Tentei dissuadi-lo, mas foi inútil. Lázaro e seus amigos haviam descoberto que, na verdade, minhas intenções eram limpas e nobres.

As emoções do dia me haviam despertado o apetite e, diante dos olhares deleitados de meus novos amigos, não tardei em dar fim ao grão tostado, aos figos

secos, às tâmaras, ao mel e à tigela de leite de cabra que compunham minha ceia.

Já bem entrada a noite, o próprio Lázaro conduziu-me até um dos cômodos do piso superior. Nele havia sido disposto um catre dos chamados “de tesoura”, com uma cama de tela e cordas entrelaçadas. A armação da cama era construída à base de dois montantes de madeira de pinho, cada um solidamente amarrado a dois pés que se cruzavam em forma de “xis” e que não se elevavam a mais de quarenta centímetros do chão.

O dormitório era retangular, de 1,80 x 2,50 metros, e seu único mobiliário era um baú de sólida madeira de acácia (a mesma que deve ter servido para construir a legendária Arca da Aliança), de um metro de altura. Sobre ele, Marta havia colocado minhas sandálias (esmeradamente lavadas), uma bacia, uma jarra de metal com água, um lenço e um pequeno ramo de alecrim de perfumadas flores azuladas. Sobre a cabeceira da cama, pendurada na parede branca, e a pouca altura do piso de ladrilho vermelho, uma singela lamparina de azeite em forma de concha iluminava o quarto.

Ao fechar a porta e ficar sozinho, aproximei-me da estreita fresta que fazia as vezes de janela, e meus olhos se umedeceram ao contemplar no céu aquela legião de estrelas, idênticas àquelas que eu costumava ver no deserto de Mojave.

Depois de uma longa comunicação com o módulo, caí rendido sobre o catre. Na realidade, minha agitada exploração não havia nem começado...

23 Todas as medidas que o Major apresenta em seu diário podem ser convertidas em metros dividindo-se por três. (N. de J.J.Benítez)

24 Porta Dupla e porta Tripla. (N. do M.)

25 Herodes chamou essas torres de Hípica, Fasael e Mariamme, respectivamente. (N. do M.)

26 A muralha exterior media, portanto, 3.792,7 metros. A muralha interior, 482,2 metros. (N. de J.J.Benítez)

27 Embora eu pudesse ouvir Eliseu diretamente – sempre que ele julgasse oportuno –, quando eu quisesse abrir minha comunicação auditiva com o módulo era imprescindível pressionar com os dedos a parte externa do meu ouvido direito. E para evitar suspeita ou má interpretação por parte dos habitantes de Jerusalém, a equipe da Operação Cavalo de Troia me havia instruído para fingir uma leve surdez naquele ouvido. Dessa forma, ainda que a comunicação com Eliseu devesse ser feita longe de testemunhas, o gesto de comprimir o canal de transmissão sempre podia ser justificado. (N. do M.)

28 A libra romana equivale a 326 gramas aproximadamente. (N. de J.J.Benítez)

29 Segundo nossos estudos, naquela época o “estater” ático ou padrão-ouro grego (de 8,6 gramas) devia guardar uma equivalência de 1 para 20 em relação ao denário de prata, de circulação legal em Jerusalém. Aquela pequena quantidade de ouro puro equivalia a cerca de 758 denários, dinheiro mais do que suficiente para minhas necessidades durante os onze dias de permanência na região, se levamos em conta, por exemplo, que o preço de um terreno oscilava ao redor dos 120 denários. (Cada denário de prata era dividido em 24 asses. Com um asse era possível comprar um par de pássaros.) (N. do M.)

30 Cerca de 2.275 metros. (N. de J.J.Benítez)

31 Era assim que chamávamos familiarmente o computador central do módulo. (N. do M.)

32 Os gentios não podiam celebrar a tradicional oferenda da Páscoa. (N. do M.)

33 Segundo as leis hebraicas, “todos estavam obrigados a comparecer diante de Deus no Templo, com exceção de surdos, idiotas, menores, homens de órgãos tapados (sexo duvidoso), andróginos, mulheres, escravos não emancipados, cegos, paráliticos, anciãos ou incapazes de subir a pé até a montanha do Templo”. A escola de Shammai definia o menor de idade como “aquele que não pode (ainda) ficar a cavalo sobre os ombros do pai para subir a Jerusalém até a montanha do Templo”. (N. do M.)

34 Medida equivalente a 22 litros. (N. do M.)

35 Aquela noite, em minha última comunicação com o módulo, Eliseu me falou sobre o significado da palavra archiereis. Tratava-se de um numeroso grupo de sacerdotes-chefes que ocupavam cargos permanentes no

Templo e que, em virtude desses cargos, tinham voz no Sinédrio. "Papai Noel" citou documentação complementar (Atos dos Apóstolos 4, 5-6, e Antiguidades, de Josefo, XX 8, 11/189 e seguintes) em que se especifica que o chefe supremo e um tesoureiro do Templo eram membros do mencionado Sinédrio. A composição mínima desse grupo era de um sumo sacerdote, um chefe supremo do Templo, um guardião do Templo e sacerdote, e mais três tesoureiros. Seis membros ao todo. A esses, deviam ser acrescentados os sumos sacerdotes em disponibilidade e os sacerdotes guardiães e tesoureiros. O Sinédrio, enfim, era formado por 71 membros. (N. do M.)

36¹⁴ O computador central do módulo confirmou o nome de Ben Bebay como um dos "chefes" do Templo, com o cargo efetivo de "esbirro" (escrito rabínico Shegalim V, 1-2). Esse personagem era encarregado, entre outras funções, de açoitar, por exemplo, os sacerdotes que tentavam fazer trambiques no sorteio das funções do culto. Outra de suas obrigações era a fabricação e colocação de mechas, confeccionadas com os calções e cinturões velhos dos sacerdotes. (N. do M.)

37 Em minhas indagações durante aqueles dias na Palestina, verifiquei que, embora muitas dessas plantas que serviam de base para a produção de perfumes fossem cultivadas em solo palestino, a maioria vinha de fora. O incenso, por exemplo, havia peregrinado da Arábia e da Somalilândia. E o mesmo havia ocorrido com a Commiphora myrrha, ou árvore da mirra. O abés, por seu lado, vinha da ilha de Socotora, no mar Vermelho. Quanto ao apreciado bálsamo, cuja erva é conhecida entre os botânicos como Commiphora opobalsamum, parece que no início vinha da Arábia. Todavia, como afirma Ezequiel (27,17), "Judeia e Israel forneceram a Tiro perfumes, mel, azeite e bálsamo". A explicação está em um dos livros do historiador judeu romanizado Flávio Josefo. As sementes de erva de bálsamo haviam chegado à Palestina nos tempos do rei Salomão e foram, segundo Josefo, um dos muitos presentes da mítica rainha de Sabá a Salomão. No dia seguinte, sexta-feira, 31 de março, eu mesmo teria a oportunidade de ver Jesus dar a Marta e Maria um apreciado mimo: ervas de bálsamo, procedentes das férteis planícies de Jericó. "Papai Noel" confirmou que, no ano 60, Tito Vespasiano ordenaria que se protegessem essas plantações de bálsamo de Jericó com uma guarda especial. Mil anos mais tarde, os cruzados que entraram em Israel não acharam rastro algum de tão valiosa planta. Os turcos haviam destruído grande parte das árvores, descuidando-se também dos arbustos que tinham sido cultivados nas proximidades do rio Jordão. (N. do M.)

38 Horas depois, Eliseu me confirmaria que, segundo uma das listas contidas no escrito rabínico Shegalim V, 1-2, o nome de Ben Ajia correspondia mesmo a um dos "chefes" do Templo, com o cargo específico de médico. O computador lançou a seguinte leitura: "Encarregado dos doentes do ventre. A alimentação dos sacerdotes era extraordinariamente abundante em carne, não se podendo beber nada a não ser água. Isso ocasionava frequentes dores estomacais". "Papai Noel" nos remeteria para uma informação mais completa no manuscrito de Erfurt, atualmente em Berlim. Dois dias depois, ao assistir à surpreendente e triunfal entrada de Jesus em Jerusalém, pude comprovar que na chamada "parte baixa" da cidade uma das profissões artesanais era precisamente a de médico. Os sangradores a que se referiam os amigos de Lázaro estavam concentrados em uma das ruas – do mesmo modo que os demais 'úmman ou artesãos – e ali desempenhavam seu ofício, que compreendia desde a cirurgia até a circuncisão, passando pela receita de ervas medicinais, extração de dentes e até corte de cabelo e barba. (N. do M.)

39 Essa cidade, na parte oriental do Jordão, é tida erroneamente como o local onde ocorreu o batismo de Jesus Cristo por João. (N. do M.)

40 A Misná, em seu capítulo terceiro, sobre festas menores (moed gatan), estabelece que os mortos devem ser chorados durante os três primeiros dias. Para os sete primeiros dias, o ritual estabelecia as lamentações; ao longo do primeiro mês, os parentes deviam trazer os sinais próprios do luto. (N. do M.)

41 Meus informantes sempre se referiram ao nome "Pai" usando a palavra "Abba". Segundo meus estudos, esse título se outorgava também a muitos mestres do Talmud, como sinal de veneração e afeto. (N. do M.)

42 A Misná, a mais rica e antiga tradição oral judaica, estabelece, na ordem sexta, dedicada às "Purezas", primeiro capítulo de "Tendas" (ohalot), as diversas leis concernentes à transmissão da impureza dos cadáveres. "Se um homem tocasse um cadáver, contrairia impureza por sete dias, e se outro homem tocasse o primeiro, ficaria impuro até o pôr-do-sol", dizia a lei. Na hipótese de que objetos – caso dos lençóis – tivessem tocado o cadáver, o homem que tocasse tais objetos e todos os materiais que esse homem tocasse ficariam impuros por sete dias. (N. do M.)

43 Durante os séculos I a.C. e I d.C., havia famílias sacerdotais descendentes do ramo saduceu legítimo. O primeiro e o último dos sumos sacerdotes em atividade entre os anos 37 a.C. e 70 d.C. foram desse ramo: o babilônio Ananel, de 37 a.C. a 35 a.C., e a partir de 34 a.C. pela segunda vez, e Pinjás de Jabta, o canteiro, de 67 a 70 d.C. Um terceiro sumo sacerdote legítimo ocupou o cargo em 35 a.C.: Aristóbulo. Os outros 25 sumos sacerdotes que cobriram esses 107 anos procediam de famílias sacerdotais ordinárias. Quase todos tinham sua origem fora de Israel ou da província da Judeia, mas logo formaram nova hierarquia, extremamente poderosa e

influyente. Destacaram-se em especial quatro "sagas" ou "clãs", que lutaram com força por "colocar" seus homens no pontificado. Entre os 25 sumos sacerdotes legítimos da era herodiana e romana, nada menos que 22 pertenciam a essas quatro famílias. Eram as "sagas" dos Boetos (com oito sumos sacerdotes em seu "haver"), Anás (com outros oito), Phiabi (com três) e Kamith (com outros três sumos sacerdotes). A mais poderosa, pelo menos no começo, foi a família dos Boetos. Era originária da Alexandria e seu primeiro representante foi o sacerdote Simão, sogro de Herodes, o Grande (22-25 a.C.). Da extrema dureza desse clã procedia a denominação de "betusiano" ou "boetusiano", da qual já me tinham falado os amigos de Lázaro. Mais tarde, a família de Anás logrou a supremacia. Este permaneceu no cargo por nove anos (de 6 d.C. a 15 d.C.). Sucederam-no seus cinco filhos, seu genro Caifás (de 18 a 37 d.C., aproximadamente) e seu neto Matias (65 d.C.). (N. do M.)

44 Eu solicitei vários esclarecimentos a Lázaro e suas irmãs e ao próprio grupo de Jesus sobre o lugar para o qual ele tinha-se dirigido depois de ressuscitar o amigo. Todos os informes foram coincidentes: Pella. Isso me desconcertou, já que no texto evangélico de João (11, 54-55) fala-se da localidade de Efrem – atual Et-Taiybe –, situada a uns dezenove quilômetros, em linha reta, a noroeste de Jerusalém. O deserto propriamente dito estendia-se entre essa cidade e o rio Jordão. Essa região montanhosa recebe hoje o nome de elbarriyeh ou deserto. A cidade de Pella ou Pela é citada por Flávio Josefo em sua obra Guerra dos judeus (livro III) como uma das povoações situadas ao norte da região de Pereia, à margem do Jordão, e relativamente próxima a Filadélfia (mais a leste), onde Lázaro acabou por se refugiar, fugindo da perseguição dos judeus. (N. do M.)

45 O nome Lázaro, para cúmulo da coincidência, significa, etimologicamente, "Deus socorreu". E isso foi considerado por muitos judeus como um novo sinal em favor de Jesus. (N. do M.)

31 de março, sexta-feira

Ao alvorecer, um ruído rouco e monótono despertou-me. Ao assomar à minúscula janela, verifiquei, surpreso, que aquele som parecia vir de toda a aldeia. Não havia explicação.

Depois de um rápido asseio, estabeleci contato com o “berço”, mas Eliseu não soube dar nenhuma informação a respeito.

Intrigado, descí as escadas de pedra que conduziam ao pátio central da fazenda e, quando cheguei às pilastras, o ruído cresceu. Então notei que o som partia da sala onde eu havia permanecido boa parte da tarde anterior, e para lá me encaminhei. O fogo da lareira elevava-se vigoroso sobre madeiras depositadas junto à chaminé. Ao pé da mureta que circundava o fogão, Marta e uma das criadas ocupavam-se em moer o trigo sobre uma pedra muito parecida com a que eu vira na manhã anterior em minha descida pela encosta sul do monte das Oliveiras. A diferença era que esse triturador era negro e muito polido. Ao me aproximar das mulheres e saudá-las, pude ver que se tratava de uma pedra basáltica de quase meio metro de largura e trinta centímetros de espessura, já muito desgastada na parte superior por causa da fricção diária e vigorosa. Num instante, minhas dúvidas se dissiparam. E a partir daquele dia aprendi a identificar o despertar cotidiano de Betânia e da própria Jerusalém com o som obrigatório e generalizado em todas as casas, poderosas ou humildes, da moenda de trigo. Como me contaram os anciãos da aldeia de Lázaro, se algum dia se deixasse de ouvir o ruído da moenda convertendo os grãos de trigo em farinha, é que a ruína e a desolação, como havia escrito Jeremias, tinham chegado a Israel.

Certamente, eu não havia sido o primeiro a se levantar. Desde muito antes do amanhecer, as mulheres da casa já trabalhavam com afã nas tarefas domésticas. Enquanto Marta se ocupava da compra do pão na padaria comunal da aldeia, Maria e outras jovens carregavam água e faziam a limpeza da fazenda. Os homens, por sua vez, ultimavam os preparativos para o duro trabalho no campo. O pai de Lázaro, rico fazendeiro, havia deixado para seus filhos terras suficientes para viverem sem limitações, o que permitia, folgadoamente, que em cada colheita os pobres pudessem recolher uma parte do produto de seus campos, como ordenavam os velhos preceitos.⁴⁶

Quando entrei na sala de jantar, a diligente e incansável Marta preparava a farinha para cozer pequenas tortas sem levedura. Ao me ver, levantou-se, pedindo-me que desculpasse seu irmão. Lázaro tinha ido acompanhar seus operários a um dos campos próximos, onde se vinha trabalhando no que chamavam de “semeadura tardia”, quer dizer, o cultivo de produtos como milho, sésamo, lentilhas, melões etc., que deviam ser plantados necessariamente entre janeiro e

março.

Antes que eu dissesse qualquer coisa, Marta pediu que eu me sentasse à mesa. E num abrir e fechar de olhos, colocou diante de mim uma grande tigela de madeira, que encheu de leite quente. Sempre em silêncio, enquanto sua companheira continuava triturando os grãos, cortou várias rodela de um pão tostado que possivelmente pesaria mais de três libras. Duas generosas porções de queijo e mel completaram meu desjejum.

Desde a terceira hora (nove da manhã, aproximadamente), grupos de peregrinos procedentes da Galileia, da Pérsia, velhos conhecidos da família, parentes de Jerusalém e muitos curiosos vinham chegando à casa de Lázaro. Como ocorria quase todos os dias, aqueles hebreus estavam aproveitando sua presença obrigatória na Cidade Santa para "se distrair", vendo e ouvindo o ressuscitado. Ao vê-los sentados no jardim e invadindo até o átrio e o pátio central, senti uma certa irritação. Será que Lázaro não percebia que a maioria daqueles indivíduos somente buscava motivo para mexericos?

Compreendi que o paciente amigo de Jesus tinha preferido esconder-se...

Ao consultar Marta sobre o caminho que eu devia tomar para encontrar seu irmão, a "senhora" abandonou gentilmente seus afazeres e me pediu que a seguisse através do vasto horto situado atrás da casa e no qual se alinhavam numerosas árvores frutíferas. Após uns trezentos metros de caminho, ao desembocarmos em uma pequena esplanada, parei sobressaltado. Diante de nós erguia-se uma enorme rocha calcária. Ao pé daquele maciço alvo e suave, salpicado em algumas de suas fendas superiores por ninhos de barro das primeiras andorinhas, distingi uma pedra circular.

Marta compreendeu o motivo de minha surpresa e, com um aceno de mão, convidou-me para me aproximar do sepulcro familiar.

Em silêncio, inspecionei o tampo da entrada do túmulo. Tratava-se de uma laje perfeitamente lavrada, de apenas um metro de diâmetro e trinta centímetros de espessura. Aquela pedra, muito semelhante às de moinho, constituía o tampo de uma entrada que, a julgar pelas dimensões externas, era bem estreita. A face anterior da rocha, com dois metros de altura, a partir do solo, por três metros de largura, havia sido esculpida como uma fachada e rebocada de branco.

Eu sabia que retirar a laje constituiria falta de respeito aos mortos. Assim, sem fazer comentário algum, refreei o impulso que me levava a pedir à irmã de Lázaro que me permitisse deslocar a pedra. Por outro lado, o mais provável é que, ainda que Marta houvesse concordado, nós dois juntos não teríamos conseguido mover aqueles trezentos ou quinhentos quilos que a tampa do sepulcro devia pesar.

Minutos depois eu deixava o jardim por uma das veredas que corriam na direção oeste e que, segundo a "senhora", me levaria ao encontro de seu irmão.

A temperatura, àquela hora da manhã, ainda era fresca: "10°C e um moderado vento norte de dez nós", confirmaria Eliseu. Na noite anterior, o "cilômetro" especial do "berço" – com base em um feixe de raios laser – havia detectado uma

barreira de nuvens carregadas (cúmulos-nimbos) de uns trezentos quilômetros de extensão, que se erguia a 6 mil pés sobre o perfil da costa fenício-israelense. No momento, essas ameaçadoras nuvens de desenvolvimento vertical pareciam estar sendo detidas em seu avanço para Jerusalém por uma corrente de ar frio procedente do norte.

“Não se descarte, todavia – anunciou meu companheiro – que as condições possam mudar e que em 24 ou 48 horas registrem-se chuvas sobre nossa área.”

Enrolei-me na chlamys e prossegui pelo tortuoso caminho entre os ondulantes campos de cevada. Alguns camponeses haviam iniciado a colheita. Tomavam as hastes com a mão direita e com a outra cortavam-nas a curta distância da base dos talos. As foices consistiam em pequenas folhas recurvadas de ferro, solidamente engastadas com rebites a um cabo de madeira. A debulha se fazia em uma clareira próxima ao caminho. As mulheres carregavam os feixes e os esparramavam no solo; depois separavam os grãos da palha com a mão ou com a ajuda de bois. Neste último caso – o mais frequente, segundo pude comprovar –, os animais pisavam a cevada. Depois os homens passavam sobre ela com as debulhadoras, levadas pelos mesmos bois. As mais comuns eram feitas com uma tábua plana cuja face inferior tinha incrustados pequenos pedaços de pederneira; outras eram simples rodas, também de madeira.

Outras operações se seguiam, até que as mulheres guardassem os grãos em sacos. Asnos e carros encarregavam-se, enfim, do transporte do produto da colheita para a aldeia, onde os grãos eram trasladados para silos ou grandes domas de barro, como as que eu havia visto na casa de Lázaro.

Não tardei a encontrar o ressuscitado e seus operários. Ele ficou contente de me ver, mas afastou de imediato minha ideia de ajudá-los nos trabalhos de semeadura. Estávamos em plena discussão dialética, quando alguns de seus empregados chamaram nossa atenção para um cavaleiro que se aproximava procedente da aldeia.

Lázaro colocou a mão esquerda à altura dos olhos, como uma viseira, e observou atentamente. De repente, sem comentário, soltou a semeadura que tinha no ombro e saiu correndo para a vereda. O cavaleiro aproximou-se de meu amigo cavalgando a trote e, desmontando, abraçou-o. Um instante depois voltou a cavalgar e dirigiu-se para Betânia. O ressuscitado fez sinais para que eu me aproximasse. Seu rosto estava iluminado.

– O Mestre virá! – exclamou alvoroçado, com incontida alegria. – Finalmente poderás conhecê-lo... Vamos, temos muito o que fazer!

– Mas onde ele está?... Já chegou? – comecei a lhe perguntar atropeladamente, enquanto tentava segui-lo. Mas Lázaro nada respondeu. E antes que eu pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, ele já levava meia centena de metros de vantagem. Apesar de sua aparente debilidade, corria como um gato selvagem.

Ao entrar em casa dei-me conta de que a notícia havia alterado a família e os amigos. Marta, principalmente, corria de um lado para outro, sorridente e nervosa.

Ao nos ver, abraçou-se a Lázaro, confirmando-lhe a boa nova:

– Ele virá!... Jesus virá!...

O irmão tentou acalmá-la, perguntando-lhe sobre alguns detalhes.

– ... Dizem que está a uns dez estádios de Betânia – acrescentou a “senhora”.

Fiz um rápido cálculo mental. Isso significava que o rabi estava a 1.860 metros da aldeia.

Posso jurar que, apesar de minha intensa preparação, dos longos anos de treinamento e da minha condição de cético, a família de Lázaro conseguiu contagiar-me com sua excitação. Sem que eu pudesse evitá-lo, um calafrio percorreu-me a coluna vertebral. Inexplicavelmente, minha garganta secou. Em um esforço por serenar-me, atribuí meu estado à louca corrida desde o campo. (Uma vez mais me equivoquei.)

Seguindo os conselhos de Lázaro, permaneci no interior da casa.

Minha primeira ideia foi sair ao encontro do Nazareno, mas o ressuscitado sugeriu-me que era muito melhor aguardá-lo ali.

– Ele vem sempre ao nosso lar... Além disso – especulou –, a notícia já deve ter chegado a Jerusalém e, em pouco tempo, não se poderá mais caminhar pelas ruas de Betânia.

– Então – comentei preocupado –, o Mestre aceitou o desafio e passará a Páscoa na Cidade Santa...

Meu amigo não quis responder. No entanto, percebi em seu olhar um véu de desassossego. Eles pressentiam que aquela podia ser a última Páscoa de Jesus de Nazaré... Não era preciso dizer que o sumo sacerdote e seus sequazes podiam já estar inteirados da presença do “impostor” na aldeia vizinha. E isso, como bem sabiam Lázaro e suas irmãs, era perigoso.

Pouco depois da nona hora – talvez fossem quatro ou quatro e meia da tarde –, a agitação entre as numerosas pessoas que se achavam no pátio de arcos da fazenda explodiu subitamente. Marta e Maria precipitaram-se para o átrio e desapareceram entre os grupos de homens e mulheres que congestionavam a entrada principal e praticamente a fechavam.

Meu coração se acelerou. Vinha de fora um rumor crescente de vozes, gritos e saudações. Sem saber por que, senti medo. Retrocedi alguns passos e me ocultei atrás de uma das colunas da ala direita do pátio. As palmas de minhas mãos haviam começado a transpirar. Pressionei dissimuladamente meu ouvido e, em voz baixa, informei Eliseu da iminente chegada de Jesus.

Poucos minutos depois, os empregados, amigos e familiares de Lázaro foram abrindo espaço, e um numeroso grupo de homens irrompeu o pátio.

Entre risos, beijos e mantos multicoloridos, meus olhos ficaram cravados de imediato num homem que se distinguia muito dos demais... Aquele tinha de ser Jesus!

Sua compleição – no primeiro momento calculei sua altura em 1,80 metro – fazia dele, ao lado da quase totalidade dos circunstantes, um gigante. Vestia um

manto bordô que lhe cingia o tórax e cujas extremidades lhe envolviam o pescoço e caíam sobre seus ombros largos e poderosos. Uma longa túnica branca, de mangas largas, cobria-o quase até os tornozelos. Não vi faixa ou cinto algum. Na frente, trazia enrolado um lenço branco que lhe caía sobre os cabelos do lado direito.

Nem mesmo no instante da inversão de massa do módulo, naquela noite de 30 de janeiro de 1973, experimentei uma aceleração cardíaca como a que suportava naquele momento.

O gigante caminhou lentamente para o centro do pátio. Seu braço direito descansava sobre o ombro de Lázaro. Ao seu redor, Marta e Maria gesticulavam e batiam palmas, em meio ao alvoroço geral.

Era, sem dúvida, um homem branco, de rosto longo e estreito, próprio da raça caucasiana. Os cabelos, lisos e de uma tonalidade ligeiramente caramelada, caíam-lhe sobre os ombros. Pouco depois, ao soltar a banda que trazia enrolada na frente e que era usada também por quase todos os homens de seu grupo, vi que repartia os cabelos ao meio. Usava bigodes e uma fina barba, dividida em duas partes, da cor de ouro velho, igual à dos cabelos. O bigode, ainda que pronunciado, não chegava a ocultar-lhe os lábios, relativamente finos. O nariz desconcertou-me. Era comprido e ligeiramente proeminente.

Desde sua entrada na casa, Jesus não havia deixado de sorrir, mostrando uns dentes brancos e impecáveis, ao contrário do que ocorria com a maioria dos hebreus.

O Mestre foi sentar-se à beira da piscina central, sobre um dos tamboretos que alguém havia levado ao refeitório. Os homens, as mulheres e os meninos amontoaram-se ao seu redor. Os raios de sol incidiram então sobre seu rosto, e eu fiquei maravilhado. O contraste com aquelas caras endurecidas, enrugadas e envelhecidas de seus amigos e seguidores era simplesmente admirável. Sua pele era curtida e bronzeada.

Timidamente, fui saindo de trás da pilastra. Jesus, a pouco mais de quatro ou cinco metros, ergueu repentinamente seu rosto e perfurou-me com seu olhar. Uma espécie de fogo percorreu-me as entranhas. Ante a surpresa geral, o rabi levantou-se e abriu caminho entre as pessoas que haviam começado a sentar-se sobre os ladrilhos vermelhos do piso. Meus joelhos começaram a tremer. Mas já não me era possível escapar. Aquele gigante estava diante de mim...

Jamais esquecerei aquele olhar. Os olhos do Galileu, ligeiramente rasgados e de uma viva cor de mel, tinham uma singular virtude: pareciam concentrar toda a energia do Cosmo. Mais do que observar, transpassavam. Cílios longos e espessos proporcionavam-lhe especial atrativo. A frente, espaçosa, terminava em sobrancelhas retas e bem separadas. Não pestanejou. Sua face, plácida e francamente iluminada pelo sol, infundia um estranho respeito.

Ergueu os braços, colocou suas mãos longas e aveludadas sobre meus ombros e sorriu, ao mesmo tempo que piscava um olho.

Um inesperado calor inundou-me da cabeça aos pés. Quis responder ao seu gesto, mas não pude. Estava confuso e aturdido. Estava emocionado.

– Sê bem-vindo...

Aquelas palavras, pronunciadas em grego, acabaram por me desarmar. Havia tal segurança e afeto em sua voz que necessitei de muito tempo para reagir.

O rabi voltou para a beirada da cisterna, enquanto seus amigos o contemplavam num mutismo total. Alguns dos discípulos romperam por fim o silêncio e perguntaram a Lázaro quem eu era. O ressuscitado, com visível satisfação, explicou-lhes que eu era seu hóspede: “Um estrangeiro vindo expressamente de Tiro para conhecer Jesus”.

Permaneci imóvel, quase petrificado, tentando coordenar meus pensamentos. “Não pode ser” – repeti para mim mesmo mais de uma vez. “É impossível que tenha adivinhado... Como pôde?...”

Por mais voltas mentais que eu desse, chegava sempre à mesma encruzilhada. Se ninguém lhe havia falado de mim – e por que iriam fazê-lo? –, não podia saber quem eu era nem por que estava ali. No pátio havia meia centena de pessoas. A muitos ele conhecia – isso era claro –, mas a outros não. Esse era o meu caso e, no entanto, ele havia-se dirigido a mim...

Nunca, nem sequer agora, quando registro estas recordações, estive seguro, mas só um ser com um poder especial poderia ter agido daquela maneira.

A não ser que, simplesmente, tenha me “reconhecido” como consequência de nossa “futura” e prolongada “aventura”. Um terceiro “salto” no tempo, que naquele momento nem sequer tínhamos em mente. Quem sabe?

Para que vou mentir? O resto da tarde foi para mim como um relâmpago que rasga os céus do Oriente ao Ocidente. Quase não percebi nada. Sei que Marta, tal como fizera comigo, lavou os pés do Nazareno e friccionou-os com mirra. Recordo vagamente que, entre muitas saudações, Jesus saiu da casa acompanhado de Lázaro e de um numeroso grupo de pessoas. Marta me diria depois que as acomodações da fazenda estavam todas ocupadas por amigos e parentes que vinham chegando a Betânia e que, de comum acordo com Simão, um ancião inseparável do Mestre e velho amigo da família, Jesus pernoitaria na casa desse antigo leproso.

A princípio, muitos dos habitantes de Betânia e dos peregrinos que tinham chegado à aldeia discutiram entre si, acreditando que o Mestre entraria nessa mesma tarde de sexta-feira em Jerusalém, desafiando o decreto de prisão que o Sinédrio havia baixado. Mas se equivocaram. Jesus e seus discípulos se dispuseram a passar a noite na casa de Simão e em outros lares de amigos e parentes de Lázaro. Todos – essa é a verdade – fizeram o possível para que o Mestre se sentisse feliz durante sua estada na pequena povoação.

Segundo Marta, Simão quisera receber convenientemente Jesus e havia anunciado um grande banquete para o dia seguinte, sábado. Isso significou um novo esforço em ambas as casas, uma vez que, de acordo com as rigorosas

prescrições da lei judaica, o dia sagrado para os israelitas começava precisamente no crepúsculo do dia anterior.

Durante o resto do dia, o Mestre da Galileia recebeu uma infinidade de amigos e visitantes, conversando com cada um.

Ao anoitecer, Jesus regressou à casa de Lázaro, e ali, em companhia de seus íntimos e da família do ressuscitado, refez as forças, mostrando-se de excelente humor.

Lázaro pediu-me que os acompanhasse. Os homens tomaram assento em torno da grande mesa retangular do refeitório, e as mulheres, dirigidas por Marta, começaram a servir. Em um primeiro momento, mantive-me prudente e confortavelmente junto à lareira. Mas Lázaro insistiu e levou-me a partilhar com eles as abundantes iguarias: algo de caça, feijões, frutas secas e vinho. Surpreendeu-me comprovar que com nenhuma das comidas se tomava água, que era habitualmente substituída pelo vinho.

Antes de iniciar a tardia "ceia", o Mestre e as catorze ou quinze pessoas que partilhavam da mesa ficaram de pé e entoaram um breve cântico. Eu fiz o mesmo, embora permanecesse, logicamente, em silêncio. Marta explicou-me depois, em uma das suas apressadas idas e vindas, que aquele hino, intitulado Ouve, Israel, era, na verdade, uma oração. Estranhei que o rabi, não obstante suas diferenças públicas com os doutores da lei, respeitasse os velhos costumes de seu povo. Não sei se já mencionei que o Mestre havia demonstrado, durante toda a tarde, um contagiante senso de humor, rindo e fazendo galhofas por qualquer coisa. Aquele iria ser, ao menos nos dias que precederam a quinta-feira, 6 de abril, outro dos aspectos que me surpreenderam nele. Como estava longe da imagem grave, atormentada e longínqua que nos transmitem tantos dos livros do século XX... Jesus de Nazaré era uma mistura de menino e general; de ingênuo pastor e compenetrado analista; de homem que vive plenamente cada dia e de prudente conselheiro. Mas, acima de tudo, notava-se que era feliz. Muito mais alegre e despreocupado do que seus próprios amigos e discípulos, visivelmente agitados pelas ameaças do sumo sacerdote.

A seguir, Jesus, que presidia a mesa junto com Lázaro, pegou um dos grandes pães e, seguindo seu costume, cortou-o e distribuiu os pedaços entre os comensais.

Ainda nem havíamos começado quando, de repente, o Mestre dirigiu-se a um dos homens do grupo. Ao chamá-lo pelo nome, meu coração disparou. Era Judas Iscariotes!

O discípulo levantou-se lentamente e, aproximando-se do rabi, entregou-lhe alguma coisa, regressando ao seu lugar. Permaneci como que hipnotizado, contemplando aquele tipo fraco e esgrouviado, de pouco mais de 1,70 metro de estatura e cabeça pequena. Seu nariz aquilino destacava-se sobre a pele pálida, quase macilenta, dando-lhe o clássico "perfil de pássaro" que eu havia estudado na classificação tipológica de Ernest Kretschmer. (O grande psiquiatra teria ficado muito satisfeito ao saber que a classificação do tipo "leptossômico" coincidia

plenamente, nesse caso, com o temperamento "esquizotímico" de Judas: sério, introvertido, reservado, pouco sensível e até ressentido. A verdade é que, à medida que fui conhecendo o caráter desse homem, convencia-me cada vez mais de que se tratava, de fato, de um grande tímido, que não havia tido oportunidade de desenvolver seu imenso caudal afetivo.)

Seus cabelos negros, finos e abundantes, contrastavam com seu rosto praticamente imberbe.

Quando se aproximou de Jesus, notei que sua túnica era presa à cintura, em lugar do simples cordão ou cinto, por uma hagorah, ou faixa escura, da qual havia sido retirada aquela pequena bolsa de couro. Aparentemente e pelo que pude ir observando, a faixa servia principalmente para guardar dinheiro e pequenos objetos, além de armas. Judas trazia uma pequena espada presa do lado direito. Naquele momento, todavia, não reparei num fato singular: tal como Iscariotes, outros discípulos também ocultavam suas espadas sob seus mantos ou hagorahs.

O rabi pediu às irmãs de Lázaro que se aproximassem dele. Maria foi a primeira a abandonar os apetrechos que estava manejando no fogão e colocou-se em um dos cantos da mesa, junto ao Galileu. Logo mais entrava Marta, ainda enxugando as mãos no avental. A luz de uma das grandes lâmpadas ou candeias portáteis que tinham sido colocadas sobre a mesa punha em relevo o atraente perfil de Maria. Uma espessa cabeleira negra caía-lhe sobre as costas, quase até a cintura. Sobre a frente e prendendo parcialmente os cabelos, luzia uma faixa celeste que ressaltava sua cútis azeitonada. Tinha feições miúdas e delicadas. Um milagre para uma mulher de trinta anos naquela dura sociedade.

Não consegui falar com ela nem uma única vez, mas seus olhos negros revelavam um coração singularmente sensível.

Jesus colocou a bolsinha nas mãos de Maria e, dirigindo-se a ela e a Marta, pediu-lhes que aceitassem aquela pequena dádiva. Enquanto Maria ficava ruborizada, Marta, cheia de curiosidade, tomou a bolsa das mãos da irmã e a abriu depressa. De meu assento, mal consegui distinguir alguns grânulos. Depois soube que se tratava de sementes de bálsamo, compradas pelo próprio rabi em sua passagem por Jericó.

Diante do regozijo geral, Maria, sempre em silêncio, aproximou-se de Jesus e deu-lhe dois sonoros beijos na face.

Pouco a pouco, todavia, o tom alegre e descontraído daquela ceia foi se alterando por obra e graça de alguns dos homens de Cristo. Saltava aos olhos que eles estavam preocupados com o rumo que iria tomar o futuro imediato do Mestre. Não tardou a ser abordado o assunto da ordem de captura de Jesus, baixada pelo sumo sacerdote, e das medidas que deveriam ser adotadas para salvaguardar a segurança do rabi, em primeiro lugar, e a do resto do grupo.

Um dos mais inflamados e radicais era um discípulo de barba grisalha e bigode raspado, quase todo calvo e de olhos claros. Sua cabeça redonda destacava-se sobre o pescoço grosso. Aquele homem de rosto marcado pelas rugas (calculei

equivocadamente que seria um dos mais idosos – 40 ou 45 anos) não era partidário da entrada em Jerusalém.⁴⁷ Temia, é claro, pela vida do rabi; e procurou, por todos os meios ao seu alcance, convencer o grupo do perigo que a ideia continha.

Jesus assistiu impassível e sério a toda a discussão. Deixava que uns e outros falassem sem pronunciar uma única palavra. Até que, em um momento mais calmo dos debates, o Mestre deixou que ouvissem sua voz grave. E, dirigindo-se ao apóstolo dos olhos azuis, sentenciou:

– Pedro, ainda não compreendeste que nenhum profeta é acolhido por seu povo e que nenhum médico cura os que ele conhece?

Depois, fixando seus olhos de falcão nos meus, acrescentou:

– ... Se a carne foi feita do espírito, isso é uma maravilha. Se o espírito foi feito do corpo, é a maravilha das maravilhas. Mas do que eu me maravilho é disto: como essa grande riqueza instalou-se nessa pobreza?

Um denso silêncio ficou flutuando na sala. E o Mestre, erguendo-se, retirou-se para descansar.

Naquela noite e nas seguintes, os discípulos, temerosos de tudo e de todos, montaram guarda, aos pares, na porta da casa de Simão, “o leproso”. Tanto Judas Iscariotes como Pedro, seu irmão André e Simão, chamados “os Zelotes”, e os surpreendentes irmãos gêmeos Judas e Tiago de Alfeu, todos estavam armados de espadas curtas, praticamente idênticas às gladius dos legionários romanos: a conhecida gladius hispanicus, ou espada espanhola, como a chamou Políbio. Eram armas de sessenta centímetros de comprimento, de folha larga e duplo fio, e com uma ponta que as fazia temíveis.

Os discípulos de Jesus procuravam escondê-las sob o manto, geralmente no lado direito e dentro de uma bainha de madeira.

Jesus não ignorava que alguns de seus mais próximos seguidores carregavam armas. Todavia, salvo no triste momento de sua captura, na noite de quinta-feira, 6 de abril, na fazenda de Getsêmani, jamais fez menção a isso ou os censurou.

Não devo ocultar. Antes de nos retirarmos, alguns dos discípulos, cochichando entre si, lançaram-me vários e intensos olhares. Finalmente, João de Zebedeu, mais decidido que o resto, avançou até mim e falou em nome do grupo:

– É curioso, amigo Jasão. Todos experimentamos idêntica sensação. Todos cremos conhecê-lo. Durante vários anos, outro grego – também chamado Jasão – seguiu os passos do Mestre e conviveu conosco. Há apenas alguns dias, despediu-se para sempre... Mas cremos tratar-se de uma casualidade.

– Por quê? – interrompi intrigado diante da segunda e curiosa coincidência.

– Esse Jasão – recordou com carinho – é quase um ancião. E tu, ao contrário, és jovem.

Logicamente não pude compreender o alcance daquela revelação...

⁴⁶ “Papai Noel” confirmaria esse costume com base nos textos sagrados do Levítico (19, 9; 23, 22) e do Deuteronômio (24, 19-21). Um tratado completo, com oito capítulos, é recolhido pela Misná. (N. do M.)

47 Simão Pedro enquadrava-se também no tipo “pícnico” que Kretschmer cita: cara larga, macia e arredondada. Visto de frente, seu rosto lembrava um escudo. Sua fronte era ampla e conservava alguns fios de cabelo na região temporal.

No entanto, Pedro não apresentava muita obesidade. Sua caixa torácica, assim como os ombros e os braços, era forte e musculosa, muito própria de uma vida consagrada ao rude trabalho da pesca.

Ele coincidia com a classificação de Kretschmer em seu temperamento “ciclotímico”: aberto, espontâneo, de amizade rápida, mas com grandes oscilações no estado de humor. Por sua grande capacidade de sintonização afetiva, era fácil se contagiar de alegria e tristeza. E teve oportunidade de sobra para confirmar isso. Em suma: Pedro era muito sociável e bem aceito pelo resto do grupo. (N. do M.)

1º de abril, sábado

Diferentemente das demais jornadas, aquele alvorecer de sábado não foi despertado pelo ruído da moenda de trigo. A aldeia parecia dormir, estranhamente silenciosa. Os hebreus, amos ou servos, como também seus animais de carga, praticamente paralisavam a vida a partir do que eles chamavam de a vigília do sábado, ou seja, desde o crepúsculo da sexta-feira. A lei proibia todos os trabalhos maiores, as grandes deslocamentos, fazer amor, tirar água dos poços e até acender o fogo... Aquelas sombrias normas de origem religiosa transformavam completamente a vida social dos judeus. E aquilo que no início deveria ter sido motivo de alegria e merecido descanso, acabara se deformando e se convertendo em um emaranhado código de disposições ridículas e absurdas, em sua maioria.

Lázaro e sua família, seguindo o exemplo de Jesus, adotavam uma postura muito mais liberal. Nessa mesma tarde, eu teria a oportunidade de comprovar os muitos desgostos e dores de cabeça que enfrentavam em consequência da sincera observância da doutrina que o rabi da Galileia vinha pregando.

Apesar de tudo, fiquei bastante surpreso ao ver, desde as primeiras horas da manhã, um incessante movimento de pessoas que, procedentes de Jerusalém e do acampamento levantado junto às muralhas, pretendiam saudar Lázaro e o homem que havia sido capaz de desafiar o Grande Sinédrio. Segundo as informações que obtive, um dos preceitos sabáticos obrigava o dono da casa a dar três ordens quando começava a escurecer, ou seja, no final da tarde de sexta-feira: “Vós tendes separado o dízimo?”.⁴⁸ “Vós tendes disposto o erub?” E, por último, o cabeça da família devia ordenar que se preparasse a candeia.

Pois bem, se a distância de Jerusalém a Betânia era de uns quinze estádios (quase três quilômetros), como é que aqueles judeus infringiam uma das normas mais severas do sábado, caminhando mais que os 2 mil côvados fixados pela lei?⁴⁹

Lázaro, com um sorriso malicioso, explicou-me que, também naquele tempo, “uma vez feita a lei, feita a fraude...”.

Os israelitas, para amenizar essa disposição dos 2 mil côvados, haviam inventado o erub. Se uma pessoa, por exemplo, colocava na vigília do sábado (sexta-feira) alimentos para duas refeições dentro desse limite dos 2 mil côvados ou 1 mil metros, o erub era considerado “residência temporária”, podendo a pessoa então caminhar outros 2 mil côvados em qualquer direção.⁵⁰

Isto explicava a maciça presença de peregrinos e vizinhos de Jerusalém em Betânia, que, segundo meu amigo, podiam ter colocado um ou dois erub no caminho que une os três povoados: Jerusalém, Betfagé e Betânia.

Minha condição de estrangeiro e gentio deu-me, enfim, uma oportunidade para ajudar a família que me havia acolhido sob seu teto. Até a terceira hora (nove da

manhã) e depois de vencer a resistência de Marta, cuidei do transporte da água, da alimentação do fogo da lareira, da coleta dos ovos do galinheiro e da limpeza e do acionamento de um engenhoso artefato que chamavam de antiki e que outra coisa não era senão uma espécie de aquecedor metálico, com um recipiente para as brasas. O descanso sabático proibia retirar dele as cinzas e, claro, realimentá-lo. Aquele utensílio, provido de um tubo interno em contato com o fogo, era de grande utilidade para aquecer a água. Não sendo judeu, eu estava livre das normas sabáticas e isso me permitiu, como já disse, compensar em parte a gentileza e a hospitalidade de meus amigos.

Mas meu coração ardia de desejo de sair ao encontro de Jesus. Marta, com seu fino instinto, sugeriu-me que deixasse tudo e fosse à procura do Mestre. Pouco antes, em uma de suas visitas à casa de seu vizinho Simão, em razão da preparação do banquete que os habitantes de Betfagé e Betânia queriam oferecer ao Mestre, ela o havia visto no jardim.

Quando me preparava para sair, a “senhora” lembrou-me de que eu também havia sido convidado e que, se assim quisesse, ela mesma me conduziria até o lugar que me havia indicado. Eu sabia muito bem que durante aquela ceia iria ocorrer um acontecimento “especial”. O que eu não podia imaginar, então, era a gravíssima repercussão que ela teria para o Mestre...

A fazenda de Simão, o homem mais rico e importante de Betânia desde a morte do pai de Lázaro, situava-se a pequena distância e também no núcleo oriental da povoação. A única e substancial diferença em relação à casa de meu amigo era o frondoso jardim, coalhado de ciprestes, alfarrobeiras e palmeiras e completamente cercado por um muro de pedras de dois metros de altura. Em Jerusalém, com exceção do roseiral, os jardins eram proibidos. Essa norma, em compensação, não atingia as demais cidades. Simão, fervoroso crente e seguidor de Cristo, era um enamorado das plantas, passando boa parte de sua já avançada idade entre suas rosas, gálbanos, luminosos e perfumados incensos de flores brancas, jarás e os curiosos tragacantos, de cujos ramos e troncos flui uma apreciada seiva esbranquiçada, altamente medicinal.

Na entrada da fazenda apinhava-se uma silenciosa multidão, na esperança de poder ver o Mestre. Como se estivessem cuidando de um estadista do século XX, vários discípulos de Jesus permaneciam postados junto ao portão, com as costas cobertas por faixas e mantos, controlando a entrada e saída de amigos, parentes e serviçais da casa, os únicos autorizados a transpor o umbral.

Não tive o menor problema para passar diante dos homens do Galileu. Minha amizade com Lázaro e o oportuno gesto de Jesus, saudando-me na tarde do dia anterior, haviam feito que eu ganhasse a simpatia e a confiança dos apóstolos. Ao me ver, um dos discípulos, Judas, gêmeo do outro Alfeu, perguntou-me se procurava alguém em particular. Disse-lhe que queria ver Jesus e ele se ofereceu, encantado, para me acompanhar. Ao transpor a porta principal, encontrei-me diante de um espaçoso e bem cuidado jardim. Um estreito caminho, pavimentado

com pedras brancas (calcárias, sem dúvida), conduziu-nos em linha reta até uma esplanada aberta no pé da escadaria de mármore que dava acesso à casa.

Não foi necessário que Judas me apontasse o Mestre. O gigante estava rodeado de uma dezena de meninos, jogando!

Aquele espetáculo me fascinou de tal forma que, em silêncio, quase na ponta dos pés, contornei a pequena esplanada e sentei-me nos primeiros degraus da escadaria. E ali permaneci, absorto, desfrutando da brincadeira como os próprios meninos.

Jesus havia-se desembaraçado do manto. Sua esplêndida túnica branca aparecia agora cingida por um cordão. Entre a algazarra dos pequeninos, o Mestre, vez por outra, abria um sorriso limpo e claro como aquela luminosa manhã. Na verdade, o que mais me emocionou foi ver como aquele homem de fato e de direito – capaz de desafiar os sumos sacerdotes e de ressuscitar os mortos –, saltava, corria ou caía no chão, entregue incondicionalmente às exigências daquela gente miúda.

Algumas mulheres se mostravam dissimuladamente pelo átrio, contemplando a cena encabuladas, entre risos mal contidos.

Um dos jogos era especialmente curioso. O Galileu se colocava de costas para os meninos e lançava um pequeno taco de madeira para trás, de forma a fazê-lo cair o mais próximo possível da criança. Os meninos disputavam a posse do taco até que um deles, geralmente o que saltava mais alto, pegasse-o. Nesse momento, Jesus e os meninos corriam em todas as direções, enquanto o “dono” do “testemunho” esforçava-se por perseguir e tocar com o taco qualquer dos outros jogadores. Não era por acaso que todos os meninos pretendiam “caçar” o rabi. Mas este, longe de dar moleza, deixava-os loucos, esquivando-se e enganando-os entre árvores e arbustos.

Não sei quanto tempo durou aquilo. Talvez uma ou duas horas... De repente, um pressentimento assaltou-me. Ou eu muito me enganava, ou aqueles eram os últimos jogos de Jesus de Nazaré...

Em dado momento, quando mais pungente era aquela inexplicável melancolia, o Mestre suspendeu o jogo. Retirou dos olhos a venda de tela com a qual jogava “cabra-cega”, acariciou os pequenos e deu por terminada a diversão.

Embora Jesus houvesse tido múltiplas oportunidades de me ver ali sentado, foi só nesse exato momento que me dirigiu o olhar. Os pequenos se dispersaram pelo jardim e o Mestre avançou para a escadaria. Fiquei de pé, mas o rabi estendeu a mão, acenando para que não me movesse. Sentou-se a meu lado, com a respiração ainda agitada e a testa empapada de suor.

– Jasão, amigo, que acontece?

Aquela revelação voltou a me deixar confuso. O Mestre, sem sequer olhar para mim nem esperar resposta – e que tipo de resposta eu poderia ter-lhe dado? –, prosseguiu em um tom de cumplicidade que eu percebi num instante. – ... Tu estás aqui para dar testemunho e não deves fraquejar...

– Então sabes quem eu...

Jesus sorriu e, passando seu longo braço sobre meus ombros, apontou para a porta do jardim, onde ainda montavam guarda seus discípulos.

– Muito tempo irá passar até que eles e as gerações vindouras compreendam quem sou e por que fui enviado por meu Pai... Tu, apesar de vires de onde vens, estás mais próximo do que eles da verdade.

– Mestre, não compreendo por que teus homens andam armados. Muito poucos acreditariam nisso... no meu tempo.

– Os que estão comigo – respondeu com um tom de tristeza – não me entenderam.

– Senhor, há tantas coisas das quais eu gostaria de te falar!...

– Ainda temos tempo. Tudo tem a sua vez.

Eu me sentia irritado. Tanto tempo aguardando aquela oportunidade e agora, a sós com o Mestre, eu não sabia o que dizer nem o que perguntar.

– Há pouco tu me perguntaste o que acontecia comigo – disse-lhe intrigado. – Como pudeste perceber?

– Levanta a pedra e ali me encontrarás. Corta a madeira e eu ali estarei. Onde houver solidão, ali estarei eu também.

– Sabes, durante toda a minha vida senti-me só...

Jesus replicou de forma fulminante:

– Eu sou a luz que está sobre todos. Há muitos que se mantêm junto à porta, mas em verdade te digo que só os solitários entrarão na câmara nupcial.

– Fico tranquilo em saber que todos os que duvidamos temos um lugar no teu coração...

O gigante sorriu pela segunda vez. Mas agora seus olhos brilharam como o bronze polido.

– O mundo não é digno daquele que encontra a si mesmo...

– Mil vezes me tenho feito a mesma pergunta: por que estamos aqui?

– O mundo é uma ponte. Vós passais por ele, mas não vos instalais nele.

– Mas – insisti –, não respondeste à minha pergunta...

– Sim, Jasão, sim, eu o fiz. Este mundo é como uma antessala do Reino de meu Pai. Prepara-te na antessala a fim de que possas ser admitido na sala do banquete. Sê um caminhante que não para!

– Mas, senhor, conheço muitos que se têm “instalado” em sua sabedoria e dizem possuir a verdade.

– Diz-me uma coisa, Jasão. Onde cresce a semente?

– Na terra.

– Em verdade te digo que a verdadeira sabedoria só pode nascer no coração que tenha chegado a ser como o pó... O sábio e o ancião que não hesitarem em perguntar a um bebê de sete dias pelo lugar da Vida viverão. Porque muitos primeiros serão últimos e chegarão a ser um.

– Tu falas da verdade, mas onde devo buscá-la?

– Se os que vos guiam vos dizem: “Vede, o Reino está no céu”, então os pássaros do céu vos precederão. Se vos dizem que está no mar, então os peixes do mar vos precederão. Mas eu te digo que o reino de meu Pai está dentro e fora de vós. Quando vos conhecerdes, sereis conhecidos e sabereis que sois os filhos do Pai vivente. Mas se não vos conhecerdes, estareis na pobreza e sereis a pobreza.

O rabi deve ter notado minha confusão. Então acrescentou:

– Alguma vez escutaste teu próprio coração?

Assenti, sem saber aonde ele queria chegar.

– O segredo para possuir a verdade só está em meu Pai. E em verdade te digo que meu Pai sempre tem estado em teu coração. Tens apenas de olhar “para dentro”... Bem-aventurado o que busca, ainda que morra crendo que jamais encontrou. E feliz o que, de tanto buscar, encontra. Quando encontrar, ficará perturbado. E, tendo-se perturbado, ficará maravilhado e reinará sobre tudo.

– Senhor, olho ao meu redor e me maravilho e me entristeço ao mesmo tempo...

– Eu te asseguro, Jasão, que todo aquele que sabe ver o que tem diante dos olhos receberá a revelação do oculto. Não há nada oculto que não venha a ser revelado.

Minha timidez do início foi-se dissipando. O calor e a cordialidade daquele Homem acabavam por derrubar as muralhas mais inexpugnáveis. Mas nossa conversa foi subitamente interrompida por diversos de seus discípulos. A multidão que se aglomerava na porta da casa de Simão reclamava pelo rabi, e os homens do Nazareno se sentiam impotentes para contê-la.

Quando o Mestre se afastou, jurei a mim mesmo que buscaria novas oportunidades para conversar com ele e expor-lhe minhas intermináveis dúvidas.

Fui atrás dele. A multidão que estava na frente do jardim da casa de Simão alvoroçou-se ao ver o Mestre. Jesus não se moveu do portão, mas as pessoas, inteiradas do milagre que havia ocorrido com Lázaro, não se contentaram em vê-lo, e começaram a pedir-lhe um sinal, um prodígio. Eu não saía de meu assombro. A julgar pelos seus gritos, aqueles hebreus – galileus em sua maioria – não pretendiam ouvir o Nazareno. Só o que verdadeiramente lhes importava era assistir a outro prodígio...

Visivelmente desiludido, Jesus levantou os braços e fez-se silêncio. Um silêncio expectante. E muitos dos que estavam ali congregados começaram a sentar-se no chão, convencidos de que sua longa caminhada não seria estéril e que logo estariam contemplando outro “espetáculo”. Mas o Mestre, em tom enérgico, lhes falou:

– Néscios!... Eu apareci no meio do mundo e em carne fui visto por eles. Encontrei todos os homens ébrios, e entre eles não havia ninguém sedento... Meu espírito sofreu pelos filhos dos homens, porque são cegos de coração e não veem.

E antes que alguns dos presentes pudesse reagir, deu meia-volta e distanciou-se a passos rápidos em direção à mansão do anfitrião.

Aquilo me deixou sinceramente alegre. Aquela turba, sedenta de emoções e maravilhas, não merecia outra coisa. Pouco a pouco fui me dando conta de que as multidões nada tinham assimilado da mensagem daquele Homem. Nem sequer os mais próximos – como se comprovaria no dia seguinte, quando da entrada triunfal em Jerusalém – haviam distinguido, àquela altura do ministério de Cristo, de que “reino” falava o Mestre. Eu começava a compreender o verdadeiro sentido daquelas frases do rabi pronunciadas pouco antes da escadaria: “Os que estão comigo não me entenderam...”.

Por volta das três da tarde, em companhia de Lázaro e suas irmãs, eu entrava pela primeira vez no pátio de arcadas da casa de Simão. O ancião ia recebendo no centro do recinto a meia centena de convidados. Todos, conhecidos ou não do anfitrião, eram recebidos com um beijo – o ósculo da paz. Imediatamente, os parentes e serviçais do antigo leproso acompanhavam os convidados até os lugares que lhes eram destinados, em torno de uma mesa baixa em forma de “U”. Diferentemente do pátio da casa de Lázaro, o de Simão era todo coberto por um toldo de lona, preso por cordas aos capitéis das colunas que rodeavam o belo lugar. A cisterna central havia sido fechada por tábuas, de tal forma que no centro do “U” ficava um espaço mais que suficiente para permitir a circulação dos serviçais.

Ao chegar diante de Simão, Lázaro se encarregou de me apresentar ao ancião. Ao beijá-lo, vi que sua face direita conservava ainda as profundas cicatrizes da enfermidade. Parte do olho, assim como a região do lábio superior, estavam praticamente rasgadas e deformadas. A barba, branca e abundante, não era suficiente para ocultar as marcas do terrível mal. A mão esquerda tinha ficado mutilada, sem as últimas falanges dos três dedos centrais.

O fato, porém, é que o venerável ancião parecia ter esquecido aqueles anos difíceis e agora se mostrava feliz, alegre, luzindo dentro de suas melhores vestes: uma túnica de linho, tingida na cor púrpura, e um manto de seda brilhante com franjas azuis e escarlates.

Quando Lázaro e eu tomamos os nossos lugares à mesa, notei, aliviado, que o ressuscitado havia sido colocado ao meu lado. Instintivamente procurei Marta com os olhos. Ela permanecia de pé, junto ao grupo das mulheres, e sorriu-me maliciosamente.

Seguindo o costume, tive de reclinar-me sobre meu flanco direito.⁵¹ Embora os judeus comessem habitualmente sentados em cadeiras ou tamboretas, nas grandes ocasiões – e aquela era uma festa em que ambas as aldeias, Betânia e Betfagé, rendiam sincera homenagem ao Mestre – os hebreus haviam acabado por adotar a tradição helênica de comer reclinados sobre confortáveis almofadas e esteiras. A única exceção ali era Jesus. Como convidado de honra, ocupava o centro do “U” e sentava-se em uma espécie de divã baixo, que quase não chegava à altura da mesa.

Embora todos os comensais tivessem recebido seu convite na manhã de sexta-

feira, onde eram indicados os nomes de todos os demais convidados, o dono da casa (seguindo uma arraigada tradição) havia, naquela mesma manhã de sábado, enviado outros tantos mensageiros aos domicílios de seus amigos, recordando-lhes o lugar e a hora do banquete. Respeitosamente, pondo de lado até mesmo a grande amizade que unia ambas as famílias, Lázaro havia esperado essa segunda e última comunicação pelo mensageiro. Só nesse momento saímos de casa.

Ao galgar as escadarias da casa de Simão, um pano branco dependurado nas portas do átrio chamou-me a atenção. Lázaro explicou-me que aquele lenço significava que ainda era tempo de participar da ceia. O "aviso" só era retirado depois de servido o terceiro prato.

Jesus e seus discípulos – os doze – já estavam no pátio quando meu amigo e eu fomos recebidos pelo anfitrião. Pelo que pude perceber, o rabi parecia ter esquecido o desagradável incidente com a multidão que queria dele um milagre, e agora ria abertamente, demonstrando invejável bom humor. Seus homens, porém, apesar de terem-se despojado de suas espadas, não mostravam muita alegria. Eu os achei morosos e tensos. E logo compreendi a razão. Entre os convivas, estavam quatro ou cinco sacerdotes de uma das comunidades dos fariseus, mortais inimigos do Mestre. Nas portas, permaneciam alguns dos policiais do Templo, levitas em sua maioria, que haviam ocorrido a Betânia com a suspeitíssima missão de escoltar os altos dignitários do clero de Jerusalém. Lázaro comentou em voz baixa que havia alguma incerteza quanto aos autênticos propósitos daqueles fariseus. Era muito possível que, obedecendo a ordens de Caifás, naquele mesmo fim de tarde, uma vez terminada a vigília do sábado, os homens do Sinédrio prendessem Jesus. Mas os "separados" ou "santos", como eram também conhecidos os fariseus, não fizeram gesto algum que pudesse alertar os seguidores de Cristo. Ao contrário. Embora em nenhum momento se aproximassem do grupo que rodeava e falava com Jesus, arregaçaram as largas mangas de suas túnicas e deixaram que as mulheres lhes lavassem mãos e pés (prática obrigatória), reclinando-se em seus assentos e dando mostras de viva satisfação. Suponho que essa cordialidade se devesse às magníficas iguarias que já haviam começado a circular sobre a mesa. Os serviçais de Simão tinham colocado à disposição dos presentes uma espécie de taça grande, de fina cerâmica (hoje conhecida como terra sigillata), compacta e de forma apurada, fabricada de barro vermelho e, segundo me disse Lázaro, procedente da Itália. Ao erguer minha taça, pude ver na base o selo do fabricante: um tal de Camurius, conhecido ceramista de Arezzo. (Memorizei aquele nome e, na tarde de segunda-feira, quando, finalmente, pude regressar ao módulo, "Papai Noel" confirmou que o citado artesão italiano havia vivido e trabalhado nos tempos de Tibério e Cláudio, do ano 14 d.C. ao 54 d.C.)

Seguindo os costumes, Simão havia contratado um cozinheiro de Jerusalém. E, detalhe curioso: se as coisas não fossem bem e os convidados se mostrassem insatisfeitos com o cardápio, o "chefe" da cozinha deveria reparar a afronta pagando do seu bolso os gastos, numa proporção que sempre dependia da

categoria social do anfitrião e de seus comensais.

Não foi esse o caso. A verdade é que o resultado foi excelente. (Ao menos para os hebreus.) Depois da sopa, à base de verduras e ervas aromáticas, único prato em que se utilizou colher, os convidados deliciaram-se com as bandejas de bronze e de prata repletas de peixe cozido e cordeiro assado, cuidadosamente condimentados à base de cebola, alho-poró e alho. O quarto e o quinto pratos consistiram em frutos secos, em especial passas e tâmaras, além de mel silvestre. Tudo isso, é claro, generosamente regado, do princípio ao fim, com vinho do Hebron, servido em copos altos de cristal primorosamente talhados. Ao lado de cada comensal havia sido colocada uma bacia de metal para ir lavando as mãos. (O costume judeu prescrevia que os alimentos deviam ser pegos com os dedos.)

Ao chegar a sobremesa, o alvoroço geral aumentou sensivelmente. Alguns dos músicos contratados por Simão começaram a tocar seus instrumentos – na maioria flautas e cítaras – e as mulheres, que haviam permanecido de pé ou sentadas, mas num grupo à parte, uniram-se à música, batendo palmas por sobre as cabeças e acompanhando o ritmo com o corpo.

Jesus, que havia comido com grande apetite, esvaziou seu terceiro copo de vinho e sorriu para o grupo em que se destacava Maria. A irmã mais nova de Lázaro, do mesmo modo que suas companheiras, havia trocado suas roupas cotidianas e agora exibia uma vistosa túnica tingida com a famosa púrpura de Tiro e Sidon. (Nossas informações esclareciam que o célebre molusco das praias da Fenícia – o murex – era a matéria-prima de que se obtinha a púrpura. Esse gastrópode segrega uma tinta que, em contato com o ar, fica com a cor vermelho-escuro. Foram os fenícios que o descobriram e souberam comercializá-lo.)

Maria, como ordenavam as normas sabáticas, havia dispensado a habitual fita sobre a testa e deixava flutuar sua negra e longa cabeleira.

Naquele momento, enquanto os serviçais retiravam as bandejas, iniciava-se na realidade o que nós conhecemos por “sobremesa”. Os comensais, eufóricos por obra dos vapores do vinho, engalfinhavam-se nas mais díspares e intermináveis polêmicas. Jesus e Simão, ao centro da mesa, dialogavam sobre o mítico Josué e sobre como haviam sido derrubadas as muralhas de Jericó. Os discípulos, por sua vez, permaneciam estranhamente sóbrios e calados, com a atenção voltada tão somente para o grupo de fariseus. E estes, por sua vez, se empenhavam em esvaziar copo após copo.

Para minha surpresa, alguns dos comensais começaram a arrotar sem o menor pudor. E logo a prática se converteu em ato coletivo. Ninguém parecia dar maior importância ao fato, com exceção do anfitrião e de mim próprio. Mas as razões de Simão – que respondia a cada um dos grosseiros atos com uma leve inclinação de cabeça – obedeciam a outra escala de valores. Aqueles arrotos valiam por uma demonstração pública da satisfação de cada um dos convidados pela esplêndida comida e pelo tratamento que haviam recebido.

Certamente tive de esforçar-me para arrotar também, pois precisava

“agradecer” ao meu novo amigo sua sabedoria e delicadeza gastronômicas.

Quando a sobremesa acabou, várias donzelas foram passando junto a cada um dos comensais, oferecendo-lhes minúsculas bolotas ou cápsulas amareladas e transparentes. Ante minha hesitação, Lázaro animou-me a apanhar uma ou duas daquelas “lágrimas” e introduzi-las na boca. Pareciam uma espécie de “goma de mascar”, muito refrescante e aromática. Segundo meu amigo, essa substância era extraída de certos lentiscos, abundantes em toda a Palestina. Para os hebreus, aquelas bolinhas fortaleciam os dentes e a garganta, e proporcionavam, além disso, um hálito mais refrescante e agradável.

(Nos dias que se seguiram e graças às “lágrimas” de lentisco que Lázaro me daria, minha forçada falta de higiene bucal foi visivelmente minimizada.)

Mas, ainda que tudo parecesse transcórrer dentro da mais sadia e intensa alegria, o “escândalo” não tardaria a estourar...

Creio que todos ou quase todos os presentes, distraídos com a música e a agradável tertúlia, demoramos alguns minutos para reparar naquela donzela que, deixando o grupo de mulheres, havia se ajoelhado às costas de Jesus. Era Maria.

Um latejar interno me pôs de sobreaviso. Eu estava a ponto de assistir à cena da unção. Sem poder evitar, levantei-me e, ante a estranheza de Lázaro, esgueirei-me por detrás da mesa e coloquei-me em um dos cantos do “U”, a poucos metros dos convidados de honra.

Gradualmente, os comensais foram fazendo silêncio, atônitos diante do que estava acontecendo. A irmã mais nova, no seu habitual mutismo, havia aberto um frasco de uns trinta centímetros de altura e em forma de fuso. Era feita de um material muito translúcido (depois soube que se tratava de alabastro oriental).

Ante o olhar complacente de Jesus, a adolescente verteu boa parte do conteúdo sobre os cabelos do Mestre. Um líquido de cor de conhaque foi impregnando, lenta e docemente, a cabeleira acastanhada do rabi, enquanto um aroma penetrante ia inundando o recinto. Maria fechou o frasco e, após depositá-lo entre as pernas, começou a espalhar o perfume entre os sedosos cabelos do Galileu. Aquela unção foi feita com tanta simplicidade e amor que os olhos do gigante ficaram úmidos.

Concluída a operação, Maria voltou a abrir a jarra e esvaziou a essência de nardo sobre os pés descalços do Mestre. Ungiu-lhe os tornozelos, calcânhares e dedos, e, em seguida, proporcionou a Jesus suaves e prolongadas massagens, até que o líquido ficasse perfeitamente espalhado.⁵²

A essa altura da unção, alguns dos comensais haviam começado a murmurar entre si, lamentando aquele desperdício. Num dos extremos da mesa, vários dos discípulos, entre os quais se destacava Judas Iscariotes, por seus gestos exagerados e exclamações em voz alta, apoiavam com seus mexericos os convidados que se mostravam abertamente incomodados com o gesto da hebreia.

Nem a jovem nem Jesus se deixaram afetar pelos cochichos. Ao contrário, a belíssima irmã de Lázaro, que havia adornado as unhas das mãos e dos pés com

um pó vermelho-amarelado,⁵³ deitou a cabeça para trás e, passando as mãos pela nuca, inclinou-se sobre os pés do rabi e jogou para a frente seus vastos cabelos. Depois, lentamente, foi enxugando com eles os pés do Mestre, até deixá-los secos e brilhantes.

Os comentários, desgraçadamente, foram se azedando. Até Judas, com manifesta indignação, aproximou-se de André, o irmão de Pedro, e perguntou-lhe de forma que todos pudessem ouvi-lo:

– Por que não se vendeu esse perfume e se doou o dinheiro para alimentar os pobres? Deves dizer ao Mestre que a repreenda por esta perda...⁵⁴

Maria, assustada pelo rumo que as coisas haviam tomado, tentou levantar-se, mas Jesus a deteve. E, colocando a mão esquerda sobre a cabeça da jovem, dirigiu-se aos presentes com voz pausada e firme:

– Deixai-a em paz todos vós!... Por que a molestais por isto, se ela fez o que lhe saía do coração? A vós que murmurais e dizeis que este unguento deveria ter sido vendido em benefício dos pobres, deixai que eu vos diga que sempre tereis pobres convosco para que possais atendê-los a qualquer momento que vos pareça bem... Mas eu nem sempre estarei convosco. Cedo estarei com meu Pai!

A seguir, fixando seus olhos – aos quais não parecia escapar nem mesmo o voluteio das chamas das candeias – nos olhos de Judas Iscariotes, retomou a palavra com tom ainda mais enérgico:

– Esta mulher guardou por muito tempo este unguento para meu corpo, para quando ele fosse sepultado. E agora que lhe pareceu bem fazer esta unção, como antecipação de minha morte, não se lhe deve negar tal satisfação. Ao fazer isso, Maria vos reprovou a todos, pois evidenciou fé no que eu disse sobre minha morte e minha ascensão para meu Pai do céu. Essa mulher não deve ser condenada pelo que fez esta noite. A todos vós eu digo que nos tempos vindouros, onde quer que se pregue este Evangelho, por todo o mundo, o que ela fez será dito em sua memória.

Maria desapareceu do pátio e eu voltei para meu lugar. Lázaro parecia entristecido. Tanto ele como Marta sabiam que Maria havia poupado durante muito tempo para comprar aquele caro perfume. Aquela família, ao contrário do que se vinha observando entre os próprios discípulos, havia entendido profundamente o problema e intuído que aquela podia ser a última Páscoa de Jesus.

Os murmúrios diminuíram, se bem que alguns dos discípulos continuassem a comentar o acontecido com movimentos negativos de cabeça, em sinal de desacordo. Judas Iscariotes havia caído em um impenetrável silêncio. Seus olhos me assustavam. Destilavam um ódio surdo e contido. Era visível que havia tomado aquelas palavras de Jesus como reprovação pessoal e, sem dúvida, tinha se sentido ridicularizado diante de toda aquela gente. Em minha opinião, foi a partir desse incidente que o traidor começou a tramar sua vingança contra o Mestre. Duvido muito que Judas já tivesse pensado antes em entregar o Mestre aos membros do Sinédrio. Isso nem teria sentido, já que a própria polícia do Templo havia recebido

ordens concretas de prendê-lo. Não obstante, naquele momento seu espírito vingativo viu aberto o caminho para humilhar Cristo e obter uma reparação.

A vigília do domingo já estava próxima quando alguns dos fariseus, até então recolhidos a um prudente silêncio, dirigiram-se a Jesus e, mesmo abstraindo-se do preço do perfume em si, recriminaram-no por haver consentido que aquela mulher violasse as sagradas leis do descanso sabático. Pelo que entendi, uma das normas estabelecia que uma mulher “não podia sair de casa com uma agulha pronta para coser, nem com um anel que tivesse selo, nem com um gorro em forma de caracol, nem com um frasco de Perfume”. Se infringisse esse código, ficaria obrigada a pagar e a oferecer um sacrifício para compensar seu pecado.

Jesus observava divertido os sacerdotes.

– Dizei-me – perguntou-lhes –, de onde vindes?

– De Jerusalém – afirmaram.

– E como é possível que condeneis uma mulher que caminhou menos de um estádio, enquanto vós caminhastes mais de quinze?

Lembrei-me, então, de que os hebreus recorriam àquele artilheiro para poder ultrapassar os 2 mil côvados, ou um quilômetro, que era o trajeto máximo permitido aos sábados. Jesus sabia que, embora o povo simples pusesse em prática o erub, os “santos” ou “separados” vangloriavam-se em público de sua extrema pureza, mas não hesitavam em infringir as leis quando estava em jogo uma boa comilança.

Os fariseus se agitaram inquietos. Mas o Mestre não estava disposto a lhes conceder trégua. A quase totalidade dos 5 mil membros das comunidades ou irmandades de fariseus de Israel era constituída de comerciantes, artesãos ou camponeses, que careciam de sólida formação dos escribas mas que, graças à rígida observância das normas de pureza e da paga do dízimo, haviam-se elevado acima dos ammê há'-ares, ou grande massa dos povos de Israel. Essa vaidade e dureza de coração era algo que o rabi não suportava. E não tardou a proclamar isso diante de seus narizes, para regozijo daqueles que temiam a ira dos que se autoproclamavam “o partido do povo”.

– Ai de vós, fariseus! – disse-lhes Jesus corajosamente. – Sois como um cão num estábulo, que nem come nem deixa que comam os bois.

– Quem és tu – replicaram os representantes de Caifás com seu ar de autossuficiência – para nos ensinar onde está a verdade?

– Para que saístes a campo? – arrematou o Nazareno – Para verdes talvez uma cana agitada pelo vento?... Para verdes um homem com vestes delicadas? Vossos reis e vossos grandes personagens, vós mesmos, vós vos cobris de vestes de seda e púrpura, mas eu vos digo que não podereis conhecer a verdade.

– Vinte e quatro profetas falaram em Israel e nós seguimos o seu exemplo...

Os comensais voltaram-se para Jesus. Mas o Galileu continuava imperturbável. Seu domínio da situação havia crispado os ânimos dos fariseus.

– Vós falais dos que estão mortos e rechaçais aquele que está entre vós...

– Dize-nos quem és para que creiamos em ti – responderam.
– Vós examinais a superfície do céu e da terra, e não reconheceis aquele que está entre vós...

E, voltando seu olhar para mim, acrescentou:

– Vós não sabeis examinar este tempo.

Uma onda de sangue subiu-me do ventre à face.

Os fariseus optaram por levantar-se, renunciando a continuar com aquela batalha dialética e, entre mostras expressivas de indignação, lavaram as mãos em suas bacias. Mas Jesus não havia terminado. E, antes que pudessem abandonar a discussão, disparou:

– Ai de vós, fariseus! Lavais o exterior da taça sem compreender que quem fez o exterior fez também o interior...

Começava a ficar muito claro para mim por que as castas de sacerdotes, escribas e fariseus se haviam conjurado para prender e matar aquele Homem.

A tempestuosa ceia praticamente terminou com a saída dos sacerdotes. Quando os convidados já se despediam do anfitrião, Pedro se aproximou de Jesus e, com ar conciliador, propôs a ele que Maria fosse separada do grupo, “já que as mulheres” – comentou – “não são dignas da vida”. O Nazareno deve ter ficado tão perplexo quanto eu. E, no mesmo tom, respondeu ao impulsivo discípulo:

– Eu a guiarei para fazê-la homem, para que ela se transforme também em espírito vivente, semelhante a vós, homens. Porque toda mulher que se faça homem entrará no Reino dos Céus.

Nessa noite, ao me recolher a meu quarto e estabelecer comunicação com o módulo, Eliseu anunciou-me que a frente fria já havia penetrado pelo oeste e que, muito provavelmente, a entrada de Jesus em Jerusalém, prevista para o dia seguinte, domingo, seria ameaçada pela chuva.

48 As rigorosas leis do descanso sabático chegavam a extremos tais que, dos alimentos que iriam ser ingeridos, o dízimo devia ser separado antes do sábado. Durante a vigília não se podia fazer essa operação. (N. do M.)

49 Diferentemente do côvado romano (cubitus), de 74 milímetros (ou seja, da largura de uma mão), o côvado judeu, também chamado filetérico, por causa do apelido dos reis de Pérgamo (Philetairos), vigorou no Império Romano do Oriente desde a constituição da província da Ásia, no ano 133 a.C. Tinha 52,5 centímetros de comprimento. Essa medida era empregada corretamente na Palestina e no Egito. Em uma conexão de rotina com o módulo, nosso computador central confirmou que, segundo Dídimo de Alexandria (fim do século I a.C.), o côvado egípcio da época romana equivalia a um pé e meio do sistema ptolomaico, ou seja, 525 milímetros. Também os escritos de Josefo davam essa medida como a descrita na literatura rabínica. (N. do M.)

50 O mesmo recurso era utilizado entre vários vizinhos, que colocavam os alimentos em um pátio e criavam assim a presunção de que se tratava de uma só casa. Desse modo, ficava permitido o transporte de objetos em seu interior. (N. do M.)

51 ⁴ Os israelitas usavam com mais desembaraço a mão esquerda do que a direita. (N. do M.)

52 Essa noite, já na casa de Lázaro, Maria mostrou-me o recipiente: era, de fato, uma espécie de jarrinha, belamente trabalhada, com capacidade superior a 300 gramas (pouco maior do que uma tradicional garrafa de Coca-Cola). Pedi a ela que me permitisse molhar um pequeno lenço nos restos do perfume e, poucos dias depois, em minha forçada volta ao módulo com a finalidade de preparar a segunda fase de minha exploração, os sistemas de bordo analisaram a essência e confirmaram sua origem: uma planta herbácea, cultivada em jardins, da família das valerianáceas. Apresentava-se (hoje ela é trabalhada como essência pura) em fragmentos de raiz, curtos, da espessura do dedo mínimo e de cor cinza-escura. A erva terminava num feixe de fibras avermelhadas, em forma de espiga. Era de odor forte e agradável e de sabor amargo e aromático. Hoje também é conhecida

como nardo índico, do Ganges, Estaguide e Espicanardo. (N. do M.)

53 Os israelitas fabricavam esse cosmético com cortiça e folhas do arbusto chamado junça (henna para os árabes). (N. do M.)

54 O conteúdo do jarrinho era de uns 300 gramas de essência de nardo índico. Seu valor oscilava ao redor de 300 denários. (Com 200 se podia dar de comer a umas 5 mil pessoas.) (N. do M.)

2 de abril, domingo

Precisei de tempo para conciliar o sono. Havia sido muitas as emoções... Mas havia algo que me preocupava. Por que Jesus tinha feito aquela manifestação sobre as mulheres? Depois de muito refletir, só pude chegar a uma conclusão: o Nazareno tinha consciência da deprimente condição social da mulher e havia-se proposto reabilitá-la. Nos estudos que eu havia realizado como preparação para a Operação Cavalo de Troia, tinha tido a oportunidade de comprovar que, em quase todo o Oriente – e Israel não era exceção –, o papel da mulher na vida pública e social era nulo. Mas os textos e documentos que eu havia consultado estavam muito distantes da realidade. Pelo pouco que eu havia observado, o desprezo dos homens por suas companheiras era algo que clamava aos céus. Quando a mulher judia, por exemplo, saía de casa – não importava para quem –, tinha de trazer o rosto coberto por uma touca, que se compunha de dois véus para a cabeça, um diadema sobre a testa, com fitas pendentes até a ponta do queixo, e uma rede de cordões e nós. Desse modo não se podiam conhecer sequer os traços de seu rosto. Entre os hebreus contava-se que um sacerdote importante de Jerusalém não chegou a conhecer sua própria esposa ao aplicar-lhe o procedimento prescrito para a mulher suspeita de adultério. (Poucos dias depois eu teria a magnífica oportunidade de assistir a uma triste e fanática tradição que os judeus denominavam de “as águas amargas”. Pude então compreender um pouco melhor a revolucionária postura de Jesus para com as hebreias.)

A mulher que saía de casa sem levar a cabeça coberta ofendia a tal ponto os bons costumes que seu marido teria o direito (e, segundo os doutores da lei, até o dever) de repudiá-la, sem ser obrigado a pagar-lhe a soma estipulada para o caso de divórcio. Pude reparar que, nesse aspecto, havia mulheres tão rígidas que não se descobriam nem dentro de casa. Esse foi o caso de uma certa Qimjit, que, segundo se conta, viu sete filhos chegarem a ser sumos sacerdotes e considerava isso uma recompensa divina por sua austeridade. “Que caia sobre mim isto e aquilo – dizia a pudica – se as vigas de minha casa alguma vez viram minha cabeleira”.

Somente no dia do casamento, se a mulher fosse virgem e não viúva, aparecia no cortejo com a cabeça descoberta.

Nem é preciso dizer que as israelitas, especialmente as da cidade, deviam passar despercebidas em público. Um dos escribas, Yosé ben Yojanán, ali pelo ano 150 a.C., chegou a dizer: “Não fales muito com uma mulher. Isso vale para tua própria mulher, mas muito mais para a mulher do próximo”.

As regras da boa educação vedavam aos homens encontrar-se a sós com uma judia, olhar para uma casada ou saudá-la. Era desonra para um aluno dos escribas falar com uma mulher na rua. A rigidez chegava a extremos tais que a judia que se

entretivesse com todo mundo na rua, ou que ficasse na porta de sua casa, poderia ser repudiada sem receber a paga estipulada no contrato matrimonial.

A situação da mulher na casa não era diferente dessa conduta pública. As filhas, por exemplo, deviam ceder sempre os primeiros lugares, até mesmo as passagens pelas portas, aos rapazes. Sua formação limitava-se estritamente aos trabalhos domésticos, como tecer e cozinhar. Cuidavam dos irmãos menores e, com respeito ao pai, tinham o dever de alimentá-lo, dar-lhe de beber, vesti-lo, cobri-lo e passear com ele quando era ancião, e lavar-lhe o rosto, a mão e os pés. Seus direitos hereditários não eram os mesmos dos homens. Os filhos e descendentes precediam as filhas. O pátrio poder era extraordinariamente amplo com relação às filhas menores antes do casamento. Elas achavam-se sob o poder do pai. A sociedade judia da época distinguia três categorias: a menor (até a idade de doze anos e um dia), a jovem (entre os doze e os doze anos e meio) e a maior (depois dos doze anos e meio). Até os doze anos e meio, o chefe da família tinha todo o poder, a não ser que a jovem, ainda que menor, já estivesse prometida ou divorciada. Segundo esse código social, as filhas não tinham direito a possuir absolutamente nada: nem o fruto de seu trabalho, nem o que pudesse, por exemplo, encontrar na rua. Tudo era do pai. Até a idade de doze anos e meio, a filha não podia recusar um casamento imposto pelo pai. Chegou a acontecer de algumas serem forçadas a se casar com homens deformados. O escrito rabínico Ketubot falava, mesmo, de alguns pais aparvalhados que chegavam a se esquecer de a quem haviam prometido suas filhas...

O pai podia vender sua filha como escrava, desde que ela tivesse atingido os doze anos. Os contratos de casamento costumavam ser celebrados em uma idade muito precoce. Em um ano, geralmente, celebrava-se o casamento propriamente dito, passando ela então do poder do pai para o poder do marido. (E não se pode dizer o que era pior.) Depois do "contrato de compra e venda" – porque no fundo as cerimônias de noivado e casamento eram isso –, a mulher passava a viver na casa do marido, o que geralmente significava uma nova carga, além de ter de enfrentar uma nova família estranha a ela e que quase sempre manifestava aberta hostilidade para com a recém-chegada. Para dizer a verdade, a diferença entre a esposa e uma escrava ou concubina era que a primeira dispunha de um contrato matrimonial, a última não. Em troca de tão poucos direitos, a esposa se via carregada de deveres: tinha de moer, cozinhar, lavar, costurar, amamentar os filhos, fazer a cama do marido e, para compensar o seu sustento, fiar e tecer. Somavam-se a essas obrigações as de lavar a cara, as mãos e os pés do marido, e lhe preparar a bebida. O poder do marido e do pai chegava ao extremo de, em caso de risco de vida, a salvação deles ser colocada em primeiro lugar.

Ao ser permitida a poligamia, a esposa tinha de suportar a presença e as constantes afrontas das concubinas.

Quanto ao divórcio, o direito estava única e exclusivamente do lado do marido, o que, logicamente, dava lugar a constantes abusos.

Até mesmo do ponto de vista religioso, a mulher israelita não estava equiparada ao homem. Via-se submetida a todas as prescrições da Torá e ao rigor das leis civis e penais – incluída a pena de morte –, não tendo acesso a nenhum tipo de ensino religioso. E mais: uma sentença de R. Eliezer dizia que “quem ensina a Torá (a Lei) a sua filha, ensina-lhe a libertinagem”. Esse “eminente” doutor – que viveu por volta do ano 90 depois de Cristo – dizia ainda: “É preferível queimar a Torá a transmiti-la às mulheres”.

Na casa, a mulher não era contada no número das pessoas convidadas – e isso eu acabara de comprovar no banquete oferecido por Simão – e tampouco tinha o direito de prestar depoimento em juízo. Simplesmente era considerada mentirosa... “por natureza”.

Era muito significativo que o nascimento de um varão fosse motivo de alegria e o de uma menina causasse indiferença, se não tristeza. Os escritos rabínicos Quiddushin (82 b) e até o Nidda (31 b) afirmavam: “Desditoso daquele cujos filhos são meninas!”.

Só conhecendo esse deplorável quadro social em que (mal) vivia a mulher judia é que se pode entender, em sua justa medida, a coragem de Jesus ao se rodear de mulheres, conversar com elas, instruí-las e tratá-las como aos homens. Fiquei muito surpreso ao verificar que o rabi da Galileia não só havia escolhido doze varões, mas também havia procurado cercar-se de um grupo de mulheres (cheguei a contar até dez), que seguiam o Mestre para onde ele fosse. Esse fato, com outros que pouco a pouco fui descobrindo, não foi incluído claramente nos Evangelhos canônicos que conhecemos.

Tal como Eliseu havia anunciado na última conexão auditiva, aquela manhã de domingo, 2 de abril, amanheceu nublada. Uma chuva fina refrescou sensivelmente o ar, emprestando um brilho especial às campinas e perfumando Betânia com o cheiro agradável de terra molhada.

Assim que me foi possível, dirigi-me à casa de Simão. O Mestre, madrugador, havia chamado seus homens e mulheres e se reunira com eles no jardim. Ali, o gigante – com o semblante mais sério do que na véspera – deu a eles instruções concretas com relação à próxima celebração da Páscoa. Insistiu especialmente em que não realizassem manifestação alguma enquanto permanecessem dentro das muralhas da Cidade Santa. E, sobretudo, que não saíssem do seu lado.

Uma vez mais os discípulos associaram aquelas medidas de precaução com a ordem de captura ditada pelo Sinédrio. Jesus, como creio que já tenha mencionado, sabia que alguns de seus homens estavam permanentemente armados. Mas não fez alusão ao fato.

Quando Jesus começou a repassar o que havia sido seu ministério, desde sua ordenação em Cafarnaum até aquele momento, observei que Judas Iscariotes, fazendo ouvidos moucos, dedicava sua atenção apenas ao inventário da bolsa comum. Pouco depois ele abandonou o grupo e entrou na casa. Nessa mesma manhã, ainda de madrugada, Davi Zebedeu – irmão de João e Tiago, um dos

colaboradores mais ativos de Jesus e ao qual me referirei mais adiante – entregara-lhe os fundos conseguidos com a venda do acampamento que tinham instalado semanas antes na cidade de Pella, na margem oriental do Jordão, a umas quarenta milhas do mar Morto.

A bolsa comum devia conter uma importância suficientemente grande para que Judas a deixasse, naquela mesma manhã, em poder do velho anfitrião. Ao que parecia, a iminente entrada de Jesus em Jerusalém não aconselhava que o “administrador” do grupo levasse consigo tanto dinheiro. Era na época da Páscoa que os israelitas estavam obrigados a satisfazer o que chamavam de “segundo dízimo”. Em outras palavras: uma vez separada a importância da oferta que se fazia no Templo e o “primeiro dízimo”,⁵⁵ cada hebreu tinha a obrigação de consumir e gastar dentro de Jerusalém – isto era imprescindível – o citado “segundo dízimo”, de acordo com suas possibilidades econômicas. Se o judeu vivia longe da Cidade Santa, podia converter o “segundo dízimo” em dinheiro e levá-lo a Jerusalém, onde deveria gastá-lo em alimentos e bebidas, precisamente durante a festa da Páscoa. (A Misná dedica cinco capítulos ao que se pode ou não fazer com o referido “imposto”.)

Judas conhecia perfeitamente essa obrigação e, presumivelmente, ao fazer o “balanço” dos fundos gerais, separara já o dinheiro que devia ser consumido em Jerusalém dentro do conceito de “segundo dízimo”. Todavia, o fato de que o deixara nas mãos de Simão dava a entender que Jesus e seus homens demorariam ainda alguns dias para ir a Jerusalém celebrar a tradicional ceia pascal. Embora só se trate de uma suposição – muito pessoal –, já que nunca cuidei de averiguar o assunto, é possível que Cristo já houvesse trocado impressões com Judas, como responsável pelo dinheiro, tendo até fixado o dia para esse rito.

Ao visitar Jerusalém nos dias que se seguiram, pude observar a grande importância que a presença daqueles milhares de peregrinos, chegados de todas as províncias e do estrangeiro, tinha para os residentes fixos da Cidade Santa; e, sobretudo, o benefício econômico que representava para a cidade o fato de que cada hebreu devia gastar durante a Páscoa uma parte de suas rendas anuais. Um dinheiro que era sempre considerável, se pensarmos que o “segundo dízimo” era extraído dos ganhos totais das vendas do gado, dos pomares e dos vinhedos de quatro anos, além dos trabalhos artesanais.

O Nazareno terminou sua prática adiantando que “ainda lhes deixaria muitas recomendações e lições... antes de voltar ao Pai”... Mas os discípulos não chegaram a compreender a que ele se referia.

Ao final, ninguém se atreveu a fazer uma só pergunta.

Concluída a “conferência”, Cristo chamou Lázaro de lado – que tinha ido comigo à casa de Simão – e recomendou-lhe que fizesse os preparativos necessários para deixar Betânia. Jesus, o ressuscitado e todos nós sabíamos que – depois do milagre – o Sinédrio havia discutido e chegado à conclusão de que também Lázaro deveria ser eliminado. “De que serviria prender e justificar o Galileu se ficasse vivo seu

amigo, testemunha privilegiada do milagroso sucesso?” Esse pensamento – não carente de lógica – havia levado os sacerdotes a planejar uma ação paralela que culminaria com a detenção de Lázaro.

Meu amigo obedeceu e, poucos dias depois, fugia para o povoado de Filadélfia, na região mais oriental da fértil Pereia. Quando os policiais do Sinédrio chegaram para capturar Lázaro, só Marta, Maria e seus serviçais permaneciam na casa.

No resto da manhã – até a uma e meia da tarde, quando o gigante deu a ordem de partida para Jerusalém –, o rabi preferiu retirar-se para a parte mais frondosa do jardim de Simão.

Nessa mesma noite, de regresso a Betânia, criei coragem e lhe perguntei por que havia escolhido aquela forma de entrada na Cidade Santa. O Mestre, perfeito conhecedor das Escrituras, respondeu concisamente:

“Assim convinha, para que se cumprissem as profecias...”

De fato, tanto no Gênesis (49,11) quanto em Zacarias (9,9), diz-se que o Messias libertador de Jerusalém viria do monte das Oliveiras montado em um jumentinho. Zacarias diz concretamente: “Alegrai-vos grandemente, ó filhos de Sião! Gritai, ó filhos de Jerusalém! Vede, vosso rei está vindo para vós! É justo e traz a salvação. Vem como o mais íntimo, montado em um asno, em um burrico, a cria de um asno”.

Por volta da sexta hora (meio-dia), após um almoço frugal, Jesus, que havia recobrado o excelente bom humor da véspera, pediu a Pedro e a João que se adiantassem até o povoado de Betfagé.

– Quando chegardes à encruzilhada do caminho – disse-lhes –, encontrareis presa a cria de um asno. Soltai o burrico e trazei-o.

– Mas, Senhor – argumentou Pedro com razão –, e que devemos dizer ao dono?

– Se alguém vos perguntar por que fazeis isso, dizei simplesmente: “O Mestre tem necessidade dele”.

Pedro, já muito habituado a essas situações desconcertantes, encolheu os ombros e partiu para Betfagé. João – um rapazinho silencioso, quase taciturno (seguramente o mais jovem dos doze), magro como um junco e de olhos negros como o carvão – permaneceu parado ainda por alguns instantes, contemplando seu ídolo. Em seu olhar adivinhava-se a surpresa e um certo temor. “Que estaria tramando o Mestre?”

Ao perceber que Pedro já caminhava para a porta, deu um pulo e saiu correndo atrás do companheiro.

Nessa altura, Davi Zebedeu, um dos mais eficientes seguidores de Cristo, sem nada dizer ao Mestre nem aos doze, havia tido a genial intuição de se pôr a caminho de Jerusalém em companhia de outros crentes, para avisar os peregrinos da iminente chegada de Jesus de Nazaré. Essa iniciativa, como ficou patenteado depois, iria contribuir decisivamente para que Jesus entrasse triunfalmente em Jerusalém, em meio a uma grande massa. Além das centenas de hebreus que, como acontecia todos os dias, haviam acorrido a Betânia, milhares de habitantes

de Jerusalém e de recém-chegados para a Páscoa tiveram a notícia exata da presença daquele Galileu – fazedor de maravilhas – que tinha audácia suficiente para enfrentar cara a cara os sumos sacerdotes.

Não foi preciso esperar muito tempo. Por volta da uma e meia da tarde, Pedro e João reuniram-se ao resto da comitiva, que já os esperava fora dos limites da aldeia de Lázaro. Como o Mestre havia prognosticado, quando o voluntarioso Pedro chegou a Betsaida, lá estavam os animais: um asno e sua cria.

A verdade é que, conhecendo o povoado e sua gente, toda ela fervorosa seguidora de Jesus, encontrar na rua os referidos jumentos e convencer seu dono a emprestar um deles ao rabi não devia ser considerado um milagre. Essa, ao menos, foi minha impressão. Se em alguma coisa Betânia e Betsaida se distinguiam do resto das povoações de Israel, era precisamente nisto: no profundo afeto por Cristo e na ferrenha fé que tinham nele. Lázaro me disse que estava convencido de que aquele milagre do Nazareno – possivelmente um dos mais extraordinários de quantos realizou em sua vida pública – havia tido por cenário Betânia não para que o povo de ambas as aldeias acreditasse, mas precisamente porque já acreditava. A teoria não era ruim. Cidades e povos muito mais importantes, como os de Cafarnaum, Nazaré, Jerusalém e outras, haviam repellido Jesus.

A verdade é que, segundo contou Pedro, quando ele se dispunha a soltar o jumento, o proprietário se apresentou e, é claro, quis saber o que pretendiam. Quando soube que o animal era para o Mestre, sem mais perguntas disse:

– Se vosso Mestre é Jesus da Galileia, levai o burrico.

Ao ver o pequeno asno, de pelo pardo, com apenas um metro de altura e, possivelmente, da raça chamada “silvestre” (muito comum na África e no Oriente), quase todos se fizeram a mesma pergunta: “Para que o Mestre necessitava daquela dócil cria de asno?”. O rabi sempre havia trilhado seus caminhos com a única ajuda de suas fortes pernas, que hoje seriam invejadas por muitos corredores de maratona... Pouco depois, ao vê-lo desfilar entre a multidão que se aglomerava no caminho e nas ruas de Jerusalém – no lombo do jumentinho –, comecei a pensar sobre quais poderiam ser as verdadeiras razões que haviam impellido Jesus a buscar a companhia daquele pequenino animal.

O Mestre, sem mais delongas, deu ordem de partida para Jerusalém. Os gêmeos, num gesto que Jesus agradeceu com um sorriso, colocaram seus mantos sobre o burrico e o seguraram enquanto o gigante montava.

O Nazareno pegou a corda que fazia as vezes de rédea e golpeou suavemente o asno com os joelhos, convidando-o a andar.

A considerável estatura do rabi o obrigava a flexionar as longas pernas para trás, para não arrastar os pés no caminho. Com todo o meu respeito pelo Senhor, sua figura, a cavalgar daquela maneira um jumento, era todo um espetáculo, metade ridículo, metade cômico. Pouco a pouco, fui me convencendo de que aquele era precisamente um dos efeitos que o Mestre buscava. A tradição, tanto a oriental quanto a romana, mandava que os reis e os heróis entrassem nas cidades

sempre no lombo de bravos corcéis ou enfeitadas carruagens. Algumas das profecias judaicas falavam até mesmo de um rei – um Messias – que entraria em Jerusalém como um valente libertador, afastando de Israel o jugo da dominação estrangeira.

Mas que tipo de sentimento podia provocar no povo um homem de tal estatura no lombo de um burrico? Indubitavelmente, uma das razões para entrar assim na Cidade Santa tinha de ser buscada na intencional ideia de ridicularizar o poder puramente temporal. E Jesus iria conseguir isso...

No início, tanto os homens de seu grupo como as dez ou doze mulheres que, escolhidas por Jesus, haviam se incorporado à comitiva, ficaram desconcertados. Mas o Mestre era assim, imprevisível, e eles o amavam acima de tudo. Por isso, assimilaram o fato com resignação. O próprio Jesus, com suas constantes galhofas, contribuiu – e não pouco – para afastar os temores de seus fiéis seguidores. Eu mesmo me surpreendi ao observar como o Nazareno ria de sua própria sombra!

Aquele ambiente festivo foi se intensificando à medida que nos afastávamos de Betânia. Uma multidão que eu não saberia calcular ia se agrupando de ambos os lados do caminho, saudando, aclamando e reconhecendo Cristo como o “profeta da Galileia”.

Os doze que cercavam o rabi de perto (tanto Pedro como Simão, o Zelote, Judas Iscariotes e até o próprio André haviam tomado precauções e suas espadas tinham voltado aos cintos) estavam perplexos. O receio inicial pela segurança de seu chefe e do resto do grupo foi se dissipando enquanto avançávamos.

Centenas – se não milhares – de peregrinos, de toda a Judeia, da Pereia e até da Galileia, pareciam ter repentinamente enlouquecido. Muitos homens despojavam-se de seus roupões e os estendiam sobre o caminho, sorrindo e mostrando-se encantados diante do passo do jumentinho. Como um só indivíduo, mulheres, meninos, anciãos e adultos gritavam e repetiam sem cessar: “Bendito o que vem em nome do Divino!... Bendito seja o reino que vem do céu!...”.

Tal como eu supunha, a multidão não gritava os conhecidos hosanna, pela simples razão de que essa exclamação era sinal ou pedido de auxílio, segundo a etimologia original da palavra judia.⁵⁶

Creio que aquele mesmo calafrio que me percorreu as costas e me fez tremer deve ter sido sentido também pelos apóstolos, quando, espontaneamente, muitos daqueles hebreus cortaram ramos de oliveira para saudar o Mestre, lançaram à sua passagem as flores violeta dos cinamomos e queimaram os ramos dessa árvore, de forma que um fragrante aroma espalhou-se pelo ar.

Na verdade, nenhum dos seguidores de Cristo poderia prever uma acolhida como aquela. Onde estavam as ameaças e a ordem de captura do Sinédrio?

Algumas mulheres levantavam perigosamente seus filhos para pô-los nos braços do Nazareno, que os acariciava um a um. O coração de Jesus, sem dúvida, devia estar alegre.

Para minha surpresa, porém, quando tudo fazia supor que a comitiva seguiria

pelo caminho habitual – que eu mesmo havia tomado para chegar a Betânia –, Jesus e os doze viraram para a direita, iniciando a ascensão da ladeira oriental do monte das Oliveiras. Eu não havia reparado naquele atalho íngreme e pedregoso e que, de fato, cortava caminho. Poucos metros adiante, Jesus saltava agilmente do voluntarioso jumentinho e prosseguia a pé a subida até o cume da “montanha das azeitonas”. A chuva havia passado fazia algum tempo, mas no céu ainda se viam nuvens escuras e ameaçadoras.

Enquanto o grupo se afinava, caminhando praticamente em fila de um entre as plantações de oliveiras, o coração saltou-me no peito. Embora nosso módulo estivesse na parte mais elevada do monte das Oliveiras, sobre penhascos, de onde não havíamos visto caminho algum, sempre havia a possibilidade de que os participantes daquela agitada manifestação de júbilo penetrassem na faixa de segurança do “berço”.

Instintivamente, afastei-me do caminho e avisei Eliseu da aproximação da comitiva.

Ao alcançarmos o cume, o Mestre parou. Respirei aliviado ao notar que o “ponto de contato” do módulo ficava muito mais à direita, a cerca de uns trezentos pés do ponto em que havíamos parado.

Daquela posição privilegiada, Jerusalém surgia aos nossos olhos em todo o seu esplendor. As torres da fortaleza Antônia, o palácio de Herodes e, sobretudo, a cúpula e as muralhas do Templo se haviam tingido de amarelo com o cair da tarde, destacando-se sobre um mosaico de casas e ruelas branco-acinzentadas.

Um silêncio repentino reinou sobre a comitiva, quebrado tão somente pelo rumor de vários grupos de israelitas que vinham correndo das portas da Fonte e das Telhas, ao sul das muralhas, avisados da chegada do Mestre.

O semblante de Cristo alterou-se subitamente. Daquela aberto e contagiante bom humor de antes, havia passado à extrema seriedade. Os discípulos perceberam a mudança, mas simplesmente não conseguiam entender as razões do rabi. Se tudo estava indo tão bem...

O silêncio se fez definitivamente total, quase angustioso, quando todos nós, ali reunidos, vimos que Jesus de Nazaré, caminhando até a cabeceira da rampa ocidental da colina, pôs-se a chorar. As lágrimas corriam-lhe mansamente pelas faces e pela barba. Senti um estremecimento e em minha garganta formou-se um áspero nó.

Com os braços abandonados ao longo da túnica, incapaz de conter a emoção, Cristo exclamou com a voz entrecortada:

– Ó Jerusalém, se apenas houvesse sabido, tu também, ao menos neste teu dia, das coisas concernentes à tua paz e que pudesses ter tão livremente... Mas agora essas glórias estão a ponto de se esconderem de teus olhos... Tu estás a ponto de repelir o Filho da paz e voltar as costas ao Evangelho da salvação... Logo virão os dias em que teus inimigos farão uma trincheira ao teu redor e te assediarão por todos os lados, e te destruirão completamente, até o ponto de não

ficar pedra sobre pedra. E tudo isso acontecerá porque não conhecias o tempo de tua divina visita... Estás a ponto de repelir o presente de Deus, e todos os homens te repelirão.

Obviamente, nenhum dos que ouviram aquelas expressões podia sequer intuir o trágico fim que o rabi acabava de profetizar. Trinta e seis anos mais tarde, do ano 66 ao ano 70, o general romano Tito Flávio Vespasiano cairia sobre Israel com três legiões escolhidas e numerosas tropas auxiliares do Norte. Seu filho Tito completaria a destruição do Templo e de boa parte de Jerusalém, em meio a um banho de sangue. Mais de 80 mil homens, integrantes da 5ª, 10ª, 12ª e 15ª legiões, reforçadas pela cavalaria, chegariam pouco antes da lua cheia da primavera de 70 diante das muralhas da Cidade Santa. Em agosto desse mesmo ano, depois de encarniçados combates, os romanos plantariam suas insígnias no recinto sagrado dos judeus. Em setembro, precisamente como Jesus havia advertido, não restaria pedra sobre pedra daquela que havia sido a "cidade umbigo do mundo". Segundo os cálculos de Tácito, naquela época haviam-se reunido em Jerusalém para celebrar a tradicional Páscoa cerca de 600 mil judeus. Pois bem, o historiador Flávio Josefo afirma que, durante o sítio, o número de prisioneiros, sem contar os crucificados e os que conseguiram escapar, chegou a 97 mil. E acrescenta que, no transcurso de três meses, só por uma das portas da cidade passaram 115 mil cadáveres de israelitas. Os sobreviventes, por sua vez, seriam vendidos como escravos e dispersados.

As lágrimas e as lamentações do Nazareno eram mais do que justificadas...

João Zebedeu, um dos discípulos mais amados por Jesus, sem dúvida por sua inocência e generosidade, aproximou-se do Mestre e, comovido, estendeu-lhe um amplo lenço, daqueles comumente usados para enxugar o suor do rosto e que se costumava trazer enrolados com um nó em qualquer dos braços. Sem pronunciar uma só palavra mais, Cristo enxugou as lágrimas e voltou a montar o jumento para iniciar a descida em direção a Jerusalém. Aquele mundaréu de gente que havíamos visto do alto do monte já subia a encosta, e seus brados e vivas cresciam de tom.

Jesus, fortemente escoltado por seus homens, correspondia àquelas manifestações de afeto, avançando com dificuldade cada vez maior. O povo que saía em torrentes pelas muralhas de Jerusalém não se contentava com aclamá-lo em ambas as margens do caminho. Muitos deles, especialmente os meninos e adolescentes, amontoavam-se em torno do burrico, obrigando os discípulos a abrir passagem entre empurrões e gritos. Era o delírio!

Aquilo havia agitado de tal forma os hebreus da cidade e dos acampamentos levantados ao redor que, dali a pouco, quando a comitiva se esforçava para cruzar o arco da porta da Fonte, no vértice sul da Cidade Santa, um grupo de fariseus e levitas, alertado pelo tumulto, apareceu precipitadamente no meio da multidão, com a ideia, tudo indicava, de prender o "impostor". Os policiais do Templo, armados com espadas e maças, permaneciam na expectativa das ordens dos sacerdotes. Mas o entusiasmo e o clamor daqueles milhares de judeus era tal que

eles foram forçados a agir com calma. Prudentemente, deixaram Jesus e seus seguidores passar. O rabi, com notável argúcia, havia evitado entrar pela zona nordeste de Jerusalém. O ingresso na Cidade Santa a partir do cume do monte das Oliveiras, ultrapassando o leito seco do Cedron e penetrando pela chamada porta Probática ou pela do Oriente, no flanco oriental das muralhas, teria sido muito mais rápido. Essa manobra, no entanto, continha um risco latente: passar muito perto da fortaleza Antônia, sede e quartel-general das forças romanas de ocupação. Por outro lado, ao planejar sua entrada triunfal pela zona mais meridional, Jesus via-se obrigado a cruzar algumas das ruas mais populosas da parte velha e baixa da capital. Ainda que eu nunca tenha chegado a lhe perguntar, tive a certeza, ao contemplar aquela imponente manifestação do povo judeu a Jesus,⁵⁷ de que o Mestre teve dupla intenção ao dirigir seus passos por aquele setor de Jerusalém: propiciar uma recepção mais prolongada e calorosa e, ao mesmo tempo, proteger a si mesmo e a seus homens contra a ordem de captura baixada pelo Sinédrio. Aquela explosão foi tão espontânea e clamorosa que, como já mencionei, os sacerdotes não se atreveram a consumir a prisão.

Ao entrar nas ruas de Jerusalém, a multidão tornou-se tão expressiva que muitos dos jovens e mulheres, ao alcançarem o roseiral (único jardim permitido na cidade), arrancaram dezenas de flores para jogá-las durante a passagem de Cristo.

Aquele gesto enfureceu ainda mais os fariseus e escribas que haviam saído ao encontro do "impostor", e alguns deles, os mais audaciosos, abriram caminho a cotoveladas e empurrões, bloqueando a marcha do Nazareno.

Alçando a voz por cima do tumulto, os sacerdotes gritaram para Jesus:

– Mestre, deverias repreender teus discípulos e exortá-los a que se comportem com mais decoro!

Mas o rabi, sem perder a calma, replicou:

– É conveniente que esses meninos acolham o Filho da Paz, a quem os sacerdotes principais repeliram. Seria inútil fazê-los calar... Se assim o fizésseis, no lugar deles as pedras do caminho poderiam falar...

Os fariseus, desanimados e enraivecidos, deram meia-volta e, com a mesma violência, desapareceram em direção à cabeça da manifestação, sem dúvida a caminho do Templo, onde, segundo pude verificar pouco depois, o Sinédrio celebrava um de seus costumeiros conselhos. Esses sacerdotes contaram a seus colegas o que estava acontecendo nas ruas do bairro velho da cidade. José de Arimateia, membro do Sinédrio e bom amigo de Jesus, relataria na manhã seguinte a André e aos outros apóstolos que os fariseus, com as fisionomias transtornadas, tinham irrompido na sala das "pedras talhadas" (recinto de sessões do Sinédrio) exclamando: "Vede, tudo o que fazemos é inútil! Temos sido confundidos por esse galileu. O povo ficou louco por ele... Se não dermos um basta a esses ignorantes, todo mundo o seguirá".

A triunfal comitiva prosseguiu sua marcha pelas ruelas estreitas e íngremes da cidade. As pessoas assomavam às janelas ou aos terraços, saudando o Mestre, e

muitos que o viam pela primeira vez perguntavam: “Quem é esse homem?”. A própria multidão e os discípulos se encarregavam de responder a uma só voz e aos gritos: “Este é o profeta da Galileia! Jesus de Nazaré!”.

Por volta das três e meia ou quatro da tarde, chegamos ao extenso muro oeste do hipódromo. Jesus desmontou definitivamente e pediu aos gêmeos Alfeu que voltassem a Betfagé e devolvessem o burrico a seu dono. Atraídos pela incessante gritaria dos judeus, alguns dos membros do Sinédrio assomaram por entre os altos arcos do aqueduto – que unia o vértice sudoeste do Templo à zona alta da cidade – e contemplaram, atônitos, a multidão que solicitava aos gritos que Jesus falasse e fosse proclamado rei. No espírito de toda aquela gente, incluindo os mais íntimos do Nazareno, flutuava a crença de que esse era o libertador esperado. Por um momento, deixei-me levar pela fantasia e imaginei o que poderia ocorrer se o rabi tivesse atendido aos incessantes pedidos da multidão.

Mas não eram essas – nem remotamente – as intenções do Galileu. Muito pelo contrário. Contrariando as sugestões de seus próprios discípulos, que lhe pediam que falasse à multidão, Jesus de Nazaré, em silêncio e em seu peculiar passo rápido, deixou todos ali plantados e entrou na grande esplanada do Templo pela chamada porta Dupla.

Dez dos apóstolos e as mulheres recordaram as ordens de Cristo para que não se dirigissem publicamente aos hebreus e, com má vontade e mal-humorados, seguiram o Mestre até o interior do recinto. Eu permaneci por alguns instantes ao pé do imponente muro sul do Templo, observando que parte dos que tinham estado aclamando se dispersava, enquanto outras centenas de pessoas se decidiam afinal por acompanhar o Messias.

Ao penetrar na grande esplanada que circundava o Santuário – e apesar de ter visto aquele formidável “retângulo” de cima –, fiquei impressionado com a magnificência da obra. Herodes havia-se consagrado de corpo e alma à construção daquele Templo. Enormes blocos de pedra, meticulosamente esquadrados e encravados (os maiores, de 4,80 x 3,90 metros), constituíam as fileiras inferiores dos silhares. O imenso pátio dos Gentios, que rodeava totalmente o Santuário propriamente dito, havia sido cercado com uma soberba colunata. Uma balaustrada isolava o Templo do setor destinado aos judeus (o mencionado átrio dos Gentios). Sobre duas de suas treze portas de acesso ao interior, nas quais montavam guarda os levitas, sob o comando de sete guardiães permanentes, pude ler diferentes advertências, em grego, as quais, naturalmente, respeitei em todos os momentos. Elas diziam textualmente: “Nenhum estrangeiro pode penetrar dentro da cerca e da muralha em torno do Santuário. Todo aquele que for surpreendido violando esta ordem será punido com a pena de morte que daí se seguirá”.

De fato, historiadores como Josefo e Tácito não haviam exagerado ao descrever aquela maravilha. Ao entrar no gigantesco “retângulo” quaisquer dos acessos levava a ele –, fiquei deslumbrado com o luxo. Todas as portas – tanto a Probática como a Dourada, ou os pórticos Duplo, Triplo e Real – haviam sido

recobertas com lâminas de ouro e prata. (Só havia uma exceção, ainda que não me fosse possível verificá-la, uma vez que se localizava bem no centro do Templo. Era a denominada porta de Nicanor. Segundo Josefo e a Misná, “todas as portas que ali havia eram douradas, exceto a de Nicanor, porque nela havia acontecido um milagre; segundo outros, porque seu bronze reluzia como ouro.”)⁵⁸

Aquela hora do entardecer, com a luz solar incidindo obliquamente sobre Jerusalém, as pontas agudas que sobressaíam no telhado, inteiramente banhadas a ouro, reluziam e faiscavam, proporcionando ao conjunto um halo quase mágico, fascinante.

O pátio dos Gentios – em especial toda a parte próxima às colunatas do chamado pórtico Régio – apresentava um movimento incomum. Boa parte dessa área sul do grande “retângulo” do Templo estava repleta de tendinhas, mesas e gaiolas com pombos. Considerando que a esplanada media, em sua parte mais estreita (justamente ao pé da colunata do pórtico Régio), 735 pés,⁵⁹ é fácil ter uma ideia da quantidade de pontos de venda que, em três ou quatro fileiras, haviam sido montados na esplanada. Não cheguei a somá-los, mas duvido que as bancas dos mercadores do Templo fossem menos de trezentas ou quatrocentas.

Em sua maioria eram “intermediários”, que comerciavam com animais destinados aos sacrifícios da Páscoa. Ali se vendiam cordeiros, pombas e até bois. Em muitas das bancas, que não passavam de simples tabuleiros de madeira montados sobre as próprias gaiolas – ou, quando muito, providos de pernas ou suportes dobráveis –, eram ofertados e “cantados” em público muitos dos produtos necessários ao rito do sacrifício pascal: azeite, vinho, sal, ervas amargas, nozes, amêndoas tostadas e até marmelada. E no meio daquele mercado ao ar livre, pude distinguir também uma longa fileira de mesas dos chamados “cambistas” – gregos e fenícios em sua maioria –, que se dedicavam à troca de moedas. A circunstância de que milhares de peregrinos eram judeus residentes no estrangeiro havia tornado quase obrigatória a presença de tais “banqueiros”. Vi ali moedas gregas (tetradracmas de prata, didracmas áticas, dracmas, óbolos, calcos e leptons de bronze), romanas (denários de prata, sestércios de latão, dispôndios, asses, semis e quadrantes) e, naturalmente, todas as divisões da moeda judaica (denários, maas e pondios, todas de prata, e asses, musmis, kutrums e perutás, de bronze, entre outras).

Esses cambistas ofereciam, além disso, um importante serviço aos hebreus, já que lhes proporcionavam in situ o câmbio necessário para satisfazer o obrigatório tributo ou contribuição ao tesouro do Templo. A presença deles ali, portanto, era tão antiga quanto tolerada. E se aponto essas particularidades preliminares é porque no dia seguinte, 3 de abril, segunda-feira, eu iria ser testemunha ocular de um fato histórico, a mal denominada “expulsão dos mercadores do Templo por Jesus”. Pelo que pude ver, ela não foi descrita corretamente pelos evangelistas.

Enquanto o Mestre e seus discípulos passavam por entre os pontos de venda, contemplando os preparativos para a Páscoa, aproveitei para trocar algumas de

minhas pepitas de ouro por moedas romanas e hebraicas, em partes iguais. No total e depois de não poucos regateios com um daqueles malditos especuladores fenícios, obtive doze aureus⁶⁰ e quarenta denários de prata, assim como várias centenas de asses – ou moeda fracionária – por quase metade de meus haveres.

Ao contemplar o rabi rodeado por seus amigos, dialogando pacificamente com aquelas centenas de mercadores, assaltou-me uma dúvida inquietante: como Jesus podia mostrar-se tão tranquilo e espontâneo com aqueles “cambistas” e “intermediários” se o Evangelho afirma que, em uma de suas múltiplas visitas ao Templo, ele os expulsou a chicotadas e fez saltar pelos ares as bancas? A explicação, lógica e simples, eu a teria no dia seguinte...

Pouco a pouco, a multidão que o havia seguido até a grande esplanada que circunda o Santuário foi se esquecendo do Mestre, que, em companhia de seus discípulos, penetrou no Templo pelo pórtico Coríntio e desapareceu em seu interior. A mim só cabia esperar no átrio dos Gentios. Essa circunstância me impediria de presenciar o conhecido episódio da viúva que buscava um daqueles mealheiros onde os judeus depositavam sua contribuição para o sustento do Templo. À saída do grupo, André relatou-me a lição que Jesus acabava de lhes dar e que, em essência, foi corretamente narrada pelos evangelistas. O que eu não sabia é que esses mealheiros, em número de treze, estavam estrategicamente situados em uma sala que rodeava o átrio das Mulheres. (As hebreias não podiam sair desse recinto e penetrar no átrio dos Homens ou no dos Sacerdotes.) Eram recipientes em forma de trombeta, estreitos na boca e largos no fundo, como prevenção contra os ladrões. O terceiro desses mealheiros estava a cargo de um tal de Petajia, responsável pelos sacrifícios das aves. (Em lugar de realizar a oferenda dos animais, o judeu podia entregar o equivalente em dinheiro.) Pois bem, Petajia, cujo verdadeiro nome era Mardoqueu, havia recebido essa alcunha por causa de sua extraordinária habilidade de poliglota: sabia setenta línguas! (A palavra pataj significa “abria”, quer dizer, ele “abria” as palavras ao interpretá-las.) A explicação de André iria ser altamente proveitosa para mim, pois, dias depois, o tal Petajia representaria papel destacado em uma das negações de Pedro...

Enquanto aguardava a saída do grupo do interior do Santuário, sentei-me junto aos mercadores e pude assistir a um fenômeno que, aparentemente, era comum nas operações de venda e compra. Muitos dos “intermediários” abusavam cruelmente dos hebreus mais humildes, chegando a lhes vender uma rola por nove ou dez asses. (Considerando que o preço normal dessas aves em Jerusalém era de 1/8 de denário, ou três asses, os lucros desses usurários eram desproporcionais.)⁶¹

O mais irritante, porém, é que aquele “saneado” negócio era propriedade da poderosa família de Anás, ex-sumo sacerdote. Isso explicava a tolerância do comércio de animais para sacrifício naquele lugar, apesar de sagrado. (Também essa observação iria ter grande importância para que eu compreendesse o que aconteceria no dia seguinte.)

Indignado com aquelas miseráveis atitudes dos “intermediários”, procurei fixar

o máximo de minúcias de tudo quanto me rodeava. contei até o número de colunas do pórtico Régio: 162 esbeltas pilastras, de estilo coríntio. As balaustradas haviam sido trabalhadas em pedra. Uma delas – de três côvados (157,5 centímetros) – separava os dois átrios, o interior e o exterior, acessível a nós, pagãos. Em algumas áreas dessa balaustrada exterior haviam sido gravadas as mesmas advertências que eu tinha lido em várias das portas de acesso ao Templo. Os pórticos que rodeavam essa imensa esplanada – cuidadosamente calçada com pedras de diferentes cores – estavam cobertos com peças de artesanato de madeira de cedro, possivelmente importada dos bosques do Líbano.

Quando vi reaparecerem os primeiros discípulos, alguns dos gregos que haviam chegado naqueles dias a Jerusalém e que, com certeza, tinham ouvido falar de Jesus, aproximaram-se de Felipe e lhe falaram do desejo deles de conhecerem o Mestre. Jesus continuava no interior do Templo, e o discípulo foi consultar o apóstolo que, mesmo depois da ressurreição do Galileu, ostentou a autoridade moral de chefe do grupo: André, irmão de Pedro. Esse pescador havia chamado minha atenção desde o primeiro momento, por sua seriedade. Estava quase sempre silencioso, como que preocupado e distante. Talvez essa introversão se devesse a uma cultura rudimentar ou a uma acentuada timidez. Era pouco mais magro que o irmão e tinha mais ou menos a mesma estatura (1,60 metro, aproximadamente), cabeça pequena e cabelos finos e abundantes, diferentemente de Pedro, com sua extrema calvície. Estava sempre apuradamente barbeado. Suponho que fosse pouco mais velho que Pedro. A calvície é que dava ao irmão um ar de mais idade.

André ouviu em silêncio a mensagem de seu companheiro e, após uma inspeção ao grupo de gregos, regressou com Felipe ao interior do Templo. Pouco depois aparecia Jesus, que, com satisfação, conversou com os estrangeiros.

Alguns dos gregos revelavam conhecer o misterioso anúncio do rabi sobre sua morte e o interrogaram a respeito. Jesus lhes disse:

– Em verdade, em verdade vos digo, que, se o grão de trigo lançado na terra não morre, fica só; mas, se morre, produz muito fruto...

– Então é preciso morrer para viver? – perguntou um dos gentios, visivelmente desconcertado com as palavras do Mestre.

– Quem ama sua vida – respondeu Jesus –, perde-a. Quem a odeia neste mundo, vai conservá-la para a vida eterna...

– E que ocorrerá conosco se te seguirmos? – perguntaram novamente os gregos.

– O que de mim se aproxima, aproxima-se do fogo. Quem se afasta de mim, afasta-se da vida.

Um dos ouvintes interrompeu o Galileu afirmando que aquelas palavras eram semelhantes às de um velho aforismo grego atribuído a Esopo: “Quem está perto de Zeus está perto do raio”.

– Ao contrário de Zeus – comentou o Mestre –, eu, sim, posso vos dar o que

nenhum olho viu, o que nenhum ouvido escutou, o que nenhuma mão tocou e o que nunca entrou no coração do homem. Se algum de vós quer servir-me – concluiu –, que me siga. Onde eu estiver, ali estará também meu servidor. Se alguém me serve, meu Pai o honrará...

Mas os gregos não pareciam muito dispostos a se colocar a serviço do rabi e acabaram afastando-se.

Jesus, sem conseguir disfarçar sua tristeza, comentou com seus discípulos: “Agora minha alma está perturbada... Que direi? Pai, livra-me desta hora!...”.

No mesmo momento, porém, Jesus pareceu arrepender-se daqueles pensamentos em voz alta e acrescentou, de forma que todos os seus seguidores pudessem ouvi-lo:

– Mas foi para isto que eu vim a esta hora...

E, erguendo o rosto para o céu encoberto de Jerusalém, gritou:

– Pai, glorifica teu nome!

O que aconteceu de imediato é algo que eu não saberia explicar com exatidão. Assim que o Mestre pronunciou aquelas palavras desgarradas, na base ou no interior dos cúmulos-nimbos que cobriam a cidade (e cuja altura média, segundo confirmou Eliseu, era de uns 6 mil pés), produziu-se uma espécie de relâmpago ou labareda. Não fosse a voz potente e metálica que se ouviu a seguir, eu teria atribuído o fenômeno a uma faísca elétrica, muito comum nesse tipo de nuvens tormentosas. Mas, como eu ia dizendo, quase em uníssono com aquela labareda, as centenas de pessoas que permaneciam na grande esplanada puderam ouvir uma voz dizer em aramaico:

– Já glorifiquei e glorificarei de novo.

A multidão, os discípulos e eu mesmo nos sentimos aterrados. Por fim, as pessoas começaram a se recompor e a maioria tratou de se acalmar, assegurando a si mesmas que “aquilo” só podia ter sido um trovão. No fundo de nossos corações – claro –, todos sabíamos que um trovão não fala...

Os hebreus voltaram a se agrupar em torno de Jesus, que lhes anunciou:

– Esta voz veio não por mim, mas por vós. Agora vem o julgamento deste mundo: agora vai ser expulso o príncipe deste mundo. E eu, erguido da terra, atrairei todos os homens até mim...

Mas, como eu temia, aquela turba não entendeu uma só palavra. Os próprios discípulos olhavam-se entre si como se perguntassem: “De que ele está falando?”.

Alguns dos sacerdotes que haviam saído do Santuário, ao ouvirem aquela enigmática voz, disseram que “eles sabiam pela Lei que o Messias viveria sempre”. Jesus não se calou. Voltando-se para os recém-chegados, replicou:

– A luz ainda estará entre vós um pouco mais. Caminhai enquanto tiverdes luz e que a escuridão não vos pegue de surpresa: o que caminha na escuridão não sabe para onde vai. Enquanto tiverdes luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz...

– Somos nós, os sacerdotes – arremataram os representantes do Templo,

tentando ridicularizar Jesus –, que temos o poder de ensinar a luz e a verdade a estes...

O rabi, apontando a multidão com a mão direita, replicou:

– Cegos!... Vedes o cisco no olho de vosso irmão, mas não vedes a trave no vosso. Quando vós houverdes conseguido tirar a viga de vosso olho, então vereis com clareza e podereis tirar o argueiro do olho deles...

Dito isso, Jesus cruzou as muralhas do Templo, seguido pelos que lhe eram mais chegados.

A noite não tardaria a cair, e o Mestre, como era de seu costume, cruzou o bairro velho de Jerusalém em direção à porta da Fonte, com a intenção de descansar em Betânia.

Durante a triunfal entrada do Nazareno na cidade, a aglomeração havia sido tal que, francamente, eu quase não tivera oportunidade de observar as ruas e edificações. Agora, em compensação, era diferente. Ao deixar para trás os 195 metros do muro exterior do hipódromo, o grupo desfilou pelas estreitíssimas ruelas – quase todas em declive – da cidade velha. Jerusalém dividia-se, então, em dois grandes núcleos: o setor pelo qual agora circundávamos (conhecido também como sûtq-ha-tajtôn ou Akra) e a zona alta (sûtq-ha-elyon), localizada a noroeste. Ambas as “cidades” eram separadas por uma depressão ou vale: o Tyropeon. Aquela raiz – sûtq – designava a natureza comum a ambos os lugares. Essa palavra significa “bazar”. E isso foi o que pude ver naquela e em sucessivas visitas a Jerusalém: uma infinidade de bazares que vendiam de tudo.

Cada um dos setores da cidade era cruzado por grandes ruas principais, adornadas por colunatas: a grande rua do mercado, na zona alta, e a pequena rua do mercado, na cidade velha.⁶² Essas duas artérias “comerciais” eram unidas por um enxame de ruas transversais que constituíam um labirinto. Nessa rede de vielas, a maioria sem pavimentação e exalando um odor pestilento, mistura de azeite queimado, guisados ordinários e urina lançada no meio da rua, amontoavam-se milhares de casinholas, quase todas de um só pavimento e de paredes esburacadas.

Mas o grupo, sempre com Jesus à frente, evitou aquelas incômodas e sombrias ruelas e dirigiu seus passos por uma das vias mais largas dessa parte baixa de Jerusalém. Para minha surpresa, entramos pouco depois em uma rua de quase oito metros de largura, perfeitamente calçada, que desembocava nas imediações da piscina de Siloé.

As tochas e candeias, estrategicamente colocadas sobre os muros das casas, começavam já a iluminar a noite da Cidade Santa. Apesar das trevas, o tráfego de pedestres era incessante. Às portas dos edifícios daquela rua de mais de duzentos metros de extensão, observei numerosos artesãos empenhando-se com afínco em seus trabalhos ou em intermináveis regateios com possíveis compradores. Ali, na zona baixa ou velha, haviam-se radicado as profissões mais nobres e consideradas de Jerusalém. Os pagãos, convertidos e “impuros” tinham seus domínios na parte

alta da cidade. O fanatismo dos hebreus nesse ponto havia chegado a tal extremo que, por exemplo, a cuspidade de um habitante da cidade alta era considerada impura, mas o catarro dos residentes da parte baixa não era. André explicou-me que, no fundo, tudo havia começado com a fixação dos “pisoeiros”, ou branqueadores de tecidos, na cidade alta. Essa profissão figurava entre as mais desprezíveis da comunidade israelita.

Junto às mais variadas tendas ou janûyôt alinhavam-se – sempre na rua – alfaiates, barbeiros, médicos ou sangradores, fabricantes de sandálias, carpinteiros, sapateiros, vendedores de lâmpadas e de utensílios de cozinha, artesãos de cobre e até fabricantes de vestidos de Tarso, sem esquecer os solicitados vendedores de perfumes e unguentos. Aquele era realmente um espetáculo único, no qual os pregões dos vendedores, os gritos infantis, os risos e o aroma das frituras acabavam por nos envolver e cativar.

Foi em um daqueles postos ao ar livre que, subitamente, decidi comprar um lindo frasco de essência de nardo. Sem ocultar sua estranheza, André, o bom André, que me serviu de intermediário, conseguiu uma substancial redução no preço, e eu acabei pagando 250 denários pela preciosa jarra. A peça havia sido primorosamente lavrada por um antiquíssimo processo que os hebreus chamavam de “decantação de líquidos”, de polimento circular. O engobo e o polimento haviam reduzido a porosidade do vaso e propiciado uma superfície polida tão brilhante que, à primeira vista, dava a impressão de ser resultado de um processo de vidragem.

Alcançamos o Mestre e os demais discípulos quando passavam sob o arco da porta da Fonte, no extremo meridional de Jerusalém. Eu sabia que a cidade, em especial naqueles dias que precediam a Páscoa, era um “ninho” de mendigos, mas, ao transpor as muralhas, parei impressionado. Dezenas de leprosos dispunham-se a passar a noite ali, envoltos em seus mantos e farrapos, enquanto uma legião de coxos, aleijados, inchados, corcundas e cegos nos embargava os passos, suplicando uma esmola. Não fosse André – que me arrastou dali sem contemplação –, o mais provável é que meus 150 denários restantes tivessem ido parar nas mãos daqueles supostos infelizes. E digo “supostos” porque, segundo o irmão de Pedro, em sua imensa maioria eram simuladores “profissionais”, que aproveitavam a festa para comover os corações dos forasteiros e “dar-lhes o golpe”...

Creio que não reparei bem o desconcerto geral dos discípulos de Cristo até que tivéssemos caminhado pouco mais de um quilômetro rumo a Betânia. O Mestre, silencioso, encabeçava o grupo, adiante dos dez, com suas passadas características.

Nem um só abriu a boca durante todo o trajeto. Aqueles galileus estavam confusos, deprimidos e até mal-humorados. Logo descobri a razão. Depois da apoteótica e inesperada recepção que fora tributada ao Mestre, os apóstolos não podiam compreender por que ele deixara escapar aquela magnífica oportunidade para se proclamar rei e instalar de uma vez por todas seu “reino” na Judeia, estendendo-o depois às demais províncias. Ao ver suas fisionomias, não era difícil

imaginar seus pensamentos.

André, preocupado com sua responsabilidade como chefe do grupo, era talvez o que menos valorizava aquela explosão popular em torno do Mestre.

A verdade é que, nos dias subsequentes, alguns dos íntimos, em especial Pedro, Tiago, João e Simão, o Zelote, tiveram de fazer consideráveis esforços para absorver tantas emoções.

Simão Pedro foi, possivelmente, um dos mais afetados pela manifestação popular. Não tanto pela formidável recepção, mas sobretudo pelo fato incompreensível de o Mestre não ter se dirigido ao povo. Para Pedro, aquela havia sido uma magnífica oportunidade... perdida.

Enquanto caminhávamos para Betânia, notei-o aflito e triste. Mas era tal sua paixão por Cristo, que soube assimilar o estranho comportamento do Nazareno sem a mais leve reprovação ou sinal de desgosto.

Os sentimentos de Tiago, o Zebedeu, eram muito parecidos com os de Simão Pedro. Seu medo inicial se fora dissipando à medida que desciam a encosta do monte das Oliveiras. O espetáculo da multidão que aclamava o Mestre o havia levado a conceber esperanças de poder e influência. Mas tudo ruíra quando Jesus desceu do jumento e desapareceu no interior do Templo. Como ele podia renunciar assim, tão gratuitamente, a uma oportunidade de ouro como aquela?

Por sua vez, João Zebedeu fora o único a intuir as intenções de Jesus. Recordava que o Mestre lhes havia falado certa vez da profecia de Zacarias e, não sem dificuldade, associou aquela entrada triunfal com o verdadeiro pensamento e a vontade de Jesus. Aquilo o poupou da depressão geral causada pelo traumatizante desfecho da jornada em Jerusalém. Seu amor cego pelo Nazareno o impedia, ademais, de imaginar sequer a possibilidade de que o Mestre se tivesse equivocado...

Felipe, o "intendente" e homem "prático" do grupo, havia sofrido outro tipo de preocupação. Ao ver aquela onda humana, pensou, por um momento, que Jesus podia lhe pedir, como já houvera feito em outras oportunidades, que desse de comer ao povo. Por isso, ao vê-lo abandonar a procissão e passear tranquilamente pelo recinto do Templo, sentira um profundo alívio.

Quando aqueles temores desapareceram de sua mente, Felipe uniu-se, porém, aos sentimentos de Pedro, partilhando a opinião de que havia sido uma pena que Jesus não tivesse aproveitado aquela ocasião para instalar definitivamente o reino. Aquela noite, submerso em dúvidas, perguntou-se mais de uma vez: "Que queriam dizer todas aquelas coisas?". Sua fé de galileu, porém, era sólida, e suas incertezas não durariam muito.

Mateus, homem cauteloso, mas de extrema fidelidade, maravilhar-se com aquela explosão multicolorida em torno do Mestre. Mas, cético por natureza, logo esqueceria as emoções da tarde de domingo. Só em um momento Mateus estivera a ponto de perder sua calma habitual. Foi no auge da manifestação popular, quando um dos fariseus zombou publicamente de Jesus, dizendo: "Vede todos vós,

vede quem chega: o rei dos judeus sobre um asno!”. Aquilo esteve a ponto de enfurecê-lo; pouco faltou, segundo me confessou dias depois, para que tivesse saltado sobre o sacerdote.

Na manhã seguinte, porém, Mateus havia superado a crise geral e já se mostrava tão alegre como sempre. E depois, era um perdedor que sabia encarar a vida filosoficamente...

Tomé, como Pedro, caminhava aturdido. Seu coração não conseguia encontrar a razão daquela festa, absolutamente infantil para ele. Jamais havia visto Jesus em um enredo como aquele e isso o tinha desorientado. Por um momento, o prático e frio Tomé chegara a supor que todo aquele alvoroço só poderia obedecer a um plano: confundir os membros do Sinédrio, que, como se sabia, pretendiam prender o Mestre. E não lhe faltava razão...

Outro dos grandes decepcionados com o acontecimento foi Simão, o Zelote. Seu senso de patriotismo o havia feito conceber todo tipo de sonho com relação ao futuro político de seu país. Ele acariciava a ideia de libertar Israel do jugo romano e devolver ao povo sua soberania. E Jesus, decerto, deveria ocupar o arruinado trono de Davi. Ao ver aquela entrada triunfal em Jerusalém, seu coração tremera de emoção; e ele já se via no comando das forças militares do novo reino. Ao descer o monte das Oliveiras, chegara até a imaginar os sacerdotes e simpatizantes do Sinédrio justicados e desterrados. Fora, sem dúvida, entre os apóstolos, o que gritara com mais força, animando constantemente a multidão. Por isso, ao cair da tarde, era também o homem mais humilhado, silencioso e desiludido. E, infelizmente, não se recuperaria daquele golpe até muito depois da ressurreição do Mestre.

Com os gêmeos Alfeu não houve problema algum. Para eles, despreocupados e galhofeiros, fora um dia perfeito. Tinham desfrutado intensamente o espetáculo e guardavam aquela “experiência” como “o dia em que mais próximo estiveram do céu”. A superficialidade deles impedira que a tristeza germinasse em seus corações. Naquela tarde, simplesmente tinham alcançado todas as suas aspirações.

Quanto a Judas Iscariotes, nunca cheguei a saber com exatidão quais teriam sido seus verdadeiros sentimentos. Em um ou outro momento, creio que notei em seu rosto sinais evidentes de desacordo e repulsa. É possível que tudo aquilo lhe parecesse infantil e risível. Como os gregos e os romanos, considerava grotesco e desprezível todo aquele que se dispusesse a montar um asno. Creio não estar equivocado ao deduzir que Judas estivesse a ponto de abandonar o grupo ali mesmo. O que possivelmente o tenha detido foi o fato de ele ser o “administrador” dos bens. Isso significava a possibilidade de dispor de dinheiro, e Judas sentia uma especial inclinação pelo ouro.

Talvez um dos momentos mais dramáticos para o vingativo Judas tenha sido aquele que ocorreu pouco antes da chegada às muralhas da Cidade Santa. De repente, um importante saduceu, amigo da família de Jesus, aproximou-se de Judas e, com uma palmadinha nas costas, disse-lhe: “Por que esse ar de

contrariedade, meu querido amigo? Anima-te e una-te a nós enquanto aclamamos esse Jesus de Nazaré, o rei dos judeus, que está cruzando as portas da cidade no lombo de um burro”.

Aquele gracejo deve tê-lo ferido muito profundamente. Judas não conseguiria suportar tal sentimento de vergonha. Essa pode ter sido outra razão de peso para acelerar seu plano de vingança contra o Mestre. O apóstolo trazia tão incrustado o senso do ridículo que ali mesmo se convertera em um desertor.

Salvo poucas exceções, os discípulos de Cristo demonstraram naquele histórico acontecimento que, apesar de seus quase quatro anos de convivência e aprendizagem com o Mestre, não haviam entendido nada de nada.

Compreendi e respeitei o duro silêncio de Jesus à frente daqueles homens desalentados e perplexos. Ele estava a um passo da morte e nenhum deles parecia captar sua mensagem...

55 Uma vez que se separava e entregava ao sacerdote a oferenda (teruma gedola), que, segundo a disposição rabínica, devia ser, em termos médios, de um por cinquenta da produção obtida no campo, era preciso separar do resto um dízimo, que era destinado aos levitas e era chamado “primeiro dízimo” ou “dízimo dos levitas”. O Pentateuco se refere a isso em várias passagens: “toda a décima parte da terra, tanto das sementes da terra como dos frutos das árvores, é do Senhor, é coisa consagrada ao Senhor” (Levítico 27,30). “E dou como herança aos filhos de Levi todos os dízimos, pelo serviço que prestam, pelo serviço ao tabernáculo da reunião” (Números 18,21). A Misná dedica outros cinco capítulos aos detalhes desse “primeiro dízimo”: “Que frutos estão sujeitos ao dízimo; em que momento se deve pagá-lo; em que casos é permitido comer frutos sem haver separado o dízimo; e aplicação do dízimo em casos de replantio, venda e aproveitamento do subproduto e plantas livres da obrigação da paga do dízimo”. (N. do M.)

56 ² A inclusão dos familiares Hosanna ao Filho de Davi! nos Evangelhos canônicos parece ser uma concessão posterior da Igreja primitiva, com base no Salmo 118,25, e que servia como profissão de fé, como apontou muito acertadamente Leonardo Boff. (N. do M.)

57 Nosso computador central, com base nos cálculos estimados na Misná, havia-nos prevenido sobre a afluência de hebreus que poderíamos encontrar naqueles dias na Páscoa de Jerusalém. De acordo com as medidas dos diferentes átrios do Templo, “Papai Noel” calculava em 18 mil os israelitas que poderiam ter acesso ao recinto sagrado, em três turnos, o que correspondia ao sacrifício de outros tantos cordeiros pascais. Considerando que cada vítima podia ser consumida por uma média aproximada de dez pessoas, isso significava 180 mil participantes nas festas. Destes, uns 20 mil eram vizinhos da própria cidade de Jerusalém e talvez 5 mil ou 10 mil acampassem fora das muralhas. Em suma, os peregrinos que tinham chegado naqueles dias à Cidade Santa oscilavam ao redor de 100 mil ou 120 mil pessoas. Isso nos dá uma ideia bastante aproximada do que realmente constituiu a aglomeração na passagem de Jesus e de seus discípulos naquela tarde de domingo, 2 de abril. (N. do M.)

58 O arquivo contido no computador central do módulo indicava, baseado no escrito rabínico Middot II, 3, que a citada porta de Nicanor, situada entre o átrio das Mulheres e o dos Israelitas (no interior do Templo), era de bronze de Corinto. Segundo Josefo, “nove portas do Templo, junto com os dintéis e ombreiras, eram completamente revestidas de ouro e prata; só uma era de bronze de Corinto, e essa superava em muito as outras obras em valor”. Ao se incendiarem as portas para a tomada do Templo, o revestimento derreteu-se e as chamas alcançaram as partes de madeira. Continuando a descrever essa suntuosidade, Flávio Josefo contava que o vestíbulo era inteiramente revestido de placas de ouro “de cem côvados quadrados e de um denário de ouro de espessura”. Das vigas do vestíbulo pendiam correntes de ouro. Ali mesmo havia duas mesas: uma de mármore e outra de ouro maciço. Sobre a entrada que ia do vestíbulo ao Santuário estendia-se uma parreira, também de ouro, que crescia continuamente com as doações de sarmentos de ouro, que os sacerdotes se encarregavam de pendurar. Além disso, sobre essa entrada pendia um espelho de ouro, que refletia os raios do sol nascente através da porta principal, que não tinha folhas. Havia sido uma doação da rainha Helena de Adiabene. No Santuário, situado por trás do vestíbulo, achavam-se singulares obras de arte, que constituíram, depois, os troféus de Tito quando de sua volta triunfal a Roma: o candelabro maciço de sete braços, de dois talentos de peso (cada talento equivalia a 34,272 quilos), e a mesa maciça dos pães da proposição, também de vários talentos de peso. O sanctasanctorum, finalmente, devia estar vazio, com suas paredes totalmente

recobertas de ouro.

Uma vez dentro do átrio das Mulheres, o ouro resplandecia também por todos os cantos. Havia candelabros de ouro com quatro cálices nos vértices. As tesourarias do Templo estavam abarrotadas de objetos de prata e ouro. Como conta Josefo, na destruição do Templo pelos romanos, a província da Síria foi inundada por uma oferta tão gigantesca de ouro que o preço da "libra de ouro" caiu. (N. do M.)

59 Cerca de 245 metros. (N. de J.J.Benítez)

60 Cada aureu ou denário de ouro era equivalente a trinta denários de prata, aproximadamente. (N. do M.)

61 Quando perguntei a André sobre a quantia em dinheiro que a viúva havia depositado no mealheiro, ele me disse que acreditava ter visto dois leptons ou 1/4 de asse. Em outras palavras, apenas o equivalente a uma moeda de cobre (calderilla). (Uma ração diária de pão vinha custando em Jerusalém dois asses. O normal é que com um asse se pudesse comprar dois pássaros.) (N. do M.)

62 Corresponde, aproximadamente, à atual rua el-Wad. (N. do M.)

3 de abril, segunda-feira

Segundo eu fiquei sabendo, foram poucos os discípulos que haviam conseguido dormir naquela noite de domingo para segunda, 3 de abril. A não ser os gêmeos, os demais ficaram ruminando seus pensamentos. Aqueles galileus estavam tão fora de si que nem sequer tinham estabelecido os habituais turnos de guarda na porta da casa de Simão, onde estavam alojados Jesus, Pedro e João.

Ao se despedirem, cada um seguiu em silêncio para seu refúgio.

O rabi tampouco conseguiu pregar os olhos. Por certo, devia conhecer o estado de ânimo de seus amigos e, possivelmente para evitar maiores tensões, preferira fazer sua ceia na casa de Lázaro. Apesar do avançado da hora, Marta e Maria desvelaram-se novamente para nos atender. Lavaram nossas mãos e nossos pés, e nos serviram queijo e frutas. Nem o Mestre nem eu sentíamos muito apetite. Durante um bom tempo, Jesus permaneceu fechado em seu hermético mutismo, com os olhos fixos nas chamas ondulantes da lareira.

Antes de Maria se retirar para dormir, pedi-lhe que aceitasse o frasco de essência de nardo que havia comprado pouco antes com a ajuda de André. Custou a aceitar, mas finalmente concordou. Aquele meu gesto pareceu animar o Mestre, que, até que enfim, saiu de seu enigmático isolamento e juntou-se plenamente à tranquila tertúlia que mantínhamos, Lázaro e eu.

Durante nossa frugal refeição, eu havia descrito ao ressuscitado e a suas irmãs o esplêndido acontecimento que havíamos vivido poucas horas antes. Lázaro, ao contrário dos apóstolos, percebeu imediatamente a transcendência da atitude de Jesus. Sem esquecer a simbologia, aquela multidão não havia feito outra coisa senão “proteger” o rabi das garras do Sinédrio. Não me cansarei de repetir esse aspecto da questão. Nos Evangelhos que eu havia consultado, em momento algum se fala nisso; sinceramente, ninguém com bom senso e um mínimo de informação sobre o que estava acontecendo naquelas últimas semanas podia deixar passar despercebido que aquela “manobra” fora uma jogada de mestre do Galileu. Como se diz em nossa época, “matara vários pássaros com um só tiro”.

Ao notar que Jesus se oferecia prazerosamente ao diálogo, aproveitei a ocasião e pedi sua opinião sobre o que acontecera naquela tarde.

– Tenho estado no centro do mundo e me revelado a eles na carne. Encontrei-os todos embriagados. Não encontrei ninguém sedento. Minha alma sofre pelos filhos dos homens porque estão cegos de coração; não veem que chegaram vazios ao mundo e tencionam sair vazios do mundo. Agora estão bêbados. Quando vomitarem seu vinho se arrependerão...

– São palavras muito duras – eu lhe disse. – Tão duras como as que pronunciaste no cume do monte das Oliveiras, à vista de Jerusalém...

– Talvez os homens pensem que vim para trazer a paz ao mundo. Não sabem que estou aqui para lançar na terra divisão, fogo, espada e guerra... Pois haverá cinco em uma casa: três contra dois e dois contra três; o pai contra o filho, o filho contra o pai. E eles estarão sós.

– Muitos, em meu mundo – acrescentei, procurando fazer que minhas palavras não soassem excessivamente estranhas para Lázaro –, poderiam associar essas frases sobre o fim de Jerusalém como o fim dos tempos. Que tens a dizer sobre isso?

– As gerações futuras compreenderão que a volta do Filho do Homem não se dará pela mão do guerreiro. Esse dia será inesquecível: depois da grande atribulação – como não terá havido outra desde o princípio do mundo –, meu estandarte será visto nos céus por todas as tribos da terra. Essa será minha verdadeira e definitiva volta: sobre as nuvens do céu, como o relâmpago que sai do Oriente e brilha até o Ocidente...

– Que será a grande atribulação?

– Tu poderias chamá-la de “um parto de toda a Humanidade...”.

Jesus não parecia muito disposto a me dar detalhes.

– Diz ao menos quando se realizará.

– Daquele dia e daquela hora, ninguém sabe. Nem os anjos, nem o Filho. Só o que posso dizer é que será tão inesperado que muitos serão pilhados no meio de sua cegueira e iniquidade...

– Meu mundo, do qual venho – cuidei de pressioná-lo –, distingue-se precisamente pela confusão e pela injustiça...

– Teu mundo não é nem melhor nem pior do que este. A ambos falta só o princípio que rege o Universo: o amor.

– Dá-me, ao menos, um sinal para que saibamos quando te revelarás aos homens pela segunda vez...

– Quando vos desnudardes sem sentir vergonha; quando tomardes vossas vestimentas, as colocardes sob os pés como as crianças e as pisoteardeis, então vereis o Filho do Vivente e não temereis.

Lázaro, afortunadamente, continuava identificando “meu mundo” como a Grécia. Isso me permitia continuar interrogando o Mestre com certa margem de amplitude.

– Então – retornei – meu mundo está ainda muito longe desse dia. Ali os homens são inimigos dos homens e até do próprio Deus...

Jesus não me deixou prosseguir.

– Estais então equivocado. Deus não tem inimigos.

Aquela frase incisiva do Nazareno trouxe-me à memória muitas das crenças sobre um Deus justiceiro que condena ao fogo do inferno o que morre em pecado. E foi o que lhe disse.

Cristo sorriu balançando a cabeça negativamente.

– Os homens são hábeis manipuladores da verdade. Um pai pode se sentir

aflito com as loucuras do filho, mas nunca o condenaria a um mal permanente. O inferno, como creem em teu mundo, significaria que uma parte da Criação teria escapado das mãos do Pai... E posso assegurar que crer nisso é não conhecer o Pai.

– Por que então falaste em certa ocasião de fogo eterno e ranger de dentes?

– Se falando por parábolas não me compreendes, como então posso ensinar-te os mistérios do Reino? Em verdade, em verdade te digo que aquele que aposte forte e se equivoque sentirá como lhe rangem os dentes.

– É que a vida é uma aposta?

– Disseste tudo, Jasão. Uma aposta no Amor. É o único bem em jogo desde que se nasce.

Fiquei pensativo. Aquelas eram palavras novas para mim.

– Que te preocupa? – perguntou-me Jesus.

– Sendo assim, que podemos pensar dos que nunca amaram?

– Não existem tais pessoas.

– Que me dizes dos sanguinários, dos tiranos?...

– Eles também amam. À sua maneira. Quando passarem para o outro lado levarão um bom susto...

– Não entendo.

– Eles se darão conta, ao deixar este mundo, de que ninguém lhes perguntará por seus crimes, riquezas, poder ou beleza. Eles mesmos, e só eles, se convencerão de que a única medida válida, no "outro lado", é a do Amor. Se não amaste aqui, em teu tempo, somente tu te sentirás responsável.

– E que ocorrerá com os que não tenham sabido amar?

– Queres dizer: com os que não tenham querido amar...

Novamente me senti confuso.

– ... Esses, amigo – prosseguiu o rabi captando minha dúvida –, serão os grandes enganados e, em consequência, os últimos no Reino de meu Pai.

– Então teu Deus é um Deus de amor...

Jesus pareceu zangado.

– Tu és Deus!

– Eu, senhor?

– Em verdade te digo que todos os nascidos levam o selo da Divindade.

– Mas não respondeste à minha pergunta. Deus é um Deus de amor?

– Não o fosse e não seria Deus.

– Nesse caso, devemos excluir de sua mente qualquer castigo ou prêmio?

– É a nossa própria injustiça que se volta contra nós.

– Começo a intuir, Mestre, que tua missão é muito simples. Será que me engano se te digo que teu trabalho consiste em deixar uma mensagem?

O Nazareno sorriu satisfeito. Pôs sua mão sobre meu ombro e respondeu:

– Não poderias ter resumido melhor...

Lázaro, sem fazer o menor comentário, assentiu com a cabeça.

– Tu sabes que meu coração é duro – acrescentei. – Poderias repetir-me essa

mensagem?

– Diz ao teu mundo que o Filho do Homem só veio para transmitir a vontade do Pai: que todos sois seus filhos!

– Isso já sabemos...

– Estás seguro? Diz-me, Jasão, que significa para ti ser filho de Deus?

Senti que tinha sido pego de novo. Sinceramente, não tinha uma resposta válida. Nem mesmo estava seguro da existência desse Deus.

– Eu te direi – interveio o Mestre com grande doçura. – Ter sido criado pelo Pai supõe a máxima manifestação de amor. Ele dá tudo sem pedir nada em troca. Eu recebi o encargo de recordar isso. Essa é a minha mensagem.

– Deixa-me pensar... Então, façamos o que façamos, estaremos condenados a ser felizes?

– É questão de tempo. É necessário que o mundo entenda e ponha em prática que o único meio para eles é o Amor.

Tive de pensar muito sobre minha pergunta seguinte. Naquele instante, a presença do ressuscitado poderia constituir um certo problema.

– Se tua presença no mundo obedece a uma razão tão elementar como a de deixar uma mensagem para toda a humanidade, não crês que “tua igreja” está sobrando?

– Minha igreja? – perguntou por sua vez Jesus, embora, em minha opinião, ele tivesse entendido perfeitamente – Não tive nem tenho a menor intenção de fundar uma igreja tal como tu pareces entendê-la.

Aquela resposta me perturbou demais.

– Mas tu disseste que a palavra do Pai deveria ser estendida até os confins da terra...

– Em verdade te digo que assim será. Mas isso não implica condicionar ou dobrar minha mensagem à vontade do poder ou das leis humanas. Não é possível que um homem monte dois cavalos ou que dispare dois arcos. Como não é possível que um criado sirva a dois amos. Senão, ele honrará a um e ofenderá ao outro. Ninguém que esteja bebendo vinho velho deseja naquele momento beber vinho novo. Não se verte vinho novo em odres velhos, para que não se azede, nem se despeja vinho velho em odres novos, para que não se deteriore. Nem se costura um remendo velho em um vestido novo porque se faria um rasgão. Da mesma forma te digo: minha mensagem só necessita de corações sinceros que a transmitam; não de palácios ou falsas dignidades e púrpuras que a cubram.

– Tu sabes que não será assim...

– Ai dos que se antepuserem à minha vontade!

– E qual é a tua vontade?

– Que os homens se amem como eu os tenho amado. Isso é tudo.

– Tens razão – admiti. – Para isso não é preciso montar novas burocracias, nem códigos, nem chefaturas... Não obstante, muitos dos homens de meu mundo desejariam fazer-te uma pergunta...

– Adiante – animou-me o Galileu.

– Poderíamos chegar a Deus sem passar pela igreja?

O rabi suspirou.

– E tu necessitas dessa igreja para chegar ao teu coração?

Uma confusão extrema bloqueou-me a voz. E Jesus percebeu.

– Muito antes de que existisse a tribo de Davi, irmão Jasão, muito antes de que o homem fosse capaz de se erguer sobre si mesmo, meu Pai havia semeado a beleza e a sabedoria da terra. Quem vem antes, portanto, Deus ou essa igreja?

– Muitos sacerdotes do meu mundo – repliquei – consideram essa igreja como santa.

– Santo é meu Pai. Santos sereis todos vós no dia em que amardes.

– Então – e peço que me perdoes pelo que vou dizer –, essa igreja está sobrando...

– O amor não necessita de templos ou legiões. Um homem tira o bem ou o mal de seu próprio coração. Um só mandamento vos é dado, e tu sabes qual é... O dia em que meus discípulos fizerem toda a humanidade saber que o Pai existe, sua missão estará concluída.

– É curioso: esse Pai parece não ter pressa.

O gigante olhou-me compassivamente.

– Em verdade te digo que Ele sabe que terminará triunfando. O homem sofre de cegueira, mas eu vim para lhe abrir os olhos. Outros seres descobriram já que é mais vantajoso viver no Amor.

– Que ocorre então conosco? Por que não conseguimos encontrar essa paz?

– Eu já disse que os tábios, eu os vomitarei pela boca, mas não tentes mortificar teus irmãos na malícia ou na pressa. Deixa que cada espírito encontre seu caminho. Ele mesmo, no final, será seu juiz e defensor.

– Então, tudo isso de juízo final...

– Por que tanto vos preocupais todos com o final, se nem sequer conheceis o princípio? Já te disse que do outro lado vos espera a surpresa...

– Tenho a impressão de que tu serias considerado excessivamente liberal para as igrejas do meu mundo.

– Deus é tão liberal, como dizes, que até mesmo permite que te enganes. Ai daqueles que se arrogam o papel de sabedores, respondendo ao erro com o erro e à maldade com a maldade! Ai dos que monopolizam Deus!

– Deus... Tu sempre estás falando de Deus. Poderias explicar-me quem é ou o que é Deus?

O fogo daquele olhar tornou a transpassar-me. Duvido que exista muro, coração ou distância que não pudesse ser vencido por semelhante força.

– Podes tu explicar de onde vens e como? Pode o homem pegar as cores nas mãos? Pode um menino guardar o mar entre as pregas de sua túnica? Podem os doutores da lei alterar o curso das estrelas? Quem tem poder para devolver a fragrância à flor que foi pisoteada pelo boi? Não me peças que te fale de Deus:

sente-o. É o suficiente...

– Eu estaria certo se dissesse que o sinto como... uma “energia”?

Eu não me dava por vencido, e Jesus sabia disso.

– Vais muito bem.

– E que há por baixo dessa “energia”?

– É que não há “acima” e “abaixo” – atalhou o Nazareno, cortando meus atropelados pensamentos. – O Amor, quer dizer, o Pai, é o Todo.

– Por que o Amor é tão importante?

– É a vela do navio.

– Permite que eu insista: que é o Amor?

– Dar.

– Dar... Mas dar o quê?

– Dar. Desde um olhar até a vida.

– Que podem dar os angustiados?

– A angústia.

– A quem?

– À pessoa que lhes quer bem...

– E se não tiverem ninguém?

O mestre fez um gesto negativo.

– Isso é impossível... Até os que não te conhecem podem amar-te.

– E que me dizes de teus inimigos? Também deves amá-los?

– Sobretudo a esses... O que ama aos que o amam já recebeu a recompensa.

A conversa se prolongaria ainda até já bem alta a madrugada. Agora sei que meu ceticismo em relação àquele homem havia começado a fender.

Quatro horas mais tarde, com os primeiros raios da manhã, Eliseu despertou-me. Na véspera, o Mestre havia dado ordens expressas aos discípulos para saírem cedo para Jerusalém. Por volta das sete horas (duas horas antes da terceira), apresentei-me na casa de Simão, “o leproso”. Jesus e os doze estavam reunidos no jardim. Desta vez, as indicações do rabi foram muito mais concisas: nada de ostentações e manifestações em público. Salvo os gêmeos Alfeu, os apóstolos não se haviam recuperado da experiência da véspera. Permaneciam mudos e absortos. O fato é que nenhum deles conhecia as intenções de Jesus e este, por sua vez, não se mostrava suficientemente explícito. Entrar na Cidade Santa àquela altura representava uma caixa de surpresas. O Sinédrio continuava à espreita e os íntimos do Galileu não sabiam o que a sorte lhes podia reservar.

Por volta das oito, pusemo-nos a caminho. E Jesus, como sempre, marchava à frente do grupo.

Enquanto escalávamos a rampa do monte das Oliveiras, procurei sentir o ânimo dos discípulos. Como foi diferente aquela caminhada! A alegria e o entusiasmo do domingo haviam se transformado em temor, expectativa e confusão. Havia um pensamento comum na mente daqueles homens: “Que fazer? Continuar com o Mestre? Renunciar e retirar-se?”. Mas ninguém tinha coragem suficiente para

enfrentar Jesus e expor suas inquietações.

Ali pelas nove, o grupo já entrava em Jerusalém. A julgar pelo movimento de pedestres, o número de peregrinos devia ter crescido consideravelmente. Sem perder tempo, o Mestre encaminhou-se para o Templo.

A proximidade da Páscoa mantinha a esplanada dos Gentios em plena ebulição. Os postos e tendinhas estavam mais concorridos do que na tarde de domingo. Centenas de judeus, de todas as classes sociais, apressavam-se em comprar ou trocar moedas, preparando-se para as oferendas obrigatórias, para a paga do tributo ao tesouro do Santuário ou para simplesmente escolher uma vítima sem mancha para a ceia pascal. Gradativamente, por causa dos abusos dos sacerdotes, as pessoas comuns acabaram recorrendo àqueles "intermediários", comprando deles cordeiros e aves. A astúcia e a usura daqueles servidores do Templo haviam atingido tais extremos que qualquer animal comprado em outra parte podia ser recusado por critérios "técnicos". Em outras palavras, os encarregados dos sacrifícios, que tinham a obrigação de examinar previamente cada uma das vítimas, podiam recusar um cordeiro ou um par de pombos pelo simples fato de acharem que a cor do animal não era adequada. Isso representava uma vergonha pública e, o que era pior, a obrigação de comprar uma nova vítima. Preferindo precaver-se, os hebreus acorriam a esse mercado e procuravam animais com "total garantia". Como já observei antes, essa astúcia era sempre acompanhada de um sobrepreço tão desonesto quanto ruinoso para as famílias mais modestas.

Para cúmulo da exploração, o "imposto" ou tributo que cada hebreu devia oferecer ao Templo havia sido fixado em uma moeda comum: o sido (uma peça do tamanho da de dez centavos, mas com o dobro da espessura).⁶³ Um mês antes da Páscoa, os "cambistas" oficiais instalavam suas mesas nas diferentes cidades da Palestina, fornecendo assim aos peregrinos o tipo de moeda necessário para seu mister. Nem é preciso dizer que em cada operação esses "banqueiros" retinham uma comissão que oscilava entre cinco e quinze por cento do valor do câmbio. Se a moeda objeto de troca era mais alta, esses usuários podiam reter uma comissão em dobro. Finalmente, às vésperas da festa, os "cambistas" concentravam-se em Jerusalém, estabelecendo seu "quartel-general" na esplanada dos Gentios.

Esse negócio vinha trazendo grandes benefícios aos verdadeiros donos do gado, das mesas de câmbio e da infinidade de ingredientes e apetrechos que deviam ser utilizados no sacrifício pascal. Esses "proprietários", como já disse, não eram outros senão os sacerdotes e, muito especialmente, os filhos de Anás.

Jesus conhecia essa situação, assim como todo o povo. Mas o poder e a tirania desses indivíduos eram tais que ninguém ousava levantar sua voz contra aquela profanação à Casa de Deus.

Nesse ambiente, entre pregões, regateios, discussões e o incessante vaivém de centenas de judeus, o Nazareno, como era de seu costume, dispôs-se, naquela manhã de segunda-feira, 3 de abril, a dirigir sua palavra aos numerosos crentes e seguidores que se iam congregando próximo às bancas de mercadores e

“cambistas”.

O Mestre iniciou sua pregação, mas logo sua voz potente foi sufocada por dois fatos que iriam precipitar os acontecimentos. Em uma das mesas de câmbio, colocada bem próxima à escadaria em que o rabi se sentara, um judeu de Alexandria se pôs a discutir acaloradamente com o encarregado do negócio. O peregrino, com razão, protestava contra a abusiva comissão que o “cambista” pretendia cobrar. A querela subiu de tom e a turba foi se aglomerando em torno dos dois hebreus vociferantes.

Como se aquele tumulto não bastasse, nesse mesmo instante irrompeu na esplanada uma manada de bois – pouco mais de uma centena –, que era conduzida, através do átrio, para os currais situados na ala norte, junto à porta Probática. Os animais, de propriedade do Templo, destinavam-se a ser queimados nos próximos sacrifícios e, por isso, seriam guardados, como de costume, em estábulos anexos ao átrio dos Gentios. Por causa daqueles bramidos e da cada vez mais exaltada contenda entre o “cambista”, o judeu e todos aqueles que o apoiavam, o Mestre optou por fazer uma pausa e esperar. Seus discípulos guardavam uma distância de quinze a vinte passos e estavam silenciosos. Mas aquela violenta discussão, longe de acalmar-se, cresceu. A aglomeração era tão compacta que tornava quase impossível que o jovem pastor pudesse manter o domínio dos bois, que se acabaram dispersando entre as bancas. Nisso, enquanto o Nazareno esperava, impassível, um terceiro fato veio provocar a faísca final. Entre os judeus que pretendiam ouvir Jesus, estava um galileu, velho amigo do Mestre. (Depois eu soube que havia conversado com o rabi durante sua estada em Iron.) Esse humilde granjeiro tinha começado a ser molestado por um grupo de peregrinos procedentes da Judeia. Entre empurrões e cotoveladas, os arrogantes indivíduos caçoavam de sua credulidade. Quando o gigante percebeu essa última cena, ante o assombro de seus discípulos e de todos os que estavam presentes, soltou o manto, deixando-o cair sobre os degraus da escadaria, saiu ao encontro do pastor e arrebatou-lhe o látego de cordas. Com segurança inaudita, o Galileu foi reunindo os bois e os tirou do Templo entre brados potentes e golpes estalantes do látego sobre o piso da esplanada. Quando a multidão viu o Mestre tanger o gado, ficou eletrizada. Mas isso não foi tudo. Concluída a operação de “limpeza”, Jesus de Nazaré abriu passagem majestosamente entre o povo e, em grande passadas, látego na mão esquerda, tomou a direção dos currais situados do outro lado do átrio dos Gentios, ao pé da fortaleza Antônia.

Aquilo era inédito para mim; então corri atrás do Mestre. Ao chegar aos estábulos, Jesus, com uma frieza que me deixou sem fala, foi abrindo os portões, um atrás do outro, incitando bois, bodes e cordeiros a se dispersarem. Em poucos segundos, centenas de animais irromperam o átrio. E o rabi, com a mesma decisão e destreza com que havia tangido para fora do Templo a primeira manada, dirigiu aqueles animais em direção às mesas e postos de venda dos “cambistas” e “intermediários”. Como era de esperar, o estouro provocou o pânico entre os

judeus, que, na fuga atropelada, derrubaram uma infinidade de tendas. Os bois, por sua vez, acabaram por pisotear as bancas, derramando numerosos cântaros de azeite e sal.

A confusão foi aproveitada por numerosos peregrinos, que passaram a derrubar as poucas mesas que ainda restavam de pé. Em questão de minutos, o comércio havia sido materialmente varrido, para regozijo de milhares de judeus que odiavam aquela permanente profanação. Quando os soldados romanos chegaram, tudo estava em silêncio e aparentando completa tranquilidade.

Jesus de Nazaré, que não havia tocado com o látigo um só hebreu, nem derrubado mesa alguma – disso posso dar fé, pois estive muito perto do Mestre –, voltou para o alto da escadaria e, dirigindo-se à multidão, gritou:

– Vós haveis sido testemunhas, hoje, do que está escrito nas Escrituras: “Minha casa será chamada uma casa de oração para todas as nações, mas vós haveis feito dela um covil de ladrões”.

Minha surpresa chegou ao máximo quando, antes que o rabi concluísse suas palavras, um grupo de jovens judeus se destacou da multidão aplaudindo Jesus e entoando hinos de agradecimento por sua audácia e coragem.

Aquele episódio, certamente, nada tinha a ver com o que se conta nos Evangelhos e onde, diga-se de passagem, o Messias aparece como um indivíduo colérico, capaz de golpear e açoitar as pessoas. Como já mencionei, Jesus havia pregado muitas outras vezes naquela mesma esplanada do Templo, e jamais tinha se comportado daquele modo. Ele conhecia perfeitamente os cambalachos e os roubos que se registravam todos os dias no átrio dos Gentios e, não obstante, jamais se manifestara violentamente contra essa situação. Se, naquela manhã de segunda-feira, provocara o estouro do gado, isso só se dera, em minha opinião, como fruto de circunstâncias concretíssimas e de uma situação insustentável.

Quem não poderia faltar, obviamente, eram os responsáveis pelo Templo. Ao tomarem conhecimento do incidente, acudiram apressados até onde estava Jesus e o interrogaram severamente:

– Não ouviste o que dizem os filhos dos levitas?

Jesus respondeu-lhes:

– Nas bocas dos meninos e das criancinhas se aperfeiçoam os louvores.

Os jovens intensificaram então seus cânticos e aplausos e, com isso, obrigaram os fariseus a se retirarem. A partir daí, grupos de peregrinos postaram-se nos portões de acesso ao Templo, impedindo que se pudessem restabelecer a troca de moedas e as vendas dos “intermediários”. Os jovens não consentiram sequer que uma simples vasilha fosse transportada pela esplanada.

Talvez o mais triste e desolador naquele incidente tenha sido a atitude dos doze. Durante a calorosa intervenção do Mestre, o grupo permaneceu quase encolhido em um canto, sem levantar um único dedo para ajudar ou proteger Jesus. Essa nova e surpreendente ação do Galileu lhes havia causado total decepção.

Mas se era visível a confusão dos discípulos de Cristo, a dos chefes do Templo, escribas e fariseus não era menor. Aquela havia sido a gota d'água que esgotara a paciência deles. Aproveitando que José de Arimateia, Nicodemos e outros amigos de Jesus não estavam presentes, o Sinédrio realizou uma reunião de emergência para avaliar a situação. Era preciso deter o "impostor" sem perda de tempo. Mas como e onde? Os escribas e os demais sacerdotes percebiam que a multidão se inclinava para o Galileu. Havia, além disso, outro fator que não podiam perder de vista: a presença do governador romano Pôncio Pilatos em Jerusalém. Se a prisão de Jesus fosse feita à luz do dia, à vista de milhares de peregrinos chegados de todos os rincões da Palestina e do estrangeiro, poderia haver uma revolta generalizada. E isso acarretaria, com toda a certeza, uma violenta repressão por parte das forças romanas aquarteladas na fortaleza Antônia e no acampamento provisório levantado pelos soldados a noroeste da cidade, nas imediações das piscinas de Bezatá. Que podiam fazer então?

Durante horas, os membros do Sinédrio discutiram sobre a fórmula ideal de capturar Jesus. Não chegaram, porém, a um acordo. A única resolução válida foi criar cinco grupos de peritos – especialmente escribas⁶⁴ e fariseus – que seguissem os passos de Jesus e tentassem confundi-lo e ridicularizá-lo em público, desfazendo assim seu prestígio e sua influência entre os mais simples.

Seguindo essa instrução, por volta das duas da tarde um desses grupos encaminhou-se até o lugar onde Jesus havia feito sua pregação. E no seu estilo característico – soberbo e autoritário –, um deles perguntou ao Mestre:

– Com que autoridade fazes essas coisas? Quem te deu semelhante autoridade?

Eles sabiam que o Nazareno não havia passado pelas obrigatórias escolas rabínicas e que, portanto, seus ensinamentos – e o próprio título de "rabi" que muitos lhe atribuíam – não eram corretos do ponto de vista da mais estrita pureza legal.

Mas Jesus – com a agilidade de reflexo que o caracterizava – respondeu-lhes com outra interrogação:

– Eu também gostaria de vos fazer outra pergunta. Se me responderdes, eu vos direi com que autoridade faço estes trabalhos. Dizei-me: o batismo de João de onde vinha? João obteve sua autoridade do céu ou dos homens?

Os escribas e fariseus formaram um círculo entre si e passaram a deliberar em voz baixa, enquanto Jesus e a multidão esperavam em silêncio.

Haviam pretendido encurralar Jesus e agora eram eles que se viam em situação embaraçosa. Por fim, voltando-se para o Nazareno, replicaram:

– Com respeito ao batismo de João, não podemos responder. Não sabemos...

A razão daquela negativa era bem clara. Se afirmassem "do céu", Jesus poderia responder-lhes: "Por que então não credes nele?". Além disso, nesse caso, o Mestre poderia acrescentar que sua autoridade procedia de João. Se, ao contrário, os escribas respondessem "dos homens", aquela multidão – que considerava João um

profeta – poderia lançar-se sobre os sacerdotes...

A estratégia de Cristo, uma vez mais, havia sido brilhante e categórica. E o rabi, olhando-os fixamente, acrescentou:

– Pois eu também não vos direi com que autoridade faço o que faço...

Os hebreus caíram em ruidosas gargalhadas, ante a impotência dos “máximos mestres” de Israel, vermelhos de ira e de vergonha.

Jesus encarou então os que haviam tentado confundi-lo e lhes disse:

– Como estais em dúvida sobre a missão de João e contestais os ensinamentos e feitos do Filho do Homem, prestai atenção enquanto vos conto uma parábola. Certo grande e respeitoso latifundiário tinha dois filhos. Desejando que o ajudassem na administração de suas terras, chamou um deles e lhe disse: “Filho, vai trabalhar hoje na vinha”. E este filho, sem pensar, respondeu ao pai: “Não quero ir”. Mas logo se arrependeu e foi. Quando o pai encontrou o segundo filho, disse-lhe: “Filho, vai trabalhar na vinha”. E este filho, hipócrita e desleal, disse-lhe: “Sim, pai, já vou”. Mas quando seu pai se afastou, ele não foi para a vinha. Deixai-me perguntar: qual desses filhos fez realmente a vontade do pai?

Todas as pessoas, como um só homem, responderam:

– O primeiro filho.

Jesus replicou então olhando para os sacerdotes:

– Pois assim eu declaro que os taberneiros e as prostitutas, ainda que pareçam recusar o apelo do arrependimento, enxergarão o erro de seu caminho e entrarão no reino de Deus antes de vós, que tendes grandes pretensões de servir ao Pai do Céu, mas rechaçais os trabalhos do Pai. Não fostes vós, escribas e fariseus, que crestes em João, mas sim os taberneiros e as prostitutas. Tampouco credes em meus ensinamentos, mas as pessoas simples ouvem minha palavra com satisfação.

Aquela segunda ridicularização pública obrigou os escribas e fariseus a dar meia-volta e entrar no Santuário. E o Mestre continuou em paz sua pregação, fazendo a multidão se deliciar.

Por meio de José de Arimateia soubemos que a cólera dos sacerdotes havia chegado a tal paroxismo que pouco faltara para que os levitas prendessem Jesus naquela mesma manhã. Mas a entrada em cena dos saduceus,⁶⁵ que constituíam maioria no Sinédrio, retardara novamente os planos dos inimigos de Cristo. Essa casta havia recebido mal o dismantelamento das bancas dos “cambistas” e “intermediários”, e, pela primeira vez, seus membros davam apoio aos planos dos fariseus para eliminar Jesus. Isso significou maioria absoluta na hora de decidir e condenar o rabi da Galileia.

Enquanto isso, Jesus havia desenvolvido uma segunda parábola – a do rico proprietário que chegou a enviar seu próprio filho para convencer os rebeldes trabalhadores de sua vinha a lhe entregarem sua renda –, perguntando aos ouvintes como deveria proceder o dono da vinha com aqueles malvados arrendatários.

– Destruir esses miseráveis – respondeu a multidão – e arrendar os vinhedos a

outros granjeiros honestos que lhe dessem seus frutos a cada estação.

Muitos dos presentes compreenderam o sentido da parábola e exclamaram em voz alta:

– Que Deus perdoe a quem continua fazendo essas coisas!

Mas alguns dos fariseus não se deram por vencidos e voltaram ao ponto em que Jesus pregava. O Mestre, ao vê-los, lhes disse:

– Vós sabeis que vossos irmãos repeliram os profetas e sabeis bem que estais decididos a repelir o Filho do Homem. – Após alguns instantes de silêncio, seu olhar ficou mais intenso e ele acrescentou: – Nunca lestes na Escritura sobre a pedra que os construtores desprezaram e que, quando as pessoas a descobriram, fizeram dela a pedra angular? Uma vez mais vos advirto. Se continuardes refutando o Evangelho, o reino de Deus será levado para longe de vós e entregue a outros, desejosos de receber boas novas e levar adiante os frutos do espírito. Eu vos digo que existe um mistério sobre essa pedra: quem cair sobre ela, ainda que seja feito em pedaços, salvar-se-á. Mas aquele sobre quem cair a pedra chamada angular será moído até tornar-se pó. E suas cinzas serão dispersadas aos quatro ventos.

Nessa altura, os escribas e chefes nem tentaram replicar. E o Mestre prosseguiu em sua pregação contando uma terceira parábola: a do banquete de casamento.

Quando terminou, Jesus ficou de pé e se dispôs a despedir-se da multidão. Nesse instante, porém, um dos crentes alçou a voz e interrogou o rabi:

– Mas, Mestre, como saberemos essas coisas? Que sinal nos darás pelo qual saibamos que tu és o Filho de Deus?

Fez-se novo e espesso silêncio. Os fariseus aguçaram os ouvidos e, quando já pensavam que o “impostor” havia caído em sua própria armadilha, o Galileu, com voz sonora, apontando com o dedo indicador esquerdo para o próprio peito, afirmou:

– Destruí este Templo e em três dias eu o reerguerei.

Jesus deu por concluída sua prática e desceu as escadarias, convidando os discípulos a segui-lo.

A multidão começou a se dispersar, em meio aos mais variados comentários. Evidentemente, pelo que pude ouvir, não haviam compreendido o verdadeiro significado daquela última e lapidar frase de Jesus.

– O Templo foi construído em quase cinquenta anos – diziam-se uns aos outros – e ele diz que o destruirá e levantará em três dias?

Decerto nem mesmo os discípulos captaram o pensamento do rabi. Só depois – muito depois da ressurreição – é que a luz se fez em seus corações.

Por volta das quatro horas da tarde, o grupo deixava de novo Jerusalém, rumo a Betânia.

Enquanto subíamos o monte das Oliveiras pela encosta ocidental e assim cortando caminho para a aldeia de Lázaro, Jesus deu instruções a André, Tomé e Felipe para que, a partir do dia seguinte, terça-feira, os discípulos preparassem um acampamento nas cercanias da Cidade Santa. Aquilo revelava a intenção do Mestre

de instalar seu lugar de repouso não mais em Betânia, mas sim nos limites de Jerusalém. Mas por quê? Que nos reservaria o destino naqueles dias – terça e quarta-feira – tão pouco conhecidos das atividades do Mestre?

A inesperada decisão de Jesus – não prevista, é claro, em nosso programa de trabalho, já que os textos evangélicos e os apócrifos não fazem menção a esse “acampamento” – iria precipitar meu retorno ao módulo, fixado pela Operação Cavalo de Troia para o entardecer de quarta-feira, 4 de abril.

Poucas horas depois, precisamente ao anoitecer da mesma terça-feira, e diante do que ocorrera, comecei a compreender por que o rabi havia dado aquela ordem...

Pela segunda vez, e quando caminhávamos rumo a Betânia, tive a oportunidade de comprovar que quase todos os homens de confiança de Jesus não haviam entendido a mensagem nem as intenções do Nazareno. Seus comentários, mas sobretudo seu silêncio, refletiam uma profunda confusão. A magnífica ação do Mestre ao longo daquela manhã de segunda-feira, arruinando o sacrílego comércio dos “cambistas” e “intermediários” do Templo, lhes havia devolvido as esperanças de um Jesus poderoso, capaz de instaurar um “reino terreno e político” em Israel. Mas, ao chegar a tarde, a refutação de seus ensinamentos pelos sacerdotes judeus os lançara de novo na incerteza. Aqueles homens pressentiam algo. Apesar de seu baixo nível cultural, o permanente contato com a tensa realidade daqueles dias e as repetidas advertências de Jesus de Nazaré sobre seu fim próximo os faziam intuir a aproximação de uma catástrofe.

Garroteados pelo medo e pela dúvida, os discípulos dirigiram-se aos seus lugares de descanso. Mas, segundo comprovei na manhã seguinte, muito poucos foram os que conseguiram dormir. E naquela noite de segunda-feira, 3 de abril do ano 30, após despedir-me temporariamente de Lázaro e sua família, voltei ao “berço”, iniciando os preparativos da segunda fase da exploração. Sem dúvida, a mais trágica e apaixonante de quantas haja empreendido algum homem.

A escuridão era total quando iniciei a subida do monte das Oliveiras pela vertente oriental. Eu já havia advertido Eliseu de meu iminente retorno ao módulo, em consequência da alteração de planos por parte do Mestre da Galileia. Estive tentado a usar uma candeia, a fim de caminhar com mais segurança pelo caminho que corria entre os olivais. Mas um senso elementar de prudência demoveu-me da ideia.

O eco do microtransmissor instalado na fivela de meu manto chegava nitidamente até o “berço”. Isso me tranquilizou. Meu objetivo naquele momento era alcançar a parte superior do monte, à direita da vereda. Uma vez localizada a clareira pedregosa onde estava pousado o módulo, Eliseu se encarregaria de me conduzir por meio da “conexão auditiva”. Uma hora antes, quando regressávamos para Betânia, eu já havia procurado ficar para trás, amarrando em um ramo de arbusto – justamente no cume da colina – o pequeno lenço branco que me serviu para enxugar o suor e que eu, como faziam os próprios hebreus, levava permanentemente no pulso direito.

Tal como eu presumia e com natural alívio para mim, não cheguei a cruzar com um único caminhante. Ao distinguir o lenço, que ondulava suavemente ao vento, acelerei o passo. E depois de retirá-lo da oliveira silvestre, abandonei o caminho e me internei entre as árvores, na direção norte. À minha esquerda, a boa distância, divisavam-se as luzes amareladas e bruxuleantes da Cidade Santa. Uma meia-lua surgia em intervalos de tempo entre as nuvens compactas, facilitando consideravelmente minha aproximação da nave. Em poucos minutos eu estava na clareira e divisava o suave promontório pedregoso sobre o qual sabia estar pousado o módulo. Eliseu, em permanente conexão, ia controlando meus passos e corrigindo pela tela de radar alguns de meus inevitáveis desvios de rumo. Quando penetrei na zona de segurança do módulo, a uns 150 pés do "ponto de contato", meu companheiro anunciou-me que procederia a uma parcial desconexão da camuflagem infravermelha, para tornar visíveis os pés de sustentação do "berço" e, com isso, apressar meu ingresso na nave.

Prontamente, em meio à escuridão e como que cravados nas rochas, apareceram quatro longos tubos, que apontavam como fantasmas azulados para a imensidão do céu. Simultaneamente, com um suave assopro, o sistema hidráulico fez descer a escadinha de alumínio. Sem perda de tempo, introduzi-me no trem de aterrissagem do "berço" e dali para o interior do módulo. Suponho que, se alguém me tivesse visto naquele momento, subindo por uma escada que aparentemente não conduzia a parte alguma e desaparecendo progressivamente, primeiro a cabeça, os ombros e os braços, e depois o resto do tronco, ventre, pernas etc., seu susto teria sido considerável. E certamente acreditaria haver presenciado uma aparição sobrenatural...

Meu encontro com Eliseu foi especialmente tenso e emotivo.

Depois que entrei no "berço", meu companheiro camuflou de novo o trem de sustentação, assegurou-se de que tudo estava calmo em torno da nave, e então nos dispusemos a rever e a executar a segunda fase da operação.

Meu ingresso na nave se dera às 20h05. Isso significava que eu dispunha de umas nove horas até minha reincorporação ao grupo de Jesus, prevista, segundo a equipe da Operação Cavalo de Troia, para as seis e meia da manhã do dia seguinte, terça-feira, 4 de abril.

Depois que me lavei e mudei de roupa – mas não de calçado –, Eliseu entregou-me o que familiarmente conhecíamos como a "vara de Moisés": o único instrumental autorizado fora do "berço" e que iria desempenhar papel fundamental em minha exploração seguinte. Em especial, a partir da prisão do Nazareno, na noite de quinta-feira, 6 de abril. Obviamente, para uma "viagem" daquela natureza, os homens do general Curtiss haviam previsto, ao menos para as horas de máxima tensão, a filmagem dos principais acontecimentos: a noite da chamada Quinta-Feira Santa, a Sexta e o Domingo da Ressurreição.

Além da filmagem, a Operação Cavalo de Troia tinha especial interesse no exaustivo acompanhamento – minuto a minuto – das torturas que o Nazareno

sofreria, assim como de suas horas na cruz. O acompanhamento seria mantido por meio de duas fontes: uma, o meu próprio testemunho pessoal; a outra, e a mais importante, um delicado equipamento capaz de, a um só tempo, filmar e checar os fatos de um ponto de vista estritamente médico.

Como é natural, essas delicadas operações não podiam ser efetuadas abertamente. Isso iria contra os princípios básicos do projeto. Era inviável, portanto, que eu me armasse de uma câmera cinematográfica ou dos complexos aparelhos de "rastreamento" das funções vitais do Nazareno. E como, naturalmente, tampouco era possível a implantação, no corpo do Mestre, de cabos ou dispositivos eletrônicos que nos permitissem um controle de suas funções orgânicas e dos ritmos arterial e cardíaco etc., a equipe desenhara e fabricara um sistema complexo que estava minuciosamente camuflado no que chamávamos de "vara de Moisés".

Esse engenho, que irei detalhando de forma progressiva, consistia em um simples cajado de madeira de pinheiro, de 1,80 metro de comprimento por três centímetros de diâmetro, com o correspondente arremate superior em forma de arco.⁶⁶ Para um observador qualquer, alheio aos nossos objetivos, não deveria ter maior interesse do que qualquer vara comum e usual, como as utilizadas habitualmente por caminhantes e peregrinos.

Em seu interior, porém, havia sido instalado um delicadíssimo equipamento. A 1,60 metro da base do bastão estavam quatro "canais" de filmagem simultânea, com as objetivas distribuídas em "cruz", de forma que pudessem focalizar a um só tempo tudo que estivesse acontecendo nos 360 graus em volta. As quatro "bocas" de filmagem, de 15 milímetros de diâmetro cada, haviam sido dissimuladas mediante um "anel" de três centímetros de espessura, formado por um cristal semirreflexivo, de forma a só permitir a visão de dentro para fora. Essa espécie de braçadeira, primorosamente trabalhada por nossos técnicos, de forma a aparentar uma simples faixa de pintura negra sobre a madeira branca, fora reforçada e adornada com duas fileiras de cravos de cobre que afixavam fortemente. Esses cravos, de grossa cabeça, haviam sido trabalhados de acordo com as antiquíssimas técnicas da indústria metalúrgica descobertas por Nelson Glueck no vale de Arabá, ao sul do mar Morto, e em Esyon-Guéber, o legendário porto marítimo de Salomão, no mar Vermelho. Para evitar eventuais problemas, os homens de Curtiss haviam seguido ao pé da letra as normas da Misná, ou tradição oral judaica, que na ordem Sexta, dedicada às prescrições sobre purezas e impurezas, especifica que um bastão pode ser susceptível de impureza "se foi adornado com três fileiras de cravos". Um desses cravos, de cor esverdeada mais intensa do que o resto e ligeiramente destacado da superfície do cajado, podia ser impulsionado manualmente, iniciando-se assim – de forma automática – a filmagem simultânea. Bastava uma nova pressão para que o "cravo" voltasse a sua posição inicial, interrompendo-se assim a operação.

Também para atender aos propósitos da "grande viagem", a equipe

abandonara as objetivas comumente usadas nas câmeras de filmagem, ajustando às “bocas” do “cine” um sistema revolucionário, que, estou certo, algum dia se imporá na atual técnica fotográfica. Dada a extrema miniaturização do sistema, tornava-se difícil mudar as objetivas nas câmeras para permitir a tomada de diferentes planos. Mediante uma técnica extremamente complexa, as lentes de vidro foram substituídas pelo que poderíamos chamar de “lentes gasosas”, susceptíveis de se transformarem (sem necessidade de troca de objetivas) em grandes-angulares, teleobjetivas, lentes de aproximação, etc.⁶⁷

Como já disse, esse dispositivo de “lentes gasosas” iria ser de suma utilidade. Ao longo dos intensos e dramáticos acontecimentos de quinta e sexta, a mudança instantânea de uma grande-angular pela teleobjetiva, por exemplo, iria permitir que eu filmasse detalhes de grande importância, especialmente durante as horas em que durou a crucificação. Ainda que eu prefira referir-me a ele mais adiante, o processo de filmagem estava intimamente ligado a outro sistema de “exploração” médica: a emissão infravermelha, igualmente disposta na “vara de Moisés”, mas em um mecanismo alojado na parte superior do cajado, a 1,70 metro da base.

Tanto o equipamento de filmagem quanto o de emissão infravermelha, assim como o de ultrassom, eram controlados pelo já mencionado microcomputador nuclear, estrategicamente guardado na base da vara. Sua complexidade era tal que, além das funções do controle automático da filmagem, acumulação de filames (suficientes para 150 horas de filmagem), regulagem de emissões, recepção e processamento de ondas ultrassônicas e radiação infravermelha – “traduzindo-as” em imagens e sons –, alimentação de geradores de ultrafrequência etc., sua memória de titânio⁶⁸ o capacitava a controlar em cada instante até mesmo os movimentos de turbulência em cada um dos pontos das quatro câmeras gasosas de cinema, corrigindo-os e conseguindo perfeita estabilidade óptica.

⁶³ Do hebreu shekel, pelo grego siklos e pelo latim siclus. (N. T.)

⁶⁴ A grande diferença entre os escribas e o restante do sacerdócio – fariseus, levitas, chefes do Templo etc. – baseava-se no saber. Os escribas eram os depositários da ciência e da iniciação. Para chegar a fazer parte das chamadas “corporações de escribas”, o aspirante era obrigado a cursar numerosos estudos que se iniciavam na juventude. Quando o talmîd, ou aluno, chegasse a dominar a matéria tradicional e o método da halaja (determinadas seções da literatura rabínica de argumentos legais), até o ponto de ser considerado pessoa capacitada para tomar decisões pessoais em questões de legislação religiosa e de direito penal, então, e só então, era designado como “doutor não ordenado” ou talmîd hakam. Ao chegar aos quarenta anos – idade canônica para a ordenação –, o aspirante a escriba podia entrar na “corporação” como membro de pleno direito, ou hakam. Desde esse momento, o novo escriba estava autorizado a versar por si mesmo as questões de direito religioso ou de ritual, a ser juiz em processos penais e a decidir nos juízos civis, bem como a ser membro de uma corte de justiça ou atuar individualmente. Tinha direito ao título de “rabi”. Suas decisões tinham o poder de “atar” e “desatar” para sempre os judeus do mundo inteiro. Nicodemos, por exemplo, amigo de Jesus, era um desses prestigiosos escribas, a cuja passagem deviam levantar-se todos os filhos de Israel, menos certos profissionais artesãos. Mas aquilo que mais poder e influência lhes proporcionou entre seus patrícios foi o fato de serem portadores da “ciência secreta”, a tradição esotérica. Um dos textos dessa tradição dizia: “Não se deve explicar publicamente as leis sobre incesto diante de três ouvintes, nem a história da criação do mundo diante de dois, nem a visão do carro de fogo diante de um só, a não ser que este seja prudente e de bom senso. A quem considera quatro coisas mais lhe valera não ter vindo ao mundo, a saber: (1) o que está em cima, (2) o que está abaixo, (3) o que era antes, (4) o que será depois”. (Escrito rabínico Hagiga II, 1 e 7.) É fácil compreender a audácia de Jesus quando, em muitas de suas pregações públicas, lançou-se contra os escribas, acusando-os de

haverem tomado para si as chaves da ciência, bloqueando aos homens o acesso ao reino de Deus. Aquilo era mortal. Os escribas jamais lhe perdoariam tal ridicularização. (N. do M.)

65 Naqueles tempos, o Sinédrio estava dividido, grosso modo, em dois grandes grupos: os fariseus e os saduceus. Estes últimos formavam um partido organizado, integrado fundamentalmente pela nobreza laica e sacerdotal, pelos "anciãos" ou notáveis do povo e pelos sacerdotes chefes. (O sumo sacerdote em exercício naqueles dias, José, apelidado de Caifás, era saduceu.) Sua "teologia" era distinta da dos fariseus. Atinha-se estritamente ao texto da Torá, em especial no que se referia às prescrições relativas ao culto e ao sacerdócio. Sua oposição aos fariseus e ao seu halaká, ou tradição moral, era total e até exasperada. Dispunham, além disso, de código penal próprio, de extrema severidade. É certo que muitos escribas "praticavam" a doutrina saduceia. (N. do M.)

66 O remate do cajado, "vara de Moisés", em forma de asa encurvada, havia sido meticulosamente estudado pelo projeto Cavalo de Troia, com base em uma das minhas missões, na qual eu deveria desempenhar o papel de "áugure" ou "adivinho". Esses "astrólogos" distinguiram-se por seu lituus: uma pequena vara com a parte superior "feito uma rosca" ou dobrada, em forma de asa encurvada ou de uma minguada espiral, tal como havíamos visto em um baixo-relevo existente no Museu de Florença, na Itália. O fato de termos escolhido a madeira de pinheiro para a confecção da "vara de Moisés" teve justificativa apenas sentimental: dessa madeira, reza a lenda, constituiu-se o "cavalo de Troia", que o exército heleno colocou na frente das portas de Troia. (N. do M.)

67 Ainda que eu vá tentar não me estender na vastidão de fatores técnicos que formavam o novíssimo sistema das "lentes gasosas", quero oferecer algumas de suas características mais gerais, consciente de que isso talvez possa servir de "pista" aos pesquisadores e profissionais do mundo da fotografia, já que, como temo, esse magnífico processo não será dado a conhecer ao mundo tão cedo. A chave, ou fundamento, encontra-se no fenômeno da refração da luz. Sabe-se que quando um raio de luz passa de um meio transparente a outro de natureza e densidade diferentes sofre uma mudança de direção. Toda a teoria óptica geométrica tende à análise dessas alterações no caso de "dióptricos" ou lentes, ou diferentes tipos de superfícies reflexivas ou espelhos. Em outras palavras: os técnicos conseguem integrar a imagem visual de um objeto luminoso qualquer refratando os raios de luz por meio de um objetivo de perfil estudado cuidadosamente e de composição química definida, a que chamam "lente", ainda que de estrutura rígida. No entanto, o fenômeno da refração é provocado também em um meio elástico, como é o caso de um gás. As "lentes gasosas" partem, em suma, desse princípio, que em parte lembra o mecanismo fisiológico do olho, no qual a "lente" – o cristalino – não é rígida, mas elástica. Pois bem, nossas câmaras substituíram esses meios – rígido (vidro) ou semielástico (gelatina) – por um meio gasoso, de refringência variável. Comento outro exemplo: em um recipiente cheio de ar, aquecido na parte inferior e refrigerado na superior, as camadas inferiores serão menos densas do que as superiores. Nesse caso, por causa da dilatação térmica do gás, um raio de luz sofrerá sucessivas refrações, curvando-se para cima. Se invertermos o processo, o raio se curvará para baixo. A equipe do Cavalo de Troia, com base nesses princípios, conseguiu um controle de temperatura muito preciso nos diversos pontos de uma massa sólida, líquida, gasosa ou de transição. Isso se conseguiu emitindo-se dois feixes de ondas ultracurtas, que esvaziaram o gradiente de temperatura em um ponto concreto "T" de uma massa de gás. Quer dizer, obteve-se um aquecimento de pequena parte de gás nessa zona. Por esse procedimento, pode-se aquecer, por exemplo, a totalidade de um recipiente, deixando-se no interior uma massa de gás frio que adota uma forma lenticular e que pode ser alterada, conseguindo-se mudança em sua espessura e forma óptica. A luz que atravessa essa massa previamente "trabalhada" de gás frio seguirá direções definidas, de acordo com as leis ópticas universais. Essa foi a chave para substituir de uma vez por todas as lentes tradicionais de vidro pelas gasosas. Essas lentes revolucionárias são criadas no interior de um cilindro transparente, de paredes muito delgadas, e cheio de gás nitrogênio. Uma série de 1.200 radiadores de alta frequência, distribuída periféricamente, aquece à vontade, e em várias temperaturas, os diferentes pontos da massa gasosa, conseguindo-se desde um simples menisco lenticular de luminosidade f:32 até um complexo sistema equivalente, por exemplo, a uma teleobjetiva ou a uma grande-angular de 180 graus. Essas "câmaras" não dispõem de diafragma, posto que a luminosidade "óptica" varia à vontade. O filme, de selênio, carregado eletrostaticamente, fixa nele uma imagem elétrica que substitui a imagem química. Esse filme é formado por cinco lâminas superpostas transparentes, cuja sensitometria é calculada para fixar outras imagens de diferentes comprimentos de onda. Além de uma segunda câmara de gás xenônio, para novo e complicado tratamento óptico das imagens (criando de modo instantâneo uma espécie de prisma de reflexão), nossas câmaras de lentes gasosas são alimentadas por um minúsculo computador nuclear, que constitui o "cérebro" do aparelho. Esse microcomputador, provido também de memória de titânio, rege o funcionamento de todas as suas partes, programando os diversos tipos de sistemas ópticos no cilindro de gás e levando em conta todos os fatores físicos que intervêm: intensidade e brilho da imagem, distâncias focais, distância do objeto para seu correspondente enfoque, profundidade de campo, filtragem cromática, ângulo do campo visual etc. (N. do M.)

68 É possível que muitas pessoas se perguntem como se pôde conseguir um microcomputador nuclear de dimensões tão reduzidas que permitisse que ele fosse alojado no interior de uma vara de trinta milímetros de diâmetro. Embora não esteja autorizado a descrevê-lo integralmente, esboçarei algumas de suas características essenciais. Em geral, os dispositivos amplificadores de voltagem ou de intensidade dos computadores atuais são baseados na propriedade da emissão catódica do vácuo, controlada por um elétron auxiliar, ou nas características do estado sólido, como no caso dos diodos e transmissores de germânio e silício. Mas tais circuitos não amplificam a energia. E mais: a potência de saída é sempre menor do que a de entrada (rendimento menor que a unidade). Apenas amplificam a tensão, à custa de energia gerada em uma fonte energética auxiliar: pilha ou retificador de corrente alternada. Por sua vez, os elementos dos computadores do Cavalo de Troia (amplificadores nucleicos) têm características distintas. Em primeiro lugar, a base não é eletrônica – nem de vácuo ou de estado sólido (cristal) –, mas nucleica. Uma débil energia de entrada (nêutrons ou prótons unitários incidindo sobre uns poucos átomos) provoca, por fissão do núcleo, uma grande energia. O rendimento, portanto, é muito maior do que a unidade. À saída do amplificador elementar obtemos essa energia sob forma não elétrica, mas térmica, ainda que em um processo posterior esse calor se transforme em energia elétrica. E como a base desses elementos é puramente atômica – e como entram em jogo não trilhões de átomos, mas algumas poucas unidades –, o grau de miniaturização é extraordinário, conseguindo-se armazenar circuitos muito complexos em volumes reduzidíssimos. (N. do M.)

4 de abril, terça-feira

Às 5h42 daquela terça-feira, com o alvorecer, deixei o módulo e iniciei o caminho de volta para Betânia. O céu havia recobrado seu formoso azul-celeste e a temperatura, ainda que ligeiramente mais baixa do que nos dias anteriores (o “berço” registrou 11°C no momento em que me despedi de Eliseu), era suportável.

Aquele breve período no módulo, além de me permitir um curto, mas profundo descanso e uma higiene completa, tinha servido para satisfazer um pequeno capricho, intensamente acalentado naqueles cinco primeiros dias de exploração: poder fazer o desjejum “à moda antiga” (ainda que nesse caso tão especial talvez eu devesse dizer “à moda futura”...), tal como eu tinha por hábito nos Estados Unidos. Assim, sob o olhar divertido de meu companheiro, eu mesmo preparei os ovos mexidos, o bacon, as torradas com manteiga e duas generosas xícaras de café fumegante.

E de ânimo retemperado, peguei meu novo e inseparável “companheiro” – a “vara de Moisés” –, guardando na bolsa de borracha um diminuto microfone, as lentes de contato “crótalos”, duas esmeraldas, uma corda colorida e a “carta” de um suposto amigo de Tessalônica. Tudo isso, como veremos, de suma importância para o desenvolvimento de minha missão...

À medida que me aproximava de Betânia, seguindo a mesma vereda que havia tomado na noite anterior para a volta ao módulo, uma crescente curiosidade foi se apossando de mim. Que me reservava o destino naqueles dois dias – terça e quarta – dos quais muito pouco se fala nas crônicas evangélicas? Que faria Jesus de Nazaré durante as horas que precederiam sua captura?

Aquela inquietude me fez acelerar o passo.

Quando me aproximava do caminho que conduz de Jerusalém a Jericó e que atravessa Betânia, um espesso matagal chamou-me a atenção. Tratava-se de belos racimos de junco – da espécie “sultana” –, muito apreciados pelas mulheres judias. Eu sabia que as hebreias gostavam de adornar seus cabelos com essas flores cheirosas, além de extrair de seus pequenos tubérculos ovoides (pouco menores do que avelãs) uma espécie de licor refrescante, de sabor muito semelhante ao da orchata.

Contente com minha descoberta, arranquei um copioso ramo e retomei a marcha. Ao chegar à aldeia, o familiar ruído da moenda de grãos deixou-me de sobreaviso: os habitantes de Betânia fazia tempo já estavam em seus afazeres e, presumivelmente, o Mestre – madrugador consumado – já teria iniciado sua jornada. Não havia tempo a perder.

Ao entrar na casa de Lázaro, a família saudou-me com alegria, oferecendo-me o tradicional beijo nas faces. Marta, em especial, parecia muito mais excitada e

feliz que os outros pela minha nova visita. Mas sua perturbação chegou ao limite quando, de surpresa, pus em suas mãos o buquê de junco. Seus olhos negros e profundos cravaram-se nos meus. E, num de seus peculiares repentes, no mesmo instante separou-se do grupo e refugiou-se num dos cômodos do pátio central. Maria e Lázaro não puderam conter suas risadas.

Mas meu pensamento estava em Jesus e, então, interroguei Lázaro sobre o paradeiro do Mestre. Meu interesse pelo Galileu deve ter lhe causado satisfação. Atendendo a meu pedido, acompanhou-me à mansão de Simão, o "leproso".

Pela posição do sol, deviam ser sete da manhã quando cruzei o jardim e me juntei ao grupo de discípulos que conversava com o rabi ao pé da escadaria onde eu havia mantido minha primeira conversa com o Mestre.

Prudentemente, mantive-me afastado do grupo, observando que, além dos doze homens de confiança, havia ali uma dezena de mulheres – escolhidas por Jesus no início de seu ministério –, assim como 20 ou 25 discípulos, todos eles muito amigos do Galileu, e ainda o proprietário da casa, o velho Simão.

Pelo tom de sua voz, mais grave do que o habitual, compreendi que aquela reunião tinha um caráter muito especial. Não me equivoquei. Jesus, ante os olhares atônitos de seus amigos, estava dizendo-lhes adeus. Naquele momento, pressionei dissimuladamente o cravo de cobre, ativando a filmagem simultânea. Ninguém percebeu a manobra. No entanto – e creio que devo registrar o fato em respeito à verdade –, no momento em que iniciei a filmagem, o gigante, que estava de costas conversando com as mulheres, virou subitamente a cabeça, fixando seu olhar primeiro em mim e em seguida na vara que eu carregava na mão direita. Uma onda de sangue subiu-me à cabeça. Mas o Mestre, em questão de segundos, acabou por abrir um sorriso, ao qual eu creio haver correspondido, ainda que não esteja muito seguro disso... Por um momento pensei que tudo viria abaixo.

Os apóstolos e discípulos, que acompanhavam todos e cada um dos movimentos do Mestre, associaram aquele olhar – e o sorriso que se seguiu a ele – a minha presença, não lhe concedendo mais transcendência do que a de uma cálida saudação para um estrangeiro que vinha demonstrando aberto e sincero interesse na doutrina do rabi.

Então Jesus dirigiu-se a seus doze íntimos e a cada um deles dedicou afetuosas palavras de despedida, a começar por André, o verdadeiro responsável e chefe do grupo dos apóstolos. Em um de seus gestos favoritos, colocou as mãos sobre os ombros do irmão de Pedro e lhe disse:

– Que os acontecimentos que estão a ponto de chegar não te desanimem. Mantém tua mão forte entre teus irmãos e toma cuidado para que não te vejam cair no desalento.

Depois dirigiu-se a Pedro, exclamando:

– Não ponhas tua confiança na força da carne nem nas armas de metal. Fundamenta tua pessoa no cimento espiritual das rochas eternas.

Aquelas frases me deixaram perplexo. Quase inconscientemente associei

aquelas frases de Jesus com outras vertidas pelo evangelista Mateus no capítulo 16, nas quais, depois da afirmação de Pedro sobre a origem divina do Mestre, este declara textualmente: "... Bem-aventurado és tu, Simão Bar Jonas... e eu te digo que és Pedro e sobre esta pedra edificarei minha Igreja...".

Ao estudar os Evangelhos canônicos, na minha preparação para a Operação Cavalo de Troia, eu havia detectado um dado – repetido em diversas passagens – que me produzira certa confusão. Algumas prédicas do Nazareno, assim como fatos relacionados com seu nascimento e sua vida pública, eram recolhidos por um só dos evangelistas, enquanto os outros três não pareciam conhecê-los. Esse era o caso do citado parágrafo de Mateus, que sustenta a crença, entre os católicos, de que Jesus de Nazaré quis fundar uma Igreja, exatamente como a entendemos hoje. E desde o primeiro momento ficou em mim uma dúvida: como era possível que uma afirmação tão decisiva por parte de Jesus não tivesse sido registrada por Marcos, Lucas e João? É porque Jesus jamais teria pronunciado tais palavras sobre Pedro e a Igreja? Essa parte da chamada "confissão de Pedro" teria sido uma deficiência de informação por parte do evangelista? Ou eu estava diante de uma manipulação muito posterior à morte de Cristo, quando os ensinamentos do rabi haviam começado a "canalizar-se" dentro de estruturas colegiais e burocráticas que exigiam a justificação – ao mais "alto nível" – de sua própria existência?

Os acontecimentos que eu iria ter a oportunidade de testemunhar, na tarde e na noite dessa mesma terça-feira, 4 de abril, confirmariam minhas suspeitas sobre a péssima recepção por parte dos apóstolos de muitas das coisas que Jesus fizera e, sobretudo, dissera. E, embora eu jamais negue a possibilidade de que o Galileu possa ter pronunciado essas palavras sobre Pedro e sua Igreja, ao ouvir aquela despedida do Mestre dirigida a Pedro no jardim de Simão, "o leproso", minha dúvida sobre uma possível confusão por parte de Mateus cresceu sensivelmente.

Ao ouvir aquelas emocionantes palavras, Pedro, num movimento involuntário que o traiu, procurou ocultar com seu manto a empunhadura da espada que trazia entre a túnica e a faixa. Mas Jesus, simulando nada haver visto, colocou-se diante de Tiago e lhe disse:

– Não desanimes diante das aparências. Permanece firme em tua fé e logo conhecerás a realidade daquilo em que crês.

Em seguida falou a Bartolomeu, no mesmo tom de doçura:

– Não julgues pelas aparências. Vive tua fé quando tudo parecer que desmorona. Sê fiel à tua missão de embaixador do reino.

Ao imperturbável Felipe, o homem prático do grupo, assim se despediu:

– Não te intimides pelos acontecimentos que se vão produzir. Permanece tranquilo, ainda que não possas ver o caminho. Sê leal a teu voto de consagração.

A Mateus falou:

– Não te esqueças da graça que recebeste do reino. Não permitas que ninguém roube tua recompensa eterna. Assim como resististe às inclinações da natureza mortal, permanece determinado.

Para Tomé, sua despedida foi assim:

– Não importa quão difícil possa ser; agora deves caminhar sobre a fé e não sobre a vista. Não duvides de que eu possa terminar o trabalho que comecei.

Aquelas palavras a Tomé – o grande cético – foram especialmente proféticas.

– Não permitais que o que não podeis compreender vos esmague – disse aos gêmeos. – Sede fiéis aos afetos do vosso coração e não coloqueis vossa fé em grandes homens, ou nas atitudes mutáveis das pessoas. Permanecei entre vossos irmãos.

Depois, parando diante de Simão, o Zelote – o discípulo mais politizado –, prosseguiu:

– Simão, é possível que te assalte a perplexidade, mas teu espírito se alçar sobre todos aqueles que se voltem contra ti. O que não soubeste aprender de mim, meu espírito te ensinará. Busca as verdadeiras realidades do espírito e deixa de sentir-te atraído por sombras, pelo irreal e material.

O penúltimo apóstolo era João. O Mestre tomou-lhe as mãos entre as suas e disse-lhe:

– Sê suave. Ama aos teus próprios inimigos. Sê tolerante. E lembra que eu acreditei em ti...

João, com os olhos úmidos, reteve as mãos de Jesus, ao mesmo tempo que murmurava num fio de voz:

– Mas, Senhor, então vais?

A julgar pela expressão de seus rostos, estou seguro de que todos se haviam formulado essa mesma pergunta. No entanto, seus ânimos estavam tão conturbados que nenhum, exceto o valente e franco João, se atrevera a expressá-la em voz alta.

Por fim, o Mestre se aproximou de Judas Iscariotes. Desde o primeiro momento, a complexa e atormentada personalidade daquele homem havia me atraído de forma especial. Na medida de minhas possibilidades, procurei não o perder de vista. E posso adiantar que as motivações que o impeliram a trair Jesus não foram – como se insinua nos Evangelhos – as do dinheiro. Para um homem do seu feitio, a consideração dos demais e a vanglória pessoal estavam muito acima da cobiça...

– Judas – disse o Galileu –, tenho-te amado e tenho rezado para que ames teus irmãos. Não te sintas cansado de fazer o bem. Aviso-te que tenhas cuidado com os resvaladiços caminhos da adulação e com os dardos venenosos do ridículo...

Jesus – era evidente – conhecia muito bem o caráter do traidor.

Quando acabou de se despedir, o Mestre, com certa sombra de tristeza no rosto, tomou Lázaro pelo braço e se afastou com ele para o jardim. Só depois de sua morte, quando faltavam poucas horas para meu regresso ao módulo, Marta diria qual havia sido o tema da conversa privada entre Jesus e seu irmão.

Dali a pouco, Jesus já havia recobrado seu bom humor habitual. E, depois de ordenar aos discípulos que preparassem naquela mesma manhã o acampamento

no monte das Oliveiras, pediu a Pedro, André, João e Tiago que o acompanhassem a Jerusalém.

Não tive dúvida: em companhia de um pequeno número de discípulos, segui os passos daqueles cinco homens.

Como já era costume, o Nazareno, com sua invejável forma física, cobriu a íngreme vertente oriental do monte das Oliveiras em pouco mais de meia hora. Quando, por fim, alcançamos o cume da colina, Jesus e os apóstolos – longe de parar para descansar – já se distanciavam, colina abaixo, em direção ao leito seco do Cedron.

Ao contrário, porém, do que eu imaginava, o Mestre não parecia ter muita pressa de entrar na Cidade Santa. Parou na encosta ocidental do monte, em uma esplanada na qual se acumulavam dezenas de tendas, na maioria ocupadas por peregrinos procedentes da Galileia, assim como por comerciantes de lã e vendedores de animais para os sacrifícios rituais.

Pelo que pude comprovar, algumas daquelas famílias conheciam o Galileu fazia tempo, e lhe pediram que se sentasse junto deles.

O Mestre aceitou com prazer, acariciando as crianças e mostrando-se encantado quando uma das judias lhe ofereceu uma caneca de barro, com leite de cabra recém-ordenhada, segundo disse. No mesmo instante, outra mulher colocava sobre a esteira de palha em que o rabi se sentava uma bandeja de madeira com um punhado de tâmaras e uma espécie de torta branco-amarelada, que, segundo um de meus acompanhantes, era conhecida como “pão de figos”.⁶⁹

Sorridente, o Nazareno afugentou as numerosas moscas que tentavam pousar em seu leite e, segurando o recipiente com ambas as mãos, levou-o à boca e bebeu todo o leite, lenta e gostosamente. Pouco depois, despediu-se dos anfitriões e fez outras duas visitas.

Por volta da terceira hora, nove da manhã, o grupo prosseguiu sua caminhada para Jerusalém.

Foi então que Pedro e Tiago, que havia dois dias se empenhavam em uma polêmica sobre os ensinamentos do Mestre em relação ao perdão dos pecados, decidiram dirimir suas dúvidas. E Pedro foi quem tomou a palavra:

– Mestre, Tiago e eu não estamos de acordo sobre teus ensinamentos com respeito à redenção do pecado. Tiago afirma que tu nos ensinas que o Pai nos perdoa até antes de pedirmos. Eu sustento que o arrependimento e a confissão devem preceder o perdão. Qual de nós está certo?

Algo surpreso pela pergunta, Jesus parou diante da muralha oriental do Templo e, olhando fixamente para os quatro, respondeu:

– Meus irmãos, vós errais em vossas opiniões porque não compreendeis a natureza das íntimas e amorosas relações entre a criatura e o Criador, entre os homens e Deus. Não alcançais o conhecimento da simpatia compreensiva que os pais sábios têm por seus filhos imaturos e, às vezes, equivocados.

“Duvido que um pai inteligente e amoroso necessite alguma vez de perdoar um

filho normal. Relações de compreensão associadas com o amor impedem, efetivamente, desavenças que mais tarde requeiram reajuste e arrependimento por parte do filho e perdão por parte do pai.

“Digo-vos que uma parte de cada pai vive no filho. E o pai desfruta de prioridade e superioridade de compreensão em todos os assuntos relacionados com o filho. O pai pode ver a imaturidade do filho por meio de sua própria maturidade: a experiência mais amadurecida do velho.

“Pois bem, o Pai celestial tem infinita simpatia e compreensão amorosa para com os filhos pequenos. O perdão divino, portanto, é inevitável. Ele é inerente e inalienável à infinita compreensão de Deus e a seu perfeito conhecimento de tudo o que concerne aos juízos errôneos e às opções equivocadas do filho. A justiça divina é tão eternamente justa que inclui, inevitavelmente, o perdão compreensivo.

“Quando um homem sábio entender os impulsos íntimos de seus semelhantes, ele os amará. E quando amardes vosso irmão, já o tereis perdoado. Essa capacidade de compreender a natureza do homem e perdoar seus aparentes equívocos é divina. Em verdade, em verdade vos digo que, se fordes pais sábios, essa deverá ser a forma de amardes e compreenderdes vossos filhos. E até os perdoareis quando um desacordo momentâneo vos houver separado.

“O filho, sendo imaturo e carente de plena compreensão quanto à profunda relação pai-filho, terá frequentemente uma sensação de separação diante de seu pai. Mas o verdadeiro pai nunca admitirá essa separação.

“O pecado é a experiência da consciência da criatura; não faz parte da consciência de Deus.

“Vossa falta de capacidade e de vontade de perdoar vossos semelhantes é a medida da vossa imaturidade e a razão dos fracassos na hora de alcançar o amor.

“Vós mantendes rancores e alimentais vinganças na proporção direta de vossa ignorância sobre a natureza interna e os verdadeiros desejos de vossos filhos e do próximo. O amor é resultado da divina e íntima necessidade da vida. Funda-se na compreensão, nutre-se do serviço generoso e aperfeiçoasse na sabedoria.»

Os quatro amigos de Jesus ficaram em silêncio. Possivelmente, João e Tiago, esses sim, tenham compreendido parte das explicações do Mestre. Mas não os irmãos pescadores. Pedro, coçando nervosamente a calva bronzeada, seguiu os passos do Galileu, mergulhado em um sem-fim de reflexões.

Por volta das nove e meia da manhã, Cristo, seguido de seus discípulos, cruzou a chamada porta Oriental, na muralha leste do Templo, e dirigiu-se para a escadaria do átrio dos Gentios, lugar habitual de seus sermões e ensinamentos. Os cambistas e vendedores de cordeiros e demais produtos próprios da Páscoa haviam voltado a instalar suas mesas e tendas, aproveitando as primeiras luzes do alvorecer. Tudo estava tranquilo. Nenhum daqueles mercadores fez o menor gesto de desaprovação quando Jesus entrou com seu pequeno número de acompanhantes. Jesus, por sua vez, percebeu perfeitamente que aquele sacrílego comércio havia retomado suas atividades. Mas, tal como ocorrera em muitas outras

ocasiões, o Mestre não lhes deu maior atenção. E essa postura confirmou minha convicção de que o acontecido na manhã do dia anterior havia resultado fundamentalmente de uma situação-limite.

Muitos dos habitantes de Jerusalém, assim como os peregrinos que dia a dia engrossavam a população da Cidade Santa e arredores, já esperavam impacientes a aparição do rabi da Galileia. A maior parte movida por uma mórbida curiosidade quanto à atitude que o Sinédrio tomaria diante dos graves acontecimentos registrados na manhã da segunda-feira na esplanada do Templo. Corria a boca pequena que Caifás e o restante do grande conselho de justiça judeu haviam tomado a decisão de prender e justificar Jesus. Mas se atreveriam eles a fazer isso em público? O próprio rabi, por meio de alguns “anciãos” e fariseus que haviam apresentado sua demissão do Sinédrio, estava ciente dessas notícias e da sombria ameaça que pairava sobre ele. Por isso, muitos hebreus aplaudiam em segredo a coragem do Nazareno, que não manifestava temor ou nervosismo, mostrando-se e avançando serena e majestosamente entre os levitas e, sobretudo, diante dos sacerdotes.

Sem mais preâmbulos e no meio de toda aquela expectativa, Jesus começou a falar. Logo, porém, foi interrompido por um grupo de alunos da escola de escribas. Um deles, destacando-se da multidão, perguntou-lhe:

– Rabi, sabemos que és um Mestre que está sempre com o certo, e sabemos que não temes homem algum. Sabemos também que não te importa quem sejam as pessoas. Senhor, somos apenas estudantes e gostaríamos de conhecer a verdade sobre um assunto que nos preocupa. É justo para nós dar tributo a César? Devemos ou não devemos dá-lo?

Naquele instante, um dos serviços de Nicodemos, que professava fazia algum tempo a doutrina de Jesus, comentou em voz baixa que aquela interrupção impertinente fazia parte do plano traçado na fatídica reunião do Sinédrio do dia anterior. Os fariseus, escribas e saduceus, na verdade, haviam unido seus votos para, em princípio, formar grupos “especializados” que tentassem ridicularizar e desprestigiar publicamente o Galileu.

Aquele típico silêncio – próprio dos momentos de forte tensão – foi rompido pelo Nazareno. Em tom irônico, como se conhecesse perfeitamente a falsa ignorância daqueles rapazes, entre os quais estava uma especial representação de “herodianos”,⁷⁰ perguntou-lhes por sua vez:

– Por que vindes assim me provocar?

E, ato contínuo, estendendo sua mão esquerda para os estudantes, disse-lhes com voz firme:

– Mostrei-me a moeda do tributo e eu vos responderei.

O porta-voz dos alunos entregou-lhe um denário de prata⁷¹ e o Mestre, depois de olhar ambas as faces da moeda, continuou:

– Que imagem e que inscrição leva esta moeda?

Os jovens se entreolharam com estranheza e, dando como certo que o rabi

conhecia perfeitamente a resposta, responderam:

– A de César.

– Então – respondeu Jesus devolvendo-lhes a moeda –, dai a César o que é de César, a Deus o que é de Deus e a mim o que é meu...

A multidão, maravilhada pela argúcia e sagacidade de Jesus, prorrompeu em aplausos, enquanto os aspirantes a escribas e seus cúmplices, os “herodianos”, retiravam-se envergonhados.

Instintivamente, enquanto Jesus contemplava o denário, eu havia tirado da bolsa uma moeda similar e a examinara cuidadosamente. Em uma das faces via-se a imagem de César, sentado, de perfil, em uma cadeira. Em volta, lia-se a seguinte inscrição: “Pontif Maxim”. Na outra face, a efigie de Tibério, coroadado de louro, com outra legenda ao seu redor: “Ave Augustus Ti Caesar Divi”.⁷²

Aquela nova trama havia sido muito bem planejada. Todos sabiam que o denário era o máximo tributo que a nação judaica devia pagar inexoravelmente a Roma, como sinal de submissão e vassalagem. Se o Mestre houvesse negado o tributo, os membros do Sinédrio teriam corrido até o governador romano para acusar Jesus de incitamento à rebelião. Se, ao contrário, tivesse se mostrado favorável à autoridade e às ordens do Império, a maioria do povo judeu se teria sentido ferida em seu orgulho patriótico, à exceção dos saduceus, que pagavam o tributo com gosto.

Foram exatamente estes últimos que, poucos minutos depois do incidente e seguindo a estratégia programada pelo Sinédrio, avançaram até Jesus, que tentava prosseguir com seus sermões, armando-lhe uma segunda cilada:

– Mestre – falou o porta-voz do grupo –, Moisés disse que, se um homem casado morresse sem deixar filhos, seu irmão deveria tomar sua esposa e semear semente por seu irmão morto. Então ocorreu um caso: certo homem, que tinha seis irmãos, morreu sem descendência. Seu irmão seguinte tomou sua esposa, mas também morreu logo, sem produzir filhos. E o mesmo fez o segundo irmão, morrendo igualmente sem prole. E assim até o sexto irmão, tendo todos desaparecido sem deixar filhos. Então, depois de todos eles, a própria esposa faleceu. O que queríamos perguntar é o seguinte: quando ressuscitarem, de quem será a esposa?

Ao ouvir a pergunta do saduceu, vários dos discípulos de Jesus balançaram negativamente a cabeça, em sinal de desaprovação. Como me explicaram, as leis judias sobre esse particular eram letra morta para o povo fazia tempo. Além de esse caso ser muito difícil de ocorrer na vida real, só algumas comunidades de fariseus – os mais ortodoxos – continuavam considerando e praticando o chamado matrimônio de levirato.⁷³

O rabi, ainda que sabendo das verdadeiras intenções dos saduceus, concordou em responder e lhes disse:

– Todos errais ao fazer tais perguntas, porque não conheceis as Escrituras e o poder vivificante de Deus. Sabeis que os filhos deste mundo podem casar-se e ser

dados em matrimônio, mas não pareceis compreender que os que se fazem merecedores dos mundos vindouros, por meio da ressurreição dos justos, nem se casam nem são dados em matrimônio. Os que experimentam a ressurreição de entre os mortos são mais como anjos do céu e nunca morrem. Esses ressuscitados são eternamente Filhos de Deus. São os Filhos da Luz. Vosso próprio Pai, Moisés, compreendeu isso. Diante da sarça ardente, ouviu o Pai dizer: "Sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". E assim como Moisés, eu declaro que meu Pai não é o Deus dos mortos, mas dos vivos. Nele, todos vós vos reproduzis e possuís vossa existência mortal.

Os saduceus retiraram-se confusos, enquanto seus inimigos seculares, os fariseus, chegaram a exclamar em voz alta: "Verdade, verdade, Mestre! Respondeste bem a esses incrédulos!".

Fiquei novamente surpreso – tanto quanto aquela multidão – pela sabedoria e habilidade daquele gigante. Jesus conhecia a doutrina dessa seita, que só aceitava como válidos os cinco textos chamados Livros de Moisés. E recorreu precisamente a Moisés para dar sua resposta, desarmando os saduceus. Mas, do meu ponto de vista, os fariseus que aplaudiram as palavras do Mestre também não haviam entendido a profundidade da mensagem do Nazareno, quando este aludiu enfaticamente aos que "experimentam a ressurreição de entre os mortos". Os "santos" ou "separados" – como eram chamados popularmente os fariseus – acreditavam que, na ressurreição, os corpos se levantavam fisicamente. E Jesus, em suas afirmações, não se referiu a esse tipo de ressurreição...

O Mestre parecia resignado a suspender temporariamente sua pregação, esperando em silêncio por uma nova pergunta. E na verdade ela chegou, pouco depois, dos lábios daquele mesmo grupo de fariseus que havia simulado tão cálidos elogios ao rabi. Um deles, apontando Jesus, expôs um tema que comoveu de novo a multidão:

– Mestre – disse –, sou advogado e gostaria de perguntar qual é, na tua opinião, o maior dos mandamentos.

Sem se conceder sequer um segundo para reflexão e elevando ainda mais sua voz potente, o gigante respondeu:

– Não há mais do que um mandamento e esse é o maior de todos. É este: "Ouve, ó Israel! O Senhor, nosso Deus, o Senhor é uno. E o amarás com todo o teu coração e toda a tua alma, com toda a tua mente e com toda a tua força". Este é o primeiro e o grande mandamento. E o segundo é como este primeiro. Na realidade, sai diretamente dele, e é: "Amarás teu próximo como a ti mesmo". Não há outro mandamento maior que estes. Neles se fundamentam toda a Lei e os profetas.

Aquele homem de leis, abalado pela sabedoria da resposta de Jesus, se pôs a elogiar abertamente o rabi:

– Verdadeiramente, Mestre, disseste bem. Deus – bendito seja – é uno e nada mais há depois dele. Amá-lo com todo o coração, entendimento e força, e amar o próximo como a nós mesmos, é o primeiro e grande mandamento. Estamos de

acordo: esse grande mandamento tem de ser mais considerado do que todas as oferendas e os sacrifícios que se queimam.

Ante tal manifestação, o Nazareno sentiu-se satisfeito e sentenciou ante o estupor dos fariseus:

– Meu amigo, percebo que não estás longe do reino de Deus...

Jesus não se enganava. Na mesma noite, em segredo, aquele fariseu foi ao acampamento do horto de Getsêmani para ser instruído pelo Mestre, e pediu para ser batizado.

Aquela sucessão de descalabros dialéticos acabou por dissuadir os demais grupos de escribas, saduceus e fariseus, que começaram a se retirar disfarçadamente.

Ao observar que não havia mais perguntas, o Galileu ficou de pé e, antes que os venenosos sacerdotes desaparecessem, lançou-lhes esta interrogação:

– Como não tendes mais perguntas, gostaria de vos fazer uma: Que pensais do libertador? Quer dizer, de quem ele é filho?

Os fariseus e seus partidários ficaram como eletrizados, enquanto um murmúrio percorria toda aquela ala da esplanada.

Os membros do Templo discutiram durante alguns minutos e, finalmente, um dos escribas, apontando um dos papiros que levava atado ao braço direito e que continha a Lei, respondeu:

– O Messias é o filho de Davi.

Mas o Nazareno não se satisfez com a resposta. Ele sabia existir uma ácida polémica sobre se ele era ou não filho de Davi – até mesmo entre seus próprios seguidores – e então advertiu:

– Se o libertador é na verdade filho de Davi, como é que, no salmo que vós atribuíis a Davi, ele mesmo, falando com o espírito, diz: “O Senhor disse a meu senhor: senta-te à minha direita até que eu faça de teus inimigos o escabelo de teus pés”. Se Davi o chamou de Senhor, como pode ser seu filho?

Os fariseus e principais do Templo ficaram tão confusos que não se atreveram a replicar.

Por volta da quinta hora (onze da manhã, aproximadamente), Jesus deu por concluída sua estada no Templo e, como era hora de comer, encaminhou-se com os discípulos para a porta Tríplice, com o propósito, segundo me disse o próprio Pedro, de ir à casa de José de Arimateia, na cidade baixa. Ao verificar que eu ficava para trás – eu não queria invadir, na medida do possível, a intimidade do grupo –, André retrocedeu e convidou-me a partilhar com eles a segunda refeição do dia. Enquanto isso, Jesus e os outros já haviam transposto as mesas dos cambistas e mercadores, desaparecendo na soberba porta da muralha sul do Templo.

Eu estava a ponto de aceitar o convite, quando um tumulto, procedente da face mais oriental do Santuário, fez-nos voltar a vista. Entre gritos desesperados, uma mulher estava sendo praticamente arrastada pela escadaria de acesso ao pórtico Coríntio. Uma patrulha da polícia do Templo (os levitas), possivelmente destacados

para o átrio das Mulheres, dirigia-se através da esplanada onde nos encontrávamos em direção ao pórtico de Salomão ou, mais precisamente, à porta Oriental. Os levitas dessa “guarda de dia” seguravam a hebreia pelas axilas, enquanto um terceiro a prendia pelos pés, suportando a duras penas os violentos movimentos da moça. Aliás, meio ocultos entre um enxame de curiosos, marchavam um dos guardiães de turno do Templo e vários sacerdotes.

A multidão que rodeava os postos dos vendedores correu num instante até a patrulha, aos gritos de “adúltera!...adúltera”, como se aquilo fosse algo comum e até motivo de festa para a turba.

Interroguei André com o olhar e o chefe do grupo, com expressão grave, lamentou aquela sombria coincidência e resumiu o lamentável espetáculo com esta frase:

– São as “águas amargas”...

Lembrei-me nesse instante de que em uma de minhas investigações nos textos bíblicos – em Números (5,11–31),⁷⁴ Jeová especificava o procedimento a ser seguido com a mulher suspeita de adultério. Quando o marido supunha que sua esposa lhe era infiel, levava-a ao sacerdote para obrigá-la a confessar. Se se negasse a admitir a culpa, a desgraçada tinha de passar pela prova (uma espécie de “juízo de Deus”) das “águas amargas”. O sacerdote preparava uma beberagem especial – composta, segundo a Bíblia, por terra do Tabernáculo e a tinta com a qual se escrevia o ritual das maldições, previamente diluída em água – e, entre cerimônias religiosas, dava-a de beber à acusada. A crença judia ensinava que, se a mulher fosse realmente culpada, o misterioso líquido atacaria suas entranhas e a mataria. Contrariamente, se fosse inocente, as “águas amargas” não afetariam seu organismo.⁷⁵

Para uma mente racional, tal prova deixava muito a desejar quanto à objetividade. Mas, para dizer a verdade, o que avivou minha curiosidade foi a “fórmula” da poção. Que poderia conter?

Estava diante de uma oportunidade única e supliquei a André que me acompanhasse. Queria presenciar a execução da sentença e, se fosse possível, conseguir uma amostra da tinta utilizada para a fabricação das “águas amargas”. André compreendeu apenas parte do meu aparentemente mórbido desejo e, a contragosto, consentiu em conceder-me uns minutos.

Cruzamos o arco de pedra da porta Oriental, abrindo passagem por entre o povo que já rodeava a patrulha. Vários levitas haviam formado um círculo ou cordão de segurança, de uns dez metros de diâmetro. No centro, a mulher, sempre segura pelos policiais do Templo, permanecia em pé, soluçando. Havia sido vestida com uma túnica negra e despojada de todos os adornos.

Meu companheiro explicou que aquela era a última fase de um processo que se havia iniciado na manhã da véspera, segunda-feira. (Os juízes do Grande ou do Pequeno Sinédrio reuniam-se às segundas e quintas-feiras da semana para despachar os assuntos pendentes.) Esse caso de suposto adultério havia sido

levado ao Pequeno Sinédrio, formado por 23 juízes.

A pedido de seu marido, a suspeita – uma jovem que não passaria dos vinte anos – havia sido conduzida naquela manhã de segunda-feira, 3 de abril, ante o Tribunal de Justiça e ali interrogada e atemorizada com fórmulas como a seguinte: “Filha minha, o vinho traz muito pecado, muito riso, muita juventude, muito os maus vizinhos; fala (reconhece a verdade) em nome de Deus, que está escrito com santidade para que não seja apagado pela água”.

Mas, a julgar pelo que estava acontecendo, a infeliz havia se declarado inocente, e o Pequeno Sinédrio determinara que ela devia submeter-se à prova das “águas amargas”. Quando interroguei André sobre a sorte daquela judia caso tivesse reconhecido sua culpa, o apóstolo deu a entender que não sabia o que poderia ser pior. Se a mulher judia dissesse diante do Tribunal “sou impura”, era obrigada a assinar a renúncia ao seu dote, procedendo-se então a consumação do processo de divórcio. Como bem assinalava André, nessas circunstâncias a esposa ficava desprezada pelo resto da vida. Aquelas leis estabeleciam o direito ao divórcio única e exclusivamente para o homem,⁷⁶ o que se prestava a constantes abusos, caprichos e injustiças. Se o marido quisesse apossar-se do dote que a mulher trouxera para o casamento e, ao mesmo tempo, recobrar seu estado de solteiro, bastaria acusar a esposa de infidelidade. De duas, uma: ou a mulher se submetia à prova das “águas amargas” ou suportava a suposta culpa, com as consequências já mencionadas.

Tal como eu suspeitava, era raro que a vítima sobrevivesse à ingestão daquela beberagem.

Em suma, aquela desgraçada, após declarar-se “pura”, havia sido conduzida pela porta de Nicanor, como determinava a tradição, para a estreita esplanada existente ao pé da muralha oriental do Templo, lugar onde também se realizavam as cerimônias de purificação de leprosos e parturientes.

Um dos sacerdotes destacou-se da multidão e, com passo decidido, colocou-se diante da jovem, levantando sua túnica com a mão esquerda até a altura do ventre. Depois, com um forte puxão, arrancou-lhe a veste, deixando a descoberto seios brancos e pequenos. O grito da mulher foi praticamente sufocado pelo bramido da multidão, excitada pela contemplação daqueles formosos seios. Imediatamente, o mesmo sacerdote colocou-se às costas da mulher e soltou-lhe a negra cabeleira.

André, nervoso e aborrecido, fez menção de retirar-se. Tentando ganhar tempo e aproveitar o natural desejo de meu amigo de evitar a visão de tão deplorável acontecimento, apanhei minha bolsa de borracha e pus em sua mão dois denários de prata. André olhou-me sem compreender.

– Quero te pedir mais um favor – disse-lhe. – É importante para mim adquirir uma amostra da tinta com que foi escrita essa maldição...

O galileu ficou perplexo. Mas, adiantando-me a seus pensamentos, acrescentei logo:

– Confia em mim. Sabes que não posso entrar no Santuário e comprá-la pessoalmente. Bastará uma pequena quantidade, talvez um décimo de log.⁷⁷

Continuei olhando fixamente para André, na tentativa de lhe transmitir um mínimo de confiança. A sorte voltou a sorrir-me. O discípulo, encolhendo os ombros, concordou, pedindo-me que não saísse daquele lugar.

Enquanto André voltava a entrar no Templo, continuei a observar os acontecimentos. O sacerdote que havia arrancado a túnica da mulher estava, agora, deliberando com os demais membros do Templo. De quando em quando, eles voltavam suas vistas para a pobre acusada e logo retomavam a acesa polêmica. Um deles deixou o grupo, caminhou alguns passos e chegou a um palmo da mulher. Sem se alterar diante de suas lágrimas, inclinou-se ligeiramente e inspecionou de perto seus pequenos e escuros mamilos. Passados alguns minutos, retomou ao centro da reunião e a áspera controvérsia reiniciou-se.

Por fim, depois de terem chegado a um acordo, outro dos sacerdotes apanhou um cinturão egípcio, formado por cordas entrelaçadas, aproximou-se da jovem e passou o cinturão pelo seu torso, cingindo-lhe os seios, de maneira que a túnica não pudesse cair.

A uma ordem do guardião do Templo, o chefe da patrulha dos levitas, um hebreu que permanecia junto aos sacerdotes e que era o marido, avançou até o centro do círculo e depositou aos pés da mulher um cesto de palha com três ou quatro quilos de farinha de cevada.⁷⁸ Depois, com a mesma frieza, retirou-se. Por um momento, pensei que o querelante iria colocar o pequeno cesto nas mãos da condenada, mas, por indicação de um levita, acabou por colocá-lo a seus pés.

Ao meu regresso ao módulo, na manhã do domingo, o computador esclareceria esse detalhe: a tradição bíblica especificava que a oferenda do marido – o efá de farinha de cevada – devia ser colocada nas mãos da vítima. O sacerdote, então, punha sua mão sob as da mulher, agitando o recipiente na forma ritual. Em seguida, aproximava-o do altar e queimava um punhado de farinha. O restante era destinado à alimentação dos sacerdotes do Templo.

A perigosa resistência da infeliz – que não podia livrar-se do firme controle dos policiais – tornou aconselhável, nesse caso, que o sacerdote dispensasse aquela parte do ritual.

Em dado momento, na área mais próxima à muralha, os judeus foram abrindo um corredor para dar passagem a outro sacerdote, escoltado por nada menos que seis levitas. Um murmúrio levantou-se entre o povo ao perceber que aquele sacerdote transportava alguma coisa nas mãos. O objeto em questão, bastante leve, a julgar pelo pouco esforço desenvolvido pelo sacerdote, estava coberto por um lenço branco. Imaginei imediatamente que devia tratar-se do recipiente que continha as “águas amargas”. Infelizmente, não tive de aguardar muito tempo para tirar minhas dúvidas. A escolta recém-chegada colocou-se em torno da mulher e dos policiais que a seguravam, formando um segundo cordão de segurança.

O sacerdote retirou o lenço e então apareceu à vista dos presentes uma

pequena vasilha de argila avermelhada, com capacidade aproximada de um litro. Ao vê-la, a esposa sofreu um novo acesso de desespero, convulsionando-se violentamente e proferindo gritos que fizeram levantar voo as numerosas pombas pousadas sobre os torreões e a cúpula do Templo.

Um silêncio total, rompido unicamente pelos uivos da mulher, caiu pouco a pouco sobre o lugar. O sacerdote que conduzia a vasilha de barro levantou então a voz, comunicando à mulher que, pela última vez, se declarasse culpada ou inocente.

O povo aguardava mudo. Mas a hebreia, entre gemidos cada vez mais fracos, só conseguiu pronunciar duas palavras fatídicas: "Sou pura".

O membro do Templo, que parecia ter uma incompreensível pressa, murmurou algo ao ouvido de um dos levitas, e este deixou seu posto para unir-se aos três companheiros que dominavam a jovem. Depois colocou-se às costas da vítima, agarrou-lhe a espessa cabeleira, puxou-lhe os cabelos para baixo e a obrigou a manter o rosto voltado para o céu. Os gritos aumentaram. Enquanto a patrulha apoiava os pés sobre o áspero terreno para segurar com mais vigor os braços e pernas da mulher, outros policiais se colocaram a alguns centímetros dela, cada um de um lado. E como se aquela operação tivesse sido longamente estudada ou ensaiada, enquanto o levita do lado esquerdo fechava com os dedos as narinas da acusada, o do lado direito colocava as mãos a pequena distância de seu rosto, à espera de que a iminência da asfixia obrigasse a judia a abrir a boca. Entre soluços e ofegos mal contidos, a jovem acabou por aspirar. Então, como que movidas por molas, as mãos do policial afundaram no interior da boca da mulher e abriram violentamente sua mandíbula. Em frações de segundo, o sacerdote que trazia a vasilha deu um passo adiante e verteu-lhe garganta abaixo o conteúdo. Apesar dos seis policiais que participavam da imobilização da hebreia, ela ainda conseguiu mover levemente a cabeça para o lado, o bastante para que parte do líquido escuro se derramasse pelas faces, pelo colo e pela túnica.

Uma vez concluída a operação, o sacerdote retrocedeu, ao mesmo tempo que os levitas dos lados livravam o nariz e a boca da acusada. O que puxava seus cabelos, todavia, continuou no seu posto, do mesmo modo que os encarregados de imobilizar-lhe os braços e as pernas.

Apesar de preparado para minha missão, uma onda de indignação agitou-me da cabeça aos pés. Mas, como havia sido estabelecido pelo projeto Cavalo de Troia, eu não poderia fazer outra coisa que não fosse assistir impassível àquele trágico acontecimento. Agora reconheço que essa foi uma prova decisiva para que eu assimilasse a missão e pudesse presenciar – com toda a frieza – as não menos dramáticas horas da Sexta-Feira Santa...

Não haviam transcorrido nem cinco minutos e a mulher começou a apresentar uma série de espasmos. Seus joelhos dobraram-se, enquanto os levitas cuidavam de mantê-la erguida. (Depois, ao analisar a amostra de tinta, compreendi que aquela tática dos policiais tinha o único e bem estudado objetivo de evitar que, ao

cair ao solo e flexionar o abdome, a condenada pudesse vomitar as “águas amargas”, anulando seus efeitos.)

Lentamente, a jovem mulher foi perdendo as forças. Seu rosto adquiriu um tom ocre e seus olhos – muito abertos e fixos naquele azul infinito do céu de Jerusalém – avultaram, enquanto as grandes artérias do pescoço inchavam de modo alarmante.

Evidentemente, o veneno havia surtido efeito. Os sacerdotes sabiam disso. E, ao notar aqueles sintomas, ordenaram à patrulha que soltasse a mulher. Quando o fizeram, ela caiu desmaiada no chão, enquanto as dezenas de curiosos começavam a dispersar-se em silêncio, cruzando de novo a muralha e afastando-se ladeira abaixo, em direção ao Cedron.

Foi a voz de André, chamando-me do arco da porta Oriental, que me tirou da triste contemplação daquele corpo desmaiado, se não sem vida, rodeado pela polícia do Templo.

Meu amigo deve logo ter notado minha desolação, porque me tomou pelo braço e me conduziu através do átrio dos Gentios, em direção à cidade baixa. Uma vez fora do Templo, o discípulo tirou disfarçadamente de entre suas roupas uma pequena jarra (de uns dezessete centímetros de altura), provida de uma asa, com uma boca circular pequena e perfeitamente fechada por um tampão de tela. Sem mais explicações, pôs o recipiente de barro vermelho em minhas mãos, junto com um dos denários que eu lhe havia entregue. André não fez uma só pergunta, e eu lhe agradei duplamente sua eficiência e descrição.

Dias mais tarde, quando foi possível analisar o conteúdo daquele recipiente, minhas suspeitas foram confirmadas. A tinta continha quatro substâncias principais: anil, carbonato de potássio, anídrido arsenioso e cal viva. Tudo isso diluído em água comum. A circunstância de que, segundo rezava o Antigo Testamento, a tinta deveria ser solúvel em água reduziu consideravelmente a gama de tintas presumivelmente usadas no século I em Israel. Esse importante requisito de dissolução e o não menos decisivo fato de que a tinta provocava no ser humano os efeitos anteriormente descritos nos conduziram quase irremissivelmente à “tinta azul”. Nossos técnicos descobriram igualmente que um de seus ingredientes– o anídrido arsenioso – não fazia parte realmente das substâncias originalmente necessárias à composição da tinta. Junto ao anil, ao carbonato de potássio e à cal viva surgia o sulfeto de arsênico, mas nunca o anídrido arsenioso. Como podia ser isso? A explicação era elementar: os israelitas utilizavam o tipo denominado “sulfeto amarelo de arsênico”, que se encontrava em estado espontâneo na natureza, em massas compostas de lâminas semitransparentes, de cor amarelo-ouro, inodoras, insípidas, insolúveis em água e voláteis ao fogo.⁷⁹ Esse “sulfeto amarelo de arsênico” não é tóxico. Isso explicava que pudesse ser manipulado sem problemas. Todavia, em seu interior escondia-se um potencial veneno muito ativo: o anídrido arsenioso puro, de efeitos muito enérgicos. Os judeus conseguiram a dissolução desse veneno (insolúvel em água) graças a outras substâncias que de

fato apareciam na composição da “tinta azul”: o carbonato de potássio e a cal viva, ambos de forte poder alcalino.⁸⁰

Provavelmente, o sacerdote encarregado da “fabricação” das “águas amargas” fervia as quatro primeiras substâncias – anil, carbonato de potássio, sulfeto amarelo de arsênico e cal viva –, conseguindo a dissolução total. Em seguida, depois de filtrar o líquido resultante, juntava-lhe uma pequena porção de goma arábica pulverizada – encontrada por nossos especialistas na “tinta azul” –, em proporção idêntica à de cal viva, e o resultado era uma bebida duplamente útil: como tinta e como veneno.

Quanto ao gosto amargo que deu o nome à poção, poderia ser resultado da presença do carbonato de potássio; de forte sabor acre.⁸¹

Dado o caráter “sagrado” dessa “tinta”, o mais lógico é que ela só fosse composta pouco antes de seu emprego. A Misná, em sua ordem terceira (dedicada às mulheres), explica que o sacerdote enchia uma tigela nova de barro com uma quantidade que oscilava entre um quarto e meio de log de água do pilão (entre 125 e 250 gramas de água comum). Em seguida, “entrava no Santuário e dirigia-se à direita”, onde havia um lugar de uns quarenta e cinco centímetros quadrados, com uma mesa de mármore e uma argola fixada a ela. Depois de levantá-la, colhia a cinza que havia debaixo dela e a colocava na tigela, de tal modo que fosse perceptível na água, tal como está escrito: “da cinza que houver no piso do Santuário, tomará o sacerdote e a porá na água”.

Por último, o sacerdote fazia a “tinta” e escrevia as fórmulas rituais. Jeová, como especifica o livro sagrado (Números, 5,23), ordenava que se escrevesse sobre “um livro”. Em outras palavras, em um rolo. E não se devia usar goma, nem vitríolo, nem nenhuma outra substância que ficasse fixa. Logicamente, se o que se pretendia era que a acusada bebesse o veneno contido na “tinta”, essa “tinta” deveria ser perfeitamente solúvel na água.

Depois daquelas verificações, uma série de dúvidas – mais intensas e fascinantes, se assim podem ser ditas – ficaram flutuando no espírito dos homens do projeto Cavalo de Troia.

Em primeiro lugar, se a saída dos judeus do Egito registrou-se por volta de 1290 a.C., como é possível que o povo hebreu conhecesse o ácido arsenioso e sua ação funesta sobre o organismo humano se as primeiras notícias sobre esse ácido só começaram a ser difundidas pelo mundo no século IX de nossa Era?⁸² E se eles não foram os descobridores ou criadores da fórmula, quem foi? A conclusão imediata só pode ser uma: Jeová. Mas, aceita tal hipótese, quem era esse Jeová capaz de transmitir fórmulas químicas tão precisas, adiante do seu tempo? E, sobretudo, por que um ser que se autodefinia como Deus estabelecia procedimentos tão injustos e horrorosos na hora de investigar a culpa de uma pessoa? Segundo os especialistas em toxicologia e medicina legal, a mulher que ingerisse uma substância com as características citadas nas “águas amargas” exibiria um quadro gastroentérico. Na realidade, uma dose de 120 miligramas

desse ácido arsenioso poderia provocar a morte da mulher. Em poucos minutos, seriam apresentados sinais típicos: sede muito intensa, vômitos, disenteria, câibras e alterações das feições, provocando morte por asfixia. Outros peritos em veneno acharam que talvez as “águas amargas” pudessem conter, em lugar do ácido arsenioso, outro potente tóxico, extraído de uma cobra do deserto conhecida como “gariba”. Nesse caso, para tornar o veneno eficaz e tão mortífero, os sacerdotes introduziam na poção a cal viva, que queimava e rasgava as mucosas internas da infeliz, tornando ativo o veneno da víbora, inócuo por via oral.⁸³

Se as “águas amargas” fossem preparadas com esse veneno, sempre haveria a possibilidade de “se operar o milagre”. Bastava suprimir o tóxico produzido pela “gariba”, ou *Echis carinatus*, e a suposta adúltera não sofreria mal algum. Naturalmente esse “truque” – ensinado também pelo suposto inventor da fórmula, Jeová – prestava-se a numerosas manipulações da massa ignorante e – por que não? – a possíveis chantagens por parte dos responsáveis pelas “águas amargas”.

Um assunto digno de estudo mais profundo...

Com certa pressa, certamente justificadíssima, André foi me conduzindo pelas estreitas ruelas da parte baixa de Jerusalém, até chegarmos a uma casa situada entre a Sinagoga dos Libertos e a piscina de Siloé, no extremo meridional da Cidade Santa. A fachada, inteiramente de pedra talhada, ostentava sobre o dintel de pedra um escudo circular com uma estrela-de-davi. No bonito alto-relevo, desgastado pelo tempo, pude ler a palavra “Jerusalém”, formada pelas cinco letras hebraicas, cada uma delas colocada entre as pontas da não menos famosa estrela.

José, o de Arimateia, nobre decurião (uma espécie de assessor do Sinédrio, por sua riqueza e nobre estirpe – sua família procedia, como a de Jesus, do mítico rei Davi), era um personagem de grande prestígio na Cidade Santa. Sua inclinação liberal, fruto, sem dúvida, de suas viagens pela Grécia e pelo Império Romano, levava-o, desde o princípio, a aderir aos ensinamentos de Jesus de Nazaré. E, embora houvesse nascido na aldeia de Arimateia (hoje Rantis, ao nordeste de Lidda), passara quase toda sua infância e juventude em Jerusalém. Aquela casa, segundo me contou durante o almoço, havia sido levantada por seus antepassados, justamente sobre os restos da antiga “cidade de Davi”, no promontório chamado Ofel.

Sua considerável fortuna, feita principalmente nos negócios de construção, havia-lhe permitido decorar aquela mansão com o mais refinado luxo, de inspiração claramente helenística. E sua profissão – e este foi um dos aspectos que mais me atraíram em José – possibilitara, acima de tudo, que ele mantivesse um estreito contato com o governador romano Pôncio Pilatos. Depois de sua chegada à Judeia, por ordem do imperador romano Tibério, Pilatos iniciou grandes obras. Uma delas foi a construção de um aqueduto de cerca de trezentos estádios (quase cinquenta quilômetros).⁸⁴ Pois foi José de Arimateia um dos principais administradores dos serviços de alvenaria.

André conhecia bem a casa e guiou-me diretamente até o espaçoso pátio, a

céu aberto, onde estavam o Mestre, seus discípulos, uns trinta gregos (os mesmos que tinham abordado Jesus nas primeiras horas da tarde de domingo e, ao que parecia, haviam refletido, buscando de novo o Mestre) e José, o de Arimateia, com os dezenove membros do Sinédrio que haviam apresentado sua demissão diante das graves irregularidades cometidas pelo supremo tribunal em relação a Jesus. A comida, fundamentalmente legumes e caça, já estava no terceiro prato quando tomei assento em um dos extremos da mesa.

O Nazareno, em tom cansado, parecia dirigir-se àqueles estrangeiros de Alexandria, Roma e Atenas:

– ... Sei que minha hora se aproxima e estou aflito. Percebo que minha gente está decidida a desdenhar o reino, mas fico contente em receber estes estrangeiros que buscam a verdade, que vêm perguntando pelo caminho da luz. Todavia – prosseguiu Jesus –, meu coração dói por minha gente e minha alma se angustia pelo que está diante dos meus olhos...

O Mestre fez uma pausa e os comensais olharam-se entre si, desconcertados diante daquela ideia obsessiva que o rabi vinha manifestando dia após dia.

Ao entrar no pátio, eu havia procurado apoiar minha vara em uma das paredes de mármore branco, pressionando o cravo que fazia funcionar a filmagem. E, para dizer a verdade, o tempo todo que permaneci na casa de José foi dedicado mais a observar o cajado, com medo de que fosse derrubado pela infinidade de servos que entravam e saíam com as travessas, do que a ouvir meu anfitrião e seus convidados.

– Que posso dizer – continuou Jesus – quando olho para a frente e vejo o que me vai ocorrer?

Pedro cravou os olhos azuis em seu irmão André, mas, a julgar pela expressão de seus rostos, nenhum deles conseguia penetrar no pensamento do Mestre.

– Devo dizer “salvai-me dessa hora horrorosa”? Não! Foi para esse propósito que vim ao mundo e esta é a hora. Será melhor dizer e pedir que vos unais a mim: Pai, glorifica teu nome. Tua vontade será cumprida.

Terminada a refeição, alguns gregos e discípulos levantaram-se, pedindo ao Mestre que lhes explicasse mais claramente o que significava e quando se daria a “hora horrorosa”. Mas Jesus evitou a resposta.

Enquanto recolhia minha vara, um esplêndido vaso de cristal chamou-me a atenção, guardado, juntamente com uma coleção de pequenas pedras ovoides e esféricas em uma vitrine de vidro. José deve ter percebido meu interesse por aquelas peças e, aproximando-se, explicou-me que se tratava de um valioso vaso de diatreta, recoberto com filigranas de prata. Havia sido achado na Germânia e constituía um exemplar único na difícil arte do vidro, tão magistralmente praticada pelos romanos. Quanto às pedras, de uns cinco centímetros cada uma, faziam parte de outra coleção singular. Eram antigos projéteis de funda, de pederneira e calcário, utilizados, segundo os antepassados de José, pela tropa “especial” de setecentos soldados benjaministas canhotos, “capazes de disparar contra um

cabelo sem errar o golpe”, como é citado no livro dos Juízes (20,16).

– É muito possível – explicou José – que Davi tenha utilizado uma pedra similar em sua luta contra Golias.

Aquele breve encontro com o venerável José, que deveria estar beirando os sessenta anos, foi de grande utilidade para os planos que a Operação Cavalo de Troia havia feito para mim. Um de meus objetivos era justamente estabelecer contato com o governador romano em Jerusalém, antes do anoitecer de quinta-feira. Quando lhe falei de meu desejo de ter uma entrevista com Pilatos, José ficou em dúvida. Tratei então de ganhar a confiança dele, explicando-lhe que eu havia trabalhado como astrólogo a serviço de Tibério e que seria de sumo interesse para Pilatos conhecer os graves acontecimentos apontados pelos astros.

José, como eu esperava, manifestou muita curiosidade e prometeu conseguir a entrevista para a manhã do dia seguinte, quarta-feira, quando ele poderia estar presente também. Concordei encantado.

Por volta das duas da tarde, Jesus despediu-se de José de Arimateia e tomou as ruas que davam na muralha sul do Templo. No caminho, advertiu seus amigos de que aquele ia ser seu último discurso público. Mas seus homens de confiança não fizeram comentário algum. Na realidade, eles estavam imersos em profunda confusão. “Então, o Mestre, que sempre havia escapado das garras do Sinédrio, iria deixar que o capturassem?”

Chegando à esplanada dos Gentios, o rabi acomodou-se em seu lugar habitual – a escadaria que rodeava o Santuário – e, em tom extremamente carinhoso, começou a falar:

– Durante todo esse tempo tenho estado convosco, indo e vindo por estas terras, proclamando o amor do Pai pelos filhos dos homens. Muitos viram a luz e, por meio da fé, entraram no reino do céu. De acordo com este ensinamento e pregação, o Pai tem feito coisas maravilhosas, incluindo a ressurreição dos mortos. Muitos enfermos e aflitos têm sido curados porque acreditaram. Mas toda essa proclamação da verdade e essa cura de enfermidades não têm bastado para abrir os olhos dos que se recusam a ver a luz e dos que estão decididos a repelir o Evangelho do reino.

“Eu e todos os meus discípulos temos feito o possível para viver em paz com nossos irmãos, para cumprir os mandamentos razoáveis das leis de Moisés e as tradições de Israel. Temos buscado persistentemente a paz, mas os dirigentes desta nação não a terão. Repelindo a verdade de Deus e a luz do céu, eles se colocam do lado do erro e da escuridão. Não pode haver paz entre a luz e as trevas, entre a vida e a morte, entre a verdade e o erro.

“Muitos de vós decidiram crer em meus ensinamentos e já encontraram a liberdade da consciência e a alegria de ser filhos de Deus. Sereis minhas testemunhas de que ofereci a mesma filiação com Deus a toda a Israel. Até a esses mesmos homens que hoje buscam minha destruição. Mas eu vos digo mais: até mesmo agora meu Pai receberia esses mestres cegos, esses dirigentes hipócritas,

se eles olhassem para Ele e aceitassem sua misericórdia...”

Jesus foi assinalando com as mãos os diferentes grupos de escribas, saduceus e fariseus que, pouco a pouco, tinham-se incorporado às centenas de judeus que desejavam escutar o rabi da Galileia. Alguns dos discípulos, especialmente Pedro e André, empalideceram ao escutar os audazes ataques de seu Mestre.

– ... Mesmo agora não é tarde demais – continuou Jesus – para que esta gente receba a palavra do céu e dê seu “bem-vindo” ao Filho do Homem.

Um dos homens do Sinédrio, ao ouvir essas palavras, alterou-se visivelmente, arrastando o resto do grupo para fora da esplanada. Jesus percebeu o fato e, elevando o tom de voz, lançou-se contra o grupo:

– ... Meu pai tem tratado com clemência essas pessoas. Geração após geração, temos enviado nossos profetas para que as ensinassem e advertissem. E, geração após geração, elas têm matado nossos enviados. Agora, vossos altos e voluntariosos sacerdotes e obstinados dirigentes continuam fazendo o mesmo. Assim como Herodes assassinou João, vós vos preparais para destruir o Filho do Homem.

“Enquanto houver uma possibilidade de que os judeus olhem para meu Pai e busquem a salvação, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó manterá suas mãos estendidas para vós. Mas, quando houverdes feito transbordar a taça da vossa impertinência, essa nação ficará abandonada a seu próprio arbítrio e caminhará rapidamente para um fim pouco glorioso...”

O arraigado sentimento de patriotismo dos hebreus saiu sensivelmente abalado por aquela sentença de Jesus. E a multidão, que escutava sentada sobre as lajes do átrio dos Gentios, ergueu-se, inquieta, entre murmúrios de desaprovção.

Mas o Nazareno não se alterou. Verdadeiramente, aquele homem era corajoso.

– ... Esse povo foi chamado para ser a luz do mundo e para mostrar a glória espiritual de uma raça conhecedora de Deus... Mas, até agora, vós vos afastastes do cumprimento de vossos privilégios divinos e vossos líderes estão a ponto de cometer a maior loucura de todos os tempos...

Jesus fez uma brevíssima pausa para manter o auditório aceso.

– ... E vos digo que estais a ponto de recusar a grande dádiva de Deus a todos os homens e a todas as épocas: a revelação de seu amor.

“Em verdade, em verdade vos digo que, quando houverdes repellido esta revelação, o reino do céu será entregue a outras pessoas. Em nome do Pai que me enviou, eu vos aviso: estais a um passo de perder vosso posto no mundo como sustentáculos da verdade eterna e como custodiadores da lei divina. Justamente agora estou vos oferecendo vossa última oportunidade para que entreis, como as crianças, pela fé sincera, na segurança da salvação do reino celeste.

“Meu pai tem trabalhado há muito tempo por vossa salvação, e eu desci até vós para mostrar pessoalmente o caminho. Muitos dos judeus e samaritanos, e até dos gentios, passaram a crer no Evangelho do reino. E vós, que deveríeis ser os primeiros a aceitar a luz do céu, tendes recusado a revelação da verdade de Deus

revelado no homem e do homem elevado a Deus.

“Esta tarde, meus apóstolos estão diante de vós em silêncio. Mas logo escutarei suas vozes clamando pela salvação. Agora, eu vos peço que vós, discípulos meus e crentes no Evangelho do reino, sejais testemunhas de que, uma vez mais, ofereci a Israel e a seus dirigentes a liberdade e a salvação. Seja como for, eu vos advirto de que esses escribas e fariseus sentam-se ainda na cadeira de Moisés. Portanto, até que as potências maiores que dirigem os reinos dos homens não os desterrem e destruam, eu vos ordeno que coopereis com esses maiores de Israel. Não vos peço que vos unais a eles em seus planos para destruir o Filho do Homem, mas apenas naquilo que se relacione com a paz de Israel. Nesse assunto, fazei o que vos ordenem e observai a essência das leis. Mas não tomeis como exemplo suas más ações. Recordai que esse é o seu pecado: dizem o que é bom, mas não o praticam. Vos sabeis bem que esses dirigentes vos fazem levar pesadas cargas sem levantar um dedo para vos ajudar. Eles vos têm oprimido com cerimônias e escravizado com as tradições.

“E ainda vos direi mais: esses sacerdotes, concentrados em si mesmos, deleitam-se fazendo boas obras, de forma que elas sejam vistas por todos os homens. Enchem-se de faixas e capricham nos bordados de suas vestes oficiais. Solicitam os principais lugares nos banquetes e os primeiros assentos nas sinagogas. Cobiçam os aplausos e os elogios nos mercados e desejam ser chamados de rabis por todos os homens. E, enquanto buscam todas essas honras, até mesmo tomam, secretamente, as posses das viúvas e se beneficiam dos serviços do Templo sagrado. Por ostentação, esses hipócritas fazem longas orações em público e dão esmolas apenas para chamar a atenção de seus semelhantes.”

Naquele momento, quando Jesus lançava seus primeiros e mortais ataques contra os sacerdotes e membros do Sinédrio, os apóstolos que se haviam encarregado da instalação do acampamento, na encosta do monte das Oliveiras, chegaram à esplanada, unindo-se ao grupo de discípulos. Foi uma lástima que não tivessem ouvido a primeira parte do discurso de Jesus. Em especial, Judas Iscariotes. Pessoalmente, creio que, se o traidor houvesse testemunhado aquelas primeiras frases, oferecendo misericórdia, talvez mudasse de intenção. Mas, pelo que pude deduzir na tarde de quarta-feira, a última metade da pregação do Mestre no Templo foi decisiva para que Judas desertasse. Seu senso de ridículo e seu condicionamento negativo “ao que os outros dirão” eram muito mais acentuados em sua alma do que eu pensava.

– ... E assim como deveis honrar vossos chefes e reverenciar vossos mestres – prosseguiu o rabi –, não deveis chamar de “pai”, no sentido espiritual, a nenhum homem. Somente Deus é vosso Pai. Tampouco deveis buscar dominar vossos irmãos do reino. Recordai: eu vos tenho ensinado que aquele que for maior entre vós deve ser servidor de todos. Se pretendeis exaltar a vós mesmos diante Deus, certamente sereis humilhados; mas aquele que se humilha sinceramente, com certeza será exaltado. Buscai em vossa vida diária não a própria glória, mas a de

Deus. Subordinai inteligentemente vossa própria vontade à do Pai do céu.

“Não confundais minhas palavras. Não trato com maldade esses sacerdotes principais que querem minha destruição. Não tenho maus desejos contra esses escribas e fariseus que repudiam meus ensinamentos. Sei que muitos de vós credes, ainda que em segredo, e que, quando chegar a hora, ireis professar abertamente vossa lealdade ao reino. Mas, como se justificarão a si mesmos vossos rabis se dizem falar com Deus e tencionam destruir aquele que vem ao mundo para revelar o Pai?

“Ai de vós, escribas e fariseus! Hipócritas!... Vós fechais as portas do reino do céu aos homens sinceros, só porque são incultos. Recusais entrar no reino e, ao mesmo tempo, fazeis tudo o que está a vosso alcance para evitar que os demais entrem. Permaneceis de costas para as portas da salvação e vos opondes a todos os que querem entrar.

“Ai de vós, escribas e fariseus! Sois hipócritas! Abarcais o céu e a terra para fazer prosélitos e, quando conseguis, não vos contentais até torná-los duas vezes piores do que eram como filhos de pagãos.

“Ai de vós, sacerdotes e chefes principais! Dominais a propriedade dos pobres e exigis pesados tributos aos que querem servir a Deus. Vós, que não tendes misericórdia, podeis esperá-la do mundo vindouro?

“Ai de vós, falsos mestres! Guias cegos! Que se pode esperar de uma nação em que os cegos dirigem os cegos? Ambos cairão no abismo da destruição.

“Ai de vós, que dissimulais quando prestais juramento! Sois fraudadores! Ensinais que um homem pode jurar diante do Templo e romper seu juramento, mas o que jura diante do ouro do Templo permanecerá ligado. Sois todos cegos e loucos!...”

Jesus tinha ficado de pé. O ambiente carregado por aquelas verdades que todo mundo conhecia, mas ninguém se atrevia a proclamar em voz alta, e muito menos na presença dos dignitários do Templo, ficava cada vez mais tenso. Ninguém ousava sequer respirar. Os discípulos, cada vez mais acovardados, baixavam a cabeça ou observavam com temor os grupos de sacerdotes.

Mas o Nazareno parecia disposto a tudo.

– ... Nem sequer sois consequentes em vossa desonestidade. Quem é o maior? O ouro ou o Templo?

“Ensinais que jurar diante do altar não significa nada para um homem. Mas se alguém jura diante da oferenda que está na frente do altar, então permanece como devedor. Sois cegos à verdade! Que é maior? A oferenda ou o altar que santifica a oferenda? Como podeis justificar tanta hipocrisia e desonestidade?

“Ai de vós, escribas e fariseus! Vós vos assegurais de que tragam dízimos, menta e cominho, mas, ao mesmo tempo, despreocupai-vos dos assuntos mais importantes da fé, misericórdia e justiça. Com razão deveis fazer uma coisa, mas sem esquecer a outra. Sois certamente mestres cegos e surdos! Espantais os mosquitos e engolis o camelo...”

“Ai de vós, escribas, fariseus e hipócritas! Sois escrupulosos no limpar a parte exterior da taça e das fontes, mas no interior permanece a imundície da extorsão, dos excessos e da decepção. Sois espiritualmente cegos. Reconhecei comigo que seria melhor limpar primeiro o interior da taça. Então, o que transbordasse dela limparia o exterior. Malvados réprobos! Fazeis que os atos exteriores de vossa religião estejam conforme a letra, enquanto vossas almas estão empapadas de iniquidades e assassinatos!

“Ai de vós todos, que rechaçais a verdade e desdenhais a misericórdia! Muitos de vós sois como sepulcros caiados. Por fora parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos humanos e impurezas. Ainda assim, vós que repelis deliberadamente o conselho de Deus, apareceis diante dos homens como santos e retos, enquanto por dentro vossos corações estão inflamados pela hipocrisia.

– “Ai de vós, falsos guias da nação! Ao longo dos tempos construístes um monumento aos profetas martirizados pelos antigos e agora conspirais para destruir aquele de quem eles falaram. Adornais as tumbas dos justos e elogiáis a vós mesmos, dizendo que se houvésseis vivido nos tempos de vossos pais não teríeis matado os profetas. E com esse pensamento tão reto, vós vos preparais para assassinar aquele de quem falaram os profetas: o Filho do Homem. Adiante, pois, e enchei até a borda a taça de vossa condenação!

“Ai de vós, filhos do pecado! João vos chamou de os rebentos das víboras. E eu me pergunto: como podeis escapar ao juízo que João fez sobre vós?”

O Nazareno ficou alguns segundos em silêncio, enquanto os membros do Sinédrio – vermelhos de ira – iam tomando notas nos rolos ou “livros” que costumavam trazer nos braços. Aquele fato trouxe-me à mente outra realidade que, como vinha comprovando, teria resultados lamentáveis. Nenhum dos apóstolos ou seguidores de Jesus tomava uma só nota daquilo que o Mestre fazia e principalmente do que ele dizia. Dada a multiplicidade dos ensinamentos do rabi da Galileia e de sua considerável extensão – como o discurso que pronunciava naquele momento –, seria quase impossível que suas palavras pudessem ser recolhidas no futuro na íntegra e com total fidelidade. Era uma pena que nenhum daqueles homens se tivesse proposto à importantíssima missão de ir recolhendo as práticas e os feitos de que o Nazareno foi protagonista. Naquela mesma noite, no acampamento do monte das Oliveiras, eu teria a ocasião de comprovar que não estava equivocado em minhas apreciações pessoais...

– Mas eu vos ofereço, em nome de meu Pai, misericórdia e perdão. Até mesmo agora – acrescentou Jesus em tom mais suave e conciliador –, eu vos ofereço minha mão. Meu Pai vos enviou os profetas e os sábios. Aos primeiros, vós os matastes; aos segundos, vós os perseguis. Então apareceu João, proclamando a vinda do Filho do Homem, e vós o destruístes, ainda que muitos acreditassem em seus ensinamentos. Compreendeis que chegará um dia terrível, em que o Juiz de toda a terra vos pedirá para prestar contas pela forma com que tendes rechaçado, perseguido e destruído esses mensageiros do céu? Compreendeis que deveis

prestar contas de todo esse sangue honrado, desde o do primeiro profeta, assassinado nos tempos de Zacarias entre o Santuário e o altar? E vos digo mais: se prosseguirdes com essa conduta impiedosa, essa conta poderá ser exigida até mesmo desta geração que aqui está.

“Ó Jerusalém e filhos de Abraão! Vós apedrejastes os profetas e assassinastes os mestres, mas mesmo agora eu reuniria vossos filhos como a galinha reúne seus pintinhos sob as asas... Mas não quereis!...”

“Agora eu vos irei deixar. Ouvistes minha mensagem e tomastes vossa decisão. Aqueles de vós que acreditaram no meu Evangelho estarão salvos. Os que escolheram repudiar a oferta de Deus, não me verão mais ensinar no Templo. Meu trabalho está feito.

“Tende cuidado agora! Eu parto com meus filhos e vossa casa ficará desolada...”

As cruas denúncias de Jesus de Nazaré haviam fechado as portas à reconciliação com os dirigentes do Sinédrio e da classe sacerdotal. Ao concluir suas candentes palavras, o Mestre ordenou a seus discípulos que o seguissem, e todos saímos do Templo, rumo ao acampamento no monte das Oliveiras. Mas no ambiente da Cidade Santa ficou flutuando uma pergunta: “Que sorte aguardava o rabi da Galileia?”.

Quando nos dispúnhamos a sair, um dos doze, Mateus, lembrando-se da profecia de seu Mestre no cume do monte das Oliveiras, aproximou-se de Jesus e, apontando os pesados silhares da muralha do Templo, comentou com visível incredulidade:

– Mestre, observa de que forma está construída esta muralha. Vê as pedras maciças e os formosos adornos. Como é possível que estas edificações venham a ser destruídas?

O rabi, sem diminuir sua marcha pelas ruas da cidade, rumo à porta da Fonte, respondeu:

– Vedes estas pedras e este Templo maciço? Pois em verdade vos digo que chegarão dias muitos próximos em que não restará pedra sobre pedra. Todas serão postas abaixo.

E o gigante ficou em silêncio. O resto do grupo entregou-se então a intermináveis polêmicas, considerando que era muito difícil que aquela fortaleza pudesse ser destruída. “Nem o fim do mundo – chegaram a especular alguns apóstolos – poderá fazê-lo.”

O dia caminhava já para o ocaso e Jesus, procurando evitar os grandes grupos de peregrinos que iam e vinham pelo vale do Cedron, sugeriu a seus discípulos que deixassem o caminho que conduzia a Betânia e tomassem um dos atalhos da encosta sul do monte das Oliveiras, na direção norte.

Ao atingirmos um dos pontos altos, Jerusalém surgiu de repente à nossa esquerda, majestosa e banhada em ouro pelos últimos raios solares. No Santuário e nas ruelas haviam começado a ser acesas as primeiras candeias de azeite.

Aquele espetáculo fez o grupo parar, enquanto um dos discípulos, apontando a Cidade Santa, perguntava a Jesus:

– Diz-nos, Mestre, como saberemos que esses acontecimentos estão a ponto de ocorrer?

O grupo acabou sentando-se sobre o relvado e o rabi, de pé, sem pressa, foi dizendo:

– Sim, eu vos contarei sobre os tempos em que esta gente terá enchido a taça de sua iniquidade e a justiça caíra sobre esta cidade de nossos pais... Estou prestes a vos deixar. Vou ao meu Pai. Quando vos deixar, tomai cuidado para que nenhum homem vos engane. Muitos virão como libertadores e levarão muitos para o mau caminho. Quando ouvirdes rumores sobre guerras, não vos consterneis. Ainda que tudo isso ocorra, o fim de Jerusalém ainda não terá chegado. Tampouco vos deveis preocupar quando fordes entregues às autoridades civis e perseguidos por causa do Evangelho...

Os apóstolos se entreolharam com o medo refletido em seus semblantes.

– ... Sereis banidos da sinagoga e feitos prisioneiros por minha causa. E alguns de vós morrerão. Quando fordes levados diante de governadores e dirigentes, será como testemunho de vossa fé e para que mostreis firmeza no Evangelho do reino. E quando estiverdes diante de juízes, não vos angustieis de antemão sobre o que deveis dizer: nesse mesmo momento, o espírito vos ensinará o que deveis responder a vossos adversários. Nesses dias de dor, até mesmo vossos parentes, manobrados por aqueles que repudiaram o Filho do Homem, vos entregarão à prisão e à morte. Por certo tempo, sereis odiados por minha causa. Mas mesmo nesse momento, não vos abandonarei. Meu espírito não vos deixará desamparados. Sede pacientes! Não duvideis de que o Evangelho do reino triunfará sobre todos os inimigos e, no devido tempo, será proclamado por todas as nações.

O Mestre ficou em silêncio, enquanto contemplava a cidade. E eu, sentado com os demais, fiquei maravilhado diante da precisão daquelas frases. Certamente, quarenta anos mais tarde, quando as legiões de Tito cercariam e assolariam Jerusalém, nenhum dos apóstolos seria encontrado na cidade. Não fossem eles advertidos pelo Mestre e provavelmente alguns tivessem perecido ou sido feitos prisioneiros.

O silêncio foi rompido por André:

– Mas, Mestre, se a Cidade Santa e o Templo vão ser destruídos, e se tu não estarás aqui para nos orientar, quando deveremos abandonar Jerusalém?

Jesus, então, procurou ser extremamente claro e preciso:

– Podeis ficar na cidade depois da minha ida, mesmo nesses tempos de dor e de amarga perseguição. Mas, quando finalmente virdes Jerusalém sitiada pelos exércitos romanos, após a revolta dos falsos profetas, nesse dia sabereis que a desolação terá chegado. Então vos deveis refugiar nas montanhas. E não deixeis que ninguém vos detenha nem que outros entrem. Haverá grande conturbação. Serão os dias de vingança dos pagãos. Quando tiverdes fugido da cidade, essa

gente insubordinada cairá sob o fio da espada dos estrangeiros. Entretanto, eu vos dou um aviso: não vos deixeis enganar. Se algum homem vos disser "Vede, este é o Libertador!", ou "Vede, aqui está ele!", não acrediteis. Aparecerão muitos falsos mestres e outros serão levados para o mau caminho. Não vos deixeis enganar. Lembrai que eu vos adverti com antecedência.

Como soaram sábias e proféticas aquelas palavras em meus ouvidos! Os apóstolos e discípulos não podiam sequer suspeitar da sublime realidade daquela profecia. Para qualquer um que tenha estudado, ainda que sumariamente, a invasão de Jerusalém pelos exércitos romanos, pouco antes da lua cheia da primavera do ano 70, a advertência do Mestre era simplesmente lapidar. Tal como acabava de anunciar o Galileu, Israel converteu-se, entre os anos 66 e 70, em um inferno. Na época, o partido dos zelotes, ou "fanáticos", armado até os dentes, acabou sublevando toda a comunidade judaica. Em maio do ano de 66, a guarnição romana foi atacada, em consequência de uma petição do governador Floro que exigia dezessete talentos do tesouro do Templo. Os judeus tomaram Jerusalém e proibiram o sacrifício diário em honra do Imperador. Aquilo esgotou a paciência de Roma, que enviou para Israel uma legião sob o comando do governador da Síria, Céstio Galo. Mas as revoltas incendiavam o país e os romanos se viram obrigados a retirar-se.

A nação judaica preparou-se para a guerra e fortificou sua cidade, tendo sido nomeado generalíssimo de seus exércitos aquele que depois seria historiador, Flávio Josefo.

Como consequência, Nero confiou três legiões a Tito Flávio Vespasiano, que, acompanhado de seu filho Tito, caiu sobre a Galileia, massacrando-a. Mas Nero se suicidou e Tito Flávio teve de regressar precipitadamente a Roma. Seu filho se encarregaria de concluir a grande vingança de Roma.

Os hebreus ficaram intimidados ao ver Jerusalém assediada por milhares de soldados pertencentes a 5ª, 10ª, 12ª e 15ª legiões, acompanhados de forças de cavalaria e tropas auxiliares, assim como de um pesado equipamento de assalto e demolição. No total, eram 80 mil homens, que, como profetizara Jesus no ano 30, foram tomando posições e sitiando a Cidade Santa. Jerusalém, repleta de peregrinos, foi submetida a fortes tensões internas e à loucura das súbitas aparições de "libertadores" que tentavam arrastar as massas. Mas, quando os homens de Tito iniciaram os ataques, os apóstolos de Jesus, recordando aquelas palavras pronunciadas pelo Mestre na tarde de 4 de abril do ano 30, uma terça-feira, em Jerusalém, já haviam escapado da cidade. Poucos meses depois, a artilharia romana, capaz de lançar a 185 metros de distância pedras que pesam um quintal, cerca de 60 quilos, arrasaria Jerusalém, não deixando pedra sobre pedra...

Pedro, apesar de sua boa vontade, não parecia compreender o que Jesus lhes anunciava. Por seus comentários, deduzi que associava aquela destruição ao "fim do mundo" e não à queda de Jerusalém. Sua pergunta ao rabi convenceu-me plenamente disso:

– Mas, Mestre – indagou Pedro –, todos sabemos que essas coisas se passarão quando os novos céus e a nova terra aparecerem. Como saberemos, então, que tu virás para trazer tudo isso?

O gigante olhou-o com infinita compaixão, percebendo que o impetuoso amigo não havia captado sua mensagem. E lhe disse:

– Pedro, sempre erras porque sempre tentas relacionar o novo ensinamento com o velho. Estás decidido a interpretar mal meu ensinamento. Insistis, vós todos, em interpretar o Evangelho de acordo com as vossas crenças estabelecidas. No entanto, procurarei explicar.

“Por que continuais aguardando que o Filho do Homem se sente no trono de Davi e esperais que se cumpram os sonhos materiais dos judeus? As coisas que agora apreciáis vão acabar e haverá novo começo a partir do qual o Evangelho do reino chegará a todo o mundo. Quando o reino chegar a ser plenamente construído, podeis estar seguros de que o Pai do céu não deixará de vos visitar. E, assim, meu Pai continuará manifestando sua misericórdia e mostrando seu amor, até mesmo a este mundo escuro e malvado. E, assim, depois que meu Pai me tenha investido de todo o poder e autoridade, eu também acompanharei vossos destinos e vos guiarei nos assuntos do reino com a presença de meu espírito, que prontamente será vertido sobre toda a carne. Estarei, portanto, presente entre vós em espírito, e prometo que um dia voltarei a esse mundo, no qual vivi esta vida carnal e tive a experiência de simultaneamente revelar Deus ao homem e levar o homem a Deus. Muito cedo hei de vos deixar para realizar a obra que o Pai me confiou, mas tende coragem: eu voltarei algum dia. Enquanto isso, meu espírito da Verdade vos confortará e guiará.”

Sem que eu esperasse, Jesus havia passado da profecia sobre a destruição de Jerusalém a um tema que me interessava profundamente e que eu já havia discutido com ele: sua segunda vinda à Terra. Assim, todos os meus sentidos se concentraram naquelas palavras, tão mal interpretadas – e mais mal transmitidas ainda – no futuro por seus seguidores.

– Agora me vedes na debilidade e na carne. Mas quando eu voltar – arrematou o rabi dirigindo seu olhar para mim –, será com poder e espírito. O olho da carne vê o Filho do Homem em carne, mas só o olho do espírito contemplará o Filho do Homem glorificado pelo Pai e surgindo na terra com seu próprio nome.

“Mas os tempos da reaparição do Filho do Homem apenas são conhecidos pelos ‘conselhos do paraíso’. Nem sequer os anjos sabem quando isso ocorrerá. Mas deveis compreender que, quando este Evangelho do reino tiver sido proclamado em todo o mundo, para salvação dos homens, e quando a plenitude da época houver chegado, o Pai vos enviará outra outorga de designação divina ou o Filho do Homem voltará para encerrar a época.”

Ao escutar aquelas revelações, fiquei perplexo. E fui tentado a tomar a palavra e perguntar a Jesus sobre esse misterioso ‘encerramento’ de uma época. No entanto, minha rigorosa condição de observador manteve-me à margem da

conversa.

– ... E agora, em relação à dor de Jerusalém, em verdade vos digo que nem esta geração passará sem que se cumpram minhas palavras. Quanto à nova vinda do Filho do Homem, ninguém na terra nem no céu pode pretender falar.

Como se houvesse lido meus pensamentos, o rabi prosseguiu:

– ... Deveis ser sábios de acordo com a maturidade de uma época. Deveis estar alerta para discernir os sinais dos tempos. Sabeis que, quando a figueira mostra seus tenros ramos e suas folhas crescem, o verão está próximo. Da mesma forma, quando o mundo houver superado o longo inverno da mentalidade material e assistirdes à vinda da primavera espiritual, então sabereis que é chegado o verão da minha nova visita.

De todos os ensinamentos do Nazareno, nenhum, em minha opinião, pareceu tão confuso quanto aquele para as mentes de seus apóstolos e simpatizantes. Quando se lê o que se escreveu – muitos anos depois de sua morte – a respeito dessa segunda vinda, assim como da destruição de Jerusalém, e quando se conhece – como eu conhecia então – o verdadeiro sentido do discurso de Jesus naquele entardecer de terça-feira, não se pode deixar de sentir uma grande desolação. Ao menos nessa parte, os Evangelhos canônicos foram pessimamente escritos. Mas, infelizmente, não iria ser essa a única passagem ignorada ou mal interpretada pelos evangelistas...

Uma lua quase cheia já se erguia no leste quando o grupo retomou a caminhada. Jesus, à frente, continuou pelo acidentado cume do monte das Oliveiras, sempre na direção do norte. Ao chegar às proximidades do acampamento público onde se haviam instalado os peregrinos procedentes da Galileia, o Mestre desviou-se para a direita, procurando evitar as tendas e a infinidade de fogueiras que se viam a curta distância, na ladeira oeste da colina. Evidentemente, o rabi não desejava um novo encontro com seus conterrâneos e amigos. Minutos mais tarde, quando estávamos diante do Santuário do Templo, começamos a descer para o Cedron, cruzando uma das veredas que levam de Jerusalém a Betânia. A escuridão não me permitia distinguir claramente os arredores, mas deduzi que não estava muito longe do “ponto de contato” onde repousava o módulo. (Talvez 1 mil ou 1.500 pés nos separassem de Eliseu.)

O grupo penetrou, então, em uma das muitas plataformas naturais que havia no sopé ocidental do monte das Oliveiras. Ainda que na manhã seguinte eu fosse explorar o terreno com maior facilidade, observei que se tratava de um platô de uns sessenta a oitenta metros de comprimento por trinta ou quarenta de largura, perfeitamente cercado por uma mureta de pedra de apenas um metro de altura. Em um dos lados do retângulo e muito próximo à cancela de entrada, distingi uma enorme cuba de pedra de um metro e meio de altura. Ao fundo, indistintas na escuridão, alinhavam-se algumas oliveiras de grossos e tortuosos troncos.

Jesus e os discípulos dirigiram-se diretamente para a direita do olival. Poucos passos além e aproveitando o muro, os homens do Nazareno haviam montado duas

rudimentares tendas ou albergues. Várias peças de lona, presas à base de cordas, formavam o teto. Mediam uns quatro metros de profundidade por três de largura e estavam escoradas por dois rugosos ramos de conífera na parte frontal e por um terceiro no centro da tenda. O teto terminava no cercado de pedras. As laterais, por sua vez, eram formadas por lonas e peles de cabra, pessimamente costuradas umas às outras. A entrada, de uns dois metros de altura, sobre o terreno avermelhado e poeirento, carecia de proteção.

À luz da fogueira que se erguia diante dos dois refúgios, pude observar que o solo das tendas havia sido recoberto com mantos e esteiras. Ao fundo, percebi algumas silhuetas, que supus serem apetrechos de cozinha. Mas, como disse, a escuridão era tão densa que preferi deixar para o dia seguinte um melhor reconhecimento do terreno e de tudo aquilo que formava aquele horto, propriedade do velho Simão, "o leproso".

O reencontro com os demais discípulos ergueu o baixo ânimo dos homens que acompanhavam Jesus. E de repente nos vimos sentados em volta do fogo. A temperatura havia baixado demais e os apóstolos, apertados uns contra os outros, haviam se envolvido em seus pesados roupões. Ali, entre os reflexos avermelhados dos ramos de noqueira e figueira (dos quais Felipe, o encarregado do abastecimento, havia feito abundante provisão), cintilando sob um céu estrelado, conheci pela primeira vez um rapazinho de doze ou treze anos, de cabeça raspada e acentuadas olheiras, que não pronunciava uma só palavra e seguia as pregações do Mestre com um interesse e uma devoção que eu não vira ainda até aquele momento. Seu nome era João Marcos e ele iria ter um importante papel nas horas seguintes da quinta-feira.

A conversa de Jesus com os apóstolos, enquanto regressávamos ao acampamento de Getsêmani, foi imediatamente lembrada pelos discípulos. Muito a contragosto de Jesus, o assunto de sua partida não tardou a ser ventilado por metade daqueles homens rudes e lentos de pensamento. Tomé, tomando a palavra, dirigiu-se ao Mestre e perguntou-lhe:

– Posto que vais voltar para terminar o trabalho do reino, qual deve ser nossa atitude enquanto estiveres fora, nos assuntos do Pai?

Jesus, sentado do outro lado da fogueira, espevitava o fogo com um pedaço de pau. As altas chamas davam a seu rosto uma estranha majestade. Com invejável paciência, o Nazareno fitou Tomé por cima das labaredas e respondeu-lhe:

– Nem tu, Tomé, consegues compreender o que venho dizendo. Não vos ensinei que vossa relação com o reino é espiritual e individual? Que mais devo dizer? A queda das nações, a ruptura dos impérios, a destruição dos judeus descrentes, o fim de uma época e mesmo o fim do mundo, que tem tudo isso a ver com alguém que crê neste Evangelho e que assegurou a proteção de sua vida na segurança do reino eterno? Vós todos que conheceis Deus e acreditais no Evangelho já recebestes a segurança da vida eterna. Uma vez que vossas vidas estão nas mãos do Pai, nada vos deve preocupar. Os cidadãos dos mundos celestiais, os

construtores do reino, não devem se preocupar com os abalos temporais ou se perturbar com cataclismos terrestres. Que vos importa que as nações desapareçam, as épocas acabem ou todas as coisas visíveis caiam, se sabeis que vossa vida é um presente do Filho e está eternamente segura no Pai? Tendo vivido a vida temporal com fé e tendo entregue os frutos do espírito como prova de serviço por vossos semelhantes, podeis olhar adiante com confiança.

“Cada geração de crentes deve levar adiante sua obra com vistas ao possível retorno do Filho do Homem, exatamente como cada crente em particular leva adiante sua vida com vistas à inevitável e sempre iminente morte natural. Quando vos tiverdes estabelecido como Filhos de Deus, nada mais vos deve preocupar. Mas não vos equivoqueis! Esta fé viva evidencia cada vez mais os frutos daquele divino espírito que foi iluminado pela primeira vez no coração humano. O fato de haverdes aceitado ser filhos do reino celestial não vos poupará de conhecer o repúdio persistente dessas verdades que têm a ver com os progressivos frutos espirituais dos filhos encarnados de Deus. Vós, que haveis estado comigo nos assuntos do Pai na Terra, podeis até abandonar agora este reino. Se virdes que não vos agrada a forma de a humanidade servir ao Pai, como indivíduos e como crentes, ouvi enquanto vos conto uma parábola...

Sem querer, ao escutar aquelas últimas frases de Jesus, dirigi meu olhar para Judas Iscariotes. O homem que em seu coração já havia desertado seguia as palavras de seu Mestre com uma frieza que me assombrou.

– ... Houve certo homem – prosseguiu o Nazareno – que, antes de partir para uma longa viagem a outro país, chamou cada um de seus servidores de confiança e a eles entregou todos os seus bens. A um, deu-lhe cinco talentos,⁸⁵ a outro, dois, ao terceiro, um. Aos três confiou seus bens de acordo com suas diferentes habilidades. Quando o senhor partiu, seus servidores começaram a trabalhar para tirar benefícios da fortuna que lhes havia sido confiada. Imediatamente, o que recebera cinco talentos passou a comerciar com o capital e rapidamente auferiu um lucro de outros cinco talentos. De igual modo, o que havia recebido dois talentos ganhou logo outros dois. E assim fizeram os servidores, com exceção do terceiro. Este saiu, fez um buraco na terra e ali escondeu o talento. Mas o amo voltou inesperadamente e chamou seus servidores. O que havia recebido cinco talentos adiantou-se até seu senhor e, entregando-lhe os dez talentos, disse-lhe: “Senhor, deste-me cinco talentos e me apraz apresentar-te outros cinco”. Disse-lhe então o senhor: “Bem trabalhado, fiel e bom servidor; eu te farei capataz de muitos”. O que havia recebido dois talentos avançou e disse: “Senhor, entregaste em minhas mãos dois talentos. Vê, ganhei outros dois”. E disse-lhe o amo: “Bom trabalho, leal servidor. Tu também foste fiel e agora te darei um posto acima dos outros”. Por último, chegou o que havia recebido um só talento. “Senhor”, disse, “eu te conhecia e percebi que eras um homem astuto porque esperavas lucros quando tu, pessoalmente, não havias trabalhado. Por isso eu temia arriscar o que me havias confiado. Guardei teu dinheiro a salvo na terra e aqui está ele. Agora tens o que te

pertence". Mas seu senhor respondeu: "És um criado indolente e incapaz. Por tuas próprias palavras confessas que sabias que eu iria pedir prestação de contas de um lucro razoável, como teus companheiros fizeram. Sabendo disso, deverias ao menos ter colocado meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, para que, na minha volta, eu pudesse recobrar meu dinheiro com algum rendimento".

"E então o senhor disse ao chefe dos criados: 'Tira o talento deste servidor e o entrega ao que tem dez'.

"A todo aquele que tem, lhe será dado muito mais e ele terá abundância. Mas, ao que não tem, até o pouco que tenha lhe será tirado. Não vos podeis conservar omissos nos assuntos do reino eterno. Meu Pai exige que todos os seus filhos cresçam na graça e no conhecimento da verdade. Vós, que conheceis essas verdades, deveis incrementar os frutos do espírito e manifestar uma devoção crescente no generoso mister de servir a vossos companheiros. E recordai que o que derdes ao mais humilde de meus irmãos o tereis feito a meu serviço.

"E assim deveis fazer a obra do Pai, agora e mais adiante. Continuai até que eu venha.

"A verdade é a vida. O espírito da verdade sempre dirige os filhos da luz para novos reinos de realidade espiritual e serviço divino. A verdade não vos é dada para que a cristalizeis em formas feitas, seguras e honoráveis.

"Que pensarão as gerações futuras daqueles depositários da verdade se elas os ouvirem dizer: 'Aqui, Mestre, está a verdade que nos confiaste há centenas ou milhares de anos. Não perdemos nada dela. Preservamos fielmente tudo que nos deste. Não permitimos mudanças no que nos ensinastes. Aqui está a verdade que nos deste?'.

"Livramento haveis recebido. Portanto, livremente deveis dar a verdade do céu. Em verdade, em verdade vos digo que então essa verdade se multiplicará e irradiará nova luz. Até mesmo quando vós mesmos a administreis."

Já bem entrada a noite, o grupo levantou-se e dividiu-se entre as tendas. Jesus, porém, ficou só, em frente à figueira, imerso em pensamentos. Eu me instalei ao pé de uma das velhas oliveiras, envolvido em meu manto. E antes que o Nazareno se retirasse para descansar em uma das tendas, o sono acabou dominando-me.

69 Em uma posterior conexão com Eliseu, nosso computador central confirmou que os figos e as tâmaras proporcionavam ao povo judeu o maior índice de açúcar. Geralmente eram postos para secar e depois armazenados em forma de tortas. Esse "pão de figos" era usado até como fármaco para curar úlceras. "Papai Noel" ampliou minha informação, acrescentando que aquela torta de figos que havia sido oferecida a Jesus poderia ser composta pela variedade chamada de "figo de sicômoro", muito frequente na Palestina do século I. Esse fruto sofria uma punção quando ainda estava na árvore, para apressar sua maturação. (N. do M.)

70 Aquele grupo era partidário da dinastia de Herodes e tinha, entre outras, a missão de denunciar à autoridade romana qualquer movimento ou ataque, mesmo verbal, contra César. (N. do M.)

71 O denário de prata era a moeda de curso legal naquele tempo. Segundo "Papai Noel", equivalia a pouco menos que o soldo de dois dias de um soldado romano. Nos tempos de César, o estipêndio anual de um soldado romano era de 150 denários. Augusto lhe adicionaria um sobressoldo que o elevava a 22 denários de prata, ou 5.400 asses. Essa importância foi confirmada por Tácito em tempos de Tibério (Ann 1, 17: denis in diem assibus animan et corpus aestimari). Os centuriões, por sua vez, cobravam 2.500 denários/ano, e os chamados primi ordines, 5

mil. (N. do M.)

72 "Sumo Pontífice" e "Salve, Divino Tibério César Augusto", respectivamente. As inscrições estavam abreviadas. Na realidade, deveriam ser gravadas assim: "Pontifex Maximus" e "Ave Augustus Tiberius Caesar Divinus". (N. do M.)

73 O computador central do módulo proporcionou-me naquele mesma noite uma extensa e exaustiva informação sobre esse curioso tipo de casamento. A tradição oral hebraica – recolhida da Misná (ordem terceira), na parte dedicada às yebamot, ou cunhadas, segundo as leis contidas no Deuteronômio (25,5-10) – estabelecia que, quando os irmãos habitassem um com outro e um deles morresse sem deixar filhos, a mulher do morto não se casaria com um estranho: "seu cunhado irá a ela e a tomará por mulher". O primogênito que dela tenha levará o nome do irmão morto, "para que seu nome não desapareça de Israel". Se o irmão se negasse a tomar por mulher a cunhada, esta se dirigiria aos anciãos e lhes diria: "Meu cunhado nega-se a perpetuar em Israel o nome de seu irmão; não quer cumprir sua obrigação tomando-me por mulher". Os anciãos da cidade o chamariam e falariam com ele. Se persistisse na negativa, sua cunhada se aproximaria dele na presença dos anciãos, tiraria um sapato do pé dele e lhe cuspiria na cara, dizendo: "Isto se faz com um homem que não mantém a casa de seu irmão". E sua casa seria chamada em Israel "a casa do descalçado". Esse matrimônio, que era obrigatório, denominava-se yibbum, quer dizer, de levirato (de levir: cunhado). Quando a cunhada ficava com sucessão, esse matrimônio era proibido. A partir da chamada "cerimônia do sapato", a viúva ficava livre para se casar com quem quisesse.

Com o passar dos séculos, essa norma foi se perdendo e nos tempos de Jesus quase não era praticada, guardando, na melhor das hipóteses, um caráter puramente simbólico ou de trâmite legal. (N. do M.)

74 Diz o citado texto bíblico: "Falou Jeová a Moisés assim: Fala aos filhos de Israel e diz-lhes: se a mulher de um fornicar e lhe for infiel, dormindo com outro em concúbite de sêmen, sem que o marido tenha visto, nem haja testemunhas por não haver sido achada no leito, e se se apoderar do marido o espírito dos ciúmes e tiver ciúmes dela, tenha ela se manchado em realidade ou não, ele a levará ao sacerdote e oferecerá por ela uma oblação da décima parte de um efá de farinha de cevada, sem derramar-lhe azeite nem pôr-lhe incenso, porque é minjá de ciúmes, minjá de memória para trazer o pecado à memória. O sacerdote fará que se aproxime e esteja diante de Jeová, tomará a água santa em uma vasilha de barro e, colhendo um pouco de terra do solo do Tabernáculo, a colocará na água. Em seguida, o sacerdote, lhe descobrirá a cabeça e lhe colocará nas mãos a minjá da memória, a minjá dos ciúmes, tendo na mão a 'água amarga' da maldição, e fazendo a mulher ficar diante de Jeová a conjurará, dizendo: 'Se ninguém dormiu contigo e se não te transviaste, contaminando-te e sendo infiel a teu marido, sejas indene à água amarga da maldição; mas se te transviaste e foste infiel a teu marido, contaminando-te e dormindo com outro' – aqui o sacerdote a conjurará com o juramento da execração –, 'bebe, e que teu ventre inche, entre esta água da maldição em tuas entranhas, para fazer que teu ventre inche e teus músculos apodreçam'. A mulher responderá: 'Amém, amém!'. O sacerdote escreverá essas maldições em uma folha e a diluirá na água amarga, e fará a mulher beber a água amarga da maldição. Depois tomará da mão da mulher a minjá dos ciúmes e a agitará diante de Jeová e a levará ao altar; e tomará um punhado da oferenda da memória e o queimará no altar, fazendo depois a mulher beber a água. Dará de beber a ela a água; e se ela se houver contaminado, tendo sido infiel a seu marido, a água da maldição entrará nela com sua amargura, seu ventre inchará, seus músculos secarão e ela será maldita no meio de seu povo. Se, ao contrário, não se contaminou e é pura, ficará ilesa e será fecunda... Assim o marido ficará livre de culpa e a mulher carregará sobre si seu pecado". (N. do M.)

75 "Papai Noel", nosso computador, completou minha informação sobre as "águas amargas" acrescentando que já no Código de Hamurabi existia um precedente similar. Se uma mulher se tornasse suspeita de adultério, seria lançada na corrente do Eufrates. Se saísse com vida, seria considerada inocente. Se perecesse, sua culpa estaria evidenciada. (N. do M.)

76 A mulher judia só teria direito a pedir divórcio se o marido exercesse uma destas três profissões: coletor de excrementos de cachorro, fundidor de cobre, ou curtidor (escrito rabínico Ketubot VII, 10^s). E isso se devia unicamente ao mau cheiro produzido por essas atividades. A Lei estipulava também que a esposa podia solicitar o divórcio se, a partir dos treze anos, o marido a obrigasse a fazer votos, abusando de sua dignidade, ou se ele padecesse de lepra ou pólipos. (N. do M.)

77 Um log, medida utilizada para líquidos e grãos, equivalia a meio litro, aproximadamente. (N. do M.)

78 Um efá, medida de capacidade hebraica, equivalia a 72 log. Nesse caso, a Bíblia mandava que se oferecesse um décimo de efá, ou seja, 7,2 log ou, o que dá no mesmo, uns 3.600 gramas aproximadamente. (N. do M.)

79 Esse sulfeto, diferentemente do chamado "sulfeto vermelho de arsênico", abundante na Boêmia, era fácil de encontrar na Pérsia. Daí que os israelitas pudessem ter melhor acesso ao "amarelo". Ambos, todavia, reúnem características parecidas, como o fato de serem solúveis em soluções alcalinas. O "amarelo", porém, por conter em potencial o citado anidrido arsenioso, é no fundo muito mais tóxico do que o "vermelho". Era também muito

mais comum no comércio daquela época, sendo conhecido até por Teofrasto, que viveu trezentos anos antes de Cristo. (N. do M.)

80 O carbonato de potássio, em especial, é fortemente alcalino no contato com a água, gozando, além disso, de grande poder cáustico e corrosivo, o que pode concorrer para a melhor desintegração das lâminas de sulfeto de arsênico e para a dissolução da tinta. (N. do M.)

81 Contrariando a crença popular, o ácido arsenioso não tem sabor amargo, mas ligeiramente açucarado. (N. do M.)

82 Ainda que os gregos e os romanos conhecessem as variedades do sulfeto de arsênico nativo, parece que não se teve conhecimento do ácido arsenioso – ao menos na Europa – antes da época de Geber (século IX). Embora já citado por Paracelso, só foi bem definido quanto a suas propriedades e natureza em 1732, pelo famoso alquimista Brand. (N. do M.)

83 O professor E. Kochva, do Departamento de Zoologia da Universidade de Tel Aviv, manifestou-se também de acordo com esta última hipótese. Se as mucosas que protegem as paredes internas do trato intestinal forem rompidas, as “águas amargas” podem converter-se em veneno ativo. (N. do M.)

84 Em sua obra Guerra dos Judeus, Flávio Josefo, de fato, fala desse aqueduto, que constituiu outro dos graves erros de Pôncio Pilatos. Sem o menor tato político, o governador mandou utilizar o tesouro que os judeus chamavam de “Corbonão” para trazer a água. Aquilo provocou uma revolta, mas Pilatos atuou com energia, ordenando que seus soldados espancassem os manifestantes, o que deu lugar a uma grande mortandade. Recentes descobertas arqueológicas demonstraram que o aqueduto ia até o posteriormente denominado monte dos Francos, nas cercanias de Belém. (Nesse monte assentava-se a fortaleza de Herodes.). (N. do M.)

85 Dependendo das naturais oscilações financeiras, um talento podia equivaler a 3 mil siclos de prata (cerca de 12 mil denários de prata). Os oito talentos, portanto, eram uma considerável fortuna. (N. do M.)

5 de abril, quarta-feira

Pouco antes que as madrugadoras andorinhas despertassem o acampamento com seus negros e ágeis voos, Eliseu já me havia alertado, por meio da comunicação auditiva, da aproximação do amanhecer.

– O “berço” registra nove graus centígrados. Ligeira redução da umidade relativa... Parece que a intensidade do vento aumentou. Preveem-se algumas rajadas de vinte a quarenta nós, especialmente durante a tarde...Boa sorte!

Eliseu não estava equivocado. Aqueles primeiros momentos do dia me pareceram especialmente frios. O azul-celeste de meu manto estava salpicado por uma infinidade de gotículas de orvalho. O mesmo acontecia com a escassa erva que conseguia despontar ao pé de algumas oliveiras.

À medida que o dia foi clareando, um distante e misterioso ruído, como de castanholas, começou a intrigar-me. Parecia nascer em alguma parte do fundo do acampamento em que eu estava. Levantei-me e, depois de dar uma olhada em todo o campo, verifiquei que tudo estava calmo. Os discípulos dormiam no interior das tendas. Outros, envoltos em seus roupões, descansavam ao pé do muro de pedra, ou, como eu fizera, sob o primeiro renque de oliveiras. Diante dos albergues, na pequena clareira existente na entrada do horto, distinguam-se as cinzas da fogueira. O Mestre, supus, devia estar dormindo.

Mas aquele castanholar continuava enchendo a cada vez mais luminosa manhã e quebrando o silêncio de Getsêmani. Não hesitei mais. Tomei a “vara de Moisés” e me dirigi ao interior do horto, seguindo o cercado de pedras. A propriedade de Simão, vizinha a Betânia, era dedicada exclusivamente ao cultivo das oliveiras. A partir do lugar onde haviam sido instaladas as tendas, o terreno ia se elevando ligeiramente. Ao chegar ao fundo do horto, eu havia contado meia centena de velhas oliveiras, alinhadas de quatro em quatro. Algumas daquelas árvores impressionaram-me por sua envergadura. Uma delas, em especial, devia ter oito metros de circunferência. De seus nodosos e tortuosos troncos, fluía e escorria em pequenos filamentos uma substância pardo-avermelhada, que brilhava ao incipiente sol que já avançava por detrás do cume do monte das Oliveiras.

Os últimos metros do retângulo que constituía o horto das Oliveiras, onde iria acontecer a famosa oração de Jesus, formavam uma elevação mais acentuada. E agora o misterioso ruído havia se tornado mais claro e intenso. Deixei para trás o olival e, pouco mais de dez metros à frente, surgiu diante dos meus olhos uma massa pétreia de uns cinco metros de altura, com uma entrada mais larga que alta (tive de me inclinar para penetrar nela), que conduzia ao interior de uma gruta natural. Diante da caverna notavam-se outras formações de calcário branco, muito

erodidas pela chuva pelo vento. A presença da massa rochosa e das pedras – de escassos trinta ou quarenta centímetros de altura – que ocupavam aquele extremo do horto explicavam por que Simão não havia podido aproveitar a divisa norte da cultura das oliveiras. À direita da gruta, bem junto à rocha, crescia uma árvore corpulenta. Quando ergui a vista, o insólito castanholar foi explicado. Tratava-se de uma canafístula. Aquele bonito exemplar, muito parecido com a noqueira, estava sendo sacudido sem cessar pelo vento, e seus longos frutos, ao chocarem-se entre si, emitiam o ruído característico das castanholas. Entre a árvore e a mureta de pedra, na face leste da gruta, descobri uma pequena plantação de gálbano e tragacanto, ambos de reconhecidas virtudes medicinais.

A gruta, praticamente sumida na escuridão, tinha uns dezenove metros de profundidade por dez de largura. Seu teto, muito baixo na entrada, elevava-se bastante no interior. As paredes haviam sido caiadas. Em uma das laterais, a voltada para o leste, viam-se dois prolongamentos ou grutas menores. Numa delas, havia uma prensa de madeira, destinada, sem dúvida, à trituração da azeitona, a julgar pelos restos de azeite, já meio ressecados, e pelo odor que impregnava ainda o interior da prensa. Uma longa viga, que fazia as vezes de braço de prensa, incrustava-se em uma pequena cavidade localizada a pouco mais de um metro dali, na parede sul da gruta.

Ao fundo, do lado norte, sobre uma esteira, descansavam vários sacos. Dois deles continham trigo e os demais, figos secos, legumes de diferentes espécies, cebolas, alhos-poró, alhos etc. (Depois soube que se tratava das provisões que Felipe havia comprado na manhã do dia anterior e constituíam a dieta básica dos homens do acampamento.)

Inspecionei também a parte externa da gruta, observando que na parte norte, no extremo oposto à entrada, havia sido construída uma canaleta que descia até uma espécie de pia de depuração. Simão havia escavado o cume de uma enorme rocha para aproveitar as águas de chuva que escoavam pela canaleta até a pia. Dali, uma vez filtrada, a água era acumulada em uma concavidade inferior, existente também na rocha.

Satisfeita minha curiosidade, retornei ao acampamento, acompanhando desta vez o muro ocidental. Ao chegar à entrada do horto, algumas das mulheres do grupo de Jesus já trabalhavam em torno de um fogo incipiente. Enquanto duas delas moíam trigo, preparando a farinha, outras carregavam água para encher várias bacias. À direita da cancela, junto ao muro, via-se uma grande cuba de pedra, que eu já notara na noite anterior. Era uma velha azenha, ou moinho de azeite, de uns quatro metros de diâmetro, perfeitamente circular e com um parapeito de oitenta ou noventa centímetros de altura. Estava vazia. Um pesado e enegrecido tronco, encaixado por uma das extremidades em um nicho aberto no muro de pedra, descansava no centro geométrico da cuba. Aquela viga era provida de grandes lajes circulares e planas, presas à segunda extremidade por grossas cordas que as atravessavam por diferentes orifícios centrais. Pelo que pude deduzir,

quando o moinho se enchia de azeitonas, esse enorme peso na ponta do tronco deveria atuar como prensa, triturando os frutos. No fundo da cuba amontoavam-se também grandes cabaças de esparto, utilizadas, possivelmente, para o transporte das azeitonas.

Ainda estava inspecionando a cuba quando, por volta das sete, vi surgir na claridade Jesus de Nazaré. Era o primeiro a abandonar a tenda destinada aos homens. Fiquei quieto. O gigante havia tirado o manto e estava descalço. Caminhou para a fogueira, saudou as mulheres e aproximou do fogo as palmas das mãos, para aquecê-las. Depois, levantando o rosto para o azul do céu, fechou os olhos e inspirou profundamente. Sua pele bronzeada iluminou-se sob a carícia daqueles tíbios raios solares.

Uma das mulheres tirou o Mestre daquele momento aprazível, avisando-lhe que a bacia de barro com água para sua higiene já estava pronta. Jesus respondeu à discípula com um sorriso e, com toda a naturalidade, tirou sua túnica branca pela cabeça. Sob aquela veste, o rabi cobria apenas as nádegas e o baixo-ventre. A cobertura era uma espécie de tanga, também branca, de confecção simples, possivelmente de algodão, de uns trinta centímetros de largura, costurada em uma das extremidades a um cordão que envolvia a cintura e a ela se fixava com um nó. Essa parte (a que era costurada ao delgado cinto) caía cobrindo as nádegas e depois passava entre as pernas, para terminar em outros dois cordões mais curtos, cada um preso em uma extremidade do pano. Esta última faixa era fixada com um nó ao cordãozinho da cintura, ocultando os genitais e parte do ventre.

Uma vez despido, o Galileu ajoelhou-se junto à larga bacia, introduziu suas mãos na água e começou a banhar o rosto, o peito, as axilas e os braços. Em questão de segundos, aquele corpo musculoso – sem um grama de gordura – ficou todo coberto pela água. Em seguida, o gigante apanhou uma pastilha quadrangular, de cor clara, e começou a esfregar-se com energia. Logo apareceu uma débil espuma branca.

Quando o Mestre considerou que estava suficientemente ensaboado, inclinou-se de novo sobre a bacia e enxaguou-se. Minutos mais tarde, Jesus se levantou, e a mesma mulher que o servira entregou-lhe um lenço, muito parecido com o que eu havia visto na casa de Lázaro e com o qual Marta havia enxugado minhas mãos e meus pés. Jesus apanhou aquela espécie de toalha e enxugou o corpo. Ao concluir, deitou a cabeça para trás, sacudindo os cabelos. Mas, antes de vestir novamente a túnica, estendeu os braços e a mulher verteu-lhes nas palmas das mãos gotas de um líquido oleoso.⁸⁶ E, como era costume na época, o Nazareno esparramou a essência pelas axilas, pescoço, torso e cabelos, e só depois se vestiu. Por último, arregaçando a túnica, entrou na bacia para lavar os pés.

Enquanto Jesus acabava de calçar suas sandálias de cordões de couro, Felipe, André e outros discípulos saíam da tenda. Nesse instante, vi aparecer no acampamento o pequeno João Marcos, que carregava uma cesta. Sem palavras, o rapaz entregou a cesta a uma das mulheres e depois sentou-se junto à fogueira.

Seus olhos não perdiam o Mestre de vista.

Alguns dos apóstolos imitaram o Mestre e, depois de se lavarem, ocuparam também um lugar ao redor do fogo, prontos para o desjejum.

As mulheres começaram a distribuir leite quente. Uma delas retirou o pano que cobria a cesta de João Marcos e, com alegria, apontou aos discípulos dois grandes pães. Felipe os pegou, partiu em fatias e os foi repartindo. Eu aproveitei aqueles momentos para me aproximar da bacia onde o Mestre e seus homens haviam-se lavado e examinei a pastilha quadrada de sabão. Ao cheirá-la, percebi logo um gratíssimo perfume de alecrim. Uma das mulheres, ao me ver tão interessado no sabão, aproximou-se e, com uma gargalhada, advertiu-me:

– Jasão, isso não se come...

A boa mulher não se importou em descrever-me como se confeccionava aquele sabão. Quando não dispunham de sebo, utilizavam tutano de vaca. Uma vez diluído em água quente o componente básico, misturavam-lhe azeite e acrescentavam essência de alecrim, como nesse caso, ou outros perfumes, tais como o tomilho, a flor de laranjeira ou o sumo do limão. Depois, tudo era uma questão de verter o líquido em rudimentares moldes de madeira ou ferro e esperar. Quando o grupo tinha tempo e dinheiro, as mulheres preferiam perfumar o sabão com láudano, que alguns pastores vendiam. Pelo que parece era fácil obtê-lo. Bastava que tivessem paciência para pentear os pelos dos animais no esteval. Em questão de segundos a resina impregnava as mechas de pelo dos animais e os pastores só tinham de retirá-la.

Atento às explicações da mulher, não percebi que alguém estava atrás de mim. Ao virar-me, uma nova surpresa. Era Jesus. Trazia uma fumegante caneca de leite na mão esquerda e uma fatia de pão na direita. Ao ver minha cara de assombro, sorriu maliciosamente e, com um novo piscar de olho, convidou-me a aceitar o alimento. Ao apanhar o pão e a caneca, meus dedos roçaram sua pele e notei, alarmado, que meu coração multiplicava seus batimentos. Como era difícil conservar a objetividade diante daquele extraordinário exemplar humano!

Eu não conseguia entender muito bem. Por que os discípulos de Jesus de Nazaré estavam tão silenciosos? Aquele desjejum foi tenso. Ninguém parecia disposto a abrir a boca. É certo que os acontecimentos dos últimos dias e, sobretudo, o fantasma do decreto do Sinédrio contra o Mestre pesavam sobre os corações daqueles homens. Mas, ainda assim, era chocante que Jesus fosse o menos atormentado do grupo. As espadas continuavam na cinta de alguns dos doze e naquela noite, como na anterior, estabelecer-se-ia o rotineiro serviço de guarda na entrada do acampamento.

Judas foi o último a sair da tenda. Por seus olhos avermelhados e seu semblante carregado, tive a impressão de que não havia dormido bem. Terminada a refeição, permaneceu, como seus companheiros, sentado e absorto.

Foi o Mestre quem rompeu o silêncio, dizendo:

– Hoje quero que descanseis. Usai o tempo para meditar sobre tudo o que tem

ocorrido desde que viemos para Jerusalém. Refleti sobre o que está a ponto de chegar...

A decisão de Jesus surpreendeu um pouco os assistentes. Todos pensavam que o rabi entraria novamente no Templo e se dirigiria às massas. Mas o Galileu, ficando de pé, confirmou sua decisão, fazendo saber ao chefe do grupo que pretendia isolar-se durante todo o dia. Sob nenhum pretexto deveriam transpor as portas da Cidade Santa. André assentiu com um gesto de cabeça e Jesus retirou-se para o interior da tenda.

Aquilo, confesso, desconcertou-me tanto quanto ou mais que os discípulos, mas por razões diferentes. Que pretendia o Nazareno? Aonde pretendia ir? Minha missão era seguir os passos do Mestre, onde quer que estivesse e sempre que minha presença não motivasse uma alteração dos fatos históricos. Por outro lado, o Projeto Cavalo de Troia me havia confiado a difícil tarefa de contatar o governador romano. Era vital que Pilatos soubesse a meu respeito; que me conhecesse pessoalmente. Isso facilitaria meu ingresso na fortaleza Antônia na manhã da sexta-feira seguinte. Além disso, essa entrevista, em mãos de José de Arimateia, estava marcada inicialmente para aquela mesma manhã de quarta-feira. Que devia eu fazer?

Para cúmulo da coincidência, um pensamento começou a fustigar-me: "Que estaria maquinando o cérebro de Judas?".

Algo no mais profundo de meu ser dizia-me que aquela jornada iria ser decisiva nos planos e nas decisões do traidor. E eu deveria estar a par. Judas atraía-me especialmente. No fundo, era o único que se rebelava contra tudo aquilo.

Eu estava mergulhado nessas grandes dúvidas quando Jesus se apresentou na porta da tenda. Havia pegado seu manto e tinha enrolado em torno da cabeça um lenço grande, ou "sudário". Aquilo significava que pretendia andar bastante.

Nesse momento, Davi Zebedeu, um dos discípulos mais corpulentos, muito rápido de pensamento e que desempenharia papel extraordinariamente prático e eficaz durante as terríveis jornadas de sexta, sábado e domingo, saiu ao calço do gigante, fazendo-lhe uma advertência:

– Bem sabes, Mestre, que os fariseus e dirigentes do Templo buscam destruir-te. Apesar disso, tu te preparas para ir sozinho às colinas. Isso é uma loucura. Portanto, mandarei contigo três homens armados, para te protegerem.

O Galileu primeiro fitou Davi Zebedeu e, em seguida, observou os três robustos serviçais do impulsivo discípulo, que esperavam a distância. E, num tom que não admitia réplica ou discussão, respondeu, de forma que todos ouvissem:

– Tens razão, Davi. Mas te equivocas também em algo: o Filho do Homem não necessita que ninguém o defenda. Nenhum homem porá as mãos em cima de mim até a hora em que eu deva dar minha vida, tal como deseja meu Pai. Esses homens não vão me acompanhar. Quero ir e estar só, para que possa comunicar-me com meu Pai.

Ao escutar Jesus, Davi Zebedeu e seus guardiães retiraram-se e eu, sentindo

que algo se quebrava em meu interior, compreendi também que não poderia seguir o protagonista de minha exploração. Por alguma razão que não havia desejado detalhar, o Mestre tinha de permanecer só. Mas quando eu já dava por perdida aquela parte de minha missão, ocorreu algo que me fez recobrar as esperanças e que, por sorte, permitiria-me reconstruir parte do que faria Jesus naquela quinta-feira.

Quando o rabi já se dirigia para a saída do horto, disposto a perder-se sabia Deus em que direção, o rapaz que havia trazido a cesta com pães destacou-se dentre os discípulos e correu atrás do Mestre. Ao vê-lo, o rabi parou. João Marcos, que havia colocado naquela mesma cesta água e comida, sugeriu-lhe que, se pensava em passar o dia no monte, levasse ao menos algumas provisões.

Jesus sorriu-lhe e agachou-se para apanhar a cesta. Mas o menino, adiantando-se ao Galileu, agarrou a cesta com toda a força e se insinuou timidamente:

– Mas, Senhor, e se esqueceres a cesta quando fores rezar? Eu irei contigo e carregarei a comida. Assim estarás mais livre para tua devoção.

Antes que Jesus pudesse replicar, o rapazinho procurou tranquilizá-lo:

– Estarei calado... Não farei perguntas... Ficarei sentado junto à cesta quando te afastares para orar...

Os discípulos que presenciaram a cena ficaram atônitos com a audácia do menino.

E o Mestre voltou a sorrir. Acariciou a cabeça de João Marcos e disse-lhe:

– Já que anseias de todo o teu coração, não te será negado. Marcharemos juntos e faremos uma boa viagem. Podes perguntar-me tudo o que saia de tua alma. Juntos nos confortaremos e consolaremos. Podes levar o cesto. Quando te sentires cansado, eu te ajudarei. Segue-me...

E ambos desapareceram ladeira acima.

Ninguém fez o menor comentário. Os rostos dos apóstolos refletiam profunda consternação. Era doloroso que um simples menino os tivesse suplantado naquela partida. Suponho que todos os presentes, com exceção de Iscariotes, estavam ansiosos por acompanhar o Mestre. Todavia, nenhum havia sido capaz de abrir seu coração e falar a Jesus com a sinceridade de João Marcos. E, da surpresa, foram passando para um mal disfarçado desgosto. Poucos minutos depois, vários dos íntimos estavam empenhados em uma ácida discussão sobre a inconveniência de o rabi se aventurar a caminhar pelo monte da Judeia sem escolta e tendo como companhia um menino de recados.

Aquela discussão começava a fascinar-me. Todos traziam à arena argumentos mais ou menos válidos, mas nenhum parecia capaz de reconhecer publicamente a verdadeira causa pela qual haviam ficado relegados.

A discussão ia pouco a pouco ficando acalorada quando, de repente, vi Judas sair da tenda. Sigilosamente, encaminhou-se para a saída do horto e distanciou-se em direção à barranca do Cedron. Não tive dúvidas. Depois de lembrar André de minha entrevista com José de Arimateia, assegurando-lhe de que voltaria o mais

prontamente possível, cruzei o recinto de pedra, procurando não perder de vista Iscariotes. Ele havia descido por uma pista estreita que conduzia a uma pontezinha sobre o leito seco do rio e que unia a esplanada leste do Templo com o monte das Oliveiras. Judas, com passo decidido, atravessou o lugar onde eu havia assistido à prova das “águas amargas” e parou sob o movimentado arco da porta Ocidental do Templo. Pude ver então, misturado entre os numerosos peregrinos que iam e vinham, vi o traidor beijando outro hebreu e entrando com ele no átrio dos Gentios.

Adotando todas as precauções, penetrei também no Templo, chegando justamente a tempo de ver que Judas e seu acompanhante subiam as escadarias do Santuário e desapareciam pela porta do pórtico Coríntio.

Maldisse minha má estrela. Aquele, justamente, era um dos poucos lugares de Jerusalém onde um gentio como eu não podia entrar. O Santuário era sagrado. Ali não cabia nenhum estratagema. Muito menos com meu aspecto de mercador estrangeiro.

Que poderia fazer para seguir os passos de Judas?

Deixei-me cair nas escadas onde habitualmente se sentava o Mestre e tentei encontrar uma fórmula para descobrir qual a razão que havia levado o apóstolo ao interior do Santuário. Foi quando um saduceu, amigo de José de Arimateia e que havia participado do almoço por ele oferecido a Jesus na manhã de terça-feira, veio simplificar meu problema.

O homem me reconheceu, interessou-se pela minha saúde e perguntou-me qual a razão daquela minha aparência mortificada. Depois de medir as possíveis consequências da ideia que acabava de nascer em meu cérebro, decidi falar-lhe. Primeiro pedi que mantivesse segredo sobre o que iria contar, com o que ele concordou em tom que parecia sincero. Depois expliquei-lhe que tinha fundadas suspeitas sobre a falta de lealdade de um dos discípulos do rabi da Galileia. Acrescentei que acabara de ver Judas entrando no Santuário e que temia pela segurança de Jesus. O ex-membro do Sinédrio (ele era um dos dezenove que haviam pedido demissão a Caifás) procurou tranquilizar-me, assegurando que aquilo não era novidade.

– Somos muitos – continuou ele – os que sabemos que Judas Iscariotes não compartilha da forma de ser e de agir do Mestre.

Apesar de suas palavras, simulei que não ficara satisfeito e supliquei que entrasse no Templo e buscasse informar-se sobre os planos de Judas. Mas, antes de responder ao meu pedido, o sacerdote, que em segredo professava a doutrina de Jesus, questionou minha estranha conduta.

– Eu também creio no Mestre – menti – e não desejo que seja destruído.

Minhas palavras devem ter soado com tal firmeza que o saduceu sorriu e, dando-me um palmadinha nas costas, aceitou meu pedido...

Antes de nos separarmos, disse-lhe que tinha um encontro marcado com José de Arimateia e que, se lhe parecesse oportuno, poderíamos voltar a nos ver antes do pôr do sol, na casa de nosso amigo comum.

– Acima de tudo – insisti com veemência – e por razões elementares de segurança, isso deve ficar entre nós.

Meu novo amigo concordou, e eu, um pouco mais aliviado, retomei meu caminho para a cidade baixa. Entretanto, à medida que me aproximava da casa de José, assaltou-me uma dúvida incômoda: teria eu mentido mesmo ao afirmar ao saduceu que também acreditava em Jesus de Nazaré?

José de Arimateia recebeu-me com certa inquietação. Os acontecimentos no acampamento de Getsêmani e a investigação em torno dos passos de Judas haviam retardado um pouco minha chegada à casa do ancião. Sem perda de tempo, o amigo de Jesus envolveu-se em um luxuoso manto de lã vermelho-fogo, carregando uma ânfora de tamanho médio (aproximadamente 1/8 de efá ou 5,6 litros). A entrevista com o governador romano havia sido marcada para a quinta hora (por volta das onze da manhã) e, como eu, José não gostava de esperar nem de fazer esperar.

Ao sairmos da mansão, pedi ao venerável membro do Sinédrio que me permitisse carregar a jarra. José consentiu com prazer e eu, ainda que cheio de curiosidade para conhecer seu conteúdo, ante o mutismo de meu amigo, decidi não fazer pergunta alguma sobre esse particular.

O caminho para a fortaleza Antônia, situada no noroeste da cidade, era relativamente longo. Embora o quartel-general romano dispusesse de uma entrada pelo ângulo mais ocidental do Templo (como creio que já citei em outra oportunidade, essa fortificação estava escorada no imenso retângulo que constituía o Santuário e seu átrio), José de Arimateia – suponho que por simples prudência – evitou durante todo o trajeto o recinto do Templo.

Deixamos para trás o intrincado labirinto das vielas da cidade baixa, superando depois a breve depressão do vale do Tiropeon, separação natural dos dois grandes e diferenciados bairros de Jerusalém: o baixo e o alto.

O grande teatro surgiu à nossa esquerda e, pouco depois, desembocamos na rua principal da zona alta de Jerusalém. Igual ao que eu havia visto na cidade baixa, essa avenida, que ia desde o palácio de Herodes, no extremo mais ocidental da urbe, até o muro oeste do Templo, nas proximidades da esplanada de Sixto, era assinalada por grandes colunas.⁸⁷

Em seus pórticos, alinhavam-se os bazares dos vendedores considerados impuros: desde fabricantes de todo tipo de objetos artísticos (oleiros, ferreiros, perfumistas etc.) até alfaiates, comerciantes de lã etc. A gritaria, a confusão e a “sintonia” de cheiros eram idênticas às do bairro baixo, ou Akra.

José acelerou o passo ao transpormos a porta do Pez, no cruzamento da segunda muralha setentrional com a depressão ou vale do Tiropeon. Nunca soube se a pressa do ancião se devia à presença, junto à porta, de um grupo de mercadores tírios que vendiam todo tipo de peixe, ou à proximidade da torre Antônia. O certo é que, por fim, estávamos diante do muro de pedra de um metro e meio de altura que cercava totalmente o impressionante “castelo”, sede de Pôncio

Pilatos enquanto durassem as festas da Páscoa.

Embora eu já houvesse tido a ocasião de ver de perto os soldados que foram enviados da torre Antônia para pôr ordem na esplanada dos Gentios durante o estouro da manada de bois que Jesus de Nazaré provocara, a presença das sentinelas romanas nas portas daquele muro me impressionou.

José dirigiu-se em aramaico a um dos soldados, mas este não compreendeu a língua do israelita. Um tanto contrariado, José falou-lhe então em grego. O legionário continuou sem entender. Diante da penosa situação, o jovem romano – suponho que teria entre 20 e 25 anos – fez-nos sinal para que esperássemos e, dando meia-volta, encaminhou-se para o interior. A segunda sentinela permanecia muda e impassível, fechando a passagem com seu longo pilum ou lança. Sob o brilhante e esverdeado elmo de ferro e bronze, os olhos do legionário não nos perdiam de vista. Vestia o habitual traje de campanha: uma cota de malhas de ferro, vestida como se fosse uma túnica curta e que protegia todo o tronco e o ventre. Essa couraça, de grande flexibilidade e solidez, ficava em contato direto com um gibão de couro de dimensões e forma idênticas às da cota de malhas. Por último, a pesada indumentária cobria uma túnica de cor vermelha, de mangas curtas, que sobressaía uns dez ou quinze centímetros por baixo da cota, justamente no nível dos joelhos.

Sandálias de grossas solas de couro protegiam-lhe os pés, com um incômodo sistema de tiras, também de couro, costuradas em todo o contorno do calçado. (Em uma outra ocasião, ao examinar uma daquelas solenes sandálias, contei mais de cinquenta tiras de pele de vaca curtida.) Esses cordões eram amarrados pela parte superior do pé, na altura dos tornozelos. Mas só depois, já no pátio da fortaleza, é que eu teria a ocasião, como já disse, de descobrir uma das temidas características desse calçado...

A vestimenta contemplava um cinturão de couro, de uns cinco centímetros de largura, revestido de uma infinidade de cabeças de cravo. Do centro caíam oito franjas, igualmente de couro, recobertas de pequenos círculos metálicos. Esse adorno tinha, sobretudo, a missão de proteger o baixo ventre do mercenário. Em seu lado direito, dependurava-se a famosa espada do tipo hispanicus, de cinquenta centímetros, em uma bainha de madeira com reforços de bronze. No lado oposto, ficava a semispatha, ou punhal, com aproximadamente a metade do comprimento da espada.

Observei, apoiados sobre um dos ângulos da porta do muro, os escudos das sentinelas. Eram retangulares e mediam cerca de oitenta centímetros de altura. Apresentavam ligeira convexidade, tendo no centro uma protuberância de metal, de forma circular, decorada com uma águia amarela que se destacava do vermelho do resto do escudo. Orlava-os uma borda metálica e eles eram primorosamente pintados em sua área central com quatro quadrados concêntricos (do menor ao maior: preto, amarelo, preto e amarelo). Os ângulos do quadrado haviam sido substituídos por grandes suásticas ou cruzes gamadas, também em negro. Duas

correias formavam a empunhadura: uma para o braço, outra para a mão.

Mas o que sem dúvida mais me fascinou naquele equipamento de combate foi a lança. Aquele pilum devia medir pouco mais de dois metros, dos quais ao menos a metade correspondia ao ferro e o resto ao fuste. Este, de madeira muito leve, não tinha mais que trinta milímetros de diâmetro. A haste havia sido embutida no ferro. Na área média da arma, observei um reforço cilíndrico, pequeno, que servia de empunhadura e, possivelmente, para regular o centro de gravidade da lança. Conforme fui conhecendo a vida e a organização daquele exército, compreendi como e por que Roma havia chegado tão longe em suas conquistas.

A sentinela captou meu olhar absorto no aço reluzente da ponta de flecha em que terminava sua lança e, com um sorriso malicioso, inclinou o pilum até que sua aguda extremidade chegasse a um palmo do meu peito. José assustou-se. Por um instante, imaginei o que poderia acontecer se aquele soldado tentasse cravar-me a arma. Ao ver o pilum quebrar-se e não penetrar em meu torso, provavelmente seu susto teria sido maior do que o meu. A "pele de serpente" que recobria meu corpo estava perfeitamente preparada para resistir a um impacto daquele tipo.

Em vez de recuar ou de mostrar receio, correspondi ao seu sorriso com outro ainda mais largo, dando-lhe a entender que sabia de que se tratava de uma brincadeira.

Aquele gesto, que o soldado interpretou como uma demonstração de coragem e que me valeu seu respeito, seria para mim, ainda que não o tivesse preconcebido, de suma utilidade durante a captura do Galileu, na noite do dia seguinte.

Nesse momento, a sentinela que havia ido ao interior da fortaleza chegou ao portão da torre e de lá acenou para que entrássemos. José e eu vencemos os dez ou quinze metros de terreno baldio que separavam o parapeito exterior, de pedra, de um profundo fosso de cinquenta côvados (22,5 metros), escavado por Herodes quando mandara reedificar uma antiga fortaleza dos macabeus, a que deu o nome de Antônia, em honra de Marco Antônio. Esse fosso, seco naquela época, contornava a residência do governador romano em todo o seu perímetro, com exceção da face sul, que, como já expliquei, estava acoplada ao muro norte do Templo. Sua base era uma rocha gigantesca, aplainada integralmente na parte superior e nos lados com enormes pranchas de ferro, de forma que o acesso por ali se tornava impraticável. E sobre essa sólida base levantava-se um magnífico baluarte, construído com grandes pedras retangulares. Ali ocorreriam os sucessivos interrogatórios de Jesus por Pilatos, assim como o selvagem castigo da flagelação.

Ao cruzar a ponte levadiça, de uns cinco metros de comprimento, construída com grossos troncos recobertos de metal espesso, não pude resistir à tentação de erguer meu olhar. A pétrea fachada cinza-azulada, de dezoito metros de altura, era dividida em duas seções simétricas e adornada por ameias. Cada um desses blocos, de cerca de cinquenta metros de comprimento, apresentava três fileiras de janelas (as do primeiro pavimento em forma de fresta). No centro, entre as duas

alas em que se dividia a fachada, havia uma espécie de terraço, ou mirante, de uns vinte metros, com os prismas das ameias pouco menores que os das áreas superiores. Os quatro ângulos do “castelo” haviam sido reforçados por torres igualmente fortificadas. Eu conhecia, por intermédio de Flávio Josefo, as dimensões dessas torres,⁸⁸ mas, ao contemplá-las àquela curta distância, elas me pareceram muito mais esbeltas.

Na boca do túnel que constituía a entrada principal da fortaleza, aguardava-nos a mesma sentinela que nos atendera no exterior e mais um oficial. Ao ver em sua mão direita um bastão de madeira de videira, deduzi que estava diante de um centurião. Sua estatura era pouco superior à da média dos soldados, mas talvez a impressão se devesse ao penacho de plumas vermelhas que lhe adornava o elmo.

Depois de saudá-lo, José identificou-se diante do chefe da centúria, dizendo-lhe que era amigo do governador e que havia sido marcada uma audiência para aquela manhã. O centurião, também em grego, respondeu à saudação e pediu-me que eu também me identificasse. Depois, dirigindo-se a um dos soldados que montavam guarda em uma porta situada à direita do túnel, pediu-lhe alguma coisa. O mercenário apressou-se a entrar no que devia ser o “quarto da guarda” e logo regressou, carregando uma espécie de ardósia em que haviam sido escritos alguns nomes. Do ângulo superior esquerdo da tábua, pendia um curto cordel ao qual se atara um cravo de bronze de uns oito centímetros de comprimento e que, a julgar pelos traços da superfície encerada, fazia as vezes de buril, ou stylo.

O centurião leu o conteúdo e devolveu a tábua ao mercenário, que de novo desapareceu no interior da sala. A essa altura, vários dos soldados que formavam a excubiae, ou guarda do dia, naquele setor da fortaleza – e que descansavam em um dos bancos de madeira no interior do quarto – haviam assomado à porta, observando-nos com curiosidade.

– Que há nessa jarra? – perguntou de repente o centurião.

Graças aos céus, José se adiantou:

– É vinho das bodegas subterrâneas de Gabaon... Sei que o governador aprecia...

– Terão de abri-la – disse o oficial, ao mesmo tempo que fazia sinal a um dos soldados do grupo.

Troquei um rápido olhar com José e este, sem se alterar, tomou a ânfora e retirou-lhe a tampa de barro. O mercenário pegou a ânfora, encheu uma caneca de latão, cheirou o conteúdo, levou o líquido rosado aos lábios e o provou.

O centurião considerou a comprovação satisfatória e nos pediu que entregássemos as armas. José explicou que éramos pessoas de paz e que não portávamos espada. Mas o oficial, sem dar muita atenção às palavras do ancião, ordenou às duas das sentinelas que revistassem nossas vestes. Depois de nos apalpar os lados, o peito e os braços, balançaram negativamente a cabeça. Nesse instante, o consciencioso oficial concentrou sua atenção em minha vara.

– Deverás deixá-la ao cuidado da guarda – disse-me.

E, antes que eu pudesse tomar qualquer atitude, outro dos romanos tirou-me a “vara de Moisés”. Meu coração quase saltou para fora. Aquilo não estava previsto. E, embora o cilindro de madeira tivesse sido condicionado para suportar os mais violentos vaivéns e choques, só o pensamento de que pudesse ser danificado ou extraviado deixou-me em profunda inquietação. Aquilo, ademais, significava que eu não poderia filmar a entrevista com Pôncio Pilatos.

Saltava aos olhos que o centurião não estava disposto a me deixar passar com o cajado. Se eu quisesse levar adiante o projeto Cavalo de Troia, teria de me resignar a confiar na sorte. Fiquei quieto, cuidando de não revelar muito interesse pelo cajado. Do contrário, despertaria receios e suspeitas nada desejáveis naquela irrepetível circunstância.

O centurião fez então um sinal com a mão para que o seguissemos. Saímos do túnel abobadado e fomos encontrar um espaçoso pátio quadrangular, a céu aberto, de uns cinquenta metros de lado e pavimentado com lajes de pedra calcária dura, de um metro quadrado cada. Uma infinidade de portas, coroadas por dintéis de madeira formando arcos de meio ponto, alinhava-se nas laterais, sob pórticos sustentados por colunatas. Aquela fortaleza, como pude verificar à medida que a ia conhecendo, havia sido edificada com todo o esmero.

Por aquele grande pátio, no que desembocavam os dormitórios, as cavalariças e alguns armazéns, iam e vinham numerosos legionários. Muitos deles, de folga, vestiam apenas uma túnica curta de cor granada, de lã, cingida por um cinturão muito leve.

O centurião que nos guiava cruzou o centro do pátio e contornou uma fonte circular, em cujo centro havia uma bonita representação, também em pedra e em tamanho natural, da deusa Roma. A estátua vestia uma túnica com múltiplas pregas, deixando a descoberto o seio direito. Com a destra, a deusa segurava uma lança, e na mão esquerda equilibrava uma esfera, da qual brotava um jorro de água. A água ia sendo armazenada no tanque circular, que constituía a parte baixa da fonte. Vários soldados da cavalaria romana estavam, no momento, lavando e escovando meia dúzia de cavalos. Diferentemente dos soldados da infantaria, os cavaleiros vestiam uma jaqueta roxa, de manga larga, e calças vermelhas muito justas, que caíam até a canela.

Ao contrário do que ocorre, por exemplo, com nossos exércitos ocidentais, nenhum daqueles soldados enquadrou-se ou fez uma saudação à passagem do centurião. Este, sempre com seu oitis, ou vara de sarmento, na mão direita, e recolhendo a folgada toga, ou capa, de cor púrpura sobre o braço esquerdo, prosseguia seu caminho para o fundo do pátio.

À direita e à esquerda, especialmente sob as arcadas, outros soldados cuidavam da limpeza de suas armas e sandálias. Em um dos cantos, um concorrido grupo de soldados formava um círculo em torno de algo sobre o pavimento. Apesar de minha curiosidade, não pude me aproximar. O oficial não virou a cabeça uma única vez e continuou a passos rápidos para a escadaria que já se divisava na parte

leste do pátio.

Antes de abandonar aquele recinto, outra cena chamou-me a atenção. À nossa direita, imóvel sobre o lajeado, um dos romanos sustentava nos ombros e na nuca um pesado saco. A carga o obrigava a manter o tronco e a cabeça ligeiramente inclinados para o solo. Junto dele, outro soldado, com uniforme e armas regulamentares, não perdia de vista o companheiro. No meu regresso da entrevista com o governador romano, iria ter a explicação completa de tudo aquilo...

Assim que pisei a polida escadaria de mármore branco, no fundo do pátio, percebi que tínhamos chegado à parte nobre do edifício. As escadas, de pouca inclinação, levaram-nos a uma espécie de vestíbulo retangular, todo ele revestido de finíssimos mármore, que, a julgar pelos sutis veios cinzentos e azulados, deviam ter sido importados por Herodes, o Grande, de Chipre e Carrara.

Diante da escada que conduzia ao primeiro pavimento da torre Antônia, abria-se uma porta dupla de quase cinco metros de largura, primorosamente entalhada com palmeiras, flores e querubins. Via-se ali, uma vez mais, a mão de artesãos e construtores fenícios, que, possivelmente, haviam-se encarregado da construção da fortaleza.

Em ambos os lados da porta montavam guarda diversos soldados, cruzando seu pilum em forma de "xis". O centurião dirigiu-se a um deles, avisando-o, suponho, de que estávamos na lista das audiências de Pôncio Pilatos. Em seguida, deu meia-volta e, depois de nos saudar com o braço levantado, desapareceu escadaria abaixo.

Estava claro que deveríamos esperar.

José dirigiu-se a uma das laterais do saguão e sentou-se em uma das cadeiras em forma de "xis", sem encosto e com assento de couro, colocada sobre um esponjoso tapete babilônico. Às suas costas, por duas alongadas e nuas janelas, penetravam a claridade e a fria brisa do norte.

Procurei imitar meu acompanhante enquanto tentava fixar na memória os detalhes mais importantes daquele recinto. Dos dois lados da porta, alinhavam-se quatro grandes esculturas (duas em cada parede). As mais próximas às sentinelas eram bustos em mármore branco. As outras, consegui reconhecê-las: eram réplicas das amazonas que atualmente se encontram no Museu do Capitólio de Roma.

Os bustos, ao contrário, eram irreconhecíveis. E, sem poder conter minha curiosidade, perguntei a José o significado daquelas cabeças, apoiadas em magníficos pedestais cilíndricos.

O velho fez um gesto de desgosto. E, quase com repugnância, explicou-me que eram os bustos do Imperador. Um, situado à esquerda da porta, representava Tibério adolescente; o outro, na atualidade.

– ... Essas estátuas – continuou José – foram motivo, faz alguns anos, de grande desgosto e dor para meu povo.

– Assim que chegou à Judeia, Pôncio Pilatos – explicou o ancião – introduziu as esculturas em Jerusalém, valendo-se da escuridão da noite. O povo judeu não

aceitava a presença de imagens, mesmo as do Imperador romano, e aquilo provocou uma revolta. Milhares de hebreus acorreram a Cesareia, capital dos invasores, suplicando ao governador que retirasse as estátuas e respeitasse as crenças e a tradição da nação judaica. Mas Pilatos não deu atenção e se negou a retirar os bustos de Tibério. Durante cinco dias e cinco noites, os judeus permaneceram em volta do palácio. Diante da situação, Pôncio convocou a multidão e, quando todos pensavam que se dispunha a ceder, as tropas cercaram os hebreus. O romano os advertiu, então, de que, se não recebessem as imagens, aqueles três esquadrões os destroçariam. E, em seguida a uma ordem de Pilatos, os mercenários desembainharam suas espadas. A multidão, surpresa, deitou o rosto na terra e todos, gemendo, gritaram que preferiam morrer a ver profanada sua Cidade Santa. Pilatos, comovido e maravilhado com essa atitude, acabou por capitular, ordenando que os bustos do Imperador fossem retirados de Jerusalém e trasladados para o interior do quartel-general romano: a torre Antônia.

Sem conseguir me conter, levantei-me e lentamente aproximei-me do primeiro busto. Mas aquele rosto infantil, com uma franja perfeitamente recortada na testa, não me disse nada. Dirigi-me então à segunda efígie. As sentinelas, quando passei por elas, seguiram-me com os olhos.

Aquele segundo busto representava um Tibério adulto, de uns cinquenta anos (o Imperador fora designado César no ano 14 de nossa Era, quando tinha cinquenta e cinco anos de idade), mas extremamente favorecido. No meu adestramento preliminar para a missão e visando sobretudo à essa entrevista que estava prestes a ter com Pilatos, havia recebido exaustiva informação sobre a figura e a personalidade de Tibério.⁸⁹ Ali, seguindo, logicamente, a tática dos artistas da época, que ocultavam os defeitos das pessoas que eles imortalizavam em pedra ou bronze, não apareciam as múltiplas úlceras que cobriam o rosto de Tibério, nem a calvície, tampouco o ligeiro desvio do nariz para a direita, ou ainda o defeito da orelha esquerda, mais despregada que a outra. (Esses dois últimos defeitos aparecem claramente no chamado busto de Mahon, executado quando Tibério ainda não era Imperador.) Mas, em compensação, observava-se uma boca murcha, consequência da perda dos dentes.

Excetuadas essas “concessões”, o artista havia plasmado com exatidão a cabeça daquele polêmico e introvertido César: um rosto triangular, de testa larga, queixo pontiagudo e curto. Em seu conjunto, o busto emanava o ar filantrópico, ressentido e fugidio que caracterizou Tibério – e que iria desempenhar papel decisivo no ânimo de seu governador na Judeia na hora de salvar ou condenar Jesus de Nazaré. (Deixemos, porém, que os fatos falem por si próprios.)

De repente, abriu-se a grande porta. José e eu caminhamos apressados até o umbral. Como se houvesse atuado sobre eles uma mola mecânica, os soldados retiraram suas lanças e abriram passagem a um indivíduo que vestia a toga romana dos plebeus. Quase não tive tempo de fixar a vista sobre ele. Do outro lado, um centurião segurava a folha da porta. Em sua mão esquerda, trazia uma

prancheta encerada, idêntica à que eu havia visto no posto da guarda. Pronunciou nossos nomes e, com um sorriso, nos convidou a entrar. Aquele salão, mais amplo do que o vestíbulo, surpreendeu-me. Era ovalado e tinha as paredes totalmente forradas de cedro. O piso, de madeira de cipreste, estalava sob nossos pés à medida que nos aproximávamos – sempre em companhia do oficial – do fundo da sala onde nos aguardava um homem de baixa estatura: Pôncio Pilatos.

Ao nos ver, o governador levantou-se e nos saudou com uma elevação de braço, tal como, séculos mais tarde, fariam os alemães de Hitler. Ao chegar junto à mesa, José fez uma ligeira inclinação de cabeça e depois apresentou-me. Instintivamente, repeti aquela ligeira reverência, enquanto o governador da Judeia perfurava-me com seus olhos azuis saltados.⁹⁰ Pôncio voltou a sentar-se e convidou-nos a fazer o mesmo. O centurião, ao contrário, continuou de pé, ao lado de uma simples, mas valiosa mesa de tampo de cedro e pés de marfim. Não levava o elmo na cabeça, mas tinha as armas regulamentares: espada no lado esquerdo (ao contrário da tropa), um punhal e, certamente, a cota de malhas. Sua vestimenta era muito semelhante à dos legionários, à exceção da capa e do elmo.

Enquanto o ancião de Arimateia falava-lhe em grego, oferecendo-lhe a ânfora de vinho, Pilatos não tirava os olhos de mim. Mas a curiosidade era mútua. Sinceramente, a imagem que eu havia concebido daquele homem estava muito distante da realidade. Seu talhe pequeno – talvez um metro e meio – desconcertou-me. Era gordo, com um ventre proeminente, que ele tentava disfarçar sob as pregas de uma toga de seda de esfumado tom violáceo, que caía do ombro esquerdo, envolvendo e enfaixando o abdome e parte do tórax. Sob esse manto, reluzia uma túnica branca, igualmente de seda, com delicados brocados de ouro em todo o contorno do pescoço grosso e curto de Pôncio. A túnica caía até os tornozelos.

Desde o primeiro momento impressionou-me seu cabelo. Não posso afirmar, mas estou quase certo de que havia recorrido a uma peruca para ocultar a calvície. A disposição do cabelo, caindo exagerada e estudadamente sobre a fronte, e o claro contraste com os compridos fios que pendiam sobre a nuca em forma de crina delatavam a existência de uma peruca loira. Pouco a pouco, à medida que o fui conhecendo, observei nele um afã quase mórbido de imitar em tudo o Imperador. E o cabelo postiço parecia ser outra prova disso. A calvície, segundo os historiadores, era uma das características dos Cláudio. Tibério havia perdido o cabelo na sua longínqua juventude e utilizava, ao que se sabe, perucas loiras, confeccionadas, segundo Ovídio, com cabeleiras de escravas e prisioneiras dos povos bárbaros. Outros imperadores, como Júlio César e Calígula, apresentavam a mesma anomalia. Sêneca descreve magistralmente o grave complexo de Calígula por causa de sua calvície. “Olhar para sua cabeça diz o historiador – era um crime...”

Claro que eu, preocupado com minha saúde, procurei olhar o menos possível para a peruca de Pilatos...

Uma cárie galopante havia dizimado seus dentes, salpicando-os de pontos

negros que tornavam ainda mais desagradável aquele rosto branco, inchado e redondo como um escudo. Pôncio, consciente desse problema, havia procurado repará-los, fazendo colocar dois dentes de ouro no maxilar superior e um no inferior. Aquelas próteses, além disso, serviam para proclamar sua privilegiada situação econômica. Pilatos sabia disso e, mesmo sem motivo, observei, sentia-se encantado em sorrir e mostrar “seus poderes”.⁹¹

Apesar de apuradamente barbeado e do perfume que utilizava, seu aspecto geral era pouco agradável. Creio também que a descrição física de Pôncio Pilatos enquadrava-se na classificação tipológica feita por Ernest Kretschmer. Ao menos do ponto de vista exterior, coincidia com o chamado tipo “pícnico”. Mas o que realmente me interessava era seu modo de ser. Era vital poder mergulhar em seu espírito, a fim de entender melhor suas motivações e extrair algum tipo de conclusão sobre seu comportamento na manhã de sexta-feira, 7 de abril.

O governador agradeceu a gentileza de José e, dirigindo-se a mim, perguntou-me entre risotas:

– E como está o “velhinho”?

Eu sabia que o caráter áspero e a extrema seriedade de Tibério, desde a sua juventude, haviam-lhe valido essa alcunha. E procurei responder sem perder a calma:

– Em minha viagem até esta província oriental, tive a honra de vê-lo em seu retiro na ilha de Capri. Sua saúde continua se deteriorando tão rapidamente quanto seu humor...

– Ah! – exclamou, simulando não conhecer a notícia. – Mas é certo que voltou a Capri?

Aquilo acabou por alertar-me. Pilatos, com aquelas perguntas e com as que se seguiriam, queria certificar-se de que eu fazia parte do grupo de astrólogos que rodeavam Tibério e que Juvenal (anos mais tarde) qualificaria ironicamente de “rebanho caldeu”. A sorte estava lançada. Assim, procurei seguir-lhe a corrente...

Como medida de precaução, a equipe do projeto Cavalo de Troia havia estabelecido que, enquanto durasse minha reunião com Pilatos, a conexão auditiva com o módulo fosse praticamente permanente. A informação auxiliar de “Papai Noel”, nosso computador, poderia ser de grande utilidade. Daí que, durante toda a entrevista, eu permaneci com a mão direita na orelha, simulando dificuldade para ouvir meu interlocutor. Na realidade, como já expliquei, essa tática permitia que as vozes dos presentes chegassem com nitidez a Eliseu...

– Compreendo que as notícias cheguem até ti com atraso – fingi – e que ainda não estejas informado do retiro voluntário do Imperador em Capri. Ele está lá hoje, em companhia de seu amigo e mestre de astrólogos, o grande Trasilo.

Pôncio não se dava por vencido. Aquela delicada situação parecia diverti-lo.

– Então – voltou, sem abandonar seu falso sorriso –, deve ter levado consigo um médico pessoal, Musa...

O novo ardil de Pilatos tampouco deu frutos. Eu sabia que Antônio Musa havia

sido o médico de seu antecessor, Augusto. Mas como podia corrigir o supremo chefe das forças romanas na Judeia sem feri-lo?

– Não, governador. Sei que Tibério admirou os cuidados de Musa para com seu padraço, mas o Imperador preferiu levar o não menos prudente e eminente Charicles. Segundo minhas notícias, Tibério chama-o de quando em quando a qualquer das onze vilas de Capri onde habita.

Pilatos começou a brincar com o pequeno falo de marfim que pendia de seu pescoço. Tal adorno – tão usual na Roma imperial – demonstrou-me algo de que eu não suspeitava: aquele romano era profundamente supersticioso. A presença de falos em todos os tipos de adornos, colares, anéis, móveis, pinturas etc., era motivada pelo afã dos cidadãos romanos de atrair a sorte e evitar a desgraça.⁹²

– Sim – murmurou com um certo desprezo em suas palavras –, Tibério sempre foi um homem doente... E todos padecemos às vezes com sua irritabilidade. Suponho, Jasão, que sua debilidade será cada vez maior...

Naqueles comentários havia uma parte de verdade. Mas, entre essas meias verdades, também se dissimulavam novos desafios à minha capacidade como suposto astrólogo e, ainda, ao meu conhecimento de Tibério.

– Posso te assegurar – recoloquei – que Tibério conserva toda a sua força. É capaz, como bem sabes, de perfurar uma maçã verde com o dedo. Sua velhice (Tibério tinha, naquele ano 30, uns 73 anos) não diminuiu seu vigor, apenas sua vista... Mas em algo, sim, estou de acordo com tua sábia opinião. O Imperador é um homem atormentado por seu destino. Não soube elevar-se acima das circunstâncias adversas do divórcio que Augusto lhe impôs. Jamais esquecerá seu grande amor: Vipsânia. Esse fato mais o caráter possessivo e ambicioso de sua mãe, Lívia, e as repulsivas úlceras que lhe enfeiam o rosto acabaram por transformá-lo em um homem tímido, ressentido e fugidio.

(Nesse instante Eliseu interveio, comunicando-me que, segundo Plínio, o Velho, em sua História Natural, Tibério era um dos homens com melhor capacidade visual do mundo. Era capaz de ver nas trevas, como a coruja, ainda que durante o dia sofresse de miopia. Essa foi – segundo Dion, em sua História de Roma – uma das razões que alegara para não aceitar o Império.)

– ... Tímido, ressentido, fugidio e cruel – arrematou Pilatos com um gesto grave, enquanto trocava um olhar com seu centurião.

Em minha opinião, o governador estava satisfeito com minha “representação”. A partir desse momento, suas perguntas e seus comentários deixaram de ser tão venenosos. Todavia, aquelas afirmações haviam começado a jorrar luz sobre o comportamento de Pôncio Pilatos com respeito ao Imperador e especialmente sobre o que ele achava de Tibério e suas ações. Por um lado, como tive a oportunidade de verificar, Pilatos gostava de imitar seu César. Por outro, ele o odiava e o temia com a mesma intensidade. Aqueles últimos anos de Tibério, desde um pouco antes de seu retiro em Capri, tinham sido de autêntico terror. Suetônio, ao descrever esse momento, assegura que “o furor de denúncias que se

desencadeou sob Tibério, mais do que todas as guerras civis, esgotou o país em plena paz”.

Todos eram espionados e tudo podia ser motivo de secreta delação ao Imperador. O caráter desconfiado de Tibério alimentou – e não pouco essa onda de denúncias. E quando algum homem valoroso, como o foi Calpúrnio Pison, levantava sua voz para protestar contra a situação, César encarregava-se de aniquilá-lo. Tibério via traidores e traições até mesmo em seus mais íntimos amigos e colaboradores. O terror tiberiano chegou a tais extremos que – é ainda Suetônio quem conta – “espionava-se até uma palavra que tivesse escapado em um momento de embriaguez, e até o gracejo mais inocente podia constituir pretexto para denúncia”.

Essa gravíssima situação, de enorme transcendência – em minha opinião – quando se julga o comportamento de Pilatos em relação a Jesus de Nazaré, fica perfeitamente esboçada num fato protagonizado por Paulo, um pretor que participava de uma refeição. Sêneca o conta em sua obra *A Beneficência*: Paulo usava um anel com um camafeu em que estava gravado o retrato de Tibério César. Pois bem, o bom Paulo, aflito com uma necessidade fisiológica, cometeu a imprudência de apanhar o urinol com a mão do anel. O fato foi observado por um tal de Maro, um dos mais conhecidos delatores da época. Mas um escravo de Paulo o advertiu de que Maro o espionava e, rapidamente, aproveitando-se da embriaguez de Paulo, tirou-lhe o anel do dedo no exato momento em que Maro pegava os comensais como testemunhas da injúria que ia ser feita ao Imperador, com sua efígie se aproximando do urinol. Nesse instante, o escravo abriu a mão e mostrou o anel. Aquilo salvou o descuidado Paulo da morte certa e da perda total de seus bens, que, pela lei de Tibério, iriam para as mãos do delator. Isso e velhos ódios eram as causas mais comuns de todas as delações.

Naturalmente, Pôncio Pilatos conhecia estes fatos e receava – como qualquer outro cidadão de Roma – ser alvo dos muitos delatores profissionais ou amadores que pululavam então. No pouco tempo que permaneci junto a Pilatos, intuí que o governador não era exatamente um covarde. O fato de representar o Imperador numa província tão difícil e revoltosa como a Judeia já pressupunha, ao menos teoricamente, que ele fosse um homem de temperamento duro.⁹³ E, ainda que tenham sido erros políticos, ele demonstrou bem esse temperamento quando se negou a retirar as figuras de César levadas a Jerusalém ou quando se apropriou do tesouro do Templo para construir um aqueduto. Creio, a bem da verdade, que aquele indivíduo podia sentir medo – e assim ocorreria na sexta-feira – da situação que o Império atravessava naqueles anos, mas não da verdade, quando esta surgia limpa e diretamente entre dois homens. Pilatos apresentava-se diante de mim como um homem emocionalmente instável, mas não como um covarde, como sempre se pretendeu. (Este, como veremos mais adiante, é outro conceito que deveria ser revisado, em especial pela Igreja Católica.)⁹⁴

– ... Tímido, ressentido, fugidio e cruel – repetiu o governador, imerso em seus

inescrutáveis pensamentos.

O silêncio caiu como um fardo sobre o salão. José, que parecia não dar crédito a tudo que havia escutado, mexeu-se nervosamente na cadeira de couro.

Aquele violento silêncio deve ter tirado Pilatos das profundezas de sua mente, porque, adotando um tom mais conciliador, perguntou-me de novo:

– Mas, conta-me, Jasão, a que se dedica agora o Imperador... Que faz?

– Como já comentei, entendo que Tibério escapou de Roma... fugindo de si mesmo...

Intencionalmente, fiz uma pausa. Os olhos de Pilatos faiscaram. E ele assentiu com a cabeça.

– ... Seu mortal inimigo – prossegui – é seu ressentimento e sua falta de generosidade. E os astros – arrisquei intencionalmente – anunciam fatos que comoverão o Império. Agora dedica-se a passear solitário, como sempre, pelas íngremes escarpas de Capri. Não fala com ninguém, à exceção de seus astrólogos, e posso assegurar que sua desconfiança e instabilidade senil são tais que o levam até a assassinar companheiros meus.

– Está matando seus astrólogos? – interrompeu-me o governador, com um ricto de incredulidade. Aquela notícia, ao que parecia, ainda não havia chegado à remota Palestina. Então, procurei aproveitar-me do fato.

– Pois é. Sua demência está comprometendo a todos os que o conhecem. Cada tarde Tibério recebe um astrólogo. E faz isso na mais alta das doze vilas que fez construir na ilha e que, como sabes, são dedicadas a doze deuses. Pois bem, se o Imperador crê que o astrólogo de plantão não lhe disse a verdade nos seus presságios, ordena ao robusto escravo que o acompanha que, em seu regresso ao palácio, jogue o caldeu nas escarpas...

Pilatos sorriu maliciosamente e, com um sinal de seu indicador, perguntou sem rodeios:

– E tu?... Como continuas vivo?

– Procurei seguir os conselhos de meu mestre, Trasilo, e os que me ditou meu próprio coração. Quer dizer, disse a verdade ao Imperador...

(Eliseu transmitiu-me então o texto de uma lenda que circulou naquela época e que, se for verdadeira, confirma a já citada dureza de caráter de Tibério: “Quando foi chamado por César para que lhe anunciasse seu futuro, Trasilo, empalidecendo, anunciou-lhe que um grande perigo o ameaçava. Tibério, confortado por sua lealdade, beijou-o e o tomou como o primeiro dos seus astrólogos”.)

Pilatos não pôde conter sua curiosidade e perguntou-me:

– E quais são os fatos que, segundo tu dizes, comoverão todo o Império?

– Temos lido os astros e estes preveem um gravíssimo acontecimento que afetará, sobretudo, o Imperador...

Eu tinha naquele momento a enorme vantagem de conhecer a História. Estávamos no ano 30 e procurei centrar minhas “previsões” no futuro imediato.

– Continua! Continua! – pressionou-me Pilatos, sacudindo-me simbolicamente

com suas mãos curtas e gorduchas, entre cujos dedos rosados destacava-se o selo de ônix de sua chefatura.

– Sejano...

Ao ouvir aquele nome, pronunciado por mim com uma bem calculada teatralidade, perdeu a cor. Naquela época – e especialmente desde que César se retirara para Capri no ano de 26 d.C. –, Aélio Sejano, comandante-em-chefe das forças pretorianas de Roma e homem de confiança de Tibério, era o autêntico “imperador”. A mal dissimulada ambição desse general e sua influência sobre Tibério, haviam-no convertido em um segundo horror para os cidadãos do Império. Seu poder era tal que sua imagem chegou a figurar, junto com a de César, nos postos de honra da cidade, nas insígnias das legiões e até nas moedas.⁹⁵ Seus verdadeiros desígnios – chegar a substituir Tibério no Império – conduziram-no a todo tipo de desmandos, intrigas e assassinatos. Tentou até mesmo casar-se com uma das netas de Tibério (possivelmente Júlia Livila, filha de Germânico), mas César frustrou-lhe o plano, destruindo, assim, suas esperanças de eliminar a origem obscura e humilde de seu berço. Homem frio e calculista, o lugar-tenente de Tibério foi eliminando os possíveis sucessores do Imperador e iniciou uma brutal ofensiva contra Agripina (neta de Augusto) e seus filhos Nero I, Druso III, Caio (mais conhecido por Calígula), Agripina II, Drusila e Júlia Livila. Esses ataques de Sejano começaram por dois prestigiosos representantes do partido de Agripina: Sílio e Sabino. O suicídio do primeiro, grande militar, no ano 24 d.C., para não ser executado, e o processo e posterior assassinato do segundo (ano 28 d.C.) imergiram Roma e suas províncias na angústia. Tácito confirmou esses fatos: “A consternação e o medo jamais reinaram como então em Roma”.

Pilatos e o centurião que nos acompanhava sabiam muito bem quem era Sejano e qual o seu poder. A História, como já citei, e muito especialmente a Igreja Católica deveriam ter explicado ao mundo – ou, pelo menos, aos que se dizem crentes – a funesta influência que exercia sobre todo o Império (precisamente naqueles anos cruciais) o primeiro-ministro de Tibério.

Só assim – conhecendo o férreo e despótico governo de Sejano e a não menos cruel atitude de Tibério – pode-se começar a intuir por que Pilatos iria “lavar as mãos” no processo contra o Mestre da Galileia. Todos os governadores romanos de províncias – e não só Pôncio – sabiam que seus cargos e vidas pendiam de um simples fio. O menor escândalo, murmúrio ou denúncia os levava irremissivelmente à destituição, desterro ou execução. Como veremos em seu devido tempo, o governador romano na Judeia, sensível à ameaça dos judeus de acusá-lo diante de César de permitir que um daqueles judeus se proclamasse “rei”, preferiu curvar-se e evitar um enfrentamento com o implacável Sejano ou com Tibério, cada um mais intolerante que o outro...

Acho, portanto, que nas circunstâncias sociais, políticas e de governo daquele ano 30 no Império, o ato de Pilatos não foi de covardia, mas de “diplomática prevenção”..., com uma alta dose de loucura. Entre os dois termos, creio que haja

uma clara diferença, que, embora não justifique o comportamento do representante do Imperador (ou de Sejano, neste caso), ajuda a compreendê-lo melhor.

– Que tem a ver esse – perguntou Pilatos em tom pejorativo – com teus augúrios?

A Operação Cavalos de Troia havia planejado minuciosamente aquela minha entrevista. E embora estivesse previsto que eu tentaria ganhar sua confiança e amizade – visando, sobretudo, obter maior facilidade de movimento no interior da torre Antônia na manhã de sexta-feira –, os homens do general Curtiss haviam julgado não ser recomendável avisar Pôncio Pilatos da trágica queda de Sejano no dia 31. Se o governador chegasse a acreditar de pés juntos nessa “profecia” (que se cumpriria, de fato, em 18 de outubro do mesmo ano), seu medo de Sejano poderia desaparecer em parte e, com isso, a decisão de executar Jesus estaria sujeita a uma mudança. O que, logicamente, iria contra a mais elementar ética do projeto. Éramos simples observadores e qualquer manobra nossa que pudesse provocar uma alteração da História estava rigorosamente proibida.

Assim é que me limitei a expor-lhe apenas uma parte da verdade.

– Os astros – disse-lhe, adotando um ar solene – têm se mostrado favoráveis a Sejano. Seu poder será aumentado, com sua elevação a cônsul...⁹⁶

Pilatos, como eu supunha, concedeu crédito a meu vaticínio. Ao escutar minha “previsão”, abandonou a mesa, colocando-se de frente para o janelão que fechava aquele arco de salão. Permaneceu assim durante alguns minutos, com as mãos às costas e a cabeça ligeiramente inclinada para a frente.

– Então... cônsul... – murmurou de repente. E, sem se voltar, pediu-me que prosseguisse.

– Mas isso não é o mais grave – acrescentei, fixando o olhar no do centurião. – Os astros assinalam uma grave conjura contra o Imperador...

Não pude prosseguir. Pilatos voltou-se, fulminando-me com o olhar.

– Tibério sabe?

– Meu mestre, Trasilo, encarregou-me de anunciar-lhe, pouco antes de minha partida de Capri.

– Bem – retrucou o governador –, as cortes da Síria estão inquietas por causa de Sejano... Mas não é necessário ser astrólogo para esperar que um dia ou outro...

– É que os astros – interrompi, utilizando toda minha capacidade de persuasão – apontaram um nome...

Pilatos nada disse. Recolheu sua larga túnica e sentou-se muito lentamente, sem deixar de observar-me. Eu olhei para o centurião, simulando certa desconfiança pela presença daquele oficial, mas Pôncio – captando minha hesitação – apressou-se a tranquilizar-me:

– Nada temas. Cívili é meu primipilus.⁹⁷ Toda a legião está sob seu comando. Podes falar com inteira liberdade... Aqui – argumentou Pilatos, indicando o salão

onde nos encontrávamos – não há aberturas arditosamente preparadas, como ocorreu com o ingênuo Sabino...⁹⁸

Fingi ter absoluta confiança nas afirmações de meu interlocutor e prossegui:

– Sejano...

– Esse bastardo? – prorrompeu o governador, com uma nova gargalhada.⁹⁹

E numa daquelas bruscas mudanças de humor, Pilatos golpeou a mesa com seu punho, fazendo saltar alguns dos pergaminhos e papiros cuidadosamente enrolados e empilhados sobre uma bandeja de madeira. Alguns daqueles documentos ou cartas de pele de cabra, terneiro ou cordeiro – que os romanos chamavam de “membrana” –, rolaram pelo tabuleiro e caíram aos pés do oficial, que se apressou a recolhê-los, enquanto o governador, nervoso e evidentemente confuso, aferrava-se a seu amuleto fálico de marfim.

– Estás seguro? – balbuciou Pilatos.

Mas, antes que eu tivesse a oportunidade de responder, ele olhou para o centurião e o interrogou:

– Que sabes tu?

O oficial negou com a cabeça, sem desprezar os lábios.

– Uma conjura contra Tibério...

Na verdade, Pilatos falava consigo mesmo. Levou os dedos à cara, acariciando o queixo em atitude reflexiva, e, por fim, levantando os olhos para o teto, perguntou-me como se acabasse de pilhar-me em erro:

– Vejamos se compreendi... A astrologia diz que os deuses estão com Sejano... Mas tu acabas de anunciar também que ele prepara uma conjura contra César... Se for assim, e posto que dizes que Tibério está informado, como é possível que o chefe dos pretorianos continue gozando da confiança do Imperador? Responde!

Pilatos havia voltado a olhar-me de frente, com uma ferocidade que fez José de Arimateia tremer.

Mas eu sustentei seu olhar. Tal como havíamos previsto, ele mordeu a isca.

E, com toda a calma, entrei diretamente em busca do que realmente me havia levado até ali.

– Existe um plano...

Pôncio apaziguou-se. Agora eu estava seguro de que minha serenidade o havia desarmado.

– Fala!...

– Mas antes – retomei – gostaria de solicitar de ti um pequeno favor...

– Concedido! Mas fala! Fala!...

– Sabes que, além de meus estudos de astrologia, dedico-me ao comércio de madeiras. Pois bem, um rico cidadão romano da Tessalônia soube do maravilhoso sistema de calefação subterrâneo que Augusto mandou construir sob o piso do seu triclinium (refeitório imperial). Roma toda está inteirada de teu gosto delicado e de que mandaste colocar debaixo do teu triclinium outro sistema parecido. Recebi o encargo expresso e encarecido desse amigo meu da Grécia de consultar-te – se

julgares prudente falar – sobre alguns detalhes técnicos dessa instalação. Sou portador de uma carta na qual ele te roga que me permitas fazer algumas consultas a respeito.

Dito isso, tirei de minha bolsa de borracha um pequeno rolo de pergaminho, meticulosamente lacrado e confeccionado pelos homens do Cavalo de Troia.¹⁰⁰ Estendi-o a Pilatos, que, para dizer a verdade, não saíra de seu assombro.

Depois de ler a mensagem do meu amigo imaginário, deixou cair o pergaminho sobre a mesa, visivelmente satisfeito com tanta adulação.

– Não sabia que em Roma conheciam...

Assenti com um sorriso.

– Bem, concedido. Amanhã mesmo poderás fazer todas as perguntas que achares necessárias...

– Amanhã, estimado governador – interrompi –, não poderei vir à fortaleza Antônia. Mas na sexta...

– Não se fala mais nisso: na sexta.

– Não desejo abusar de tua consideração – forcei –, mas tu sabes como é difícil o acesso a tua residência. Poderias proporcionar-me uma ordem ou um salvo-conduto que facilitasse meu trabalho?

Pôncio começava a perder a paciência. E, com um gesto de irritação, fez um sinal ao centurião para que lhe passasse um dos rolos que se alinhavam em uma ampla estante colocada às costas do oficial – e que, a uma simples inspeção visual, deveria reunir uma centena de rolos. O governador tomou uma pena de bronze e rabiscou uma série de frases, com letra quase quadrada, em latim.

– Aqui tens – disse-me um tanto irritado, enquanto me entregava a ordem. – Sexta-feira, ao apresentares esta autorização, deverás perguntar por Cívilis... E agora, por todos os deuses, fala de uma vez.

(“Bravo!” A exclamação de meu companheiro Eliseu no módulo me fez recobrar o ânimo.)

– O que vou relatar – recomecei, baixando um pouco o tom de voz – é extremamente secreto. Só o Imperador e alguns de seus íntimos em Capri, entre os quais Trasilo, meu mestre, sabem disso. Espero que tua proverbial prudência saiba guardar e administrar tudo o que vou revelar.

“Tibério, como te disse, não está alheio a essa conjura. Ele sabe, como tu, das intrigas de Sejano e de sua responsabilidade nas mortes e no desterro de Agripina e seus filhos. Mas deu ordens secretas para que Antônia¹⁰¹ e seu neto Calígula viajem até Capri e se ponham sob sua proteção...”

Pôncio Pilatos permaneceu boquiaberto, como se estivesse vendo um fantasma. Por fim, quase gaguejando, conseguiu dizer:

– Calígula!... Claro, o bisneto de Tibério... O “Botinha”...¹⁰² Então, se os planos de César se cumprirem – comentou, dirigindo-se a seu chefe de centuriões –, já podemos imaginar quem será seu sucessor...

Depois, como se tudo aquilo fosse extremamente confuso para sua mente,

voltou a interrogar-me:

– Mas que dizem os astros sobre a vida de Tibério? Durará muito?

Minha resposta – como era minha intenção – desarvorou o incipiente entusiasmo do governador, que parecia sonhar com o desaparecimento do rígido e cruel Tibério.

– O suficiente para que ainda corra muito sangue...

(Eu sabia, obviamente, que a morte de Tibério não ocorreria antes do ano 37.)

A súbita entrada de um dos serviçais no salão oval, anunciando que o almoço estava pronto, interrompeu aquela conversa. Eu, sinceramente, respirei aliviado.

Mas Pilatos, entusiasmado e agradecido por minhas revelações, pediu-nos que o acompanhássemos. José e eu nos olhamos; e o ancião, que não havia aberto a boca durante toda a entrevista, concordou com gosto.

(Eu não podia suspeitar que, graças àquele convite, ao atrasar nossa saída da fortaleza Antônia, eu teria a ocasião de presenciar um fato extremamente ilustrativo para a melhor compreensão do obscuro episódio da fuga dos guardiães do túmulo onde seria sepultado Jesus de Nazaré.)

Um pouco mais relaxados, dirigimo-nos os quatro até o extremo oposto de onde havíamos mantido a entrevista. Pôncio, adiantando-se ligeiramente, conduziu-nos para um recolhido triclinium, separado do “escritório” oficial por cortinas de musselina semitransparente.

A rapidez com que havíamos sido introduzidos no salão oval e a circunstância de eu haver permanecido todo o tempo na parte norte, de costas para o resto, haviam me impedido de observar detidamente o local. Minha missão na manhã da sexta-feira seguinte obrigava-me a conhecer o mais exatamente possível sua distribuição. Assim é que aproveitei aqueles momentos para – simulando interesse especial por um busto alojado num amplo nicho existente no centro da parede, onde ficava também a biblioteca de Pilatos – “fotografar” mentalmente todos os detalhes que pude.

Pôncio parou ao ver que eu ficara para trás. Inclinei-me ligeiramente sobre aquele pequeno busto de bronze, reconhecendo com surpresa que se tratava de uma efígie idêntica (talvez fosse a mesma) à que eu havia visto durante meu treinamento no Gabinete de Medalhas da Biblioteca de Paris. Nesse busto do Imperador Tibério não faltava na boca o seu característico ricto de amargura.

– Bonito! – exclamei.

E o romano, com um sorriso irônico, perguntou:

– Quem? César ou o busto?

– A escultura, certamente. Em minha opinião – acrescentei, assinalando a postura da boca – é um dos poucos bustos que lhe fazem certa justiça...

– Aprecio sua sinceridade, Jasão – disse o governador, aproximando-se de mim e dando-me uma palmadinha nas costas. E acrescentou: – Sabes? Eu gostaria de adivinhar o que a História dirá desse tirano.

– Isto – respondi –, precisamente isto: “Aqui jaz um déspota cruel e um tirano

sanguinário...”.

Como poderia Pôncio Pilatos imaginar que eu lhe estava anunciando o epitáfio que biógrafos de Tibério escreveram sobre seu túmulo no ano 37? Ainda que também seja certo – e nisso eu compartilho da opinião do grande historiador Wiedermeyer – que, se Tibério houvesse nascido no ano 6 a.C., a História lhe teria dedicado uma frase bem diferente: “Aqui jaz um grande estrategista”.

– Eu, ao contrário, faria cinzelar sua frase favorita: “Depois de mim, que o fogo faça desaparecer a terra!”.

Pilatos tinha razão. Como Sêneca e Dion registraram, essa era a frase mais repetida por Tibério.

À direita e à esquerda do busto de César, cravados em diferentes pés de madeira, haviam sido colocados a insígnia da legião e o signo zodiacal de Tibério, respectivamente. A primeira: uma águia metálica (provavelmente em bronze dourado), com as asas estendidas e um feixe de raios entre as garras; o segundo, um escorpião, igualmente metálico e de intenso brilho dourado. Essas sagradas insígnias romanas estavam montadas cada qual em uma haste de mais de dois metros de comprimento, ambas providas de ponteiros metálicos, para que pudessem ser cravadas na terra – ou, como no caso, em uma base de madeira.

Seguindo essa mesma parede, o salão apresentava uma porta muito mais sóbria e reduzida do que a do acesso pelo vestíbulo. Por ali havia entrado o serviçal e por ali, supus, se poderia chegar aos cômodos privados de Pilatos.

O resto do salão estava praticamente vazio. No total, contando o pequeno refeitório que arrematava aquele aposento elipsoidal, o lugar devia medir cerca de dezoito metros no diâmetro maior por nove no diâmetro menor. O teto, de uns treze metros, totalmente abobadado, pareceu-me uma prova a mais da ostentação e do esforço consciente colocado por Herodes na construção daquela fortaleza.

Mas minha surpresa foi ainda maior quando, ao se abrirem as cortinas que dividiam o triclinium do salão de “despacho”, uma cascata de luz nos inundou a todos. Em lugar de uma grande janela gêmea, como a que existia no outro extremo do salão, os arquitetos haviam aberto no teto uma claraboia retangular de mais de três metros de largura, fechada por uma lâmina de vidro. O sol, em seu zênite, entrava em caudais, proporcionando à acolhedora sala uma luminosidade e um calor túbio aos quais agradeci profundamente. No centro, estava disposta uma mesa circular, de apenas quarenta centímetros de altura, coberta com uma toalha de linho branco e adornada no centro com perfumadas flores de laranjeira, cidreira e limoeiro. Ao redor da mesa, havia estofados com plumas, para se sentar ou reclinar.

O abside, que constituía a parede do triclinium – forrada com madeira de cedro –, apresentava meia dezena de luzeiros ou lâmpadas de azeite (no momento apagadas). E na faixa que constituía o prolongamento da parede onde eu havia contemplado o busto de Tibério, descobri uma porta estreita, magistralmente disfarçada entre as veias de dois painéis de cedro. Exatamente por ali é que foram

aparecendo quatro ou cinco escravos, todos vestidos com curtas túnicas da cor do marfim. Pareciam proceder da Síria, com exceção de um gaulês de longos cabelos loiros. No decorrer do almoço, Pilatos confessaria que aquele belo mancebo era uma "joia". Depois de não poucos regateios, havia conseguido comprá-lo no mercado de escravos de Jerusalém pela nada desprezível soma de 1.500 sestércios (uns 250 denários de prata).

Cada um daqueles serviais era portador de um alguidar, ou lava-pés, de cobre, com um pequeno apoio de madeira no interior para a planta do pé, tomando assim mais cômoda a lavagem.

Depois do obrigatório ritual, Pôncio sugeriu-me que não calçasse minhas sandálias. Ele e o centurião haviam feito o mesmo. No início não compreendi, mas Pilatos, sorrindo e apontando as tábuas do piso, esclareceu o porquê da sugestão:

– Assim terás a oportunidade de experimentar por ti mesmo as excelências de meu sistema subterrâneo de calefação que tanto te interessa...

Ao pousar meus pés sobre a madeira de cipreste, comecei a sentir, de fato, um calor muito sutil e reconfortante. Sinceramente, fiquei maravilhado. O circuito de água quente que corria sob o piso transmitia ao assoalho a energia calorífica suficiente para regular a temperatura da sala, sem necessidade de lareira ou incômodas estufas.

Naturalmente, sabendo um pouco da especial psicologia de meu anfitrião, não hesitei em fazer grandes elogios àquela "revolucionária" e engenhosa invenção, prometendo falar dela a quantos dignitários e cortesãos tivesse a oportunidade de conhecer.

E, enquanto os escravos iam colocando sobre a mesa diferentes iguarias, aproveitei aqueles primeiros momentos do almoço para – como tinham por costume os cidadãos romanos – agradar Pilatos e Cívilis com esmeraldas, obtidas pela Operação Cavalo de Troia nas minas de Muzo.¹⁰³ O projeto, como já expus, havia planejado simplificar meu acesso ao governador romano por meio desse presente. A missão me havia repassado duas únicas pedras de "fulgor verde" – como as definiu Plínio –, que deveriam ser presenteadas a Pilatos. Mas, suspeitando que minha liberdade de movimento na jornada de sexta-feira pela torre Antônia estaria muito condicionada à vontade do chefe dos centuriões, decidi, fora do planejado, ganhar igualmente o seu apreço. E nada melhor do que lhe dar uma daquelas belíssimas esmeraldas, as pedras mais cobiçadas pelo mundo romano depois dos diamantes e das pérolas.¹⁰⁴

Foi a primeira – e única – vez que vi esboçar-se um fugaz sorriso no rosto quase pétreo de Cívilis. Pilatos, em compensação, mostrou-se generoso nos agradecimentos, jurando por seus antepassados que não esqueceria meu rosto nem meu nome. (Na realidade, eu me contentaria se aquele espírito volúvel se recordasse de mim ao menos até sexta-feira...)

E, ainda que o romano procurasse imitar Tibério no seu modo de ser e nas ações, especialmente naquelas que tivessem ressonância pública, na hora de

comer ele estava muito distante da extrema frugalidade de Tibério.

A “leve refeição” que os escravos haviam começado a servir constava, entre outras “minúcias”, de frutos do mar e ostras trazidas dos viveiros artificiais do lago Lucrina; de galinhas cevadas e untadas sobre ostras empanadas e outros mariscos, como os chamados por Pôncio de “bolotas do mar” (negras e brancas). E tudo isso apenas como “entrada”.

O quarto, o quinto e o sexto pratos foram ainda melhores: lombinho de corça, pássaros fritos em farinha e algo que eu jamais havia visto – empadas de teta de leitoa. E, como final, moreia procedente do estreito de Gades (Cádiz) e tâmaras submersas em um negro e doce suco de uvas sicilianas.

O banquete foi permanentemente regado pelo vinho levado por José, assim como por outros não menos apreciáveis, de Lesbos e Chios.

Considerando a época do ano e a longa viagem que haviam suportado as ostras e os mariscos, procurei não os provar, desculpando-me com um suposto e agudo distúrbio gástrico. Em contrapartida, fiquei na penosa obrigação de deglutir aquelas tetas de leitoa...

Entre risos e gracejos, Pilatos perguntou-me se eu havia tido a ocasião de saborear manjares como aqueles na mesa de Tibério, em Capri. Naturalmente – e para seu grande regozijo –, respondi-lhe que a frugalidade de César estava matando de fome seus amigos e astrólogos.

(Em uma oportuna e rápida intervenção do módulo, meu irmão completou minhas palavras, lembrando-me de alguns dos pratos favoritos de Tibério, informação que “Papai Noel” extraiu da História Natural de Plínio, o Velho (XIX, 23 e 28): “Quase exclusivamente vegetais e, em especial, aspargos e pepinos que seu horticultor cultivava em grandes caixas com rodas para levá-los para o sol ou para a sombra, dependendo do tempo. Também comia rabanetes, que fazia vir da Germânia. Esses vegetais foram motivo de frequentes disputas com seu filho Druso II, porque este se negava a prová-los. O Imperador era igualmente um fanático por frutas. As peras eram suas favoritas. Tibério vangloriava-se de possuir em sua vila do Tiber a árvore mais alta do mundo. Sua sobriedade chegava ao extremo de beber – já na velhice – um vinho acre de Sorrento, parecido com o chacolí basco”.)

Quando ouviu de mim esses pormenores sobre a dieta diária de Tibério, Pilatos, que não estava muito bem informado sobre esse particular, exclamou, depois de soltar um longo e cavernoso arroteo:

– Por Júpiter!... Tibério bebe vinagre. Agora compreendo por que não necessita de médicos. Eu já tinha ouvido falar de sua jocosidade, mas não sabia que, além disso, gostava de sofrer...

E, devolvendo ao prato uma daquelas untuosas empadas de teta de leitoa, começou a rir às gargalhadas, ao mesmo tempo que fazia um sinal ao escravo gaulês para que lhe trouxesse uma lavanda. O jovem escravo esperou que seu amo lavasse as mãos e, como se fosse uma prática habitual, inclinou-se sobre o governador, oferecendo sua longa e sedosa cabeleira. Pilatos, sem sequer fitá-lo,

foi enxugando as mãos nos cabelos do escravo.

José e eu trocamos um olhar de repugnância.

Mas Pôncio havia centralizado o tema da conversa no conhecido senso de humor de seu Imperador e então pediu-me que lhe contasse algumas das últimas pilhérias e anedotas protagonizadas por Tibério.

Aquilo me pegou tão de surpresa que quase ia me custando um sério transtorno. E, mesmo sabendo que o que eu iria contar devia-se mais à lenda e à imaginação do que ao rigor histórico, lancei mão de uma anedota que circulou por Capri naqueles anos de desterro voluntário de César.

– Conta-se – comecei, esperando que Eliseu me oferecesse novo suprimento – que, não faz muito tempo, o Imperador foi assustado por um pescador da ilha, quando o homem se aproximou dele para presenteá-lo com um peixe. Tibério, com a crueldade que o caracteriza, mandou que esfregassem a cara do pescador com o peixe. Entre ais de dor, o pobre homem – que devia ter um humor tão especial quanto o de Tibério – felicitou a si mesmo por não ter oferecido ao Imperador uma lagosta... Ao ouvir isso, o Imperador – seguindo o humorístico comentário de seu súdito – ordenou que lhe levassem uma lagosta, com uma carapaça eriçada de agulhões, e a esfregou na cara do pescador.

Pilatos assentiu com a cabeça exclamando:

– Esse é Tibério...

Para essa ocasião, “Papai Noel” já havia memorizado outros casos, alguns reflexos fiéis do profundo desprezo que Tibério César sentia por seus semelhantes. E, ainda que sob risco de que Pilatos os conhecesse, passei a relatá-los:

– Conta-se, também, admirado governador, que, em certa ocasião, o Imperador recebeu alguns embaixadores de Troia, que foram até ele para expressar pêsames pela morte de seu filho. Como os troianos tivessem chegado com bastante atraso, Tibério respondeu-lhes: “Eu, por minha vez, dou-lhes meus pêsames pela morte de vosso gloriosíssimo cidadão Heitor...”.

Pilatos esvaziou a enésima taça de vinho, reclinando-se ainda mais nos fofos almofadões de plumas e fazendo-me sinal para prosseguir.

– Em Roma circula também outra anedota. Tibério deu uma vez um banquete e os convidados, ao entrarem no triclinium, observaram que sobre a mesa só havia meio javali. César os fez ver “que meio javali tinha o mesmo sabor que um javali inteiro”...

Como eu começava a supor, os vapores do vinho e a comilança não tardaram a fazer efeito. E Pilatos, que tentava manter a cabeça sobre a mão direita, começou a dar súbitos cabeceios.

Num tom um pouco mais baixo, contei o que seria o último caso:

– Houve vezes em que esse humorismo disfarçava uma terrível crueldade. Este foi o caso de um acontecimento ocorrido logo depois de sua nomeação como Imperador. Como se sabe – prossegui, sem perder de vista os cabeceios do governador –, Augusto, ao morrer, deixou em seu testamento um importante

legado econômico, que Tibério foi repartindo pouco a pouco. Pois bem, certo dia aconteceu de passar um enterro diante do Capitólio, e um dos presentes aproximou-se do morto, simulando que lhe falava ao ouvido. Tibério estranhou e perguntou-lhe por que fizera aquilo. O farsante respondeu que havia pedido ao morto que informasse a Augusto que ele ainda não havia recebido sua parte. Tibério enrubesceu de indignação e ordenou que o matassem, “para que ele mesmo levasse o recado ao falecido Imperador Augusto”.¹⁰⁵

Quando concluí minhas anedotas, Pôncio Pilatos jazia, boca aberta, imerso em profundo sono.

Sigilosamente, a conselho do centurião, abandonamos o refeitório no momento em que um dos serviçais, seguindo, ao que parecia, uma rotineira obrigação, iniciava uma tarefa mais que penosa: roçar com uma pluma a garganta do amo, para lhe provocar o vômito e propiciar as delícias da refeição seguinte.

Já no vestíbulo, quando já nos dispúnhamos a nos despedir de Cívilis, outro centurião o alcançou e, em latim, quase no ouvido, comunicou-lhe algo. O chefe dos centuriões não respondeu ao companheiro. Hesitou um instante e, por fim, voltando-se para nós, tratou de se desculpar, dizendo que o tribuno da legião – também destacado com ele e seus companheiros em Cesareia – aguardava-o para proceder à execução de uma sentença.

Aquilo era igualmente novo para mim e experimentei grande curiosidade. Mas, embora eu não tivesse despregado os lábios, Cívilis – que parecia ler os pensamentos de todos os que o rodeavam – deve ter captado meu desejo e, dirigindo-se a José, convidou-o com ar de ironia e desprezo para com sua condição de judeu:

– Se assim o desejardes, podeis agora presenciar mais uma prova da justiça do povo romano...

Nem o ancião nem eu tínhamos ideia do assunto. Mas a voz do centurião havia soado quase como uma ordem, e então nos apressamos a segui-lo. Em companhia de outro oficial, Cívilis desceu as escadas de mármore, dirigindo-se para a direita do pátio de arcos. Este estava deserto, com exceção daquele mercenário que continuava suportando o pesado saco sobre o pescoço e os ombros e da sentinela que permanecia a seu lado. Onde estava o resto da tropa?

Logo eu tiraria minha dúvida.

Ao cruzar uma das portas da ala norte do pátio, entramos em uma esplanada, também a céu aberto, de pouco mais de 300 pés de comprimento por 150 de largura. Seu piso era coberto de uma areia branca muito fina. O lugar fazia parte da fortaleza e ocupava boa extensão da ala norte. Seus limites eram o muro exterior da torre Antônia e o complexo de edifícios da sede romana em suas demais alas. No extremo mais oriental, alinhava-se uma dezena de tendas de campanha. Elas ocupavam toda aquela face do retângulo a que nos havia conduzido o oficial e que, segundo nos foi explicado, era um campo de treinamento. As tendas, feitas com peles de cabra tingidas de um amarelo terroso,

tinham tetos de duas águas. Por baixo da cobertura aparecia um ripado, que constituía a armação de cada uma das barracas.¹⁰⁶ A capacidade das tendas era para dez homens. Segundo Cívilis, a afluência daqueles milhares de hebreus à festa anual da Páscoa obrigava a que se reforçasse a guarnição de Antônia. E aquelas tendas de campanha cobriam perfeitamente as necessidades das tropas que com ele tinham-se transferido de Cesareia.

Diante dos papilio (nome que se dava a essas tendas, pela semelhança de suas cortinas, colocadas na porta de entrada, com as asas das mariposas), o exército romano havia plantado meia dezena de postes de pouco mais de um metro e meio de altura, todos cheios de marcas, consequência das pancadas que choviam sobre eles nos treinamentos. Algumas das espadas e lanças, com o dobro do peso do pilum e do gladius normais, estavam cravadas na arena. Escudos e elmos repousavam apoiados sobre elas.

Várias centenas de soldados – todos de folga, a julgar pelo que vestiam – haviam-se congregado na esplanada, em círculos, e agora trocavam impressões em voz baixa.

Ao verem Cívilis, os soldados apressaram-se a abrir-lhe passagem, em respeitoso silêncio.

O chefe dos centuriões parou em frente aos postes de treinamento, saudando o tribuno e os centuriões ali reunidos. O tribuno, muito mais jovem do que Cívilis e do que o resto dos oficiais, constituía um comando intermediário, responsável, mais do que pelo comando tático da legião (que era atribuição do chefe dos centuriões), pela chefia do regime interno. Naquela época, todavia, sua importância havia crescido muito. Uma de suas funções, precisamente, era a de iniciar a execução de uma pena capital. Sua vestimenta era quase a mesma dos centuriões, com exceção da cor da toga ou capa, violácea. Não trazia armas.

Os oficiais mantiveram um brevíssimo conselho e, ato contínuo, um deles ordenou que o réu fosse conduzido à arena. Em seguida, os mercenários começaram a se aglomerar em torno de outros dois soldados que acabavam de entrar no campo de adestramento. Cada um carregava nos braços um bom número de bastões de um metro de comprimento. Entre empurrões, protestos e todo tipo de imprecações, meia centena de romanos armou-se, enfim, com os bastões. E o silêncio caiu de novo sobre aquela massa de energúmenos.

Logo depois, pela mesma porta por onde havíamos chegado à esplanada, vimos surgir um homem jovem, coberto com a típica túnica vermelha de legionários, escoltado por dois sentinelas.

Ao chegar o preso diante dos centuriões, Cívilis saudou-o com um braço erguido. O condenado retribuiu a saudação e, sem mais preâmbulos, o chefe das centúrias ordenou que o despojassem de suas vestes. Da minha posição, às costas dos oficiais, observei que Cívilis entregava seu bastão ao tribuno.

Enquanto uma das sentinelas segurava a lança do companheiro, este, agarrando a túnica do condenado pelo decote, deu-lhe um forte puxão e rasgou-a

até a cintura. Depois, com um certo golpe, abriu-a totalmente. Após lançar a túnica ao solo, despojou o condenado de sua tanga, deixando-o nu. A guarda e os centuriões retrocederam então uns passos, deixando o réu no centro do círculo que haviam formado os quarenta ou cinquenta mercenários que haviam conseguido um dos bastões. Para minha surpresa, aquele infeliz não fez um movimento sequer. Seu rosto havia empalidecido e seus olhos, esbugalhados pelo crescente terror, pareciam ausentes.

O tribuno aproximou-se do lugar e tocou-o suavemente com o bastão que Cívilis lhe havia cedido. No mesmo instante, como que impulsionados por um ódio selvagem e irracional, os soldados saltaram sobre a vítima e começaram a golpeá-la entre alaridos e insultos. O jovem levou instintivamente os braços à cabeça, mas a chuva de golpes era tal que não tardou que ele dobrasse os joelhos, com a frente, rosto e orelhas já completamente cobertos de sangue.

Com o condenado caído, aquelas bestas humanas, suarentas e ofegantes, intensificaram suas bastonadas até que a vítima se convertesse em um novelo e afundasse o rosto na areia. Nesse instante, Cívilis fez um sinal a um dos centuriões. O colosso – de quase dois metros de altura e com envergadura de um urso – abriu passagem aos empurrões entre a multidão enlouquecida. Ao vê-lo, os mercenários interromperam suas arremetidas, e o silêncio, rompido apenas pelas agitadas respirações dos executores, reinou novamente no recinto. Aquele centurião, chamado Lucílio e a quem as legiões da Panônia haviam batizado com o apelido de “Cedo Alteram”¹⁰⁷ – porque assim que partia uma vara nas costas de um soldado pedia outra e outra, dizendo sempre “cedo alteram” (uma imagem difícil de desaparecer da minha mente) –, desempenharia um papel destacado na flagelação do mestre da Galileia...

Lucílio colocou-se a um metro do réu. Tomou o bastão de um dos soldados e erguendo-o acima da cabeça, descarregou um golpe seco e preciso na nuca do condenado. Ao receber aquele impacto, a cabeça do infeliz dobrou-se e seu corpo, já sem vida, desmoronou de lado.

O apaleamento,¹⁰⁸ forma habitual de execução nas legiões romanas, estava terminado.

Enquanto os soldados devolviam os bastões e se retiravam-se do campo, um dos médicos ajoelhou-se diante da vítima e tomou seu pulso. Não havia dúvida de que o golpe de misericórdia do “Cedo Alteram” havia sido decisivo, cortando o sofrimento do desertor.

Cívilis, que não parecia nada alterado com aquele sangrento espetáculo, respondeu à minha pergunta sobre a causa da condenação, explicando-me que aquele sujeito cometera um dos piores delitos em que podia incorrer um soldado: o abandono de seu posto de guarda. Após um julgamento sumário, os tribunos e soldados haviam decretado sua morte.

Aquele trágico episódio, como já observei anteriormente, levou-me a meditar sobre o que havia lido em relação ao suposto abandono da guarda por parte dos

romanos que vigiavam a tumba de Jesus. E um pressentimento começou a flutuar em meu cérebro...

Se as sentinelas sabiam que tipo de sorte as aguardava no caso de que desertassem da missão que se lhes atribuía, como entender então os comentários de numerosos exegetas católicos que afirmam que “as sentinelas que guardavam o sepulcro fugiram aterrorizadas”? (Uma vez mais, os fatos registrados naquele amanhecer de domingo não iriam coincidir com essas “justificações teológicas”, tão apressadas quanto carentes de rigor.)

Ao passar de novo pelo pátio de arcos e vendo aquele mercenário que sustentava o pesado fardo nas costas, não pude resistir à tentação e perguntei a respeito ao centurião, enquanto este nos acompanhava na direção do túnel de saída da torre Antônia. Civílis esclareceu-me que se tratava de uma “ignomínia”, ou castigo menor. Em vistude de alguma falta que o oficial não revelou, aquele soldado havia sido condenado a permanecer durante todo o dia com uma carga de terra sobre as costas. (Eliseu confirmaria que aquele tipo de punição havia sido “inventado” pelo imperador Augusto.)

A soldadesca havia voltado a seus trabalhos habituais. Alguns, sentados em bancos de madeira de pinho, ocupavam-se, sob as arcadas, da limpeza de seus cinturões e de suas espadas, ou revisavam suas sandálias. Recordo-me de que, ao ver o calçado de um daqueles soldados, chamou-me a atenção o solado. Apanhei um deles e, diante do olhar atônito de seu dono, contei os cravos que haviam sido incrustados na face externa. Catorze! Formavam um “S”, começando no salto e enchendo praticamente toda a sola. (Como também já expliquei, aquele mortífero calçado iria ocasionar dolorosas lesões no corpo de Jesus de Nazaré.)

Deviam ser três da tarde quando, depois de recuperar minha “vara de Moisés” e me despedir de Civílis, José e eu, cansados, cruzamos a ponte levadiça e demos por concluída aquela agitada e produtiva visita à sede do governador Pôncio Pilatos.

Ao nos ver entrar na mansão de José, o saduceu a quem eu havia pedido que seguisse os passos de Judas – e que nos esperava desde pouco depois da sexta hora (meio dia) –, beijou-nos na face em sinal de boas-vindas.

Ismael ben Phiabi I, descendente do sumo sacerdote Simão, também saduceu¹⁰⁹ – a cuja lealdade e informações nunca poderei agradecer o suficiente –, acomodou-se no pátio onde havia ocorrido o almoço com Jesus e os gregos e, após colocar José a par dos antecedentes da missão que eu lhe havia dado, passou a nos relatar o acontecido no Templo. (José, como me havia dito Ismael na esplanada dos Gentios, era outro dos amigos e discípulos de Jesus que, certamente, conhecia as “irregularidades” de Judas como administrador do grupo, assim como sua cada vez mais aberta oposição às ideias sobre a natureza do reino que o Mestre pregava.)

No fundo, Ismael reconheceu que aquele encontro comigo havia sido coisa da Providência. Enquanto se dirigia ao interior do Templo, em busca de informação, o

saduceu foi amadurecendo um plano que, exposto a José, foi por este aprovado num instante. O pedido de demissão daqueles dezenove membros do Sinédrio, entre os quais ele próprio, talvez tenha sido uma medida muito precipitada. Os seguidores do Mestre conheciam o decreto de “busca e captura” de Jesus e não tardaram a lamentar aquele maciço abandono do supremo órgão de justiça. Sem um homem de confiança que pudesse acompanhar de dentro os passos do Sinédrio, a segurança do rabi da Galileia e de todo o grupo estava gravemente comprometida. Era mister que alguém simulasse o reingresso no Conselho dos 71, atuando como confidente. E aquela, refletiu Ismael, poderia ser a ocasião de ouro para estreitar a vigilância sobre José, aliás “Caifás”, e seus partidários.

– Assim foi que, armando-me de coragem – prosseguiu Ismael –, dirigi-me aos aposentos do sumo sacerdote, solicitando uma entrevista com ele. Mas antes, e conhecendo como conheço a extrema vaidade e cobiça de Caifás, procurei uma taça de ouro e prata.¹¹⁰

– Não foi muito difícil, sobretudo depois que lhe pus nas mãos aquele rico presente, convencer Caifás de “minhas honestas intenções de voltar ao seio do Sinédrio”. “Depois de profundas reflexões” – disse-lhe –, “acabei por compreender que a razão te assiste: é uma blasfêmia este galileu andar por aí pregando a ressurreição dos mortos...” O sumo sacerdote alegrou-se com minha decisão e recomendou-me que advogasse junto dos demais dissidentes para que seguissem meu exemplo...

– Graças a esse ardil, queridos amigos, pude ter acesso nesta mesma manhã a uma reunião informal de Caifás com o Sinédrio, da qual, sem que eu imaginasse, Judas iria ser um dos protagonistas...

Ismael fez uma pausa e, tomando minhas mãos entre as suas, acrescentou:

– É tudo o que devemos a ti, irmão Jasão. Que Deus – bendito seja seu nome – te bendiga.

No mais profundo do meu ser começou a brotar, entretanto, uma incômoda incerteza: “Que havia ocorrido naquela manhã no Templo? Por que Ismael agradecia tão efusivamente minha ideia de seguir Judas?”

– Uma hora depois da terceira (por volta das dez da manhã) – como eu vos dizia –, quase todo o Sinédrio reuniu-se na sala das pedras talhadas. Durante um bom tempo, os presentes discutiram a natureza das acusações contra Jesus, especialmente a maneira de prendê-lo e a forma de conseguir conduzi-lo até a autoridade romana e de garantir a execução da sentença de morte. Eles sabem que o governador é um homem fácil e acabaram não chegando a um acordo sobre os argumentos jurídicos que deveria apresentar.

Segundo Ismael averiguara na noite anterior, a de terça-feira, enquanto Jesus e seus discípulos regressavam ao acampamento de Getsêmani, o Sinédrio havia voltado a se reunir, analisando o último discurso do Galileu na esplanada do Templo. Todos – cada um com seu motivo – ratificaram as decisões anteriores do Conselho, pressionando Caifás para que ordenasse de imediato, sem mais

delongas, a prisão de Jesus de Nazaré. Suspeitando que o rabi da Galileia não iria ao Templo no dia seguinte, quarta-feira, o sumo sacerdote e os conselheiros expediram uma nova e mais precisa ordem aos levitas para que a captura ocorresse antes de sexta-feira. No entanto, uma pergunta ficara flutuando no ar: como prender o impostor sem revoltar as massas e, sobretudo, sem provocar a guarnição romana responsável pela ordem em Jerusalém? O grupo dos saduceus mostrou-se muito mais radical do que o dos escribas e fariseus: votaram pelo assassinato do rabi. Mas os fariseus rejeitaram a proposta, por considerá-la muito arriscada.

– Dizes que na assembleia desta manhã – interrompi o saduceu – as acusações contra o Mestre voltaram a ser expostas...

– Assim é...

– Podias concretizá-las para mim?

– Para os fariseus, os motivos são diferentes dos saduceus. Eles se baseiam no seguinte:

“Primeiro: temem Jesus porque são muito conservadores e não desejam perder seu velho prestígio como ‘mestres de religião’.

“Segundo: sustentam que Jesus é um infrator da Lei, porque tem violado o sábado e muitas outras cerimônias sagradas.

“Terceiro: consideram uma blasfêmia que se autoproclame como Filho do Divino.

“E quarto e último: sentem-se ofendidos por esta última denúncia do rabi no Templo.

“Quanto aos saduceus, seu desejo de ver morto nosso Mestre baseia-se nisto:

“Primeiro, temem que a crescente simpatia do povo por Jesus ponha em grave perigo a existência da nação. Os romanos, dizem os saduceus, não aceitarão jamais um movimento revolucionário como o que parece pregar Jesus.

“Segundo: essa estranha doutrina do rabi da Galileia, pregando a irmandade entre todos os homens, parece-lhes um insulto. São eles os únicos responsáveis pela ordem social e tremem diante de semelhante corrente filosófica.

“E terceiro: a ‘limpeza’ do Templo por parte do Mestre, provocando a derrubada das mesas dos cambistas e sua retirada do átrio, esgotou a paciência dos saduceus. Segundo soube, suas perdas econômicas foram elevadas... Como se sabe, tanto Caifás quanto seu sogro, Anás, têm parte no negócio de intermediários e cambistas de moedas... E ainda que o Mestre fosse o autêntico libertador de Israel, o sumo sacerdote tem o coração afogado por ódio e ressentimento, e não descansará enquanto não o eliminar.”

Ismael olhou para José com profunda tristeza e acrescentou:

– A sorte de Jesus está lançada.

Tratei de não interromper mais o relato e pedi ao saduceu que nos informasse sobre os fatos daquela mesma manhã.

– Pois vereis. Segundo minhas averiguações, durante a terça-feira Judas tivera

uma reunião com alguns de seus amigos e parentes. Entre os primeiros, estavam saduceus, íntimos da família de seu pai. E foram estes que o animaram a dar o passo fatídico que acaba de dar. Iscariotes lhes havia dito que, depois de muito meditar, tinha chegado à conclusão de que sua permanência no grupo de Jesus havia sido um erro.

– Por quê? – voltei a interrompê-lo, ardendo de desejo de conhecer as verdadeiras causas que haviam impellido Judas.

– Segundo disse Iscariotes, o Mestre era só um idealista, um sonhador bem-intencionado, mas não o esperado libertador de Israel. E acrescentou que sua obsessão era encontrar um modo de se retirar daquele movimento de forma satisfatória. Essa confissão de Judas foi habilmente aproveitada pelos saduceus, que convenceram seu coração, assegurando-lhe que sua renúncia seria bem acolhida pelos dignitários sacerdotais. E chegaram a lhe prometer até grandes honras e um reconhecimento público, o suficiente para elevar seu prestígio entre os hebreus e fazer esquecer essa “desafortunada associação com os poucos ilustrados galileus”.

(Aquela trama foi a perdição de Judas. Conhecendo seu agudo senso de ridículo e sua irrefreável ambição, os saduceus, com suas promessas de honrarias, dignidade e reconhecimento público, desencadearam de modo irreversível a já antiga decisão de Judas de desertar do grupo de Jesus. Curiosamente – e creio que este ponto é de extrema importância –, Judas não pensou em ouro no momento de vender seu Mestre. Isso foi mera consequência. Se raciocinarmos com objetividade, que poderiam importar-lhe as trinta moedas de prata se ele era justamente o tesoureiro do grupo e vinha manejando e dispendo, fazia quatro anos, do dinheiro de todos? Devo recordar a esse respeito que, antes da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém na manhã de domingo, Iscariotes, numa demonstração de indubitável honradez, pusera a bolsa comum nas mãos de Simão, “o leproso”. Se Judas houvesse acariciado a ideia do dinheiro como única razão de sua traição, o mais lógico seria que, com sua fuga, tivesse se apoderado de todo ou de parte dos fundos do movimento de que era administrador. Como iremos vendo, as motivações do apóstolo eram diferentes, muito mais profundas.)

– ... Judas confessou a seus parentes e amigos que estava convencido de que a missão do Mestre não podia prosperar. Enfrentar, assim, os poderosos membros do Sinédrio só podia ser coisa de um louco, e ele, segundo suas próprias palavras, não queria perecer com o resto do grupo nas mãos da justiça hebraica ou romana.

“No fundo – comentou Ismael, que conhecia muito bem a tortuosa personalidade do traidor –, o que Judas parece não suportar é que o identifiquem algum dia com um movimento fracassado...”

A essas manifestações do saduceu, atrevi-me a acrescentar um fato – já comentado por mim anteriormente – que também na opinião de meus amigos havia sido decisivo para a compreensão do comportamento de Judas. Refiro-me ao incidente do frasco de perfume que Maria derramou sobre Jesus e à dura crítica de

que Iscariotes foi alvo por parte de Jesus. Tanto José como Ismael – repito – mostraram-se de acordo em que, já naquele momento, a mente do susceptível discípulo começara a maquirar a forma de se vingur.

– ... Sim – concordou José –, Judas é um homem ressentido. Em minha opinião, jamais perdoou o Mestre por não o distinguir do resto do grupo, como fizera com João, Pedro e Tiago. É provável – lamentou o ancião – que o conturbado ânimo de Judas se volte não só contra Jesus, mas também contra esses três companheiros.

“O certo é que, depois da reunião do Sinédrio – prosseguiu Ismael –, Caifás ordenou a entrada de Judas na sala, em companhia de um de seus parentes. Segundo entendi, tratava-se de um primo de Judas, que nos aborreceu a todos com uma longa peroração na qual quis justificar a decisão de seu primo de abandonar o grupo do Galileu. Afirmou que Judas havia descoberto seu erro e que desejava apresentar renúncia pública de sua associação com Jesus. Em troca, solicitava o perdão, a confiança e a amizade dos altos dignitários e seus congregados. E, como prova de sua sinceridade, o porta-voz de Judas explicou que seu parente estava disposto a facilitar a detenção silenciosa e sigilosa do Nazareno, de forma a evitar o perigo de um levante da multidão e um novo e possível atraso de sua captura, como consequência da iminente festa da Páscoa.

“Aquelas últimas afirmações do primo de Judas animaram extraordinariamente os membros do Sinédrio, que assim viam uma nova luz para conseguir a prisão do impostor.

“Caifás, então, convidou Judas a ratificar o que acabávamos de ouvir. E o traidor, adiantando-se até a presidência, respondeu fria e firmemente: ‘Farei tudo o que meu primo prometeu. Quero que Jesus fique debaixo de vossa custódia. Em troca, eu vos peço um reconhecimento público...’.”

(A palavra “custódia”, repetida várias vezes por Ismael, seria de suma transcendência para Judas. Sua repetição, na hora de exigir a “custódia” do Mestre, não era gratuita. Como veremos no devido tempo, além da profunda desilusão do traidor com os sacerdotes, Judas não pensou jamais que o Mestre fosse executado, mas simplesmente encarcerado ou custodiado.)

– Creio que o traidor – prosseguiu Ismael visivelmente decepcionado – não captou o olhar de desprezo de Caifás. Se Judas tivesse percebido a cilada que lhe estavam preparando, provavelmente não teria aceitado aquela situação...

“Mas o ladino Caifás não deixou que transparecessem suas verdadeiras intenções e, contornando a proposta de Judas, respondeu-lhe: ‘Tu deverás combinar com o chefe dos levitas a forma de nos trazer o galileu nesta mesma noite ou, no máximo, amanhã, quinta-feira, depois do pôr-do-sol. Quando o tiveres entregado, receberás tua recompensa’.

“Ao escutar as palavras do sumo sacerdote, os olhos de Judas brilharam com uma luz especial. Sentia-se satisfeito e manifestou esse sentimento publicamente. Depois, saiu da sala e teve uma longa conversa com o chefe de polícia do Templo. Eu não pude me retirar do conselho do Sinédrio, mas fiquei sabendo que os levitas,

seguindo as instruções do traidor, marcaram a detenção do Mestre para a noite de amanhã, quinta-feira, quando os peregrinos e os vizinhos de Jerusalém tiverem se retirado para suas casas. Pelo próprio Judas, os levitas souberam que o Nazareno estava ausente do acampamento de Getsêmani e que, por isso e por ser incerto o momento do regresso do Mestre, sua captura havia sido marcada para a noite seguinte. Com o fim de acertar ainda mais os detalhes sobre o lugar e o momento adequados para a prisão, o chefe da polícia judaica havia pedido a Judas que se apresentasse no Templo na manhã do dia seguinte.”

Concluídos os entendimentos para a prisão secreta de Jesus, os sacerdotes ali reunidos respiraram aliviados, felicitando-se mutuamente pela inesperada e providencial adesão daquele renegado. E ali mesmo, depois de uma curta discussão, Caifás fixou o preço da “compra” de Jesus: trinta siclos (shekels) de prata.¹¹¹ Alguns dos saduceus, acreditando que o Sinédrio iria cumprir a promessa de glorificar Judas, acharam que aquele dinheiro era excessivo. Mas o sumo sacerdote lhes fez ver e compreender que não era essa sua intenção...

Um desolador silêncio pôs um ponto final naquela reunião na casa de José de Arimateia. Como muito bem havia assinalado Ismael, a sorte do Mestre estava lançada... a não ser, é claro, que aqueles dois homens atuassem rapidamente.

Antes de partir para o acampamento de Getsêmani, José e Ismael empenharam-se em uma discussão que me fez tremer. Pela primeira vez no transcurso de minha missão, minha intervenção – apesar de todas as precauções – estava a ponto de provocar algo irremediável. Tanto Arimateia quanto o saduceu achavam que era preciso denunciar Judas e alertar o grupo. E isso era compreensível. No entanto, num último esforço para não alterar os acontecimentos, procurei fazê-los compreender que aquela não era a atitude mais inteligente.

– Estou de acordo – disse-lhes – com vosso correto desejo de advertir o Mestre, mas que ganhareis tornando pública a traição de Judas?

Nem o ancião nem Ismael pareciam compreender-me. E me vi obrigado a recorrer a um argumento que eles terminaram por aceitar.

– Sabeis da velha inimizade e dos ciúmes de Judas em relação a homens como João, Pedro e Tiago. Se estes chegassem apenas a suspeitar do que seu companheiro acaba de planejar, que poderia ocorrer?

Meus amigos assentiram em silêncio.

– Falai em segredo com o Mestre – prossegui –, se assim quiserdes, mas não carregueis ainda mais o já turvo ambiente do grupo. Deixai que Jesus – arrematei – fale com Judas, se ele assim considerar prudente. O rabi ama também Iscariotes e saberá o que se deve fazer...

Depois de uma acesa discussão, Ismael e José aceitaram minha proposta, e nós três, aproveitando as últimas luzes do dia, encaminhamo-nos para o sopé do monte das Oliveiras. O ancião e o saduceu, com a exclusiva finalidade de falar com Jesus; eu, com a alma encolhida diante da possibilidade de que um excesso de

empenho de minha parte em querer seguir os passos de Judas pudesse provocar uma tragédia.

Quando entramos no acampamento, as mulheres haviam acabado de preparar uma reconfortante fogueira. Jesus não havia regressado ainda e os discípulos, inquietos e mal-humorados, iam e vinham, culpando-se mutuamente por não haverem escoltado o Mestre. Pedro, mais alterado do que os demais, chegou a propor que um grupo de homens armados saísse em sua busca. Mas André – com sua serenidade habitual – recordou-lhes as palavras do rabi, fazendo-os ver que, se ele havia dito que “nenhum homem lhe poria as mãos antes que houvesse chegado sua hora”, assim deveria ser.

Enquanto aguardávamos o retorno de Jesus e João Marcos, Davi Zebedeu uniu-se ao grupo que formávamos, José de Arimateia, Ismael ben Phiabi e eu, e muito sigilosamente nos comunicou que seus “agentes” em Jerusalém já lhe haviam informado da conjura que estava sendo urdida para acabar com a vida do Mestre. Nós nos olhamos sem saber o que fazer. Mas José conhecia muito bem a especial discricção que distinguia aquele astuto discípulo e nos tranquilizou. Com grande alívio para mim, a notícia da reunião de Judas com o Sinédrio vazara pouco a pouco e os homens que trabalhavam para Zebedeu não haviam demorado para informá-lo. Fazia anos que o grupo de Jesus dispunha de uma curiosa rede de “correios” ou emissários, organizados e dirigidos por Davi Zebedeu, cujo trabalho era a transmissão de notícias. Dessa forma, os numerosos amigos, parentes e simpatizantes do movimento estavam a par das mensagens e recomendações que emanavam de Jesus ou de seus homens. Davi fora percebendo que as relações de seu Mestre com os membros do Sinédrio se deterioravam passo a passo e, por conta própria, havia decidido montar no acampamento de Getsêmani, naquela quarta-feira, um “corpo” especial de mensageiros. Tal qual Lázaro e suas irmãs, aquele judeu de mente clara e grande valentia parecia haver entendido muito melhor do que os apóstolos qual iria ser o fim de Jesus. Nem por isso, eu o ouvi expor seus temores diante dos demais íntimos do Nazareno. E, seguindo essa mesma conduta sigilosa, Davi nos comunicou suas impressões pessimistas, fazendo-nos saber também que, prevendo males maiores, um de seus “correios”, enviado por ele vários dias antes à povoação de Betsaida, ao norte do lago Genezaré, havia levado recado à sua mãe e à mãe de Jesus, Maria, para que viajassem sem demora a Jerusalém. Esse mensageiro havia regressado por volta das quatro da tarde daquela quarta-feira, comunicando a Zebedeu que as mulheres e outros membros da família do Galileu já estavam a caminho e talvez chegassem ao acampamento naquela mesma noite ou, na pior das hipóteses, na manhã de quinta-feira. José agradeceu, em nome de todos, a confiança que Davi havia demonstrado ao nos pôr a par desses pormenores e, em compensação, contou-lhe a traição de Judas, suplicando que mantivesse segredo.

Mas nossa conversa foi subitamente interrompida por uma crescente agitação entre os discípulos que perambulavam pelo horto. André precipitou-se sobre nós e

nos falou de uma só vez:

– Corre a notícia de que Lázaro fugiu de Betânia.

Davi sorriu ironicamente. E, quando André se afastou, comentou com desgosto:

– Não vos alarmeis. Foi um de meus mensageiros que levou a Lázaro a notícia de que o Sinédrio se dispunha a prendê-lo hoje mesmo. Tem ordens de dirigir-se para Filadélfia e refugiar-se na casa de Abner.

Não julguei oportuno perguntar quem era Abner, embora imaginasse que fosse um dos adeptos de Jesus na Pereia, do outro lado do Jordão.

José ficou muito impressionado. Estimava muito o ressuscitado e, ao ficar sabendo do acontecido, começou a avaliar em toda a sua dimensão a gravíssima decisão de Caifás e seus seguidores de prender o Mestre. Mas, submetendo-se às circunstâncias, aguardou pacientemente a chegada de Jesus.

Já ia alta a noite, quando o gigante e João Marcos irromperam no acampamento, tão sós como haviam saído. Jesus soltou o pano que havia enrolado em torno dos cabelos e, mostrando-se com excelente humor, saudou os amigos e sentou-se ao pé do fogo, como era seu costume.

Mas a acolhida não foi muito calorosa. Aqueles homens estavam por demais assustados e confusos para acompanhar os gracejos do Mestre. No fundo, haviam se acostumado com a sua presença e aquela jornada sem ele lhes fora deveras longa e vazia. Jesus percebeu rapidamente o ambiente tenso e o aborrecimento nas fisionomias. Todavia, ninguém se atreveu a lhe perguntar o que quer que fosse. Nenhum deles teve coragem, por outro lado, de lhe contar sobre a precipitada fuga de Lázaro...

Apesar disso, o Galileu procurou de todas as formas desanuviar a atmosfera e, durante um bom tempo, pediu notícias das famílias dos discípulos. Ao chegar a vez de Zebedeu, Jesus foi muito mais objetivo, interrogando-o sobre sua mãe e sua irmã mais nova. Davi, porém, baixando os olhos para o solo, não respondeu. Estava claro que o chefe dos "correios", que não cessava de entrar e sair do acampamento, havia preferido não se queixar a Jesus nem informá-lo de que dera ordens para que Maria e o resto da família viessem para Jerusalém. Naquele instante, ao observar a extrema delicadeza do discípulo, senti grande simpatia por ele. E aquele sentimento acabaria por transformar-se em admiração, à vista de seu comportamento nas duras horas que se seguiram à prisão de Jesus. Aquele homem e seu corpo de mensageiros constituiriam, durante as negras jornadas que se avizinhavam, o coração e o cérebro do atormentado grupo.

Percebendo que as últimas horas não estavam transcorrendo tão íntimas e familiares como ele desejava, o Mestre tomou a palavra e disse aos presentes:

– Não deveis permitir que as grandes multidões vos enganem. As que nos ouviram no Templo e que pareciam crer em nossas pregações, são essas, precisamente, que escutam a verdade de forma superficial. Muito poucos permitem que a palavra da verdade lhes golpeie forte o coração e germine raízes de vida. Os que só conhecem o Evangelho com a mente e não o sentem no coração não podem

inspirar confiança quando chegam os maus momentos e os verdadeiros problemas.

“Quando os dirigentes dos judeus chegarem a um acordo para destruir o Filho do Homem e quando tomarem uma única deliberação, então vereis que essas multidões escaparão consternadas ou se afastarão em silêncio.

“Então, quando a adversidade e a perseguição descerem sobre vós, chegareis a ver que outros (que pensáveis que amavam a verdade) vos abandonarão e renunciarão ao Evangelho. Vós descansastes hoje para vos preparardes para esses tempos que se avizinham. Tomai cuidado, portanto, e rogai para que, pela manhã, possais estar fortalecidos para o que vos aguarda.”

Ao ouvir aquelas últimas palavras, Judas – que havia regressado ao acampamento pouco antes de nós – levantou os olhos e olhou fixamente para Jesus. Mas, com exceção de Zebedeu e de nós três, nenhum dos discípulos associou aquela advertência à sua iminente deserção.

Por volta da meia-noite, o Galileu convidou os amigos a se recolherem para descansar.

– Ide dormir, irmãos meus – disse-lhes com especial doçura –, e conservai a paz até que nos levantemos amanhã... Um dia mais para fazer a vontade do Pai e experimentar a alegria de saber que somos seus filhos.

86 Esse líquido oleoso, segundo me explicou umas das discípulas, era fabricado em Jerusalém, partindo precisamente daquela substância pardo-avermelhada que eu havia visto escorrer dos troncos das oliveiras. “Papai Noel” confirmaria que essa matéria, denominada goma-laca, é formada por uma substância branca e cristalina conhecida pelo nome de “olivila”. (N. do M.)

87 Durante minha preparação para essa missão, deram-me uma réplica da planta de Madaba: um mosaico do século VI de nossa Era que ainda é conservado em uma igreja grega do mesmo nome. Nesse mapa apareciam essas duas ruas principais providas de colunatas, autênticas “colunas vertebrais” dos dois bairros ou zonas de Jerusalém. (N. do M.)

88 Em sua obra Guerra dos Judeus (livro sexto), Josefo assegura que três torres tinham 22,50 metros e a quarta, a que estava encostada no Templo, 31,50 metros. Esses números se aproximam bastante de nossas medições feitas no módulo. (N. do M.)

89 Minha documentação sobre Tibério baseou-se fundamentalmente em quatro fontes: os Anais, de Tácito; o livro Os Doze Césares, de Suetônio; e as Histórias de Roma, de Dion Cássio e de Veleio Patérculo. A esta bibliografia sobre a vida pública e particular de Tibério tive de acrescentar uma infinidade de documentos, dados e livros de Flávio Josefo, Filon, Juvenal, Ovídio, os Plínios, Sêneca, Henting, Bernoulli, Barbagallo, Baring-Gould, Ferrero, Marsh, Ciaceri, Mommsen, Marañón, Homo, Pippidt, Axel Munthe, Ramsay, Tarber, Tuxen e um longo etc. (N. do M.)

90 Para qualquer médico, aqueles olhos esbugalhados, assim como as demais características de Pilatos – obesidade, baixa estatura, edema da face etc. –, levariam a suspeitar de uma disfunção da glândula tireoide (possivelmente hipertireoidismo). (N. do M.)

91 Ao contrário do que chegaram a opinar alguns pesquisadores, o governador Pôncio Pilatos não foi jamais um escravo liberto. Procedia de família nobilíssima e muito antiga, que se entroncava desde quatro séculos antes de Cristo com a “ordem equestre” romana. Um antepassado seu, Pôncio Comínio, participou da guerra de Camilo contra os gauleses. Com grande arrojo, esse antepassado de Pilatos conseguiu entrar em Roma escondido em um barquinho de cortiça. A origem de Comínio, como nos diz o próprio nome, era samnita. Duzentos anos mais tarde, surgem na história de Roma dois outros “Pôncios” famosos: Caio Pôncio Telesino e seu pai, Caio Pôncio Herênio, amigo de Platão. A família de Pôncio Pilatos, segundo todos os historiadores, dividia-se em quatro grandes “ramos”: os telesinos, os cominianos, os fregelanos e os anfidianos. Todos eles tomaram o nome do lugar de procedência de sua família. O “ramo” mais distinto e nobre foi, sem dúvida, o dos telesinos, do qual procedia Caio Herênio, lugar-tenente de Mário na guerra da Espanha, nos tempos de Sila. Porém, mais famoso ainda foi Pôncio Telesino, que pôs Sila em grandes dificuldades e cuja morte foi, para Mário, o sinal de sua derrota. Desde então,

os Pôncios Telesinos desapareceram da história de Roma, embora dois destacados poetas, Marcial e Juvenal, falem deles. O primeiro, mal; o segundo, que os tinha em grande apreço, bem. É difícil precisar a qual dos dois "ramos" importantes pertencia Pôncio Pilatos, ainda que tudo leve a supor, pela sua classe e por seu cargo, que à ala dos "telesinos". "Pilatos" não era outra coisa senão um pseudônimo ou apelido, como ocorria com outros personagens ilustres: Cícero, Torquato, Corvino etc. Significava "homem de lança" e presumivelmente tinha relação com algum feito importante de armas ocorrido na família dos Pôncio. Na guerra civil de César e Pompeu, por exemplo, os Pôncio foram partidários do primeiro, deles contando-se alguns feitos heroicos que lhes valeram grande amizade com César. Outros membros da família, todavia, permaneceram fiéis à República, como foi o caso de Lúcio Pôncio Áquila, amigo de Cícero. Em tempos de Tibério, apareceram os fasces consulares, em mãos de um tal Caio Pôncio Nigrino; e nos bancos do Senado, houve um Pôncio Fregelano, que mais tarde caiu em desgraça ao se unir ao temido general Sejano. Mas nenhuma dessas circunstâncias pôs a perder o prestígio da família dos Pôncio. E no império de Nero, encontraríamos outro Pôncio Telesino, exercendo o consulado com Suetônio Paulino.

Pôncio Pilatos pertencia, em resumo, à "ordem equestre" romana, ou seja, à nobreza de segundo grau. (N. do M.)

92 A profusão de falos naqueles tempos chegou a tais extremos que se podia encontrá-los nas portas das casas ou dos dormitórios. Quando eram colocados nos jardins e nos campos, deviam proteger contra as influências nocivas. Colocado nas encruzilhadas, o falo assinalava o rumo ao caminhante. Também pendiam dos carros vitoriosos dos imperadores (os fascinus) e do pescoço das mulheres grávidas, que pediam um parto fácil. Os romanos chegaram a crer que seu poder aumentaria se dessem ao falo uma forma de animal dotado de garras ou asas. Também têm sido encontrados sinos com a forma fálica. A superstição romana acreditava que, desta forma, seus sons afugentavam os feitiços e toda a sorte de seres fantasmiais. Só quando o Império caiu e seus costumes degradaram, é que o falo converteu-se em símbolo de prazer. Enquanto nos primeiros tempos de Roma, as jovens, ao se casarem, ofereciam sua virgindade ao príapo de Hermes como prova de suas devotas intenções, mais tarde o falo do deus passou a servir de consolação a mulheres depravadas. (N. do M.)

93 Filon escreve sobre Pilatos: "De caráter inflexível e duro, sem nenhuma consideração". Segundo ele, o governo de Pôncio caracterizou-se por "corrupção, roubos, violências, ofensas, brutalidades, condenações sem processo prévio e uma crueldade sem limites". (N. do M.)

94 Mais adiante, no nosso segundo "salto" no tempo, eu me veria na necessidade de modificar a suave definição de "emocionalmente instável". Pôncio, na verdade, era um demente... (N. do M.)

95 O Cavallo de Troia confirmou esse extremo, tendo sido encontrada, de fato, a imagem de Sejano em moedas surgidas na cidade espanhola de Bilibis (atual Calatayud, na província de Zaragoza). Segundo Suetônio, algumas legiões estacionadas na Síria não aceitaram essa glorificação de Sejano. Quando o "homem forte" caiu, Tibério as recompensou, apesar de ter sido ele mesmo quem ordenara a concessão de tal honraria a seu lugar-tenente. (N. do M.)

96 Tibério, de fato, anunciou a nomeação de Sejano como cônsul naquele mesmo ano 30, mas, ao que parece, as notícias demoravam mais de três meses para ir de Roma à Palestina. A designação havia sido prevista para o ano seguinte, 31, embora o "homem duro" de Tibério viesse a morrer antes de receber o posto. Naquele momento, Pilatos ignorava tudo isso. Daí sua surpresa. (N. do M.)

97 Segundo a definição usada por Pilatos, aquele centurião era o "primeiro" dos sessenta de que se compunha uma legião. Nessa perfeita hierarquização do exército romano, os chamados primorum ordinum centuriones ou, abreviadamente, primi ordines, eram os centuriões da mais alta categoria de uma legião. O primipilus, o eleito em primeiro lugar dentre as sessenta centúrias, participava até dos conselhos de guerra. (N. do M.)

98 O governador referia-se às argúcias empregadas pelos colaboradores do temido Sejano para acusar Tito Sabino, homem leal a Agripina e executado, como já disse, no ano 28. Quatro pretores que aspiravam ao consulado planejaram, para ganhar as graças de Sejano, capturar Sabino em flagrante. Eram Latino Lácio, Fórcio Cato, Petélio Rufo e Ópsio. O primeiro fingiu-se amigo e confidente do infeliz Sabino e excitou, com suas críticas a Sejano e a Tibério, a profunda aversão que o amigo de Germânico (marido de Agripina) sentia por César e seu ministro. No dia combinado, Lácio levou sua vítima a sua casa, provocando-lhe a loquacidade contra César e seu favorito. Sabino ignorava que os outros três cúmplices o estavam escutando de um desvão, por meio de aberturas feitas no sob. Pouco depois, as violentas manifestações de Sabino estavam em poder de Tibério e Sejano, e estes ordenaram sua execução. (N. do M.)

99 Reconheço que aquela exclamação e todas as atitudes do governador em relação a Sejano nos confundiram. Tanto Eliseu como eu sabíamos que Pôncio Pilatos havia sido designado pelo general e favorito de Tibério com a deliberada intenção de provocar o povo judeu. Sejano havia sido um dos homens que mais se tinham distinguido por seu ódio aos hebreus que viviam em Roma. Pouco antes da morte de Cristo, o imperador ordenara a expulsão de 4 mil judeus, que foram conduzidos à ilha de Sardenha com a missão de eliminar os grupos de

bandidos que ali tinham seu quartel-general. Esse desterro em massa deu-se em boa parte a conselho de Sejano e teve origem num caso de malversação de fundos por parte de quatro hebreus que haviam sido encarregados por Fúlvio, esposa do senador Saturnino recém-convertida ao judaísmo, de transportar valiosos presentes para o Templo de Jerusalém. Esses judeus apoderaram-se das oferendas e o comandante da guarda pretoriana, Sejano, aproveitou-se do fato informando-o a Tibério. Este se enfureceu e, como já disse, ordenou que todos os judeus e prosélitos fossem banidos de Roma. Essa foi, precisamente, a primeira perseguição aos judeus no Ocidente. (N. do M.)

100 O Cavallo de Troia havia fabricado aquele pergaminho seguindo as antigas técnicas dos especialistas de Pérgamo, no noroeste da Ásia Menor. Utilizou-se pele de cordeiro. Após eliminar o pêlo, ela foi raspada e macerada em água de cal, para remover a gordura. Depois de seca e sem ser curtida, foi friccionada com pó de gesso e polida com pedra-pomes. A escrita, em latim, foi realizada seguindo a técnica chamada *capitalis rustica*, à base de letras esbeltas e elegantes. (N. do M.)

101 Para se poder compreender melhor essas lutas interinas, que abalaram sobretudo aqueles últimos anos do império de Tibério, quero recordar os principais componentes da chamada família dos Cláudio:

Primeira geração: Tibério Cláudio Nero, casado com Lúvia, de quem teve Tibério (imperador) e Druso I, suspeito de ser filho de Lúvia com o imperador Augusto.

Segunda geração: Filhos de Tibério Cláudio Nero e Lúvia (enteados de Augusto): Tibério (imperador), que se casou com Vipsânia, da qual teve Druso II, e depois com Júlia I, que lhe deu um filho morto; e Druso I, que se casou com Antônia II, de quem teve Germânico, Cláudio (imperador) e Lúvia.

Terceira geração I (filhos de Tibério e Vipsânia): Druso II casou-se com Lúvia, de quem teve Júlia III, Germânico Gêmeo e Tibério Gêmeo.

Terceira geração II (filhos de Druso I e Antônia II e, portanto, sobrinhos de Tibério e sobrinhos-netos de Augusto): Germânico, Cláudio (imperador) e Lúvia.

Quarta geração I (filhos de Druso II e Lúvia e, portanto, netos de Tibério e sobrinhos-bisnetos de Augusto): Júlia III, Germânico Gêmeo e Tibério Gêmeo.

Quarta geração II (filhos de Germânico e Agripina I e, portanto, sobrinhos-netos de Tibério e bisnetos de Augusto): Nero I, Druso III, Caio (mais conhecido por Calígula), Agripina II, Drusila e Júlia Lúvia.

(Antônia II, portanto, era mãe de Germânico e avó de Calígula.) (N. do M.)

102 Assim é que Calígula era chamado familiarmente, por causa do calçado que usava, do tipo militar. (N. do M.)

103 Os homens do projeto Cavallo de Troia tentaram de todas as maneiras conseguir as esmeraldas nas jazidas dos Urais, em território soviético. Essas minas já foram citadas pelo historiador Plínio, o Velho (que viveu entre os anos 23 e 79 de nossa Era), em sua obra Tratado das Pedras Preciosas. Isso proporcionaria à ação um caráter mais autêntico e objetivo. Mas os obstáculos levantados pelo russos foram tais que o general Curtiss decidiu trocar a origem das esmeraldas, recorrendo às não menos famosas minas colombianas de Muzo, a uns 150 quilômetros ao norte da cidade de Bogotá. A cor dessas esmeraldas é mais suave, macia e aveludada que a das russas e a birrefringência (0,0006) e densidade (2,7) são menores. O Cavallo de Troia adquiriu duas peças em forma de prisma hexagonal, de 27 gramas cada uma e de uma belíssima cor verde. O projeto achou que, embora as pedras preciosas viessem de um continente ainda não descoberto no ano 30, as pessoas presenteadas não dispunham de meios técnicos precisos para averiguar a procedência delas. (N. do M.)

104 Suspeitando do alto grau de superstição do povo romano, o projeto Cavallo de Troia quis presentear precisamente com esmeraldas, já que essa gema gozava de um carisma especial na Antiguidade. Atribuíam-lhe propriedades curativas contra as febres perniciosas e as picadas de insetos venenosos, tão comuns nos bosques e nos desertos da Palestina naqueles tempos. (N. do M.)

105 Algumas dessas anedotas foram introduzidas no computador do módulo seguindo os textos de Suetônio (Os Doze Césares), Tácito (Tibère ou les six premiers livres des Annales, Paris, 1768) e Cássio Dion (História de Roma, LVI, 14). (N. do M.)

106 Na gíria, pelo fato de viver em um acampamento com essas características, em tendas de pele de cabra, era conhecido entre os soldados romanos como *sub pellibus esse*, "estar debaixo de peles". (N. do M.)

107 A expressão *cedo alteram* significa "passo a outra". (N. de J.J.Benítez)

108 O *apaleamento* ou *castigatio* era uma execução solene, que se aplicava também a oficiais. Incorriam nela os que abandonavam seu posto de guarda, os que se entregavam à pilhagem das casas e povoações por onde a legião passava, os que se rebelavam contra os chefes, os homicidas, os ladrões, os que perdiam suas armas, os que reincidiam pela terceira vez numa falta, os que atentavam contra o pudor e os que eram responsáveis por negligência em seu posto de guarda na noite. (N. do M.)

109 Simão, filho de Boetos, foi sumo sacerdote em Jerusalém entre os anos 22 e 5 a.C. Um irmão de Ismael, também do poderoso e abastado grupo dos saduceus, seria sumo sacerdote até o ano de 61 d.C. (N. do M.)

110 Eu sabia, pela documentação de Flávio Josefo (Antiguidades XIII, que os saduceus utilizavam e comiam em

utensílios de ouro e prata. Como refutavam a teoria da ressurreição dos mortos, procuravam gozar ao máximo a vida terrena. Nessa postura, notava-se clara influência helenística. De sua parte, Caifás, se não era saduceu, compartilhava das ideias deles. (N. do M.)

111 Quero chamar a atenção para a palavra "compra", porque, como veremos mais adiante, seu significado, para desespero de Judas, poderia dar uma solução para o problema da captura de Jesus. (N. do M.)

6 de abril, quinta-feira

Bem depois da meia-noite, um a um, os discípulos foram-se levantando e deixando a fogueira. Enquanto buscavam refúgio nas tendas ou se embrulhavam em seus mantos ao pé do muro de pedra, André escolheu o primeiro turno da guarda: dois homens armados de espadas. Um se colocou no lado sul, na entrada do horto; o outro, ao norte, nas proximidades da gruta. A rendição acontecia em uma hora.

Jesus não se moveu. Sentado a um metro e meio da fogueira – e de costas para o olival –, permaneceu alguns minutos olhando fixamente as ondulantes e rubras línguas de fogo que faiscavam, de quando em quando, por causa da umidade de alguns troncos.

Dentro em pouco eu me vi só, diante dele e com a fogueira como única testemunha, quase muda, da que iria ser minha terceira e última conversa com o Mestre. Seus braços descansavam sobre as pernas cruzadas. O Nazareno havia aberto as mãos para recolher em suas palmas o calor do fogo. Tinha a cabeça ligeiramente inclinada para diante, e seus cabelos e seu rosto se iluminavam e escureciam ao capricho do volutear das chamas. Sua expressão, acolhedora e aprazível até pouco antes, havia-se tornado grave.

De repente, meu coração teve um sobressalto. Brilhante, tímida e sem pressa, uma lágrima surgiu em sua face direita. Era a segunda vez que eu via aquele estranho homem chorar...

Nem sequer respirei, comovido e intrigado por aquele sereno e súbito pranto do Galileu. Mas Jesus parecia totalmente ausente. E, dentro de minutos, deitando a cabeça para trás, respirou fundo e ergueu-se. Em minha mente ebuliam e se cruzavam inúmeras hipóteses sobre o estado de ânimo do Galileu, mas não me atrevi a me mover. Eu o vi afastar-se para o interior do olival e parar a cerca de trinta ou quarenta passos de mim. E assim ficou – em pé e de cabeça baixa – por cerca de uma hora. A lua, quase cheia, solitária entre milhares de estrelas, encarregou-se de banhá-lo com uma luz prateada, oscilante, às vezes por causa da brisa que se insinuava entre as folhas verde-brancas das oliveiras.

Sem saber exatamente por que, esperei. A temperatura havia baixado muito, fazendo tiritar os astros com calafrios brancos, azuis e vermelhos. Durante um tempo que eu não saberia calcular, permaneci com o rosto perdido naquele negro e soberbo firmamento. Vênus, em conjunção com o Sol, não era visível naqueles dias. Já Júpiter, com um brilho cada vez mais débil (magnitude 1,6 aproximadamente), levantava-se a duras penas sobre o oeste, a pequena distância do formoso cacho estelar das Plêiades. E mais alto, disputando a primazia, as resplandecentes estrelas Régulo, Capela, Aldebarã, Betelgeuse e Arcturo,

envolvidas pelas constelações de Leão, Auriga, Touro, Órion e Bootes, respectivamente.

Jesus surpreendeu-me quando eu alimentava a fogueira com uma nova carga de lenha.

– Jasão – disse-me –, não dormes? Sabes da dureza das próximas horas. Deverias descansar como todos os demais...

Sentado junto ao fogo, olhei-o com curiosidade, enquanto o convidava a responder a uma pergunta que trazia no íntimo desde que o havia visto sair do olival:

– Mestre, por que um homem como tu necessita de oração? Porque, se não estou equivocado, isso é o que estiveste fazendo durante todo esse tempo...

O Galileu hesitou. E antes de responder, voltou a sentar-se, mas desta vez junto a mim.

– Dizes bem, Jasão. O homem, enquanto padece de sua condição de mortal, busca e necessita de respostas. E em verdade te digo que essa sede de verdade só meu Pai pode aplacá-la. Nem o poder, nem a fama, nem sequer a sabedoria conduzem o homem ao verdadeiro contato com o reino do Espírito. É pela oração que o homem trata de se aproximar do infinito. Meu espírito começa a se sentir aflito, e eu também necessito do consolo de meu Pai.

– Será porque a verdadeira sabedoria está no reino de teu Pai?

– Não... Meu Pai é a sabedoria.

Jesus deu ênfase à palavra “é”, com uma força que não admitia discussão.

– Então, se eu rezar posso saciar minha curiosidade e iluminar meu espírito?

– Sempre que essa oração nasça realmente de teu espírito. Nenhuma súplica recebe resposta, a não ser que proceda do espírito. Em verdade, em verdade te digo que o homem se equivoca quando tenta canalizar sua oração e suas petições para o benefício material próprio ou alheio. Essa comunicação com o reino divino dos seres de meu Pai só obtém completa resposta quando obedece a uma ânsia de conhecimento ou consolo espiritual. O mais – as necessidades materiais que tanto vos preocupam – não é consequência da oração, e sim do amor de meu Pai.

– Por isso insistes naquilo de “buscar o reino” de Deus e sua justiça?

– Sim, Jasão. O resto sempre se dá por acréscimo...

– E como devemos pedir?

– Como se já houvéssemos recebido. Lembra que a fé é o verdadeiro suporte dessa súplica espiritual.

– Dizes que a oração assim formulada sempre obtém resposta. Mas eu sei que não é sempre assim...

O Galileu sorriu com benevolência.

– Quando as orações provêm, em verdade, do espírito humano, às vezes são tão profundas que não podem receber resposta até que a alma entre no reino de meu Pai.

– Não compreendo...

– Não esqueças que as respostas sempre consistem em realidades espirituais. Se o homem não alcançou o grau espiritual necessário e aconselhável para assimilar esse conhecimento emanado do reino, deverá esperar, neste mundo ou em outros, até que essa evolução lhe permita reconhecer e compreender as respostas que, aparentemente, não recebeu no momento da petição.

– Isso explicaria esse angustioso silêncio que às vezes parece constituir a única resposta à oração?

– Sim, mas não confundas. O silêncio não significa esquecimento. Como te disse, todas as súplicas que nascem do espírito obtêm resposta. Todas... Deixa-me que eu te explique isso com um exemplo: o filho tem sempre o direito de perguntar aos pais, mas estes podem demorar a responder, à espera de que o jovem adquira maturidade suficiente para compreendê-las. A grande diferença entre os pais humanos e nosso Pai verdadeiro está em que aqueles se esquecem às vezes de que são obrigados a responder, ainda que seja depois de anos.

– Se é assim, ao morrer todos seremos sábios...

– Insisto em que a única sabedoria válida no reino de meu Pai é a que brota do amor. Depois de provar a morte, ninguém será sábio se não o tiver sido em vida...

– Devo pensar então que a demora na resposta às minhas súplicas é sinal do meu progressivo avanço no mundo do espírito?

Jesus olhou-me complacente.

– Há uma infinidade de respostas indiretas, de acordo com a capacidade mental e espiritual de quem pede. Mas, quando uma súplica fica temporariamente em branco, isso é um presságio frequente de uma resposta que encherá, em seu devido dia, um espírito enriquecido pela evolução.

– Por que tudo é tão complexo?

– Não, querido amigo. O amor não é complicado. É vossa natural ignorância que vos precipita na escuridão e vos inclina à permanente justificação de vossos erros.

Fiquei em silêncio. Aquele homem tinha razão. Só os homens procuram desesperadamente justificar-se e justificar seus fracassos...

Levantei os olhos para as estrelas e, apontando para aquela maravilha, disse-lhe:

– Que sentes diante desta beleza?

O Galileu elevou também seus olhos em direção ao firmamento e respondeu com melancolia:

– Tristeza...

– Por quê?

– Se o homem não é capaz de receber em sua alma a grandeza desta obra, como poderá captar a beleza daquele que a criou?

– É Deus tão imenso como dizes?

– Mais do que pensar na grandiosidade de meu Pai, deves crer na imensidão de sua divina promessa. Ela eleva o espírito do homem e chega a produzir vertigem

nas legiões celestiais...

– Já me explicaste isso, mas realmente o acesso ao reino de teu Pai está ao alcance de todos os mortais?

– O reino de nosso Pai – corrigiu-me Jesus – está no coração de todos e de cada um dos seres humanos. Só os que despertam para a luz do Evangelho o descobrem e nele penetram.

– Então todas as religiões, credos ou crenças podem nos levar à verdade?

– A verdade é una e nosso Pai a reparte gratuitamente. É possível que o gosto e a beleza sejam tão caros quanto a vulgaridade e a fealdade, mas o mesmo não acontece com a verdade: ela é um dom gratuito que dorme em quase todos os irmãos, instruídos ou não, gentis ou não, poderosos ou não, malvados ou não...

– Quem mais te desgosta?

– No coração de meu Pai não há lugar para o ódio... Já deverias saber disso. Proteja-te só dos hipócritas, mas jamais vertas neles o veneno da vingança.

– Quem é hipócrita?

– Aquele que prega o caminho do reino celestial e, em troca, instala-se no mundo. Em verdade te digo que os hipócritas enganam os simples de coração e não satisfazem senão os medíocres.

– A quem mais estimas: a um homem espiritual ou a um revolucionário?

O Mestre sorriu, um tanto surpreso pela minha pergunta. E, pondo a mão esquerda em meu ombro, respondeu com firmeza:

– Prefiro o homem que atua com amor...

– Mas quem pode chegar a amar mais?

– Seria melhor ter perguntado: quem pode chegar a compreender mais?

– Quem?

– Aquele que é capaz de amar tudo. Mas, atenção, Jasão! Aquele que ama de verdade não coloca a palavra "amor" sobre a porta, preocupado em dar prova disso ao mundo. E aquele que dá tampouco escreve a palavra "caridade" para que todos o reconheçam. Quando vires essas palavras desavergonhadamente ostentadas no mundo, não duvides que só tem por finalidade enriquecer e engrandecer aqueles que as esgrimem e desfraldam. O reino de meu Pai é semelhante a uma mulher que levava um cântaro cheio de farinha. Enquanto marchava por um caminho afastado, a asa do cântaro se rompeu e a farinha se derramou atrás dela por todo o caminho. A mulher não percebeu e não ficou sabendo de sua desgraça. Quando chegou em casa, depositou o cântaro no chão e o encontrou vazio.

– Aquele que é capaz de amar tudo... – repeti com um ligeiro movimento de cabeça. – Que difícil é isso...!

– Nada é difícil para quem aprendeu a ceder.

– Mas que me dizes das injustiças? Também devemos aprender a amar os que nos humilham ou nos tiranizam?

– Quando ocorrer o caso, pede explicações a teu irmão, mas nunca o odeies. Só quando olhares teus irmãos com caridade poderás sentir-se alegre.

– Agora começo a compreender – comentei quase que para mim mesmo – porque meu mundo se sente infeliz...

– O maior erro de teu mundo – afirmou Jesus – é sua falta de generosidade. Quem conhece e pratica o amor não costuma ter necessidade de perdoar: sempre está disposto a compreender tudo.

– Pode ser que estejas certo, mas sempre pensei que o grande erro de nosso mundo fosse sua “indigestão” tecnológica....

O Mestre olhou-me com inesgotável afabilidade.

– Deveis ter paciência e confiar. A humanidade às vezes se embriaga e embota com os próprios achados e triunfos, esquecendo que seu autêntico estado natural reside na serenidade do espírito. No dia em que desperte de tão pesada letargia, voltará seus olhos para o caminho do amor: o único que conduz à verdadeira sabedoria.

O cansaço começava a se apoderar de nós e, de comum acordo, decidimos descansar as poucas horas que restavam para o alvorecer. Enquanto me envolvia em meu manto, acomodando-me o melhor que podia sob uma das oliveiras, uma estrela cadente – uma “lírida” – cruzou diante das estrelas Kappa Lyrae e Nu Herculis, rasgando o véu do firmamento e minha profunda melancolia.

Sem pressentir, eu havia começado a amar aquele Homem...

Às 05h42 daquela quinta-feira, 6 de abril do ano 30, o sol começou a abrir caminho sem muita dificuldade. Eliseu despertou-me e deu-me os habituais informes meteorológicos. O dia prometia ser magnífico. Temperatura média estimada de uns 17°C, baixa umidade relativa e céu limpo.

– ... Todavia – acrescentou meu companheiro – o “rawin”¹¹² do módulo está captando uma alteração nos altos níveis da atmosfera. Localização: vertical, da fronteira do Iraque com a Arábia Saudita. Os sistemas eletrônicos confirmam que se trata de uma corrente “em círculo”, de leste (tipo equatorial), com velocidade máxima aproximada de 70 nós e entre 100 e 150 milibares (entre 14 e 17 quilômetros de altura)...

“Atenção, Jasão! “Papai Noel” está verificando os dados meteorológicos e tudo parece indicar que, no transcurso das próximas 24 ou 48 horas, essa alteração poderá provocar intensos ventos de leste, com arrasto de bancos de areia procedentes dos desertos arábicos de Nafud e Dahna.

“A possibilidade de essa tormenta de areia ou siroco chegar à Palestina está começando a se confirmar, pela louca elevação dos barômetros de Tonnelot e do aneroide. É possível que, se tudo continuar como está, amanhã tenhas de tirar o manto...”

Aquela informação era especialmente interessante. Na manhã do dia seguinte, sexta-feira, deveria ocorrer um estranho fenômeno – assim eu havia lido nas Sagradas Escrituras (Lucas, 23,44-46, Marcos, 15,33-34, e Mateus, 27, 45-46) – da sexta à nona hora (do meio-dia às três da tarde, aproximadamente), “cobrindo de trevas toda a terra”, segundo as palavras textuais dos evangelistas. E, embora eu

não tenha desejado tirar conclusões a priori, a advertência de Eliseu sobre aqueles ventos alísios E-SE, com possibilidade de forte arrasto de areia do deserto arábico próximo, deu-me uma ligeira ideia sobre a verdadeira natureza do fato narrado no Novo Testamento...

Pouco a pouco, algumas mulheres foram saindo da tenda e preparando o fogo.

Por volta das seis da manhã, quando eu dava um pequeno passeio pelos arredores do acampamento, procurando desenferujar meus músculos, vi que Judas saía pelo cercado de pedras, sozinho e com muita pressa, a julgar pelo ritmo de seus passos. Tomou a mesma vereda do dia anterior, desaparecendo colina abaixo em direção ao Templo, ou talvez às portas da zona sul da cidade. Por um instante pensei em segui-lo, mas logo desisti. Os planos da Operação Cavalo de Troia eram outros. O mais provável é que Iscariotes fosse entrevistar-se com o chefe da polícia do Sinédrio, como lhe havia sido recomendado na véspera. Por outro lado, Ismael, o saduceu que tinha conseguido infiltrar-se no conselho dos sacerdotes, havia-nos prometido informar pontualmente de todos os passos do traidor, assim como dos movimentos dos levitas encarregados da prisão do Mestre, o que me tranquilizou. Por isso, regressei imediatamente ao interior do horto. Jesus e seus homens continuavam dormindo.

Na medida em que me permitiram, ajudei as mulheres a avivar a fogueira e a transportar as vasilhas de leite, fornecido no momento por duas cabras que Felipe, pelo que parece, havia conseguido na quarta-feira e que tinham sido amarradas no interior da gruta.

Enquanto preparávamos o desjejum, quase à mesma hora que na manhã anterior, irrompeu no acampamento o jovem João Marcos, com uma cesta um pouco maior do que a da véspera. Sem pronunciar palavra alguma, entregou-a às mulheres, indo depois sentar-se junto ao fogo. E ali permaneceu, com o queixo nos joelhos, como que hipnotizado pela dança das chamas.

Alguns dos discípulos começaram a dar sinais de vida, espre-guiçando-se sem o menor pudor. Dois deles, ao verem o menino, aproximaram-se e tentaram fazer que Marcos lhes contasse o que ele e Jesus haviam feito durante aquele longo passeio de quarta-feira. Mas o rapazinho, olhos baixos e sobancelha franzida, não descerrava os lábios. A pressão dos homens se elevou, mas João Marcos continuava a negar com a cabeça, tomado de visível e crescente irritação. Algumas das mulheres protestaram contra o interrogatório e pediram aos discípulos que deixassem o menino em paz. Outros membros do grupo haviam se unido aos inquisidores, pedindo e suplicando a João Marcos que lhes dissesse ao menos onde haviam estado e se haviam sido espionados pela polícia do Sinédrio. Por fim, aborrecido com tanta insistência, Marcos abriu a boca e deu por encerrado o assunto com uma explicação que os seguidores do Mestre conheciam muito bem:

– O rabi pediu-me que nada dissesse a ninguém...

E ali terminou o interrogatório. Em diversas ocasiões, Jesus havia feito seus homens participarem de diferentes confidências, pedindo-lhes que não revelassem

nada. E todos, em linhas gerais, tinham respeitado o compromisso.

Os discípulos não ficaram muito conformados, em especial Simão, o Zelote, que havia coberto o último turno de vigilância na porta do horto e temia, mais do que ninguém, pela segurança do Mestre e do grupo. Quanto a mim, aquele obstinado hermetismo de João Marcos só serviu para despertar ainda mais minha curiosidade. Eu tinha de saber alguma coisa do que acontecera naquela quarta-feira, que nos textos dos evangelistas também aparece “em branco”. Mas como conseguir que o fiel acompanhante de Jesus falasse? Nessa mesma tarde de quinta-feira, a grande oportunidade se apresentaria.

Jesus não tardou a aparecer. Seu rosto apresentava ligeiras olheiras, resultado, provavelmente, das poucas horas de sono que tivera. Ao vê-lo, me senti responsável. Se eu não o tivesse retido com minha conversa, seguramente teria descansado um pouco mais. E ao pensar no que o aguardava, comecei a tremer. Aquela, na realidade, havia sido sua última noite de paz...

Mas minhas preocupações se desvaneceram no mesmo instante. O Galileu estava com invejável humor. Saudou a todos e, seguindo seu costume, procurou a larga bacia de barro em que se banhava. Mas na metade do caminho, João Marcos, que acabava de vê-lo, saiu correndo e abraçou-se a sua cintura. O Mestre, surpreendido por aquela cálida recepção, tomou o rosto do menino entre suas grandes mãos e, inclinando-se levemente para ele, perguntou-lhe em tom de cumplicidade:

– Lembraste das passas de Corinto?

O pequeno sorriu e assentiu com a cabeça. E Jesus, esfregando as mãos em sinal de satisfação, começou a despir-se.

“Passas de Corinto?” – pensei. “A que podem referir-se?” E de repente lembrei-me de uma das informações de Lázaro. O Mestre apreciava muito as uvas sem grãos, como as que brotavam na parreira que havia sido plantada pelo pai do ressuscitado no pátio central de sua casa. E então me dispus a empreender uma das missões encomendadas pela Operação Cavalo de Troia. “Aquele – disse-me a mim mesmo, procurando tranquilizar-me – parecia um bom momento...”

O gigante terminou de banhar-se e, quando recebia das mãos de uma das mulheres a toalha com que deveria enxugar-se, aproximei-me dele, oferecendo-me para ajudá-lo. O Nazareno resistiu um pouco, mas, diante de minha insistência, pôs parte do pano em minhas mãos, enquanto ele – divertido com o que lhe parecia ser um jogo e uma delicadeza – esfregava-se com a outra parte.

Aquela manobra tinha na verdade uma dupla finalidade: de um lado, fazer uma exploração manual e direta do corpo de Jesus – coisa que só naquelas circunstâncias me seria possível – e, de outro, tentar medir suas principais partes anatômicas. Esse segundo objetivo, sobretudo, era de vital importância para uma melhor análise de seu organismo durante as horas de crucificação.

Através do suave pano, minhas mãos foram apalpando seu pescoço, meus

ombros e minhas costas. Aquele Galileu – tal como se depreendia de uma simples observação visual – era um exemplar robusto. Os músculos da parte posterior e superior do tronco – em especial os trapézios – eram muito desenvolvidos. Essa sensação de fortaleza – fruto, sem dúvida, de um duro e continuado trabalho manual de muitos anos – estendia-se igualmente aos músculos deltoides, na área dos ombros. Aqueles e os também sólidos grupos musculares que se distribuía de cada lado da coluna (os grandes dorsais e infraespinais) indicavam perfeita sincronização dos movimentos da caixa torácica.

Os braços, de acordo com a configuração e com o considerável volume dos músculos dos ombros e das partes superior e posterior do tronco, eram igualmente maciços. Seus bíceps braquiais eram especialmente grossos e potentes. Também os grandes peitorais (conhecidos familiarmente como peito) eram fortemente consolidados, como se o Galileu tivesse praticado natação. Sua capacidade respiratória devia ser excelente.

A cintura e a parte inferior das costas não apresentavam um único grama de gordura.¹¹³ E o mesmo verifiquei na face frontal do abdome: a parede muscular do grande reto era lisa, sem indício algum de tecido adiposo.

Quanto às coxas e pernas, tanto os sartórios como os músculos adutores, bíceps crural, semitendinosos e gêmeos reagiram ao tato, firmes e duros como pedras. Aquelas pernas, em minha opinião, fariam inveja a um corredor de maratona...

Essa harmônica e musculosa constituição, unida à grande estatura do Mestre, faziam dele um exemplar especialmente atrativo. À sua evidente perfeição natural, juntavam-se também aqueles quatro últimos anos de incansável atividade, percorrendo todos os caminhos de Israel, o que lhe havia proporcionado invejável forma física.

Uma vez concluída minha exploração – e ante a estranheza de todos os que me observavam –, tirei um pequeno cordel do fundo de minha bolsa de borracha e, antes que Jesus vestisse sua túnica, pedi-lhe que esperasse um instante. O Mestre, sem perder seu sorriso, atendeu-me com uma docilidade que só serviu para me aturdir mais. Eu combinara com meu companheiro do módulo que, uma vez terminada cada medição, eu pressionaria meu ouvido direito para lhe transmitir a cifra correspondente. Dessa forma, Eliseu poderia registrar as medidas, submetendo-as mais tarde a um estudo mais completo.

Aquela corda – totalmente branca – havia sido dividida em centímetros. Mas, em lugar de numerá-los, cada separação era na realidade uma marca de cor preta (uma circunferência, para ser mais exato, que rodeava todo o perímetro transversal do cordel). Para poder efetuar os cálculos com exatidão e afastar qualquer tipo de suspeita, a Operação Cavalo de Troia havia idealizado um sistema de “numeração” baseado em cores e letras. A cada dez centímetros, a separação correspondente, em lugar de ser de cor preta, havia sido pintada de acordo com as seis cores básicas do espectro. A partir do centímetro número 70 e até o 100, as cores

voltavam a se repetir. A ordem estabelecida para as cores básicas era a seguinte, da menor para a maior: violeta, azul, verde, amarelo, laranja e vermelho. E a partir do centímetro número 70, como disse, de novo violeta, azul, verde e amarelo. Os centímetros existentes entre essas dez numerações foram convertidos em “letras”, seguindo o alfabeto grego. Assim, por exemplo, quando a medição atingisse 30 centímetros, eu deveria anunciar a Eliseu “verde”. Se fossem 80 centímetros, “azul-duplo”. Se ao contrário, fossem 41 centímetros, a chave era “amarelo e alfa” (primeira letra do alfabeto grego).¹¹⁴

Sem perda de tempo, comecei pelas extremidades superiores. Do ombro à ponta do dedo médio, a medida atingiu 82 centímetros. A chave para transmitir aquela cifra foi, portanto, “azul-duplo e beta”. A essas medidas seguiram-se as das extremidades inferiores, contornos, altura da cabeça, pescoço etc.¹¹⁵

Como salta aos olhos, o Mestre era um homem de compleição atlética, com poderoso desenvolvimento do esqueleto e da musculatura. Suas extremidades eram longas e o tórax realmente imponente, com ombros largos e sólidos como rochas. A gordura, ou panículo adiposo, era muito escassa, praticamente inexistente.

A cabeça apresentava-se firme e alongada, com rosto igualmente alongado na parte média e no queixo, e relevo ósseo acentuados. O crânio, como já disse, era alto e estreito.

Essas características destacavam-se da média normal da raça judia da época. Segundo os estudos de Von Luschan e Renan, entre os judeus do sul da Rússia a altura média oscilava ao redor de 1,60 metro, chegando a 1,70 metros entre os de Londres e os espanhóis de Salônica. O tipo mesocéfalo de Cristo tampouco era frequente. Entre os hebreus do sul da Rússia, por exemplo, o percentual de indivíduos braquicéfalos (de crânios curtos) era de 81 por cento, com os mesocéfalos alcançando 18 por cento e os dolicocefalos 1 por cento. Entre os judeus de Salônica, expulsos da Espanha, os dolicocefalos seriam 14,6 por cento e os braquicéfalos, 25 por cento.

Jesus chamava a atenção não só pela sua considerável estatura, 1,81 metro, mas também por seu perímetro torácico, maior do que o da média dos seus compatriotas.

Essa tipologia “atlética” combinava bem com o temperamento “enequético” descrito por Mauz: fraca reação ante os estímulos, movimentos seguros e vigorosos, ainda que pouco pródigos. De maior força do que precisão.

Foi sem dúvida essa fortaleza física que lhe permitiu suportar em parte o brutal castigo que o aguardava. Mesmo assim, como logo veremos, os médicos e especialistas da Operação Cavalo de Troia jamais puderam entender como aquele homem conseguiu resistir até o final à cadeia de horríveis torturas a que foi submetido.

Devo confessar: essa parte da missão foi possivelmente a mais ingrata. Durante muito tempo e apesar da mansidão mostrada por Jesus, tive a sensação

de que, submetendo-o àquela operação antropométrica, estava abusando daquele homem. E ainda hoje continuo acreditando nisso.

Para minha sorte, nenhum dos presentes perguntou-me por que eu fazia aquela insólita e quase ridícula operação. A verdade é que, desde o princípio, eu gozava, entre os discípulos, da fama de homem estranho. E isso – não sei muito bem – talvez possa ter bastado para justificar meu singular comportamento naquela esplêndida manhã de quinta-feira, 6 de abril.

O Mestre acabou de se vestir e, sempre com aquele mesmo bom humor, juntou-se ao grupo de amigos que o esperava para o desjejum.

Felipe voltou a repartir o pão, ainda quente, que ele mesmo trouxera, e as mulheres distribuíram as taças de leite. No cesto, havia uma grande quantidade de grãos tostados e figos secos e uma jarra de barro repleta das famosas passas de Corinto. Tudo isso obséquio da família de João Marcos ao Mestre e a seu grupo.

O próprio João se encarregou de abrir a jarra e, radiante de satisfação, derramou um bom punhado daquele fruto negro e brilhante nas mãos de Jesus. Depois, seguindo as instruções do Galileu, foi repartindo o resto das passas a todos os que se achavam no horto.

Aquela refeição matutina transcorreu em ambiente calmo. Os apóstolos pareciam um pouco mais tranquilos do que na noite anterior, ainda que alguns, como Pedro, Tomé e os Zelotes, não tardassem a descobrir a ausência de Judas. No entanto, pelos comentários que pude captar, os discípulos a atribuíram às suas obrigações rotineiras como administrador geral do grupo e, mais concretamente, aos detalhes da preparação da iminente festa de Páscoa. Nenhum dos presentes, por certo, sabia onde o Mestre celebraria a Páscoa e como ele pensava celebrá-la. Em minha opinião e diante dos graves acontecimentos ligados à determinação do Sinédrio de prender Jesus, aquele assunto da Páscoa também não os preocupava muito.

Por volta das dez da manhã, apareceu no acampamento José de Arimateia, acompanhado de um serviçal. Ao vê-lo, Jesus convidou-o a sentar-se com o grupo. José recusou delicadamente o convite e lhe fez sinal de que precisava falar com ele a sós.

O Mestre levantou-se e ambos se afastaram alguns passos, parando junto ao muro da cuba de pedra destinada à azenha.

José, com o semblante sério, gesticulava, denunciando ao Mestre o que eu já sabia sobre o plano de Judas. Por sorte, nenhum dos discípulos chegou a escutar a conversa. O Mestre ouviu sem se alterar e, quando José terminou, tomou-o pelo braço e ambos deram alguns passos ao longo do parapeito de pedra.

Durante uns quinze ou vinte minutos, Jesus dialogou com o membro demitido do Sinédrio. Nessa mesma noite – já de madrugada – de quinta-feira, José iria revelar-me as palavras que lhe dissera o Mestre durante aquele breve encontro no acampamento.

A súbita chegada de José de Arimateia e a misteriosa confidência ao Nazareno

não passaram despercebidas aos discípulos. Todos ficaram curiosíssimos para saber a razão daquela visita. E a maioria acertou... pela metade. Cochichando entre si, os apóstolos inclinavam-se a pensar que algo grave estava acontecendo e que esse "algo" tinha muito a ver com a ameaça e captura do mestre e a possível desintegração do movimento que ele conduzia. E os ânimos voltaram a ficar tensos.

Terminado o diálogo, José dirigiu-se a uma das tendas e trocou algumas palavras com Davi Zebedeu. Por último, depois de se despedir de todos, afastou-se em direção a Jerusalém.

Jesus, que se juntara de novo ao grupo formado em torno da fogueira, parecia um pouco mais sério. E, antes que alguém lhe fizesse alguma pergunta, pediu a seus homens e mulheres que o acompanhassem.

Por volta das dez e meia, o grupo completo, integrado por umas cinquenta pessoas, iniciou a subida da encosta do monte das Oliveiras. Eu, meio ressabiado, avisei Eliseu da saída e da direção do grupo, para prevenir uma possível aproximação da zona de segurança do módulo.

Ao chegar ao cume da colina, o Nazareno pediu aos amigos que se sentassem e o ouvissem. Por sorte, o módulo estava muito mais ao norte.

Havia tanta inquietação quanto expectativa nos olhares daqueles galileus. No fundo, eles apenas desejavam assegurar-se de uma coisa: que o Mestre tivesse tomado a decisão – como já fizera em outras ocasiões – de retirar-se da jurisdição da Cidade Santa, para evitar as ameaçadoras castas sacerdotais. Mas não foi isso o que ouviram, ainda que o rabi fizesse algumas alusões ao poder temporal...

– Os reinos deste mundo – disse –, sendo como são, materiais, podem pensar muitas vezes que é necessário empregar a força física para a execução e o desenvolvimento das leis e para a manutenção da ordem. No reino dos céus, os crentes não recorrem ao emprego da força física. O reino dos céus, sendo como é, uma irmandade espiritual entre os filhos de Deus, pode promulgar-se unicamente pelo poder do espírito. Essa diferença de procedimento não anula, todavia, o direito dos grupos sociais e crentes de manter a ordem em suas fileiras e de impor a disciplina entre membros ingovernáveis e indignos. Não há incompatibilidade entre ser filho do reino espiritual e cidadão do governo secular e civil. É dever do crente dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus...

“Não pode haver desacordo entre esses dois requisitos. A não ser – ressaltou Jesus – que aconteça que um César tente usurpar as prerrogativas de Deus, peça homenagens espirituais e exija que se preste a ele culto supremo. Em tal caso, deveis adorar a Deus, enquanto tentais iluminar esses dirigentes mal orientados. Não deveis render culto espiritual aos governantes da terra. Nem tampouco deveis empregar a força física dos governos terrenos.

“Ser filhos do reino, do ponto de vista de um mundo avançado – prosseguiu Jesus dirigindo-me um olhar significativo –, deve vos converter em cidadãos ideais nos reinos terrenos. A fraternidade e o serviço – não esqueçais – são as pedras

angulares do Evangelho. O chamado do amor do reino espiritual deve provar que é eficiente na hora de destruir o instinto do ódio entre os cidadãos não crentes e os guerreiros do mundo terreno. Mas esses filhos das trevas, com mentalidade materialista, nunca saberão de vossa luz espiritual, a não ser que vos aproximeis deles. Por isso, deveis ser honoráveis e respeitados entre os cidadãos, entre os dirigentes deste mundo. Esse serviço social generoso é apenas a consequência natural de um espírito que vive na luz.

“Como homens mortais, sois em verdade cidadãos dos reinos terrenos; deveis ser bons cidadãos e, muito mais, quando houverdes voltado a nascer no espírito. Tendes, portanto, uma tríplice obrigação: servir a Deus, servir ao homem e servir à irmandade dos crentes em Deus.

“Não adoreis a chefes temporais nem empregueis a força para o fomento do reino espiritual. Mas manifestai-vos em um honrado ministério de serviço amoroso, tanto aos crentes como aos não crentes. É no Evangelho do reino que reside o poderoso Espírito da Verdade. Eu verterei sobre vós esse Espírito da Verdade e seus frutos serão poderosas alavancas sociais que tirarão as massas das trevas. Em verdade vos digo que esse Espírito chegará a ser vossa alavanca, com um poder multiplicador.

“Distribuí sabedoria e mostrai sagacidade no vosso trato com os dirigentes civis não crentes. De forma discreta, mostrai-vos peritos na hora de aplainar desacordos pouco importantes e ajustar desentendimentos fúteis. Buscai, por todas as formas leais, viver pacificamente com todos os homens. Sede sempre sábios como as serpentes e inofensivos como as pombas...

“Sereis melhores cidadãos se souberdes iluminar vosso espírito com a verdade do Evangelho. E os dirigentes dos assuntos civis melhorarão, como resultado dessa crença no reino celestial.

“Enquanto os chefes dos governos terrenos buscarem exercitar a autoridade como ditadores religiosos, vós – os que credes neste Evangelho – só podereis esperar problemas, perseguições e até a morte...”

Jesus fez uma pausa, deixando que aquelas últimas palavras flutuassem como um negro presságio.

– ... Mas eu vos digo – prosseguiu em tom firme e esperançoso – que essa mesma luz que levardes ao mundo, e até a forma como padecerdes por ela, iluminará finalmente por si mesma toda a humanidade e dará como resultado a separação gradual da política e da religião.

O Galileu voltou a fixar seus olhos em mim. E continuou:

– ... A persistente pregação deste Evangelho do reino levará algum dia as nações a uma nova e incrível libertação, à liberdade intelectual e à liberdade religiosa.

“Eu vos anuncio agora que, sob as próximas perseguições dos que odeiam este Evangelho da alegria e da liberdade, vós florescereis e o reino de meu Pai prosperará. Mas não vos enganeis. Correreis grave perigo quando, nos tempos

posteriores, a maioria dos homens fale bem dos crentes no reino e muitos, mesmo ocupando altos cargos, aceitem o Evangelho. Aprendei a ser leais ao reino, mesmo em tempos de paz e prosperidade. Não tenteis os anjos que vos vigiam. Não os tenteis a vos levar por caminhos semeados de dificuldades quando vos deixardes arrastar pela malícia e pela vanglória. Recordai que estais encarregados de pregar este Evangelho, o supremo desejo de fazer a vontade do Pai, junto com a alegria suprema da realização da fé de serdes filhos de Deus. Portanto, não deveis deixar que nada desvie vossa atenção. Fazei com que toda a humanidade se beneficie do extravasamento de vosso amável ministério espiritual, iluminando a comunhão intelectual e inspirando o serviço social. Mas nenhuma dessas tarefas humanitárias deve prejudicar o verdadeiro objetivo de vossos corações: proclamar o Evangelho.

“Não deveis buscar a promulgação da verdade ou o estabelecimento da honradez por meio do poder dos governos civis ou de leis seculares.

“Podeis trabalhar para persuadir as mentes humanas, mas nunca, nunca deveis chegar ao atrevimento de vos impordes. Não esqueçais a grande lei da justiça humana que vos ensinei: o que desejardes que vos façam, fazei a eles...

“Quando um crente for chamado a servir a um governo terreno, deixai que ele exerça esse trabalho, como cidadão temporal, ainda que tenha de mostrar todos os traços e sinais comuns da cidadania. Sua ação terá sido enriquecida pela ilustração espiritual da enobrecedora associação da mente do homem mortal com o espírito divino que nele habita. Se o não crente chega a se qualificar como servidor civil exemplar, vos deveis perguntar seriamente se as raízes da verdade de vosso coração não morreram por falta das águas que vivem da comunhão espiritual com o serviço social. A consciência de serem filhos de Deus deve estimular toda uma vida de serviços a vossos semelhantes.

“Não deveis ser místicos passivos ou ascetas desanimados. Não deveis tornar-vos sonhadores ou inconstantes, caindo na cômoda letargia de crer que uma fictícia Providência virá vos prover além do necessário para viver.

“Em verdade, deveis ser suaves em vosso trato com os mortais que se equivocam. E pacientes em vossas conversas com os homens ignorantes. E contidos ante as provocações... Mas também deveis ser valentes na hora de defender a honra, fortes na promulgação da verdade e até audazes para pregardes este Evangelho do reino. E deveis chegar até os confins do mundo...

“Este Evangelho é uma Verdade viva. Eu vos disse que é como a levedura no pão e como o grão de mostarda. E agora vos declaro que é como a semente do ser vivo que, de geração em geração, enquanto continua sendo a mesma semente viva, desdobra-se infalivelmente em novas manifestações e cresce de forma aceitável, adaptando-se às necessidades peculiares e condições de cada geração. A revelação que vos fiz é uma revelação viva...”

O Galileu pronunciou essas duas últimas palavras com uma força indescritível.

– ... Uma revelação viva – repetiu. – E é meu desejo que ela leve frutos apropriados a cada indivíduo e a cada geração, de acordo com as leis do

crescimento espiritual. É meu desejo que se incremente e tenha um desenvolvimento. De geração em geração, este Evangelho deve mostrar vitalidade crescente e maior profundidade de poder espiritual. Não se deve permitir que chegue a ser uma simples recordação sagrada, mera tradição sobre mim ou sobre os tempos que agora vivemos...

Aquele olhar profundo e afiado como um punhal perpassou por todos e cada um dos ouvintes. E, ao chegar a mim, Jesus voltou a repeti-las:

– ... Não se deve permitir que chegue a ser uma simples recordação sagrada, mera tradição sobre mim ou sobre os tempos que agora vivemos...

Depois, descendo para um tom mais calmo, prosseguiu:

– E não esqueçais que não temos dirigido um ataque pessoal aos indivíduos nem à autoridade dos que se sentam na cadeira de Moisés. Tão só lhes temos oferecido a nova luz, que eles repeliram com tanto vigor. Temos nos lançado contra eles só por sua deslealdade espiritual para com as mesmas verdades que dizem ensinar e salvaguardar. Tivemos choques com esses dirigentes estabelecidos e chefes reconhecidos só quando se opuseram diretamente à prática do Evangelho. E, mesmo agora, não somos nós que nos lançamos contra eles, mas são eles que buscam nossa destruição. Não tendes de atacar as antigas fórmulas. Deveis colocar habilmente a levedura da nova Verdade no meio das velhas crenças. E deixai que o Espírito faça seu próprio trabalho. Deixai que a controvérsia surja só quando aqueles que vos desprezam vos force a ela. Mas quando os não crentes vos atacarem intencionalmente, não hesiteis em vos manter em vigorosa defesa da Verdade que vos tem salvado e santificado.

“Recordai sempre: amai-vos uns aos outros. Não luteis com os homens, nem mesmo com os não crentes. Mostrai misericórdia até mesmo para com os que depreciativamente abusem de vós. Mostrai-vos cidadãos leais, artesãos honrados, vizinhos merecedores de elogio, parentes devotos, pais compreensivos e crentes sinceros na fraternidade do reino do Espírito. E eu vos asseguro que meu espírito estará sobre vós, agora e sempre, até o fim do mundo...”

Entre as sexta e nona horas (em nosso sistema horário atual, poderiam ser 13 horas), Jesus deu por finalizado seu discurso. E foram os gregos presentes o que mais perguntas fizeram. Do meu ponto de vista, aqueles estrangeiros haviam assimilado melhor do que os apóstolos as intenções e ensinamentos do Mestre. Os onze quase não abriram a boca. E se devo julgar pelos comentários que faziam enquanto descíamos para o acampamento, eles não conseguiram entender que relação podia haver entre seus martírios, suas perseguições e sua morte – anunciados pelo rabi – e a inevitável propagação do Evangelho por todo o mundo. Persuadidos como estavam – com exceção de João Zebedeu – de que aquele “reino” de que falava Jesus tinha muito a ver com um sistema político que libertasse Israel da dominação estrangeira, não conseguiam compreender que a difusão da “Verdade” pudesse ocorrer “sem a promulgação das leis seculares”, como havia pedido o Mestre.

Suas mentes, uma vez mais, haviam naufragado em uma infinidade de especulações e dúvidas. A maioria havia interpretado as últimas frases do rabi como uma grande tragédia que estava a ponto de assolar o mundo. E ainda que conhecessem a ordem concretíssima do Grande Sinédrio, de caçar Jesus, a fé deles nos poderes do Galileu era tal que se recusavam a admitir que os sacerdotes pudessem ao menos tocá-lo. “Em outras oportunidades diziam uns aos outros, numa ingênua tentativa de se tranquilizarem –, o Mestre os burlara. Por que não o faria agora? É quase certo que essa ‘destruição’ a que se refere Jesus tem a ver com um cataclisma ou com o fim do mundo...”

Essas impressões dos discípulos foram alimentadas pela atitude de Jesus naquela manhã. Salvo no breve colóquio com José de Arimateia, o Nazareno havia demonstrado um excelente humor... “Se o Mestre tivesse receio pela sua segurança – argumentavam com boa lógica –, não adotaria uma postura tão alegre e descuidada...”

(Neste ponto de meu relato, desejo insistir numa circunstância a que já fiz menção, mas que, dada sua importância, penso que deva ser considerada novamente. Aquele discurso de Jesus de Nazaré havia tido duração aproximada de duas horas. Eu reproduzi apenas as passagens que considerei mais interessantes. Pois bem, pelo que está no Novo Testamento, nenhum dos evangelistas chegou a recolhê-lo com um mínimo de rigor e amplitude. Nos textos evangélicos, aparecem apenas algumas frases ou sentenças, perdidas aqui e ali e desvinculadas do que era, na realidade, um contexto uniforme e perfeitamente estruturado. Para mim, essas graves deficiências – repetidas, como já disse, em outros capítulos – não são resultado de negligência dos escritores sagrados. A única razão pela qual os Evangelhos canônicos não fazem eco desses ensinamentos está em uma realidade muito mais simples, mas nem por isso menos lamentável: do meu ponto de vista, muito pessoal, quando os evangelistas resolveram colocar por escrito a vida, obra e doutrina de Jesus, havia se passado tempo suficiente para que a imensa maioria de seus ensinamentos não pudesse ser lembrada textualmente. Não fosse, aliás, meu sistema de filmagem e gravação, eu também não teria sido capaz de memorizar tudo o que ouvi. E devo insistir em algo que não consigo compreender: por que nenhum daqueles discípulos se preocupou em tomar nota de tudo o que via e ouvia? Dessa forma tão elementar, disporíamos hoje de uma visão muito mais ampla e exata do que fez e disse o Mestre da Galileia.)

Para mim, pessoalmente, algumas das afirmações de Jesus naquela inesquecível manhã no cume do monte das Oliveiras pareceram de grande importância. Por exemplo, jamais pude esquecer as alusões à esperança: “... A persistente pregação deste Evangelho do reino” – havia prometido – “levará algum dia as nações a uma nova e incrível libertação...”.

Quanto tenho ansiado por ver cumprida tal afirmação! Todavia, ainda hoje essa realidade parece bem distante... “Se Jesus foi capaz de prognosticar – quarenta anos antes! – a total destruição de Jerusalém pelas legiões de Tito, porque se

equivocaria na outra profecia?”

Também me desconcertou sua recomendação sobre a forma com que a Verdade deveria ser promulgada. “Não deveis buscar a propagação dessa Verdade por meio de leis seculares.” E uma pungente dúvida ficou em meu coração: teria o Filho do Homem aprovado o intrincado emaranhado de leis, normas e códigos que tem regido os destinos das igrejas e que, no fundo, não são outra coisa senão uma asfixiante burocracia secular dissimulada sob pretextos espirituais e sagrados pouco claros?

Mas minha missão não era julgar, e sim observar e dar testemunho.

Peço a quem ler este diário que me desculpe...

Quando entramos no acampamento, Davi Zebedeu tinha aprontado a comida. Percebi que estava nervoso e mal-humorado. Em um primeiro momento, atribuí o fato ao nosso atraso. Normalmente, aquele almoço – no meio do dia – costumava ocorrer por volta das doze horas. “O desagrado de Zebedeu – pensei – está mais do que justificado...” Mas mais uma vez eu me equivocava. O aborrecimento do chefe dos emissários não se devia à demora do grupo...

Fomo-nos acomodando em torno do fogo e as mulheres começaram a servir: guisado à base de lentilhas, aromatizadas com “beliscos” de cominho negro e coentro;¹¹⁶ espigas frescas passadas ligeiramente pelo fogo ou com grãos tostados (levadas por João Marcos); e uma pequena porção de requeijão, feito pelas mulheres com leite de cabra. Como complemento, além de vinho, algumas tortas de farinha, amassadas na mesma manhã e à base de água e sal. O processo usado pelas mulheres do acampamento era muito singular. Ao menos para mim. Empregavam um “forno” – se assim podia ser chamado – que consistia em um grande jarro, todo recoberto de barro em seu exterior. Colocado no solo, acendia-se o fogo no seu interior. Uma vez aquecidas suficientemente as paredes do jarro, as mulheres apagavam as chamas e colocavam então as tortas na superfície interna do “forno”. Em geral, as tortas eram comidas quentes; mas quando Jesus e os discípulos chegaram ao horto, elas já estavam frias fazia tempo. Alguns dos comensais contornaram aquele contratempo regando-as com mel.

O guisado de lentilhas, Jesus apenas o provou, tendo dedicado sua atenção ao requeijão e à sua obrigatória porção de passas sem caroços...

No meio do almoço, Judas apareceu no acampamento. Ninguém se surpreendeu. Só Jesus, Zebedeu e eu o seguimos com o olhar. Iscariotes, olhos baixos, tomou uma das conchas de madeira e se serviu de uma generosa porção de lentilhas. E, com o mesmo silêncio com que havia entrado no horto, retirou-se isoladamente, indo sentar-se entre as raízes de uma das oliveiras mais próximas. Durante um bom tempo, o traidor concentrou sua atenção na comida. Quando acabou de comer e ao mesmo tempo que limpava os dentes com uma fibra vegetal, levantou os olhos para o céu, em direção ao sol. (Suponho que observando o que restava de luz.) E ali ficou, atento a todos os movimentos do Galileu e de seus íntimos.

Devia faltar uma hora para as três da tarde quando Davi Zebedeu – cada vez mais inquieto – levantou-se e praticamente tirou Jesus do grupo, caminhando com ele em direção às tendas. Falaram alguns minutos e observei que o Mestre respondia levantando a mão esquerda, como se quisesse sossegá-lo. Judas, impassível, assistia à cena sem sair do lugar.

Quando Davi regressou ao grupo, eu perguntei a ele em voz baixa, para não ser ouvido pelos demais:

– Que está havendo?

– Meus homens em Jerusalém – explicou-me desesperado – trouxeram más novas...

Eu começava a intuir do que se tratava e qual era, na verdade, a razão da progressiva agitação do discípulo.

– Seguiram Judas e, tal como vós me dissestes, os planos para prender o Mestre estão quase ultimados. Será hoje. É possível que depois do pôr do sol. O capitão da polícia do Templo está furioso com a fuga de Lázaro e pressionou Judas a consumir a detenção.

– Sabes onde será?

– Não. Só o que sei é que não podemos perder de vista esse bastardo – resmungou Davi cravando seus olhos em Judas.

– E que diz Jesus?

Davi Zebedeu encolheu os ombros e, ainda denotando a visível surpresa que lhe havia causado a resposta de Jesus, comentou:

– Ele me pediu que não falasse disso com ninguém, mas a ti posso dizer, posto que já sabes... “Sim, Davi” – respondeu-me –, “eu sei de tudo. E sei que tu sabes, mas procures não revelar a ninguém.” E quando eu quis persuadi-lo a fugir, acrescentou: “Não duvides de que no final prevalecerá a vontade de Deus”. Juro, Jasão, que não consigo compreender o Mestre. Se ele quisesse, agora mesmo nós poríamos a seu serviço mais de uma centena de homens armados que o escoltariam e guardariam até chegar a Pereia...

Coloquei minhas mãos sobre seus ombros, como havia visto Jesus fazer, e tentei animá-lo com o olhar. Mas a tristeza daquele homem era muito mais profunda do que eu podia avaliar.

A súbita chegada de um dos “correios” tirou Davi de seus sombrios pensamentos. Eu os acompanhei até a tenda dos homens e ali, na presença de Zebedeu, o emissário – que procedia de Filadélfia – entregou uma mensagem de Abner. Até mesmo àquela remota cidade oriental haviam chegado insistentes rumores sobre uma conspiração para matar o Mestre, e Abner pedia instruções. “Deveria mobilizar toda sua gente e marchar para Jerusalém?”

Davi Zebedeu leu a carta e a levou imediatamente a Jesus. Este, uma vez conhecida a mensagem do homem que dava proteção a Lázaro, transmitiu a Davi: “Diz a Abner que siga adiante com seu trabalho. Se me separo de vós em carne, é porque posso voltar em espírito. Não vos abandonarei. Estarei convosco até o fim”.

Outro dos mensageiros partiu rapidamente para Filadélfia. E eu aproveitei aquela oportunidade para perguntar a Zebedeu pela mãe de Jesus. Era quase a nona hora (três da tarde) e Maria e seus parentes não haviam dado sinais de vida. A possibilidade de me encontrar frente a frente com a mãe do Galileu estava excitando meu espírito. Como seria realmente aquela mulher? Teria o aspecto que nos mostra a tradição pictórica universal? Que haveria de certo em todas as qualidades e virtudes realçadas sem cessar pelos pesquisadores e estudiosos mariológicos?

Davi não pôde satisfazer minhas dúvidas. O caminho que saía de Betsaida, na Galileia, a uns seiscentos estádios de Jerusalém (ao redor de 110 quilômetros) pressupunha um considerável esforço, sobretudo para um grupo em que viajavam mulheres.¹¹⁷ Era preciso esperar.

Mal Davi se retirou da presença de Jesus, o chefe da intendência, Felipe, aproximou-se do Mestre e lhe perguntou:

– A hora da Páscoa se aproxima. Onde queres que preparemos a ceia? O Galileu lhe respondeu:

– Vai procurar Pedro e João e então darei instruções para a ceia que comeremos juntos esta noite. Quanto à Páscoa, falarei disso depois da ceia...

Esse assunto interessava muito a Judas. Assim, ele se levantou e caminhou para Jesus, com o propósito – suponho – de averiguar onde e a que horas se celebraria a ceia daquela quinta-feira. Mas Zebedeu – que não o perdia de vista – percebeu as obscuras intenções de Iscariotes e, com um reflexo admirável, interpôs-se no caminho do traidor, entretendo-o.

Judas, nervoso, viu que Felipe, Pedro, João e o Mestre se separavam do grupo e entravam em uma das solitárias tendas. Poucos minutos depois, os três apóstolos saíram e, sem comentário, deixaram o horto, ladeira abaixo.

Por um momento, hesitei. Que deveria fazer? Unir-me ao grupo que acabava de sair do acampamento ou permanecer junto ao Mestre? Davi continuava entretendo Judas, que, desolado (via-se isso em seu rosto), mas sem perder o sangue frio, parecia resignado com a sua sorte.

Deixei-me levar pelo instinto. Dissimuladamente, lancei-me atrás de Felipe e seus companheiros, indo alcançá-los quando cruzavam o outro lado do Cedron, bordeando a muralha sudeste da Cidade Santa em direção à porta dos Essênios. Ao me verem, os discípulos mostraram-se um tanto surpresos. Tentei dissipar seus receios, dizendo-lhes que, como se avizinhava a festa pascal, eu tinha a intenção de agradecer a hospitalidade do Mestre oferecendo-lhe um presente.¹¹⁸

– Eu os vi partir para Jerusalém – disse-lhes – e pensei que era uma boa oportunidade para vos pedir conselho...

Só João – melhor observador e mais sensível que seus amigos – emocionou-se com aquele meu gesto. E, tomando-me pelo braço, perguntou-me:

– E que pensas lhe dar?

– Talvez uma túnica – improvisei.

– Não é má ideia – meditou em voz alta –, mas talvez fosse mais prático que comprasses um manto... Ele gosta muito de sua túnica. Deves ter notado que foi confeccionada a mão, sem costuras.

Respondi-lhe que considerava uma excelente ideia e que, se dispunham de alguns minutos, gostaria que me acompanhassem e recomendassem um bom mercador de panos.

Pedro interveio e, em tom brusco – como se estivesse de mau humor –, revelou-me exatamente o que eu desejava saber:

– Atende, Jasão. Agora não pode ser. O Mestre nos deu uma incumbência um tanto rara.

Em sua voz, adivinhei aquela quase genética incapacidade para compreender muitas das ações de Jesus.

– Temos de chegar às portas da cidade e procurar um homem... – explicou com certa ironia – com um cântaro de água... Imagine, com tantos peregrinos em Jerusalém...

João reprovou sua pouca fé.

– Se o Mestre nos disse que ao franquear as portas encontraríamos esse homem com o cântaro, não há mais o que falar...

– Mas, reconheça – tentou argumentar Felipe – que Pedro tem razão. Não haveria sido mais fácil e prático que Jesus nos desse a indicação da casa onde desejava cear esta noite, ou o nome de seu proprietário? Por que tanto mistério? Que necessidade há de tanto enigma?

No meu íntimo, sorri, lembrando o texto evangélico em que esse episódio é narrado. Não teria sido demais que os escritores sagrados tivessem mencionado aquela polêmica entre os discípulos, fiel e maravilhoso registro da fé cega de um e das naturais dúvidas dos demais. (É possível que, com o passar dos anos, nem Pedro nem Felipe desejassem revelar à incipiente comunidade cristã sua fraqueza de espírito. O que seria muito humano e compreensível.)

Os três homens continuaram empenhados naquela disputa até que chegamos ao umbral da grande porta dos Essênios, diante do vale do Hinom. Àquela hora da tarde, o número de pessoas que entravam e saíam sem cessar de Jerusalém era suficientemente grande para desestimular quem quer que tentasse localizar “um homem com um cântaro de água”.

De repente, naquele confuso tráfego de gente, João nos chamou a atenção para um grupo de mulheres que saía da cidade. Duas delas carregavam cântaros na cabeça; as demais – possivelmente lavadeiras – mantinham sobre a cabeça, com grande destreza, cestos de vime repletos de roupa.

Mas Pedro, cada vez mais desanimado, fez ver ao jovem discípulo que se tratava de mulheres e que, além disso, seguiam uma direção oposta à indicada pelo rabi.

Ao transporem o arco de pedra da gigantesca porta, os três apóstolos pararam diante das primeiras casas do bairro baixo. Durante alguns minutos, ficaram

inspecionando todos os que perambulavam pelo lugar. E não necessitaram muito tempo para descobrir, à direita da porta dos Essênios, um homem sentado, com as costas apoiadas na muralha. A seu lado havia um cântaro de água de quase meio metro de altura, dos usados comumente para recolher as águas das fontes situadas diante de Jerusalém.

Os discípulos olharam-se em silêncio e João, sorridente e decidido, adiantou-se até chegar a dois metros do indivíduo. Felipe o seguiu e Pedro, ainda hesitante, acabou unindo-se aos amigos, embora negando sistematicamente com a cabeça.

Nem João nem os outros chegaram a abrir a boca. O homem parecia cansado de esperar, mas quando os viu imóveis e com os olhos fixos nele, esboçou um leve sorriso e, sem mais, levantou-se, erguendo o pesado cântaro. Em seguida e com o recipiente bem ajustado ao quadril esquerdo, iniciou uma apressada caminhada. Pedro, silencioso, os olhos baixos, estava enrubescido de vergonha.

Em questão de minutos, o misterioso personagem nos conduziu pelas íngremes e estreitas vielas daquela zona meridional de Jerusalém até uma casa de dois pavimentos, localizada muito perto da residência de Anás, o ex-sumo sacerdote e sogro de Caifás.

Na porta daquela mansão, quase tão luxuosa como a de José de Arimateia, esperava um conhecido de todos nós: o pequeno João Marcos!

Parece que não fui eu o único a ficar surpreso. Os três discípulos, ao verem o adolescente, entreolharam-se, percebendo então as intenções de Jesus. De minha parte, o suposto fato milagroso do encontro com o homem do cântaro começava a ter uma explicação muito racional. Ainda que naquele momento eu não dispusesse de provas suficientes, um pressentimento começou a assediá-me: teria o Mestre dado instruções a João Marcos, durante o longo passeio de quarta-feira, para que um membro de sua família – talvez um serviçal – postasse-se às portas de Jerusalém trazendo um cântaro de água? Se assim não fosse, como explicar a presença do menino justamente na entrada da casa onde deveria ser celebrada a chamada “última ceia”? Aquela hipótese foi ganhando terreno em minha mente. No fundo, tudo se encaixava: o férreo mutismo do jovem ante o interrogatório dos discípulos e a extrema prudência do Mestre na hora de indicar o lugar onde desejava reunir-se com seus íntimos.

Jesus de Nazaré estava ciente da conspiração que Judas protagonizava, assim como de suas manobras para facilitar a captura. Seria lógico que, se o Galileu desejasse não ser molestado no transcurso daquela ceia, adotasse medidas de precaução. E aquele “plano”, evidentemente, fazia parte de sua estratégia.

O jovem Marcos nos conduziu ao interior da casa e nos apresentou a seus pais, Elias e Maria. Aquela família, segundo pude averiguar, era aparentada com a de Jesus e comungava plenamente com seus ensinamentos.

Felipe, como responsável pela preparação da ceia, pediu a Elias Marcos que lhe mostrasse o lugar escolhido e o pusesse a par do cardápio e dos preparativos. Prudentemente – e como o menino estava presente, absteve-me de fazer perguntas

aos donos da casa. No entanto, depois de comprovar que a ceia teria como cenário o piso superior da mansão dos Marcos, minhas dúvidas sobre o acordo secreto entre Jesus e o menino da casa foram desfeitas. Só faltava a confirmação de João Marcos ou de seus pais. Isso aconteceria horas mais tarde...

Já me dispunha a seguir Felipe e Pedro ao primeiro pavimento iniciando, assim, outra das delicadas missões traçadas pela Operação Cavalo de Troia – quando, inesperadamente, João, o Evangelista, propôs que aproveitássemos aqueles minutos para visitar o vizinho bairro dos tintureiros, onde eu poderia comprar o manto que queria dar ao Mestre. Eu me vi enredado em meu próprio erro e não tive outro remédio senão aceitar, simulando até uma grande alegria pela gentileza do discípulo.

O bairro dos tintureiros, como disse João ao sairmos da casa, ficava muito perto dali. Descemos por uma rua estreita, tão mal calçada quanto pestilenta, até desembocar em um amontoado de casas térreas, à sombra de uma muralha exterior, no ângulo sudoeste da cidade. Aquelas trinta casas eram na realidade tinturarias. João conduziu-me ao interior de uma delas, propriedade de um velho amigo seu: um tal de Malkiyas, perito artesão e digno sucessor de uma antiga família de tintureiros.

Logo mais, eu estava no interior de uma sala de uns seis por três metros, quase afogada na escuridão, quando divisei em um de seus extremos duas grandes cubas de quase um metro de diâmetro por outro de altura. A seu lado estavam dispostas pias de fundo raso e um banco de alvenaria. Nas cubas havia carbonato de potássio e cal extinta, assim como, numa delas, uma pequena quantidade de índigo¹¹⁹ e, na outra, o dobro. Cada cuba, fechada por uma cobertura de pedra, apresentava um pequeno orifício ou boca central (de uns quinze centímetros) na tampa. Por ali, o amigo Malkiyas introduzia os fios dos diferentes tecidos para os tingir. Em outra das pias, vários operários manipulavam grandes peças de pano, submergindo-as em banhos de púrpura e escarlata.

João expôs a Malkiyas meu desejo de oferecer um presente a um amigo, pedindo-lhe que mostrasse alguns dos mantos mais bem trabalhados e prontos para ser enviados às lojas dos vendedores. O chefe da tinturaria o atendeu com prazer, mostrando um abundante sortimento de roupões, túnicas de lã e algodão, mantos femininos (muito parecidos com os atuais xales) e finas vestes de fios do Egito, todos tingidos nas mais variadas e sugestivas cores.

De repente, ao examinar aquelas peças graciosas, tive uma ideia. Procurei com todo o cuidado entre os tecidos mais delicados e, indicando a João um manto de linho branco, disse-lhe:

– Este... Eu desejaria levar este...

O discípulo olhou-me com assombro e advertiu:

– Mas, Jasão, este é um manto de mulher...

– Eu sei – respondi –, mas acabo de ter uma ideia melhor.

João respeitou meu silêncio e, sem me fazer uma só pergunta sobre aquela

repentina mudança, acertou com o mestre artesão o preço do rico manto. Embora aquele tipo de operação comercial estivesse proibida – já que os tintureiros não podiam vender seus produtos diretamente ao público –, a amizade entre João e Malkiyias serviu para contornar o problema.

Por volta das quatro da tarde, depois de nos juntarmos a Felipe e Pedro e em companhia do jovem João Marcos, que quis ir conosco, empreendemos o caminho de volta ao acampamento de Getsêmani. Na casa da família Marcos, tudo estava pronto para a ceia. As circunstâncias me haviam impedido de ter acesso ao piso superior e isso começava a me preocupar. Era vital para o completo desenvolvimento de minha missão que eu pudesse estar naquela sala antes que ela fosse ocupada por Jesus e os doze...

Ao me ver chegar, Davi Zebedeu apressou-se em interrogar-me, enquanto Pedro, Felipe e João comunicavam a Jesus que tudo estava resolvido para a ceia.

O esperto Davi explicou-me que, devido às circunstâncias, havia sugerido a Judas que lhe entregasse uma parte do dinheiro, a fim de ir cobrindo as necessidades do grupo.

– Para minha surpresa – acrescentou –, esse malnascido não só não ofereceu resistência como entregou-me a totalidade dos fundos líquidos e os recibos de dinheiro em depósito, admitindo sem titubear: “Tens razão. Creio que é o mais adequado... Algo está sendo tramado contra o Mestre e, no caso de que me aconteça alguma coisa, tu não serás molestado por ninguém”. Entendeste, Jasão? – comentou desalentado – Esse cínico acaba de confessar-me que teme pela vida de Jesus...

Aquele gesto de Judas, despojando-se de todo o dinheiro do movimento, reforçou ainda mais minha suspeita de que o traidor não agia por ganância.

Por volta das cinco da tarde, quando apenas faltava uma hora para o ocaso, notei um movimento inusitado no acampamento. Felipe informou-me que o Mestre tinha pressa de sair de Jerusalém. Os apóstolos não entendiam bem por que o Mestre havia organizado aquela pequena e pouco usual ceia, da qual apenas participariam seus doze homens de confiança. Os comentários eram os mais diversos. O costume judeu estabelecia, com grande rigor, que o almoço pascal deveria se celebrar – uma vez sacrificado o obrigatório cordeiro ou cabrito no Templo – na véspera da Páscoa propriamente dita.¹²⁰ Naquele ano, a festa pascal caiu no sábado e isso a tornou duplamente solene, como creio que já comentei. Se a tradicional ceia religiosa deveria ser realizada no dia seguinte, sexta-feira, 7 de abril, já com o sol posto, era lógico que os discípulos se perguntassem sobre o misterioso banquete ordenado pelo Galileu para aquela noite de quinta. Só uns poucos – João, Judas Iscariotes, com certeza, e Davi Zebedeu – intuíam que aquela ceia iria ser um ato muito especial, precedendo a imediata e fulminante prisão do Mestre.

Para mim, aquela pressa de Jesus em abandonar o horto foi o sinal que fez que eu me retirasse, adiantando-me ao grupo.

Dadas as especialíssimas características da “última ceia” – da qual, insisto, só poderiam participar Jesus e seus doze apóstolos –, o projeto Cavalo de Troia havia julgado que minha presença nesse ato poderia quebrar o caráter íntimo que o Mestre pretendia dar a ele. Seria pouco ético, portanto, que eu me sentasse junto aos treze. Por outro lado, a missão não poderia ficar alheia a um fato tão transcendental e significativo como aquele. Eu deveria recolher o máximo de informações sobre o que realmente ocorreria no piso superior da casa de Marcos. E para isso o general Curtiss havia idealizado uma solução “intermediária”: além de minhas perguntas aos próprios protagonistas, todas as palavras de Jesus e dos doze seriam recolhidas mediante um sensível e diminuto microfone que eu deveria ocultar em lugar estratégico do cenáculo. (Difícilmente eu poderia supor que aquela minúscula maravilha da eletrônica – produzida com carinho pelos especialistas da ATT, a American Telephone and Telegraph, para o nosso projeto – iria constituir uma das razões que aconselharam os homens da Operação Cavalo de Troia a realizar uma segunda “grande viagem” à época de Cristo...)

Depois de colocar em mãos de Zebedeu o manto que eu havia comprado, apressei-me em colher alfazemas e lírios (brancos e cor de amora) que cresciam nas proximidades do olival. E rapidamente tomei o caminho mais curto para Jerusalém, avisando o módulo de que iria colocar o microfone e a “vara de Moisés” na casa de Elias Marcos.

O gentil e calmo chefe de família não se surpreendeu nem um pouco quando lhe anunciei que Jesus e os doze não tardariam a chegar e que, como prova de minha amizade e meu afeto pelo Mestre, eu desejava contribuir, adornando a mesa com aquele humilde, mas perfumado presente. Meu plano surtiu efeito e um dos serviçais, por indicação de Elias, acompanhou-me ao pavimento superior.

Subimos por uma estreita escada de pedra e, ao abrir uma porta de duas folhas, o improvisado “guia” convidou-me a entrar na frente. E assim o fiz, penetrando em uma espaçosa sala retangular de pouco mais de vinte metros de comprimento por seis ou sete de largura. No centro, havia sido disposta uma mesa baixa, em forma de “U”, de características muito semelhantes às da mesa que eu havia visto na casa de Simão, “o leproso”.

Ao redor havia treze divãs, direcionados quase que perpendicularmente à mesa. O do centro, a base do “U”, era um pouco mais alto que os demais. Deduzi que aquele seria o posto destinado ao convidado de honra, ou seja, Jesus. Os divãs eram semelhantes a bancos de quatro pernas, mas sem braços nem encosto. Um deles era mais baixo que os demais e estava colocado em um dos extremos da mesa. Ao vê-lo, concluí que o anfitrião havia tido problemas para conseguir todos os assentos.

À esquerda do refeitório (tomando sempre como referência a única porta de entrada) e junto à parede de ladrilhos – cuidadosamente reforçada com calcário –, contei três lavatórios de bronze, sustentados por pés de madeira. Todos eles, curiosamente, providos de rodas. Dessa forma, aqueles recipientes, de uns

quarenta centímetros de diâmetro e pouca profundidade, podiam ser removidos comodamente de uma parte a outra do aposento. Junto aos lavatórios, o dono da casa havia colocado várias jarras com água, assim como algumas toalhas e lenços para enxugar.

A pouca luz que penetrava pelas esguias janelas – quase frestas – que se sucediam ao longo das paredes já havia obrigado os serventes a acender as lâmpadas de azeite. Com uma rápida olhada, observei que as seis ou sete lanternas penduradas nas paredes, a cerca de metro e meio do chão, não forneciam claridade suficiente para iluminar o aposento. A deficiência fora sanada em parte com um lampião quadrado, em cujo interior ardia outra carga de azeite, com uma tríplice mecha de cânhamo. Esse reforço, colocado no interior do “U” e suspenso a pouco mais de um metro do piso por um pé de ferro forjado, belamente trabalhado, proporcionava à mesa e suas imediações abundante claridade. Através do vidro, sutilmente tingido de dourado, a luz do lampião inundava e banhava de amarelo os divãs avermelhados e a branca e imaculada toalha.

Em uma das extremidades da mesa (a mais distante do local onde estavam os lavatórios “móveis”), a criadagem havia colocado o pão, o vinho, a água e vários pratos de legumes. E sobre a mesa, no lugar correspondente a cada um dos convidados, havia treze pratos de fina cerâmica, decorados com estreitas listras vermelhas e brancas, possivelmente feitas a pincel pelo artesão. Junto à baixela, quatro copos de cristal de Sidon para cada comensal. A presença de um jogo tão numeroso de cristais levou-me a supor que Jesus pensava celebrar aquela ceia segundo o rito pascal.

Como decoração, a sala apresentava alguns tapetes vermelhos, pendurados estrategicamente nas paredes. À direita da porta, no canto do cenáculo, a mãe do jovem João Marcos havia dado um discreto toque feminino, dispondo em um vaso com terra brilhante ramos de oliveira e folhas de palma.

Após aquela rapidíssima olhada no aposento, resolvi que o lugar ideal para ocultar o microfone multidirecional era a base do lampião. Daquele ponto, equidistante de quase todos os discípulos, as vozes poderiam chegar com nitidez até o sensível receptor. Mas, quando me voltei para a porta, a presença do criado acompanhante me fez desistir de meu propósito. Eu precisava ficar só, ainda que fosse por dois minutos apenas...

De repente, percebi que tinha as flores na mão esquerda e, entregando-as ao serviçal, pedi a ele que procurasse algum jarro. O bom homem não entendia bem o grego e tive de expressar-me por sinais. Por fim, pareceu compreender e se afastou, escada abaixo, para atender ao meu pedido.

Sem perder um único segundo, tratei de fazer a colocação do microfone, ajoelhando-me junto ao lampião. Por sorte, a base era também de ferro e o dispositivo magnético “conectou-se” imediatamente. As franjas que pendiam do lampião formavam uma excelente camuflagem. Retrocedi rapidamente e recostei-me no divã que devia ser de Jesus, acionando a conexão auditiva com a nave.

Eliseu respondeu prontamente. Por alguns segundos dirigi minha voz – em diferentes níveis de intensidade – para o lampião, colocado a pouco mais de três metros da curvatura do “U”. Depois, repeti os testes de som nos dois extremos da mesa.

Eliseu verificou a recepção e anunciou-me que o som chegava “cinco por cinco”.¹²¹

Um pouco mais tranquilo, coloquei-me então no lugar onde Maria Marcos havia disposto o adorno de folhas. Em minha opinião, aquele era o único ângulo a partir do qual seria possível uma filmagem completa da ceia. Mas, ao examinar tal posição, verifiquei que existiam dois obstáculos para a filmagem: de um lado, as folhas de palma ocupavam a maior parte do campo visual. Do outro, embora não houvesse o inconveniente das folhas, o lugar que Jesus teria de ocupar ficava oculto pelo lampião central.

Procurei tranquilizar-me e, tomando de novo a vara, esquadrinhei até o último centímetro da sala. Logo desisti. Não havia uma só zona onde apoiar o cajado sem levantar suspeitas e com garantia de uma tomada correta.

Desanimado, dirigi-me então até o ponto que havia escolhido no início, com a finalidade de depositar a “vara de Moisés” por detrás dos ramos e das palmas. “Ao menos – pensei – ficarão registrados o lugar e alguns dos personagens.” Minha missão, no caso, era simples: bastava deixar pressionado o cravo que ativava a filmagem. Uma vez concluída a ceia e se não surgissem inconvenientes, tudo era uma questão de subir novamente e recolhê-la.

Mas, quando faltavam alguns passos para que eu alcançasse o lugar, o criado voltou ao cenáculo, arruinando minhas intenções. Trazia nas mãos um pequeno jarro de barro e, em seu interior, minhas flores. Tive de forçar um sorriso. Depois, quase como um autômato, coloquei o vaso sobre a mesa, defronte ao prato e aos copos destinados ao Nazareno. E, profundamente contrariado, abandonei aquele histórico lugar.

Já estava pronto para me despedir da família Marcos quando o rude e áspero som dos cornos de carneiro do Templo anunciou o final do dia. Minha intenção era ocultar-me nas proximidades da casa e esperar a chegada de Jesus e de seus homens. Dessa forma, poderia controlá-los e, sobretudo, ficar a par dos movimentos de Judas. Mas a hospitaleira família não me deixou partir. Elias pediu-me que aceitasse um copo de vinho e que, se isso não alterasse meus planos, permanecesse ali até o regresso do grupo a Getsêmani. O pai de Marcos conhecia a disposição do rabi sobre a reunião: ninguém – exceto os treze – deveria participar da ceia pascal. Nem sequer criados haveria. E embora eu me apressasse a recordar-lhe esse desejo do Mestre, o bom homem insistiu que não era necessário que eu estivesse presente no pavimento superior. Eu poderia satisfazer meu apetite e, ao mesmo tempo, permanecer no andar de baixo ou no pequeno jardim contíguo à vivenda.

Refleti e aceitei. Talvez aquela fosse a colocação ideal para minha missão.

Além disso, do piso inferior e até mesmo do pátio, era possível seguir os movimentos de todos os que subissem ao cenáculo e dele descessem. Aquele amável convite permitiu-me, ademais, conhecer outra curiosidade: o menu da “última ceia”.

De acordo com os costumes judeus, essa ceia se baseava em um prato único, cordeiro ou cabrito, guarnecido com uma série de verduras, igualmente obrigatórias.

Maria Marcos havia preparado vários pratos com alface, cerefólios cheirosos, com aroma parecido ao do anis, um cardo chamado eringe ou eringio e as imprescindíveis ervas amargas. Tudo isso sem ferver nem cozinhar, tal como mandava a lei.

Quando lhe perguntei sobre a forma de preparar o cordeiro, a senhora conduziu-me até o jardim, mostrando-me umas brasas de madeira de pinho, amontoadas em um fogão feito de pedras de rio. Um dos criados tomava conta do fogo para que ele não se extinguisse, enquanto outros se ocupavam de um cordeiro que não pesaria mais do que oito ou dez quilos. Com destreza admirável, os criados haviam cortado as extremidades e extraído as entranhas. Depois, tudo isso, perfeitamente esfolado e purificado à base de água, foi introduzido no interior do cordeiro.

Um dos homens tomou vários amarrados de louro, pimenta e ervas, recheando com eles as partes ocas. Em seguida, o ventre foi tampado com longos e escolhidos ramos de alecrim dispostos ao redor da peça.

O segundo criado introduziu, então, uma esguia e sólida vara de romãzeira pela boca do animal, atravessando todo o corpo e saindo do outro lado.

Uma vez preparado o cordeiro, os extremos da vara foram colocados sobre forquilhas de ferro firmemente cravadas na terra. E teve início um lento e meticuloso assado. Obedecendo a um antigo ritual, antes que os criados colocassem o cordeiro sobre as brasas, o chefe da família dirigiu seu olhar para o céu, comprovando que estávamos “entre duas luzes”, tal como especifica o Êxodo (12, 6).

O banquete havia sido completado com alhos-porós, ervilhas, pão ázimo e, como sobremesa, nozes e amêndoas tostadas e uma torta sem levedura, à base de figos secos.

Para aliviar o sabor das obrigatórias ervas amargas, Maria Marcos havia preparado uma deliciosa compota, chamada jarôset, preparada à base de vinho, vinagre e frutas trituradas. O vinho (os comensais deviam beber no mínimo quatro copos e misturado com água) procedia do monte de Simeão, de grande prestígio em Israel.

Ali pelas seis e meia, João Marcos irrompeu em casa como uma ventania. Ofegante e suarento, comunicou ao pai que o Mestre se aproximava da mansão.

A emoção e a alegria da família ao receber o Galileu e seus discípulos não tiveram limites. Durante muitos minutos a confusão foi total. Maria Marcos subia e

descia sem cessar, enquanto a criadagem finalizava os detalhes da ceia.

Os discípulos, a conselho de Jesus, foram subindo as escadas, a caminho do pavimento superior. Segundo pude observar, não faltava nenhum. Judas, encerrado em seu mutismo total, seguia seus companheiros, enquanto o rabi conversava com a família. A julgar pelos seus jocosos comentários sobre o cordeiro, seu humor continuava sendo excelente. Nada parecia perturbá-lo.

Todavia, a partir daquele momento eu devia manter-me em alerta total. Iscariotes, por fim, ficara conhecendo o lugar onde se celebraria a misteriosa ceia, e seus pensamentos agora só podiam estar ocupados com algo básico para ele e para os policiais que esperavam, sem dúvida, alguma informação sua: sair da casa dos Marcos e correr até o Templo para pôr em marcha a operação de captura do Mestre.

Por volta das sete horas, Jesus subiu para o cenáculo. Seu semblante continuava refletindo muita jovialidade.

A partir desse instante, coloquei-me junto à porta que dava acesso ao jardim, montando guarda a poucos metros da escada que conduzia ao andar superior.

Pouco depois, o prestativo João Marcos, por recomendação de seu pai, trouxe-me um pequeno tamborete. Sentei-me e ele fez o mesmo, observando-me em silêncio. Terminei lentamente o prato de peixe cozido que me havia servido a dona da casa e, sem muita esperança de êxito, comecei a interrogar o rapazinho. Mas João, apesar de sua pouca idade, possuía um profundo senso de lealdade e, acima de todas as coisas deste mundo, amava Jesus. Assim, pois, minhas perguntas foram caindo, uma atrás da outra, ante o obstinado silêncio do jovenzinho. Quando, por último, atrevi-me a expor-lhe minha teoria sobre o acordo secreto que ele fizera com o Mestre para a busca do homem do cântaro de água e para os demais planos da ceia, João Marcos ficou pálido. E, num arranque, levantou-se e correu para o fundo do jardim.

Sem querer, sua atitude o havia delatado. Mas eu não quis forçar a situação.

Perto da hora em que deveria estar começando a ceia, Tiago e Judas de Alfeu, os gêmeos, apareceram na escada. Fiquei de pé, mas ao vê-los entrar no pátio e apanhar a bandeja de madeira em que estava sendo servido o cordeiro, previamente trinchado, fiquei tranquilo. Mas eles tinham o olhar grave. E a curiosidade voltou a me assaltar. Que estaria ocorrendo lá em cima? A que se devia aquela sombra de angústia nos rostos dos irmãos, habitualmente risonhos? A presença constante da família Marcos impedia-me de consultar o módulo. Optei por esperar. Havia tempo para averiguar.

João Marcos, um pouco mais calmo e sorridente, recolheu meu prato. Procurei mostrar-me amistoso, mudando o tema anterior da conversa por outro mais ameno. Dessa forma, fazendo de Jesus o centro de minhas palavras, consegui que o menino esquecesse seus receios e dissesse o que eu já sabia: que sua paixão pelo Mestre não tinha limites e que, se fosse preciso, "ele seria o primeiro a oferecer sua vida pelo rabi".

À medida que a noite avançava, sem que eu pudesse evitar, meu nervosismo foi aumentando. Até que, finalmente, por volta das nove horas, vi Judas descendo. Evidentemente, tinha pressa. E, sem sequer nos olhar, abriu o portão e deixou a casa.

De um salto coloquei-me na porta e o vi afastar-se precipitadamente. João Marcos, alarmado com minha atitude intempestiva, quis saber o que estava acontecendo. Se minhas suposições fossem corretas, Judas dirigia-se para o Templo. E isso significava que logo eu perderia sua pista. Era preciso agir com rapidez e inteligência, e de repente, pensando em João Marcos, ocorreu-me uma solução.

– Conheces a casa de José de Arimateia? – perguntei-lhe procurando ao mesmo tempo não o alarmar.

João Marcos assentiu.

– Pois bem, corre para lá e diz a José que vá imediatamente ao Templo. É importante que ele e Ismael encontrem Judas...

Sem perguntas nem comentários, o menino, que havia percebido minha preocupação, saiu rua abaixo em direção à piscina de Siloé.

De minha parte, procurando que Judas não se apercebesse de minha presença, iniciei uma tenaz perseguição ao traidor. Àquela hora da noite, o número de transeuntes havia decrescido sensivelmente. A duras penas, ajudado mais pela luz da lua do que pelas míseras e mortíferas candeias de azeite das ruas, pude seguir os apressados passos do judeu até uma casinhola térrea, quase nos limites do bairro baixo com a cidade alta. Judas entrou na casa e, depois de poucos minutos, saiu na companhia de outro indivíduo. E ambos se dirigiram, então, para o muro ocidental do Templo.

Quando alcancei o átrio dos Gentios, vi que Iscariotes e seu acompanhante se afastavam pela esplanada – àquela hora, solitária – a caminho da escadaria que rodeava o Santuário. Alguns dos 21 guardas em seu habitual serviço de vigilância em torno do Templo foram ao encontro dos dois. Dialogaram alguns segundos e, imediatamente, dois dos levitas os acompanharam ao interior.

Obviamente, ali terminou meu trabalho. E, confiando em que José de Arimateia ou Ismael soubessem interpretar minha mensagem e fossem o mais rapidamente possível ao Templo para espionar os movimentos de Judas, dei meia-volta e tomei o caminho de retorno para a casa dos Marcos.

Preocupado com o assunto Iscariotes, não percebi que entrava em uma ruela solitária, sem nenhum tipo de iluminação. De repente, à minha esquerda surgiu um vulto que se interpôs em meu caminho. Fiquei paralisado de susto. A lua iluminou então um indivíduo de baixa estatura e barba abundante, que avançou lentamente para mim. Um reflexo azulado em uma de suas mãos gelou-me o sangue. Aquele assaltante lançou-se sobre mim e, sem dizer uma só palavra, assestou-me um duro golpe no ventre. Mas a adaga, encurvando-se, partiu-se pela base, caindo sobre as pedras do calçamento com um eco metálico. A “pele de serpente” me havia livrado

de um sério percalço.

Apavorado, o assaltante olhou para a arma partida e, atirando o cabo ao chão, retrocedeu aos tropeções, sem conseguir acreditar no que estava ocorrendo. Segundos mais tarde, desaparecia pela rua estreita, uivando como um louco.

Por sorte, o rasgão na túnica não era visível. E a toda pressa deixei o local.

Poucos minutos depois das dez, eu estava de volta à casa dos Marcos. A possibilidade de que Jesus e os onze houvessem saído do cenáculo me preocupava. Não quis alarmar Eliseu, contando-lhe o penoso incidente com o ladrão. Além do mais, eu tinha saído ileso. Se o assaltante, em vez de atacar, houvesse, por exemplo, exigido a bolsa com o dinheiro, talvez as coisas tivessem saído radicalmente diferentes. Minhas possibilidades de defesa eram quase nulas e o mais provável é que aquele inoportuno bandoleiro conseguisse se mandar com o dinheiro da Operação Cavalos de Troia e – o que teria sido ainda mais lamentável – com o pequeno estojo que continha as “pequenas lentes de visão infravermelha”.

Ao me ver, João Marcos correu ao meu encontro. O Mestre e os apóstolos continuavam no andar superior. Respirei aliviado. José de Arimateia havia recebido meu recado e, segundo me explicou o menino, saíra no mesmo instante para o Templo. Agradei-lhe o favor e ele, muito contrafeito, obedeceu à ordem materna de ir dormir. Mas seu sono não seria muito prolongado...

Por volta das dez e meia, escutei um hino. Elias ofereceu-me um copo de vinho com mel e, apontando para o lugar de onde vinha o cântico, avisou-me que a ceia estava prestes a terminar.

A verdade é que eu nunca havia necessitado tanto de um copo de vinho como naquele momento. Tomei-o de um trago só e, de fato, poucos segundos depois, assim que se encerrou o hino religioso, os apóstolos começaram a descer. Jesus foi o último.

Os onze, ao menos naquele momento, estavam bem mais descontraídos do que pela manhã. Despedimo-nos todos da família Marcos e empreendemos o caminho de volta ao acampamento.

Enquanto cruzávamos as solitárias ruas do bairro baixo, em direção à porta das Fontes, ao sul de Jerusalém, fiz o que pude para separar André do resto do grupo. Perguntei-lhe como se desenrolara a ceia. O chefe dos apóstolos começou dizendo que tanto ele como seus companheiros estavam intrigados com a súbita desaparecimento de Judas e, muito especialmente, com o fato de que ele não voltara ao cenáculo. “No início, quando o vimos sair, todos pensamos que ele se dirigia ao andar de baixo em busca de alguns víveres para a ceia. Outros pensaram que o Mestre lhe havia dado algum encargo...”

Os pensamentos dos discípulos estavam corretos, já que nenhum deles dispunha de informação verdadeira sobre a trama. Além disso, com exceção de Davi Zebedeu, que não havia participado da ceia pascal, os discípulos ignoravam que o dinheiro comum estava desde aquela mesma tarde em poder do chefe dos emissários.

E André continuou com o relato, dando ênfase a um fato acontecido logo que eles adentraram o piso superior da casa dos Marcos, fato que, do meu ponto de vista, esclarecia perfeitamente por que o Nazareno decidira lavar os pés dos discípulos. Os evangelistas haviam dado uma versão acertada: Jesus praticou esse gesto para realçar a honrosíssima virtude da humildade. No entanto, qual teria sido a "faísca" ou a causa imediata desse ato? Será que tudo obedecera a uma simples e pura iniciativa de Jesus? Sim e não...

Ao visitar o recinto onde iria ser celebrada a ceia pascal, eu havia reparado nos lavatórios, bacias e "toalhas" dispostos para as obrigatórias lavagens de pés e mãos. O costume judeu mandava que, antes de se sentar à mesa, os comensais deviam ser lavados pelos criados ou pelos próprios anfitriões. Essa era a tradição. Todavia, as ordens do Mestre haviam sido taxativas: não haveria criados no cenáculo. E a prova é que, quando foi preciso, os gêmeos haviam descido para pegar o cordeiro assado. Pois bem, aí surgiu a polêmica entre os doze...

– Quando entramos no cenáculo – continuou André –, todos notamos as bacias e a água para a lavagem de pés e mãos. Mas, se o rabi havia ordenado que não houvesse criadagem presente, quem se encarregaria da lavagem obrigatória? Devo confessar humildemente que tanto eu como os demais tivemos o mesmo pensamento. "Eu não desceria tanto, a ponto de me prestar a lavar os pés dos demais. Isso era missão para criados..."

"E todos, em silêncio, procuramos dissimular o constrangimento, evitando qualquer comentário sobre o assunto.

"A atmosfera começou a se carregar perigosamente e, para cúmulo do azar, o aborrecido assunto do asseio pessoal foi envenenado por outro fato que nos fez explodir e nos enredou em uma áspera polêmica. O Mestre não se resolvia a subir e, enquanto isso, cada um se ocupou de inspecionar os divãs. Saltava aos olhos que o lugar de honra correspondia ao divã mais alto – o do centro – e novamente caímos na tentação. Quem ocuparia os lugares próximos a Jesus? Suponho que quase todos voltamos a pensar o mesmo: 'O Mestre é quem vai escolher os discípulos prediletos'. E estávamos nesse pensamento quando, inesperadamente, Judas aproximou-se do assento colocado à esquerda do principal, manifestando com isso sua intenção de acomodar-se nele como 'convidado preferido'. Essa atitude de Iscariotes nos revoltou a todos, gerando uma desagradável discussão. Mas Judas já se havia instalado no divã e João, em um de seus ímpetos, o imitou, apoderando-se do divã da direita.

"Como podes imaginar, a irritação foi geral. Mas as ameaças e os protestos de nada serviram. Judas e João não estavam dispostos a ceder. Talvez o mais aborrecido fosse meu irmão Simão, que se sentiu ferido e fraudado pelo que chamou 'orgulho indecente' de seus companheiros. E, visivelmente alterado, deu uma volta ao redor da mesa e escolheu o último lugar, justamente o do divã mais baixo. A partir desse momento, os demais foram-se instalando onde puderam. Tu sabes que Pedro é bom e ama intensamente o Mestre, mas, nessa ocasião, sua

debilidade foi grande. Conheço meu irmão e sei por que fez aquilo...”

– Por quê? – animei-o a se abrir comigo.

André tinha necessidade de confidenciar a alguém e descarregou isso sobre mim:

– Perturbado pelo ciúme e pela impertinente iniciativa de Judas e João, Pedro não hesitou em se acomodar no último dos lugares da mesa com uma esperança secreta: de que o Mestre, ao entrar, pedisse publicamente a ele para que deixasse aquele divã e ocupasse o de Judas ou o do próprio João. Dessa forma, ele se veria honrado e deixaria mal seus “orgulhosos” companheiros.

“Quando o rabi apareceu à porta do cenáculo, os doze estávamos ainda em plena batalha dialética, recriminando-nos mutuamente. A sua entrada fez-se um brusco silêncio.

“Jesus permaneceu no umbral por alguns instantes. Seu rosto foi-se tornando paulatinamente sério. Era evidente que havia percebido a situação, mas, sem nenhum comentário, dirigiu-se para o seu lugar, ante o desolado olhar de meu irmão.

“Foram minutos tensos. Mas Jesus foi recobrando sua habitual e característica doçura, e todos nos sentimos um pouco mais descontraídos. Mais um pouco e a conversa foi retomada, embora alguns de meus companheiros continuassem empenhados em jogar na cara uns dos outros o incidente da escolha dos divãs, assim como a aparente falta de consideração da família Marcos por não haver providenciado um ou mais criados que lavassem os pés dos convidados.

“Jesus desviou então seu olhar para os lavatórios, assegurando-se de que eles não haviam sido ainda utilizados. Mas nada disse.

“Tadeu (o gêmeo Tiago) começou a servir o primeiro copo de vinho, enquanto o rabi escutava e observava em silêncio.

“Como sabes, uma vez esvaziado o primeiro copo, manda a tradição que os comensais se levantem e lavem as mãos. Nós sabíamos que o Mestre não era muito amante dessas formalidades e aguardamos com interesse.

“Mas, ante a surpresa geral, o rabi levantou-se e caminhou silenciosamente para as jarras de água. Surpresos, ficamos olhando uns para os outros quando ele, sem mais delongas, despiu a túnica e cingiu a cintura com um dos lenços. Depois, carregando uma bacia e a água, deu uma volta completa em torno da mesa, chegando até o lugar menos honorífico: o que meu irmão ocupava. Aí, ajoelhando-se com grande humildade e mansidão, dispôs-se a lavar os pés de Pedro. Diante da cena, os doze nos levantamos como um só homem, e do estupor passamos à vergonha. Jesus havia arcado com o trabalho de um criado qualquer, recriminando assim nossa mútua falta de consideração e caridade. Judas e João baixaram os olhos, aparentemente mais mortificados do que os outros...”

– Também Judas? – interrompi com certa incredulidade.

– Sim.

André parou e, olhando-me fixamente, perguntou:

– Jasão, tu sabes algo... Que acontece com Judas?

Encolhi os ombros, procurando esquivar-me da pergunta. Mas o chefe dos apóstolos insistiu e, dada a iminência da prisão do Mestre, confessei-lhe que, de fato, eu também duvidava da lealdade de Iscariotes.

Proseguimos e, ao cruzar o Cedron, meu acompanhante saiu do seu sombrio mutismo. Supliquei-lhe que continuasse seu relato e André atendeu meu pedido:

– Quando Pedro viu Jesus ajoelhado diante dele, seu coração se incendiou e de novo protestou energicamente. Como eu te disse, meu irmão ama o Mestre acima de tudo e de todos. Suponho que, ao vê-lo assim, como um insignificante criado e disposto a fazer aquilo que nós todos havíamos recusado, compreendeu seu erro e quis dissuadir o Mestre. Mas a decisão do rabi era irrevogável e Pedro teve de resignar-se. Um a um, como eu te dizia, Jesus nos foi lavando os pés. Depois das palavras de Pedro, nenhum de nós se animou a protestar. E, dentro de um silêncio dramático, o Mestre foi contornando a mesa até chegar ao último dos comensais. Depois vestiu a túnica e retomou ao seu lugar à mesa.

– João e Judas continuavam à direita e à esquerda do Mestre?

– Sim, ninguém saiu do lugar, com exceção de Judas, que saiu da sala pouco antes de ser servido o terceiro copo de vinho: o das bênçãos...

A aproximação do acampamento obrigou-me a suspender aquele esclarecedor relato. No entanto, em minha mente se acumulavam ainda muitas interrogações. Como havia sido a revelação de Jesus a João sobre a identidade do traidor? Como foi possível que os demais apóstolos não o tivessem ouvido? E foi assim, sem dúvida, pois ninguém estava a par das manobras de Judas. Só havia suspeitas... Era vital que se buscasse uma oportunidade para interrogar João.

Naquele momento, eu não me preocupava excessivamente com o fato de não saber o que o Mestre dissera durante a ceia. Eliseu me havia adiantado que a transmissão e a gravação haviam sido impecáveis. No meu regresso ao módulo, na manhã de domingo, eu teria a oportunidade de ouvir suas palavras na íntegra. E devo assinalar pela enésima vez que a transcrição de tais palavras por parte dos evangelistas é apenas um pobre reflexo do que se falou naquela noite da chamada "quinta-feira santa". Quando se conhecem essas mensagens e esses ensinamentos na íntegra, percebe-se que as igrejas, com o passar dos séculos, têm reduzido o imenso caudal espiritual daquela reunião com Jesus a quase uma única fórmula matemática.¹²²

Ali pelas onze da noite, quando entrávamos no horto, André respondeu a uma última pergunta, que, embora para ele não parecesse interessante, para mim, ao contrário, foi de extrema importância.

Perguntei a André se Jesus havia ceado bem. Visivelmente surpreso, o discípulo respondeu que bem pouco. E acrescentou que, dentro do seu costume, o Mestre nem sequer havia provado o delicioso assado de cordeiro.

Assim, o Mestre só teria degustado algumas verduras e legumes, incluindo as ervas amargas, bem como o pão ázimo, o vinho com água e, presumivelmente, um

pouco de sobremesa. Esse dado era de indubitável valor, sobretudo se o relacionarmos com as possíveis reações do organismo do Nazareno nas terríveis e prolongadas horas que teria pela frente. Às torturas, perda de sangue, esgotamento e dor dilacerante seria preciso somar uma grande falta de recursos energéticos, como consequência de uma refeição tão frugal e de um total jejum a partir das dez da noite daquela quinta-feira.

Na primeira oportunidade que me surgiu, transmiti ao módulo as características e o volume aproximado dos alimentos que Jesus havia ingerido na ceia, assim como os horários de início e término da refeição. (Segundo meus cálculos, a ceia pascal propriamente dita pode ter sido iniciada por volta das oito ou oito e meia da noite e terminado uma hora e meia depois, mais ou menos.)

O computador central do "berço" nos proporcionou a seguinte tabela de calorias – sempre em termos estimativos – com base nos alimentos que constituíram a dieta de Jesus naquela noite. Tendo em conta que cada um dos quatro copos de vinho havia sido misturado com água, teríamos um total aproximado de 300 calorias.¹²³ Quanto às porções de nozes e amêndoas – alimentos de máximo poder energético entre todos os que o Mestre havia ingerido –, o computador calculou o número de calorias entre 500 e 600. Considerando, por último, que cada grama de gordura proporciona nove calorias, a chamada "última ceia" de Jesus de Nazaré pode ter significado um total aproximado de 750 calorias, um suprimento energético bem baixo, levando em conta o tipo físico do gigante. (O metabolismo basal de Jesus, ou seja, o que seu corpo necessita diariamente para se manter com vida, sem atividade física, foi calculado pelo "Papai Noel" em 1.728 calorias.¹²⁴ No caso de que o Mestre desenvolvesse um mínimo de atividade física, como caminhar, a cifra se elevaria para 3 mil ou 3.500 calorias, como consumo médio diário.)

As mulheres e os quarenta ou cinquenta discípulos que aguardavam no acampamento receberam o Mestre e seus apóstolos com grande alegria. Mas aquele entusiasmo não duraria. E a causa, uma vez mais, foi Judas.

Ao verificar que Judas não havia aparecido em Getsêmani, alguns dos homens do Nazareno começaram a suspeitar de que a alusão do Mestre durante a ceia sobre uma iminente traição tinha muito a ver com o desaparecido administrador. Davi Zebedeu, ao escutar o rumor, esqueceu-se momentaneamente de seus mensageiros e aproximou-se dos grupos. Mas sua atitude permaneceu prudente. Escutou uns e outros sem revelar o que conhecia.

Simão, o Zelote, mais nervoso que os demais, encabeçou um grupo e, chegando-se a André, encheu-o de perguntas. O responsável pelos apóstolos, que na realidade tinha poucas informações, limitou-se a responder:

– Não sei onde está Judas... Mas temo que nos tenha abandonado.

O desalento espalhou-se rapidamente. E Pedro, os Zelotes, Tomé e Tiago, entre outros, reuniram-se na tenda com a intenção de examinar a situação e adotar as medidas de segurança que entendessem necessárias.

Nisso, o jovem Marcos apareceu. Cobria-se com um lençol branco e, ao me ver, correu para mim, pedindo-me que não o delatasse.

Quando lhe perguntei por que, confessou que havia escapado de sua casa. Ao perceber que Jesus e os outros deixavam a mansão, levantara-se e cobrira-se com o próprio lençol de linho que guarnecia a cama. E assim havia chegado ao acampamento. A fidelidade daquele menino a Jesus encheu-me de admiração mais uma vez.

É muito provável que o Mestre tivesse notado a tensão que reinava entre seus homens, porque os chamou e lhes disse:

– Amigos e irmãos. Não me resta muito tempo para estar entre vós. Desejaria que nos isolássemos para pedir a nosso Pai Celestial a força necessária nesta hora e continuar assim a obra que, em seu nome, devemos realizar.

Os discípulos e os gregos o seguiram então ladeira acima, até uma plataforma rochosa, em pleno cume do monte das Oliveiras. Uma vez ali, o rabi pediu que nos ajoelhássemos ao seu redor. Eu continuei de pé, filmando aquela impressionante cena. O gigante, banhado pela luz da lua, levantou seus olhos para as estrelas e, com sua voz de trovão, exclamou:

– Pai, é chegada minha hora!... Glorifica teu Filho para que o Filho possa glorificar-te. Sei que me deste plena autoridade sobre todas as criaturas vivas do meu reino, e eu darei a vida eterna a todos aqueles que, por sua fé, sejam filhos de Deus. A vida eterna é que minhas criaturas te reconheçam como o único e verdadeiro Deus e Pai de todos. Que creiam naquele que enviaste a este mundo. Pai, eu te tenho exaltado nesta terra e cumprido a obra que me confiaste. Quase concluí minha efusão sobre os filhos de nossa própria criação. Só me resta sacrificar minha vida carnal.

“Agora, Pai, glorifica-me com a glória que eu tinha antes que este mundo existisse e recebe-me uma vez mais à tua direita.”

Jesus fez uma breve pausa, enquanto seus cabelos começaram a ser agitados por uma brisa cada vez mais intensa.

– ... Tenho-te revelado diante dos homens que escolheste e que me deste – prosseguiu. – São teus, como toda a vida entre tuas mãos. Tenho vivido com eles, ensinando-lhes as normas da vida, e eles têm acreditado. Esses homens sabem que tudo o que tenho provém de ti e que minha encarnação destina-se a dar a conhecer meu Pai ao mundo. Revelei a eles a verdade que me deste, e eles, meus amigos e meus embaixadores, têm desejado sinceramente receber tua palavra. Tenho dito a eles que sou descendente de ti, que me enviaste a esta terra e que estou disposto a voltar para ti... Pai, rogo por todos esses homens escolhidos. Rogo por eles, não como eu o faria pelo mundo, mas como homens que eu escolhi para me representar depois que eu tiver voltado para junto de ti. Esses homens são meus. Tu os deste a mim.

“Não posso permanecer mais tempo neste mundo. Vou voltar à missão de que me encarregaste. É preciso que deixe esses companheiros depois de mim, para que

eles nos representem e representem nosso reino entre os homens. Pai, preserva a fidelidade deles, enquanto me preparo para abandonar esta vida carnal. Ajuda-os a manterem-se unidos em espírito, como tu e eu estamos. São meus amigos.

“Durante minha estada entre eles, eu os podia velar e guiar, mas agora vou partir. Pai, permanece junto deles até que possamos enviar um novo instrutor que os console e reconforte. Tu me deste doze homens, e eu guardei todos, menos um, que não quis manter sua comunhão conosco. Esses homens são débeis e frágeis, mas sei que posso contar com eles. Eu os tenho posto à prova, e sei que me querem. Em que pese que terão de padecer muito por minha causa, desejo que estejam em paz.

“O mundo pode odiá-los como me tem odiado. Mas não peço que os retires do mundo; somente que os livre do mal que existe neste mundo. Santifica-os na verdade. Tua palavra é a verdade. Como me enviaste a este mundo, assim vou enviá-los pelo mundo. Por eles tenho vivido entre os homens e consagrado minha vida a teu serviço, com o propósito de inspirá-los para que se purifiquem na verdade e no amor que lhes tenho mostrado. Bem sei, meu Pai, que não necessito rogar-te que os veles depois de minha partida. E também sei que tu os amas tanto quanto eu. Faço isto para que melhor compreendam que o Pai ama os mortais do mesmo modo que ama o Filho.

“Desejo demonstrar fervorosamente a meus irmãos terrenos a glória de que desfrutava a teu lado antes da criação deste mundo, que se conhece tão pouco...

“Ó Pai justo! Mas eu te conheço e te tenho dado a conhecer a estes crentes, que divulgarão teu nome a outras gerações.

“Neste momento, prometo-lhes que estarás junto deles no mundo, da mesma maneira que tens estado comigo.”

E, levantando seus longos braços para o céu, concluiu:

– Eu sou o pão da vida... Eu sou a água viva... Eu sou a luz do mundo... Eu sou o desejo de todas as idades... Eu sou a porta aberta à salvação eterna... Eu sou a realidade da vida sem fim... Eu sou o bom pastor... Eu sou o caminho da perfeição infinita... Eu sou a ressurreição e a vida... Eu sou o segredo da vida eterna... Eu sou o caminho, a verdade e a vida... Eu sou o Pai infinito dos meus filhos limitados... Eu sou a verdadeira cepa e vós, os ramos... Eu sou a esperança de todos aqueles que conhecem a verdade vivente... Eu sou a ponte viva que une um mundo ao outro... Eu sou a união viva entre o tempo e a eternidade...

Depois de alguns minutos de silêncio, o Galileu pediu a seus homens que se levantassem e os foi abraçando um por um. Quando chegou diante de mim, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Pouco depois, o grupo regressou ao acampamento.

Davi Zebedeu e João Marcos aproximaram-se de Jesus e tentaram inutilmente convencê-lo a afastar-se de Jerusalém. A partir daquele instante – quase meia-noite –, o habitual bom humor do rabi desapareceu. E, com palavras entrecortadas por uma profunda emoção, o Mestre pediu a seus discípulos que fossem dormir. A

contragosto os apóstolos se foram acomodando na tenda e nos lugares habituais de descanso. Mas antes – e enquanto Jesus pedia a João, Tiago e Pedro que “permanecessem um pouco mais a seu lado” –, Simão, o Zelote, dirigiu-se sigilosamente a uma das laterais da tenda dos homens e abriu um grande fardo. Eram espadas!

Os oito apóstolos restantes atenderam ao chamado do Zelote e apanharam suas armas. Todos menos um: Bartolomeu, que, censurando a equipe de combate, exclamou:

– Meus irmãos, o Mestre nos disse muitas vezes que seu reino não é deste mundo e que seus discípulos não devem combater com a espada para garanti-lo. Em meu juízo, penso e creio que o Mestre não precisa que empreguemos armas para defendê-lo. Todos temos sido testemunhas de seu poder e sabemos que ele pode defender-se de seus inimigos, se o quiser. Se não quer resistir, é porque essa linha de conduta representa sua intenção de cumprir a vontade de seu Pai. De minha parte, rezarei, mas não empunharei a espada.

Ao ouvir as ponderações de Bartolomeu, André devolveu sua espada. Se não estou equivocado, no total eram oito ou nove os apóstolos que cingiam uma arma naquele momento. Todos, menos Bartolomeu, André e João (ainda que a respeito deste último eu não esteja muito seguro.)

Por fim, francamente esgotados, os apóstolos e discípulos retiraram-se e estabeleceram um rigoroso turno de vigilância, que consistia em dois homens armados na entrada do acampamento. Pelo que pude deduzir, o grupo acreditava que a detenção do Mestre pelos chefes dos sacerdotes não se daria antes da manhã seguinte. E dormiram com a intenção de se levantar bem cedo, dispostos ao pior.

João, Pedro e Tiago haviam se sentado em torno da fogueira e esperavam Jesus. Este havia chamado Zebedeu e lhe pedira o mensageiro mais veloz. Em pouco tempo, Zebedeu regressou com um tal de Jacó, que havia desempenhado a função de “correio” noturno entre Jerusalém e Betsaida. E o Nazareno lhe disse:

– Vai imediatamente à casa de Abner, em Filadélfia, e diz a ele o seguinte: “O Mestre te envia seus votos de paz”. Diz também que é chegada a hora em que serei entregue a meus inimigos e que serei morto...

O emissário empalideceu, mas Jesus prosseguiu sem se alterar:

– ... Diz a ele também que ressuscitarei dentre os mortos e que aparecerei a ele antes de regressar junto a meu Pai. Então darei instruções sobre o momento em que o novo preceptor virá morar em vossos corações.

Davi e eu nos entreolhamos. Jesus pediu então a Jacó que repetisse a mensagem e, uma vez satisfeito, dispensou-o com estas palavras:

– Não temas. Esta noite, um mensageiro invisível correrá a teu lado. Enquanto Zebedeu finalizava a partida do “correio”, Jesus dirigiu-se aos gregos que acampavam junto à cuba de pedra do moinho e despediu-se deles.

Eu permaneci sentado muito próximo de Pedro, João e Tiago. Os apóstolos,

apesar de seus esforços, começaram a baixar as pálpebras e a cochilar. O Mestre regressou para a fogueira e, quando se dispunha a afastar-se com seus íntimos em direção ao olival, Davi o reteve por alguns instantes. Com voz trêmula e olhos úmidos, conseguiu por fim dizer-lhe:

– Mestre, tive grande satisfação trabalhando para ti. Meus irmãos são teus apóstolos, mas eu me alegro de te haver servido nas coisas mais pequenas. Lamentarei de todo meu coração tua partida...

As lágrimas acabaram por rolar por suas curtidas faces, e o Galileu, sem poder conter seu amor por aquele homem discreto e eficiente, tomou-o pelos ombros e disse-lhe:

– Davi, meu filho, os outros fizeram o que lhes ordenei. Mas, no teu caso, teu próprio coração é que tem respondido e servido com devoção. Tu também irás um dia servir a meu lado no reino eterno.

E, antes de separar-se definitivamente do Mestre, Davi confessou que havia dado ordens para que sua mãe e sua família se dirigissem para Jerusalém. Jesus não pareceu surpreso.

– Um mensageiro comunicou-me – concluiu Davi – que esta mesma noite chegaram a Jericó e que amanhã cedo estarão aqui.

O Nazareno olhou-o e respondeu:

– Davi, que assim seja.

E, unindo-se aos três apóstolos que o esperavam à beira do olival, Jesus desapareceu na escuridão da noite.

A grande tragédia estava prestes a começar...

112 Cavalo de Troia havia dotado o módulo, entre outros equipamentos meteorológicos, de um "rawin" (tipo laser de baixa energia) com retorno "interno" e de tanta sensibilidade que era capaz de medir a força e a direção do vento com poucos metros por segundo de erro. (N. do M.)

113 Nesse exame, chamou-me fortemente a atenção a grande superfície que devia ocupar a lâmina aponeurótica romboidal (em toda a região lombar), que marcava a tremenda força daquele homem. (N. do M.)

114 Os nove primeiros números, correspondentes a cada um dos centímetros, foram associados às nove primeiras letras do alfabeto grego: alfa para o 1, beta para o 2, gama para o 3, delta para o 4, epsilon para o 5, dzeta para o 6, eta para o 7, teta para o 8 e iota para o 9. (N. do M.)

115 As naturais dificuldades para se proceder a uma medição antropológica rigorosa, que teria exigido a utilização de um instrumental mais idôneo, foram sanadas em parte, no módulo, por um estudo computadorizado das cifras que transmiti, de acordo com padrões normais. Essas medições anatômicas, uma vez processadas, deram os seguintes resultados:

Extremidades superiores (total): 82 centímetros (braço: 37 cm e antebraço: 45 cm; destes últimos, 20 cm correspondiam à mão).

Extremidades inferiores (total): 94 cm (medida do calcanhar à articulação do quadril); coxa: 55 cm e perna: 39 cm).

Largura dos ombros (tomada entre os pontos acromiais): 45 cm.

Tronco (do manúbrio, ou da zona superior do esterno, ao ponto trocanter, ou saliência do fêmur, no nível da articulação): 62 cm.

Diâmetro torácico (pelas costas): 41 cm.

Perímetro da caixa torácica (tomado à altura do grande peitoral): 99 cm.

Comprimento máximo da cabeça (do ponto opistocraniano à glabella); 19,9 cm.

Largura máxima da cabeça (entre parietais): 15 cm.

Largura bizigomática (desde a apófise zigomática: de pômulo a pômulo): 14 cm. Altura total do rosto (desde o gônio até o ponto alveolar ou próstio): 18,9 cm.

Perímetro da cabeça: 58 cm.

Perímetro máximo dos braços: 35 cm; perímetro máximo do antebraço: 31 cm. Perímetro máximo das coxas: 57 cm; das pernas: 46 cm.

Joelhos (perímetro máximo): 42 cm.

Estatura total: 1,81 metro.

A linha média ou axial (da nuca ao canal interglúteo: ponto superior da prega interglútea) era reta, sem desvio.

Comprimento máximo do pé: 31 cm (planos de primeiro grau).

Segundo os índices de Decourt e Pende, o morfótipo somático de Jesus Cristo é fundamentalmente macrossômico, participando do tipo "atlético" e, até certo ponto, do "pícnico". Os índices resultantes da multiplicação de suas medidas reais pelos fatores achados pelos mencionados cientistas para o caso dos homens foram:

Talhe: $181 \text{ cm} \times \text{fator } 0,470 = 85,07$; altura do tronco: $94 \text{ cm} \times 0,457 = 42,96$; bitrocant: $37 \text{ cm} \times 1,250 = 46,25$; biomer: $45 \text{ cm} \times 1,052 = 47,34$; occipitmento: $22 \text{ cm} \times 0,870 = 19,14$; perímetro torácico: $99 \text{ cm} \times 0,470 = 46,53$; e bimaxilar: $14 \text{ cm} \times 1,820 = 25,48$.

Quanto ao índice de Pignet, o Cavalão de Troia apurou que o Mestre correspondia à descrição "MUITO FORTE" (índice de Pignet = altura em centímetros – perímetro torácico em expiração máxima + seu peso em quilos = $181 - 97 + 80 = 4$). Naturalmente, os dois últimos números – perímetro torácico em expiração máxima e peso – são aproximados (o índice de Pignet estabelece a seguinte classificação média: IP 10 = pessoa muito forte; IP 15 a 20 = pessoa forte; IP 20 a 25 = pessoa mediana; IP 25 a 30 = pessoa débil; e IP 30 = pessoa muito débil).

Quanto ao índice craniano ou cefálico, os especialistas da Operação Cavalão de Troia, sempre de acordo com as medidas obtidas, deduziram que Jesus de Nazaré era mesocéfalo, com uma ligeiríssima dolicocefalia. Este índice, 75%, foi obtido de acordo com a fórmula convencional:

I.C. = DT (medido entre ambos os eurions) $\times 100 = 15 \times 100 = 75$

DAP (medido entre o opístico e a gabela) 19,9

Na valoração lateral, o índice craniano atingiu 100,5%. Ou seja, hipsocéfalo. Em outras palavras, uma altura craniana claramente superior ao diâmetro longitudinal.

Por último, ao examinar o crânio frontalmente, o índice do Galileu deu o resultado de 75%, ou seja, uma ligeira tendência à estenocefalia (crânio estreito). (N. do M.)

116 O *Coriandrum sativum*, das umbelíferas, é o fruto conhecido no Ocidente por coriandro ou coentro, por causa de seu forte cheiro de percevejos quando recém-colhido. Uma vez seco, fica muito aromático. O utilizado pelos judeus era amarelado e do tamanho de um grão de pimenta. É menos excitante e afrodisíaco que o cominho. Como pude comprovar, muitos judeus misturavam este último com mel e pimenta e o tomavam duas vezes ao dia, segundo me disseram, como afrodisíaco. (N. do M.)

117 A rota utilizada habitualmente naquela época, de Betsaida a Jerusalém, obrigava a passar pela povoações de Kursi e Hippos, na orla oriental do lago de Genezaré, Gadara e Pella, e, daí, seguindo a margem do Jordão, alcançava-se Betbara, na região da Pereia, e por último, Jericó, Betânia e Jerusalém. A outra rota, que cruza o centro da Samaria, não era muito recomendável, devido aos contínuos choques entre os moradores da Judeia e da Galileia e os samaritanos. (N. do M.)

118 O costume judeu daquela época estabelecia que, para cumprir plenamente o preceito de estar alegre na Páscoa, era aconselhável dar presentes tanto a parentes quanto a amigos e, sobretudo, às mulheres. E ainda que esse não fosse o meu caso, dada a minha condição de estrangeiro, considerei aquele pretexto muito adequado aos meus objetivos. (N. do M.)

119 A julgar pela cor azul e pela forma, em blocos quadrados de uns 125 gramas de peso cada um, aquela pasta tintória devia ser uma das espécies de "índigo da Índia", muito apreciada na arte da tintura. (N. do M.)

120 A festa da Páscoa judaica, também chamada hag-ha-massot ("festa dos ázimos") celebrava-se anualmente no 15 de Nisan, que correspondia ao plenilúnio da primavera. Naquele ano de 30, o 15 de Nisan caiu no sábado, 8 de abril. O cordeiro pascal era sacrificado na véspera (14 de Nisan) e comido em família depois do escurecer (ou seja, naquele ano, uma sexta-feira, 7 de abril). O Galileu celebrou, portanto, a "última ceia" em 13 de Nisan, uma quinta-feira, 6 de abril. O mês de Nisan era o primeiro do ano judaico, correspondente ao nosso março ou abril. (N. do M.)

121 Do jargão aeronáutico. Serve para comunicar que o som está sendo recebido de forma nítida. (N. do M.)

122 O interessante conteúdo das palavras e ensinamentos de Jesus de Nazaré durante a última ceia aparecerão no próximo volume, no qual se relatam as vivências do Major norte-americano durante sua segunda "grande viagem" ao ano 30. (N. de J.J.Benítez)

123 O volume de cada copo foi calculado em 200 centímetros cúbicos, dos quais 100 correspondiam a água (1 litro de vinho representa 700 calorias, aproximadamente). (N. do M.)

124 "Metabolismo basal" de Jesus: $40 \times 1,8 \text{ metro quadrado de superfície total} \times 24 \text{ horas} = 1.728 \text{ calorias}$

(subentendendo-se por "cabria" a expressão "quilocabria". (N. do M.)

7 de abril, sexta-feira

Um estranho silêncio havia caído sobre o acampamento. Eu sabia que aquela não iria ser uma noite igual às anteriores, mas, apesar de tudo, notei no ambiente uma pesada turbulência. Como se milhares de fantasmas – talvez os mensageiros invisíveis a que o Mestre havia aludido – planassem sobre as copas das oliveiras, agitando até as débeis línguas de fogo diante das quais eu permanecia. E senti um frio na espinha.

Era meia-noite e o acampamento dormia. Depois que Jesus e seus três discípulos haviam entrado no meio do olival, levantei-me e avisei Eliseu de que me dirigiria à extremidade norte do horto. Dei uma rápida olhada nas tendas, no moinho e nos corpos adormecidos dos gregos e, como tudo estava em ordem, encaminhei-me para o muro que bordejava o horto pelo leste, e que eu já havia explorado na primeira visita à propriedade. Davi Zebedeu, antes de desaparecer encosta acima, havia me dito que ele e João Marcos tinham combinado manter uma vigilância extra. Ele ficaria nas proximidades do cume da colina e o menino, no caminho que serpenteava junto à porta de entrada do horto e que morria na ponte sobre o barranco do Cedron. De tal forma que, se a polícia do Templo tentasse assaltar o horto pelo caminho mais curto, o do Cedron, ou pelo cume do monte das Oliveiras, um ou outro poderia dar o alerta. Mas os acontecimentos iriam desenrolar-se de outra forma...

Lentamente, procurando ocultar-me no meio da massa de árvores, fui avançando para a gruta, sem perder de vista em nenhum momento o parapeito de pedra. De acordo com as instruções da Operação Cavalo de Troia, minha observação da “oração do horto” como a chamavam os cristãos, devia ser realizada sem que seus protagonistas tivessem conhecimento ou suspeita da minha presença. Para isso, eu deveria saber com precisão em que lugar permaneceriam os três apóstolos e onde o Mestre tencionava orar. Se Jesus, como eu supunha, escolhesse as proximidades da gruta, meu esconderijo seria precisamente aquela parede que cercava a propriedade de Simão, “o leproso”.

Eliseu tinha razão. Como ele havia avisado horas antes, a forte turbulência nos altos níveis da atmosfera, a leste da Palestina, começava a se fazer notar sobre Jerusalém. Um vento cada vez mais insistente e quente agitava a ramaria e silvava com um lúgubre presságio por entre os tortuosos ramos das oliveiras. A canafístula que se erguia junto à caverna castanholava cada vez mais forte, facilitando minha orientação.

Ao alcançar o fundo do horto, descobri, subitamente, a figura do Galileu, em pé, cabeça baixa, quase cravada sobre o peito. Estava, de fato, a quatro ou cinco metros da entrada da gruta, no centro da pequena clareira existente entre o olival

e a rocha. Aos pés do Mestre estendia-se uma daquelas crostas de cal, cuja brancura era realçada pela lua cheia.

Sem perder um minuto, saltei para o outro lado do muro e, arrastando-me entre as moitas, contornei a caverna e me coloquei atrás da enorme canafístula. Dali, perfeitamente oculto, pude seguir, passo a passo, todos os movimentos e as palavras de Jesus de Nazaré.

A claridade derramada pela lua me permitiu ver a figura do Mestre comodamente. Todavia, tive de acostumar os olhos à escuridão que dominava a massa das oliveiras para descobrir, enfim, as silhuetas de Pedro, João e Tiago. Os discípulos haviam-se sentado no chão, acomodando-se com seus mantos entre as últimas árvores, a pouco mais de uns trinta passos do Nazareno. Daquela distância – e apesar de meus esforços –, não pude certificar-me se dormiam ou não. Após uns quinze ou vinte minutos, deduzi que ao menos dois deles deviam ter caído em profundo sono, a julgar por suas posturas, totalmente deitados sobre o solo, e pelos inconfundíveis roncamentos de Pedro. Um terceiro estava reclinado contra o tronco de uma das oliveiras, mas eu não podia jurar que estivesse dormindo.

De repente, quando eu estava preparando a “vara de Moisés”, um estalo de ramos assustou-me. Voltei-me e meus olhos fixaram-se em um vulto branco que, a cerca de dez ou quinze metros, deslizava entre os arbustos, aproximando-se. Empunhei o cajado em posição defensiva e, ajoelhado, preparei-me para rechazar o ataque do que – num primeiro momento identifiquei como um estranho animal. Mas, quando aquela “coisa” estava quase ao alcance de minha vara, parou. Era o jovem João Marcos!

Respirei profundamente, fazendo-lhe sinal para que continuasse agachado. O menino se aproximou de mim e cochichou-me no ouvido que havia abandonado a guarda, porque queria estar próximo do Mestre. Não me atrevi a sugerir-lhe que regressasse, mas, dadas as circunstâncias, pedi que se mantivesse no mais absoluto silêncio. Ao ver Jesus em atitude de oração, Marcos compreendeu e me fez um gesto de aprovação. A partir desse momento – e ainda que eu procurasse não perder de vista o impetuoso adolescente –, minha atenção concentrou-se no gigante da Galileia.

E assim eu estava quando, subitamente, Eliseu, fortemente excitado, abriu a conexão auditiva para me informar de algo que me deixou atônito. O radar do módulo estava recebendo informação de um objeto que “voava” sobre a região!

– Mas não é possível! – respondi, praticamente metendo a cabeça entre os joelhos, de forma que o rapazinho não me pudesse ouvir...

– Jasão, juro que manobrei a antena e a tela de aproximação do radar¹²⁵ está codificando um eco metálico. Aí em cima, a uns 6 mil pés, algo se move... Sim, agora vejo melhor... Está em 360-30 milhas.¹²⁶ Santo Deus! Ele parou!...

Olhei para o firmamento, na direção que Eliseu havia indicado, mas nada vi de anormal. A forte luminosidade da lua, cada vez mais alta, dificultava a visão das estrelas.

Meu companheiro, no “berço”, tão confuso e perplexo quanto eu, permaneceu com os cinco sentidos sobre aquele insólito “visitante”. Mas o objeto havia se imobilizado e assim permaneceria durante um bom tempo.

Ainda não me havia recuperado da surpresa produzida pela aproximação daquele misterioso objeto voador, quando vi que Jesus desfalecia, cravando os joelhos na terra. O golpe seco contra o solo fez estremecer João Marcos. Nem o menino nem eu jamais havíamos visto o Galileu com um semblante tão pálido e abatido.

Durante vários minutos, permaneceu com o queixo enterrado nas pregas do manto que lhe cobria os ombros e o peito. A profunda inclinação de sua cabeça não me permitia ver claramente seu rosto, embora eu estivesse seguro de que mantinha os olhos fechados.

Seus braços, imóveis e abandonados ao longo do corpo, acentuavam ainda mais aquele repentino desfalecimento. Dali a pouco, muito lentamente, foi levantando a cabeça até fixar os olhos no céu. O vento havia começado a agitar seus cabelos. Levantando os braços acima do rosto, exclamou com voz apagada e suplicante: “Abbá!... Abbá!...”.

Fiquei desconcertado. Aquela palavra aramaica – que eu havia ouvido em mais de uma ocasião, quando as crianças se dirigiam a seus pais – significava “papai”. Era o familiar e conhecido vocativo carinhoso que, por certo, os judeus não empregavam jamais quando se dirigiam a Deus. Por que o utilizava Jesus?

Seus olhos também me impressionaram: aquele brilho habitual havia-se esfumado. Agora estavam fundos e sombreados por uma tristeza que, se eu não tivesse conhecido a comprovada coragem daquele homem, juraria que estava muito próxima do medo.

– Abbá!... – murmurou de novo. – Vim a este mundo para cumprir tua vontade e assim tenho feito... Sei que é chegada a hora de sacrificar minha vida carnal... Não o recuso, mas desejaria saber se é da tua vontade que eu beba este cálice...

Suas palavras retumbaram pelo horto como um tambor fúnebre. Eu não podia dar crédito ao que estava ouvindo: estaria Jesus atemorizado?

– ... Dá-me a segurança – prosseguiu – de que eu, com minha morte, te satisfaça como o fiz em vida.

Suas mãos, abertas, tensas e implorantes, foram caindo pouco a pouco. Mas seu rosto – tenuemente iluminado pela lua – não se moveu. Sem saber por que, eu também olhei para as estrelas, esperando que se produzisse algum sinal.

Nesse instante, como se houvesse lido meu pensamento, Eliseu abriu a conexão, gritando-me:

– Jasão, Jasão!... Ele se move de novo. Esse objeto está-se deslocando!... Não posso crer!... Mudou de rumo: agora está seguindo a radial 240.¹²⁷ Jasão, ele vem para cá! Você está-me ouvindo, Jasão?

– Estou escutando, “5 x 5” – respondi como pude –, mas não será algum meteoro?

Eliseu quase me mandou para o inferno por aquela pergunta, evidentemente idiota.

– Essa “coisa”, Jasão, ficou estacionária¹²⁸ durante mais de vinte minutos... E agora se move com muita rapidez.

Se aquele inexplicável objeto estava ainda a umas trinta milhas de nossa posição, seria ridículo continuar esquadrinhando o espaço. Procurei, portanto, acalmar meu irmão no módulo, pedindo-lhe que me mantivesse pontualmente informado das evoluções do eco no radar.

Enquanto isso, o Mestre havia se levantado e, dando meia-volta, caminhara até os discípulos. Em virtude da distância, não pude registrar suas palavras, mas observei que se inclinava sobre eles e os tocava com a mão esquerda. Os dois que dormiam despertaram e se ergueram parcialmente.

Depois, Jesus retomou à clareira. Os três apóstolos o observaram durante breves minutos e acabaram deitando-se de novo.

À medida que ele se movia, observei no Mestre algo estranho. O gigante cambaleava. Seus passos eram indecisos, como se estivesse prestes a desmaiar. E, mal chegando junto à laje, caiu de bruços. Por um momento pensei que estivesse desfalecido. Parte de seu corpo havia ficado sobre a rocha, o rosto para baixo e imóvel. João Marcos levantou-se, pronto para socorrê-lo. Eu o segurei e o fiz ver que não era conveniente molestar o Mestre. Suponho que se o Galileu não voltasse a se mover, o ardoroso Marcos não teria seguido meus conselhos e teria corrido para auxiliar o Mestre. Mas Jesus estava plenamente consciente, e o jovem tranquilizou-se.

Como se uma força invisível tivesse descarregado sobre ele um fardo de cem quilos, assim o Mestre foi se levantando. Muito lentamente, sempre com a cabeça baixa, o Galileu acabou sentando-se sobre os calcanhares. E assim permaneceu um bom tempo, de joelhos, em angustioso silêncio, sem erguer o rosto. Instintivamente, eu e João nos entreolhamos. Que estava acontecendo? A que se devia aquele súbito afundamento?

Jesus ergueu o rosto para as estrelas e, gemendo, chamou de novo seu Pai. As maçãs do rosto e o nariz estavam afilados. A expressão de seu rosto me impressionou. Havia nele uma mistura de angústia e pavor. Seus lábios, entreabertos, começaram a tremer e, quase imediatamente, todo seu corpo se pôs a estremecer. Eram convulsões curtas, muito rápidas e quase imperceptíveis. Como se um vento gelado açoitasse cada uma de suas células.

O Nazareno cruzou os braços sobre o tórax, pressionando as costas com as mãos, como que numa tentativa de dominar as convulsões. E de súbito sua testa, o pescoço e as têmporas se umedeceram de suor. Os estremecimentos ficaram mais intensos e continuados, e Jesus dobrou-se na cintura, tocando a superfície de pedra com a fronte.

– Abbá!... Abbá!...

Aquela foi a única palavra que conseguiu pronunciar. Porém, mais que um

apelo, era um grito contido de angústia e terror.

Agora estou certo de que, naqueles duros e cruciais momentos, o Galileu deve ter experimentado uma pungente e indescritível sensação de solidão, de aflição e, talvez – por que não? –, de medo, ante o que lhe reservava o destino.

Seu corpo continuou tiritando e, de repente, num ímpeto, o Mestre lançou-se para trás, elevando suas mãos e o rosto.

Fiquei petrificado...

Toda a sua face, sua testa e seu pescoço, assim como as palmas das mãos, haviam enrubescido. A fina película de suor havia se convertido em sangue... João Marcos escondeu o rosto entre as mãos.

Do couro cabeludo, grossas gotas de sangue foram escorrendo, deslizando pelos ângulos internos dos olhos e rolando depois pelas faces, até se perderem no bigode e na barba. Algumas gotas permaneciam por segundos nas comissuras dos lábios, convertendo-se depois em fios de sangue que caíam nos músculos do pescoço.

Num daqueles estremecimentos, Jesus inclinou um pouco a cabeça, e a lua arrancou algumas cintilações de seu cabelo. O sangue havia inundado também sua cabeleira.

Meio hipnotizado por aquela inesperada reação do organismo de Jesus, quase esqueci de utilizar a “vara de Moisés”. Então, rapidamente, eu a posicionei de forma que pudesse filmar a cena e, ao mesmo tempo, iniciar uma exploração da pele e de alguns órgãos internos de Jesus, por meio do rastreamento ultra-sônico. (Como já comentei anteriormente, o “cajado” guardava, entre outros dispositivos, um equipamento miniaturizado capaz de emitir esse tipo de onda mecânica ou ultrassom. A “cabeça emissora”, disposta na parte superior da vara, a 1,70 metro da base, havia sido condicionada para captar as ondas refletidas, ampliando-as proporcionalmente e acumulando a informação na memória de titânio do computador nuclear. Uma vez no módulo, os ultrassons, previamente codificados, podiam ser convertidos em imagens, para análise dos órgãos e das reações fisiológicas do Mestre e, assim, encontrar explicações.)¹²⁹

O orifício comum de entrada e projeção desses delicados sistemas havia sido camuflado com uma faixa de pintura preta. E na borda da faixa haviam sido dispostos pelo Cavalo de Troia dois cravos de cabeça de cobre. Ao se pressionar cada um deles, ativava-se automaticamente o mecanismo correspondente: ou o do ultrassom ou o de “teletermografia”. A fim de orientar com precisão cada um desses fluxos, a missão me havia dotado de lentes de contato que chamávamos de “crótalos”.¹³⁰ Essas lentes, do tipo duro, foram fabricadas com um produto de qualidade muito superior ao que normalmente os laboratórios de óptica utilizam e que, por seu caráter secreto, não posso revelar.¹³¹ O ideal, certamente, teria sido o uso de óculos de “visão noturna”, com os quais eu poderia seguir a trajetória do laser infravermelho, assim como as mudanças de cor no corpo do Nazareno,¹³² consequência das variações de sua temperatura corporal e das diferentes

alterações fisiológicas provocadas pelas torturas. Mas obviamente isso não era possível. Então o projeto Cavalo de Troia desenhou essas lentes, totalmente transparentes, as quais, uma vez ajustadas aos olhos, permitiam o acompanhamento sem levantar perigosas suspeitas entre as pessoas da época.

Procurando dar as costas a João Marcos, apanhei o pequeno estojo que continha as “crótalos” e as adaptei aos meus olhos. Ainda que as lentes tivessem sido aperfeiçoadas com sais monoînicos,¹³³ capazes de permitir uma aceitável circulação da lágrima no olho e uma excelente oxigenação da córnea, o general Curtiss me havia pedido encarecidamente que não abusasse delas, limitando seu uso a períodos máximos de 30 ou 40 minutos.¹³⁴ Rapidamente, pressionei o cravo que acionava a emissão de ultrassons.¹³⁵

O espetáculo que se ofereceu aos meus olhos (embora, na realidade, eu devesse dizer “ao meu cérebro”) foi quase dantesco: o rosto, pescoço e mãos de Jesus tornaram-se de uma cor azul-esverdeada, consequência da queda de sua temperatura nas zonas correspondentes (provavelmente pelo efeito refrigerante do suor e do sangue que emanavam de seus poros).

A túnica emitia um branco muito mais intenso, enquanto o manto tinha tonalidade mais escura, quase preta. A folhagem verde do olival explodiu em um vermelho indescritível...

Ao pressionar a cabeça do cravo para sua segunda posição – a mais profunda –, surgiu da parte superior da “vara de Moisés – um finíssimo raio de luz avermelhada: era o laser infravermelho. E sem perder um só segundo, eu o dirigi para rosto, pescoço, cabelos e mãos do Nazareno. Decerto, nem João Marcos nem ninguém que tivesse presenciado aquela cena teria visto ou ouvido qualquer coisa. Como já disse, o laser trabalhava na frequência do infravermelho e, portanto, era invisível ao olho humano.

Depois de focalizar minuciosamente as áreas ensanguentadas, mudei a frequência dos ultrassons (fazendo retomar o cravo à primeira posição), centrando o feixe de luz na parte superior do abdome do rabi. Dessa forma, explorando o pâncreas, talvez obtivéssemos uma explicação satisfatória sobre a origem daquele suor em forma de sangue. (Quando do nosso regresso daquela primeira “grande viagem”, o Cavalo de Troia pôde analisar o volume de imagens obtidas por esse processo. Os especialistas em bioquímica e hematologia chegaram a várias e interessantes conclusões. Aquele suor sanguinolento, ou “hematoidrose”, havia sido provocado por um estresse agudo. O Nazareno, tal como eu verificara, estava submetido a um profundo abatimento, motivado, por sua vez, por uma explosiva mistura de angústia, solidão, tristeza e, talvez, temor diante das duríssimas provas que o aguardavam. Essa violenta tensão emocional, segundo os especialistas, causou a liberação de determinados “elementos” existentes no pâncreas,¹³⁶ os quais forçaram a ruptura dos capilares, encharcando as glândulas sudoríparas. Uma vez rompidos os poros subcutâneos, o sangue fluiu para o exterior, misturado ao suor.

O fenômeno – tão chocante quanto raro – é perfeitamente possível do ponto de vista médico. O evangelista Lucas, nesse caso, havia acertado. (Pierre Benoit conta em uma de suas obras que, em 1914, um soldado que estava a ponto de ser conduzido para ficar diante de um pelotão alemão de fuzilamento suou sangue, em consequência do pavor insuperável causado por aquela angustiosa situação.)

E, embora essa explosão sanguinolenta ou extravasamento – não uma hemorragia – sofrida pelo Filho do Homem não representasse uma perda importante de sangue, as análises da Operação Cavalo de Troia informaram que o fenômeno deixou a pele de Jesus em alarmante estado de fragilidade. Essa circunstância seria determinante diante da “carnificina” mais do que um suplício – a que ele seria submetido poucas horas depois. Refiro-me, naturalmente, ao castigo dos açoites. Aquela ruptura generalizada da rede de capilares – finíssimos vasos pelos quais o sangue circula sob a pele – converteria a flagelação em um trágico banho de sangue...

Uma de minhas preocupações naqueles primeiros momentos de forte estresse do Mestre no horto foi a evolução de seu ritmo cardíaco e arterial. Ao dirigir os ultrassons para o coração, o efeito Doppler encontrou um ritmo de 135 pulsações por minuto. Quanto à pressão arterial, ela havia se elevado a 210 de máxima. (O ritmo cardíaco normal do Nazareno foi calculado em 60 batidas por minuto e sua pressão arterial média em 130 de máxima e 80 de mínima. Aquilo significava, evidentemente, uma profunda alteração orgânica. Os especialistas do Cavalo de Troia acharam, mesmo assim, que, diante da resistência arterial periférica, a descarga prévia de adrenalina na corrente sanguínea daquele homem pode ter sido da ordem de 10 microgramas por quilo por minuto.)

Pouco a pouco, depois de dez ou quinze minutos, à medida que o ânimo do rabi foi serenando, seu ritmo cardíaco e arterial foi recobrando a normalidade. No entanto, aquela dura prova – na opinião dos peritos em nutrição – significou o esgotamento das 750 calorias recebidas pelo organismo na ceia recente. O estresse deve ter representado um consumo de calorias sensivelmente superior a essa quantidade, razão pela qual o Nazareno, na opinião dos médicos do projeto, começou a queimar suas reservas naturais possivelmente a partir da uma ou das duas horas da madrugada da sexta-feira. (Com aquele suprimento energético e na hipótese de que Jesus tivesse se recolhido imediatamente para descansar, o organismo teria aguentado até as oito da manhã, aproximadamente. Mas, com a crise iniciada no horto de Getsêmani, os especialistas, como já disse, estimaram que o organismo do Filho do Homem teve de iniciar uma “lipólise” – ou dissolução de gordura do tecido adiposo – para sobreviver. As reservas concentradas de glicogênio ou açúcar se esgotaram em questão de horas e a natureza do Galileu não teve outra alternativa senão “lançar mão”, repito, de suas gorduras.)

O estado do Mestre, do ponto de vista exclusivamente médico, começava a ficar delicado.

Quinze ou vinte minutos depois de iniciado aquele primeiro exame à base de

ultrassons, desconectei o laser, desfazendo-me das "crótalos". João Marcos continuava com o rosto coberto pelas mãos, negando-se a olhar para o Mestre. Enlacei-o pelos ombros e acariciei seus cabelos. Pouco a pouco, foi mostrando o rosto. Chorava.

Na clareira, o Galileu começava a baixar as mãos. As convulsões tinham cessado, e também o fluxo de sangue. Alguns jorros mais fortes já haviam coagulado. Se o Mestre não se lavasse, o sangue seco converteria seu belo rosto em uma máscara. Jesus levantou de novo seus olhos para o firmamento e, com voz alta, mas serena, praticamente repetiu sua primeira oração:

– Pai... sei muito bem que é possível evitar este cálice. Tudo é possível para ti. Mas eu vim para cumprir tua vontade e, não obstante seja amargo, eu o beberei, se este for o teu desejo...

Entre essa segunda oração (não sei se devo qualificá-la assim) e a primeira, observei uma notável mudança, tanto no estado emocional do Mestre como em sua postura diante dos iminentes acontecimentos. Enquanto em suas primeiras palavras flutuava a dúvida, nessa segunda ocasião o Galileu parecia ter superado parte da inquietação, mostrando-se definitivamente decidido a assumir sua sorte. É possível que essa mudança mental fosse responsável, em boa medida, por sua gradual tranquilização. Mas tudo isso, naturalmente, são apreciações muito subjetivas.

O certo é que, empenhado em minhas primeiras verificações médicas e atento às palavras de Jesus, quase me havia esquecido de Eliseu e da aproximação daquele enigmático objeto voador. Mas meu companheiro não tardou em lembrar-me:

– Atenção, Jasão!... Essa "coisa" abandona o estado estacionário e se move de novo... por todos os...!

A transmissão de meu companheiro foi interrompida por breves segundos. Por fim, Eliseu, muito alterado, prosseguiu:

– Caiu como um cubo... ! Jasão, esse enigma desceu ao nível 30 em um segundo!¹³⁷ Não pode ser...! Se continuar baixando, eu o perderei... Não! Neste momento ele se mantém... Mas se dirige para nós...

Colando meus lábios ao tronco da canafístula, perguntei:

– Entendi 30...

– Afirmativo – respondeu Eliseu. – É 30... e continua se aproximando em radial 100...¹³⁸. O radar estima sua posição em 10 milhas. Se ele não mudar de rumo, logo você o verá...

No entanto, por mais que olhasse, não conseguia distingui-lo. Foi então que, ao levantar os olhos para as estrelas, percebi outro estranho fenômeno: a ramagem da corpulenta árvore atrás da qual eu me ocultava havia ficado subitamente imóvel. O vento cessara. Não vi movimento algum nas copas das oliveiras, nem nas moitas que nos rodeavam. Os cabelos de Jesus já não se moviam.

Um tanto alarmado, perguntei a Eliseu sobre a velocidade e a direção do

vento...

– A 40 mil pés, 120 graus¹³⁹ – respondeu meu irmão. – Mas espere... No nível 10 desapareceu...! Não entendo...

De repente, à minha esquerda (aproximadamente no rumo leste), distingui um ponto de luz que se deslocava sobre o cume do monte das Oliveiras. Vinha diretamente para nossa posição e com uma trajetória que, à primeira vista, pareceu-me horizontal em relação ao solo.

Atônito e meio gaguejando, pressionei o ouvido direito:

– Eliseu...! Estou vendo...! Às nove da minha posição!¹⁴⁰ Traz rumo leste... Mas, por todos os diabos, que é isso?

A resposta do módulo serviria para confirmar que eu não estava sendo vítima de uma alucinação...

– Afirmativo – exclamou Eliseu, tão surpreso quanto eu. – A tela de altura continua detectando-o no nível 10... Agora acaba de sobrevoar o “berço”!... Está “colimado”...¹⁴¹ Velocidade? É incrível, não chega às 60 milhas por hora... Mas o que acontece?

A comunicação voltou a se interromper. Foram segundos eternos... Entretanto, aquela “luz” havia alcançado a nossa vertical. E estacionara!

– Jasão! – retomou por fim o companheiro –, você está me recebendo?

– Afirmativo – respondi. – Nós o temos sobre nossas cabeças...

– Jasão, algo está ocorrendo no radar. Essa “coisa” está me bloqueando!...¹⁴² Está baixando de nível?

– Negativo – respondi, sem perder de vista a “luz”. – Parece que está estacionário.

Mal eu havia terminado de transmitir essas palavras a Eliseu quando, em décimos de segundo, a “luz” efetuou uma queda livre, imobilizando-se talvez a cinquenta ou cem metros sobre a clareira. Foi tudo tão vertiginoso que não tive tempo para nada. Fiquei paralisado. E, como eu, João Marcos e – suponho – todos os que estavam ao redor do Mestre. Eu continuava absolutamente consciente: via, escutava, mas não conseguia mover os músculos. Meu aparelho locomotor não obedecia aos impulsos do meu cérebro e da minha vontade. Era inútil forçá-los. A proximidade daquela “luz” circular, de um branco superior ao da solda autógena e potentíssima, havia nos imobilizado. Durante os segundos que aquilo durou, pude ouvir a voz de meu companheiro, que, do módulo, extremamente preocupado, não fazia outra coisa senão me chamar... Mas, como já disse, apesar de meus esforços, eu não conseguia articular uma só palavra.

Quase ao mesmo tempo que aquela massa luminosa – de mais de cinquenta metros de diâmetro – pairava em estado estacionário sobre o lugar, uma espécie de “cilindro” luminoso partiu do centro do “disco”, iluminando Jesus e tudo o que o circundava, num raio de cerca de cinco ou seis metros. O Mestre, com o rosto erguido, não parecia alarmado. E continuou de joelhos...

Minha confusão não tinha limites. Como era possível que o Mestre não se

sentisse aturdido e atemorizado como eu?

Aquele medo que me havia invadido era compartilhado plenamente por meu jovem companheiro, a julgar pela postura em que havia permanecido. A fulminante descida da "luz" havia feito o menino levar os braços sobre a cabeça, em um movimento de reflexo para se proteger. E assim ele continuou, com o corpo encolhido e o rosto apontado para a massa luminosa...

Não consigo entender como tinha chegado até ali, mas, quase no mesmo instante em que o "cilindro" de luz branca tocou a clareira, uma figura humana –, pelo menos, foi o que me pareceu – surgiu sobre a laje de pedra e se aproximou imediatamente de Jesus. Estava de costas para mim e, certamente, apesar da luz ofuscante que inundava a área, sua estrutura física tinha de ser sólida e consistente. Uma prova disso é que, ao chegar à altura do Mestre, ocultou-o com seu corpo.

Foi o pavor que possivelmente aguçou ainda mais os poucos sentidos que eu ainda controlava. E toda minha atenção foi polarizada pela figura daquele ser. Era muito alto. Muito mais do que Jesus. Talvez tivesse mais de dois metros. Não se vestia como nós. Suas vestes lembraram-me a dos pilotos de combate da USAF, ainda que muito mais justa e de brilho intensamente metálico. (Se bem que essa sensação bem poderia ter sido causada pela aguda claridade reinante.)

O uniforme parecia ser de uma só peça, com um cinto relativamente largo e da mesma tonalidade – semelhante à do alumínio – que a do resto do traje. As calças (isso me chamou muito a atenção) estavam recolhidas no interior de botas de meio cano e de cor dourada. Quanto à cabeça, só pude ver a região occipital e a nuca. Tinha cabelos brancos, lisos e abundantes, caindo sobre os ombros. Sem dúvida tratava-se de indivíduo musculoso e de ombros largos.

Embora o silêncio estabelecido fosse total, não consegui ouvir palavra alguma. Ignoro se houve conversação. Só o que pude perceber foi um movimento do braço direito daquele ser dirigido para Jesus, que provavelmente ainda continuava de joelhos...

Não fosse por Eliseu e não teria sido possível calcular o tempo transcorrido. Segundo meu companheiro, aquele "lapso" durante o qual a conexão auditiva com o módulo ficou "em branco" durou quatro ou cinco minutos aproximadamente. Ao final desse tempo, a figura daquele ser e o "cilindro" luminoso se extinguíram instantaneamente. E eu disse bem: instantaneamente! Não houve – ou pelo menos não pude ver – a ascensão daquele ser até o disco luminoso. Tampouco eu o vi afastando-se ou desaparecendo no olival... Simplesmente não tenho explicação. Imediatamente, a "luz" realizou suaves balanços e se elevou na vertical com uma aceleração que me causou vertigens. Em um abrir e fechar de olhos (suponho que eu tivesse podido pestanejar), o objeto converteu-se em um ponto insignificante e perdeu-se no infinito. Quase ao mesmo tempo, tanto João Marcos como eu recuperamos nossa mobilidade. E o vento voltou a soprar com força entre as ramagens das árvores, enquanto as cabras fechadas na gruta balavam lastimosas...

– Jasão!... Você está me ouvindo? Jasão! Por Deus!... responda!...

A voz de Eliseu continuava repicando em meus ouvidos.

Respirei fundo, com todas as minhas forças, procurando acalmar os nervos.

– A-fir-ma-ti-vo... – respondi-lhe com o pouco que me restava de voz.

– Roger!... Enfim!... Você está bem, Jasão? Que aconteceu?

Tranquilei meu companheiro como pude, dizendo-lhe que procuraria explicar melhor depois. A verdade é que minha confusão havia aumentado. Por um instante, pensei que tudo havia sido um pesadelo. Mas não. Ao dirigir meus olhos para o Mestre, minha perplexidade aumentou: a camada sanguinolenta e os filetes que cobriam sua face, seu pescoço e suas mãos haviam desaparecido! Seu semblante, embora pálido e marcado, não apresentava sinal algum do recente fenômeno da "hematoidrose". Era impossível que Jesus tivesse tido tempo de chegar a algum dos recipientes do acampamento que continham água e lavado o rosto, o pescoço e as mãos. Além disso, aceitando essa hipótese, eu o teria visto afastar-se e, certamente, regressar para junto da rocha. Pelo contrário, eu estou seguro absolutamente seguro – de que o Mestre não havia abandonado em nenhum momento sua postura: ajoelhado na clareira.

João Marcos, incompreensivelmente, continuava agachado detrás do muro de pedra, como se nada houvesse ocorrido. Mais tarde, quando o interroguei sobre o acontecido naquela noite no horto, o menino respondeu:

"Sim – disse-me sem dar excessiva importância ao fato, como se já tivesse sido testemunha de outros iguais –, o Pai fez descer um anjo... Claro que o vi..."

O Galileu, muito mais sereno, levantou novamente os olhos para o céu e sorriu. Depois, com passo firme, levantou-se e caminhou até a orla do olival. Não sei como, mas a súbita presença daquele "anjo", daquele "astronauta", "fantasma" ou o que quer que fosse, havia influído decisivamente no ânimo do Filho de Homem. A expressão do evangelista – "e um anjo o reconfortou" – não poderia ter sido mais apropriada.

O Nazareno deve ter encontrado seus discípulos novamente dormindo. E depois de fitá-los, voltou para onde estava e ajoelhou-se pela terceira vez na borda da pedra. Era assombroso. Parecia que nenhum dos discípulos tinha percebido o que ocorrera. Provavelmente estavam dormindo.

Ali, já com seu habitual tom de voz e sempre com o olhar para o alto, o Mestre disse:

– Pai, vê meus apóstolos dormindo... Estende sobre eles tua misericórdia. Na verdade, o Espírito está pronto, mas a carne é débil...

Jesus ficou em silêncio e inclinou a cabeça para baixo, com os olhos fechados. Depois, em poucos segundos, ergueu o rosto novamente para o céu, exclamando:

– E agora, meu Pai, se este cálice não pode ser afastado... dele beberei. Que se faça a tua vontade e não a minha...

Devia ser quase uma da madrugada daquela sexta-feira, 7 de abril, quando o gigante – depois de permanecer alguns minutos em total recolhimento – levantou-

se e se aproximou do ponto onde seus discípulos haviam caído em um sono profundo. Mas desta vez o Galileu não voltou à clareira. Despertou seus homens e pouco depois os quatro entraram no olival, perdendo-se de vista.

Tenho meditado muito sobre aquelas estranhas palavras de Jesus. Que quis dizer quando falou de “afastar o cálice”? Estaria aludindo à possibilidade de evitar os suplícios e sua própria morte? Durante algum tempo acreditei nisso. Mas, depois de testemunhar sua horrenda Paixão e seu incrível comportamento, outra interpretação – mais sutil, se isso for possível – veio substituir minha hipótese anterior. No horto comecei a intuir a grande “tragédia” do Mestre. Não fora o medo que provocara sua profunda angústia e o posterior suor sanguinolento. Ele sabia o que lhe reservava o destino e, como demonstrou de sobra, enfrentou a dor aberta e valentemente. Mas, afora essas torturas, o Mestre sabia que chegariam também as humilhações. Foi a “contemplanção” desses já iminentes vexames por parte das criaturas que Ele mesmo havia criado que, provavelmente, lançou-o em um agudo estado de prostração. Se realmente era Filho de Deus, a simples observação – e o padecimento mais ainda – da barbárie e do primitivismo de “seus homens” para com Ele tinha de ser insuportável. Guardadas as proporções, imagino o brutal sofrimento moral que poderia significar para um pai ser esbofeteado, insultado, injuriado e ferido pelos próprios filhos...

João Marcos e eu nos apressamos a saltar o muro que nos separava da clareira onde havia ocorrido a tríplice oração do horto e com igual prudência penetramos no olival, fazendo o mesmo caminho de Jesus e seus homens. À medida que nos aproximávamos da esplanada do acampamento, um pensamento – talvez tão absurdo quanto inoportuno – continuava martelando meu cérebro. Eu não conseguia apagar da mente as imagens daquele ser de mais de dois metros e do objeto – porque “aquilo” tinha de ser um veículo tripulado – que tão eloquentemente desafiara a lei da gravidade. Que espécie de artefato seria aquele? Que tecnologia poderia efetuar aquelas acelerações e desacelerações?¹⁴³ E, sobretudo, que relação tudo aquilo tinha com Jesus e a Divindade?

Eu teria dado dez anos de minha vida para registrar a conversa entre o Mestre e aquele misterioso ser. Então eu maldisse minha má estrela que não me permitira contemplar os rostos de ambos os personagens e tentar, pelo menos, interpretar o ocorrido entre eles. Desde então uma aguda incerteza se aninhou em meu coração: poderia ter sido um anjo? Se realmente era um anjo, quão longe da verdade estão os teólogos!

Quando, enfim, chegamos ao acampamento, tudo continuava mais ou menos normal. Os discípulos do Mestre, profundamente adormecidos, permaneciam alheios a tudo que acabava de acontecer a poucos metros das tendas. E digo que tudo continuava mais ou menos normal porque, coincidindo com nosso retorno, dois dos agentes secretos de Davi Zebedeu entravam também no horto. Ofegantes e excitados, perguntaram por seu “chefe”. Foi João Marcos quem lhes indicou o lugar em que ele montava guarda.

O Mestre, enquanto isso, havia aconselhado Pedro, João e Tiago a irem dormir. Mas os apóstolos, talvez refeitos pelo curto, mas profundo período de sono de que haviam desfrutado nas proximidades da gruta, e cada vez mais nervosos diante da súbita chegada dos mensageiros, não capitularam. O ardoroso Pedro, sem poder resistir à tentação, interrogou um dos agentes de Zebedeu. E o homem, encurralado pelas perguntas de Simão, acabou por informar-lhe que um pelotão de sicários do Sinédrio e uma escolta romana se dirigiam para ali. Pedro retrocedeu com o rosto decomposto. E quando tentou entrar nas tendas para despertar seus companheiros, Jesus se interpôs em seu caminho e lhe ordenou que ficasse quieto. A recomendação do Galileu foi tão categórica que os discípulos ficaram como que cravados no solo.

Os gregos, que acampavam ao ar livre, também foram despertados pela precipitada chegada dos agentes de Zebedeu e não tardaram em rodear Jesus e os três apóstolos, interrogando-os. Mas o Mestre, que havia recobrado sua calma habitual, pediu-lhes que se acalmassem e voltassem para junto do moinho de azeite. Nenhum dos presentes se moveu.

O Nazareno compreendeu a atitude de seus homens e, sem mais palavras, afastou-se do grupo, abandonando o acampamento em grandes passadas.

Durante alguns segundos, os gregos e os apóstolos hesitaram. E mais uma vez foi o jovem João Marcos quem tomou a iniciativa. Num ímpeto, escapou do horto e desapareceu colina abaixo.

Aquela inesperada reação de Jesus, saindo do horto de Getsêmani, surpreendeu-me. Segundo os Evangelhos canônicos, fonte informativa primordial, a prisão deveria ocorrer ali mesmo. Todavia, o Nazareno acabava de abandonar Getsêmani... Sem pensar duas vezes, segui os passos de João Marcos, sem me preocupar com os três apóstolos e os gregos, que haviam ficado imóveis no centro do acampamento.

Tanto Jesus como João Marcos haviam tomado o conhecido caminho que corria pelo lado ocidental do monte das Oliveiras e que me havia levado, em várias ocasiões, até a pontezinha sobre a depressão do leito, então seco, do Cedron.

Nesse momento, chamaram-me a atenção, justamente do outro lado da ponte, numerosas tochas em movimento. Olhei mais detidamente e observei que elas tomavam a direção do monte. Deviam ser os homens armados de quem o mensageiro de Zebedeu havia falado. Perturbado, continuei a descida até que, em uma das curvas do caminho, vi Marcos – seria melhor se dissesse que apenas distingui seu lençol branco – refugiando-se a toda a pressa em uma minúscula barraca de madeira que se erguia ao pé do caminho. Parei hesitante. Mas minhas surpresas naquela madrugada de sexta-feira mal haviam começado.

Junto à barraca, vislumbrei outra cuba – similar à construída na entrada do acampamento de Getsêmani –, que devia fazer parte de um dos muitos lagares de azeite que havia no monte das Oliveiras. O Mestre tinha se sentado sobre a mureta de pedra da prensa, a uns dois passos da vereda e exatamente na direção do cada

vez mais próximo e oscilante enxame de luzes amareladas.

Em um primeiro momento, pensei em me ocultar também na barraca. Mas descartei a ideia. Eu ignorava completamente o curso que os acontecimentos poderiam tomar; então preferi manter-me em um lugar mais aberto. De ambos os lados do caminho estendiam-se diversas plantações de oliveiras. Aquele poderia ser um bom observatório. E rapidamente abandonei o caminho, entrando no escuro olival situado na margem esquerda. Escolhi uma das árvores mais grossas e a galguei até uma boa altura, camuflando-me entre a ramagem. Dali até onde Jesus se sentara não havia mais que cinco ou seis metros. Mas, de repente, fui assaltado por uma dúvida que quase me levou a descer da oliveira. E se o Galileu regressasse ao acampamento? Nesse caso, eu não teria outro remédio senão arriscar-me e seguir a tropa...

Se não estava equivocado, a distância percorrida por Jesus, da porta de entrada do horto de Simão, o "leproso", até aquela curva do serpenteante caminho, havia sido de 100 ou 150 passos. E ao vê-lo ali, tão estranhamente sereno, comecei a compreender. Não era preciso muita argúcia para concluir que seu afastamento do ponto onde estavam seus homens só podia ser motivado pelo desejo de que seu encontro com Judas e com a polícia do Sinédrio não afetasse os discípulos. Ele sabia que muitos deles e os gregos dispunham de armas e, provavelmente, quis evitar o mais do que certo risco de um choque armado. Se não me falhava a memória, no acampamento devia haver, naquele momento, por volta de sessenta homens. Qualquer um deles – Pedro ou Simão, o Zelote, por exemplo – que sacasse sua espada poderia provocar um sangrento combate. Se a versão do agente secreto de Zebedeu era correta, aos levitas do Templo era preciso somar a patrulha romana. E isso, indubitavelmente, complicava as coisas. Os mercenários da fortaleza Antônia não se distinguiam exatamente pela delicadeza... Que se podia esperar, então, daqueles aguerridos soldados, no caso de um confronto? O mais provável é que muitos dos discípulos do Mestre acabassem feridos ou mortos, ou, na melhor das hipóteses, aprisionados. E Jesus, a julgar por suas orações no olival, queria evitar a qualquer custo que isso ocorresse. Que seria de sua missão e da futura propagação do Evangelho do reino se aqueles diretamente encarregados da pregação caíssem em Getsêmani naquela noite?

As tochas apareciam e desapareciam entre as árvores, mas se aproximavam cada vez mais. Pedi a Eliseu que me informasse a hora certa. Era uma e quinze da madrugada. A lua continuava brilhando com todo o seu esplendor, proporcionando uma visibilidade mais que aceitável.

De repente, quando o cacho de tochas estava ainda a uma certa distância do moinho sobre o qual Jesus aguardava, eu vi surgir na vereda um indivíduo que corria em direção ao acampamento. Jesus, ao vê-lo, ficou de pé e postou-se no centro do caminho. O apressado caminhante – que num primeiro momento não consegui identificar – logo viu a figura alta do Galileu, com sua túnica branca banhada pelo luar. A inesperada presença do Mestre, cortando-lhe a passagem,

deve tê-lo desconcertado, e ele parou. Mas, depois de alguns segundos de indecisão, prosseguiu sua marcha, desta vez sem muita pressa. O misterioso personagem, envolto em um manto escuro, devia estar a uns trinta ou quarenta metros do rabi quando irrompeu no caminho o pelotão que trazia as tochas. Vinha em desordem, embora formando uma longa fileira. À primeira vista, o número de indivíduos podia ser calculado em meia centena.

À medida que se aproximavam, pude distinguir entre os homens da frente cerca de trinta soldados romanos. Vestiam o mesmo uniforme que eu havia visto entre os soldados da torre Antônia e estavam armados de espadas, algumas lanças e escudos. Imediatamente atrás – quase misturados aos primeiros – vinha um tropel de quarenta ou cinquenta policiais do Templo, na maioria armados de bastões e maças com cravos.

Minha surpresa chegou ao máximo quando, à minha direita, surgiram outras tochas, espalhadas entre as oliveiras. Não eram muitas: talvez uma dezena. Porém ziguezagueavam a grande velocidade, descendo para o ponto onde estava Jesus. Pela direção delas, supus que se tratava dos discípulos. E então um calafrio voltou a me percorrer o corpo. Se os bandos chegassem a se enfrentar, quem sabe o que poderia ocorrer...

O grupo da minha esquerda – o que procedia de Jerusalém – continuou avançando em silêncio até parar a pouca distância do Galileu.

Por sua vez, os que acabavam de aparecer pela direita concentraram-se na estrada e, uma vez reagrupados, continuaram descendo, mas agora muito lentamente.

Quando o pelotão que tinha por missão prender Jesus parou, os seguidores do Mestre fizeram o mesmo. Mas estes últimos estavam bem mais perto dele. Talvez a 20 ou 25 passos.

Pela luz dos fachos distingui Pedro na primeira fila. E com ele João, Tiago e uns vinte gregos. No entanto, por mais que forçasse a vista, não vi Simão, o Zelote, tampouco os demais apóstolos e discípulos. Aquilo significava que não haviam sido despertados.

Durante minutos que me pareceram intermináveis, só o vento sibilou entre as oliveiras, agitando as chamas das tochas de ambos os grupos.

Jesus, no meio, seguia atento àquele homem que se havia destacado da turba procedente da Cidade Santa.

Quando faltavam apenas alguns metros para que o personagem chegasse à altura do rabi, a lua ressaltou a palidez de seu rosto. Era Judas!

Mas por que se adiantara à tropa?

Aquela incógnita seria resolvida na manhã seguinte, pouco antes do fatal e inesperado acontecimento que provocaria a morte de Judas...

(Uma vez mais, Judas havia maquinado seus planos com tanta astúcia quanto maldade.)

Por fim, Jesus reagiu. Com grande aprumo caminhou para Judas, mas, ao

chegar perto dele, desviou-se para a orla esquerda do caminho, esquivando-se do traidor, que ficou perplexo e agitado. O Mestre prosseguiu na direção dos soldados e parou a poucos metros deles. E dali, com voz forte, perguntou a quem parecia ser o chefe:

– Que buscas aqui?

O soldado romano – que, a julgar pelo seu elmo com um penacho de plumas vermelhas e por sua espada (no flanco esquerdo), devia ser um oficial – adiantou-se e respondeu em grego:

– Jesus de Nazaré!

O Mestre avançou então para o presumível centurião e, com grande solenidade, exclamou:

– Sou eu!...

Ao ouvir as palavras serenas daquele gigante, os cinco ou seis romanos da primeira fila retrocederam bruscamente. Esse súbito movimento fez que alguns deles tropeçassem nos companheiros da retaguarda, provocando uma série de grotescas quedas. Entre os que caíram ao chão, havia vários que conduziam tochas. E estas, ao se esparramarem sobre os caídos, contribuíram para multiplicar a confusão. O oficial, indignado, voltou até a primeira fila e começou a golpear os torpes e vacilantes soldados com o bastão que levava na mão direita.

(Aquela cena trouxe-me à memória o relato evangélico de João, único registro que ficou sobre essa queda generalizada da tropa encarregada de prender o Mestre. Mas, longe do caráter milagroso que alguns teólogos e exegetas têm desejado ver nesse episódio, a verdade única é que aqueles homens foram ao chão em consequência de um movimento mal calculado. Outro assunto é a razão pela qual eles teriam retrocedido. Na minha opinião, é possível que tivessem sentido medo. Quase todos haviam visto Jesus pregar na esplanada do Templo e era muito provável que soubessem de seus prodígios e de seu poder. Se juntarmos isso à valentia com que o Galileu se apresentou diante deles, talvez tenhamos a resposta...)

Enquanto os infantis romanos se levantavam e recompunham sua maltratada dignidade, Judas – cujos planos não estavam saindo como havia previsto – aproximou-se do Nazareno e o abraçou. E, rápida e ostensivamente – de forma que todos pudéssemos vê-lo –, ficou na ponta das sandálias e deu um beijo na fronte de Jesus, enquanto dizia:

– Saúde, Mestre e Guia!

E o Galileu, sem perder a calma, respondeu-lhe:

– Amigo...! Não basta fazer isso e ainda queres trair o Filho do Homem com um beijo?

Antes que Judas pudesse reagir, o Mestre safou-se do abraço do traidor e novamente encarou o oficial romano e o resto da tropa.

– A quem procuram?

– Jesus de Nazaré! – repetiu o oficial.

– Já disse que sou eu... Portanto – prosseguiu Jesus –, se procuras por mim, deixa que os demais sigam cada um o seu caminho... Estou disposto a te acompanhar.

O oficial achou razoável o pedido do Nazareno. Colocou-se ao seu lado, mas, quando se dispunha a regressar a Jerusalém, um dos guardiões do Sinédrio saiu do pelotão, lançando-se sobre Jesus. Levava em suas mãos uma corda. E, apesar de o chefe da patrulha não ter dado tal ordem, aquele sírio, que respondia pelo nome de Malchus ou Malco, apressou-se a agarrar os braços do rabi e atá-los pelas costas.

Ao ver isso, o oficial levantou seu bastão, disposto sem dúvida a espancar o intruso. Mas a fulminante entrada em ação de Pedro e seus companheiros prejudicaria os propósitos do responsável pela prisão.

De fato, com vertiginosa rapidez, Pedro e os demais, indignados pela ação de Malco, precipitaram-se sobre ele. Simão, Tiago e alguns dos gregos já haviam sacado suas espadas e, lançando todo tipo de imprecações, prepararam-se para atacar.

Antes que a escolta romana tivesse tempo de proteger o guardião do Sinédrio, Pedro, com a espada no alto, caiu sobre o aterrorizado homem, lançando-lhe um violento golpe de mão esquerda, que lhe teria aberto o crânio se, no último segundo, ele não tivesse se atirado para o lado. O fio da espada, todavia, ainda chegou a roçar sua face direita, ferindo-lhe a orelha e o ombro.

Jesus levantou seu braço para Pedro e com grande severidade recriminou seu ato:

– Pedro, embainhe sua espada...! Quem quer que desembainhe a espada morrerá pela espada. Não compreendeis que é vontade de meu Pai que eu beba esse cálice? Não sabeis que agora mesmo eu poderia mandar dezenas de legiões de anjos que me libertariam das mãos dos homens?

Os discípulos, especialmente Pedro, ficaram aturdidos. Não entendiam as palavras do Mestre e muito menos sua passividade diante daqueles inimigos.

Malco continuava se retorcendo e uivando de dor quando Jesus se inclinou sobre ele. Com grande firmeza, retirou a mão do sírio da orelha ensanguentada e colocou sua destra sobre a ferida. Em questão de segundos os gemidos diminuíram e foram ficando cada vez mais espaçados e débeis. Depois, o rabi repetiu a operação no ombro.

Do alto da árvore, não pude verificar que tipo de cura o Galileu realizou. Contudo, o que estava claro é que havia detido a copiosa hemorragia e praticamente tinha “congelado” a dor daquele desgraçado. (No transcurso das duas intensas jornadas seguintes e antes de meu regresso definitivo ao módulo, procurei por todos os meios localizar Malco e examinar o talho que Pedro lhe havia feito. No entanto, meus esforços foram inúteis.)

A belicosa atitude de Pedro e de seus companheiros só serviu para piorar as coisas. O oficial romano ignorou as pacíficas palavras e o gesto humanitário de Jesus para com Malco e ordenou a sua tropa que sujeitassem o Nazareno,

amarrando seus pulsos nas costas.

Enquanto o amarravam, o Mestre, profundamente magoado por aquela humilhação, dirigiu-se aos levitas e soldados que, com espadas e bastões preparados para repelir qualquer novo ataque, contemplavam a cena:

– Por que sacais vossas espadas e bastões contra mim, como se eu fosse um ladrão? Todos os dias tenho estado convosco no Templo, educando e ensinando publicamente o povo, sem que nada fizésseis para deter-me...

Ninguém, porém, respondeu-lhe.

Uma vez imobilizado o Mestre com grossas cordas, o oficial dirigiu-se a seus homens, ordenando que prendessem também aquele “grupo de fanáticos”, segundo suas próprias palavras. Mas a patrulha não reagiu a tempo e Pedro e seus companheiros fugiram, lançando suas tochas sobre os romanos. Essa nova indecisão da escolta foi mais do que suficiente para que a dúzia de seguidores do Mestre se lançasse ladeira acima, entre os olivais. Quase todos os soldados saíram em sua perseguição, mas os discípulos, bons conhecedores do terreno e com pânico suficientemente grande para lhes dar asas, não tardaram a desaparecer. A prova é que, depois de cinco ou dez minutos, a tropa voltou ao caminho e iniciou o retorno a Jerusalém. O Mestre, fortemente escoltado, logo desapareceu com o grupo em uma curva do caminho.

Faltavam dez minutos para as duas da madrugada.

O vozerio foi se dissipando. E ali fiquei eu, com o coração oprimido, imerso num silêncio de morte. Mas era preciso continuar minha missão. Assim, procurando não fazer ruído, desci da oliveira. Minhas ideias, reconheço, não estavam muito claras. Por alguns segundos, e ainda ao pé da árvore, hesitei. Que caminho devia tomar? Voltar ao acampamento e juntar-me ao que tivesse restado do grupo de discípulos e gregos não me pareceu ser o melhor. Além disso, quem sabe onde teriam ido parar? Era muito mais lógico seguir as pegadas do pelotão de soldados e policiais do Templo. Mas como chegar até eles sem levantar suspeitas e, o que era pior, sem que me prendessem?

Quando estava pronto para deixar o olival e caminhar até a Cidade Santa, as silhuetas de dois mercenários que haviam ficado para trás apareceram inesperadamente entre as oliveiras que se erguiam do outro lado do caminho. Colei-me como pude a um dos troncos e esperei que passassem. Se descobrissem minha presença, eu ficaria em situação delicada. Mas, no momento em que os soldados entravam na vereda, João Marcos, que também havia ficado escondido durante todo o acontecimento, assomou silenciosamente à porta da barraca. Aquilo foi sua perdição. Os romanos viram seu ostentoso lençol branco e precipitaram-se sobre o menino. Desta vez a reação dos soldados foi tão rápida que Marcos não teve tempo de fugir.

E um deles agarrou o lençol, enquanto o segundo, às suas costas, também com rapidez, cobria a retaguarda do companheiro. Mas o ágil Marcos não se deu por vencido. E sem pensar duas vezes, desvencilhou-se do lençol, fugindo nu para a

mata de onde haviam irrompido os inoportunos. Aquela manobra do jovem pegou de surpresa os romanos, que, ao retomarem a perseguição, já haviam perdido alguns segundos preciosos.

O que havia conseguido apanhá-lo atirou o lençol ao chão e, rogando pragas, desembainhou a espada e iniciou uma atropelada carreira. O companheiro fez o mesmo, ingressando de novo no bosque. Mas a má sorte parecia acompanhar naquela noite a tropa romana, e o segundo soldado, tropeçando em uma das raízes do olival, caiu de bruços. Como consequência, o elmo saltou de sua cabeça e rolou pela ladeira. Porém o soldado estava tão enfurecido e cego no afã de capturar o menino, que abandonou seu elmo.

Sabia que poderia ser arriscado, mas deixando-me levar pela intuição, abandonei meu esconderijo e recolhi o elmo. Depois procurei acalmar-me e esperei. Era um elmo de couro, sem nenhum tipo de adorno ou distintivo.

Não tive de esperar muito tempo. Em poucos minutos regressavam à orla do olival. Empenhados na busca do elmo, não perceberam minha presença. Então, levantando a voz e o elmo, dirigi-me a eles em grego.

Ao me verem, os soldados não reagiram. E aos poucos foram se aproximando. Um suor frio começou a empapar minha túnica. Se aquele stratagem não desse certo, minha segurança poderia ficar seriamente ameaçada.

O que havia perdido o elmo chegou até mim e, parando a cerca de dois metros, inspecionou-me da cabeça aos pés. Estava suarento e ofegante. O segundo não tardou em colocar-se a seu lado.

Tentei sorrir, mas, francamente, não sei se consegui. O certo é que, procurando disfarçar o forte tremor de minhas mãos, estendi-lhe o elmo. O romano apressou-se a apanhá-lo e o arrebatou com violência. Em seguida, colocou-o na cabeça.

– Quem és tu? – perguntou, por fim, o segundo soldado.

– Chamo-me Jasão – respondi, com o coração apertado. – Sou grego e dirijo-me para Jerusalém...

E de repente lembrei-me da autorização que me havia dado o governador romano para facilitar meu ingresso na torre Antônia. Sem hesitação, apanhei a bolsa de borracha e mostrei-lhes o salvo-conduto, explicando que naquela mesma manhã de sexta-feira eu deveria visitar Pôncio Pilatos.

Os soldados abriram o rolo, mas duvido que soubessem lê-lo. Todavia, devem ter pelo menos identificado a assinatura de Pilatos, porque o comportamento deles ficou mais acessível e condescendente.

– De onde vens?

– De Betânia...

– Então – tornou aquele que falava grego –, não sabes o que ocorreu aqui?

– Aqui? – perguntei, adotando um tom de total ignorância –

... Não. Que foi que ocorreu?

– Não tem importância – respondeu o mercenário. – Nós também vamos para Jerusalém. Se desejares, poderemos te escoltar...

Fiquei encantado com a proposta, mas, quando tudo parecia solucionado, o soldado que havia perdido o elmo tomou a lança do companheiro e, sem mais, inclinou-a sobre meu peito. Fiquei paralisado... Mas, ao olhar de novo o infante, aquele rosto me pareceu familiar. O soldado acabou sorrindo. "Claro!" – recordei imediatamente. "Aquele romano era a sentinela da torre Antônia... Ele é que me havia apontado o seu pilum enquanto José de Arimateia e eu esperávamos que seu companheiro regressasse do interior da fortaleza..."

Devolvi-lhe o sorriso e – satisfeito de ver que eu o tinha reconhecido –, recolheu a lança, explicando ao segundo e intrigado soldado que, de fato, ele me havia visto às portas da torre Antônia e que eu não mentia.

Aquele fortuito encontro iria ajudar-me muito...

Os soldados tinham pressa de alcançar o pelotão que conduzia o Nazareno e, pouco depois, divisamos as tochas. Mas, para minha surpresa, o grupo estava parado na metade do caminho. Quando a dupla retardatária se juntou à patrulha romana, insinuei que talvez fosse mais prudente que eu permanecesse atrás do grupo ou seguisse meu caminho para Jerusalém. Mas a sentinela, que parecia muito honrada com minha amizade, aconselhou-me por meio de sinais a seguir junto com ela. E assim fiz.

Ao me aproximar do oficial que comandava o pelotão, compreendi porque haviam parado. O chefe dos levitas batia-se por levar o Nazareno à residência de Caifás. No entanto, o *optio* romano, uma espécie de lugar-tenente dos centuriões,¹⁴⁴ responsável pela captura e custódia do prisioneiro, opunha-se à vontade do levita, dizendo que suas ordens eram precisas: Jesus de Nazaré deveria ser conduzido à casa do ex-sumo sacerdote Anás. (Ao que parecia, as relações entre o governador romano e as castas sacerdotais judias continuavam sendo sustentadas pelo poderoso e influente sogro de Caifás.)

A polícia levítica teve de ceder, e Arsenius – o *optio* ou suboficial romano – ordenou que a patrulha retomasse seu caminho para o bairro baixo de Jerusalém.

Durante a discussão, Jesus permanecera em silêncio, com os olhos baixos e praticamente ausente.

Judas, de sua parte, havia-se colocado entre os dois chefes – o romano e o levita –, mas, por mais que tentasse o diálogo, eles evitavam suas perguntas, permanecendo em total e absoluto silêncio. Quando perguntei a razão daquela atitude do *optio* e do capitão dos policiais do Templo para com Iscariotes, o mercenário que falava grego respondeu com uma afirmação contundente:

– Ele é um traidor...

Estávamos já a poucos metros da ponte que ligava a encosta do monte das Oliveiras à esplanada situada ao pé da muralha oriental do Templo quando ocorreu algo surpreendente e imprevisto.

À frente do cortejo marchavam ambos os "capitães". No meio deles, Judas, e imediatamente atrás, a patrulha romana, formando um estreito círculo em torno de Jesus. Por último, o grupo de levitas e servos do Sinédrio, envoltos em seus mantos

e enraivecidos pela ferina decisão do suboficial romano de entregar o Galileu ao ex-sumo sacerdote. Eu caminhava à esquerda do grupo, junto aos últimos soldados.

Subitamente, João, o Evangelista, apareceu pela direita, adiantando-se até alcançar o Mestre. Fiquei perplexo diante da brava decisão do discípulo. Pelo que pude observar, João devia ter perdido o manto na anárquica dispersão dos seguidores do rabi, pois vestia apenas sua túnica curta, pelos joelhos, e no cinto trazia uma espada.

Ao vê-lo, os policiais do Templo alarmaram-se e advertiram seu chefe da presença do galileu. O pelotão parou novamente e o capitão dos levitas ordenou a seus homens que prendessem e amarrassem também João. Mas quando os sicários de Caifás estavam prontos para obedecê-lo, Arsenius interveio de novo. Aquele veterano suboficial, sagaz e de condição nobre, interpôs-se entre o apóstolo e os levitas, exclamando:

– Alto! Este homem não é um traidor, tampouco um covarde...

Os hebreus não pareciam muito dispostos a perder também aquela oportunidade e protestaram energicamente. Os olhos do ajudante do centurião cravaram-se nos do capitão da guarda do Sinédrio. Ele ficou bem diante do rosto do capitão, pessimamente barbeado, levantou seu bastão a um palmo da frente do chefe dos levitas e, com as mandíbulas rangendo, repetiu em tom ameaçador:

– Digo-te que esse homem não é traidor nem covarde. Já o vi antes e na ocasião ele não sacou sua espada. Agora teve a valentia de chegar até aqui para estar com seu Mestre.

E fazendo sibilar a vara com uma série de curtos e bruscos golpes de pulso, acrescentou, ao mesmo tempo que o chefe dos judeus recuava espantado:

– Que ninguém ponha as mãos sobre ele...! A lei romana concede a todos os prisioneiros o privilégio de um amigo que o acompanhe ante o tribunal. Ninguém impedirá, portanto, que este galileu permaneça ao lado do réu.

O ódio e o desprezo do optio romano pelos judeus em geral e por aqueles em particular deviam ser tão intensos que, no fundo, a insólita decisão do suboficial pode ter sido motivada, em minha opinião, não só por admiração pelo gesto audaz de João, mas também pelo mero desejo de humilhar e contrariar aqueles “covardes, incapazes de enfrentar por si próprios o Nazareno”. (Ao chegar ao palácio de Anás, José de Arimateia me explicaria, com riqueza de detalhes, as tortuosas manobras de Iscariotes e dos levitas, que chegaram até a solicitar à guarnição romana que os acompanhasse para prender o Mestre.)

Devo dizer que, no meu regresso desta “primeira viagem”, consultei destacados peritos em direito e jurisprudência romanos, para averiguar se efetivamente havia existido a lei invocada pelo optio, mas minhas indagações até agora não deram resultado. Os antigos romanos, como hoje os ingleses tradicionalistas, não eram muito amigos das leis como nós as interpretamos. O “direito” deles, felizmente para eles, não se baseava precisamente em “leis”.¹⁴⁵ Segundo os especialistas consultados por mim, aquela disposição do suboficial Arsenius não figurava nas

normas da época e, sobretudo, das autoridades que ocupavam aquela província romana. Mas a arbitrariedade que imperava na distribuição da justiça ou no tratamento do prisioneiro era tal que, ao menos para os estudiosos de Direito Romano, a conduta do suboficial era perfeitamente possível. Não devemos nos esquecer de que os donos e senhores de vidas e bens daquele país revolucionário continuavam sendo os romanos.

Essa providencial ordem do optio da torre Antônia veio dirimir outra de minhas dúvidas. Como era possível que João Zebedeu fosse o único apóstolo a declarar em seus escritos ter sido “testemunha ocular” de muitos dos fatos ocorridos ao longo daquela sexta-feira? Pela lógica, se não fosse a incalculável “ajuda” do suboficial Arsenius, o seguidor de Jesus teria tido muitos problemas para poder assistir aos interrogatórios e à crucificação. Tal como estavam as coisas, teria sido quase impossível que as castas sacerdotais – que odiavam o Mestre e seus discípulos – cedessem e aceitassem a livre presença de algum amigo do prisioneiro. Só uma imposição superior, emanada da autoridade romana, pôde permitir a João assistir às fechadas formalidades preliminares à morte de Cristo.

Como medida de precaução, o suboficial romano ordenou a um de seus homens que desarmasse João. E o pelotão continuou seu caminho.

O público reconhecimento da valentia de João por parte do suboficial romano representou um duro golpe para a dignidade de Judas. Envergonhado, com a cabeça baixa e o cenho contraído, o traidor foi diminuindo o passo até ficar só e afastado. E assim chegou à casa de Anás.

João, prudentemente, não falou em momento algum com o Mestre, nem este tampouco se dirigiu ao jovem. As circunstâncias não aconselhavam. Mas quando atravessamos as ruas desertas de Jerusalém, manobrei para me colocar ao lado de João e lhe perguntar pelo resto dos homens – e, especialmente, por que ele havia tomado a arriscada decisão de unir-se a Jesus. O apóstolo, com os olhos avermelhados pelo choro ininterrupto, pareceu alegrar-se um pouco ao perceber que não se achava totalmente só. E me confessou que, logo que conseguiram despistar os soldados, Pedro e ele decidiram seguir Jesus. Dos demais, só sabia que haviam fugido em direção ao acampamento. Durante o silencioso acompanhamento, João se lembrara das instruções que o Mestre lhe dera para sempre permanecer a seu lado e apressou-se a alcançá-lo. Enquanto isso, Pedro, se é que não tinha mudado de ideia, devia estar nos seguindo a uma certa distância, mas escondido entre a vegetação.

Por volta das duas e quinze da madrugada, a comitiva parou diante da casa de Anás, muito próxima da porta de Sião, no extremo oeste da cidade, e a curta distância, segundo meus cálculos, da casa de João Marcos. Ali, em frente à cancela do espaçoso jardim da casa, o suboficial romano entregou oficialmente o prisioneiro ao chefe dos levitas. Mas antes, dirigindo-se a um dos legionários de forma que todos pudéssemos ouvir, ordenou:

– Acompanha o preso e toma cuidado para que estes miseráveis não o matem

sem o consentimento de Pôncio. Evita que o assassinem e faz que a esse galileu – referia-se a João – seja permitido acompanhá-lo o tempo todo. Observa bem tudo o que aconteça...

E, dando meia-volta, afastou-se do lugar junto com o pelotão. Ao despedir-me dos dois mercenários coloquei dissimuladamente várias moedas de prata entre seus dedos, agradecendo-lhes a ajuda e pedindo que, antes de partirem para a fortaleza, pedissem ao companheiro que havia sido designado por Arsenius para proteger Jesus e João que me permitisse fazer-lhes companhia. Os infantes sorriram e, sem fazer perguntas, o que falava grego entendeu-se com o soldado para que meus desejos fossem cumpridos. Outro oportuno e discreto denário de prata na mão deste último acabou por afastar quaisquer suspeitas ou receios. No momento, minha presença na casa de Anás estava garantida.

Uma vez no pátio, parte da guarda do Templo se despediu, deixando a suntuosa residência do ex-sumo sacerdote. E vários servidores de Anás aproximaram-se apressadamente do chefe dos levitas, que lhes ordenou que avisassem o amo:

– O prisioneiro chegou – disse-lhes, apontando Jesus, que continuava com as mãos atadas às costas e imóvel no centro do pátio quadrangular, pavimentado de pedras.

João continuava ao lado do Mestre, e o mercenário romano, por sua vez, procurava não perder de vista nenhum dos dois, além dos poucos policiais e serviçais do Sinédrio, que estavam ocupados na preparação de uma fogueira. Eles haviam empilhado vários troncos em um dos cantos do escuro pátio e, depois de borrifá-los com azeite, atearam-lhes fogo com uma das tochas. A temperatura havia descido alguns graus e quase todos ali foram se aproximando da improvisada fogueira. Em poucos minutos só haviam ficado no centro do pátio Jesus, o chefe dos levitas, que continuava segurando a grossa corda com que havia sido amarrado o Filho do Homem, o discípulo, o soldado romano e eu. Diante de nós erguia-se uma régia mansão de dois pavimentos, com fachada de pedra talhada e delicada escadaria semicircular de mármore. À porta, debilmente iluminada por várias lanternas de azeite, estava uma mulher gorda, de baixa estatura, que sorria sem cessar.

De repente, minha primeira exploração do recinto foi interrompida pela aparição de Judas. O traidor acabava de chegar à casa de Anás, mas, ao ver Jesus e João, permaneceu alguns momentos atrás das altas grades que se elevavam sobre o muro de pedra, afastou-se depois pela mesma rua pela qual seguira o grosso da polícia levítica. Em seu rosto, duro e impassível, não vi sinal algum de arrependimento. Ao contrário. Tive a sensação de que, naquele instante, Iscariotes desfrutou do “espetáculo”. No fundo, sua vingança contra o Mestre e contra os discípulos amados de Jesus começava a frutificar.

João viu Judas. Mas o Nazareno não, pois permanecia de costas para a porta de entrada. O semblante do Galileu não havia sofrido mudança alguma. Estava ainda

ligeiramente pálido e grave. Seus olhos só se haviam erguido em duas ocasiões.

Poucos minutos depois da saída do traidor, voltei a ficar assustado. Agora era Pedro que surgia por detrás dos barrotes da cerca. Não sei como não cruzou com Judas...

Nervoso, caminhava de um lado para o outro da grade, procurando se fazer notar. João, ao vê-lo, fez-me um sinal com os olhos. Assenti com a cabeça, indicando que já havia percebido a presença dele. Sinceramente, senti pena daquele impetuoso, mas bonachão e caloroso apóstolo.

Ao se certificar de que João e eu havíamos notado sua presença, Simão agarrou as barras com ambas as mãos e começou a fazer mímica com a boca. João e eu nos olhamos, sem conseguir compreender suas intenções. Por fim, apontando o dedo indicador para seu próprio peito, moveu a cabeça, tentando nos comunicar, com aquela sua mímica labial, que ele também desejava entrar na casa. Eu o olhei e limitei-me a encolher os ombros. Que podia fazer?

Nesse instante, um dos criados de Anás saiu da mansão fazendo um gesto ao chefe dos levitas para que entrasse. Voltei-me para Pedro e li em seu rosto a mais profunda desolação. Mas, ao cruzar o umbral, João dirigiu-se à mulher que permanecia na porta e pediu-lhe que deixasse seu amigo entrar. E o apóstolo indicou Pedro com a mão.

Fiquei surpreso como a pesada matrona, que, sem sequer pestanejar e num tom cordial, atendeu ao pedido de Zebedeu, chamando-o até mesmo por seu nome de batismo. (Ao longo daquela angustiosa madrugada, João me esclareceria que não havia nenhum segredo no amável comportamento da guardiã. Tanto ele quanto seu irmão Tiago eram velhos conhecidos da mulher e dos criados da casa. João e sua família – especialmente sua mãe, Salomé, parente distante de Anás – haviam sido convidados em numerosas ocasiões para ir ao palacete do ex-sumo sacerdote.)

Enquanto o chefe dos levitas conduzia o Nazareno ao interior da mansão, a porteira desceu a escadaria, para permitir a entrada do agitado e atemorizado Pedro.

Ali mesmo fui tomado por outra dúvida. Ao ver Simão entrar, lembrei-me de que, se os Evangelhos não tinham errado, as famosas negações do impetuoso discípulo não tardariam a ocorrer. E, embora os evangelistas Marcos, Mateus e Lucas dessem como cenário dessas negações precisamente a casa do sumo sacerdote Caifás, supus que o testemunho de João – que situa o fato no pátio da casa de Anás – devia ser o correto.

João, ao perceber minha indecisão, insistiu para que eu o acompanhasse, mas optei por ficar no pátio, junto a Pedro. E assim fiz. Afinal, o que quer que pudesse ocorrer no interior da casa do sogro de Caifás estaria perfeitamente “coberto” pela presença de João.

Esses argumentos tranquilizaram-me, mas não totalmente. Sem perder um segundo, fui até Pedro.

O homem, ao me ver, abraçou-me, sem conseguir conter as lágrimas. Estava confuso. Não entendia o que estava acontecendo e por que Jesus se havia deixado prender tão facilmente. “Ele, capaz de ressuscitar os mortos – lamentou-se mais de uma vez –, não moveu um só dedo para impedir que o capturassem... E o pior – acrescentava com raiva surda – é que nem sequer nos deixou a oportunidade de ajudá-lo... Por quê? Por quê?”

A duras penas, tentei serenar seu ânimo. Mas sua escassa inteligência e sua paixão por Jesus não lhe permitiam raciocinar com clareza. Sua mente era um torvelinho onde se misturavam, em partes iguais, o ódio a Judas e aos membros do Sinédrio, o receio por sua própria segurança e a do grupo, e uma imensa incerteza quanto ao rumo que os acontecimentos estavam tomando. É triste e quase incrível, mas – não me cansarei de insistir nisso – nem Pedro nem os demais apóstolos haviam entendido àquela altura dos acontecimentos a verdadeira missão do Filho do Homem...

Pedro havia começado a tremer. Não sei ainda se de medo, angústia ou frio. O certo é que, instintivamente, fomo-nos aproximando da fogueira. Uns cinco levitas e servidores de Anás haviam-se sentado à moda turca e aqueciam-se bem junto ao fogo.

Eu fiz o mesmo e Pedro continuou em pé, olhos perdidos nas chamas.

Nisso, a mulher que havia aberto a cancela saiu novamente da casa e parou diante da moldura da porta. Os policiais comentavam os incidentes da captura, maldizendo os romanos. Um deles, todavia, aludiu ao gesto do rabi, que curara milagrosamente os ferimentos de Malco. Mas a tímida defesa do levita foi sufocada de imediato por vários interlocutores, que explicaram o acontecido como “outra prova clara do poder diabólico de Jesus”. Um dos ferrenhos defensores dessa hipótese lembrou seus companheiros de que os demônios eram, na realidade, anjos decaídos, invisíveis ou capazes de adotar as mais estranhas formas, deixando quase sempre pegadas similares às dos galos. Outro servidor do Templo opôs-se radicalmente a essa explicação, argumentando que os demônios eram na realidade os filhos que Adão havia gerado quando tinha 130 anos...

A discussão estava no auge quando, inesperadamente, a guardiã, sem deixar aquele seu constante e malicioso sorriso, avançou para a fogueira, apontando para Pedro do outro lado do círculo:

– Tu não eras também um dos discípulos desse homem?

Os policiais voltaram-se para Simão em atitude ameaçadora e o apóstolo, cujos pensamentos estavam muito longe daquele repentino ataque, abriu os olhos desmesuradamente, sem conseguir acreditar no que estava acontecendo.

A pergunta, no fundo, era tão absurda quanto mal-intencionada. Se Pedro houvesse reagido com um mínimo de frieza e bom senso, teria percebido que a matrona era precisamente a pessoa que lhe havia aberto o portão, a pedido de João. Era óbvio, portanto, que ela estava a par da amizade existente entre ambos. Mas o medo, uma vez mais, apoderou-se de seu cérebro e, gaguejante, ele

respondeu:

– Não...

A porteira permaneceu impassível junto ao fogo. Mas logo sua atenção foi desviada para a conversa dos criados e dos levitas, que haviam voltado ao tema dos demônios. Nenhum dos presentes pareceu dar muita importância à presença de Pedro, nem à sua possível vinculação com o prisioneiro. Se o apóstolo tivesse reparado nessa atitude generalizada dos levitas, provavelmente teria conseguido dominar seu pânico.

Quando olhei para ele, vi que seu rosto havia enrubescido. Ele evitou meu olhar, mordendo os lábios e amarfanhando nervosamente as pregas do seu manto. Nesse momento, notei que ele não trazia sua habitual espada. Talvez a tivesse perdido, talvez tivesse se desvencilhado dela antes de chegar à casa de Anás.

O policial, cuja versão sobre os demônios havia sido interrompida pela chegada da mulher, retomou o fio de sua exposição, fazendo ver aos presentes que o Galileu bem podia ser um desses “filhos de Adão”. Mas a explicação do levita não satisfaz à maioria. Outro servidor do Sinédrio acrescentou que, geralmente, “esses diabos costumavam habitar os pântanos e as ruínas e ficar à sombra de determinadas árvores...”.

– Este – enfatizou – não é o caso desse galileu. Todos nós o temos visto pregar abertamente no centro da esplanada dos Gentios. Que tipo de demônio agiria assim?

– E não nos esqueçamos – contra-argumentou outro dos presentes – de que o rabi da Galileia tem curado muitos aleijados...¹⁴⁶

Atento àquela tertúlia, não reparei na presença de uma figura às minhas costas. Ao sentir uma mão sobre meu ombro esquerdo, voltei-me sobressaltado: era José de Arimateia!

Levantei-me prontamente, afastando-me da fogueira e caminhando com o ancião até o centro do pátio. Tanto ele como eu ardíamos de desejo de nos interrogarmos mutuamente. Anunciei-lhe que o Mestre havia sido conduzido à presença de Anás e narrei-lhe tudo o que havia acontecido no horto e no caminho do monte das Oliveiras.

José escutou em silêncio, movendo de vez em quando a cabeça, em sinal de preocupação. Decerto estava a par das andanças de Iscariotes. O rápido aviso de João Marcos lhe havia permitido chegar oportunamente ao Templo, de forma a exercer controle sobre os movimentos de Judas. Ali se encontrara com Ismael, o saduceu, que colaborara eficazmente nas investigações.

Arimateia fez um gesto de entrar na mansão, mas eu o detive, pedindo-lhe que me informasse sobre a conduta do traidor. E, sem querer, comecei a bombardeá-lo com todo tipo de pergunta. Quem era aquele misterioso amigo que o acompanhara ao Templo? Por que Judas havia esperado até a meia-noite para prender Jesus? Por que se adiantara ao pelotão?

José me pediu calma.

– Em primeiro lugar – esclareceu o ancião –, esse acompanhante a que te referes e que Judas apanhou antes de sua chegada ao Templo, chama-se também Anás. É seu primo. O mesmo de que nos falou Ismael e que fez a apresentação do traidor aos sacerdotes na manhã de quarta-feira.

“Quando cheguei ao Santuário, ambos parlamentavam com o porteiro-chefe da correspondente seção semanal.¹⁴⁷ Nessa ocasião, o turno havia recaído sobre o levita Yojanan ben Gudgeda, um indivíduo especialmente brutal. Para que tenhas uma ideia de sua índole, digo-te que ele não só golpeia a bastonadas os guardiães que descobre dormindo, como às vezes chega a pôr fogo em suas vestes...

“Pois bem, este ‘capitão’ da guarda noturna escutou atentamente a informação de Judas. O traidor e seu primo lhe explicaram que o Mestre estava naquele momento em uma casa do bairro baixo, a de Elias Marcos, como sabes, e que sua captura seria fácil, pois só dois de seu doze homens que haviam ficado no cenáculo portavam espada: Pedro e Simão, o Zelote. Mas Judas advertiu Gudgeda de que não deveria descuidar-se. No acampamento de Getsêmani permaneciam cerca de sessenta discípulos e ali existia um respeitável arsenal.

“Graças aos céus, os planos do traidor não saíram como ele havia previsto.”

– Por quê? – perguntei ao ancião, cheio de curiosidade.

– Judas havia chegado ao Templo antes do previsto e foram necessárias muitas idas e vindas do porteiro-chefe à sede de Caifás e às diversas dependências do Templo para chegar a reunir um número apropriado de policiais. Era impossível lançar mão dos que montavam guarda naquele momento, no exterior e no interior do Santuário, e isso, como te disse, atrasou consideravelmente a saída do pelotão. As dificuldades para encontrar homens de folga foram tais que, por fim, desesperado, o sanguinário Yojanan foi obrigado a solicitar ao sumo sacerdote em exercício o apoio dos servidores e conselheiros de Caifás. No total, se não me falha a memória, saíram do Templo uns 35 ou 40 esbirros, armados com toda classe de maças e bastões...

– Mas e a escolta romana? – eu o interrompi de novo.

– Espera, Jasão. Como te disse, as coisas, felizmente, não iam saindo como haviam sido planejadas. O Sinédrio queria prender o Mestre quando a cidade ficasse vazia. E essa era também a intenção de Judas, que, pelo que pude deduzir, tinha medo de uma possível reação e de represálias dos homens de Jesus. Em resumo, Ismael encarregou-se de seguir o pelotão, enquanto eu permaneci no Templo, à espera de novos acontecimentos.

“Mas o traidor e seu grupo – prosseguiu – rodearam a casa de Marcos quando o Mestre e os onze tinham praticamente acabado de sair para o horto. Essa foi a informação que Ismael recebeu de Elias.”

– Então Judas não chegou a ver Jesus e os onze...

– Não, mas faltou pouco. Se a patrulha não tivesse demorado tanto, era quase certo que a captura se desse ali mesmo. Elias, ao ver Judas e os homens armados, percebeu imediatamente suas funestas intenções e não só se negou a falar com

Iscariotes como o expulsou de sua casa a pontapés.

– A pontapés?

– Sim, e temo que essa ofensa possa custar caro ao pobre Elias...

Havia algo que eu não compreendia bem. E comentei com José:

– Se Judas conhecia os costumes do Mestre, por que não o seguiu até Getsêmani?

O ancião esboçou um sorriso triste.

– Se tu conhecesses Judas, entenderias. Humilhado e intimidado diante da violenta reação do proprietário da casa, Iscariotes deve ter compreendido que, se a atitude daquele seguidor do rabi tinha sido tão radical, a do grupo acampado na propriedade de Simão não poderia ser menor. E, segundo Ismael, o traidor, cada vez mais nervoso, explicou aos que o seguiam que o Nazareno e seus adeptos podiam ter tomado a direção do monte das Oliveiras. Quando os levitas se apresentaram para sair em sua perseguição, Judas os deteve, argumentando que não era prudente enfrentar sessenta homens armados de espadas. Aquela mudança de plano, ademais, significava que a polícia do Templo teria de lutar e, possivelmente, prender também os apóstolos. Ou, pelo menos, os líderes do grupo de Getsêmani. E as ordens de Caifás não eram precisamente essas. Para o sumo sacerdote, o único homem importante era o Galileu. Que fazer, então?

“O pelotão se viu, pois, em uma difícil encruzilhada. E, antes de se arriscar a tomar uma iniciativa que não havia sido prevista por Caifás, os policiais decidiram regressar ao Templo.

“Aquilo tranquilizou um pouco o traidor, mas aumentou o nervosismo dos chefes dos levitas. Como eu suponha, a reunião secreta de Caifás com seus homens de confiança do Sinédrio havia sido fixada para a meia-noite. E por volta das onze, quando Judas e o grupo retornaram ao Templo, alguns dos fariseus, escribas e saduceus haviam começado a chegar à sala das ‘pedras lavradas’. O nervosismo dos policiais, ao se apresentarem diante de Caifás sem o prisioneiro, era mais do que compreensível. O tempo os pressionava e, por um momento, tanto Judas quanto os sacerdotes chegaram a pensar em adiar a captura. Não dispunham de uma força suficientemente grande e poderosa para se arriscarem a invadir o horto e capturar o Mestre.

“Tanto Ismael como eu – continuou José com amargura – chegamos a crer que no momento tudo estava resolvido e que Jesus ficaria livre. Vã esperança... Caifás não é homem que se dê facilmente por vencido, e seu ódio a Jesus era tal que não hesitou em propor uma solução que repugnou até mesmo seus subordinados: solicitar uma escolta armada ao governador romano. ‘Dessa forma – argumentou o astuto sumo sacerdote – a captura do impostor não será difícil e, ao mesmo tempo, a responsabilidade da captura recairá sobre as forças estrangeiras de ocupação...’

“Alguns dos membros do Sinédrio tentaram fazer Caifás renunciar a esse projeto, aludindo às constantes manifestações de Jesus contra a violência. Pensavam, com razão, que o Galileu não permitiria a seus homens que

desembainhassem suas armas. Mas Judas interveio novamente. E sua covardia transpareceu uma vez mais. Concordou com os sacerdotes, mas não admitiu a hipótese de que os discípulos obedecessem ao Mestre. 'A sugestão de Caifás – concluiu – parece-me excelente. Vamos o quanto antes à torre Antônia...'

"Então os sacerdotes designaram uma comissão do Sinédrio e esta rumou no mesmo instante para o quartel-general romano.

"O centurião de guarda, todavia, negou-se a lhes fornecer uma escolta. Era muito tarde e, por outro lado, a ordem deveria partir de Pôncio Pilatos, explicou-lhes o oficial. Os sacerdotes insistiram e o centurião não teve outra alternativa senão chamar Civílis, o comandante-em-chefe da guarnição destacada na fortaleza Antônia, que tu já conheces.

"Nosso amigo comum, muito aborrecido com o que via, perguntou-lhes as razões pelas quais deveria lhes fornecer a escolta. E Judas, antes que os sacerdotes esboçassem uma resposta, disse a Civílis que Jesus fazia parte de um grupo de zelotes clandestinamente assentado no horto de Getsêmani.¹⁴⁸

"Aquela vil mentira de Judas deixou o centurião hesitante. Os romanos, como sabes, perseguem com sanha os revolucionários.

"Assim mesmo, o comandante-em-chefe da legião ordenou que esperassem, enquanto ia até a residência do governador.

"Em suma, entre uma coisa e outra, o Sinédrio perdeu uma hora.

"Pilatos já se havia recolhido para dormir e, num primeiro momento, não quis tomar conhecimento do assunto. Mas os enviados de Caifás não arrefeceram seu empenho e obrigaram Civílis a se entender pela segunda vez com Pôncio Pilatos, para lhe dizer que no acampamento em questão havia sido descoberto um considerável arsenal e que, se conseguissem capturar o 'chefe', Jesus de Nazaré, o governador conquistaria um grande triunfo diante de César.

"No fim, talvez para tirar de cima de si os odiosos sacerdotes, Pilatos deu a autorização e o centurião de guarda entregou o comando de um pelotão de trinta ou quarenta soldados – eu não saberia precisar o número exato – a seu optio: um tal de Arsenius. E, dessa forma, com muita pressa, aquela tropa saiu de Jerusalém, guiada por Judas. O resto tu já conheces...

Sim, eu conhecia, mas vários detalhes permaneciam sem explicação. Por exemplo: por que Iscariotes adiantou-se ao pelotão? Se ele deveria conduzir os soldados, os levitas e os servidores do Sinédrio ao horto de Getsêmani e lhes revelar a identidade do rabi, o lógico é que não se separasse deles em nenhum momento. Além disso, se a intenção do suboficial romano era capturar um suposto "chefe zelote" e seu grupo, por que Arsenius se contentaria em prender Jesus? Por que não tomou de assalto o acampamento?

(Como disse, na manhã do sábado seguinte ficaria resolvida a primeira das incógnitas. Quanto à segunda, o próprio Pôncio me daria uma explicação, em minha próxima visita à torre Antônia.)

José, naturalmente, não me pôde esclarecer essas dúvidas. Nem ele nem

Ismael haviam se atrevido a juntar-se ao pelotão que saiu do Templo pela porta Dourada, minutos depois da meia-noite e meia. Também perguntei por que Jesus havia sido levado à casa de Anás em vez de ser apresentado de imediato a Caifás. José, visivelmente cansado, respondeu:

– Feliz és tu, Jasão, que não tens de conviver com as constantes intrigas desses homens impuros... Não sei com certeza, mas penso que Anás e seu genro planejaram reter o Mestre nesse lugar até que Caifás consiga reunir o máximo de sacerdotes aliados. Dessa forma, o julgamento será implacável. A lei estabelece, aliás, que o Conselho do Sinédrio não pode se reunir antes da primeira oferenda.

– E a que horas tem lugar esse primeiro sacrifício?

– Às três da madrugada. Como vês, ainda temos tempo. Talvez, aconteça o milagre que tanto desejamos...

E José concluiu sua detalhada exposição, afirmando que aquele réptil chamado Caifás, com o intuito de não levantar suspeitas – nem sequer entre seus próprios homens e servidores –, havia ordenado a dois de seus confidentes que pagassem ao opio romano para que, em contradição com a opinião do chefe das polícias do Templo, conduzisse Jesus de Nazaré ao palácio de seu sogro, Anás.

José se despediu, dizendo-me que tinha a intenção de entrar na casa do ex-sumo sacerdote e fazer tudo o que estivesse ao seu alcance – até mesmo subornar o velho Anás – para libertar Jesus. Estava no seu direito de acalantar esperanças. O que ele não podia saber é que essa esperança havia morrido antes: no horto de Getsêmani...

Semioculto na escuridão do pátio, informei Eliseu sobre o curso dos acontecimentos, pedindo-lhe que me chamasse pouco antes do alvorecer. Eram três da madrugada.

Voltei à fogueira. Pedro, encerrado em seus pensamentos, sequer havia percebido a chegada de José de Arimateia. Sentara-se atrás dos levitas, com o manto na cabeça para proteger a calva. Suponho que aquele gesto nada tinha a ver com seu ardente desejo de que ninguém voltasse a descobri-lo e o delatasse.

Os policiais e os sicários do Sinédrio continuavam discutindo as tradições e lendas sobre demônios. No interior da casa de Anás tudo parecia tranquilo. Não observei movimento algum, nem sinal de violência ou agitação. E supus – erroneamente – que o interrogatório de Jesus pelo ex-sumo sacerdote decorria sem incidentes.

Eu estava sentado fazia mais de meia hora junto a Pedro quando se aproximou do nosso círculo uma segunda mulher. Era mais jovem e, pelas vestes, deduzi que se tratava também de uma criada. Aproximou-se da guardiã gorducha e esta, ao vê-la, inclinou-se sobre seu ouvido esquerdo murmurando-lhe algo, ao mesmo tempo que apontava para Pedro com a mão.

A recém-chegada forçou a vista. E, pela forma de revirar os olhos, percebi que era míope. Aí, ela deu alguns passos, contornou os homens que se aqueciam no fogo e, chegando perto de Pedro, retirou com um safanão o manto que lhe cobria a

cabeça e gritou:

– Tu não és um dos fiéis desse galileu...?

A inesperada interpelação da hebreia assustou os levitas e a Pedro. O discípulo, branco como cal, levantou-se aos tropeções e encarou a moça.

– Não conheço esse homem! – gritou com mais força que sua inquisidora. – E também não sou um de seus discípulos...!

Pedro pôs tanta veemência nas palavras que as artérias do pescoço se intumesceram e o rosto se tornou rubro. Os olhos do aterrorizado amigo de Jesus quase se despregaram das órbitas, enquanto um finíssimo fio de saliva pendia da comissura esquerda dos lábios.

A contundência de Pedro foi tal que a criada recuou assustada, correndo para a porta da casa.

Desta vez, os criados e policiais permaneceram alguns segundos com a vista cravada no desditoso pescador. Pedro, aturdido, deu meia-volta e afastou-se da fogueira.

Pensei que sua intenção era deixar o recinto e faltou pouco para que eu saísse atrás dele. Mas não. Simão, apesar de sua fraqueza, continuava amando o Mestre. Quão pouco e quão pobremente se tem escrito sobre a tortura íntima deste primitivo galileu, consciente de seus erros, dominado pelo instinto de sobrevivência e forçado, por seu temperamento, àquele trágico beco sem saída!

Tive de fazer um considerável esforço para não correr para seu lado e consolá-lo. Todavia, o objetivo de minha missão se impôs. E esperei.

Apoiado sobre as grades do muro, encurvado e silencioso, Pedro golpeava repetidamente sua cabeça contra os ferros. Temi por sua integridade física. Aquelas cabeçadas, secas e continuadas, em lugar de o ferirem, pareciam desenvolver-lhe uma certa serenidade. E logo depois de enxugar as lágrimas com uma das mangas do manto, juntou-se de novo ao grupo. (Sinceramente, aquela atitude do apóstolo – voltando à roda da fogueira – levou-me a refletir e mesmo a esquecer sua detestável e até certo ponto compreensível conduta. As igrejas, especialmente a católica, têm julgado e classificado esse episódio das negações como um fato lamentável por parte de Simão Pedro. Mas muito poucos teólogos e moralistas parecem levar em consideração uma “atenuante” que diz muito em favor do “renegado”. Pedro poderia ter abandonado o pátio da casa de Anás desde sua primeira traição. Mas não o fez. E tampouco se retirou depois da segunda e da terceira e da quarta... Porque, embora os evangelistas citem três negações, houve na realidade mais uma, se bem que essa negação “extra” não tivesse tido caráter público. Quero dizer com tudo isso que, embora Pedro não se tivesse comportado dignamente, não é menos certo que sua permanência no lugar o redime em boa medida daqueles momentos de fraqueza.)

O cabeçudo galileu não estava disposto a imitar os companheiros que haviam fugido pela colina. Superando o medo, acomodou-se como pôde entre os criados – que, diga-se de passagem, em momento algum se converteram em acusadores

nem o molestaram, pelo menos os que até aquele momento se acotovelavam em torno das chamas.

Mas quis a má sorte que, de repente, o grupo fosse acrescido de meia dúzia de sacerdotes, que, pelo que parecia, tinham chegado da residência de Caifás com a missão de coordenar e controlar o traslado do Nazareno. Depois de pedir informações aos levitas ali reunidos, quatro deles se dirigiram ao interior da casa e os demais permaneceram junto à fogueira. Desde o primeiro momento sentiram-se atraídos pela animada conversa sobre as superstições populares dos judeus.

Alguém havia mencionado “Lilith” e a polêmica esquentou de novo. Pelo visto, “Lilith” era o apelido de um dos demônios mais famosos. A maioria dos presentes aceitava sua existência, classificando-o como “demônio-mulher”. Esse curioso “espírito” centrava seus ataques, como mulher que era, nos homens. E, mais concretamente, sobre aqueles varões que se atreviam a permanecer sozinhos em casa.

– E só o Divino, bendito seja o seu nome!, sabe quando pode aparecer – arrematou outro dos homens do Sinédrio.

Tal crença não foi bem recebida por um dos sacerdotes, um tal de Mardoqueu, mais conhecido em Jerusalém por Petajia (a quem já me referi anteriormente), por causa de sua grande facilidade para línguas. (Conhecia, segundo o povo, mais de setenta idiomas e dialetos. Daí sua alcunha: “Petajia”, da palavra pataj: “abria” as palavras ao interpretá-las.)

Esse sacerdote, responsável também por um dos cofres do Templo e homem de grande cultura, caçoou de tais patranhas. As risadinhas de Petajia indignaram um dos policiais, que, apontando primeiro para Pedro e depois para o interior da mansão, exclamou:

– Podeis rir quanto quiseres, mas vê este galileu... Tu mesmo assististe a sua entrada triunfal em Jerusalém no lombo de um jumento. Não teve a precaução de colocar a cauda de raposa ou um tampo vermelho entre os olhos do burrico, e veja o que lhe reservou a sorte...¹⁴⁹

Nesse momento, Simão Pedro cometeu novo erro. Irritado com aquela arraigada superstição hebreia, interveio na discussão, tentando esclarecer aos presentes que o rabi da Galileia não precisava proteger-se com credices tão absurdas e que seu poder era tão grande que, se desejasse, poderia fazer baixar fogo do céu e arrasar o Sinédrio sem tocar em um único inocente...

Os levitas e servidores do Templo não prestaram muita atenção à valente, mas inoportuna defesa de Pedro. No entanto, Petajia – que prontamente havia captado o duro acento galileu do apóstolo – encarou-o e desviou o rumo da conversa para um atalho que abriu de novo as carnes de Pedro:

– Tu tens de ser um dos seguidores do preso. Esse Jesus é um galileu e tua forma de falar te trai... Falas como um verdadeiro galileu.

Antes que Simão pudesse reagir, um dos sicários do Sinédrio – precisamente aquele que havia falado da milagrosa cura de Malco – referendou a descoberta de

Petajia, revelando a todos um fato que até o momento havia passado despercebido:

– Tu, além de tudo – exclamou alarmado –, estavas no caminho do monte das Oliveiras... Eu te vi ferir meu parente...

Aquilo mudou as coisas. Já não se tratava unicamente de acusações meio veladas de compartilhar da doutrina do Galileu. Essa última denúncia poderia arrastar o apóstolo à prisão imediata, como culpado de agressão a um esbirro do sumo sacerdote.

Entendo que foram as circunstâncias que fizeram os nervos de Pedro estalar. Não se tratava agora de negar Jesus, mas sobretudo de evitar uma acusação muito perigosa.

Alguns dos levitas ficaram de pé, brandindo seus bastões, em atitude ameaçadora. E possivelmente teriam detido Pedro não fosse a torrente de juramentos que começou a brotar de sua boca. Aquela obscena e áspera enfiada de imprecções – na qual o descomposto amigo do Nazareno chegou a incluir sua mãe e seus filhos¹⁵⁰ – freou o ímpeto dos policiais. E quando, finalmente, o encurralado galileu jurou pelo ouro do tesouro do Templo, abrindo seu manto de forma que todos pudessem comprovar que não trazia espada, aqueles servis personagens acabaram por deixá-lo em paz. (Jurar e invocar o testemunho do Templo era importante, mas fazê-lo pelo ouro do Santuário já era demais...)

Quando Pedro viu o fantasma da prisão afastar-se, deu meia-volta e muito rapidamente – procurando não levantar novas suspeitas – afastou-se da fogueira. Arrastando os pés, sem forças e com o ânimo duramente castigado, foi sentar-se na escada de mármore da porta. Durante uns poucos minutos não me atrevi a sair de perto da fogueira. O pobre discípulo havia enterrado o rosto entre suas pequenas e calosas mãos, acompanhando sua visível angústia com uma ininterrupta e ritmada oscilação do corpo para a frente e para trás.

Já eram quatro da madrugada. A terceira e penúltima negação pública havia-se consumado...

O silêncio continuava dominando Jerusalém. De quando em quando, ouviam-se alguns dos numerosos cães de rua que eu havia visto em minhas andanças pela Cidade Santa. Foram aqueles quase sempre lastimosos latidos que me trouxeram à memória outro fato que ainda não havia sido registrado. Pedro tinha negado seu Mestre por três vezes e, contudo, eu ainda não havia ouvido o famoso canto do galo.

Não que esse episódio me preocupasse muito. E muito menos naquele momento, quando eu estava vivendo – e sofrendo – as angústias de Simão Pedro, totalmente desfeito e abatido junto ao portão de entrada da casa de Anás. Todavia, enquanto eu esperava a chegada da alvorada, procurei apurar o ouvido. Meditando sobre esse particular, compreendi que os galos de Jerusalém não poderiam ter iniciado seu característico canto, pela simples razão de que faltava ainda mais de uma hora para o amanhecer (naquela sexta-feira, 7 de abril, como já

citei em outras ocasiões, a saída do sol se daria às 5h42). Em certos momentos cheguei a acreditar que os evangelistas haviam se equivocado de novo. As três negações, como já disse, já haviam ocorrido e os cronômetros "monoiônicos"¹⁵¹ do módulo marcavam quatro da madrugada. Mas não. Desta vez não houve erro, ainda que as versões dos escritores sagrados também não coincidam cem por cento...

Mas devo ater-me estritamente à ordem dos acontecimentos. Quando pensei que Pedro podia ter se acalmado, finalmente, eu também me retirei do grupo de levitas. Deixei-me cair junto ao discípulo e coloquei minha mão em seu ombro esquerdo. Pedro se assustou de novo. Interrompeu aqueles movimentos quase catatônicos e, ao ver que era eu, suspirou aliviado. Durante um bom tempo não nos falamos. Que podia eu dizer a ele?

Mas logo depois, Pedro – que já havia recuperado a calma – fitou-me longamente e fez um comentário que me deixou ainda mais confuso:

– Notaste, Jasão, com que habilidade eu destruí as acusações desses servis escravos do Templo?

Um sorriso mecânico acompanhou as inesperadas palavras de Simão. Compreendi então que sua máxima preocupação naquele momento não era, como eu havia pensado, o desonroso fato de haver renegado seu amigo. Nada disso. Pedro, em minha opinião, não tinha a consciência muito clara de que havia traído o Mestre. O que o havia angustiado e aterrorizado era a ameaça de um possível encarceramento.

Essa suspeita, que foi ganhando terreno em meu coração, foi confirmada pelos sucessivos comentários do apóstolo, felicitando a si mesmo por haver sido capaz de evitar sua identificação.

– ... Essas mulheres, além disso – acrescentou Pedro, praticamente expressando em voz alta seus pensamentos –, não têm autoridade moral. Não podem interrogar-me. Não têm direito... Não, não têm... Não têm...!

O galileu repetiu aquela monótona cantilena como se necessitasse justificar suas atitudes. E, em nenhum momento, lembrou-se de Jesus ou se referiu a ele. Não creio estar equivocado se disser que, na verdade, o pescador não se deu conta de seu gesto sujo enquanto não escutou o canto dos galos da cidade. Só então se lembrou da profecia do Mestre e assumiu todo o peso de sua infidelidade.

Quando perguntei a ele sobre o destino dos companheiros, Pedro não me soube explicar. Ignorava tudo. Só se lembrava de que a alguns metros da paliçada de pedra do horto de Getsêmani algo o obrigara a suspender sua fuga e, cego de raiva, ocultara-se entre as oliveiras, disposto a seguir a multidão que havia capturado o rabi.

E ali continuamos até que, poucos minutos antes do amanhecer, a porteira e a criada que haviam colocado em risco a segurança do apóstolo com suas perguntas voltaram à carga. Aproximaram-se inesperadamente de nós e, quase sem levantar a voz, em tom sereno e desprovido daquela malícia inicial, a gorduchona disse a

Pedro:

– Estou certa de que és um dos discípulos desse Jesus. Não só porque um dos fiéis me pediu que eu te deixasse entrar no pátio, mas também porque meu irmão te viu no Templo com esse homem... Por que o negas?

E pela quarta vez Pedro voltou a negar sua relação com o Nazareno. Mas, desta vez, sua negativa foi muito mais fria e calculada. Seus argumentos anteriores sobre a falta de autoridade legal das mulheres para acusá-lo e a circunstância de que esse novo ataque não tivesse sido feito em público, foram, a meu ver, decisivos.

Justamente nesse momento, quando a claridade do novo dia despontava já no leste, algumas vozes começaram a ser escutadas no interior da mansão. Ficamos de pé, ao mesmo tempo que um dos domésticos de Anás saía precipitadamente, alertando os policiais.

Tudo aconteceu tão rápido que ficamos imóveis. De repente, no umbral da porta apareceu o Mestre. Continuava amarrado. Junto a ele estavam João, o romano e outros dois criados de Anás.

Por um minuto, enquanto os levitas do Templo se organizavam para escoltar o preso, Jesus levantou lentamente a cabeça e voltou seu rosto para nós dois, que estávamos à sua direita, a pouco mais de dois metros. Sob a luz tremulante das tochas, o olhar do Galileu cravou-se única e exclusivamente no de meu amigo Pedro. Não sorriu, mas de seus olhos partiu uma profunda e comovedora mensagem de amor e piedade. Com aquele gesto, o gigante chegou como nunca ao aturdido coração do renegado. Não foi preciso uma única palavra. O Mestre parecia saber o que ocorrera durante aquelas quase três horas no pátio do ex-sumo sacerdote. E Pedro, ao recolher aquela intensa mensagem, começou a avaliar em profundidade a gravidade de sua culpa.

Nesse momento, quando o soldado romano colocado às costas do Nazareno o empurrou violentamente, obrigando-o a descer a escada, um galo das proximidades rasgou o silêncio da alvorada com um canto longo e estridente.

E o amigo do mestre empalideceu.

A porteira, que permanecia do nosso lado, dirigiu-se veloz para abrir a rangente porta de ferro. E o grupo de levitas, sempre em volta do Mestre, saiu do palacete de Anás.

A partir desse instante e durante um bom tempo, outros galos encheram com seus cantos as primeiras luzes daquela sexta-feira, 7 de abril, que jamais poderei esquecer...¹⁵²

Eu teria dado qualquer coisa para continuar ao lado de Pedro. Creio que, a partir do canto do galo, o apóstolo já não era o mesmo. É certo que o inexplicável milagre da ressurreição do Mestre afetou-o decisivamente. Todavia, aquelas negações pesariam para sempre em sua alma. Ali, estou convencido, morreu, se não toda, boa parte do Simão assustadiço, rude e vaidoso. Seu espírito, como já disse, havia recebido o mais duro dos golpes...

Mas a missão exigia que eu permanecesse o mais próximo possível do

Nazareno. Com passos rápidos, juntei-me a João e ao soldado romano. Ao cruzar a porta do palacete do ex-sumo sacerdote, fiquei surpreso de ver João Marcos coberto, desta vez por um manto. Como teria chegado até ali? Não pude parar para lhe perguntar, mas deduzi que, depois de escapar dos mercenários, havia-se aprontado com aquele manto e seguido a escolta romana, como João Zebedeu e Pedro.

A comitiva saiu pelas solitárias ruas de Jerusalém no momento em que as trombetas do Templo despertavam a população. Perguntei a João se sabia para onde iríamos.

– Os sacerdotes enviados por Caifás – respondeu-me – disseram ao sogro dessa ratazana que o tribunal do Sinédrio estava instalado. Temo que daqui a pouco saberemos...

Nesse momento, Eliseu abriu de novo sua conexão, avisando que eram cinco horas e quarenta e dois minutos. Seu novo boletim meteorológico confirmou o que ele já me havia adiantado no dia anterior: constante subida dos barômetros e crescimento da velocidade do vento, com risco de siroco.

Aquele amanhecer, de fato, não foi tão fresco como os anteriores.

O pelotão agora obrigava o Mestre a apressar o passo. Assim, adiantei-me para interrogar João sobre o ocorrido no interior da casa do poderoso e influente Anás.

Como eu suspeitava – sempre segundo o testemunho de João, que não se separava um só momento de Jesus –, Anás conduziu o encontro com Jesus com estranha lentidão. A presença do rabi diante do ex-sumo sacerdote praticamente carecia de sentido, a não ser que não passasse de um ardil combinado entre genro e sogro para reter o preso em lugar seguro até que os saduceus, escribas e fariseus comprometidos com aquela trama estivessem presentes diante do sumo sacerdote.

José de Arimateia, que assistira a parte do interrogatório e havia preferido ficar com Anás, completaria horas mais tarde a narração de João, explicando-me que o hábil sogro de Caifás tinha, desde o primeiro momento, a intenção secreta de liquidar ali mesmo aquele incômodo assunto. Pelo visto, conhecendo o caráter violento e impulsivo do genro, não desejava que o processo contra o Mestre caísse em suas mãos. Mas a inesperada postura de Jesus de Nazaré abortara seus planos...

– ... Anás – contou-me o “discípulo amado” do rabi – conhecia o Mestre fazia vários anos. Como todo mundo em Israel, também ele havia ouvido falar dos sinais, prodígios e ensinamentos de Jesus.

“Ao nos receber em seus aposentos privativos, Anás quis afastar o representante do optio e eu próprio, mas o soldado romano se opôs, advertindo-o de que se tratava de uma ordem de Pôncio. Como sabes, as relações desse corrompido sacerdote com os romanos são excelentes. Assim, finalmente teve de resignar-se.

“Sentou-se então e permaneceu um bom tempo sem pronunciar uma só palavra, observando o Mestre com grande curiosidade.

“Depois, com sua habitual presunção e autossuficiência, dirigiu-se a Jesus nos seguintes termos: ‘Já sabes que tenho de fazer alguma coisa com relação à tua doutrinação... Estás perturbando a paz e a ordem do nosso país’.

“O Mestre ergueu a cabeça e olhou-o fixamente, mas não abriu a boca.

“Anás não gostou daquilo. Começou a se mostrar nervoso e, sem poder ocultar a raiva, exigiu: ‘Diz-me o nome de teus discípulos...!’.

“Mas o Mestre continuou calado. E, sem pestanejar, continuou com os olhos fixos nos do velho réptil.

“Juro, Jasão, que muito poucas vezes havia visto tanta majestade no rosto de nosso Mestre. Enquanto Anás se encolerizava, Jesus, de pé e apesar de amarrado, demonstrava a esse bastardo sua verdadeira grandeza.”

Apesar das circunstâncias, João falava do Galileu com o mesmo entusiasmo – ou até maior, se isso era possível – do que o havia feito em outras ocasiões, como a de sua entrada triunfal em Jerusalém.

– Então, para minha surpresa, e suponho que até para a de Jesus – prosseguiu Zebedeu –, Anás mudou de tática. Chegou a sugerir ao Mestre que estava disposto a esquecer tudo com uma condição.

Aquilo também era novo para mim e, enquanto subíamos pelas vielas da cidade baixa, já com destino ao Sinédrio – localizado na zona exterior e a sudoeste do Templo (muito perto do que hoje se conserva com a denominação de “Muro das Lamentações”) –, prestei toda a atenção nas palavras do discípulo.

– Sabes do que foi capaz? Anás propôs que lhe pouparia a vida se saísse imediatamente da Palestina... Mas o Mestre não se alterou.

“Aquele novo silêncio exasperou ainda mais o ex-sumo sacerdote. Golpeando os braços da poltrona, gritou a Jesus: ‘Não vês que sou muito bondoso contigo? Não percebes qual é o meu poder? Eu posso determinar o resultado final de teu próximo julgamento...’.

“Pela primeira vez, Jesus falou, dirigindo-se a Anás: ‘Já sabes que jamais poderás ter poder sobre mim sem a permissão de meu Pai. Alguns gostariam de matar o Filho do Homem porque são ignorantes e não sabem fazer outra coisa. Mas tu, amigo, tens ideia do que fazes. Então, como podes refutar a luz de Deus?’.

“A inesperada amabilidade do Mestre para com aquela serpente derrotou Anás e me surpreendeu.

“E o velho se pôs a maquinar, buscando, suponho – falou João –, alguma nova manobra para confundir Jesus.

“Retomando a palavra, Anás perguntou de novo a Jesus: ‘Que tentas ensinar ao povo? Que pretendes ser?’.

“O Mestre não fugiu a nenhuma das perguntas. E dirigiu-se a Anás com grande firmeza: ‘Sabes muito bem que tenho falado claramente ao mundo. Tenho ensinado nas sinagogas muitas vezes, e também no Templo, onde judeus e gentios têm me escutado. Não tenho dito nada em segredo. Qual então é a razão pela qual me interrogas sobre meus ensinamentos? Por que não convocas meus ouvintes e

não te informas com eles? Jerusalém toda tem me ouvido. E tu também, embora não tenhas entendido minha pregação’.

“Antes que Anás pudesse responder, um dos servos da casa voltou-se para o Mestre e o esbofeteou violentamente, dizendo-lhe: ‘Como te atreves a contestar assim o sumo sacerdote?’.

“Ah! Jasão! Como me ardia o sangue...!”

Quando perguntei, interessado, pela reação do Jesus, João encolheu os ombros e, apontando o Mestre, que caminhava a poucos metros adiante de nós, comentou:

– Não vi uma única sombra de ódio ou ressentimento em seus olhos. Simplesmente dirigiu-se ao bajulador e, com a mesma transparência e docilidade com que falara com Anás, assim se manifestou: “Amigo meu, se falei mal, testemunha contra mim; mas, se é verdade, por que me maltratas?”.

Perguntei então ao discípulo se aquela bofetada havia ocasionado hemorragia nasal em Jesus. João disse que não. Quando vi o Galileu aparecer na porta do casarão de Anás, seu rosto não apresentava sinais de violência. Pelo menos, não cheguei a distingui-los.

Fazia um bom tempo que eu observava que Pedro nos seguia a curta distância. Quando nos aproximamos do atualmente denominado arco de Robinson, porém, numa das vezes em que me voltei para observá-lo, verifiquei que ele se sentara ao pé da muralha meridional que separava os dois grandes bairros da cidade. Por sua forma de se deixar cair sobre os degraus e de colher a cabeça entre as mãos, intuí que o apóstolo se dava por vencido. Sua derrota, naquela hora, era total. Se eu não conhecesse o final daqueles fatos todos, não poria minha mão no fogo com respeito a sua sorte...

Infelizmente, não voltaria a vê-lo mais.

João, que nesse momento não estava a par das negações de Pedro, finalizou assim seu relato:

– Anás fez um gesto de desaprovação pelo golpe brutal de seu servo no Mestre, mas seu orgulho é tal que não lhe fez nenhuma observação. Limitou-se a levantar-se de sua poltrona e sair do aposento. Só o vimos de novo duas horas mais tarde.

– Jesus te disse algo nesse intervalo?

– Não – respondeu João. – O Mestre, os criados, o soldado e eu continuamos ali sem nos mover, em silêncio. Transcorrido esse tempo, Anás regressou à sala e, aproximando-se de Jesus, retomou o interrogatório: “Tu te consideras o Messias, salvador de Israel?”.

“Jesus levantou novamente o rosto e, com a mesma calma, disse-lhe: ‘Anás, tu me conheces desde a minha juventude e sabes que não pretendo ser nada mais nada menos do que o delegado de meu Pai... Fui enviado para todos os homens, gentios e judeus’.

“Mas o ex-sumo sacerdote não ficou satisfeito e repetiu a pergunta: ‘Tenho ouvido comentar que pretendes ser o Messias. É certo?’.

“O mestre esperou um pouco antes de responder. Por um momento, pensei que

não desejava falar. Mas ele o fez. E com que segurança, Jasão! 'Tu o disseste!' – falou enfim.

“Foi então que entraram esses sacerdotes. Vinham da parte de Caifás. Aproximaram-se de Anás e murmuraram algo em seu ouvido. Não sei dizer o quê, ainda que suponha que tinha muito a ver com o Conselho do Sinédrio. Como já disse, não tardaremos a saber.

“E o resto tu já sabes: Anás ordenou que conduzissem Jesus à presença de seu genro Caifás e nós abandonamos a casa...”

Pouco antes das seis da manhã, o pelotão que custodiava Jesus parou diante de um casarão rústico, situado a pouca distância do grande retângulo do Templo. Ficava, precisamente, junto à esquina sudoeste, em uma pequena zona ajardinada, completamente isolada daquele setor da cidade baixa pelos arcos de Wilson e Robinson, ao norte e ao sul, pela muralha meridional, a leste, e pelo muro do Templo, a oeste.

Andorinhas madrugadoras revolteavam brincalhonas entre os beirais do segundo pavimento daquela enorme casa de pouco mais de 50 metros de comprimento por uns 35 de largura. Os trinados desses negros migrantes e o surdo e rítmico ruído da moagem de trigo, que se erguia de todas as casas de Jerusalém, foram os últimos e agradáveis sons que escutamos antes de penetrar naquele “antro”.

Durante esse novo traslado de Jesus, a possibilidade de que nos dirigíssemos à tradicional sede do Sinédrio, no interior do Santuário, me fez tremer. Fosse assim, nem o mercenário romano que custodiava o Mestre nem eu poderíamos ter tido acesso ao lugar. Felizmente – tal qual eu havia sido informado pelos textos do historiador Flávio Josefo –, poucos meses antes de se iniciar o ano 30, as castas sacerdotais haviam “descongestionado” a célebre sala das “pedras talhadas” (situada em um dos ângulos da parte sudoeste do átrio dos Sacerdotes), transferindo o local da reunião do Sinédrio para esse edifício de pedras cinzentas e apenas desbastadas.¹⁵³ O julgamento que Caifás havia planejado, como veremos, não era muito ortodoxo e, ainda que o Conselho Supremo Israelita continuasse se reunindo ocasionalmente no Santuário, desta vez – para minha satisfação – o sumo sacerdote e seus correligionários haviam preferido liquidar o assunto na nova sede, muito mais discreta que a câmara das “pedras talhadas”.

Os sacerdotes atravessaram um estreito e escuro corredor que desembocava no pequeno pátio central do bouleyterion, ou “quartel-general” do Sinédrio. Dali, e sem perda de tempo, penetramos em uma sala quadrangular, bastante espaçosa e de teto elevado, situada, a julgar pelo caminho que havíamos percorrido, na ala mais ocidental do edifício. A escassa claridade que penetrava pelas estreitas janelas obrigava a que as candeias de azeite fossem mantidas acesas.

Como eu temia, mal tínhamos pisado na sala onde se deveria celebrar o “julgamento” do Galileu, um dos criados do sumo sacerdote interpôs-se em meu caminho, exigindo que eu me identificasse. Foram segundos de grande tensão. Na

minha condição de simples mercador grego, eu não tinha por que assistir à assembleia. Diante daqueles hebreus, minha presença não era justificável sob nenhum ponto de vista. E quando eu acreditava que tudo estava perdido, o soldado, que ainda estava ao meu lado, resolveu o impasse com uma oportuníssima intervenção:

– Alto! Este homem vem comigo. Como eu, representa o governador.

Aquela mentira – fruto do denário de prata que eu havia dado ao delegado do suboficial Arsenius – foi determinante. E sem mais explicações, dirigimo-nos ao centro da câmara.

Um pouco mais da metade daquela sala (de uns dez metros de lado) estava ocupada por bancos corridos de madeira, em forma semicircular ou de meia-lua. Esses acentos comuns, sem braços, mas dotados de altos espaldares, minuciosa e primorosamente entalhados, haviam sido dispostos sobre um tablado de quarenta centímetros de altura, de forma que seus ocupantes tinham completa visão do ambiente.

Diante desses bancos, fechando o semicírculo, observei três filas de outros bancos, igualmente de madeira, mas colocados sobre as lajes do piso, portanto num nível mais baixo.

Ao entrarmos, os assentos em forma de meia-lua já estavam ocupados por um total de 23 sacerdotes. Outros seis ou sete tinham-se acomodado na primeira das três filas de bancos já mencionadas. As outras duas filas permaneciam vazias. (Posteriormente, ao confrontar essas informações com as do computador central do “berço”, pude concluir que aquela meia dúzia de saduceus e fariseus não se sentava no semicírculo simplesmente porque este era destinado ao chamado “Sinédrio menor”,¹⁵⁴ formado única e exclusivamente por 23 membros. Caifás havia conseguido reunir uns 30 “adeptos” e, em consequência, nem todos puderam tomar assento no tribunal oficial.)

Sentados na borda do tablado e de frente para cada um dos extremos do semicírculo, havia dois escribas “judiciais”. Vestiam suas tradicionais túnicas de linho branco e carregavam, em diferentes faixas, caixinhas de madeira das quais começaram a extrair seus utensílios de escritório: penas de junco e dois pequenos frascos que faziam as vezes de tinteiros. E prepararam os rolos de couro.

A bem da verdade, aqueles dois escribas foram a única coisa legal e correta em todo aquele simulacro de julgamento. (Um, segundo a Misná, encarregava-se de ir registrando as alegações em favor da absolvição do acusado ou acusados; o segundo, as propostas de condenação.)

Jesus, sempre em companhia do soldado que controlava a corda que lhe prendia os pulsos, foi obrigado a se colocar ao pé do tablado, de frente para os juízes e de costas para as três fileiras de bancos.

João e eu, em companhia dos levitas e de serviçais do Sinédrio, ficamos atrás dessas fileiras de assentos, à esquerda do Mestre. No fundo da sala, através de uma porta situada às nossas costas e que permanecia entreaberta, descobri um

grupo de hebreus. Mas, a julgar por suas vestes, não pareciam sacerdotes nem membros do Sinédrio. (A incógnita não tardaria a ser desvendada.)

Desde o primeiro momento, chamou-me a atenção um personagem que ocupava o centro do tribunal. Devia ter seus cinquenta anos. Não era muito alto e em seu corpo sobrava gordura por todos os lados. Sua obesidade se destacava sobretudo no rosto, redondo e congestionado, e na grande papada, sobre a qual descansava uma barba grisalha. A cabeça, sem o turbante que usavam alguns de seus companheiros de banco, era arrematada por cabelos negros muito curtos, no estilo “juliano”.

Sua figura se destacava visivelmente por causa das vestes, muito diferente das dos demais juízes. Trazia túnica e calções, tudo de seda, na tonalidade amarelada. Seu peito estava envolto por cinco faixas, cada uma de uma cor: ouro, carmesim, escarlata, púrpura e amarelo.

Aquele indivíduo era José ben Caifás, sumo sacerdote desde o ano 18, por designação do governador romano Valério Grato, antecessor de Pilatos.

À direita e à esquerda do genro de Anás, sentavam-se outros 22 membros do Sinédrio, quase todos portando amplos mantos multicoloridos. João, em voz baixa, foi apontando para mim os mais venenosos e intrigantes: Semes, Dothaim, Levi, Gamaliel, Jairo, Neftáli e um tal de Alexandre, em sua maioria, saduceus.

Nos rostos daqueles indivíduos – quase todos com idade que oscilava ao redor dos sessenta anos – havia perplexidade. O porte majestoso e sereno do Mestre lhes devia estar causando profunda impressão. Desde o momento em que Jesus fora colocado diante deles, não cessaram os cochichos.

Mas Caifás parecia ter pressa e, a uma ordem sua, alguns dos policiais convidaram o grupo de judeus que aguardava na sala contígua a se aproximar do Conselho.

Para surpresa – seguida de indignação – de João, aquelas “testemunhas” começaram a depor contra os ensinamentos e a pessoa do Galileu. Seus ataques, tão exaltados quanto desordenados, centraram-se fundamentalmente nas numerosas violações do sábado e das leis mosaicas que, segundo eles, Jesus e seu “grupo de esfarrapados galileus” haviam cometido. Os perjuros, manifestamente comprados de forma precipitada pelo Sinédrio, se contradiziam de modo incessante, convertendo a sessão em uma farsa. O desfile de falsos testemunhos chegou a ser tão lamentável que alguns dos juízes, envergonhados, baixavam a cabeça e se agitavam nervosos em seus assentos.

O Mestre, que nesse momento havia levantado a cabeça, permanecia impassível, sobressaindo entre todos os seus acusadores por seu porte majestoso. Aquele semblante sereno, sem a mais débil sombra de orgulho ou vaidade, exasperou ainda mais Caifás e seus cúmplices, que não entendiam como um homem podia manter a calma quando tudo apontava para uma provável sentença de morte.

– Este profanador do sábado – afirmou uma das testemunhas – é reincidente,

já que consta que foi vertido pelos sacerdotes em várias ocasiões. Portanto, deve ser condenado à morte...

(De acordo com a Misná – capítulo “Sinédrio Makkot” –, aquele que profanava o sábado premeditadamente e de forma reincidente deveria ser morto por lapidação, ou seja, por apedrejamento.)

Outra das falsas testemunhas tomou a palavra e, apontando o Galileu, lembrou à assembleia a multiplicação dos pães e peixes.

– De acordo com nossas leis – assegurou –, esse homem é um mago que engana o povo com seus atos. Aquiba diz, em nome de Yehosua: “Se dois reúnem pepinos servindo-se da magia, um dos coletores não é culpado, mas o outro, sim. O que realiza o ato é culpado e o que só engana os olhos não é”. Muitos pudemos ver, então, que esse enviado do príncipe dos demônios realizava os atos e seus discípulos o secundavam...

Um murmúrio de aprovação se espalhou entre os juízes. Mas o Mestre permanecia mudo.

– Segundo o Levítico – argumentou outro hebreu –, o réu adquiriu impureza por contato com cadáveres. E, como se isso não fosse culpa suficiente, atreveu-se a violar a sagrada crença da ressurreição dos mortos, tirando Lázaro da tumba...

Alguns dos saduceus, cuja filosofia repudiava de imediato a ressurreição dos mortos, moveram a cabeça negativamente, sorrindo sem dissimulação. Caifás, que pertencia a essa casta, deixou passar a impertinência dos saduceus. Não era o momento de entrar em polêmica com os fariseus, que haviam franzido o cenho, com evidente aborrecimento diante das irônicas e silenciosas manifestações do resto do tribunal. A momentânea tensão entre os juízes foi dissipada quando aquela testemunha desviou sua acusação para o novo “feito mágico” de erguer Lázaro do sepulcro “num tempo inferior ao toque da trompa”. (Aquele dado me fez pensar que, como cada um desses toques de corno dos levitas do Templo nunca se prolongava além de quinze segundos, a ressurreição de Lázaro – desde o momento em que Jesus o chamou até que ele voltou à vida – pode ter ocorrido em dez a quinze segundos.)

A acusação, como quase todas, era tão pueril e sem base que o sumo sacerdote – cada vez mais agitado – fez um sinal às testemunhas seguintes para que se apresentassem. Mas estas não foram mais brilhantes...

Vários judeus, acompanhando suas palavras com gestos exagerados, recordaram ao tribunal outro dos “delitos” de Jesus: “Não ter comido o obrigatório cordeiro pascal”...

Aquela informação só podia ter sido dada por Judas, que havia chegado ao edifício do Sinédrio muito antes de nós e permanecia atrás do grupo de testemunhas, ainda que não tivesse chegado a testemunhar. (As normas daquela gente proibiam que um traidor se dirigisse publicamente ao Conselho.) A lei mosaica, de fato, estabelecia que todos os israelitas eram obrigados a comer cordeiro ou cabrito na festa de Páscoa. Só anos mais tarde, após a destruição do

Templo, a Misná, em seu capítulo IV (Pesahim),¹⁵⁵ suavizaria essa norma, dizendo textualmente que “no lugar onde não se costuma comer, carne não se coma”.

Naquele desfile de incongruências e despropósitos, um dos últimos acusadores fez verdadeiro malabarismo. Aludindo a outra das leis judias, chegou a acusar o Nazareno de “homicídio frustrado”. Seu débil e irrisório argumento se baseava em outra norma que decretava a culpa daquele que golpeasse o próximo com uma pedra de tal maneira que pudesse matá-lo.

O adestrado acusador expôs então um incidente protagonizado por uma adúltera, salva da lapidação popular quando Jesus, dirigindo-se à multidão, desafiou “aquele que estivesse livre de pecado a atirar a primeira pedra”.

Para o tendencioso hebreu, aquele gesto constituía delito, já que incitava ao assassinato...

A grotesca impressão causada pela acusação diminuiu um pouco porque, subitamente, os 23 juízes e os demais membros do Sinédrio ficaram de pé. Fez-se um profundo silêncio e um dos saduceus, o que se sentava à direita de Caifás, saiu de seu lugar para cedê-lo a um indivíduo miúdo e encurvado que acabava de entrar na sala.

– É Anás! – sussurrou-me João.

Durante minha estada no palacete do ex-sumo sacerdote, não me havia surgido oportunidade de conhecê-lo. Agora, ao vê-lo subir ao tablado, com a ajuda de dois servos, senti certa decepção. O poderoso sogro de Caifás e pai da influente família sacerdotal era, na realidade, um velho decrépito, muito próximo dos setenta anos e afligido pelo mal de Parkinson em estado avançado. Como sâgan, ou presidente da câmara dos anciãos, ocupou o assento localizado à direita do sumo sacerdote em exercício naquele ano. Imediatamente, os demais juízes voltaram a acomodar-se, e Caifás, com um displicente gesto de suas rechonchudas mãos, acenou às testemunhas para que prosseguissem em seus depoimentos.

Apesar de sua mais que provável esclerose cerebral, Anás, ou Anão – como o chama Flávio Josefo –, conservava uns olhos de ave de rapina noturna, grandes e vertiginosos. Assim que ele se sentou, esses olhos percorreram a sala e pousaram nos do Mestre. E o tremor de suas mãos se acentuou.

Jesus sustentou o olhar e Anás, indeciso, procurou esconder suas apergaminhadas mãos sob o manto de púrpura que o cobria. Depois, desviando sua atenção para o inquisidor de plantão, pareceu esquecer o Galileu.

– ... Este homem – havia começado a dizer a testemunha – afirmou que destruiria o Templo e que em três dias edificaria outro, mas sem a ajuda da mão do homem.

Os archontes, ou chefes do Templo, haviam encontrado, finalmente, um argumento condenatório suficientemente sólido. Certamente aquilo não era o que Jesus havia dito. Além disso, nem essa testemunha nem a seguinte, que ratificou tudo o que havia dito a anterior, fizeram alusão alguma ao decisivo gesto em que o rabi apontava seu corpo com o dedo, ao mesmo tempo que pronunciava aquelas

palavras.

Se não me engano, aquele foi o único testemunho no qual dois sujeitos conseguiram chegar a um acordo.

Antes do término dos depoimentos das testemunhas, o clamor dos archiereis, ou sacerdotes-chefes, foi geral, perturbando a ordem da sala com exageradas demonstrações de desagrado e incredulidade.

Caifás levantou os braços, pedindo calma, enquanto um sorriso cínico se esboçava em seu rosto. E o silêncio se restabeleceu pouco a pouco. Nesse momento, Anás fez um sinal ao genro. Este se inclinou e o ex-sumo sacerdote disse-lhe algo ao pé do ouvido. Depois ambos fixaram os olhos em Jesus. Mas este continuava imperturbável. Nenhuma das alegações havia conseguido alterá-lo.

– Não respondes a nenhuma das acusações? – gritou-lhe de repente Caifás, com sua voz chiante e desagradável.

Os juízes, testemunhas, levitas e os demais assistentes, bem como Judas, esperaram a resposta do Galileu. Foi inútil. O Mestre, com os olhos postos em Caifás, não despregou os lábios.

Aquele silêncio do acusado, aliado à sua grande integridade, enrubescou Caifás. Suas pálpebras começaram a se abrir e fechar ritmicamente, tomadas de um tique nervoso. É bem possível que o ódio daquele hebreu por Jesus alcançasse naqueles minutos seu limite extremo. E estou quase certo também de que, acima dos ensinamentos e milagres de Cristo, o que verdadeiramente alimentava a vingança do sumo sacerdote era o domínio que o Mestre demonstrava. Se Jesus tivesse se humilhado e adotado uma postura conciliatória, talvez o simulacro de processo não tivesse chegado a tão trágicas consequências.

Quando tudo parecia indicar que Caifás estava a ponto de explodir, Anás levantou-se. Tirou um rolo de pergaminho do interior de sua manga direita e, enquanto o abria, anunciou ao tribunal que “aquela ameaça do Galileu de destruir o Templo era razão mais do que suficiente para justificar as seguintes acusações...”.

E, com voz rígida e insegura, o documento quase colado aos olhos, procedeu à leitura das acusações que, obviamente, haviam sido preparadas antes mesmo da sessão do Sinédrio:

“O acusado desvia perigosamente a gente do povo e, além disso, ensina-a.

“... O acusado é um revolucionário fanático, que aconselha a violência contra o Templo sagrado e, ademais, pode destruí-lo.

“...O acusado ensina e pratica a magia e a astrologia.¹⁵⁶ A prova de que promete edificar um novo Santuário em três dias, sem ajuda de ninguém, é concludente.”

João, estupefato, fez-me ver algo que estava claro como a luz: a redação de tais acusações só poderia ter sido feita de comum acordo com as falsas testemunhas.

Mas as indignidades daquele Conselho estavam apenas começando.

Anás enrolou o pergaminho e aguardou, de pé, a resposta do réu. No entanto,

Jesus não moveu um só músculo.

O ancião, visivelmente contrariado, deixou-se cair sobre o banco, enquanto um denso e ameaçador silêncio inundou de novo o recinto.

Em um acesso de ira, Caifás saltou de seu assento e se colocou diante de Jesus, e ameaçando-o com o dedo, gritou-lhe:

– Em nome de Deus vivo, bendito seja!, ordeno-te que me digas se és o libertador, o Filho de Deus... bendito seja o seu nome!

Desta vez Jesus, baixando os olhos para o pequeno e colérico sumo sacerdote, deixou que ouvissem sua potente voz:

– Sou... E logo irei para junto do Pai. Em breve, o Filho do Homem será revestido de poder e reinará de novo sobre os exércitos celestes.

As palavras do Nazareno, categóricas, retumbaram na sala como um golpe de maça. Caifás recuou dois passos. Tinha a boca aberta e trêmula, e seus olhos estavam injetados de sangue, assim como o rosto e o pescoço. Sem tirar os olhos de Jesus, agarrou as cinco faixas que circundavam seu peito e, com um puxão, fez saltar os passadores que as prendiam às costas.¹⁵⁷

A sagrada ornamentação do sumo sacerdote caiu sobre o piso com um quase inaudível ruído das agulhas de marfim tocando as lajes. E Caifás, fora de si, com a voz congestionada e uma involuntária chuva de perdigotos saltando pelo ar, exclamou:

– Que necessidade temos de testemunhas...? Já ouviram a blasfêmia deste homem...! Que pensam que devemos fazer com este violador?

Os trinta saduceus, fariseus e escribas ficaram de pé como um só homem e vociferaram em coro:

– Merece a morte! Crucificação! Crucificação!

A acelerada palpitação das artérias do pescoço de Caifás demonstrava muito claramente que seu organismo estava sofrendo uma grande descarga de adrenalina. E, com a mesma fúria com que havia arrancado parte de suas vestes, voltou a encarar o Mestre e desferiu-lhe uma violenta bofetada na face esquerda. Os anéis timbrados da mão esquerda do sumo sacerdote (cheguei a identificar uma pedra de jaspe, uma ágata e uma coralina) feriram a maçã do rosto de Jesus e dois finíssimos fios de sangue começaram a lhe correr pela barba.

O Galileu não deixou escapar um só lamento. Baixou os olhos. Não voltaria a erguê-los até que a polícia do Templo o conduzisse à sala onde haviam estado reunidas as testemunhas.

O genro de Anás voltou para o seu lugar, enquanto o coro de juízes continuava vociferando: "Morte...! Morte...!".

João agarrou meu braço e mordeu o manto, numa crise de impotência e desespero. Mas ninguém, nem sequer o soldado romano, moveu um só dedo em defesa do acusado.

Anás, o único a permanecer sentado e em silêncio, pediu calma. E, quando o último dos sinedristas obedeceu à ordem, Anás se dirigiu ao agitado Conselho

sugerindo que se reunissem novas acusações. Especialmente, acusações que pudessem comprometer o Nazareno diante da autoridade romana. Com uma inteligência muito mais sutil que a de todo o resto dos ali congregados, o veterano ex-sumo sacerdote deu-lhes a entender que as alegações já apresentadas poderiam não satisfazer Pôncio Pilatos.

Mas os sacerdotes, tendo Caifás à frente, opuseram-se categoricamente. E durante um bom tempo os chefes do Templo, escribas e fariseus discutiram, uns cortando a palavra dos outros. Daquela áspera polêmica, deduzi que os archiereis – como Caifás já o havia demonstrado – não desejavam que o processo se prolongasse, por duas razões básicas:

Primeira: porque era dia da “preparação” da Páscoa e, pela Lei, todos os trabalhos deveriam ser concluídos antes do meio-dia.

Segunda: porque o temor geral apontava para a possibilidade de que o governador deixasse Jerusalém e regressasse à sua base, Cesareia.

Esta segunda razão pesou mais do que a primeira. Se Pôncio deixasse a Cidade Santa, as manobras do Sinédrio teriam sido estéreis.

Anás não pôde controlar a situação e os juízes, imitando o sumo sacerdote, levantaram-se e abandonaram a sala. Mas antes, um após outro, passaram diante do Mestre e lhe cuspiram no rosto. Se não estou enganado, foram trinta cusparadas. Ou melhor: escarros e cusparadas, em partes iguais.

Quando o Mestre passou do nosso lado, a caminho da sala onde iria ter lugar uma das mais selvagens e deprimentes afrontas daquele dia, o discípulo virou o rosto para o outro lado, impressionado com os repugnantes escarros que quase ocultavam as faces e a barba do dócil Jesus. João foi tomado de fortes ânsias e acabou por vomitar em um canto da sala.

Dessa forma, em meio a grande confusão, foi encerrada a primeira parte daquele “julgamento”. Eram seis e meia da manhã...

Aquela interrupção do julgamento de Jesus de Nazaré pelos judeus iria ser, na realidade, uma nova e grotesca caricatura do que deveria ser um julgamento objetivo. As normas hebreias – como irei esmiuçando durante esses dois comparecimentos do rabi da Galileia diante do irregular Conselho do Sinédrio – eram muito rigorosas em tudo que se relacionasse a processos “de sangue”. Em sua ordem Quarta (Capítulo V), a Misná israelita estabelece com grande rigor e meticulosidade que, “se o réu for declarado inocente, será liberado. Caso contrário, os juízes marcam a sentença para o dia seguinte...”.

Pois bem, essa importantíssima prescrição jurídica não só não foi levada em consideração por aqueles trinta juízes seguidores do sumo sacerdote como foi vilmente manipulada.

De comum acordo, Caifás e seus adeptos se retiraram da sala do tribunal, reduzindo as obrigatórias 24 horas de reflexão e jejum, que deveriam preceder o pronunciamento definitivo da sentença, a trinta poucos minutos. Meia hora em que se atingiu, na minha opinião, uma das mais altas cotas de selvageria a que poderia

chegar um grupo humano...

É possível que os evangelistas não nos tenham dito praticamente nada do que aconteceu com o Mestre naqueles momentos e naquele lugar por desconhecimento ou por respeito. Pessoalmente, inclino-me pelo primeiro motivo: falta de informação. Como explicarei em seguida, João não pôde presenciar os terríveis fatos ocorridos naquela meia hora. Os escritores sagrados fazem algumas alusões – sempre muito superficiais, como quem não quer entrar em detalhes – sobre uma bofetada, algumas cusparadas e golpes desferidos pelos servos do Sinédrio...

Creio, honestamente, que os evangelistas – talvez no afã de não mortificar seus leitores com os padecimentos de Cristo – prestaram um fraco serviço à verdade, não expondo com maior minúcia esse amargo transe do Nazareno. Ao se conhecer com exatidão o acontecido naquela manhã em uma das câmaras do Sinédrio, pode-se intuir que aquele foi, talvez, o momento mais amargo e humilhante de toda a Paixão. Muito mais, certamente, que a flagelação ou a terrorífica cena do encravamento... Entendo que, para qualquer pessoa normal – e muito mais, logicamente, se esse homem “é” a própria Divindade –, os ultrajes e ataques à dignidade são piores do que os golpes ou torturas propriamente ditos. Foi o que aconteceu com Jesus enquanto os juízes deliberavam no jardim central do edifício.

Sem hesitar um único instante, fui atrás do soldado que custodiava Jesus, enquanto João, muito afetado por aquela repulsiva desonra a seu Mestre, saía da sala para respirar ar puro e se recuperar física e emocionalmente.

Mas poucos minutos depois, eu o vi entrar na sala para onde os levitas haviam levado Jesus. Estávamos em um cubículo de pequenas dimensões, totalmente vazio, desprovido de móveis e sem nenhuma ventilação. Dois domésticos do Sinédrio sustentavam tochas, que juntamente com três pequenas candeias de azeite penduradas nas paredes de ladrilho iluminavam o aposento com uma luz mortíca e fantasmagórica.

O Nazareno foi colocado no centro do úmido e malcheiroso cômodo, enquanto os policiais e criados do Templo – uns doze, mais ou menos – tomavam posição, recostando-se nas paredes ou sentando-se no chão duro.

Minha primeira impressão, ao observar o silêncio e a total indiferença daqueles indivíduos, foi relativamente tranquilizadora. Era claro que os sicários de Caifás haviam recebido ordens de custodiar o réu e esperar o reinício do julgamento. Mas, decorridos não mais do que dois minutos, um dos levitas que haviam acompanhado a reunião do Conselho assomou à porta, fazendo sinais para um dos que carregavam tocha. Depois de um breve cochicho, o recém-chegado desapareceu e o da tocha se aproximou dos demais e lhes transmitiu a ordem que, sem dúvida, aquele policial acabava de trazer.

Os criados e levitas formaram um círculo, dialogando em voz baixa e dirigindo constantes olhares ao preso. Tramavam algo...

Nesse momento crítico, Jesus voltou a levantar o rosto, buscando o que olhar.

Por fim, fixou-se em João, que continuava muito perto da porta. Sem nada dizer, fez-lhe um gesto com a cabeça, ordenando-lhe que saísse da sala. Aquele sinal foi taxativo. Mas o discípulo hesitou, respondendo-lhe com uma negativa O Mestre, pela segunda e última vez, inclinou a cabeça para a direita, indicando-lhe a porta. Nos olhos do Nazareno havia uma força e uma segurança tais que, afinal, João acabou por obedecer, abandonando o lugar.

O soldado, testemunha como eu dessa silenciosa ordem do réu, interrogou-me com o olhar. Só pude mover os ombros, para indicar que não entendia o que se passara. Naquele momento eu não atinava mesmo com a razão pela qual o Nazareno obrigara seu inesperável amigo a nos abandonar. Lamentavelmente, não tardaria a saber...

João ausente, o Mestre limitou-se a me observar durante alguns segundos. Naqueles olhos semicerrados por causa das cusparadas já ressecadas, percebi uma mistura de infinita tristeza e resignação. Depois, o gigante baixou novamente a cabeça e se abstraiu em seus pensamentos.

Aquela tensa calma não tardou a explodir. O grupo de assassinos mercenários foi circulando em torno do Mestre. Os das tochas se colocaram cada qual de um lado de Jesus e, sem aviso prévio, o criado que havia recebido a misteriosa ordem se desfez de seu manto e o jogou em um canto da sala. A seguir, colocando-se a quatro dedos do peito do rabi, levantou seus olhos e começou a interrogá-lo:

– Diz, “príncipe de Belzebu”... como se chamam teus cúmplices?

Jesus nem sequer levantou o rosto.

Nesse momento comecei a pensar em que consistia aquela ordem que os policiais e os servidores de Sinédrio acabavam de receber. Pelo que me lembre, Anás havia feito a mesma pergunta.

Era mais que provável que o Conselho dos saduceus, escribas e fariseus, que estavam em recesso, tivesse decretado que os guardiões do Mestre aproveitassem aqueles minutos para interrogar e induzir o impostor a responder.

– Conhecemos Judas – tornou o lacaios, com um sorriso que me fez temer pelo pior –, e também Simão, o Zelote, e esse João Zebedeu... Mas quem são os demais? Responde!

O Mestre não pestanejou. Seu rosto, fixo nas lajes cinzentas do piso, estava ausente.

– ... Assim te negas a responder...

O criado deu-lhe as costas e avançou um curto passo, mas instantaneamente se voltou e o esbofeteou com a mão esquerda. O golpe foi tão duro quanto inesperado. E o corpo todo de Jesus cambaleou.

Os restos de escarros aderidos à face direita do Mestre ficaram na palma da mão do esbirro, que, com uma careta de repugnância, sacudiu seus dedos mais de uma vez para se livrar daquela imundície. E acabou por limpar a mão no manto do Nazareno.

Quando o soldado ao meu lado tentou interromper aquele súbito e selvagem

ataque, um dos guardiães do Templo tomou-o pelos ombros e, afastando-o do rabi, entregou-lhe uma pequena bolsa de couro, sussurrando-lhe que não interviesse e repartisse aquelas moedas comigo. O suborno tornou mudo e surdo o mercenário, que, a partir daquele momento, não saiu mais de um dos cantos da sala. Sua satisfação cresceu quando me neguei a aceitar a minha parte.

Apesar do ressentimento que havia começado a queimar minhas entranhas, não pude fazer outra coisa senão observar e procurar não alterar os acontecimentos, como estabelecia o código do Cavalo de Troia.

E desde aquele instante uma chuva de socos e bofetadas começou a cair sobre o corpo do Mestre.

De vez em quando, entre um golpe e outro, alguns dos levitas voltavam a interrogá-lo:

– Responde...! Quantos sois? Como se chamam teus seguidores...? Quem tomou o comando?

Jesus, com os lábios rasgados pelos impactos, não cedia. Alguns dos socos haviam explodido contra seus olhos, provocando uma lenta, mas alarmante inflamação.

No meio daquela iniquidade, fiquei maravilhado uma vez mais diante da serenidade e fortaleza física daquele galileu. Muitos golpes, lançados com frieza sobre pontos tão delicados e vulneráveis, como olhos, lábios, rins e estômago, teriam prostrado um homem normal. No entanto, o Nazareno – ainda que chegasse a cambalear em várias ocasiões – não deixou escapar um único gemido e conservou sempre o equilíbrio.

O hermético silêncio do réu foi avivando o furor dos levitas e o castigo se intensificou.

Suarentos, ofegantes, arrastados ao paroxismo e não satisfeitos com a tortura que estavam infligindo ao Mestre, aqueles energúmenos foram em busca de um cântaro de água, e com ele o submeteram a um dos suplícios mais angustiosos que o homem já inventou.

Um dos sicários colocou-se às costas de Jesus e puxou-lhe violentamente os cabelos. Automaticamente, o corpo robusto se dobrou para trás. O segundo homem abriu-lhe os lábios, enquanto o terceiro, que carregava o cântaro, começou a despejar água na boca do Nazareno. O líquido ia penetrando em borbotões durante vários e intermináveis segundos, até que, finalmente, o rabi se viu atacado por um seco e intenso acesso de tosse que pôs fim à tortura. Sem saber, aquelas bestas humanas haviam aliviado – mas de que forma! – o sofrido organismo do prisioneiro. (A partir do estresse registrado no horto de Getsêmani, o Mestre havia começado a experimentar um perigoso processo de desidratação que seria sensivelmente agravado depois dos açoites.)

O criado que carregava o recipiente de barro afastou-se para um lado e, enquanto o levita continuava puxando os cabelos do réu, outro esbirro levantou a perna esquerda e lançou um pontapé contra o baixo ventre do indefeso prisioneiro.

Foi uma das poucas vezes em que ouvi um gemido da boca de Jesus. A dor deve ter sido tão lancinante que, apesar de estar dobrado para trás, o tronco e a cabeça do Galileu se endireitaram num reflexo, ao mesmo tempo que ele desabava, caindo com o rosto no chão.

– Estúpidos! – interveio o soldado, indo em socorro do corpo imóvel do preso. – Será que pretendeis acabar com ele?

O policial que havia estado segurando Jesus pelos cabelos soltou uma mecha que havia ficado entre seus dedos e, tomando o cântaro das mãos de seu companheiro, atirou parte do conteúdo sobre a nuca do Nazareno.

Por que Jesus havia caído de bruços, não consegui perceber se ele, como eu temia, havia perdido a consciência. Mas como continuava com os pulsos atados às costas, os próprios criados e levitas, ajudados pelo sentinela romano, tiveram de levantá-lo. E, quando por fim consegui ver seu rosto, um calafrio me percorreu o corpo: Jesus empalidecera ao extremo e um dos supercílios, o esquerdo, estava aberto, possivelmente devido ao choque com o chão. O nariz, ainda que com alguns hematomas, não parecia gravemente lesado pela queda. Isso me fez pensar que o Mestre ainda estava consciente no instante do choque com o solo, tendo, talvez, “amortecido” o violento impacto com um giro da cabeça. O sangue, todavia, havia começado a fluir em abundância, logo cobrindo a face esquerda.

Instintivamente, o Nazareno começou a respirar fundo e, pouco a pouco, foi se recuperando, ainda que seu rosto não guardasse semelhança alguma com aquele semblante majestoso e sereno que apresentava ao entrar na sede do Sinédrio.

O sangue começava agora a gotejar de sua barba, manchando o manto e parte da túnica.

Os sequazes de Caifás, um pouco mais calmos, isolaram-se em um dos cantos da sala e iniciaram outra troca de impressões. Então, aquele que se havia desvencilhado do manto, recolheu-o do chão para lançá-lo à cabeça do rabi, cobrindo-o. Feito isso, outro dos levitas se aproximou de Jesus, gritando-lhe entre fortes gargalhadas:

– Profetiza, libertador...! Dize-nos: quem te pegou?

E, brandindo um bastão de uns quatro centímetros de diâmetro com a mão esquerda, descarregou um golpe seco e aterrador no rosto do silencioso Mestre. Este retrocedeu alguns passos, em consequência do golpe, mas, antes que pudesse perder totalmente o equilíbrio, outro dos criados o abraçou e o sustentou em pé.

As gargalhadas provocaram um rápido contágio e, um após outro, toda aquela multidão foi participando do desapiedado jogo.¹⁵⁸

As bofetadas e bastonadas se sucederam por dez minutos. E a cada golpe o agressor entoava a mesma pergunta cínica:

– Profetiza...! Quem te pegou?...! Profetiza, bastardo...!¹⁵⁹

Ali pelas sete da manhã, quando o Nazareno, encurvado e apoiado a uma das paredes, parecia a ponto de desfalecer, entraram na sala vários levitas que mandaram retomar o réu para enfrentar o Conselho.

Quando aqueles selvagens retiraram o manto da cabeça do Mestre, o sangue gelou-me nas veias. Se eu não soubesse que era Jesus que ali estava, creio que não teria sido capaz de reconhecê-lo. A bastonada – a primeira, suponho –, não obstante o manto ter “amortecido” o golpe, havia atingido o pômulo direito e parte do nariz, provocando edema em ambas as zonas. Esse e os demais golpes, socos e bofetadas haviam provocado uma copiosa hemorragia nasal. O sangue emanava de ambas as fossas e corria sobre os lábios, empapando bigode e barba.

Os hematomas dos olhos eram tão acentuados que o rabi quase não podia abri-los.

Aquele rosto ferido, inflamado, com a face esquerda ensanguentada, deixou sem fala alguns dos criados e sicários do Sinédrio. Evidentemente, o castigo havia sido brutal. E, para minha surpresa, vários levitas, nervosos, começaram a discutir sobre a conveniência de lavar e tornar mais decente a face do Mestre. Não por misericórdia, certamente, mas por temor a possíveis represálias ou recriminações dos juízes e talvez dos seguidores de Jesus. E, por fim, um dos criados embebeu na água que restava no cântaro uma extremidade do manto com que o haviam coberto.

Num impulso que nunca consegui explicar a mim mesmo, adiantei-me até o policial, identificando-me como médico, e pedi-lhe que me permitisse lavar o rosto do Galileu para verificar – eu disse – possíveis fraturas.

Os policiais concordaram aliviados, mas sugeriram que eu fosse rápido, porque o Conselho aguardava.

Obviamente, dentro dos planos da Operação Cavalo de Troia não se contemplava a possibilidade de que eu limpasse os ferimentos que o Mestre pudesse ter sofrido. Como já expliquei, isso era rigorosamente proibido. Todavia – e já que os levitas se dispunham a limpar a massacrada face do prisioneiro –, considereei que aquela era uma ocasião ímpar de comprovar de perto – e pessoalmente – os danos exteriores e visíveis mais graves. Apesar dessa justificação, também houve “algo” interno que me impeliu a tomar aquela decisão...

Tomei, pois, o tosco manto e, com toda a delicadeza, comecei a limpar os grumos de sangue que haviam aderido ao pômulo e à face esquerda. As hemorragias, tanto a produzida pela ruptura do supercílio esquerdo como a nasal, eram ostensivas, ainda que eu tivesse tido a impressão de que a perda de sangue não havia sido substancial. A julgar pelos filetes e crostas de sangue acumulados na barba, manto e túnica, não creio que fosse superior a 200 ou 300 centímetros cúbicos.

Pude também deduzir que a capacidade de coagulação do sangue de Cristo era normal. Tanto a brecha do supercílio como os cortes dos lábios e a hemorragia nasal haviam coagulado rapidamente.

Quando aquela metade do rosto ficou razoavelmente limpa, eu me desfiz do manto e, antes que os criados de Caifás pudessem agir, introduzi meus dedos no

rasgão que a adaga do assaltante na noite da última quinta-feira havia feito em minha túnica e, com dois fortes puxões, consegui um pequeno pedaço dela. Introduzi o retalho na boca do cântaro e o umedeci quanto pude. Em seguida, passei o suave tecido sobre o nariz deformado, lábios, supercílios e pálpebras.¹⁶⁰

Ao tocar o edema do pômulo direito, deduzi que a bastonada havia comprometido uma ampla área do osso malar, alcançando parte do olho direito. Se aquele hematoma continuasse a se desenvolver, o mais provável era que o Mestre acabasse tendo sérias dificuldades para manter o olho aberto.

Quanto ao nariz, sem uma radiografia não dava para saber se aquele impacto havia fraturado os ossinhos “próprios” ou nasais. Esses dois ossos, como sabem os médicos, são frágeis, podendo ser afundados com um soco.

Em minha opinião, os treze ossos do rosto do Mestre pareciam intactos. Insisto, contudo, em minhas sérias dúvidas sobre o par de nasais. Pela violência do golpe, era possível que eles tivessem sido lesados. (Acho que a famosa profecia de que “nenhum dos ossos do Messias seria fraturado” pode muito bem referir-se aos ossos “longos”.)

Houve um detalhe que, com a devida reserva, levou-me a crer desde o primeiro momento que os ossinhos nasais podiam estar machucados. Ao longo da segunda limpeza, quando toquei amassa muscular inflamada do nariz (o “piramidal” e o “transverso”, especialmente) e apalpei a área da cartilagem nasal, o rabi recuou levemente. Apesar da extrema suavidade do meu toque, o simples roçar do tecido naquele ponto do nariz multiplicou sua sensibilidade.

Nesse momento, o gigante – que continuava em silêncio – entreabriu como pôde os olhos e os fixou em mim. Tentei sorrir e creio que o consegui. Era tudo o que podia lhe dar. Jesus captou minha pobre, mas sincera demonstração de amizade e seus lábios estremeceram. E, de repente, para meu desconsolo, uma lágrima rolou de seu olho esquerdo, aumentando minha sensação de impotência...

O sicário que havia advertido os carrascos voltou a assomar à porta e com um gesto de impaciência abriu passagem até o réu. Puxando-o por um dos braços, empurrou-o para a saída.

O Mestre, com passo vacilante, entrou de novo na sala do Sinédrio. A noite sem dormir, a dor e o cansaço após aquela pancadaria haviam começando a minar seu organismo.

Fui o último a abandonar aquele trágico lugar. Deliberadamente, esperei que houvesse saído o último dos levitas para me agachar e recolher a mecha de cabelos que um dos policiais havia arrancado involuntariamente da cabeça de Jesus. Ocultei-a em minha bolsa, junto com o retalho ensanguentado da túnica, e voltei depressa para a reunião do Sinédrio.

Os juizes haviam ocupado os mesmos postos e o Nazareno, escoltado pelo soldado e dois criados, tentava manter-se de pé diante do semicírculo. Seu aspecto, apesar da sumária lavagem de seu rosto, era tão lamentável que aqueles trinta judeus não puderam esconder a surpresa. Durante alguns minutos trocaram

olhares sarcásticos, imaginando o suplício a que havia sido submetido o impostor e regozijando-se, suponho, pela súbita alteração daquele majestoso e sereno rosto.

João, que havia voltado a se juntar a mim, não conseguia pronunciar palavra alguma. Com os olhos espantados e fixos no semblante do Mestre, não acreditava naquilo que, desgraçadamente, era apenas o princípio do fim...

Quando os escribas judiciais se sentaram em seus postos, Anás tomou a palavra e, apontando um pergaminho que seu genro tinha nas mãos, insistiu na ideia que já havia exposto na primeira parte da reunião. Para ele, a acusação de blasfêmia carecia de força, ao menos perante o governador romano. E insistiu na necessidade de redigir uma série de acusações que comprometessem o rabi com a justiça que Pilatos representava.

Ao ouvir o sogro de Caifás, imaginei que aquele rolo a que havia feito alusão devia conter a sentença definitiva contra Jesus. E, sem poder reprimir a curiosidade, perguntei a João qual havia sido a deliberação dos juizes.

O cada vez mais deprimido discípulo sequer me escutou. Tive de tocá-lo ligeiramente para que ele entendesse minha pergunta. E com os olhos umedecidos, explicou-me que, durante a improvisada reunião dos saduceus e fariseus no pátio central do edifício, "aqueles indignos sacerdotes só haviam chegado a um acordo: executar Jesus".

Apesar de ter permanecido muito próximo dos juizes, João não chegou a conhecer o texto da sentença, redigida pelo próprio Caifás depois de muitos debates.

Por um momento, julguei que o sumo sacerdote leria a acusação, ou acusações. Mas não foi assim. Depois de muitos rodeios e divagações por parte de toda a assembleia, três fariseus se levantaram e renunciaram a continuar participando do "processo". Ainda que estivessem de acordo com a sentença de morte, seu tradicional senso de "pureza" os aconselhava – segundo manifestaram publicamente – a não participar daquela flagrante ilegalidade, "a menos que o Nazareno fosse conduzido para ficar perante Pôncio e se desse conhecimento a ele do motivo pelo qual fora condenado".

Caifás não se abalou com aquela deselegância dos chamados "santos", ou "separados", e depois de uma consulta aos demais membros do tribunal, suspendeu a sessão.

Às sete e meia da manhã, os saduceus, os escribas e uns poucos fariseus que se haviam mantido fiéis a Caifás, desfilaram pela segunda vez diante da maltratada figura do Nazareno.

O Mestre não tardou a seguir os passos dos juizes. Fortemente escoltado, permaneceu alguns minutos no jardim interno do edifício do Sinédrio. Em um dos cantos, Caifás e seus homens continuaram discutindo acaloradamente. Voltaram a entrar no semicírculo e, depois de alguns momentos, reapareceram no pátio central. O volumoso sumo sacerdote levava dois pergaminhos na mão esquerda. Aquilo me causou estranheza.

Ato contínuo, Caifás se pôs à frente dos levitas e servos, ordenou que estreitassem o cerco em torno do blasfemo e tomou o caminho do quartel-general romano. Anás e a maior parte dos juízes se despediram de Caifás e regressaram ao interior da sala onde se havia desenrolado aquela primeira parte do processo.

Judas Iscariotes, que não havia trocado uma só palavra conosco, juntou-se também à comitiva.

O sumo sacerdote em função, meia dúzia de saduceus e o pelotão que escoltava o Mestre tomaram as ruas da cidade alta em direção à porta dos Peixes. Quando a comitiva passava diante dos bazares, as pessoas se levantaram e saudaram reverentemente o sumo sacerdote. Em minha opinião, nenhuma daquelas pessoas chegou a reconhecer Jesus. Os hematomas dos olhos, do nariz e do pômulos direito haviam deformado seu rosto a ponto de torná-lo irreconhecível.

Enquanto marchávamos com toda a pressa para a fortaleza, reparei de novo nos rolos que Caifás levava. Que poderiam conter? Seria a sentença a ser mostrada a Pôncio Pilatos?

Em minha mente girava sem parar aquele anúncio do tribunal, prometendo uma segunda parte do processo. Se minhas informações eram corretas, Jesus não voltaria a pisar o Sinédrio. Que aconteceria então?

Se bem que, analisados os fatos friamente e diante do recorde de irregularidades verificado naquele simulacro de julgamento, que se podia esperar de uma suposta segunda sessão?

Se fosse feita uma análise sumária daquele julgamento, os sinedristas haviam infringido pelo menos doze das normas básicas que as leis hebreias fixavam para processos relacionados com a pena capital. Vejamos algumas das mais flagrantes:

1ª Para começar, segundo a Misná (ordem quarta, Sinédrio), os processos chamados de pena capital deveriam ser abertos com a declaração de inocência do réu e não de sua culpabilidade.

2ª Os processos de sangue – ou em que se presumisse que poderia estar em jogo a vida do acusado – deveriam ser realizados de dia e a sentença, se condenatória, jamais poderia ser pronunciada no mesmo dia. “Por isso – diz a lei judaica – não se pode realizar um processo de sangue na vigília do sábado de um dia festivo.”¹⁶¹

Portanto, ao reunir-se no dia 7 de abril, uma sexta-feira, véspera do sábado e da Páscoa, o “pequeno Sinédrio” cometeu um duplo delito.

3ª Nesses processos capitais, o julgamento deveria ser aberto sempre por um dos juízes que se sentavam ao lado do mais velho, a fim de que “os juízes de menor autoridade não fossem influenciados pelos anciãos” (no julgamento do Mestre foram as falsas testemunhas que iniciaram as formalidades).

4ª E, falando das falsas testemunhas, só a atuação desse grupo já teria invalidado qualquer outro julgamento similar. A lei judaica era e é muito rigorosa nesse ponto. Antes de se iniciar o processo, as testemunhas deveriam ser advertidas severamente: elas eram introduzidas no interior de um recinto – diz a

Misná – e se lhes infundia temor, dizendo-lhes que não falassem por mera suposição, por ouvir dizer, pelo depoimento de outra testemunha ou pela declaração de um homem (mesmo digno de fé) que tivessem ouvido, nem pensassem que seu depoimento, no final, não seria examinado e analisado. “Deveis saber” – dizia-se às testemunhas – “que nos processos de sangue o sangue do réu e o sangue de toda a sua descendência penderá sobre o falso testemunho até o fim do mundo...”

Nada disso se viu na sede do Sinédrio. E mais: as subornadas testemunhas caíram em contínuas e chocantes contradições. A mesma lei estabelecia que os perjuros deveriam ser flagelados ou até mesmo condenados à morte. É óbvio, portanto, que aqueles indivíduos só correram tal risco porque sua imunidade teria sido previamente garantida – e, naturalmente, receberam alguma substancial quantia em dinheiro.

5ª “Se o réu fosse declarado culpado – continua prescrevendo a lei mosaica –, a sentença deveria ser marcada para o dia seguinte.” Como já mencionei, nada disso foi respeitado. Para cúmulo, o tribunal suspendeu a sessão por meia hora, mas voltou à sala de imediato. “Entrementes – prossegue a lei – os juízes se reúnem de dois em dois, comem muito frugalmente, abstêm-se de vinho durante todo o dia, passam discutindo e deliberando toda a noite e, pela manhã, levantam-se cedo e vão ao tribunal.”

6ª Se depois de tudo isso continuassem considerando o prisioneiro merecedor da pena capital, a sentença definitiva deveria ser definida mediante votação. “Se doze o declaravam inocente e doze o consideravam culpado, era declarado inocente. Se doze o consideravam culpado e onze inocente ou, ainda, se onze o declaravam inocente e outros onze culpado e um dizia ‘não sei’, se deveria reunir mais juízes.”

Quantos deveriam ser convocados?

“Sempre de dois em dois, até alcançar os 71.”

No processo presidido por Anás e Caifás, não houve nenhuma votação.

7ª A lei hebraica proibia que uma mesma pessoa fosse juiz e acusador. Caifás acumulou ambas as funções.

8ª Tampouco foi anunciada a sentença, como prescrevia a lei: “... Escreve-se (a sentença) e se enviam mensageiros a todos os lugares, dizendo que fulano de tal foi condenado à morte pelo tribunal”.

Essa foi uma das razões pelas quais os três fariseus que tomavam parte do Conselho decidiram retirar-se. E – para cúmulo da suprema irregularidade jurídica – nem sequer o próprio réu conheceu o texto definitivo da sentença de morte. (Como veremos mais adiante, Jesus de Nazaré morreu sem conhecer “oficialmente” sua culpa...)

9ª A própria resposta dada pelo Mestre a Caifás, quando este o instou a declarar que era o Messias, não foi uma blasfêmia tal como a lei a conceituava. Segundo a Misná, “o blasfemo não é culpado se não menciona expressamente o

Nome". Na resposta de Jesus, como se pode lembrar, ele não citava o "Nome", isto é, Jeová, Deus ou Divino. Jesus disse: "Sou... E logo irei para junto do Pai. Em breve, o Filho do Homem será revestido de poder e reinará de novo sobre os exércitos celestes". Onde, nessas palavras, aparece o "Nome" explícito de Deus?

10ª E, no caso de que isso tivesse ocorrido, a lei especificava que, uma vez concluído o julgamento, não se sentenciasse à morte o réu usando rodeios, mas que se pusesse todo o público para fora da sala do julgamento e se perguntasse à testemunha de mais dignidade: "Diz: que foi que ouviste de modo explícito?" A testemunha o dizia. Então os juizes ficavam de pé e rasgavam suas próprias vestes, que não podiam ser costuradas. A segunda testemunha dizia: "Eu também ouvi como ele". E a terceira afirmava: "Eu também (ouvi), como ele".

No julgamento de Jesus ocorreu algo assim? Nem sequer Caifás chegou a rasgar suas vestes de verdade...

11ª Se o Tribunal considerou que Jesus era um falso profeta – como de fato ocorreu –, a lei não autorizava tampouco o seu julgamento, a não ser pelo "grande Sinédrio", formado sempre por 71 juizes. E aquele, como eu já disse, constava, oficialmente, de 23.

12ª Por último – ainda que, repito, o rosário de falhas e irregularidades nesse processo pudesse ser mais extenso –, os juizes não respeitaram também as normas legais que marcavam as segundas e as quintas-feiras como as datas oficiais para as diferentes comissões e assembleias dos tribunais de justiça (assim prescreve a Misná, em sua ordem terceira, capítulo 1).

Enquanto durou meu treinamento para essa missão, tive a oportunidade de pesquisar numerosas fontes e observei que até hoje, entre os exegetas, demais autores e estudiosos dessa parte da Bíblia, não existe acordo sobre quais teriam sido os responsáveis pelo julgamento e pela posterior condenação à morte do Nazareno. Para muitos (predominantemente autores judeus), o Sinédrio daquela época gozava da prerrogativa da pena capital. "E se Jesus – dizem – foi executado ao estilo romano, é porque não havia conflito entre eles."¹⁶²

Para outros, o Conselho Supremo da comunidade israelita – o Sinédrio – podia julgar, mas nunca aplicar e executar a pena máxima. Dentro desse pressuposto, as castas sacerdotais não tiveram outra alternativa senão comparecer diante de Pilatos para que ele confirmasse a sentença.¹⁶³

Nunca consegui compreender o porquê dessa diferença de critérios, ao menos entre os exegetas e escritores católicos. A maioria concorda com o misterioso e dificilmente comprovável episódio da ressurreição de Jesus (do ponto de vista histórico-científico), contudo gastam-se rios de tinta a favor e contra a jurisdição penal do Sinédrio. Se se aprofundassem de verdade no assunto – para além das numerosas referências históricas sobre o poder de Roma e de seus governadores –, veriam que, considerando o ódio que Caifás e seus correligionários sentiam por Jesus, seria fácil ditar a pena capital e executá-la sem mais. O fato inquestionável da visita à fortaleza Antônia e a submissão ao julgamento de Pilatos mostram

visivelmente que Roma é que tinha a última palavra. No caso da morte de Estêvão (ano 36 da nossa Era) e de Tiago, um dos irmãos de Jesus de Nazaré (ano 62 d.C.), muitos defensores da “culpabilidade romana” na execução do Mestre da Galileia têm pretendido ver duas provas decisivas da capacidade legal do Sinédrio para emitir e executar sentenças capitais. Entendo, no entanto, que ambas as lapidações, de fato executadas pelo Sinédrio, ocorreram em períodos nos quais a província romana da Judeia encontrava-se temporariamente sem governador. No ano 36, Vitélio enviou Pilatos a Roma para prestar contas ao imperador Tibério; e em 62, segundo narra Flávio Josefo (Antiguidades, XX, 197 e seguintes), o governador romano Festo acabava de morrer e seu sucessor, Albino, não havia ainda chegado à Judeia.

Existe, além disso, outro contrassenso. Se o Sinédrio gozasse verdadeiramente dessa capacidade legal de aplicar e executar a pena de morte, por que Jesus não foi justificado ao “estilo judaico”?

A lei judaica, uma vez mais, era extremamente cuidadosa nesse aspecto. Na ordem Quarta (capítulo VII), a Misná diz textualmente: “O Tribunal podia infligir quatro tipos de penas de morte: a lapidação, o abrasamento, a decapitação e o estrangulamento”.

Geralmente, a lapidação, ou apedrejamento, era a pena mais dura. Era aplicada – e continuo citando a lei hebraica –: “ao que tem relação sexual com sua mãe ou com a mulher de seu pai ou com a nora ou com um varão ou com uma besta; à mulher que atrai para si uma besta (para copular com ela); ao blasfemo; ao idólatra; ao que oferece seus filhos a Moloc (um ídolo); ao necromante; ao adivinho; ao profanador do sábado; ao que amaldiçoa o pai ou a mãe; ao que copula com uma jovem prometida; ao que induz um particular à idolatria; ao sedutor que leva toda uma cidade à idolatria; ao feiticeiro; ao filho obstinado e rebelde”.

Quanto ao “abrasamento” – que tive a oportunidade de presenciar em minha segunda “grande viagem” –, a lei estabelecia que eram passíveis de semelhante execução “aquele que tinha relação sexual com uma mulher e sua filha; e também a filha do sacerdote que havia fornicado (depois de ter contraído matrimônio)”.

Morriam decapitados “o homicida e os habitantes de uma cidade apóstata”.

Por último, a pena de estrangulamento recaía nos seguintes: “No que fere seu pai ou sua mãe; no que rapta uma pessoa em Israel; no ancião que se rebela contra a sentença do tribunal; no falso profeta; no que profetiza em nome de um ídolo; no que tem relação sexual com a mulher de outro; no que levanta falso testemunho contra a filha de um sacerdote ou se deita com ela”.

Admitindo, pois, que o Sinédrio tivesse tido poder para executar Jesus e se as imputações mais importantes eram as de “blasfemo”, “falso profeta”, “mago” e “profanador do sábado”, o mais lógico seria que os hebreus o tivessem lapidado ou estrangulado. Por que pediram então sua morte por crucificação?

Em minha opinião, isso só pode obedecer a uma dupla razão: primeira, o

tribunal sabia que o governador era quem deveria decidir; segunda, naquele simulacro de julgamento, a maioria dos juizes era de saduceus, ou seja, o ramo "duro" das castas sacerdotais. Caifás era um deles e soube conquistar um pequeno grupo, que foi aquele que assistiu à sessão matutina do "pequeno Sinédrio". Como já citei, os saduceus – qualificados nos Atos dos Apóstolos (5,17) como "o círculo do sumo sacerdote Caifás", estavam em aberta oposição aos fariseus, desfrutando de uma "teologia" e de um "código penal" próprios. Se o tribunal houvesse sido constituído por uma maioria de fariseus, possivelmente as coisas teriam sido diferentes e Jesus teria terminado a vida apedrejado ou estrangulado. Mas a morte pela crucificação era muito mais vil e humilhante que as ditadas pela lei mosaica, e é quase certo que a maioria saduceia se inclinasse por ela, esmerando-se ao máximo em seu ódio contra o impostor.

No entanto, a dúvida continuava flutuando em meu cérebro. Por que os inquisidores sinedristas haviam exigido – e voltariam a exigir diante de Pilatos – a pena de crucificação?

Só depois de conhecer as acusações que figuravam em um dos pergaminhos que Caifás carregava é que pude resolver essa incógnita.

Antes, um fato totalmente imprevisto me obrigaria a alterar os planos do Cavalo de Troia...

Faltavam poucos minutos para as oito da manhã quando a pequena comitiva deixou para trás o bairro alto de Jerusalém. A Operação Cavalo de Troia havia suposto, desde o princípio, que o encontro dos sinedristas com o governador romano se daria precisamente no túnel da fachada oeste da torre Antônia (a mesma pela qual eu tinha tido acesso à fortaleza na companhia de José de Arimateia). Mas não foi assim. Caifás e os saduceus passaram pelo muro de proteção situado diante do fosso e, sem hesitar, dobraram a esquina noroeste, em direção a outra porta de entrada do quartel-general de Pôncio na Cidade Santa. Eu havia combinado com Pilatos e seu primeiro centurião, Cívilis, que meu ingresso na fortaleza seria pelo posto de guarda já mencionado. E durante alguns segundos, enquanto meu cérebro arquitetava uma solução, deixei-me arrastar, quase por inércia, pelo pelotão. Ao dobrar aquela esquina da Antônia, a súbita presença do ancião José de Arimateia e um jovem hebreu me fez esquecer momentaneamente minhas dúvidas. José, lógico, estava a par dos passos de Jesus e do sumo sacerdote. Ainda que eu não o tivesse visto no julgamento, deduzi que seus "contatos" o mantinham pontualmente informado. O fato de estar ali era uma prova disso.

Caifás deve ter visto José. Passou praticamente ao seu lado, mas sequer o saudou. O ancião, ao ver o Mestre, assustou-se. Ainda que possivelmente também tivesse sido informado das torturas a que o haviam submetido, ao comprovar o fato por si mesmo, empalideceu. Sem levantar suspeitas, fui ficando para trás até juntar-me a ele e ao companheiro. E assim seguimos o pelotão.

José de Arimateia – que parecia ter perdido as esperanças que me havia

tentado transmitir no pátio do palacete de Anás –, ao perceber minha desconfiança pela presença daquele jovem desconhecido, disse-me que eu poderia falar abertamente, pois seu acompanhante era um dos “correios” de Davi Zebedeu e estava ali, segundo me explicou, para transmitir as últimas notícias ao corpo de emissários que havia sido centralizado por Davi no acampamento de Getsêmani.

Desse modo, conforme nos aproximávamos da porta norte da torre Antônia, José e o emissário relataram-me o que havia ocorrido com os demais discípulos, dos quais eu não tinha notícia alguma desde a prisão do Nazareno.

A maior parte dos gregos e discípulos que haviam assistido à prisão do Mestre na encosta do monte das Oliveiras acabara regressando ao horto de Simão, “o leproso”, acordando os oito apóstolos e demais seguidores que permaneciam alheios ao que estava ocorrendo.

Minutos mais tarde, era o jovenzinho João Marcos quem corria até o cume do monte, para pôr de sobreaviso Davi Zebedeu, que continuava montando guarda e nada sabia dos últimos acontecimentos.

Depois dos primeiros momentos de uma natural confusão, o grupo se concentrou em torno do moinho de pedra situado à entrada do horto, iniciando-se uma viva polêmica. André, como chefe dos apóstolos, estava tão confuso que não conseguiu pronunciar palavra alguma. E foi Simão, o Zelote, quem terminou por alçar-se ao muro do moinho para discursar a seus companheiros e incitá-los a tomar suas armas e lançar-se em perseguição dos guardas, libertando Jesus.

Segundo o “correio”, testemunha ocular daqueles acontecimentos, quase todos os presentes no horto (ao redor de meia centena) responderam com veemência à incitação do “revolucionário” Simão, membro ativo, como já me referi em outra passagem, do grupo clandestino e terrorista dos zelotes.

E é muito possível que tivessem se lançado morro abaixo em busca do Mestre não fosse a oportuníssima mediação de Bartolomeu. Terminada a conclamação de Simão, o Zelote, Bartolomeu pediu calma e recordou a seus amigos os contínuos ensinamentos de Jesus sobre a não violência. O apóstolo, mostrando grande prudência, refrescou a memória dos exaltados discípulos, falando-lhes das palavras que o rabi havia pronunciado naquela mesma noite, por meio das quais ordenara que protegessem e conservassem suas vidas, à espera do momento crucial da dispersão e da propagação do reino dos céus.

A tese de Bartolomeu foi vivamente aplaudida por Tiago, o irmão de João Zebedeu, que explicou também a seus companheiros como Pedro, alguns gregos e ele mesmo haviam desembainhado suas espadas no momento da captura de Jesus, e como o Mestre os havia feito guardar suas armas.

Os ânimos, parece, foram apaziguados. Depois entrevistaram também Felipe e Mateus e, por último, Tomé, que insistiu, com seu característico senso prático, na necessidade de “não se exporem a perigos mortais”, tal como Jesus havia sugerido a seu amigo Lázaro. Os argumentos de Tomé, pedindo aos companheiros que se dispersassem à espera de novos acontecimentos, haviam conseguido dobrar a

ânsia de luta dos seguidores de Cristo. Os discípulos, então, desapareceram definitivamente.

Por volta das duas e meia ou quinze para as três dessa madrugada, o horto ficou deserto. Só Davi Zebedeu e um pequeno grupo de mensageiros continuaram no acampamento, preparando-se para uma missão que, como já disse, seria vital. O intrépido discípulo soube organizar-se de tal forma que, através de João Zebedeu, de José de Arimateia e de outros "agentes", pôde dispor de uma notável e precisa informação sobre o transcorrer dos acontecimentos. A cada hora, aproximadamente, um dos velozes mensageiros se entrevistava com esses seguidores de Jesus, transmitindo as notícias ao improvisado "quartel-general de Getsêmani. Dali, por sua vez, Davi enviava outros "correios" aos pontos onde os apóstolos haviam combinado de se esconder: cinco deles (Bartolomeu, Felipe, os gêmeos e Tomé), nas aldeias de Betfagé e Betânia; e os quatro restantes (Simão, o Zelote, Tiago, Tomás e André), em Jerusalém.

Quando perguntei por Pedro ao emissário, o jovem me tranquilizou. Pouco depois do amanhecer, Davi o havia encontrado nos arredores do acampamento, sem rumo e cheio de amargura. É possível que, naquele momento, nem Davi Zebedeu nem o emissário nem nenhum dos discípulos soubessem a verdadeira razão da imensa angústia do ardoroso Simão. O certo é que Davi ordenara a um dos "correios" que o acompanhasse à casa de Nicodemos, na Cidade Santa, lugar de concentração de seu irmão André e dos outros três apóstolos.

Aquele mesmo emissário que acompanhava José de Arimateia informou também que, pouco depois da partida de Pedro, chegara ao horto Judas, um dos irmãos de sangue do Mestre. Havia-se antecipado ao resto da família e ali soubera da trágica prisão de Jesus. A pedido de Davi Zebedeu, regressara rapidamente pelo caminho que atravessa o monte das Oliveiras para reunir-se com Maria, sua mãe, e com os demais componentes da família. As ordens de Davi eram para que a família do Mestre permanecesse, no momento, na casa de Maria e Marta, em Betânia. E assim se fez.

Isso significava que Maria, a mãe de Jesus de Nazaré, estava nas proximidades de Jerusalém... e que, certamente, devia estar ciente de tudo o que ocorria com seu filho.

Estremeci diante da possibilidade desse encontro com Maria...

O vento soprava com mais força. Quando alcançamos Caifás e seus homens, um sentinela, que montava guarda na parte norte do muro externo da fortaleza, havia ido ao interior do quartel e anunciara a presença daquele destacado grupo de sacerdotes. Parece que o sumo sacerdote havia dito ao soldado que o governador já sabia daquela visita que viria tão cedo. José e eu nos olhamos, deduzindo que Pôncio Pilatos podia ter tomado conhecimento do fato por meio dos judeus que lhe haviam solicitado uma escolta na noite anterior.

De qualquer forma, o certo é que Pôncio fazia tempo aguardava a chegada dessa representação do Sinédrio.

Enquanto esperávamos junto ao parapeito de pedra, anunciei a José de Arimateia que, aproveitando a ordem que o próprio governador me havia concedido, tentaria adiantar-me a Caifás e seu pelotão. José assentiu, acrescentando que ele tinha a intenção de continuar ao lado do Mestre e que, presumivelmente, voltaríamos a nos ver no interior da fortaleza.

Assim, abandonando meu projeto de entrar na torre Antônia pelo túnel da ala ocidental, tirei o salvo-conduto e o mostrei ao mercenário. Este, ao ler a autorização e escutar o nome de Cívilis, franqueou-me a passagem e recomendou-me, por meio de sinais, a vários soldados que montavam guarda do outro lado do fosso, junto a uma grande porta aberta na muralha e ladeada por duas pequenas torres de vigilância.

Ao transpor a ponte levadiça, igual à que dava acesso pelo túnel, um dos guardas barrou-me a passagem. Tive de repetir a operação. O soldado examinou a ordem e mandou-me esperar. Depois saiu do posto de guarda e entrou na fortaleza. Aquela porta monumental, coroada por um arco de meio ponto, era provida de grandes batentes de madeira, fixados a postes verticais que podiam girar em caixas de pedra. Supus que, dessa maneira, em momentos de perigo ou ataque, os batentes poderiam fechar-se e ser trancados por dentro.

Poucos minutos depois, o infante me chamava do alto da escadaria de pedra existente ao fundo. Caminhei solitário até a sentinela, transpondo um largo pátio de pedras talhadas com cantos arredondados. Ao pé das escadas, o soldado indicou-me um oficial, dizendo:

– Este te levará até Cívilis...

E assim foi. No final daqueles quinze degraus, um centurião me aguardava.

A escadaria permitia o acesso a uma espécie de terraço retangular, caprichosamente ladrilhado e cercado de ambos os lados por uma série de balaústres de mármore de um metro de altura.

Aquela era a entrada principal do que poderíamos denominar a residência privada de Pôncio: um edifício suntuoso e relativamente isolado do conjunto, ainda que dentro da fortaleza.

O oficial conduziu-me ao interior: um vestíbulo de extraordinárias dimensões, do qual projetavam-se três escadarias, todas de mármore branco.

– Espere aqui – disse-me, enquanto subia as escadas situadas diante da porta de folhas duplas do vestíbulo. Ao pé da escadaria, montavam guarda outros dois soldados, com suas lanças e cotas de malha.

Obedeci, e fiquei contemplando com admiração a série de grandes vitrais multicoloridos que se alinhavam ao longo das paredes, proporcionando ao recinto abundante luz natural¹. As paredes eram revestidas de granito procedente de Sena e tinham numerosos nichos em que repousavam bustos do Imperador, jarrões gregos decorados com cenas mitológicas e candelabros de prata.

O piso do vestíbulo havia sido recoberto com um extenso mosaico, que nada ficava a dever aos que eu havia visto nas ruínas de Pompeia.

Absorto na contemplação daquela delicada decoração, não me apercebi da chegada de Cívilis. O centurião e comandante da legião saudou-me sorridente. Trazia um capacete de metal muito polido, arrematado por um penacho de penas vermelhas.

Antes que eu lhe pudesse dizer que desejava alterar meus planos, Cívilis se adiantou até a porta do vestíbulo e, apontando o portão da muralha, comentou que “o dia acabava de ficar complicado”.

– Pôncio deverá receber nesta manhã – disse-me com um gesto de desgosto – vários representantes do Conselho de Justiça dos judeus...

– Eu sei – respondi – e é exatamente sobre isso que gostaria de falar...

O centurião olhou-me surpreso.

– ... Ouvi dizer que os judeus querem julgar um mago. Eu o vi passar. Sabes que me interessa pelos astros e seus desígnios e gostaria de te pedir, e pedir ao governador, uma pequena alteração de planos.

Cívilis continuou ouvindo-me com atenção.

– Tenho ouvido – prossegui – que esse homem a quem chamam de Jesus de Nazaré tem operado grandes portentos e, abusando de vossa hospitalidade, desejaria estar presente quando ele for apresentado a Pôncio.

E antes que o centurião pudesse responder, arrematei minhas palavras com uma afirmação que, tal como eu esperava, apenas em parte despertou a curiosidade do romano:

– ... Fiquei sabendo que, hoje mesmo, tu, o governador, eu e toda a cidade teremos a oportunidade de assistir a um estranho acontecimento celeste...

O pragmático e incrédulo oficial sorriu, zombeteiro, limitando-se a responder:

– Está bem, Jasão, eu direi a Pôncio...

Cívilis desapareceu pela escadaria central, não sem antes advertir-me de que não saísse dali.

– Essas ratazanas – comentou, referindo-se aos sacerdotes que aguardavam junto ao parapeito externo – não têm escrúpulos em nos pedir que executemos um dos seus e, no entanto, não querem entrar no Pretório, de medo de se contaminar e não poder celebrar sua maldita Páscoa...

Cívilis tinha razão. Os judeus – e muito especialmente os membros das diferentes castas sacerdotais – eram proibidos de entrar, durante a celebração da festa anual da Páscoa, nas casas dos gentios (todas eram suspeitas de abrigar alimentos que pudessem conter levedura, e esse contato com substâncias fermentativas era rigorosamente proibido).¹⁶⁴

Isso me levou a pensar que o governador e seus homens não teriam outro remédio a não ser escutar Caifás e os saduceus “às portas” do Pretório. (“É quase certo que será bem próximo desta escadaria que acabo de subi” – deduzi) E aprontei minha “vara de Moisés” para aquele que iria ser o primeiro encontro oficial de Pôncio com os membros do Sinédrio.

De fato, por volta das oito e quinze daquela manhã de sexta-feira, 7 de abril, o

obeso governador apareceu no alto da escada central do átrio onde eu esperava. Vinha acompanhado de Civílis e mais três ou quatro centuriões.

Ao me ver, apressou-se a descer as escadas e saudar-me com o braço erguido. Pôncio havia mudado as vestes. Na ocasião e dada a sua qualidade de representante de César, estava metido em uma couraça de metal, curta e "musculada", belamente trabalhada, brilhante como um espelho, ao estilo das melhores blindagens gregas da época. Sob a armadura, vestia uma túnica curta de seda, de meia manga, cor clara, meticulosamente passada e arrematada por pequenos flocos de ouro. O volumoso ventre do governador ressaltava por baixo da couraça, proporcionando-lhe um perfil muito pouco cavalheiresco.

Ao redor do pescoço e pendendo pelas costas, trazia um manto ou sagun, de uma tonalidade bordô muito apagada. Mas o que mais me chamou a atenção foram suas pernas: estavam inteiramente revestidas de faixas de linho. Aquilo me fez suspeitar que padecia de varizes.

O centurião-chefe o havia posto a par dos meus novos planos e do "presságio" celeste que eu havia adiantado a Civílis e ele, sem conseguir conter sua curiosidade, perguntou-me a respeito, ao mesmo tempo que me convidava para caminharmos juntos até a porta de entrada de sua residência.

Expliquei-lhe como pude que os astros haviam anunciado para aquela mesma manhã um funesto augúrio e que, para o bem de todos, deveríamos extremar nossas precauções...

Não houve tempo para mais nada. Pôncio Pilatos e seus oficiais pararam no terraço, enquanto um dos centuriões descia as escadas, em busca, sem dúvida, de Caifás e daquele galileu que havia começado a perturbar o pacífico dia do governador. O vento despenteou Pôncio, desequilibrando sua peruca, o que deve ter aumentado seu já visível mau humor. O fato de ter de sair às portas do Pretório para receber o sumo sacerdote e os membros do Sinédrio não o havia deixado muito feliz...

Dali a pouco, aparecia pelo arco da muralha o grupo encabeçado por Caifás. Imediatamente atrás dele, Jesus, o mercenário romano que o havia custodiado durante toda a noite, João Zebedeu, levitas e criados do Sinédrio.

Ao chegar ao pé da escadaria, os saduceus pararam, avisando o governador de que sua religião os impedia de dar um só passo a mais. Pôncio olhou para Civílis e, com um gesto de desagrado, avançou até a borda do degrau. Ali, em tom áspero, perguntou-lhes também em grego:

– Quais são as acusações que tendes contra esse homem?

Os juízes se entreolharam e, a uma ordem de Caifás, um dos saduceus respondeu:

– Se esse homem não fosse um malfeitor, não o teríamos trazido a ti...

Pôncio ficou em silêncio. Arregaçou o manto e começou a descer mais alguns lances de escada. Imediatamente, Civílis e os centuriões se apressaram a segui-lo.

O romano, sempre em silêncio, aproximou-se de Jesus e o observou com

curiosidade. O Mestre permanecia de cabeça baixa e as mãos atadas às costas. Seus cabelos, revoltos pelo forte vento, ocultavam em parte as escoriações de seu rosto.

Pôncio deu uma volta completa em torno do Nazareno. Depois, sem comentário algum, mas com uma mal disfarçada careta de repugnância, voltou a subir os degraus. Sem dúvida – e Cívilis me confirmaria isso pouco depois –, o governador havia sido previamente informado da sessão matinal do Sinédrio, assim como das discrepâncias surgidas entre os juízes na hora de estabelecer as acusações. (Segundo Cívilis, uma das criadas e também o intérprete da esposa de Pilatos, Cláudia Prócula, conheciam os ensinamentos de Jesus de Nazaré e haviam informado o governador dos prodígios e da pregação do rabi.)

Quando chegou à metade da escada, Pilatos parou e, girando sobre os calcanhares, encarou de novo os hebreus e lhes disse:

– Dado que não chegais a um acordo quanto às acusações, por que não levais este homem para que seja julgado segundo vossas próprias leis?

Aquelas frases do governador caíram como um jato de água fria sobre os sinedristas, que não esperavam tal relutância de sua parte. E, visivelmente nervosos, responderam:

– Não temos o direito de condenar um homem à morte. E este perturbador de nossa nação merece a morte, por tudo o que tem dito e feito. Esta é a razão pela qual viemos a ti: para que ratifiques essa decisão.

Pilatos sorriu maliciosamente. Aquele reconhecimento público de impotência dos judeus para pronunciar e executar uma sentença de morte, mesmo contra um dos seus, enchera-o de satisfação. Seu ódio pelos judeus era muito mais profundo do que se podia supor.

– Eu não condenarei este homem – interveio o romano, apontando Jesus com sua mão direita – sem julgamento. E nunca consentirei que o interroguem enquanto não receber, por escrito – acentuou Pilatos com ênfase –, as acusações...

No entanto, o romano havia subestimado os sinedristas. E quando Pilatos considerava que o aborrecido assunto tinha ficado resolvido, Caifás entregou um dos rolos que trazia a um escriba judicial que os acompanhava, pedindo ao governador que ouvisse as “acusações que havia solicitado”.

Aquela manobra surpreendeu Pilatos, que não teve outro remédio senão interromper seus passos quando estava a ponto de entrar em casa. Cada vez mais irritado pela tenaz insistência de Caifás e dos saduceus, dispôs-se a ouvir o conteúdo do pergaminho.

O escriba o desenrolou e, adotando um tom solene, procedeu à sua leitura:

– O tribunal sinedristas entende que este homem é um malfeitor e um perturbador de nossa nação, com base nas seguintes acusações:

“1ª Perverter nosso povo e incitá-lo à rebelião.

“2ª Impedir o pagamento do tributo a César.

“3ª Considerar-se a si mesmo rei dos judeus e propagar a criação de um novo

reino.”

Ao ouvir aquelas acusações oficiais, compreendi que esse texto – que nada tinha a ver com o discutido no julgamento – havia sido forjado por Anás e demais membros do Conselho em sua segunda entrada na sala do tribunal, enquanto o Mestre e todos os demais esperávamos no pátio central do edifício do Sinédrio. Agora eu compreendia o porquê daquelas ásperas discussões entre Caifás, Anás e os juízes e da súbita aparição de um segundo pergaminho nas mãos do sumo sacerdote, momentos antes da saída para a torre Antônia.

Muito astutamente, os saduceus haviam preparado aquelas três acusações de forma que o governador romano se visse inevitavelmente envolvido no processo.

Pôncio pediu a Cívilis que se aproximasse e disse-lhe qualquer coisa ao ouvido. O centurião assentiu com a cabeça. (Com aquela consulta confidencial – segundo eu soube pelo comandante-em-chefe da legião –, ele quis munir-se de informações que comprovassem o que todos sabíamos, isto é, que o complô contra o Nazareno tinha raízes estritamente religiosas.)

Pilatos compreendeu logo que aquela “mudança” de estratégia dos sacerdotes obedecia unicamente ao seu fanatismo e ao cego ódio por aquele visionário, que havia sido capaz de desafiar a autoridade do sumo pontífice e ridicularizar as castas sacerdotais. Sem perceber, Caifás e seus esbirros haviam conseguido, com aquele erro, que Pôncio se inclinasse, desde o princípio, não em favor de Jesus – a quem praticamente ignorava –, mas contra “aquela ralé bastarda”, segundo as palavras do próprio romano. (Era extremamente importante considerar esses fatos na atuação do representante do Imperador Romano e em suas sucessivas tentativas de libertar o Mestre. Nada satisfaria mais seu desprezo pela suprema autoridade judaica do que fazer com que todos aqueles sacerdotes engolissem o pó da derrota, tendo de libertar o prisioneiro.)

Mas os acontecimentos – a despeito do governador – tomariam caminhos inesperados...

Pôncio ficou em silêncio. Dirigiu um olhar de desprezo aos juízes e, descendo as escadas pela segunda vez, caminhou até o Galileu. Ante a expectativa geral, perguntou ao Mestre o que tinha a alegar em sua defesa. Jesus não levantou o rosto.

Cívilis, que havia seguido os passos de seu chefe, levantou o bastão, disposto a golpear o Galileu pelo que considerou falta de respeito. Mas Pôncio o deteve. Ainda que sua confusão e aborrecimento fossem cada vez maiores, o romano compreendeu que aquele não era o cenário mais adequado para interrogar o prisioneiro. A simples presença dos sinedristas podia representar um freio, tanto para ele como para o réu. E, voltando-se para o primeiro centurião, deu ordens para conduzirem o preso ao interior de sua casa.

Civilis fez um sinal ao soldado que custodiava o rabi e ambos, em companhia de João Zebedeu e alguns domésticos do Sinédrio, seguiram Pilatos e os oficiais.

Caifás e os juízes permaneceram no pátio. A contrariedade refletida em seus

rostos mostrava sua frustração por não poderem seguir Jesus e acompanhar o interrogatório privado. Seu próprio fanatismo religioso acabava de prejudicá-los. Aliás, duvido muito que Pilatos houvesse autorizado a presença deles no interrogatório.

Ao passar do meu lado, o governador fez um gesto, convidando-me a que o acompanhasse.

– Diz-me, Jasão – perguntou-me Pilatos enquanto atravessávamos o saguão em direção à escadaria em frente –, conheces este mago? Crês que pode ser um zelote?

Aquele foi um momento especialmente delicado para mim. Umas poucas explicações teriam sido suficientes para inclinar a balança do instável governador em favor do Mestre. Mas aquela não era minha missão. Então respondi à pergunta com outra pergunta:

– Segundo entendi, teus homens foram destacados à noite até uma propriedade em Getsêmani, com o propósito de averiguar a existência de um acampamento zelote. Encontraram esses guerrilheiros?

O governador, a quem custava subir os 28 degraus, parou ofegante.

– E tu, como sabes disso?

Enquanto Cívilis conduzia o Nazareno e o pequeno grupo por um claro corredor de mármore da Numídia, ornado, à direita e à esquerda, de estátuas que descansavam sobre pedestais de Carrara, tranquilizei Pôncio, narrando-lhe meu “casual” encontro com os dois soldados que perseguiram um dos adeptos do “mago”.

Pôncio então me confessou que suas informações sobre Jesus de Nazaré remontavam a anos atrás, especialmente desde que um de seus centuriões lhe contara como aquele mago havia curado um de seus criados mais queridos, em Cafarnaum. Pouco a pouco, Pilatos tinha reunido dados e confidências suficientes para saber se aquele grupo que o rabi encabeçava era ou não perigoso, do único ponto de vista que realmente podia interessá-lo: o da rebelião contra Roma.

Os agentes do governador, nas proximidades do Sinédrio, haviam avisado das numerosas reuniões celebradas para tratar da prisão e eliminação do Nazareno. Pilatos, portanto, estava a par das intenções daqueles que ficaram esperando no pátio e do caráter “místico e visionário” – segundo expressão própria – do movimento dirigido por Jesus.

– Por que iria satisfazer esses invejosos – concluiu Pilatos – detendo esses pobres diabos, cujo único mal é crer em fantasias e sortilégios?...

Aquelas revelações abriram-me definitivamente os olhos. Estava claro que eu havia subestimado o poder de Pôncio. Era lógico que, em uma província como aquela, tão rebelde e difícil, o poder de Roma tivesse molas e tentáculos suficientes para saber quem era quem. E, evidentemente, Pôncio sabia quem era o Mestre.

– Ainda – intervi com curiosidade –, por que concordaste em enviar um

pelotão a Getsêmani?

O governador voltou a sorrir maliciosamente.

– Tu não conheces ainda essa gente. São cabeçudos como mulas. Além disso, minhas relações... digamos “comerciais” com Anás sempre foram excelentes. Não posso negar que o governo recebe importantes somas de dinheiro em troca de certos favores...

Não me atrevi a indagar sobre a natureza dos “favores” que prestava aquele corrupto representante de César, mas o próprio Pôncio me forneceu uma pista:

– Anás e esse carneiro que ele tem como genro têm feito fortunas à custa do povo e do tráfico de moedas e animais para os sacrifícios... Suponho que estejas inteirado do descalabro sofrido pelos cambistas e intermediários da esplanada do Templo, precisamente por causa desse Jesus. Pois bem, meus “interesses” por esse negócio me obrigavam, em parte, a salvar as aparências e ajudar o ex-sumo sacerdote em sua intenção de capturar o mago...

Aquele descarado nepotismo da família Anás – colocando os membros de seu clã nos postos-chave do Templo – era um segredo de polichinelo. A atuação do governador, portanto, me pareceu totalmente verossímil.

No fim do corredor, Cívilis abriu uma porta e deu passagem a Pilatos. Atrás, por ordem do centurião, entramos Jesus, João Zebedeu, outros dois oficiais e eu. O mercenário e os criados permaneceram do lado de fora.

Ao entrar naquela câmara, reconheci imediatamente a sala de despachos oval onde havia tido minha primeira entrevista com o governador. A ala norte da fortaleza estava, pois, conectada com a sala de audiências do Pôncio. Agora eu compreendia porque não havia visto guardas naquela porta: ela, possivelmente, fazia a ligação com as habitações privadas e por ela eu havia visto aparecer, na manhã de quarta-feira, o criado que nos anunciara o almoço.

Pôncio Pilatos foi diretamente para sua mesa, convidando o Nazareno a se sentar na cadeira que José de Arimateia ocupara na quarta-feira. João, timidamente, sentou-se na que eu havia ocupado. Os oficiais se colocaram um de cada lado do rabi, enquanto Cívilis ocupava sua posição habitual, na extremidade da mesa, à esquerda do governador. Eu, discretamente, procurei unir-me ao chefe dos centuriões.

A luz que penetrava pela grande janela situada às costas do romano permitiu-me explorar detidamente o rosto do Mestre. Jesus havia abandonado em parte aquela atitude de permanente ausência. Sua cabeça agora estava erguida. O nariz e o arco zigomático direito (zona malar ou do pôculo) continuavam muito inchados e o olho, como eu temia, já fora afetado. Quanto ao olho esquerdo, parecia já estar fechado. Os coágulos de sangue das fossas nasais e dos lábios haviam secado, enegrecendo parte do bigode e da barba.

Pilatos retomou o fio da conversa, afirmando que, para começar e para sua própria tranquilidade, “não acreditava na primeira das acusações”.

– Sei de teus passos – disse-lhe em grego com ar conciliador – e custa-me

muito acreditar que sejas um agitador político.

Jesus o observou com ar cansado.

– Quanto à segunda acusação, manifestaste alguma vez que não se deve pagar o tributo a César?

O Mestre fez um sinal com a cabeça para João e respondeu:

– Pergunta a ele ou a qualquer outro que me tenha ouvido.

O Pôncio interrogou Zebedeu com o olhar e João, atropeladamente, explicou que tanto o Mestre como os demais do grupo pagavam sempre os impostos do Templo e os de César.

Quando o discípulo já se dispunha a estender-se sobre outros ensinamentos, Pilatos lhe fez um gesto com a mão, ordenando que ficasse em silêncio.

– É suficiente – disse. – E toma cuidado para não contares a ninguém sobre o que falaste comigo!

E assim foi. Nem sequer no texto evangélico ditado por João, muitos anos depois, aparece essa parte da entrevista do governador romano com Jesus. E mais, o escritor sagrado não faz nenhuma menção de sua participação naquela conversa. Se essa parte do interrogatório – tal como se depreende do Evangelho de João – teve lugar no interior do Pretório e, portanto, teve caráter privado, como é possível que João a descreva referindo-se aos já conhecidos temas do “reino” e da “verdade”? (João, 18,28-38.) Só existe uma explicação: que ele tenha sido testemunha auditiva.

Pilatos dirigiu-se novamente ao Galileu:

– No que se refere à terceira acusação, diz-me: tu és o rei dos judeus?

O tom era sincero. Essa, ao menos, foi minha impressão. E o Mestre esboçou um débil sorriso. Ao fazê-lo, uma das gretas do lábio inferior voltou a se abrir e um finíssimo filete de sangue precipitou-se entre os pelos da barba.

– Pilatos – tornou o rabi –, fazes essa pergunta por ti mesmo ou a recolheste dos acusadores?

O governador abriu os olhos com ar indignado.

– Será que sou um judeu? Teu próprio povo te entregou e os principais sacerdotes me pediram sua morte...

Pôncio procurou recobrar a calma e, mostrando os dentes de ouro, acrescentou:
– Duvido da validade dessas acusações e só estou tentando descobrir por mim mesmo o que foi que fizeste. Por isso te perguntarei pela segunda vez: disseste que és o rei dos judeus e que tencionas formar um novo reino?

O Galileu não demorou para responder.

– Não vês que meu reino não está neste mundo? Se assim fosse, meus discípulos teriam lutado para que eu não fosse entregue aos judeus. Minha presença aqui, diante de ti e amarrado, demonstra a todos os homens que meu reino é um domínio espiritual: o da confraternização dos homens que, por amor e fé, passaram a ser filhos de Deus. Esse oferecimento é mesmo para os gentios e para os judeus.

Pilatos levantou-se e, golpeando a mesa com a palma da mão, exclamou, sem poder reprimir sua surpresa:

– Por conseguinte, tu és rei!

– Sim – respondeu o prisioneiro, encarando-o –, sou um rei desse gênero, e meu reino é a família dos que creem em meu Pai que está no céu. Nasci para revelar meu Pai a todos os homens e testemunhar a verdade de Deus. E agora mesmo declaro que o amante da verdade me ouve.

Pilatos deu alguns passos em torno da mesa e, colocando-se entre João e o prisioneiro, comentou para si mesmo:

– A verdade!... Que é a verdade?... Quem a conhece?...

E, antes que Jesus chegasse a responder, fez um sinal para Civílis, dando por encerrado o interrogatório.

Os oficiais obrigaram o rabi a se levantar e Pôncio abriu a porta, ordenando a seus homens que levassem o Nazareno à presença de Caifás. Quando caminhávamos novamente pelo corredor, Pilatos colocou-se ao meu lado, fazendo um único, mas eloquente comentário:

– Esse homem é um estoico. Conheço seus ensinamentos e sei o que eles pregam: “O homem sábio é sempre um rei”.

Depois daquele pronunciamento, deduzi que o romano estava disposto a libertar Jesus. Ao apresentar-se pela segunda vez diante dos judeus, sua atitude confirmou meu pressentimento.

Pouco antes das nove da manhã, Pôncio assomou ao terraço e, adotando um tom autoritário, sentenciou:

– Interroguei esse homem e não vejo culpa alguma. Não o considero culpado das acusações formuladas contra ele. Por essa razão, penso que deva ser posto em liberdade.

Caifás e os saduceus ficaram desconcertados, mas reagiram imediatamente, gritando com espanto afetado. Civílis interrogou Pilatos com o olhar, ao mesmo tempo que empunhava a espada. Mas o governador voltou a lhe pedir calma. Um dos oficiais regressou de modo precipitado ao interior do Pretório, possivelmente em busca de reforços.

Muito alterado, um dos sinedristas se destacou do grupo e, galgando três ou quatro degraus, censurou Pilatos com estas frases:

– Este homem incita o povo!... Começou pela Galileia e prosseguiu na Judeia. É autor de desordens e um malfeitor. Se deixas livre este homem, lamentarás por muito tempo...

Sem querer, aquele saduceu acabava de proporcionar a Pilatos um motivo para se esquivar do desagradável assunto, ao menos temporariamente. O governador aproximou-se de seu centurião-chefe e ordenou:

– Este homem é um galileu. Leva-o imediatamente a Herodes...

Civílis dispôs-se a cumprir a vontade de Pôncio e já se dirigia ao soldado encarregado da custódia do Mestre quando Pilatos voltou-se para ele do alto da

plataforma e acrescentou:

– Ah! E quando Herodes o tiver interrogado, traz-me suas conclusões...

Desta vez foi o próprio Cívilis quem se responsabilizou pela condução do Mestre. O ânimo dos judeus estava tão alterado que o centurião teve de se rodear de uma pequena escolta de dez soldados, tomando então o caminho para a residência de Herodes Antipas, tetrarca da Galileia e, como Pilatos, visitante de Jerusalém naquela ocasião. Esse Herodes era filho do tristemente célebre Herodes, o Grande, que havia ordenado a matança das crianças de menos de dois anos em Belém e arredores. Um massacre muito próprio do caráter e da trajetória daquele rei odiado pelo povo, a quem chamavam de maneira depreciativa de “criado idumeu”. Por meio de numerosas pesquisas, o Cavalo de Troia conseguiu averiguar que a sanguinária matança dos “inocentes” atingiu cerca de vinte crianças.¹⁶⁵

Cívilis, à frente, cruzou a ponte levadiça. Atrás, os soldados, protegendo o Mestre, alinhavam-se em duas filas. E a pequena distância, o resto do grupo: Caifás, os juízes, Judas Iscariotes, João Zebedeu, o ancião José de Arimateia e eu.

Quando saímos da fortaleza, voltei-me para o portão aberto na muralha norte e a confusão reinou de novo em meu cérebro. Segundo os textos evangélicos, “uma grande multidão” deveria acorrer às mesmíssimas portas do Pretório. Mas como isso poderia ocorrer? Até então, as entrevistas com Pilatos haviam se realizado mais ou menos de forma privada. Só aquela pequena representação do Sinédrio tivera acesso ao interior da torre Antônia...

“Além disso – continuei raciocinando enquanto descíamos em direção ao bairro alto da cidade –, sem o expresse consentimento do governador ou de seus oficiais, nenhum hebreu podia transpor o parapeito externo, muito menos o fosso que circundava aquela área do quartel-general romano.”

Que iria ocorrer, portanto, para que a multidão judaica pudesse chegar até as escadarias da residência privada de Pilatos?

João, o discípulo de Jesus, informou imediatamente a José e ao mensageiro tudo o que havia acontecido ao pé do Pretório e no interrogatório privado, omitindo, porém, sua própria conversa com o romano. Zebedeu havia recuperado as esperanças. Vi que ele ficara otimista com as declarações de Pilatos. Na verdade, tinha razão. Se o processo tivesse se mantido dentro daquela linha, praticamente circunscrito ao pequeno círculo dos sinedristas e do governador estrangeiro, talvez a sorte do Mestre houvesse sido outra. Mas as maquinações de Caifás e seus homens não cessavam...

O “correio”, recolhidas as últimas notícias sobre Jesus, despediu-se dos amigos do rabi, correndo em direção ao acampamento de Getsêmani.

Quando cruzamos a porta dos Peixes percebi que José de Arimateia estava desalentado, ao ver o numeroso grupo de hebreus, liderado por vários chefes do Templo e outros fariseus, que se unia ao sumo sacerdote e aos saduceus. Enquanto aguardava diante do parapeito de pedra da fortaleza Antônia, José havia recebido uma informação que viria complicar tudo: Anás, de comum acordo com os juízes,

começara a repartir secretamente moedas de ouro do tesouro do Templo. Depois de anotar os nomes de cada um dos subornados, os três gizbarîm, ou tesoureiros oficiais, haviam dado uma instrução comum: “clamar perante Pôncio Pilatos pela morte do impostor da Galileia”.

Ao ver que o grupo inicial de saduceus engrossava sensivelmente, perguntei a José de Arimateia como Caifás pensava introduzir aquela multidão no recinto da fortaleza.

– Duvido muito – disse-lhe eu – que Pilatos e suas tropas autorizem.

José dirimiu minhas dúvidas em um segundo. Por coincidência, naquela mesma manhã de sexta-feira, véspera da Páscoa, os judeus desfrutariam de uma antiga prerrogativa. Centenas de hebreus subiriam até as imediações do Pretório para assistir à libertação de um preso. Essa graça, que fazia parte dos poderes do governador, constituía um dos gestos de amizade e simpatia de Roma para com seus súditos. Por isso, ela tinha caráter eminentemente festivo e, durante os dias que a precediam, tanto os vizinhos de Jerusalém como os milhares de peregrinos discutiam e faziam apostas nesse ou naquele candidato à libertação. Nessa ocasião, o nome que soava com mais força entre os hebreus era o de Barrabás. Segundo José de Arimateia, ele era um membro ativo do grupo revolucionário zelote, um “fulano de pai desconhecido, vil e sanguinário, capturado pelas forças romanas numa revolta”.¹⁶⁶

Aquela informação do velho amigo de Jesus me fez compreender muitas coisas. Em primeiro lugar, a Cidade Santa havia despertado naquela manhã de sexta-feira, 7 de abril, sem saber da prisão de seu ídolo: Jesus de Nazaré. Só uns poucos tinham conhecimento do fato. Em segundo lugar, a próxima e iminente manifestação dos judeus diante da residência de Pilatos nada tinha a ver com o Mestre da Galileia. Ainda que Jesus não tivesse sido preso, ela ocorreria da mesma forma.

Foram, como eu disse, as manobras do Sinédrio e a quase total ausência de amigos e adeptos do Nazareno na citada manifestação popular para pedir a libertação de um réu que resultaram no que conhecemos hoje.

O palácio dos antigos asmoneus – residência temporária de Herodes Antipas durante suas breves estadas em Jerusalém – estava muito próximo da muralha que ia do soberbo conjunto palaciano de Herodes, o Grande (na extremidade ocidental da cidade) até o Templo. Tratava-se de uma bem antiga construção, à base de enormes silhares de vinte côvados de comprimento por dez de largura, que, nas palavras de Josefo, “não podiam ser esburacados nem rompidos com ferro, nem removidos, mesmo que com todas as máquinas do mundo”.

Às portas do palácio, fomos interceptados por uma parte da guarda pessoal de Antipas, integrada em sua maioria por mercenários trácios, germanos e gálicos. Muitos deles haviam servido antes com o pai do atual Herodes.¹⁶⁷ Vestiam longas túnicas verdes, de meia manga, com o tronco e o ventre cobertos por uma espécie de “camisa”, ou couraça, trançada à base de escamas metálicas. Quase todos

traziam às costas grandes aljavas de couro, repletas de flechas. (Herodes, a julgar pelo considerável número de soldados que detectei no interior do palácio, devia temer por sua segurança pessoal.)

Civílis trocou algumas palavras com os porteiros e a guarda abriu passagem para a escolta romana e para o pequeno grupo de sacerdotes. Os demais, inclusive José de Arimateia, tiveram de esperar à frente do edifício.

Uma vez mais, a sorte ficou do meu lado. Antes de tomar o caminho do interior do palácio, o centurião me pegou pelo braço, dizendo que o tetrarca era um entusiasta da Grécia e que, se eu achasse conveniente, ele teria prazer em apresentar-me a Herodes e falar-lhe de minhas virtudes como astrólogo a serviço do Imperador. Aceitei agradecido, ainda que nos planos da Operação Cavalo de Troia não figurasse nenhum tipo de entrevista com aquele personagem.

Logicamente, o centurião não poderia imaginar que o interrogatório de Jesus por Antipas seria tão breve quanto estéril.

Apesar da antiguidade daquele palácio, Herodes o havia embelezado até os limites do inimaginável. Do pátio central, ocupado por um tanque retangular, sobre cujo lajeado revolteava um bando de pombas, vários criados, conduzidos sempre por um sômatophylax, ou “guarda-costas” da corte herodiana (que respondia pelo nome de Corinto), foram-nos guiando até o piso superior. Nesse pavimento, totalmente aberta para o jardim interno e coberta por um claustro de mármore, ficava a sala de audiências de Herodes.

O que primeiro me chamou a atenção naquele salão, perfeitamente iluminado por três grandes janelas orientadas para o Norte, foi uma poltrona de madeira negra, magistralmente entalhada, colocada à direita do aposento. Tratava-se, sem dúvida, de um trono. Estava em um plano mais alto, sobre um tablado também de madeira escura. A curta distância e ocupando o centro da sala, abria-se uma piscina circular, de quatro ou cinco metros de diâmetro e profundidade difícil de precisar, por causa do líquido branco que a enchia. Aos pés do trono, cerca de vinte indivíduos estavam recostados em volumosos almofadões brancos de plumas. Ao entrarmos, fez-se um grande silêncio.

Por mais que procurasse identificar Antipas, não consegui. O Mestre foi colocado pelo centurião diante de uma poltrona de madeira, entre a piscina e aquela multidão de pedantes “primos e amigos” do tetrarca, que observavam estupefatos o Galileu e os infantes romanos.

Caifás foi quem rompeu, por fim, aquele violento silêncio. Adiantou-se para o grupo de cortesãos e estendeu o pergaminho de acusações a um indivíduo extremamente fraco, também recostado e semioculto entre os coxins.

Ao ficar de pé, apareceu diante de mim um Herodes difícil de imaginar. Apesar de seus 55 anos, seu aspecto era o de um velho. Sob a túnica, quase transparente, percebia-se um corpo esquelético, semeado de crostas cinzentas e sujas, que os romanos denominavam “mal de mentagra”.¹⁶⁸

Aquelas úlceras – que hoje nos fariam pensar numa possível sífilis – haviam

proliferado especialmente nas mãos, no pescoço e no rosto. Para completar, Antipas exibia cabelo comprido, recortado na frente e tingido de um chamativo tom ruivo.

Depois de examinar o pergaminho, Herodes fixou seu olhar em Jesus, enquanto o sumo sacerdote se desmanchava em explicações de todo tipo sobre o processo que se havia instaurado contra aquele impostor e sobre o desejo do governador romano de que o tetrarca interrogasse o galileu.

Antipas atirou o rolo aos pés de Caifás. Confuso pela inesperada reação do governador da Galileia, o sumo sacerdote emudeceu. Um dos levitas apressou-se a recolher do chão o pergaminho.

Sem pronunciar uma só palavra, o magro tetrarca começou a andar em torno do Nazareno, depois parou diante dele e explodiu em sonoras gargalhadas. Os cortesãos não tardaram a imitá-lo, e os risos acabaram por retumbar nas paredes de mármore do salão.

Herodes levantou então os braços e as gargalhadas cessaram. Depois, baixando a mão lentamente, comentou divertido:

– Então, afinal, este presunçoso milagreiro veio visitar a velha raposa...

O tetrarca, evidentemente, conhecia o Mestre e sabia das frases pronunciadas por Jesus, nas quais era qualificado de raposa.

Antipas esperou pela resposta do prisioneiro, mas o rabi, com a cabeça pendente sobre o peito, nem se dignou a fitá-lo. Durante pouco mais de um quarto de hora, o filho de Herodes, o Grande, acossou com perguntas o prisioneiro, sem obter dele uma única resposta. Uma das principais preocupações de Antipas – a julgar por suas perguntas – centrava-se na possibilidade de que aquele galileu fosse a reencarnação de João Batista, a quem ele havia executado três anos antes. Saltava aos olhos que o remorso e o medo haviam tomado conta da alma daquele governante despótico e cruel.¹⁶⁹

Decepcionado pelo silêncio do Galileu, Herodes mudou de tática. Fazendo um sinal para um dos seus súditos, ordenou:

– Manaen! Chama Herodíades!

O velho syntrophos, ou preceptor, de Herodes Antipas apressou-se a cumprir a ordem e saiu do salão em busca da amante do senhor.

Herodes, longe de se irritar com o mutismo do Mestre, parecia intimamente deleitar-se. Aquela atitude era muito estranha, e eu, de modo dissimulado, fui caminhando pela borda da piscina, com cuidado para não escorregar sobre a polida pavimentação de mármore com incrustações de coral rosa. A paixão do tetrarca pelo helenismo, confirmando o que me havia dito o centurião, notava-se não só nas suas vestes e nas dos homens que o cercavam, mas também na decoração do palácio. Aquela piso, por exemplo, primorosamente trabalhado à base de diminutas porções do uniforme e brilhante coral chamado “pele de anjo” – extraído, é possível do Mediterrâneo –, era uma das provas mais eloquentes do refinamento que o satisfazia. Os artesãos fenícios a serviço de Antipas haviam conseguido construir

um gigantesco e belíssimo “quadro” da legendária Medusa e de Teseu, seu assassino,¹⁷⁰ embutindo nas lajes de mármore milhares de grânulos de coral que desenhavam a famosa cena mitológica.

Dessa maneira, consegui aproximar-me de Cívili e, em voz baixa, perguntei-lhe por que o tetrarca estava adotando aquela atitude. O centurião, que conhecia bem a vida desordenada de Antipas, sugeriu uma explicação nada desprezível:

– Todos em Israel sabem que Herodes temia e respeitava o impetuoso profeta a quem chamam de Batista. Certa ocasião, esse louco tetrarca chegou a comentar que Jesus da Galileia podia ser João. Não seria de estranhar que, ao enfrentar o silêncio do prisioneiro, sua mente desequilibrada tivesse recobrado um pouco da calma.

Antipas saiu de seus pensamentos e, tomando uma taça de cristal, aproximou-se do tanque, inclinou-se e a encheu daquele líquido branco. Depois, colocando-a na altura do rosto do Nazareno, perguntou-lhe velhacamente:

– Diz-me, galileu, poderias converter o leite em vinho?

Jesus, imóvel, não pestanejou. Seu rosto continuava abaixado. Herodes encolheu os ombros e voltou a seus coxins. Um dos criados, possivelmente um eunuco, a julgar pelas argolas nas orelhas e por seus trejeitos femininos, ajoelhou-se diante do tetrarca e calçou seus pés com sandálias de tiras douradas. Essas sandálias me chamaram a atenção. Seu solado era recoberto por uma série de finíssimas almofadinhas. Uma vez ajustadas, Antipas ficou novamente de pé e, para minha surpresa, sob o peso de seu corpo aquelas bolsinhas começaram a verter um líquido transparente e cheiroso. Eram vaporizadores! (Uma espécie de desodorante que havia começado a fazer furor entre as classes endinheiradas de Roma e da Grécia, que eliminava bastante os desagradáveis odores da transpiração.)

Antipas, inconformado, quis que o Mestre o divertisse com alguns de seus prodígios. Tomou uma bandeja de prata em que estavam algumas fatias de carne e, apresentando-a a Jesus, desafiou-o nos seguintes termos:

– Se foste capaz de multiplicar pães e peixes, suponho que não será difícil fazer o mesmo com estas línguas de flamingo... Farias essa gentileza?

O silêncio foi a única resposta. E Herodes, que havia passado da zombaria à cólera, ergueu a taça de prata e despejou seu manjar favorito sobre a cabeça e os ombros do rabi.

O ato de Herodes foi imediatamente acompanhado pelas risadas de seus acólitos. Mas o Mestre não se alterou.

A grotesca cena foi interrompida pela súbita chegada de uma mulher. Antipas, ao vê-la, apressou-se a sair ao seu encontro. Tomou-a pela mão e a conduziu até Jesus. Apesar de haver ultrapassado a casa dos quarenta, a beleza de Herodíades, a amante de Herodes, era excitante. Suas vestes constavam unicamente de uma série de gazes de Malta que formavam uma túnica dupla, mas mesmo assim transparente, permitindo a visão de sua pele azeitonada. Na cabeça trazia uma

faixa branca que cingia as têmporas e sobre a qual se erguiam três planos de tranças, tão negras como seus olhos. Aquele complicado penteado era arrematado na extremidade por pequenos caracóis, feitos de anéis de cabelo, cilíndricos.

Civílis, ao vê-la, fixou seus olhos nos pequenos seios, perfeitamente visíveis através da gaze. E, voltando-se para mim, piscou-me um olho.

Antipas se aproximou de Jesus e, sacudindo com os dedos algumas das línguas de flamingo que haviam ficado enredadas em seus cabelos, tranquilizou a mulher, assegurando-lhe que aquele mago não era sequer a sombra do aborrecido João Batista. Herodíades, com as sobrancelhas e cílios tingidos com brilhantina e as pálpebras sombreadas por alguma mistura de lápis-lazúli moído, observou detidamente o réu. Depois, rebolando sem o menor pudor, afastou-se do Mestre e foi sentar-se no trono de madeira. Ali e diante da expectativa geral, fez um sinal para Antipas, chamando-o. Herodes obedeceu rápido. E, depois de Herodíades sussurrar-lhe algo, ele sorriu malicioso, desceu do tablado e colocou-se às costas do rabi. Em seguida, tomou a barra da túnica de Jesus e a levantou devagar, de forma que Herodíades e os cortesãos pudessem contemplar as pernas do Nazareno. Antipas prosseguiu até descobrir totalmente as musculosas coxas do prisioneiro, assim como a tanga que o cobria. Os lábios de Herodíades, de um vermelho carmesim, abriram-se com visível admiração, ao mesmo tempo que uma onda de indignação começava a me queimar as entranhas.

Civílis notou minha crescente cólera e, inclinando-se para mim, comentou:

– Não te alarmes. A lei judia concede a esse porco até um total de dezoito mulheres, mas sua impotência é tão pública e notória que essa rameira busca consolo até nos escravos das cavalaria... E Herodes sabe disso. Herodíades o mantém preso pelo trono e pelos testículos...

As palavras do oficial foram tão acertadas quanto proféticas. Antipas nem sequer suspeitava que exatamente aquela mulher seria a causa de sua desgraça final!...¹⁷¹

A humilhante cena foi interrompida pelo centurião. O tempo urgia e, com amáveis, mas firmes palavras, pediu ao tetrarca que comunicasse seu veredicto a respeito do prisioneiro.

– Veredicto? – perguntou Antipas, que fazia tempo havia compreendido que o Galileu não desejava abrir a boca. – Diz a Pôncio que agradeço sua gentileza, mas a Judeia não está sob minha jurisdição. Que ele decida.

Depois deu meia-volta, caminhou até um de seus amigos, tirou-lhe um caro manto de púrpura com que se cobria e, sem mais explicações, colocou-o sobre os ombros do Mestre, em meio a uma longa e estridente gargalhada, enquanto seus amigos e parentes aplaudiam.

Caifás e os sacerdotes, tão decepcionados quanto Antipas, encaminharam-se para a porta, enquanto Civílis, depois de saudar com o braço erguido o tetrarca e Herodíades, empurrou Jesus, indicando-lhe que a visita havia terminado.

Ao abandonar a sala, ainda ouvimos os aplausos da camarilha de Herodes, que

se divertiu com aquele último gesto de zombaria do idumeu.

(Uma vez mais o testemunho de alguns exegetas não coincidia com a realidade. Jesus não foi coberto com um manto branco, em sinal de demência, como afirmaram esses comentadores bíblicos, mas com um vermelho brilhante, que refletia a zombaria de Herodes, ao considerá-lo um "libertador" ou "rei" de araque. Um manto que acompanharia Jesus de Nazaré até o momento crítico da flagelação e com o qual, como veremos mais adiante, os mercenários romanos o cobriram.)

Às dez da manhã, a escolta se retirou do palácio dos asmoneus, retomando à fortaleza Antônia. E, como no trajeto de ida, um compacto grupo de hebreus seguiu silencioso e vigilante os soldados que protegem o rabi.

Nesse momento, inesperadamente, Judas Iscariotes se desligou da turba encabeçada por Caifás e me surpreendeu com uma pergunta...

No início, titubeou. Olhou a seu redor com desconfiança e, finalmente, decidi falar-me. Judas deve ter pensado que minha constante presença junto ao Mestre me havia convertido em um de seus seguidores. No entanto, acabou vencendo seu receio e afastou-me do pelotão da escolta. Então, perguntou-me sobre o desenrolar do interrogatório no palácio de Antipas. relatei-lhe o acontecido e Judas, como único comentário, lamentou o silêncio de Jesus, acrescentando:

– Uma nova oportunidade perdida!...

Disse-lhe que não compreendia e Iscariotes, evitando meu olhar, falou de seus tempos como discípulo de João Batista e que jamais havia perdoado o Mestre por não ter intercedido em favor da vida de João. Agora, segundo o traidor, Jesus também não havia feito nada por beneficiar a memória de seu amigo e primo distante. Aquela queixa me surpreendeu. Pelo visto, Iscariotes tinha-se unido a Jesus por causa do encarceramento de João Batista, e cheguei a pensar que boa parte do seu ódio ao rabi vinha precisamente dessa circunstância.

Ambos continuamos em silêncio. Eu ardia de desejo de lhe perguntar a razão de sua traição, mas não tive coragem. E só me atrevi a interrogá-lo sobre a causa pela qual se havia adiantado ao grupo de soldados na noite da prisão de Jesus. Judas, isolado e humilhado por todos, sentia necessidade de se confessar. Mas sua resposta foi uma meia verdade...

– Sei que ninguém acredita em mim – lamentou-se –, mas minha intenção foi boa. Se me adiantei aos soldados e levitas do Templo, foi para advertir o Mestre e meus companheiros de acampamento da aproximação da tropa que iria prendê-lo.

Fiquei quieto. Aquela explicação, de fato, era difícil de aceitar. É possível que Judas, dada sua covardia, houvesse podido maquinar tal "arranjo". Dessa forma, os discípulos talvez não chegassem a desconfiar de sua presença. Mas, se suas intenções eram realmente essas, elas foram frustradas diante da inesperada presença de Jesus na metade do caminho que conduzia ao horto.

Não houve tempo para mais nada. Civílis e seus homens penetraram de novo na torre pela muralha norte, dirigindo-se para as escadarias do Pretório.

Ao chegar ao terraço onde se havia desenrolado a primeira parte do interrogatório, fiquei surpreso de ver colocado ali um tablado semicircular sobre o qual havia sido disposta uma cadeira curul, usada geralmente para repartir justiça. O centurião deixou Jesus ao cuidado de seus homens e entrou na residência.

Os hebreus, com o sumo sacerdote na primeira linha, aguardaram, como de costume, ao pé das escadas. Dessa vez, José de Arimateia já havia entrado no recinto da torre.

Pilatos não tardou a aparecer. Tomando assento na cadeira portátil, dirigiu-se a Caifás e seus homens:

– Trouxestes este homem à minha presença, acusando-o de perverter o povo, impedir o pagamento do tributo a César e pretender ser o rei dos judeus. Interoguei-o e não creio que ele seja culpado de tais imputações. Na realidade, não vejo falta alguma... Enviei-o a Herodes e o tetrarca deve ter chegado à mesma conclusão, já que o mandou de volta. Com toda a certeza, este homem não cometeu delito algum que justifique sua morte. Se considerais que deve ser castigado, estou disposto a lhe impor uma sanção antes de libertá-lo.

João, sem poder conter a alegria, deu um salto e se abraçou a José de Arimateia. Mas, quando tudo parecia inclinar-se a favor do Nazareno, o pátio existente entre a escadaria e o portão da muralha foi subitamente invadido por centenas de judeus, que irromperam tranquilos e silenciosos, tendo um grupo de soldados romanos à frente.

Exatamente como me havia avisado José de Arimateia, aquela multidão havia acorrido ao Pretório desejosa de assistir ao indulto de um réu. E é de grande importância ressaltar que, no momento em que a massa humana chegou diante da residência de Pôncio, com prévia autorização da guarda, ninguém, entre aqueles israelitas, sabia o que estava ocorrendo. Foi ali, diante de Jesus e dos sacerdotes, que o povo se deixou arrastar pela hábil e oportuna manobra de Caifás e dos saduceus. Se o julgamento de Jesus tivesse ocorrido em outro momento ou em outro dia, e sem a presença daquela turba, é possível que o Sinédrio não tivesse levado a melhor.

Pilatos sabia da chegada daquele povo. De fato, a colocação do tablado e da cadeira no terraço obedecia única e exclusivamente à cerimônia da tradicional anistia. Mas Pôncio, desejando agir de boa fé, cometeu um grave erro. Depois de consultar seus centuriões, levantou-se e, elevando a voz, perguntou à multidão o nome do preso eleito.

– “Barrabás”! – respondeu a multidão em uníssono.

Até aquele momento, nem Pilatos nem os juízes haviam pronunciado o nome de Jesus. Aquilo significava, eu suponha, que os hebreus haviam ido até o Pretório com a intenção premeditada de solicitar a libertação do terrorista, e assim se manifestaram – até que o governador lhes pediu silêncio e lhes explicou como os sacerdotes haviam levado Jesus à sua presença e de que o acusavam. Em suma, aquele povo, mesmo sem a presença de Jesus, teria clamado por Barrabás, o

zelote. Mas, como eu já disse, a oportuna intervenção de Caifás e seus sequazes, mais o ouro que havia sido repartido entre alguns judeus infiltrados estrategicamente no seio da multidão, terminaram por inclinar a balança a favor do Sinédrio.

Quando Pôncio concluiu a explicação sobre a presença de Jesus naquele tribunal, deixando bem claro que “ele não via naquele homem razões que justificassem a sentença”, formulou uma segunda pergunta:

– A quem quereis que eu liberte? A Barrabás, o assassino, ou a este Jesus da Galileia?

Por um instante, as centenas de hebreus ficaram atônitas. Não houve uma resposta fulminante. Aquelas pessoas, isso foi visível, hesitaram.

Caifás e os saduceus perceberam imediatamente o grave risco que o silêncio implicava. Então, aproximando-se de Pilatos, bradaram com força:

– Barrabás!... Barrabás!...

A iniciativa dos sinedristas teve rápida repercussão. De diferentes pontos do pátio repleto levantaram-se outras vozes, certamente dos judeus subornados, que também clamaram pela libertação do revolucionário. E em questão de segundos a massa inteira imitou os sacerdotes e se uniu ao coro de Caifás.

Foi inútil a tentativa de João Zebedeu, quase rompendo a garganta aos gritos de “Jesus! Jesus!”. Sua voz foi sepultada por um “Barrabás!” claro e generalizado, repetido e repetido até que o governador, levantando os braços, pediu silêncio.

Nos olhos de Pôncio havia uma labareda de ódio por aqueles saduceus, flagrantes indutores daquela massa ignara e amorfa. A irritação do governador romano nem se devia ao fato circunstancial de aquele galileu pudesse ser ou não sentenciado. O que o encolerizava era precisamente que sua decisão de pôr em liberdade o Mestre fora desprezada pela casta sacerdotal de maneira olímpica.

Mas o erro de Pilatos, oferecendo Jesus como candidato à anistia, ainda era suscetível de retificação. Assim, tomando novamente a palavra, reprimou-lhes a conduta aleivosa.

– Como é possível escolher a vida de um assassino – disse, dirigindo-se diretamente a Caifás – contra a deste galileu, cujo pior crime é acreditar ser rei dos judeus?

O resultado daquelas palavras foi totalmente contrário ao que Pilatos poderia esperar. Os juízes se mostraram ofendidos ao extremo pelo que consideravam um insulto à sua soberania nacional, instigando a multidão a clamar com mais força pela liberdade do zelote. E assim foi. Aqueles hebreus, em sua maioria gente inculta, pisoeiros, carregadores, mendigos, peregrinos desocupados e, sem dúvida, levitas de folga no Templo levantaram de novo suas vozes em favor de Barrabás.

Aquela súbita explosão popular fez o governador hesitar. Acompanhado de seus oficiais, ele retirou-se para deliberar.

Agora estou convencido de que, se Pilatos não tivesse colocado Jesus naquela eleição, seguramente não se teria comprometido diante dos dignitários sacerdotais.

Jesus, entretanto, permanecia tranquilo, de frente para a multidão. Aqueles minutos de espera – e os que se seguiram – foram decisivos para Caifás. Aproveitando a momentânea ausência de Pôncio, manobrou para que seus companheiros de conjura se infiltrassem na multidão e a incitassem a continuar a pedir a libertação de Barrabás. Era triste e decepcionante observar aquela massa, de que faziam parte muitos dos que conheciam e haviam admirado as palavras e o valor do Galileu quando, por exemplo, ele “limpou” a esplanada dos Gentios do sacrílego comércio dos cambistas e intermediários. Num instante e sem o menor discernimento, aquela gente havia-se voltado contra o indefeso Jesus.

Pôncio retornou à sua cadeira e observou a multidão. Havia apoiado os cotovelos nos braços do assento, sustentando a cabeça sobre as mãos entrelaçadas, em atitude de reflexão. Como medida de precaução, Civílis havia dado ordem para que a porta da muralha fosse fechada, ao mesmo tempo que dispunha de várias unidades armadas em torno da multidão. Foi pena que os judeus não tivessem percebido a tempo essa manobra dos romanos. Conhecendo como conheciam a crueldade de Pilatos, talvez, ao se darem conta de que estavam sendo sigilosamente cercados, tivessem se preocupado mais com a própria segurança do que com a libertação de alguém.

O comandante-em-chefe da legião acabava de fazer circular instruções precisas a seus homens. Se a ordem fosse ameaçada, poderiam desembainhar suas espadas.

Durante alguns minutos o governador romano ficou em silêncio. A multidão o imitou, à espera da decisão. E nisso estávamos, quando um dos criados do Pretório apareceu no terraço, entregando uma carta lacrada a Civílis, ao mesmo tempo que lhe comunicava algo verbalmente. O centurião examinou a pequena folha de pergaminho e se aproximou de Pilatos, tirando-o de sua meditação. O governador abriu a nota e, após lê-la com cuidado, ficou de pé. Caifás, os juízes e todos ali reunidos ficaram intrigados. Pôncio parecia hesitar. Deu curtos passos pelo terraço e, por fim, parando diante da multidão, anunciou que havia recebido uma carta de sua esposa, Cláudia Prócula, e desejava lê-la em público. O vento o obrigou a segurar o pergaminho com ambas as mãos. E com voz clara e potente leu:

– “Peço-te que não faças nada – dizia a carta – para a condenação do homem íntegro e inocente que se chama Jesus. Esta noite, durante um sonho, sofri muito por ele.”

Ao ouvir o conteúdo da carta, José de Arimateia pareceu alegrar-se muito. Ainda que o ancião não chegasse a dizer abertamente, todos os indícios apontavam para o importante fato de que a esposa de Pilatos conhecia e aceitava os ensinamentos do Mestre da Galileia. (Segundo consegui entender, alguns de seus criados faziam parte do primeiro grupo de seguidores de Jesus.)¹⁷²

No início, ao notar a fisionomia carregada de Civílis, não associei o texto da carta de Prócula com a forte superstição que dominava o governador e com a previsão que eu me atrevera a formular na presença do centurião. Foi pouco

depois, quando nos dirigíamos ao pátio central da fortaleza para assistir à flagelação do Mestre, que o oficial-chefe lembrou-me de minhas palavras sobre o estranho acontecimento celeste que eu havia prognosticado para aquela manhã, vinculando-o com o misterioso “sonho” da mulher. Tudo aquilo, aparentemente, havia influído – e não pouco – em Pôncio. Talvez, por isso, depois da leitura da mensagem de sua esposa, o governador, com voz trêmula, tenha se dirigido novamente à multidão, perguntando:

– Por que quereis crucificá-lo...? Que mal vos causou?

Os sacerdotes dos judeus perceberam de imediato a crescente fraqueza do representante de César e se irritaram com ele, vociferando sem descanso:

– Crucifica-o...! Crucifica-o...!

O paroxismo dos judeus chegou a tal ponto que a pergunta seguinte de Pôncio quase não foi ouvida:

– Quem quer testemunhar contra ele?

A multidão só sabia repetir uma única palavra:

– Crucifica-o...!

Diante daquele tumulto, Cívilis desembainhou a espada e, levantando-a por sobre o seu elmo, preparou-se para dar sinal para que seus homens entrassem em ação. Mas Pilatos ordenou que o centurião guardasse a espada e, agitando as mãos, pediu silêncio. Pouco a pouco, aqueles fanáticos foram recobrando a calma. E o governador, como que ignorando as petições anteriores do populacho, repetiu a pergunta:

– Peço-vos mais uma vez que me digais que preso desejais que libertemos neste dia de Páscoa.

A resposta foi igualmente monolítica e contundente:

– Entrega-nos Barrabás!

Pilatos moveu a cabeça em sinal de desaprovação e insistiu:

– Se solto Barrabás, o assassino, que faço com Jesus?

Aquele novo sinal de fraqueza da parte do governador foi acolhido com uma brutal explosão de violência. E a palavra “crucifica-o!” ergueu-se como um trovão.

A turba, com os punhos erguidos, continuou clamando, cada vez com mais força:

– Crucifica-o!... Crucifica-o!... Crucifica-o!...

O vozerio impressionou tanto o governador que ele, assustado, retirou-se do terraço e desapareceu no interior da residência. Um dos oficiais, seguindo instruções de Cívilis, apressou-se a seguir Pilatos e, dali a pouco, voltava trazendo uma trágica ordem a Cívilis, enquanto a multidão, possuída pela ideia de matar o Mestre, continuava a pedir pela crucificação.

O centurião-chefe assentiu com a cabeça e, erguendo os braços, em um gesto autoritário, ordenou silêncio. A multidão obedeceu, consciente do poder e da extrema dureza daquele estrangeiro. Feito o silêncio, Cívilis pronunciou breves, mas dramáticas palavras, que gelaram o coração de José e de João:

– A ordem é esta: o prisioneiro será açoitado...

E, com o mais absoluto desprezo, girou sobre os calcanhares e ordenou a seus homens que levassem o preso para o interior do Pretório.

Sem parar para pensar, lancei-me atrás de Cívilis, unindo-me à escolta que já cruzava o saguão da residência.

Eram dez e meia da manhã, segundo os relógios do “berço”...

Daquela vez João não acompanhou o Mestre. E isso me alegrou bastante. O espetáculo que eu estava a ponto de presenciar teria derrubado seu já decaído ânimo.

Subimos pela escadaria da direita e entramos em um longo e úmido corredor, apenas iluminado por algumas lâmpadas de azeite cujas chamas oscilavam à passagem da escolta.

O centurião, visivelmente contrariado com o curso dos acontecimentos, lamentou a fraqueza do governador. Se dependesse dele, o processo contra aquele galileu teria terminado sem contemplações...

– Entre este visionário e um zelote assassino – assegurou-me enquanto percorríamos os últimos metros do passadiço –, Roma não teria hesitado. E muito menos depois que esse punhado de serpentes teve o atrevimento de desafiar a autoridade de César...

Ao sair daquele túnel, reconheci de imediato o pátio de arcadas que havia cruzado na manhã de quarta-feira, quando José e eu nos preparávamos para encontrar Pôncio. Do saguão do Pretório, portanto, podia-se ter acesso ao citado pátio e ao túnel abobadado da entrada oeste da fortaleza, simplesmente percorrendo aquele corredor de cinquenta metros. A saída ficava exatamente na esquina nordeste do pátio, à direita das escadas de mármore que levavam ao salão de despachos oval de Pilatos.

Seguindo, aparentemente, um costume muito comum, os soldados chegaram ao centro do pátio e pararam junto à fonte circular da deusa Roma. O centurião mandou que retirassem os cavalos que estavam sendo escovados e, enquanto os ginetes desatavam as rédeas, várias dezenas de infantes de folga foram se aproximando. A notícia da iminente flagelação daquele judeu – que se autoqualificava “rei” dos judeus – havia corrido rapidamente entre os membros da guarnição, que, lógico, não queriam perder o acontecimento.

Cívilis sugeriu que eu me afastasse.

– Pôncio quer um castigo... especial – acrescentou o centurião, com um sorriso sarcástico. – E, por Zeus, é o que vai ter!

As palavras do oficial me fizeram tremer. Olhei para Jesus, mas o gigante continuava ausente e imóvel com os olhos fixos no jorro de água que saltava da pequena esfera que a deusa sustentava na mão esquerda.

Ouviram-se os cascos dos cavalos afastando-se para uma das esquinas do recinto, e a sessão de tortura começou. Do pelotão de mercenários, haviam sido destacados dois, especialmente robustos. Ambos tinham nas mãos diferentes tipos

d e flagrum, ou látigo curto, de cabo de couro e metal, de apenas trinta centímetros de comprimento. De um deles partiam três correias de uns quarenta ou cinquenta centímetros cada uma, providas nas extremidades de diversos pares de astrágalos (tali) de carneiro. O outro verdugo acariciava as argolas de ferro de sua plumbata, da qual saíam duas tiras de couro, providas de um par de bolinhas de metal (possivelmente chumbo) em cada ponta.

A um sinal do oficial-em-chefe, dois soldados da escolta colocaram o Mestre diante de um dos quatro marcos, de quarenta centímetros de altura, que rodeavam a fonte e eram utilizados para amarrar as rédeas dos cavalos.

Um dos soldados tentou soltar as ligaduras dos pulsos de Jesus, mas elas haviam sido colocadas de tal forma que, após várias e inúteis tentativas, ele teve de lançar mão de sua espada para cortá-las de um só golpe. Depois de quase oito horas com os braços atados às costas, as mãos de Jesus estavam intumescidas e arroxeadas.

Em seguida, despojaram-no do manto de púrpura que Herodes havia colocado em torno de seu pescoço e também de seu roupão e da túnica. As roupas do Mestre caíram sobre uma poça de urina dos cavalos. Por último, desataram-lhe as sandálias e o descalçaram.

Ato contínuo, o mesmo soldado que lhe havia cortado as ligaduras dos pulsos colocou-se diante do prisioneiro e de novo prendeu-lhe os pulsos, agora pela frente, com os restos da corda que havia cortado.

Jesus, com total e absoluta docilidade, deixou que fizessem tudo sem a menor reação. Seu corpo havia começado a exsudar. Aquela reação de seu organismo alertou-me. A temperatura ambiente não era tão alta a ponto de causar aquela súbita transpiração. Contornando a fonte, coloquei-me diante dele e comprovei que, de fato, seu rosto, seu pescoço e sua espádua haviam começado a umedecer-se. Nesse momento, lamentei não estar usando as lentes infravermelhas. A julgar pelas pulsações cada vez mais aceleradas de suas artérias carótidas e por suas sucessivas e profundas inspirações, o rabi havia começado a experimentar nova elevação de seu batimento cardíaco.

O Nazareno estava perfeitamente consciente do que o aguardava, e seu organismo reagia como o de qualquer indivíduo.

Com um puxão, o mercenário o obrigou a inclinar-se para o marco de pedra e depois prendeu a corda na argola metálica que coroava a pequena coluna. A altura do Galileu e o pequeno tamanho do marco obrigaram-no, desde o primeiro momento, a separar as pernas, o que resultou numa postura muito forçada. Os cabelos haviam caído sobre o rosto, ocultando completamente suas feições e impedindo-me de ver seu sofrimento...

O suor tornou-se mais intenso, convertendo suas largas costas e seu torso em uma superfície brilhante.

Prontamente, um dos carrascos se adiantou e arrancou a peça mais íntima de Jesus com um golpe brusco, deixando-o inteiramente despido.

A ruptura das cintas que sustentavam a tanga provocou uma súbita e intensa dor nos genitais de Jesus. Seu corpo estremeceu e seus joelhos dobraram-se pela primeira vez.

Ao vê-lo despido, a soldadesca explodiu em uma gargalhada geral. Mas as caçadas foram interrompidas pela chegada de Pôncio. Sem mais preâmbulos, o governador ordenou aos verdugos que comesçassem. Em meio a um silêncio expectante, o mais alto, colocado à direita do Mestre, levantou seu flagrum de cauda tríplice e lançou um terrível golpe nas costas de Jesus, ao mesmo tempo que iniciava a contagem:

– Unus!

A chicotada foi tão brutal que os joelhos do réu se dobraram, cravando-se no duro piso do pátio com um som seco. Mas, num movimento de reflexo, o Galileu voltou a erguer-se, exatamente no momento em que o segundo verdugo descarregava um novo golpe com seu flagrum bífido.

– Duo!

– Tres!

– Quattour...!

Aqueles soldados, profissionais consumados, manejavam os látigos simplesmente fazendo girar seus pulsos. Dessa forma, as correias se eriçavam, produzindo um máximo de efeito com um mínimo de esforço.

– Quinque...!

O entrechoque dos ossinhos e das bolas de metal foram o único som perceptível durante os primeiros minutos. Jesus, totalmente encurvado, não havia deixado escapar um só gemido. Os astrágalos e as peças de chumbo caíam-lhe sobre as costas, arrancando de cada vez algumas porções de pele. Desde o primeiro açoite, vários filetes de sangue haviam começado a correr pelo corpo, deslizando para os flancos e gotejando sobre o pavimento.

Como eu suspeitava, depois do sanguinolento fenômeno de exsudação ocorrido no horto, a pele do Mestre havia ficado em estado de extrema fragilidade. E aquela chuva de golpes múltiplos não tardou a abri-la, deixando em carne viva seus ombros, costas e cintura. Pouco a pouco, a cada silvo de flagrum, os ossos e as bolas penetravam na pele, provocando cortes e rompendo os tecidos, vasos e nervos.

– Triginta!

Ao trigésimo açoite, o réu desabou, mantendo-se de joelhos, com os dedos fortemente presos ao aro de metal da coluna.

As costas, ombros e região lombar estavam encharcados de sangue, com inúmeros hematomas azulados e grandes como ovos de galinha. As correias, por sua vez, iam traçando dezenas de estrias, como se fossem arranhões, de tonalidade violácea. A presença daqueles múltiplos hematomas, alguns dos quais começavam a estourar, levou-me a pensar que a dor que Jesus de Nazaré suportou naqueles primeiros minutos deve ter atingido o paroxismo.

Mas, felizmente para ele, os golpes, descarregados com tanta sanha quanto precisão, foram abrindo muitos dos hematomas, convertendo as costas em um rio de sangue e, conseqüentemente, diminuindo a dor.

– Quadraginta!

O açoite número quarenta marcava os quatro ou cinco minutos do suplício. Mas, em vez de estremecer, como havia ocorrido nos golpes anteriores, o corpo do Nazareno não reagiu mais. Civílis levantou sua vara de videira e deu por encerrada a flagelação. Então, um dos suarentos verdugos se lançou sobre o réu, agarrou-o pelos cabelos e, após comprovar que ele estava inerte, soltou-lhe a cabeça, que pendeu desfalecida entre os braços.

O centurião apressou seus homens. Um dos soldados encheu uma vasilha com água da fonte e a despejou na nuca do Nazareno. Ao contato do líquido, a cabeça se moveu ligeiramente, enquanto parte do sangue escorria para o solo com a água.

Em pouco tempo, tanto o marco quanto uma ampla faixa da parede circular da fonte, bem como os rostos, braços e túnicas dos verdugos, estavam tingidos de vermelho. A hemorragia, já generalizada nas costas e cintura de Jesus, começara a se tornar preocupante.

Embora o suplício tenha terminado no golpe de número quarenta, coincidindo, assim, casualmente, com a fórmula judaica da flagelação,¹⁷³ a intenção de Pilatos, que acompanhava impassível e silencioso o desenrolar da tortura, era que o massacre prosseguisse.

Os verdugos aproveitaram o breve descanso para se debruçar sobre o tanque e refrescar o rosto, assim como esfregar os braços e remover deles as manchas de sangue. Embora os encarregados do suplício conhecessem o latim, estou quase certo de que, a julgar por suas barbas ralas e abundantes, eram mercenários sírios ou samaritanos. Geralmente, os romanos os designavam quando o condenado era judeu. O ódio ancestral deles pelos hebreus os convertia em executores exemplares...

O Mestre ia se recuperando. Um dos verdugos pegou-o pelas axilas e o ergueu. Mas o peso era excessivo e ele teve de pedir ajuda. Quando, por fim, conseguiram colocá-lo de pé, outro soldado – com uma caçarola de latão nas mãos – postou-se diante do supliciado, enquanto os verdugos, sem nenhum tipo de contemplação, puxavam-no pelos cabelos, obrigando-o a erguer o rosto. E assim o mantiveram até que o romano que tinha a caçarola esvaziou seu conteúdo na boca do Galileu. Perguntei a Civílis do que se tratava e ele me explicou que era água com sal.

Certamente, o exército romano conhecia muito bem os graves problemas que podiam resultar de um castigo como aquele. Em especial a desidratação. Embora Jesus tivesse sido obrigado, no Sinédrio, a ingerir considerável quantidade de água, a profusa exsudação no horto Getsêmani e agora, durante a flagelação, e a séria perda de sangue causada pelos açoites devem ter consumido suas reservas – ou o balanço hídrico corporal, tanto intracelular como extracelular. Aquela água com sal, portanto, constituía um reforço decisivo, se é que Pilatos desejava realmente que o

prisioneiro não morresse dos açoites. (Também existia o perigo de que a excessiva concentração de cloreto de sódio e água – o ideal teria sido uma proporção de 0,85 por cento – pudesse acarretar a aparição de edemas ou inflamações brandas em diversas partes do corpo.)

Mas, como Cívilis dissera, a intenção do governador era torturar o prisioneiro até o limite, de tal forma que seu lamentável estado pudesse satisfazer e comover o agressivo ânimo dos saduceus.

Assim, uma vez esgotado o conteúdo da vasilha, o centurião ergueu seu bastão e cada verdugo tomou seu flagrum para prosseguir o castigo.

– Unus!

Aquele novo golpe e os que se seguiram foram aplicados especialmente nas coxas, nas nádegas, no ventre e em parte dos braços e do tórax. As costas, dessa vez, foram poupadas.

Os golpes das correias, que se enroscavam nas pernas do Mestre, obrigaram-no a uma suprema contração dos feixes musculares, em especial os situados nas faces posteriores das coxas, que assim ficaram mais vulneráveis. Rapidamente a pele foi abrindo-se e a conseqüente hemorragia foi muito mais intensa que a das costas.

– Decem!

Em um titânico esforço para suportar a dor, Jesus de Nazaré havia se agarrado à argola da coluna, erguendo o rosto até onde era possível. Os músculos de seu pescoço, tensos como a corda de um arco, contrastavam com as fossas supraclaviculares, inundadas por um suor frio que escorria sem cessar e que ia diluindo o vermelho do sangue.

– Duo-de-viginti!

O verdugo cantou o número dezoito lançando seu látigo sobre o peito do réu. E uma das parselhas de ossinhos de carneiro deve ter ferido o mamilo esquerdo de Jesus. A intensíssima dor provocou um vertiginoso movimento reflexo e o gigante se ergueu com todas as forças, ao mesmo tempo que seus dentes – solidamente apertados uns contra os outros – abriram-se, deixando escapar um gemido lancinante. Era o primeiro lamento do rabi.

A contração foi tão potente que as cordas que o prendiam à argola se romperam e o mestre se projetou para trás violentamente. Aquilo apanhou desprevenidos os verdugos e o resto da tropa, e todos recuaram assustados.

O Nazareno caiu pesado de costas, deixando no piso do pátio uma poça de sangue. Quando os soldados se lançaram sobre ele, levantando-o com dificuldade, a respiração de Jesus estava muitíssimo acelerada.

Aproveitei o momento de confusão para ajustar as “crótalos” e iniciar um exaustivo exame dos danos ocasionados pela flagelação. Pressionei o cravo dos ultrassons até a posição extrema (7,5 MHz, ou megahertz) e me preparei para rastrear, em primeiro lugar, os tecidos superficiais.

Os soldados haviam arrastado o réu até a pequena coluna, prendendo-o novamente à argola. E os verdugos recomeçaram os açoites, agora muito irritados

por causa do contratempo.

Os golpes, cada vez mais implacáveis, foram abatendo pouco a pouco o corpo do Mestre, que acabou dobrando os joelhos, enquanto seus dedos, jorrando sangue, crispavam-se de dor. A cada açoite, Jesus havia começado a responder com um gemido curto e fraco.

Uma vez “traduzidas” as ondas ultrassônicas em imagens, o resultado da flagelação apareceu diante de nós em toda a sua dramaticidade. Os carrascos, consumados “especialistas”, sabiam muito bem quais zonas podiam tocar e quais não. Desde o primeiro momento, chamou-me a atenção o fato incrível de que nenhuma das costelas havia sido fraturada. A precisão dos açoites, contudo, havia aberto os flancos de Jesus, até deixar a descoberto os feixes fibrosos – ou aponevroses – dos músculos denteados. A dor, ao serem lesadas estas últimas proteções das costelas, deve ter alcançado limites difíceis de imaginar. Na opinião dos peritos da Operação Cavalo de Troia, seriam superiores a 22 “JND”.¹⁷⁴

Certamente, amplas áreas dos músculos das costas – dorsais, infraespinhais e deltoides – apareceram dilaceradas e pontilhadas de hematomas, que, não se abrindo, exerceram extraordinária tensão sobre o que restava da pele, multiplicando a sensação de dor.

Naquele exame dos tecidos superficiais, os pesquisadores ficaram surpresos ao comprovar que os carrascos haviam escolhido as áreas mais sensíveis do corpo, mas menos comprometedoras no que diz respeito a uma possível parada cardíaca que talvez fulminasse o Nazareno. Elegeram principalmente as partes dianteiras das coxas, peitorais e zonas internas dos músculos, evitando o coração, o fígado, o pâncreas, o baço e as artérias principais, como as do pescoço.

Ao mudar a frequência dos ultrassons, passando-a para 3,5 MHz, a análise dos órgãos internos mostrou, desde o primeiro momento, considerável perda de sangue. O volume de sangue de Jesus foi calculado entre seis e sete litros, talvez mais. Pois bem, depois do duríssimo castigo da flagelação, esse volume havia caído 27 por cento. Isso significa que o Galileu havia perdido, no total, desde as torturas na sede do Sinédrio, ao redor de 1,6 litro de sangue. Uma quantidade considerável, embora não suficiente para alterar de forma definitiva – física e psiquicamente – uma pessoa normal. E a prova disso é que Jesus ainda teve forças para responder às perguntas que lhe fizeram depois do castigo. Todavia, aquele derrame circulatório deve ter-lhe provocado crescente angústia, palpitações esporádicas, fraqueza e, sobretudo, uma sede sufocante.

Quanto à frequência cardíaca, as oscilações foram contínuas. Em alguns dos golpes – em especial um dos últimos, que atingiria direto os testículos –, o pico alcançou as 170 pulsações por minuto, caindo rápido para 90 e provocando o segundo desfalecimento.

A pressão arterial, em virtude da intensa descarga de adrenalina, elevou-se também, em alguns momentos, até 210 milímetros de mercúrio. Mas logo o progressivo esgotamento da substância deu lugar a um domínio do sistema vago e

seu intermediário, a acetilcolina, o que foi acompanhado de um decréscimo da pressão arterial, que, já no final do suplício, traduziu-se em um total estado de prostração.

A análise da corrente sanguínea nos permitiu também a confirmação de um fato evidente: o sucessivo aumento dos índices de sódio, de cloro e da pressão osmótica eram sinais inequívocos da forte desidratação que o Filho do Homem tinha começado a experimentar.

– Quadraginta!

O golpe de número quarenta, que na realidade era o de número oitenta, se levamos em conta os quarenta primeiros, caiu sobre um homem praticamente aniquilado. O Mestre, com o corpo deformado pelos hematomas e todo banhado em sangue, pouco se movia. Seus imperceptíveis lamentos iam enfraquecendo e, agora, só ressoava no pátio o ruído dos látigos cravando-se em sua carne e a respiração cada vez mais ofegante dos verdugos, visivelmente esgotados.

Fazia tempo que o Nazareno havia se transformado quase em um novelo, com a cabeça e parte do tórax reclinadas sobre os braços, em posição fetal. Os golpes, cada vez mais lentos e espaçados, continuavam rasgando as nádegas, o ventre, os flancos e as zonas laterais das pernas, e ferindo até mesmo as plantas dos pés.

Alguns dos soldados, aborrecidos ou comovidos por aquela selvagem pancadaria, haviam começado a abandonar o lugar, para se ocuparem dos seus afazeres de rotina.

Civílis, que vinha observando o progressivo esgotamento dos verdugos, dirigiu um olhar significativo a Lucílio, o gigantesco centurião que eu havia visto no apaleamento do soldado romano. O da Panônia compreendeu a intenção de primus prior e, abrindo passagem aos empurrões entre os membros da corte, ergueu os braços, pegando no ar o flagrum do soldado colocado à direita do Mestre, quando este estava pronto para desferir um novo golpe.

A súbita presença daquela torre humana empunhando o látigo de tríplice cauda foi suficiente para que ambos os carrascos se afastassem, deixando-se cair, quase sem respiração, nas lajes do pátio.

E a soldadesca, conhecedora da força e da crueldade do oficial, ficou em silêncio, atenta a todos os movimentos daquele urso.

Lucílio acariciou as correias, limpando o sangue com os dedos. Depois, colocando-se a um metro do flanco esquerdo do prisioneiro, levantou seu braço direito e lançou um golpe preciso e feroz sobre a parte baixa das nádegas de Jesus. A chicotada deve ter atingido o cóccix e a aguda dor reativou o sistema nervoso do rabi, que chegou a erguer-se por alguns segundos. Mas, em meio a grandes tremores, seus músculos falharam e ele caiu sobre os joelhos.

A soldadesca acolheu aquele calculado ataque com uma exclamação que se iria repetindo a cada chicotada:

– Cedo alteram!

Um segundo golpe, dirigido desta vez à parte posterior do joelho esquerdo,

tirou um gemido do Mestre, enquanto os mercenários repetiam, entusiasmados:

– Cedo alteram!

O terceiro, o quarto e o quinto golpes caíram sobre os rins.

– Cedo alteram! Cedo alteram! Cedo alteram!

A violência de Lucílio era tal que os astrágulos de carneiro ficavam incrustados de carne, provocando em cada golpe copiosa hemorragia.

– Cedo alteram! Cedo alteram!

A sexta e a sétima chicotadas se centraram em cada um dos pavilhões auditivos de Jesus. E, quase instantaneamente, de ambos os lados do pescoço, correram grossas gotas de sangue. O Mestre inclinou a cabeça sobre a argola de metal e o centurião buscou o flanco direito, despejando toda a sua fúria sobre o umbigo de Cristo.

– Cedo alteram!

O selvagem impacto sobre o ventre do réu afetou de modo decisivo o seu já castigado diafragma, praticamente cortando sua já penosa respiração. Aquele, é provável, foi um dos momentos mais delicados do castigo. Durante alguns segundos, que me pareceram intermináveis, a caixa torácica do Galileu permaneceu imóvel. Mas, por fim, os músculos intercostais reagiram, aliviando a tensão pulmonar.

– Cedo alteram!

O nono golpe, desferido pelo colosso no dilacerado flanco direito de Jesus – e suponho que de maneira calculada sobre os músculos denteados já abertos, com a intenção de disparar assim a bloqueada respiração do réu –, produziu um som oco, como se os ossinhos houvessem golpeado diretamente as costelas.

O ímpeto do oficial, que havia começado a suar muito, foi tal que o corpo de Jesus se desequilibrou e caiu sobre o lado esquerdo.

É muito provável que naquele momento outra dor – ainda que atenuada pelo atroz calvário da flagelação – estivesse golpeando o organismo de Jesus. Refiro-me à bexiga. De tal maneira devia estar cheia que, involuntariamente, os esfíncteres dos ureteres se abriram, provocando abundante micção. (A julgar pelo tempo que durou o derrame urinário, a bexiga devia conter entre 350 e 400 centímetros cúbicos.) Por sorte, a urina, ainda que muito amarelada, não continha sangue.

Mas aquela descarga involuntária de urina serviu para provocar o riso dos romanos e um ataque de ira muito mais violento em Lucílio, que considerou o ocorrido um insulto pessoal. Por isso, erguendo o látigo, dirigiu-o raivosamente para os testículos do Mestre. Uma das pontas do flagrum tocou a pele do escroto e as outras duas, a bolsa testicular.

Jesus reagiu ao golpe lacerante encolhendo-se, ao mesmo tempo que suas pulsações se aceleravam e um gemido angustioso se confundia com o último Cedo alteram!

Imediatamente a pulsação do Mestre baixou para 90 e ele, empalidecendo, perdeu a consciência.

Civílis levantou de novo sua vara e ordenou aos soldados que examinassem o réu. Depois, aproximando-se do governador, pediu-lhe instruções. Deveria continuar o castigo?

Mas antes que Pôncio tomasse uma decisão, o brutal Lucílio insinuou que, dada a situação do prisioneiro, o mais certo seria acabar com ele ali mesmo.

Pilatos olhou para o corpo imóvel e ensanguentado do rabi e hesitou. E sorriu com sarcasmo. Jamais me esquecerei desse gesto. Aquele demente parecia ter se deliciado com o selvagem castigo. Finalmente, o oficial que havia executado aquela última parte da flagelação lançou mão de sua espada, convencido de que Pilatos se inclinaria para a solução que propusera. Mas a água espargida sobre a cabeça e a nuca do prisioneiro estimulou um pouco seu estado precário e ele, lentamente, foi recobrando os sentidos.

Aquela progressiva recuperação do Nazareno levou Pilatos a prosseguir com seu plano e, antes de retirar-se do pátio, ordenou a Civílis que cuidasse do Galileu e o levasse à sua presença assim que fosse possível.

Eram onze da manhã. Os mercenários soltaram as cordas e, a duras penas, puseram o prisioneiro de costas contra a coluna que havia servido para a flagelação. Um dos soldados colocou-se de cócoras por detrás do marco e procurou sustentar pelos ombros o maltratado corpo de Jesus. O gigante, com as pernas estendidas sobre o lajeado, respirava ainda com dificuldade, acusando com esporádicos estremecimentos os infinitos pontos dolorosos. Aqueles tremores foram se intensificando e eu temi que a febre pudesse ter-se instalado no Mestre. Não me equivocava...

Outro soldado, sempre sob a atenta vigilância de Civílis, aproximou uma segunda vasilha dos lábios do rabi e o obrigou a beber nova dose de água com sal.

Algumas das feridas haviam começado a coagular e muitos filetes de sangue, a secar. Os cortes dos flancos, todavia, continuavam emanando sangue, que caía sobre as pedras no ritmo dos movimentos respiratórios, cada vez mais curtos e rápidos.

O centurião balançou a cabeça em sinal de desaprovação. Não era preciso ser médico para concluir que o castigo havia sido tão desproporcional que era de se temer pela vida do prisioneiro.

Antes que fosse tarde demais, desliguei o sistema ultrassônico e apertei o segundo cravo. Ao ativá-lo, o minicomputador alojado na "vara de Moisés" deu passagem ao fluxo de raios infravermelhos, prontos para a análise de "teletermografia" dinâmica.¹⁷⁵

Como já assinalei anteriormente, as lentes "crótalos" especiais de contato me permitiam dirigir o sistema de "teletermografia" para as áreas desejadas e, assim, eu podia ordenar o máximo de explorações.

As imagens obtidas por esse processo foram nada menos que dramáticas. A maior parte do corpo de Jesus, banhada com sangue venoso, oferecia uma tonalidade vermelho-parda, ao passo que os hematomas (muito mais quentes)

lançavam uma cor azul intensa.

O rastreamento nos permitiu observar que a rede arterial principal não havia sido lesada, ainda que a vascularização cutânea e o sistema venoso superficial (especialmente em extensas áreas dorsais) apresentassem numerosos danos. Segundo os médicos do projeto, na hipótese de que o Mestre tivesse conservado a vida, sua recuperação, com as técnicas e fórmulas da época, demoraria mais de três meses.

A análise das retinas foi satisfatória. A cor amarelo-avermelhada que elas apresentavam demonstrava que a visão estava correta. O mesmo não se podia dizer de algumas articulações – em especial a da perna esquerda (concauidade do pólite ou jarrete) e as dos ombros –, seriamente afetadas pelas bolas de chumbo e astrágalos de carneiro. A temperatura dérmica dessas articulações, extraordinariamente inflamadas, havia aumentado até 3°C.

A alta temperatura geral (oscilante entre 39°C e 40) veio ratificar minha impressão inicial: Jesus tinha febre e assim permaneceria até sua morte.

O minucioso rastreamento do corpo do Galileu nos permitiu distinguir, pelo menos, 225 pontos “quentes”, correspondentes a outros tantos impactos provocados pelo flagrum. As escoriações, os hematomas e as dilacerações haviam dado origem a áreas inflamadas, geralmente circulares, que marcavam com sua alta temperatura o trágico “mapa” dos açoites.

Esse foi o “guia” da flagelação, pormenorizado pelo computador central do módulo: costas e ombros: 54 impactos; cintura e rins: 29; ventre: 6; peito: 14; perna direita (zona dorsal): 18; perna esquerda (dorsal): 22; perna direita (zona frontal): 19; perna esquerda (frontal): 11; braço direito (ambas as faces): 20; braço esquerdo (ambas as faces): 14; ouvidos: 1 em cada; testículos: 2; e nádegas: 14. A essas lesões somavam-se numerosas estrias ou escoriações, produzidas pelas correias dos látigos. A imensa maioria desses ferimentos tinha uma extensão de três centímetros e a forma típica de “peso de ginástica”, deixada pelos “escorpiões” das pontas: as bolas de metal e os astrágalos de carneiro.

Em síntese, um castigo tão brutal que nenhum dos especialistas do projeto jamais chegou a entender como aquele homem pôde resistir.

– Basta já! Ponde o homem de pé e vestido!

A voz do oficial-chefe ressoou carregada de impaciência. E, enquanto os soldados cumpriam a ordem, eu desliguei os circuitos da “vara de Moisés” e guardei as lentes de contato.

Foi preciso que dois mercenários segurassem o maltratado corpo do Mestre quando ele recuperou a posição vertical. Sua extrema fraqueza fez que seus joelhos se dobrassem, obrigando os soldados a segurá-lo pelas axilas. Outros romanos, a uma ordem de Civílis, acudiram para ajudar os companheiros e, assim, evitar que o prisioneiro desabasse sobre o lajeado.

Ao ser erguido, algumas feridas – especialmente dos flancos voltaram a sangrar aos borbotões, e os filetes de sangue escorreram rapidamente para o ventre,

virilhas, coxas e pernas, até derramar-se pelo chão.

Alguém recolheu suas roupas e, depois de vestir-lhe a túnica, colocou o manto sobre seu ombro esquerdo, envolvendo-lhe em seguida o tórax. O roupão ficou firmemente preso sobre o peito e as costas de Jesus, de forma que, juntamente com a túnica, fizeram as vezes da bandagem. Aqueles romanos sabiam que esse era um excelente processo para tampar muitos cortes e reduzir a hemorragia. Senti um estremecimento ao imaginar o que poderia ocorrer no momento em que o Galileu fosse despojado de suas roupas. Se os coágulos ficassem colados ao tecido – como seria natural –, a retirada da túnica significaria um novo e doloroso suplício, com a conseqüente reabertura das feridas.

O sangue, que ensopou de imediato a túnica branca, começou a gotejar pelas mangas e pela borda interna. E o esponjoso tecido logo ficou tomado por inúmeros círculos vermelhos.

Os soldados obrigaram o Nazareno a dar alguns passos, mas, quando este mal havia colocado os pés no chão, as forças o abandonaram e ele desmoronou. A rápida intervenção dos soldados de Civílis evitou, porém, que ele caísse. O grupo interrogou o centurião com o olhar, e ele, desanimado, fez sinal aos homens para que o sentassem em um dos bancos de madeira do pórtico.

Civílis compreendeu que naquele momento era inútil conduzir o réu até o terraço, onde deveria esperar o governador. Foi necessário que vários infantes o acompanhassem e sustentassem.

Os tremores febris continuavam sacudindo o corpo do Nazareno, que, pouco a pouco, passo a passo, foi conduzido pelos romanos a um dos assentos, situado na parte oriental do pátio. Entrementes, outros haviam iniciado a limpeza do piso e da coluna onde ocorrera a flagelação. Os cavalos voltaram para junto da fonte e seus cuidadores continuaram escovando-lhes e friccionando o lombo com folhas de poejo, cujo cheiro – segundo a crença popular – matava os piolhos.

O centurião tirou o elmo e, depois de meditar alguns segundos, afastou-se do pátio em direção ao túnel que levava ao Pretório.

Devo assinalar que eu vinha observando o claudicante caminhar do Mestre e uma visível coxeadura da perna esquerda levou-me à conclusão de que o golpe do látigo de Lucílio no jorrete havia alterado a articulação de seu joelho. (Isso seria confirmado, como já assinalei, pelo exame “teletermográfico”.)

Jesus foi sentado, por fim, em um dos bancos e, nesse momento, um ricto de dor se esboçou novamente em seu rosto. Era bem possível que aquele gesto tivesse sido provocado pelos golpes no cóccix ou nos rins. Ao apoiar-se na madeira, o osso inferior da coluna e as regiões lombares devem ter acusado o contato com o assento e o espaldar.

Durante alguns minutos, a atitude da tropa foi pacífica, até correta. Dois continuaram junto ao Nazareno, atentos à sua recuperação, e os demais se juntaram a um dos círculos que vociferavam em um canto do pátio. Ao ver que o Mestre estava mais tranquilo, não pude resistir à tentação e aproximei-me também

do círculo de mercenários que, sentados ou de cócoras, concentravam sua atenção em uma das lajes do pavimento.

Ao olhar por cima das cabeças dos soldados, vi que se tratava de um jogo (uma espécie de “três na raia”, já descrito por Plutarco). Usando as espadas, os membros da guarnição haviam traçado um círculo sobre a laje e gravado, no interior, uma série de toscas figuras e letras. Pude distinguir um “B” – que servia, aparentemente, para a chamada “jogada do rei” ou de “Basileus”, em grego – e uma coroa real. Todas essas figuras eram separadas umas das outras por uma linha que zigzagueava pelo interior do círculo. Os participantes usavam quatro astrágalos, previamente marcados com letras e cifras, os quais eram lançados sobre o círculo, cantando-se as diferentes jogadas segundo as figuras ou letras onde caíssem.

Aos poucos o jogo foi ficando animado e vários dos romanos cantaram jogadas como “Alexandre”, “Dario” e “Efebo”.

Por fim, um dos jogadores teve a sorte de que um dos ossinhos fosse rodando até a coroa e ele, então, pôde gritar a “jogada de rei”, que equivalia ao nosso “xeque-mate” e, portanto, ao final do jogo.

Os soldados recolheram os ossinhos e aquele que havia ganho, induzido seguramente por seu último golpe de sorte, reparou no Galileu e incitou seus companheiros a prosseguir o jogo, “mas desta vez com um rei de verdade”... A ideia foi acolhida com entusiasmo e o grupo se aproximou do banco disposto a se divertir à custa daquele que se havia autoproclamado “rei dos malditos e odiados hebreus”.

A ausência de Civílis levou os que custodiavam Jesus a hesitar no início, mas depois eles se uniram às troças e grosserias dos companheiros.

Logo aquela dezena de mercenários enfadados e ociosos colocou--se de lado e deu passagem a outros dois soldados.

Com ar marcial e contendo o riso, aqueles dois soldados foram caminhando em direção ao Nazareno, que havia tornado a inclinar a cabeça, suportando com seu habitual mutismo aquele novo e amargo transe.

Um dos que haviam começado a desfilar diante do prisioneiro trazia em suas mãos o que, num primeiro momento, pareceu-me uma cesta de vime às avessas. Mas quando cheguei perto do Galileu, compreendi. Não se tratava de uma cesta, mas de um complicado “elmo”, trançado à base de sarça espinhosa. Tinha a forma de meia laranja, com um aro ou suporte na base, formado por um feixe de juncos verdes, estreitamente ligados por outras fibras, também de junco.

O barrete espinhoso havia sido entretecido com meia dezena de ramos muito flexíveis, entre os quais se destacava um terrífico molho de espinhos retos em forma de “bico de louro”, de dimensões que oscilavam entre vinte milímetros e seis centímetros, aproximadamente.¹⁷⁶

Era evidente que, enquanto o grosso dos soldados concentrava suas zombarias em Jesus, aqueles dois indivíduos haviam entrado em algum armazém de lenha da

fortaleza com a sinistra ideia de trançar uma "coroa" para o "rei dos judeus".

A ideia foi recebida com aplausos e gargalhadas. E o que carregava aquele perigoso "elmo" de delgados e pardacentos ramos inclinou-se, simulando uma reverência, e depois ergueu a "coroa" a meio metro sobre o Mestre, para em seguida baixá-la e enterrá-la violentamente em sua cabeça. Um alarido de satisfação escapou das gargantas da soldadesca e afogou o gemido de Jesus, que, ao contato com os espinhos, ergueu a cabeça abruptamente e bateu a região occipital contra o muro sobre o qual estava encostado o banco. Aquele impacto com a parede deve ter enterrado ainda mais os espinhos situados na zona posterior do crânio.

O "elmo", encaixado de modo brutal, cobriu quase toda a cabeça do réu. O aro sobre o qual se sustentava a trança espinhosa ficou na altura da ponta do nariz, dificultando até a visão do Mestre.

A aguda dor das vinte ou trinta farpas que lhe perfuraram o couro cabeludo, a testa, as têmporas, orelhas e parte das faces abalou de novo o Filho do Homem, que, com os olhos fechados, num movimento de reflexo para se proteger, permaneceu durante segundos com a boca entreaberta, tentando inalar o máximo de ar.

Ao ver aparecer seis copiosos fios de sangue em sua testa e têmporas, temi que os espinhos lhe houvessem perfurado a veia facial, que corre do queixo à região ocular. Aproximei-me o quanto pude de seu rosto, mas não cheguei a distinguir espinho algum cravado na área que cruza aquela veia. Outros, porém, haviam perfurado a testa e a região molar direita. Um daqueles espinhos, em forma de gancho, penetrara a poucos centímetros do supercílio esquerdo (no músculo orbicular), dando lugar a uma intensa hemorragia, que cobriu rapidamente o arco superciliar e inundou de sangue o olho, a face e a barba.

A profusa emissão de sangue indicava que os ferrões haviam afetado gravemente a aponeurose epicraniana (situada logo debaixo do couro cabeludo). A retração dos vasos rompidos pelos ferrões nessa área – muito vascularizada – foi imediatamente notada. O sangue começou a fluir em abundância, gotejando sem cessar da barba ao peito.

Mas os soldados, não satisfeitos com esse bárbaro atentado, foram em busca do manto vermelho que havia ficado no chão e o lançaram sobre os ombros de Jesus. Outro mercenário pôs uma vara entre suas mãos e, ajoelhando-se, declarou, ante o regozijo geral:

– Salve o rei dos judeus!

As reverências, imprecações, cusparadas e pontapés nas pernas do Nazareno foram-se amiudando entre aquele grupo, cada vez mais animado com os ultrajes. Um dos soldados pediu passagem e, colocando suas nádegas a poucos centímetros do rosto de Jesus, levantou a túnica e se pôs a expelir gases intestinais com grande estrépito, o que provocou novas e estridentes gargalhadas.

O divertimento da soldadesca foi subitamente interrompido pela presença do

gigantesco Lucílio, atraído, sem dúvida, pelo alvoroço dos homens. Observou a cena em silêncio e, com um sorriso de cumplicidade, colocou-se diante do réu. Os soldados, intrigados, fizeram silêncio. E o centurião erguendo a roupa, começou a urinar sobre as pernas, o peito e rosto de Jesus de Nazaré.

Aquela nova injúria arrastou os romanos a uma estrepitosa e coletiva gargalhada, que se prolongaria por mais tempo do que durou o ultraje.

Meu coração se sentiu tão angustiado e ferido como se aquelas ofensas tivessem sido feitas a mim. Abatido, recostei-me na parede com um só desejo: que Cívilis chegasse.

Meus desejos foram atendidos. O comandante das forças auxiliares entrou no pátio central da fortaleza Antônia no momento em que um daqueles desalmados arrancava a vara das mãos do Nazareno e com ela desferia um forte golpe sobre o "elmo" de espinhos.

As risadas dos mercenários cessaram no mesmo instante, diante da súbita chegada de Cívilis. Quando o centurião interrogou um dos guardiães sobre aquele novo escárnio, os soldados encolheram os ombros, responsabilizando os companheiros. Mas estes já se haviam dispersado entre as colunas e pelo pátio.

Visivelmente aborrecido com a indisciplina de seus homens, o oficial ordenou aos soldados que pusessem o condenado em pé e o seguissem. E assim o fizeram, enquanto Jesus de Nazaré, um pouco mais refeito, ainda que submetido a constantes calafrios, começava a caminhar para o túnel, quase arrastando a perna esquerda.

Ao seu lado e atentos ao Galileu, avançaram também outros três soldados, que não se separariam do réu até o momento de seu retorno ao cenário da flagelação.

Eram onze e quinze da manhã...

O sol, cada vez mais alto, iluminou a figura de Jesus ao sair do Pretório. Ao vê-lo, a multidão que aguardava diante da escadaria deixou escapar um murmúrio, inevitavelmente surpresa diante do lamentável aspecto do réu.

A escolta parou no centro do terraço, à esquerda da poltrona em que Pilatos esperava. Este, ao ver o elmo de espinhos sobre a cabeça do Mestre, voltou-se nervoso e indignado para Cívilis, e o interrogou, enquanto apontava com o indicador para a cabeça do rabi. Ignoro o que teria dito o centurião. Minha atenção havia ficado presa no Galileu. Ao parar em frente à multidão, Jesus – curvado e com os dedos entrelaçados, tentando assim dominar os tremores que o consumiam – percebeu a cálida presença do sol e, como se quisesse absorver a doce carícia de seus raios, foi erguendo o rosto até situá-lo de frente para o disco solar. Durante alguns segundos, suas profundas olheiras e a máscara de sangue que ocultava seu rosto foram perfeitamente visíveis para todo o povo. Mas ao fazer isso, as farpas da coroa lhe perfuraram a nuca mais uma vez. E a dor o forçou a baixar de novo o rosto.

João Zebedeu, paralisado diante daquela trágica mudança do Mestre, soltou o braço de José de Arimateia e precipitou-se até Jesus, ajoelhando-se e chorando a

seus pés. Os soldados interrogaram o centurião com o olhar, prontos para separar o amigo do prisioneiro, mas Cívilis, estendendo a mão esquerda, fez sinal para que o deixassem.

Durante alguns minutos, tanto Pilatos quanto a multidão ficaram surpresos com o desolado pranto. E um respeitoso silêncio reinou no pátio.

Por duas vezes o Mestre tentou inclinar-se para João e tocar, com suas mãos trêmulas e ensanguentadas, o discípulo; mas aquele suplício em sua cabeça e a rigidez das cordas que as prendiam não permitiram.

Aquele novo gesto de bravura do discípulo e o semblante derrotado do Mestre comoveram, sem dúvida, o governador. Levantando-se de sua poltrona, o romano caminhou até a borda da escada e, apontando Jesus, sem perder de vista Caifás e os saduceus, exclamou, numa tentativa de provocar a piedade dos acusadores:

– Tendes aqui o homem...! De novo vos declaro que não o acho culpado de crime algum... Depois de castigá-lo, quero dar-lhe a liberdade.

Uma vez mais Pilatos se equivocava. E ainda que a multidão não se atrevesse a replicar, o sumo sacerdote e seus homens responderam entoando o conhecido “crucifica-o”.

A multidão, assim induzida, foi-se unindo, pouco a pouco, às manifestações dos sinedristas, gritando em coro:

– Crucifica-o!... Crucifica-o!...

Decepcionado, Pilatos voltou ao tribunal e esperou que o populacho se acalmasse. O vento, cada vez mais quente e desagradável, havia começado a erguer grandes torvelinhos de poeira que vinham do leste e açoitavam com maior dureza aquela ala norte da fortaleza Antônia. Cívilis logo percebeu a mudança do tempo e, depois de verificar que as sentinelas de serviço nos torreões da muralha buscavam proteger-se do fortíssimo vento, olhou para mim fixamente, lembrando-me, com sua fisionomia grave, do presságio que eu lhe havia feito naquela mesma manhã. Eu assenti com um movimento da cabeça.

Mas nosso “diálogo” silencioso foi interrompido pela voz do governador. Acalmada a turba, Pôncio, com a mão direita protegendo a peruca (muito comprometida pelo incipiente siroco), falou aos hebreus com inconfundível tom de desalento em suas palavras:

– Reconheço perfeitamente que vós haveis decidido pela morte deste homem. Mas que fez ele para merecer a condenação...? Quem deseja enunciar seus crimes?

Congestionado pela ira, Caifás subiu as escadas e, depois de cuspir em Jesus, colocou-se diante do governador, gritando-lhe:

– Temos uma lei sagrada pela qual este homem deve morrer. Ele mesmo declarou ser filho de Deus... bendito seja seu nome!

E, voltando a cabeça para o cabisbaixo réu, lançou-lhe outra cusparada.

Pôncio olhou para Jesus com um súbito medo. O sangue continuava gotejando de sua testa e manchando o manto de João, que, ajoelhado e abraçado aos pés de seu Mestre, não parecia prestar atenção alguma ao que estava ocorrendo.

Caifás retomou com passos decididos para seu lugar à frente da multidão e Pôncio, com a face pálida e os cabelos em desordem, golpeou os braços da poltrona com ambas as mãos, ordenando a Cívilis que levasse o galileu para dentro de sua casa.

Os soldados fizeram Jesus dar meia-volta e o conduziram ao saguão. Obedecendo a um impulso, abaixei-me sobre João, animando-o para que se levantasse e parasse de chorar. Depois, passando meu braço sobre seus ombros e aconchegando seu rosto contra meu peito, levei-o ao interior do Pretório.

Pilatos, com as mãos nas costas, havia começado a dar curtos passeios pelo centro do vestíbulo. Enquanto isso, Cívilis e os soldados aguardavam a pouca distância da porta.

Ao me ver, o governador interrompeu seus passos nervosos e, dirigindo-se a mim, interrogou-me em voz baixa, como se temesse que o ouvissem:

– Jasão, tu crês de verdade que este galileu pode ser um deus que desceu à Terra como as divindades do Olimpo?

Os olhos claros do romano brilhavam e se agitavam, tomados de um medo supersticioso e – em minha opinião – cada vez mais profundo. Mas Pôncio não esperou minha resposta. Após alisar a peruca, deu meia-volta e aproximou-se do Mestre, perguntando-lhe com voz trêmula:

– De onde vens? Quem és na realidade...? Por que dizes que és filho de Deus...?

O Nazareno ergueu o rosto levemente, pousou um olhar cheio de piedade sobre aquele débil juiz, doente mental e encurralado por suas próprias dúvidas. Mas os lábios trêmulos do Mestre não chegaram a articular palavra alguma.

Pilatos, cada vez mais descomposto, insistiu:

– Negas-te a responder? Não compreendes que ainda tenho poder suficiente para libertar-te ou crucificar-te?

Ao ouvir aquelas advertências ameaçadoras, o Galileu respondeu, por fim, com um fio de voz:

– Não terias poder sobre mim sem a permissão de cima...

A extrema fraqueza do Mestre não permitiu que suas palavras chegassem senão muito fracamente aos ouvidos do governador. E este, aproximando-se quanto lhe foi possível dos coágulos de sangue que haviam ficado aderidos à barba e ao bigode do prisioneiro, pediu-lhe que repetisse.

– Como dizes?

– Não podes exercer nenhuma autoridade sobre o Filho do Homem – disse Jesus com esforço –, a menos que o Pai celestial permita...

Pôncio recuou, desconcertado. Mas o Nazareno ainda não havia terminado.

– ... Mas tu não és de todo culpado, já que ignoras o Evangelho. Aquele que me traiu e me entregou a ti cometeu o maior dos pecados.

O romano sabia de sobra a quem se referia o prisioneiro e aquela inesperada revelação, desonerando Pilatos parcialmente de sua responsabilidade, pareceu

aliviá-lo sobremaneira. O governador esqueceu suas perguntas e, com um sorriso de agradecimento apenas esboçado, saiu para o terraço. A escolta dispôs-se a segui-lo, mas o Nazareno, dirigindo-se a João, colocou a mão sobre a cabeça do discípulo, fazendo-lhe um último pedido:

– João, nada podes fazer por mim... Vai e traz aqui minha mãe para que me veja antes de morrer.

Civílis escutou também aquelas dolorosas palavras e, intuindo o fatal desenlace, animou João Zebedeu a cumprir a última vontade do Galileu sem perda de tempo. Soltei o discípulo e, disfarçando minha angústia, assenti com a cabeça, ratificando a nobre intenção do centurião. João atravessou o umbral do Pretório e desapareceu no meio da multidão. Antes, o oficial havia ordenado a seus homens que acompanhassem o apóstolo até as portas da muralha, para lhe franquearem a passagem.

Ao regressar ao terraço, Pôncio – muito mais animado pelas recentes frases do réu – havia começado a falar à multidão. O tom de sua voz deixava transparecer o firme desejo de absolver Jesus. O rosto de José de Arimateia voltou a iluminar-se pela esperança, e até Judas, que havia sido um dos poucos que não se haviam unido aos gritos de crucificação, pareceu aliviado pela decidida atitude do governador.

– ... Estou convencido de que este homem – afirmou Pilatos somente cometeu falta contra a religião, pelo que deve ser detido e submetido a vossas próprias leis... Por que esperais que eu o condene à morte? Só por estar em conflito com vossas tradições?

A inesperada mudança do governador de Roma exasperou os ânimos dos saduceus, que formaram um círculo e começaram a discutir acaloradamente. Pilatos, satisfeito diante da irritação geral dos sacerdotes, sentou-se na poltrona com uma piscadela para Civílis. Mas, antes que pudesse saborear seu efêmero triunfo, Caifás, pálido, os olhos injetados de sangue, voltou a subir as escadas e lançou-lhe à queima-roupa:

– Se soltares este homem, tu não és amigo de César...!

A cólera do sumo sacerdote era tanta que seu volumoso ventre começou a subir e descer, arrastado pela agitada respiração. Aquela frase de Caifás fez Pilatos empalidecer.

– ... E farei, por todos os meios – arrematou o astuto genro de Anás –, com que o Imperador tome conhecimento disso.

Conhecendo como conhecia a enxurrada de delações, prisões e execuções que havia desabado naqueles últimos meses sobre o Império, o fulminante ultimato de Caifás acabou desarmando o governador. Aquele, com certeza, fora um golpe baixo. Tibério e, mais precisamente, o temido Sejano, já haviam tido notícias de duas revoltas provocadas pela intransigente postura de Pilatos: uma motivada pela colocação dos emblemas e insígnias do Imperador em metade de Jerusalém; e a segunda, pela apropriação indébita do tesouro do Templo para a construção de um

aqueduto. E ambos os fatos lhe haviam valido, cada qual, uma advertência. Se o inflexível general da guarda pretoriana, que ocupava o posto de César, voltasse a receber inquietantes notícias sobre a conduta de seu homem de confiança naquela província, a carreira política de Pôncio poderia ficar seriamente ameaçada. De fato, pouco tempo depois da morte de Jesus de Nazaré, Pôncio cometeria novo erro político que precipitaria seu fim.¹⁷⁷

O sumo sacerdote, ademais, havia se referido intencionalmente a seu título de "amigo de César". E aquela referência enfraqueceu ainda mais a vontade do juiz romano. (Ainda que Pôncio Pilatos, sem dúvida, fosse amigo de César, a alusão de Caifás fora como uma dinamite. O chefe dos sacerdotes sabia que o governador era membro da "ordem equestre", ostentando o título de aeques illustrior e a dignidade de "amigo de César", ou seja, uma distinção muito especial. E era justo esse privilégio que tornava ainda mais delicada sua situação diante da cúpula do Império. O Sinédrio tinha meios de fazer chegar a Sejano e a Tibério, na ilha de Capri, suas queixas sobre o que considerava uma nova irregularidade do representante de César. E Pôncio sabia disso.)

Essa astuta manobra final desmoralizou Pôncio, que, carente de um rigoroso senso de justiça e sem tempo para refletir friamente, cedeu. Confundido e sem controle, levantou-se da cadeira curul e, apontando Jesus, disse, sarcástico:

– Eis aqui o vosso rei...!

Caifás e os juízes hebreus sabiam que acabavam de ferir de morte os propósitos do romano e, incitando novamente a multidão, responderam a Pilatos:

– Acaba com ele... Crucifica-o! Crucifica-o!...

O governador deixou-se cair sobre a cadeira e, praticamente sem forças, perguntou:

– Vou crucificar vosso rei?

Um dos saduceus se colocou sobre o segundo degrau e bradou, apontando a fachada do Pretório:

– Não temos outro rei senão César!

Pilatos sabia que aquela afirmação era hipócrita, mas não se atreveu a replicar. Chamou Cívili e, depois de trocar algumas palavras com o primeiro oficial, anunciou sua intenção de libertar Barrabás.

A população aplaudiu a decisão do governador. Mas Pôncio, alheio a esse reconhecimento, pediu que lhe trouxessem uma bacia com água. O centurião, ao ouvir Pôncio, mostrou estranheza, mas obedeceu, ordenando por sua vez a um dos soldados que cumprisse rapidamente a determinação do governador. Creio que, a não ser Pilatos e eu mesmo, nenhum dos presentes sabia com que intenção o romano havia solicitado aquele utensílio.

Jesus, com a cabeça inclinada e vítima de febre, assistiu em silêncio àquela última parte do confronto dialético entre os judeus e o representante do César.

O soldado regressou ao terraço trazendo uma grande bacia de barro, cheia de água, colocou-se diante de Pilatos e esperou. O governador introduziu suas mãos

gorduchas no recipiente, esfregando-as durante alguns segundos. Depois, diante do atônito olhar do centurião, de sua tropa e da multidão, ordenou ao soldado que se retirasse. E então, erguendo os braços acima da cabeça, exclamou de forma que todos o ouvissem nitidamente:

– Sou inocente do sangue deste homem! Estais decididos a que ele morra...? Pois bem, de minha parte não o considero culpado...

A turba voltou a aplaudir, ao mesmo tempo que escutava a voz de outro sinedrista:

– Que seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos!

E a multidão, numa só voz, repetiu em coro aquela trágica sentença, ignorante das gravíssimas horas que viveria a Cidade Santa quarenta anos mais tarde, quando exatamente o sangue de muitos daqueles hebreus e o de seus filhos seria derramado pelas legiões de Tito. Embora, à primeira vista, a autojustificação do saduceu e do populacho pudesse parecer uma simples manifestação emocional, própria daqueles momentos de ódio e cegueira, a verdade é que aquela frase encerrava um significado muito mais profundo e transcendental. Os juízes – ignoro se o mesmo acontecia com aquela massa bárbara e vociferante – conheciam muito bem o que dizia a lei mosaica a esse respeito. A Misná, em sua ordem quarta, especifica textualmente que “nos processos de pena capital, o sangue do réu e o sangue de toda a sua descendência penderá sobre a testemunha falsa até o fim do mundo”.

Outra das tradições judaicas afirma também que “todo aquele que destruir uma só vida em Israel, a Escritura conta como se ele tivesse destruído todo um mundo; e todo aquele que deixar subsistir uma pessoa em Israel, a Escritura conta como se ele tivesse deixado subsistir um mundo inteiro”.

Os sinedristas, portanto, estavam muito conscientes do alcance e da gravidade de sua sentença, admitindo que o sangue de Jesus caísse sobre si e toda a sua descendência.

Pilatos enxugou as mãos com a parte inferior do manto e, dando as costas a Caifás e à multidão, saudou o Nazareno com o braço erguido. Imediatamente, enquanto se encaminhava para a porta do Pretório, voltou-se para Cívilis e seus subordinados, dizendo-lhes:

– Ocupai-vos dele.

E os infantas, com o centurião à frente, seguiram os passos do governador, retirando-se do terraço.

A sorte havia sido lançada.

A partir daquele momento, os fatos se sucederam em meio a uma grande confusão. Perdi de vista João Zebedeu e José de Arimateia e, certamente, todos os simpatizantes do Mestre. Só depois de abandonar a fortaleza Antônia conseguiria encontrar-me de novo com o ancião e entusiasma-lo a seguir de perto a decisiva visita de Judas Iscariotes à sede do Sinédrio. E digo “decisiva” porque, como terei a oportunidade de relatar, as circunstâncias que rodearam e encurralaram o traidor

foram mais complexas e extensas do que fazem crer os relatos dos evangelistas.

A escolta que rodeava Jesus tomou o caminho do túnel, desembocando de novo no pátio das arcadas. Pilatos, para minha surpresa, estava presente quando os soldados pararam junto à fonte. O governador tinha pressa de acabar com aquele assunto fastidioso e ordenou a Civílis que o réu fosse conduzido de imediato ao lugar da execução. Parece que, depois da pública derrota sofrida pelo governador diante dos dignitários do Sinédrio, seu propósito de regressar a Cesareia havia-se convertido quase numa obsessão. Pôncio estava consciente de que acabava de cometer um atropelo e não teve coragem sequer de olhar para Jesus.

O centurião trocou impressões com vários de seus oficiais e, finalmente, foi designado um certo Longino, um veterano soldado, natural de Túsculo, cidade encravada nos montes Albanos, e conterrâneo e amigo de Sulpícius Quirínius,¹⁷⁸ que fora senador do imperador Augusto. Com ele, havia combatido na guerra contra os homonadenses, uma tribo rebelde que habitava a cordilheira de Tauro, na atual Ásia Menor. Era, a julgar pelos seus modos, homem de poucas palavras, olhar cáldo e direto, bom conhecedor daquele povo e da terra. Naquele momento, graças a seu valor e sua comprovada honestidade, havia alcançado o lugar de quartus princeps posterior ou centurião da segunda centúria, do segundo manípulo, da quarta coorte. Por sua idade – possivelmente estaria com 55 ou 60 anos –, devia estar a ponto de deixar o serviço. Seus cabelos mostravam numerosos fios brancos e sobre seu pômulo e supercílio direitos via-se uma profunda cicatriz, fruto, sem dúvida, de alguma das contendas em que se havia envolvido desde a juventude.

Civílis, em minha opinião, estava totalmente certo ao escolher Longino como capitão e responsável pela escolta que deveria acompanhar o Mestre até o Gólgota. Por um momento, tremi ante a possibilidade de que a designação recaísse, por exemplo, sobre o cruel Lucílio, aliás, Cedo alteram.

Ao todo, foram nomeados quatro soldados e um optio, ou suboficial, como patrulha encarregada da custódia e posterior execução. Fiquei bastante surpreso ao comprovar que o optio, o lugar-tenente de Longino, era precisamente Arsenius, o romano que havia comandado a captura na encosta do monte das Oliveiras.

Tudo parecia decidido. Longino recomendou a um de seus homens que medisse a envergadura do réu, enquanto outro soldado se encaminhou ao posto de guarda da entrada oeste, em busca de um objeto cujo nome não consegui ouvir.

Pilatos estava a ponto de retirar-se quando Civílis, depois de consultar o responsável pelo pelotão que deveria conduzir Jesus, sugeriu-lhe algo que, até então, não estava previsto: por que não aproveitar aquela oportunidade para crucificar também os terroristas companheiros de Barrabás?

O governador hesitou. Parece que a execução daqueles assassinos havia sido fixada inicialmente para os dias seguintes à celebração da Páscoa.

Pôncio fez um gesto de desagrado, mas o centurião-chefe insistiu, fazendo-lhe ver que, tal como as coisas estavam, aquela crucificação coletiva simplificaria os

possíveis riscos que a morte de zelotes sempre acarretava. Boa parte do povo judeu protegia e estimulava esses revolucionários, e era muito possível que a condenação deles pudesse originar uma alteração da ordem pública. Depois da implacável insistência dos sacerdotes na promulgação da pena capital do Galileu, Cívilis não acreditava que se registrassem protestos se a execução dos membros do movimento pela independência ocorresse ao mesmo tempo que a do suposto “rei dos judeus”.

Pôncio ouviu em silêncio os argumentos de seu comandante e, movendo as mãos displicentemente, deu a entender a Cívilis que tinha sua aprovação, mas que agisse com rapidez.

Com um simples movimento de cabeça, o centurião determinou a Arsenius que providenciasse a remoção dos zelotes. Nesse momento, Pilatos reparou em minha presença e, enquanto os oficiais esperavam a chegada dos novos condenados, o volumoso governador me chamou de lado e disse:

– Jasão, que diz tua ciência de tudo isso...? Não tive tempo de interrogar-te detidamente a respeito desse augúrio que prognosticaste para hoje... Fala-me com clareza... Ordeno-te!

A curiosidade e o medo consumiam Pilatos em proporções iguais. Assim, não tive remédio senão improvisar.

– Esta meia-noite passada – menti –, quando estava no monte das Oliveiras, pressenti algo... E depois de buscar um lugar puro, um “augurale”, voltei-me para o norte, traçando no chão, com meu cajado, a base do templum, ou seja, um quadrado. Depois, como sabes, peguei este lituus – apontei para minha “vara de Moisés” – e fiz o ritual da descrição das regiões.¹⁷⁹ Uma vez situada, implorei aos deuses um sinal...

Pilatos, contendo a respiração, incitou-me a continuar.

– ... O céu, estimado governador, havia-se tornado sereno e transparente como os olhos de uma deusa. Felizmente – voltei a mentir –, havia parado de ventar. Tudo fazia pressagiar uma resposta... E, súbito, as infernais aves inferae surgiram à minha esquerda. Seu voo rasante e a direção delas foram determinantes...

– Mas, quê? – explodiu Pilatos. – Que queres dizer com isso? Adotei uma falsa calma e, olhando para ele fixamente, respondi-lhe, fazendo minha uma frase de Ênio:

– Então, para cúmulo do infortúnio, trovejou à esquerda, estando o céu todo sereno...

Pilatos abriu seus grandes olhos, espantado. Ele sabia bem o significado daquelas patranhas, maravilhosamente criticadas pelo próprio Cícero. E com a face pálida, suplicou-me que lhe decifrasse o augúrio.

– Em minha humilde opinião – arrematei –, Júpiter, por motivos que não consigo compreender – menti pela terceira vez –, está desolado. E é possível que manifeste sua ira sem muita demora. O céu será testemunha de tudo o que te revelei...

– Hoje mesmo?

Assenti com fisionomia grave, ao mesmo tempo que desviava meu olhar para o Nazareno. Pôncio girou também a cabeça, comovendo-se. Depois, esquecendo a conversa e a mim, voltou para a companhia de seus centuriões.

Eu já me dispunha a solicitar a Cívilis que me autorizasse a acompanhar a comitiva e a presenciar as execuções quando irrompeu no pátio, procedente de uma das múltiplas portas que se abriram sob as colunatas, o soldado que havia medido a envergadura de Jesus. Para isso, o soldado, muito acostumado a esse mister, a julgar por sua desenvoltura, havia tomado uma das lanças e, enquanto o outro companheiro segurava os braços do Galileu em posição de cruz, o portador do pilum se colocara às costas do réu e medira a distância total entre as extremidades das mãos.

Agora, realizada a macabra medição, o romano havia voltado ao pátio central, carregando um pesado madeiro: um tronco extremamente tosco, não desbastado, com um grosseiro orifício no centro. Esse rude buraco, de uns dez centímetros de diâmetro, cruzava o madeiro de lado a lado no sentido da espessura.

O mercenário, que portava uma longa e grossa corda, descansou o patibulum,¹⁸⁰ apoiando uma de suas faces – perfeitamente serrada – sobre o lajeado. E esperou.

Ao vê-lo naquela posição vertical, pude comprovar que o madeiro tinha quase dois metros (possivelmente 1,90 metro) de comprimento. Quanto à espessura, devia ser de 25 centímetros. Positivamente, era um sólido lenho, cujo peso não creio que fosse inferior a trinta quilos. Simulando grande curiosidade, aproximei-me do soldado, perguntando-lhe em grego para que servia aquele tronco. O soldado sorriu ironicamente e, apontando Jesus, fez-me um significativo sinal com o polegar, colocando-o para baixo, à maneira dos Césares quando decretavam o fim dos gladiadores.

Acaricieei a rugosa superfície do patibulum e deduzi que se tratava de um pedaço de alguma espécie de pinho, tão frequente na Palestina ou quem sabe importado dos bosques do Líbano. (Não estou seguro, mas talvez fosse denominado *Pinus halepensis*, madeira que quase não se deteriora.)

Absorvido pela análise, não percebi a chegada dos zelotes. O *optio* e os mercenários os haviam conduzido, de mãos atadas, até o governador e os demais centuriões. Assim que os viu, Cívilis ordenou que lhes fossem arrancadas as ensebadas túnicas e fossem iniciados os obrigatórios castigos que precediam a crucificação. Quatro soldados empunharam cada um o seu *flagrum* e começaram a açoitar os guerrilheiros. Um deles, quase um menino, atirou-se de joelhos diante de Pôncio, gemendo e implorando piedade. O governador, porém, apressou-se a dar meia-volta e a se afastar do prisioneiro. Nesse instante, enquanto os látegos silvavam novamente no meio do recinto, o soldado que havia desaparecido pelo túnel abobadado da porta oeste da torre Antônia, voltou correndo e entregou a Longino uma tabuinha de madeira, de uns sessenta centímetros por vinte,

totalmente branqueada com gesso ou alvaiade. O centurião a pegou, juntamente com uma espécie de pequeno carvão, e pediu ao soldado que lhe conseguisse outras duas pranchas.

A seguir, chamou a atenção do governador, mostrando-lhe a prancheta e o afilado pedaço de carvão e lembrando-lhe que a escolta deveria colocar sobre as cruzes a identidade de cada um dos condenados e a natureza de seu crime.

A emoção voltou a sacudir-me. Estava a ponto de assistir à redação do chamado "INRI". Também nesse particular e ainda que apenas sob o aspecto circunstancial da redação, há divergências entre os quatro evangelistas. Qual deles teria acertado o texto?

Marcos disse: "O Rei dos Judeus" (Mc. 15,26). Mateus, de sua parte, acrescentou: "Este é Jesus, o rei dos Judeus" (Mt. 27,37). Quanto a Lucas, seu "INRI" diz: "Este é o rei dos Judeus" (Lc. 23,38). Por último, João Zebedeu, chamado o "Evangelista", reproduziu o seguinte texto: "Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus" (Jo.19, 19).

Quem tinha razão?

Discretamente, olhei por cima do ombro do governador e notei que sua mão tremia. Tinha a prancha na posição horizontal, apoiada firme sobre a reluzente couraça. Havia tomado o carvãozinho com a direita, mas seu olhar havia-se desviado da superfície do branco retângulo de madeira. Ele olhava Jesus de soslaio. O Mestre, que não abria a boca durante todo o tempo, havia conseguido regularizar seu ritmo respiratório, mas continuava encurvado e trêmulo. O sangue, ainda que em menor proporção, continuava gotejando debaixo da túnica, formando um círculo ao redor de seus pés.

O guerrilheiro mais velho do grupo se retorcia no chão, uivando a cada chibatada. Os mercenários lhe haviam tirado a túnica, deixando a descoberto todo o tronco. E, apesar de estar com as mãos amarradas às costas e controlado por outro soldado – que tinha em suas mãos a extremidade da corda com que o guerrilheiro havia sido manietado –, o zelote, em seu desespero e dor, rolava como uma bola sobre o pavimento, colocando em apuros o soldado.

O mais jovem, com as vestes igualmente rasgadas, havia se enroscado sobre si mesmo, tentando proteger a cabeça entre as pernas. Mas os golpes eram tão violentos e contínuos que ele não tardou a cair de joelhos, oferecendo as costas aos verdugos e fazendo tal alarido que atraiu o corpo da guarda e numerosos soldados.

De repente, Pilatos – cada vez mais nervoso – começou a escrever com sua característica letra quadrada...

"Jesus de Nazaré..."

Essas primeiras palavras foram traçadas em aramaico, da direita para a esquerda. Mediam uns trinta milímetros de altura e ocupavam toda a parte superior da prancheta.

Pôncio voltou a hesitar. Parecia não saber o que acrescentar. Na realidade,

tinha consciência da falsidade das acusações e, logicamente, acabava de tropeçar em um sério problema.

O zelote mais jovem ergueu a cabeça e, com o rosto suado e descomposto, buscou Jesus. Depois, apesar dos puxões de seu guardião, arrastou-se de joelhos até o rabi. E, ao chegar a seus pés, em meio a uma chuva de furiosas chibatadas, afundou o rosto na barra da túnica do rabi gotejante de sangue, exclamando:

– Mestre!... Tem misericórdia de nós!... Não nos deixes morrer! Jesus entreabriu os olhos, inflamados e violáceos, e fitou o infeliz rapaz com infinita ternura. Antes que lhe pudesse responder, porém, o soldado que sujeitava o Mestre pela corda deu-lhe um violento puxão, que o fez recuar, cambaleando. Um dos soldados apontou seu flagrum para Cristo, disposto a feri-lo, mas Cívilis, atento ao que ocorria, interpôs-se entre os dois, pegando o Nazareno pelas axilas e evitando que caísse.

Depois, voltou-se para o pelotão e ordenou aos homens que não mais flagelassem o “rei dos judeus”.

– Este já recebeu seu castigo – disse.

Os verdugos continuaram seu desapiedado ataque contra os zelotes, abrindo-lhes novas feridas nas costas, nas pernas e nos flancos. Enquanto aquele que se havia aproximado de Jesus continuava de joelhos, com a cabeça cravada no chão, seu companheiro, num ímpeto de desespero, levantou-se e lançou um frenético pontapé no baixo-ventre de um dos algozes. O romano se dobrou como um boneco e caiu uivando de dor.

Pôncio, de costas para aquela sanguinária cena, voltou a escrever:

“... Rei dos Judeus.”

João, portanto, fora o único evangelista totalmente fiel na transcrição do “INRI” (“Jesus Nazarenus Rex Judaeorum”).

E, imediatamente, de forma quase mecânica, repetiu a frase “Jesus de Nazaré, rei dos judeus” em grego e, por último, em latim. E, devolvendo a prancheta a Longino, esfregou as palmas das mãos com uma ostensiva careta de repugnância.

Mas o soldado enviado pelo centurião em busca de outras duas pranchas de madeira regressou e Pôncio, muito a contragosto, teve de repetir a operação. Dessa vez, foi muito mais breve. Depois de perguntar o nome dos condenados, escreveu sobre a superfície das tábuas: “Gistas. Bandido” e “Dimas. Bandido”. Tudo isso, claro, nas três línguas de uso comum naqueles tempos na Palestina: aramaico, em primeiro lugar, grego (idioma “universal”, como hoje poderíamos dizer do inglês ou do espanhol) e latim, língua natal do Pilatos.

O governador deu alguns passos até o tanque circular e enxaguou as mãos. Quando estava pronto para se retirar, adiantei-me e supliquei-lhe que me permitisse assistir às execuções.

– Se na verdade deve ocorrer algo sobrenatural – argumentei –, quero estar presente...

Pilatos encolheu os ombros e, mecanicamente, como que imerso em outros

pensamentos, transmitiu meu pedido a Cívilis. Este se encarregou de apresentar-me a Longino, anunciando-me como áugure, amigo de Tibério. Suponho que a primeira qualificação não deva ter impressionado muito o veterano centurião. Mas a segunda foi diferente. Nesse instante, a interferência de Arsenius, comunicando ao capitão da escolta que me havia conhecido na noite anterior, também teve sua importância.

E Pôncio, levantando o braço com enfado, saudou os oficiais e retirou-se.

Cívilis pouco depois fazia o mesmo.

Quando os demais soldados viram que seu companheiro caíra, vítima do pontapé desferido pelo terrorista, os látigos não foram os únicos instrumentos de tortura. Com raiva inusitada, os soldados, aos quais se haviam unido outros curiosos, acompanharam as chibatadas com uma infinidade de pontapés, que terminaram por dobrar o revolucionário. Uma vez no chão, as solas cravejadas dos romanos se incrustaram seguidas vezes no corpo do réu, e em poucos segundos um fio de sangue brotava-lhe entre as comissuras dos lábios.

A chegada de dois novos madeiros, um pouco mais curtos que o destinado à cruz do Nazareno, interrompeu a flagelação.

Mas aquela momentânea trégua foi apenas o prólogo de uma angustiosa "peregrinação"...

Sem nenhuma contemplação ou cuidado e sob a atenta vigilância de Longino e seu optio, os soldados colocaram os dois troncos sobre os ombros e as últimas vértebras cervicais dos zelotes, enquanto os outros mercenários os obrigavam a estender os braços até ajustar a face dorsal das mãos à áspera superfície dos madeiros. O revolucionário mais jovem continuou de joelhos, enquanto o companheiro, semiconsciente, era atado ao patibulum na mesma postura em que havia ficado: estendido e de boca para baixo.

Nenhum dos dois teve força suficiente para resistir. O que havia pedido clemência continuou soluçando lastimosamente, enquanto uma longa e grossa corda lhe immobilizava pulsos, braços e axilas. Os romanos iniciaram a amarração do primeiro réu pela extremidade direita do patibulum. Depois foram prendendo os braços, até terminar no punho esquerdo. Dali a corda caía para o pé esquerdo do condenado, sendo enrolada no tornozelo e presa por um nó. Com essa mesma corda, e uma vez concluída a colocação do primeiro madeiro, os verdugos levantaram o segundo guerrilheiro e repetiram a manobra.

Finalmente, trazendo uns quatro metros de corda de esparto (os últimos da longa corda), os soldados se aproximaram do Mestre. Jesus os viu chegar e, mansamente, antes que o golpeassem ou o agarrassem pelos cabelos para fazê-lo inclinar-se, lançou o corpo para a frente, oferecendo seus ombros feridos. Mas a estatura do rabi ultrapassava em muito a dos verdugos e nem sua voluntária inclinação do tórax foi suficiente. Então, na impossibilidade de movimentar-lhe a cabeça, um dos soldados puxou-o pelas barbas até o solo e assim o manteve, à espera de que seus companheiros de armas colocassem o patibulum sobre suas

costas. Outros dois esticaram os braços do rabi e um terceiro e um quarto agarraram o madeiro, içaram-no por ambas as extremidades e encaixaram-no de um só golpe sobre a nuca do Galileu. Mas as múltiplas ramificações da coroa de espinhos constituíam um obstáculo: o espesso cilindro de madeira não se ajustava com precisão sobre os músculos trapézios, rolando pelas costas. Por três vezes, os romanos – cada vez mais confusos – golpearam o pescoço de Jesus até que, por fim, à custa de novas dores e mais sofrimento, o próprio réu inclinou-se ainda mais, facilitando o ajustamento do patibulum sobre as áreas elevadas das omoplatas. Em cada uma daquelas selvagens tentativas de ajustar o madeiro, experimentei uma sensação de chibatada percorrendo-me as entranhas. Os espinhos situados na nuca e na região occipital cravavam-se um pouco mais a cada esforço, abrindo o couro cabeludo e, possivelmente, fixando-se no perióstio craniano (lâmina que envolve os ossos). (Os traumatólogos sabem muito bem que tipo de dor produz a perfuração dessa lâmina.)

A intensa e contínua dor arrancou gemidos de Jesus em cada um dos três impactos. E, em questão de segundos, seus cabelos e pescoço voltaram a brilhar, profusamente ensanguentados.

Os verdugos esticaram os braços do Mestre sob a zona inferior do madeiro e ali os firmaram, dando um nó na corda, da direita para a esquerda, e arrematando a amarração pelo tornozelo esquerdo.

O grande peso do patibulum – ao menos para um homem tão gravemente castigado – fez que o corpo do rabi se inclinasse perigosamente, obrigando-o a flexionar as pernas. Jesus tentou elevar a cabeça. Seus músculos e suas artérias pareciam a ponto de estalar sob a pele enrubescida do pescoço. Mas a cada tentativa de se aprumar e vencer o peso do lenho, sua nuca tocava o córtex rugoso do patibulum e a dor dos espinhos penetrando sem piedade na cabeça o vencia, obrigando-o a baixar o torso.

Ao compreender que todo seu esforço para recobrar a verticalidade era inútil, o Mestre pareceu resignar-se. Sua respiração ficara de novo agitada e temi que a qualquer momento aquele esforço provocasse novo desfalecimento. (Nenhum evangelista, logicamente, já que eles não estavam presentes a essa dramática passagem, traduziu em seus escritos aquele momento duro e crítico. O organismo esgotado de Jesus de Nazaré se viu esmagado pelo lenho, que deixou seus músculos na posição em que estavam no momento da descarga sobre os ombros e a nuca. Não houve prévio aquecimento, nem possibilidade alguma de que os principais feixes musculares pudessem reagir convenientemente. Isso, em suma, precipitou as frequências cardíacas e arterial, disparando-as pela enésima vez. Em questão de três a cinco minutos – desde o momento em que os soldados conseguiram amarrar o tronco em seus braços –, seu coração começou a bater à razão de 170 pulsações por minuto e a pressão arterial elevou-se para cerca de 190. Em minha opinião, aquele foi um golpe que consumiu as poucas energias que ainda lhe podiam restar.)

Ao vê-lo naquele estado lamentável, perguntei-me quanto poderia resistir com o patibulum nas costas...

Mas um novo fato estava a ponto de provocar outro dilacerante sofrimento no organismo do gigante da Galileia.

Enquanto Arsenius pregava as três tabuinhas sobre o fuste de madeira de um dos pilum, outro soldado reparou nas sandálias do Mestre e as mostrou a Longino, que, num gesto de honradez e consideração para com o réu, ordenou ao soldado que as calçasse em Jesus. O infante colocou-se de joelhos diante do rabi e, ao forçá-lo com ambas as mãos a erguer o pé esquerdo, para que se ajustasse à sandália, o corpo do Nazareno se desequilibrou, pendeu para o lado contrário e caiu pesadamente. O acidente foi tão rápido quanto inesperado. O Galileu, com os braços amarrados, não pôde evitar que o patibulum o projetasse com o flanco direito sobre as lajes, para depois estatelar-se de bruços, com a trave da cruz sobre o corpo.

Ao ver e ouvir o violento choque contra as lajes, temi pelo pior. Quando os soldados se apressaram a erguer o Nazareno, observei que, felizmente, o "elmo" de espinhos havia atuado como protetor, evitando a fratura dos ossos da face. Em contrapartida, os espinhos da testa, das têmporas e das faces lhe haviam perfurado um pouco mais a carne, deixando a descoberto, em algumas áreas, parte do tecido celular subcutâneo e dando lugar a novas e intensas hemorragias.

Apesar da violência da queda, o Nazareno não chegou a perder os sentidos. Dois verdugos ergueram o patibulum, escorando-o nos ombros, enquanto o desastrado soldado terminava de calçar as sandálias de Jesus.

Uma vez concluída a desajeitada operação, os verdugos soltaram o madeiro, e o rabi voltou a sentir o seu peso, inclinando-se uma segunda vez. A impossibilidade de que pudesse deitar a cabeça para trás reduziu seu campo visual praticamente ao terreno em que pisava. Em várias ocasiões, enquanto durou aquela curta e acidentada caminhada até o Calvário, observei que o Mestre forçava a vista para o alto. Ao franzir a fronte, porém, os espinhos abriam as feridas e a dor intensa o obrigava a baixar de novo os olhos.

Ali pela sexta hora, Longino deu ordem de empreender a marcha. A escolta havia sido acrescida de outros soldados, todos bem armados. Oito se colocaram de ambos os lados do prisioneiro e o restante, até um total de doze, dividiu-se entre a vanguarda da comitiva, logo atrás do centurião e seu lugar-tenente, e a retaguarda. Para cada réu, portanto, havia sido designado um contingente de quatro soldados, expressamente encarregados de sua vigilância e da crucificação. Um desses soldados carregava um ensebado saco de couro, que pendia de um chuço terminado em forma de forca, que ele se apressou a apoiar no ombro. Fechava o cortejo uma parelha de romanos, que carregava uma escada de mão, de uns cinco metros.

Quatro soldados, colocados à direita e à esquerda dos zelotes, desenrolaram seus látigos e reiniciaram a flagelação daqueles desgraçados, como era o costume

antes das execuções. Gemendo e com o corpo ensanguentado, os dois primeiros réus começaram a caminhar cambaleando sob o peso dos troncos. Seguindo rígidas normas de segurança, os três prisioneiros, como já disse, haviam sido atados pelos tornozelos a uma mesma corda. Dessa forma, qualquer possível tentativa de fuga seria extremamente problemática.

Ao iniciar a marcha, o condenado do centro deu um puxão na corda, obrigando o Nazareno, que ocupava o terceiro lugar, a segui-lo. As pronunciadas oscilações do lenho que o rabi carregava e seus passos vacilantes e inseguros por causa do penoso claudicar da perna esquerda nos fizeram temer a todos por uma nova e iminente queda – e, o que seria pior, por uma possível parada cardíaca. E digo “a todos” porque desde o princípio os quatro soldados que comigo fechavam a escolta trocaram alguns olhares de preocupação, confirmando com significativos movimentos de cabeça que aquele prisioneiro não estava em condições de chegar ao Gólgota. Mas, naquele momento, ninguém disse nada.

Os réus venceram os primeiros 25 metros e o pelotão entrou no túnel abobadado da porta Oeste, aquele pelo qual eu havia entrado na fortaleza Antônia em companhia de José de Arimateia. Ali, infelizmente, ocorreria um novo problema...

Algumas sentinelas haviam assomado com curiosidade à porta do corpo de guarda, assistindo entre risotas à passagem dos condenados. Quando o guerrilheiro que marchava no centro chegou à altura dos guardiães, o tal de Gistas, ele se aproveitou do fato de que os mercenários haviam cessado seus açoites por conta da penumbra e da estreiteza da passagem, voltou-se para a esquerda e lançou uma cusparada sobre o romano mais próximo. E antes que seus verdugos pudessem pôr-lhe as mãos em cima, lançou-se com o patibulum contra o rosto da sentinela que estava à sua direita. O soldado caiu para trás e, na queda, arrastou Jesus. Ambos rolaram sobre o escuro e úmido piso do túnel, e o impacto fez que Jesus caísse de costas. O tumulto foi indescritível. Vários membros do corpo de guarda e alguns romanos da escolta, enfurecidos com o guerrilheiro, espetaram-no com suas lanças até fazê-lo cair de joelhos.

Longino e Arsenius acudiram de imediato ao centro do túnel e trataram de pôr um paradeiro no tumulto. Outros soldados ajudaram o companheiro que havia sido golpeado com o madeiro. Uma das arestas lhe havia aberto o pômulo esquerdo, provocando forte hemorragia. O centurião examinou a brecha e ordenou-lhe que deixasse imediatamente o serviço. Seu posto foi ocupado na mesma hora por outra das sentinelas. Enquanto isso, Jesus permanecia imóvel, o rosto para cima, incapaz de levantar-se. Os espinhos haviam voltado a ferir a nuca de Jesus, que, com um ricto de dor, tentava levantar a cabeça para evitar o contato com a madeira.

Alguns dos soldados que empunhavam flagrum, cegos de raiva, revoltaram-se também contra o rabi e começaram a golpeá-lo, insultando-o e exigindo que se levantasse. Mas tal intimação foi tão inútil quanto absurda. Ninguém, naquela posição, teria podido elevar o tronco pelos próprios meios. Em uma desesperada

tentativa de obedecer, o Nazareno chegou a dobrar as pernas, retesando os músculos, mas, em poucos segundos, vencido e esgotado, desistiu. Antes que a lógica e o bom senso se impusessem entre a soldadesca confusa, outro dos romanos se inclinou sobre o Mestre e, agarrando-o pela barba, começou a puxá-lo, lançando-lhe uma torrente de imprecações e blasfêmias. A raiva do verdugo era tamanha que, num daqueles selvagens puxões, os dedos crispados se desprenderam do rosto de Jesus, levando uma mecha de sua barba. Mas, com aquela porção de barba, o soldado arrancou também parte da epiderme e da capa interna da pele, deixando a descoberto, entre borbotões de sangue, as faixas fibrosas do músculo quadrado (em sua zona direita). Com um forte lamento, o Galileu deixou cair a cabeça sobre o patibulum, presa da insuportável dor que deve ter resultado da perda de inúmeras papilas nervosas. (É importante registrar que, entre os minúsculos órgãos violentamente desprendidos, estavam aqueles conhecidos como intérpretes da "sensibilidade dolorosa": receptores específicos para a dor, que se ramificam em terminações nervosas livres e invadem os interstícios do epitélio cutâneo.)

A surpresa e o susto da sentinela foi tal que ele não voltou a agredir Jesus. O optio, com mais bom senso que seus homens, mandou que o erguessem. E a comitiva prosseguiu sua marcha, com os dois revolucionários sendo massacrados a chicotadas e com um Jesus de Nazaré irreconhecível, consumido pela febre e por um processo de debilitação galopante.

Quando Jesus pisou a cobertura metálica da ponte levadiça, o sol, quase no zênite, iluminou em cheio sua figura. As quedas tinham aberto algumas feridas, empapando novamente a túnica, que havia perdido sua cor original. Vários filetes de sangue corriam sem cessar pelos tendões de Aquiles e lhe encharcavam as sandálias.

Arrastando os pés, o Mestre foi-se aproximando do parapeito exterior da torre Antônia. Sua respiração era cada vez mais cansada e sua cabeça e tronco iam se inclinando centímetro a centímetro.

Na abertura do muro, quando já havíamos percorrido pouco mais de 45 metros desde o centro do pátio de arcadas, o pelotão parou novamente. A estreiteza do acesso obrigou a patrulha a inclinar os troncos dos réus para que pudessem atravessar para o recinto exterior do quartel-general.

A partir dali, as coisas podiam complicar-se. Os soldados cerraram fileiras, guardando uma distância mínima entre si e os condenados. Longino fez um sinal a seu lugar-tenente e este se pôs à frente da comitiva, erguendo com as mãos o Pilum sobre o qual haviam sido dispostas as três tabuinhas com os nomes e os crimes dos que eram levados à execução.

Assim que abandonamos a fortaleza, fomos surpreendidos por uma rajada de vento, muito mais intensa do que a que eu havia sentido durante os debates de Pôncio no terraço do Pretório. Aquele vento, procedente do leste, chegava carregado de pó e areia. Intrigado pela súbita piora do tempo, usei a conexão

auditiva e perguntei a Eliseu que notícias ele tinha sobre a anunciada instabilidade nos altos níveis da atmosfera, nas proximidades da fronteira do atual Iraque com a Arábia Saudita. Meu companheiro – a quem eu quase tinha abandonado havia horas – reprovou-me o silêncio, ainda que compreendesse que as circunstâncias não eram propícias para mantê-lo informado.

Imediatamente, passou a explicar-me que a turbulência se havia convertido em um haboob,¹⁸¹ ou tempestade acompanhada de vento violento, alimentado pelo contato entre uma corrente “em jorro” e outro sistema de pressão barométrica distinto. A tempestade tinha aumentado, em especial na periferia ocidental da depressão bária, localizada, como já disse, ao sul do Iraque. Os sistemas eletrônicos do “berço” haviam detectado correntes cônicas de partículas suspensas no ar, movendo-se na direção oeste-noroeste, em frentes que oscilavam ao redor dos cem quilômetros. As faixas desse haboob vinham-se espiralando e alargando, até alcançar os quinhentos quilômetros, deixando à sua passagem gigantescas nuvens de areia, arrancadas dos desertos arábicos de Nafud e Dahna. As rajadas, segundo os detectores do módulo, alcançavam de 25 até 30 nós por hora. Ao contrário do que presumia Eliseu, a chegada daquela tormenta havia elevado a umidade relativa, prevendo-se também ligeira queda de temperatura.

– A visibilidade no interior dos torvelinhos de poeira – acrescentou Eliseu – foi estimada por “Papai Noel” em uns trezentos metros. Tempo previsto para que o lóbulo central do haboob varra a cidade: entre 30 e 45 minutos a partir de agora.

Aquilo significava que, se a comitiva conseguisse alcançar o local da crucificação antes da entrada da tormenta na área de Jerusalém, as “trevas” provocadas pelos bancos de areia em suspensão cairiam sobre nós em plena execução. Ocorreu-me naquele instante que as famosas “trevas” descritas pelos evangelistas pouco tinham a ver com o escurecimento do sol pela poeira...

A curta distância do parapeito de pedra que rodeava aquela área da torre Antônia, um grupo de judeus (calculei uns duzentos) aguardava, entre os quais uns poucos saduceus – os mesmos que haviam assistido à condenação de Jesus diante do Pretório – e, claro, José de Arimateia, em companhia de outro emissário de Davi Zebedeu. Esse jovem acabava de anunciar ao ancião que Maria, mãe do Mestre, e outros parentes já se aproximavam de Jerusalém e provavelmente se encontrariam com João no caminho de Betânia.

Caifás e os demais sinedristas – segundo José – haviam-se dirigido ao Templo, dispostos a prestar contas, ao resto do Sinédrio, do acontecimento daquela manhã e da iminente morte do rabi da Galileia. Mas a preocupação maior de Arimateia não era com a sorte de seu Mestre. Ele sabia que a sentença do governador era inapelável e que só os poderes divinos de Jesus poderiam livrá-lo da morte certa. Seus pensamentos estavam ocupados, na verdade, com outro problema. Uma vez conseguido o pronunciamento de Pôncio contra o Galileu, os sacerdotes saíram da fortaleza discutindo e preparando sua próxima ação: a prisão e o aniquilamento dos discípulos de Jesus. José havia avisado o “correio” sobre tal manobra e o

apressou para que fosse até Getsêmani e pusesse de sobreaviso Davi e todos os seguidores que conseguisse localizar. E assim o fez o emissário.

Eu me atrevi a insinuar-lhe que sua presença junto ao sumo sacerdote e os saduceus poderia ser muito mais útil do que naquele trágico cortejo. E José, sem poder conter as lágrimas, assentiu com a cabeça, enquanto observava, atônito, o rosto ensanguentado do Nazareno e seu corpo cada vez mais esgotado e encurvado pelo peso do tronco.

Os dirigentes judeus, ao lerem o "INRI" de Jesus, interceptaram a marcha do optio e do pelotão e, desabusadamente, protestaram contra a inscrição. Longino procurou acalmar os exaltados ânimos dos hebreus, fazendo-lhes ver que aquelas tabuinhas haviam sido escritas de próprio punho por Pôncio.

Foi inútil. Os saduceus exigiram que o centurião mudasse o texto, retirando a expressão "rei dos judeus". A tensão chegou ao máximo quando alguns daqueles andrajosos começaram a atirar pedras contra os soldados. Vários soldados se adiantaram para cobrir Longino e o optio com seus escudos. O centurião, sem perder a calma, afastou o infante que o protegia e, elevando a voz, ordenou ao grupo que se dispersasse. Depois, indicando a terceira tabuinha – correspondente a Jesus –, disse aos sinedristas que, se quisessem mudar a inscrição, voltassem à fortaleza e discutissem o assunto com Pilatos. Aquelas palavras de Longino apaziguaram a cólera dos judeus; mas três juízes se retiraram apressadamente em direção ao Pretório, dispostos a negociar o que consideravam um insulto a seu nacionalismo.

Eu não voltaria a ver Pilatos naquela primeira "grande viagem". Todavia, posso adiantar que em nossa segunda "aventura", Cívili me relatou aquele novo encontro com os "desprezíveis sacerdotes", congratulando-se com a atitude de Pôncio. O governador se mostrou inflexível, recordando aos hebreus que aquela acusação havia constituído parte do libelo em que se baseara a condenação. Parece que, quando se convenceram da dura e intransigente postura do romano, os saduceus lhe sugeriram que pelo menos alterasse o texto para: "Ele disse: sou o Rei dos Judeus". A resposta de Pôncio foi a mesma: "O que escrevi, escrito está". E os representantes do Sinédrio não tiveram outro remédio senão retirar-se, não sem antes ameaçar o governador com um rosário de maldições e castigos divinos...

Uma vez esgotado o incidente, o centurião deu ordem de prosseguir. Desembainhou a espada e, sem hesitação, abriu caminho entre a turba. Aquelas centenas de fanáticos, em sua maioria desocupados, gente comprada pelo Sinédrio, ou simplesmente mórbidos sedentos de sangue, lançaram-se para trás de imediato, abrindo um corredor pelo qual o pelotão pôde desfilar com os condenados. Por mais que eu olhasse, não consegui descobrir um só dos amigos ou discípulos de Jesus. Quanto à multidão que havia gritado pela libertação de Barrabás e pela crucificação de Jesus, onde estava? Aqueles hebreus representavam uma mínima parte dos prováveis 2 mil ou 3 mil que se haviam congregado, minutos antes, diante das escadarias da residência do governador.

Esse súbito desinteresse pelo fim do odiado “rei dos judeus” confirmou minha hipótese. A imensa maioria dos judeus que subiram naquela manhã até o Pretório só levava uma intenção: pedir a tradicional libertação de um preso. No fundo, tanto fazia para eles em quem recaísse a graça. Se os juízes tivessem clamado pela liberdade de Jesus, o populacho certamente teria feito coro com eles. Uma vez satisfeita sua curiosidade, os milhares de peregrinos e vizinhos de Jerusalém se retiraram, praticamente esquecendo o condenado.

Mas o tropeço com aquelas duas centenas de covardes serviu para alguma coisa. Longino, homem de grande experiência, pensou sem dúvida que a condução dos zelotes e do “rei” pelas ruas da cidade alta de Jerusalém poderia causar complicações para seus homens e para ele. Sensato, alterou o caminho a que tradicionalmente vinha obedecendo esse tipo de procissão. Em geral, os futuros justicados eram conduzidos pelas intrincadas vielas da cidade e exibidos como exemplo às massas. Nessa ocasião, insisto, o centurião optou por um caminho muito mais curto. Sinto decepcionar a todos os que acreditaram e continuam acreditando em uma “via-crúcis” pelas estreitas ruas do bairro alto. Nada disso. O centurião e os soldados se desviaram para o norte, entrando no poeirento caminho que conduzia a Cesareia e corria quase paralelo ao vale do Tyropeon. (Hoje, essa mesma via atravessa, pouco mais ao norte, a porta de Damasco, na muralha setentrional.)

Os primeiros a serem surpreendidos por essa alteração do itinerário foram os hebreus que haviam lançado pedras contra a escolta romana. Aos poucos, encabeçados pelos saduceus, começaram a seguir Longino e a patrulha. Suponho que aquela estranha variação na rota tradicional dos réus despertou ainda mais curiosidade.

Segundo meus cálculos, Jesus já havia caminhado uns cem metros desde o pátio da torre Antônia quando o centurião, de improviso, saiu da calçada e lançou-se para a esquerda, iniciando a descida pela mencionada quebrada do Tyropeon, em direção a uma das esquinas da muralha norte da cidade. O vento, naquela zona externa de Jerusalém, levantava grandes massas de poeira e terra, dificultando o já penoso caminhar do Mestre e dos “bandidos”. Estes haviam voltado a ser açoitados, ainda que o declive e as irregularidades do terreno tirassem a precisão dos golpes dos verdugos.

Foi precisamente naquela curta ladeira, semeada de cardos e abrolhos espinhosos, que o claudicante e humilhado corpo do Nazareno perdeu de novo o equilíbrio, caindo ao chão no meio de uma nuvem de poeira. Dessa vez, Jesus conseguiu sustentar-se de joelhos, que se chocaram nas pedras.

A terceira queda do prisioneiro obrigou a comitiva a parar. Dois dos verdugos retrocederam e, com chibatadas, tentaram fazer o Mestre erguer-se. Com a boca aberta, ofegante, em meio a uma nova aceleração do ritmo cardíaco, o gigante – que havia permanecido de joelhos – conseguiu por fim elevar a perna direita. À esquerda, porém, destroçada pelo flagrum, não respondeu. O Filho do Homem

apertou os dentes com todas as forças. Os músculos do pescoço voltaram a ficar tensos, produzindo uma perigosa contratura no esternocleidomastoideo. Seus olhos, fechados, refletiam o firme desejo de vencer o peso do madeiro, mas o esgotamento, a sede e a cada vez mais preocupante perda de sangue (naquele momento era bem possível que o rabi tivesse perdido uns dois litros) foram mais fortes que a vontade. E, apesar das chibatadas, seu corpo, longe de se recuperar, foi-se inclinando mais e mais, até que o queixo tocou o joelho direito. Nesse momento crítico, a voz do centurião deteve os mercenários. E o próprio Longino, ajudado por dois subordinados, encarregou-se de erguer o patibulum, propiciando assim a recuperação do condenado. A comitiva continuou então a descida, até atingir o fundo do vale. A partir dali, até o Gólgota, a marcha foi muito mais dramática. Pelos meus cálculos, a depressão do Tyropeon estava a 745 metros de altitude. Havíamos descido cinco metros (a altitude da fortaleza Antônia e da pista de Cesareia era de 750 metros) e o Calvário ficava a 755 metros acima do nível do mar. O que significava, a partir desse ponto, um caminho em contínuo auge...

Para minha surpresa, o Nazareno conseguiu subir a rampa com menos dificuldade do que eu suponha. Cambaleando e respirando pela boca, venceu outra centena de metros. Aquilo somava ao redor de 250 metros desde nossa saída da fortaleza Antônia.

Não obstante, eu mesmo estava enganando-me. A triste realidade não tardou a impor-se. De imediato, ele parou. O lenho oscilou nervosamente de um lado para o outro e Jesus caiu sobre os joelhos, presa de convulsões mais intensas. Dessa vez, felizmente para ele, a comitiva apenas ficou parada alguns segundos. O rabi prosseguiu a marcha, mas arrastando os joelhos sobre a áspera ladeira.

Não pude evitar um sentimento de admiração. Aquele homem, no declive de sua vida, era capaz de continuar – fosse como fosse – até seu próprio fim...

Longino havia escolhido o perímetro externo da muralha norte para evitar as múltiplas ruas de Jerusalém e, ao mesmo tempo, abreviar o caminho. Apesar disso, o esgotamento físico – e mental, suponho – de Jesus de Nazaré estava roçando de novo o estado de choque. As pontas de seus dedos haviam começado a tingir-se de uma tonalidade violácea, sinal inequívoco da precária circulação nas extremidades superiores, resultado de sua prolongada imobilização. Embora fosse impossível comprovar naquele angustioso momento, era mais do que certo que em seus braços e ombros se havia iniciado uma tetanização, ou seja, um novo e pungente sofrimento, consequência da progressiva cristalização dos microscópicos cristais de ácido láctico dos músculos. (Esse processo de tetanização seria um dos mais rudes suplícios que o Mestre deveria enfrentar durante os primeiros minutos da crucificação.)

Com a cabeça e o tronco flexionados, o Galileu foi ganhando cada palmo de terreno, envolto em vagas de areia e levantando em cada arrastar de seus joelhos pequenas colunas de pó. O sangue que empapava sua túnica foi-se carregando de terra, assim como seus cabelos, sua barba e seu rosto.

A respiração foi ficando cada vez mais rápida e, quando tinha vencido outros poucos cinquenta metros, um suor frio banhou-lhe a testa e o pescoço. Jesus avançava agora com movimentos bruscos, quase às sacudidelas, numa típica "marcha espasmódica", consequência da rigidez muscular.

Subitamente, eu o vi levantar o rosto por duas vezes, na desesperada tentativa de inalar o máximo de ar. E, sem que ninguém pudesse evitar, desabou e se estatelou contra o terreno.

Os soldados não hesitaram. Antes que o centurião tivesse tempo de intervir, encheram de pontapés o inerte corpo do Nazareno. Os catorze cravos em forma de "S" das solas foram abrindo novas feridas nas pernas e, suponho, em quase todas as áreas atingidas pelos pontapés: rins, costelas e costas. O pé esquerdo tinha ficado voltado para a direita e um dos furiosos verdugos pisoteou-o por duas vezes. No segundo impacto, a unha do dedo grande saltou inteira.

Quando faltavam poucos metros para vencer o aclave, as forças haviam abandonado por completo o condenado.

A chegada de Longino pôs fim àquela estéril pancadaria. E digo estéril porque o Mestre havia perdido a consciência.

O oficial, que estava inteirado da dura intervenção dos infantis na flagelação, reprovou o comportamento absurdo dos soldados. Depois agachou-se e, colocando seus dedos na carótida de Jesus, experimentou-lhe a pulsação.

– Ainda vive – exclamou aliviado.

Os quatro guardiães começaram então a levantar o patibulum e Jesus ficou literalmente pendurado no lenho, com a cabeça mergulhada no peito.

Um dos soldados sugeriu ao centurião que se soltasse o tronco. Longino lançou um olhar para o horizonte e, ao comprovar que estávamos muito próximos à porta de Efraim, rechaçou a ideia e ordenou que transportassem o condenado e o patibulum até o pé da muralha. E assim se fez. Sem parar para contemplações de nenhum tipo, o pelotão retomou a marcha em direção à citada entrada noroeste da cidade. Dois verdugos tomaram em seus ombros o madeiro e assim carregaram o corpo desmaiado do prisioneiro. Os pés de Jesus, durante esses novos oitenta ou cem metros, foram-se arrastando penosamente por entre as moitas ásperas e as pequenas formações rochosas, que ulceraram ainda mais seus tecidos.

Chegando à muralha, junto à porta de Efraim e ao caminho que partia daquele ângulo para Jafa, os soldados sentaram o Mestre e o colocaram recostado sobre os blocos do elevado muro. E, enquanto dois deles sustentavam-lhe o tronco, um outro soltou a corda e desamarrou Jesus. Seus braços, exânimes, caíram sobre as costas do soldado e a cabeça se inclinou sobre seu tórax.

Os verdugos que tinham vindo para açoitar os zelotes aproveitaram aquela parada para sentar-se à beira do caminho, enquanto os guerrilheiros, exaustos, esparramaram-se pelo chão.

Um bando de curiosos encheu logo o caminho. Mas, vendo que o pelotão parara, todos ficaram a uma prudente distância, com olhos presos a cada um dos

movimentos dos romanos.

O trânsito de caminhantes por aquela via era intenso. Estava muito próximo da celebração da tradicional ceia pascal, e os peregrinos apressavam o passo, tangendo as cavalgadas e os rebanhos de cordeiros. Muitos paravam sob o arco da porta de Efraim, surpresos com o espetáculo daqueles homens ensanguentados, meio despidos e sucumbidos sob o peso dos troncos de madeira. Mas a tormenta de areia continuava se intensificando, e a maioria, depois de uma rápida olhada, retirava-se de imediato. Suponho que poucos chegaram a reconhecer o Nazareno.

O centurião e seu lugar-tenente voltaram a examinar o estado de Jesus e ambos ficaram bastante preocupados. Não desejavam que o réu perdesse a vida no caminho. Isso poderia complicar as coisas para eles. A uma ordem de Longino, o soldado que havia carregado o saco de couro tirou dele um cântaro de barro envolto em uma pequena rede de barbantes trançados e, protegendo-o da poeira com seu próprio corpo, encheu uma caneca de metal esverdeado com um líquido incolor. O centurião aproximou o recipiente dos lábios de Jesus, que, ao contato com o que inicialmente identifiquei como água, reagiu favoravelmente. Observei então que os lábios estavam gretados, com manchas amareladas nos cantos, típicas de desidratação. Devagar, o Galileu foi esgotando o líquido. Ao terminar, sua boca ficou entreaberta, enquanto seu corpo estremecia por causa da febre e da conseqüente sensação de frio. Então, ao reparar melhor em sua boca, descobri com espanto que a bela dentadura do rabi estava quebrada. Agachei-me ao lado de Longino e, tocando com meus dedos o lábio inferior do Nazareno, deixei os dentes à mostra. Um dos incisivos inferiores havia desaparecido e o outro ficara reduzido a apenas uma parte. Aquelas perdas só podiam ter ocorrido em alguma de suas quatro quedas. Em minha opinião, na primeira ou na quarta.

Ao notar a suave pressão de dedos baixando-lhe o lábio inferior, Jesus abriu os olhos como pôde. O esquerdo estava praticamente fechado pelos hematomas e pela ruptura do supercílio. Meu olhar deve ter sido tão intenso e compassivo que percebi uma faísca de agradecimento naquela pupila. A hipotonia ou "brandura" do globo ocular era tão evidente que me convenci da ocorrência de uma gravíssima desidratação.

A temperatura labial era muito elevada. Sem conseguir me conter, comentei com o oficial o delicado estado do réu. Longino levantou-se e, com um gesto de preocupação, dirigiu-se para a estrada e se pôs a observar os transeuntes. No início, estranhei aquela reação do capitão da escolta. Depois, compreendi por que se havia separado do pelotão.

Enquanto o Galileu ia recobrando o sentido, um grupo de vinte ou trinta mulheres apareceu sob o arco de Efraim. Sem dúvida, vinham ao encontro do Mestre, porque, ao descobri-lo ao pé da muralha, pararam. Depois avançaram tímidas, mas quando estavam a uns três metros, um dos romanos cortou-lhes o caminho com sua lança.

Fiquei de pé e busquei ansiosamente pela mãe do Mestre. Logo me dei conta,

porém, de que aquela tentativa de identificação era ridícula. Eu não conhecia Maria. As mulheres começaram a chorar. Foram lágrimas silenciosas e amargas.

O Galileu girou a cabeça e, ao contemplar o grupo de judias, respirou fundo. Depois, para surpresa geral, exclamou com voz rouca:

– Filhas de Jerusalém...! Não choreis por mim. Chorai mais por vós mesmas e por vossos...

O vento golpeava os mantos das hebreias, que não paravam de soluçar. E Jesus, após uma breve pausa, acrescentou:

– Minha missão está quase cumprida. Logo irei para meu Pai... mas a época de terríveis males para Jerusalém está apenas começando...

Os calafrios se agravaram e Jesus, num último esforço, concluiu:

– Vereis chegar o dia em que direis: “Benditas as estéreis e aquelas cujos seios não amamentaram seus bebês...”. Nesse dia, pedireis às rochas que caíam sobre vós, para livrar-vos do terror de vossas atribulações...

Aquelas mulheres haviam sido corajosas. Muito mais do que os discípulos e amigos do Mestre. Com exceção de João Zebedeu, de José de Arimateia e do jovem João Marcos – a quem encontraria poucos minutos depois –, os demais não haviam tido coragem suficiente para seguir seu Mestre, nem mesmo à distância. O Nazareno, mesmo em meio à sua turbação, percebeu isso, e talvez fosse esse o motivo daquelas palavras ao grupo de seguidoras que ali estava.

O soldado, empunhando o pilum com ambas as mãos, obrigou as judias a recuarem. Uma delas, porém, em vez de obedecer, avançou até o soldado, mostrou-lhe uma moeda e depois sussurrou-lhe alguma coisa ao ouvido. O soldado aceitou a moeda e, depois de comprovar o que a mulher trazia na outra mão, deixou-a passar. A hebreia, que eu já havia visto nas fainas domésticas do acampamento de Getsêmani, correu para o rabi e, cravando os joelhos ao solo, estendeu sua mão esquerda e depositou-lhe algo nos lábios. Eram passas. Passas de Corinto! Um dos frutos preferidos de Jesus...

A boa mulher conseguiu introduzir até três passas na boca do Mestre. Não houve tempo para mais nada. O mesmo soldado que a havia deixado passar voltou até ela e forçou-a a se afastar.

Comovido com aquele derradeiro gesto de amor pelo Filho do Homem, nem vi a aproximação de Longino. Com ele havia um homem corpulento, de seus cinquenta anos, de pele branca, ainda que ligeiramente esverdeada. Cobria-se com um turbante e sua roupagem se diferenciava da comum dos hebreus pelas calças de cor esverdeada brilhante, muito folgadas e recolhidas no meio das pernas.

Pelo que pude observar, falava apenas grego, e com evidente dificuldade. A uma ordem do centurião, ele carregou o patibulum de Jesus. Os soldados se ergueram e renovaram seus açoites sobre as costas dos zelotes. O optio voltou à vanguarda do pelotão, enquanto Longino fazia sinal a dois de seus homens para se ocuparem do terceiro prisioneiro. Os soldados penduraram seus escudos à bandoleira e ergueram o Galileu pelas axilas.

A comitiva dividiu-se então em duas partes. Em primeiro lugar, os rebeldes, com Arsenius abrindo o cortejo. Atrás, a cerca de cinco ou dez metros, outros quatro verdugos, dois deles sustentando o rabi. E imediatamente depois, fechando o pelotão, o chamado Simão, natural de Cirene, um país situado, então, no norte da África, entre o Egito e a Tripolitânia.

Durante o tempo em que Cristo permaneceu pendurado na cruz, tive oportunidade de trocar algumas palavras com aquele cireneu, escolhido pelo centurião por sua força física. Segundo me contou, Longino se fixara nele quando se dirigia, em companhia de amigos e peregrinos compatriotas, pela rota de Jafa, do acampamento para o Templo. Como judeu, tinha a intenção de assistir aos ofícios rituais daquela sexta-feira. Mas seu propósito se viu frustrado pela inesperada chamada do oficial romano.

Ele não vinha, portanto, de nenhuma fazenda, como pretendem numerosos comentaristas bíblicos. Aquele Simão, como outros muitos peregrinos, havia acorrido à festa de Páscoa e, não dispondo de melhor albergue, montara sua tenda muito próximo das muralhas. Daí o erro de Marcos (15,21) quando afirma que ele “voltava do campo”.

É certo que, naquele instante, Simão de Cirene praticamente não conhecia Jesus. Já tinha ouvido algo, de fato, sobre seus prodígios e curas, mas, pelo menos naquele histórico momento, a tragédia do Filho do Homem não o afetava nem um pouco. Cumpriu o que lhe ordenaram e depois permaneceu por perto das cruzes por mera curiosidade.

Anos mais tarde, no entanto, tanto ele como seus filhos Alexandre e Rufus se converteriam em eficientes pregadores do Evangelho no Norte da África.

Envoltos pela sibilante tempestade de areia, os soldados cruzaram o caminho dispostos a vencer os últimos metros que nos separavam do lugar da execução.

Os homens que ajudavam o Nazareno passaram os braços dele pelos ombros e o seguraram pela cintura e por ambos os pulsos. E assim, inválido, movendo a perna direita com dificuldade e com a esquerda inutilizada, aquele despojo humano foi socorrido e trasladado até o pé do Gólgota. De acordo com meus cálculos, a “via-crúcis” representara um total de 480 metros, aproximadamente.

Eram 12h30 de sexta-feira, 7 de abril.

Meio cego pelas partículas de pó e terra, estive a ponto de tropeçar nas rochas calcárias que se amontoavam por aquela paragem, a noroeste da cidade. Sem saber, eu já estava ao pé do “Rês” ou “Cabeça”, também conhecido por Calvário e Gólgota.¹⁸²

Não obstante a visibilidade ser ainda aceitável, os redemoinhos de areia dificultavam meu primeiro exame do lugar. Só depois da morte do Nazareno – e uma vez acalmada a tormenta e com o sol “livre” do singular fenômeno que se registraria pouco depois das 13h30 –, pude analisar com certo sossego o ponto onde eu realmente estava.

O centurião e seus homens conheciam bem aquele monte rochoso – pois é

disso que se tratava aquele local na realidade – e se apressaram a atingir o cume. O primeiro e maior dos penhascos (pois a formação abarcava dois maciços praticamente contíguos) tinha uma altura máxima de seis ou sete metros, tomando-se como referência o nível do caminho que quase tocava as bases dos dois promontórios.

Ao iniciar a ascensão pelas erodidas crostas de carbonato de cal, o que primeiro me chamou a atenção foi a escassíssima vegetação existente no lugar e a forma arredondada do cerro. É muito provável que a nudez da rocha observada de uma certa distância tivesse feito voar a imaginação dos habitantes de Jerusalém, levando-os a dar ao penhasco o nome de “Crânio”.¹⁸³

O lugar, na verdade, era ideal para esse tipo de execuções públicas: erguia-se a uma centena de metros da mencionada porta ocidental de Efraim e, como já disse, ao pé do movimentado caminho para Jafa. Se realmente se pretendia impressionar os habitantes e peregrinos da Cidade Santa, aquele constituía um ponto de notável interesse.

No que concerne às dimensões do Gólgota ou “Cabeça” (e faço referência a essa denominação – “Râs” – porque se trata da última explicação oferecida pelo prestigioso arqueólogo Vicent, segundo o que pude ouvir de um velho habitante do bairro do atual Santo Sepulcro), o cume mais volumoso, sobre o qual iriam ser realizadas as crucificações, suponho que teria entre vinte e trinta metros de diâmetro na base, com um cume ou coroa de forma arredondada, com cerca de doze ou quinze metros. Quanto ao penhasco situado imediatamente ao norte, suas dimensões eram bem menores.

Aquele, em definitivo, iria ser o cenário de toda uma série de trágicos e desconcertantes eventos.

Como descrever aquele lugar e aquele momento? Como transmitir a imensa solidão de Jesus de Nazaré ao pisar a calva pedregosa do Gólgota?

Hoje, ao defrontar-me com esta parte de meu diário, sempre fico a ponto de abandoná-lo. A mim também faltam forças, abalado pelas recordações. E se voltei ao relato desta primeira “grande viagem” foi por respeito à promessa feita a meu irmão Eliseu... Espero que aqueles que chegarem a ler este testemunho saibam perdoar a pobreza de minha linguagem.

A ascensão até a plataforma redonda que coroava o penhasco – que creio já haver dito ter uns doze a quinze metros de diâmetro – foi muito breve. Os soldados tomaram uma espécie de canal situado do lado leste e que outra coisa não era senão uma fenda natural, consequência de algum remoto abalo da enorme massa pétreia. Foram suficientes vinte passos para ganhar a zona superior, que resisto a chamar de cume.

Ao pisar aquele lugar, meu espírito se encolheu. As rajadas de vento, mais do que silvar, uivavam entre meia dúzia de altos postes, firmemente cravados nas fissuras da rocha. Eram as stipes, palus ou staticulum, como se designavam os madeiros verticais das cruzes.

Foi medo o que senti ao ver aqueles troncos rugosos? Agora, à distância, suponho que deva ter sido uma mistura de terror e decepção. Terror, por seu perfil negro e pontiagudo, e decepção porque, influenciado, quem sabe, pelas incontáveis tradições e imagens da Cruz bíblica por excelência, em minha mente havia sido forjada uma estampa muito diferente da que tinha diante dos olhos. Nada havia ali em comum com as majestosas, polidas e até esmeradas cruces que têm sido representadas pelas igrejas e por quase todos os mestres universais da pintura e da escultura.

Diante de mim, quase no centro da lombada convexa do Gólgota, só havia seis "árvores", mutiladas, nuas, mostrando aqui e ali as "cicatrizes" circulares e esbranquiçadas onde antes haviam florescido tantos ramos. Ainda conservavam a cinzenta e áspera cortiça própria das coníferas, com alguns filetes resinosos solidificados entre as irregularidades de sua superfície.

Quase todas apresentavam na parte inferior uma infinidade de marcas, que permitiam ver a face sólida da madeira. Mas naquele momento eu não consegui descobrir a que se deviam.

Nas pontas, as stipes – cuja altura oscilava entre três e quatro metros – apareciam muito toscamente afiladas. Era como se os responsáveis pelos patíbulo tivessem pretendido emprestar-lhes uma conotação maliciosa a golpes de machete... Eram as únicas áreas claras daqueles sinistros fantasmas alinhados em duas fileiras quase paralelas. Nas pontas, as seis árvores apresentavam grandes rachaduras, em forma de forquilhas. O espaço entre os postes – na primeira fileira – não chegava a três metros. Quanto aos outros, haviam sido enterrados quatro ou cinco metros mais atrás, e um deles, o situado do lado oeste, estava inclinado. Sem dúvida, as cunhas de madeira que serviam para estaquear a árvore haviam cedido.

Dois deles – e isso também me causou estranheza – haviam sido perfurados, mais ou menos a um metro do solo, por grandes barras de ferro que ficavam a descoberto de um lado e do outro dos postes.

Os sedilis em questão (essa foi a única identificação que me veio à memória) haviam sido dispostos no madeiro central da primeira fileira e no que se elevava à esquerda deste, ou seja, no que ocupava a extremidade leste da primeira fila de stipes. Eu não sabia, mas a presença daquele último sedilis¹⁸⁴ adquiriria certa transcendência no que se poderia qualificar de "diálogo" entre o Galileu e um dos zelotes.

Durante alguns minutos que me pareceram intermináveis, tanto os "bandidos" como Jesus permaneceram com os olhos fixos naqueles postes. O silêncio, quebrado pela tempestade, foi dramaticamente significativo.

Mas aquela tensa situação duraria pouco. Sete soldados tomaram posição, rodeando as três primeiras árvores, enquanto o que havia carregado o saco de couro remexia em seu interior para dele retirar uma série de ferramentas. O sangue gelou-me nas veias ao ver um molho de cravos (creio lembrar que contei

quinze), dois martelos providos de grandes cabeças quadrangulares, de madeira, tenazes de ensebados cabos de couro, uma corrente de um metro de comprimento e um machete curto e de lâmina larga.

Os terroristas, hipnotizados ao pé das stipes, saíram imediatamente de seu mutismo. Dois membros da patrulha haviam começado a soltar a corda que amarrava ao patibulum o mais idoso dos zelotes. Aquela foi a faísca que incendiou um de seus últimos ataques de histeria e desespero. Ao intuir que havia sido escolhido como primeira vítima, pôs-se a uivar, sacudindo o madeiro com os braços e desferindo patadas nos mercenários. Longino, que parecia esperar por aquela reação, ordenou algo a um terceiro soldado. Este se colocou por trás do réu e, agarrando-o pelos cabelos, deu-lhe um forte puxão e o imobilizou. Sem perder um segundo sequer, o centurião empunhou sua lança e, com a base da haste, desferiu um golpe seco na cabeça do prisioneiro, que desmaiou.

Depois de solto das cordas o prisioneiro, enquanto era seguro por dois soldados era também despojado por aquele que o havia antes imobilizado, da maltratada túnica, só ficando de tanga. Com uma precisão e agilidade que me deixaram perplexo, aqueles romanos deitaram de costas o inconsciente guerrilheiro e depois esticaram (a expressão mais exata seria retesaram) seus braços sobre o madeiro. Tratando-se de um patibulum cilíndrico, cada um dos infantes encarregados de esticar os braços se ajoelhou em frente a uma das extremidades do lenho, prendendo-a com joelhos e coxas. Dessa forma, conseguiram uma aceitável estabilidade durante o processo de encravamento.

Quando os carrascos consideraram que o patibulum estava retesado por completo fizeram um sinal com a cabeça e o soldado responsável pelos equipamentos postou-se à cabeceira, ajoelhado sobre a rocha branca. Seus joelhos musculosos fecharam-se em torno do réu, praticamente esmagando-lhe as orelhas.

Simultaneamente, e ainda que esta última medida de segurança não parecesse necessária no caso do inerme "bandido", um quarto mercenário juntou-lhe os tornozelos e os prendeu com a corrente.

O soldado que se colocara por trás do réu, para controlar sua cabeça, extraiu um longo cravo que havia posto no interior de seu cinturão. À sua direita, no solo, descansava um dos sólidos martelos.

O Mestre, que, ao se ver desassistido, havia caído de joelhos sobre o solo do Calvário, continuava na mesma posição, dentro do círculo formado pelo pelotão e de frente para as stipes. Não creio, porém, que chegasse a contemplar aquela cena. Sua cabeça e sua vista estavam voltadas para o solo, e assim continuaria até que fosse requisitado pelos homens de Longino.

Com a meticulosidade própria de um profissional de grande experiência no sinistro mister, o executor romano tomou o cravo na mão direita e foi apalpando com a afiada ponta os diversos ossinhos do carpo, ou pulso esquerdo, pela face palmar. Procurava localizar as artérias radial e cubital, pressionando suavemente a veia que leva este último nome. Quando conseguiu achar, fez uma pequena incisão

na pele, mudou o cravo de mão e colocou em posição vertical, sobre o ponto escolhido. Ato contínuo, agarrou o martelo e levantou os olhos, à espera de que o oficial o autorizasse a golpear. Longino assentiu com uma leve inclinação de cabeça, e o carrasco aproximou o martelo até tocar de leve a base de cobre. Em seguida, ergueu-o por cima da orelha direita e o lançou com força sobre o cravo.

A seção quadrada – de uns oito milímetros – penetrou sem dificuldade, atravessando a munheca e abrindo também a madeira do patibulum. O cravo – de uns 20 ou 25 centímetros de comprimento – havia-se inclinado ligeiramente ao penetrar no carpo. Sua cabeça aparecia agora na direção dos dedos. Naquele momento, com o coração bombeando acelerado, não reparei num detalhe que depunha muito em favor da perícia do verdugo...

Com uma segunda pancada – muito menos violenta do que a anterior –, o cravo penetrou um pouco mais. A base dele havia ficado a uns dez centímetros da pele. O sangue não tardou mais do que dois ou três segundos para brotar.

O guerrilheiro, que continuava inconsciente, não reagiu. E o verdugo apressou-se em repetir a operação sobre o pulso direito. Dessa vez, não olhou para o centurião. Mais duas marteladas foram suficientes para fixar o réu no madeiro. Curiosamente, a base do cravo voltou a mostrar-se oblíqua. Percebi, então, que ambos os polegares se haviam dobrado de modo brusco para o centro da palma das mãos. Os outros dedos, entretanto, apenas tinham-se flexionado. (O exame dos pulsos do Mestre com ultrassons nos permitiu formular uma hipótese – confirmada por estudos anatômicos posteriores sobre a causa desse fenômeno.)

Das munhecas do zelote, ao serem perfuradas, dois borbotões de sangue emergiam lentamente, escorrendo pelo córtex do lenho e formando grandes poças sobre a rocha. Ainda que as hemorragias não fossem preocupantes, a visão do sangue e o encravamento de seu companheiro provocaram a explosão do abalado sistema nervoso do jovem terrorista. Com ar suplicante, ele se arrastou de joelhos até Longino. Uma vez a seus pés, afundou a cabeça no solo, pedindo aos gritos que tivesse compaixão dele. Durante frações de segundo, os olhos do centurião se empanaram com uma sombra de piedade. Ergueu as mãos em sinal de impotência e, procurando fazer com que o réu não se apercebesse, pediu o pilum ao infante mais próximo. Longino não podia evitar a crucifixão do jovem, mas podia poupá-lo das dolorosas perfurações dos cravos nos pulsos. E, levantando a lança com as duas mãos, preparou-se para golpear o crânio do aterrorizado prisioneiro.

– Alto! Que buscais aqui?

Os gritos de uma das sentinelas obstaram o propósito do oficial. Ao se virar, viu um grupo de seis ou sete mulheres que subia com passo decidido pela fenda do penhasco. Longino esqueceu-se do réu e adiantou-se ao encontro das hebreias. As mulheres trocaram algumas frases com o centurião, mostrando-lhe um pequeno cântaro de barro vermelho.

O chefe da patrulha tranquilizou seus homens, permitindo que as judias chegassem ao alto do Calvário. Uma vez ali, a que carregava a vasilha dirigiu-se

até o guerrilheiro que acabava de ser encravado. Uma segunda mulher a seguiu e as demais permaneceram em silêncio mais atrás, protegendo-se das afiadas rajadas de vento com seus amplos mantos negros e verdes.

Ao verem que aquele homem jazia inconsciente, as decididas mulheres se voltaram para Longino. O centurião, adiantando-se a seus pensamentos, indicou-lhes o segundo réu, que continuava sob o peso do patibulum, sangrando e chorando desesperadamente.

Mas antes que as filhas de Jerusalém abrissem o cântaro e cumprissem o velho conselho do livro dos Provérbios – “dá bebida forte ao que vai perecer e vinho à alma amargurada” –, o oficial fez sinal aos seus homens para que concluíssem o içamento do primeiro “bandido”. A escada foi apoiada contra uma das stipes da primeira fileira (a situada a oeste), enquanto outros soldados erguiam, não sem alguma dificuldade, o lenho em que havia sido cravado o condenado. Sem perda de tempo, o verdugo responsável pelas perfurações amarrou uma corda ao redor do tórax e depois deu dois rápidos nós em cada uma das extremidades do patibulum. Por último, ostentando grande destreza, arrematou a amarração com uma laçada central.

Um quarto soldado colocou-se no alto da escada e os que apoiavam o guerrilheiro o transportaram até o pé do madeiro vertical. O autor das perfurações estendeu a corda ao companheiro que estava na escada e este a introduziu na ranhura superior do lenho. Imediatamente, começou a puxar a grossa corda, ajudado do solo pelo optio. A cada puxão, a corda, ao contato com a stipe, emitia um chiado agudo que se confundia com o desesperado alarido do segundo zelote.

Em questão de um minuto e meio, o patibulum foi içado. O lugar-tenente de Longino esticou ao máximo a corda e, antes que o romano que estava no alto da escada a soltasse, os três soldados que vigiavam a ascensão do réu acudiram Arsenius, sustentando no ar o preso e o patibulum.

Ao se desfazer da corda, o soldado situado na parte superior prendeu-a nos dois ramais da laçada central, arrastando o tronco até a ponta da stipe. Uma vez enfiado o patibulum, o infante deu um grito e os quatro romanos deixaram em liberdade o longo cabo. Com um rangido, o lenho deslizou para baixo até ficar encaixado no poste.

O corpo do “bandido” cedeu ao próprio peso e seus braços se distenderam ao máximo, formando um ângulo de 65 graus com a stipe. Essa terrível freada fez que as feridas da munheca se abrissem, provocando ainda a distensão dos ligamentos das articulações dos ombros e dos cotovelos.

A dor deve ter sido tão insuportável que o infeliz reagiu e recobrou os sentidos. Seus olhos queriam sair das órbitas. Mas a posição forçada em que ficara lhe havia quase bloqueado o aparelho respiratório, e a boca, desarticulada, não conseguiu emitir som algum. Não obstante, os soldados já não pareciam ter muita pressa. Antes de descer da escada, o mercenário pegou o martelo e deu várias pancadas no patibulum, para deixá-lo mais seguro. Depois, pegou das mãos do optio a

tabuinha em que se lia o nome de Gistas e cravou-a sobre a parte superior da recém-formada cruz, um palmo acima do madeiro transversal.

Os duzentos curiosos que haviam acompanhado a patrulha e que agora iam tomando posição ao redor da rocha, prorromperam em gritos e exclamações de protesto ao ver que o soldado acabava de cravar o "INRI" do zelote. De fato, Longino tinha razão. Se a comitiva tivesse se aventurado pelas ruas de Jerusalém com os dois zelotes, quem sabe do que teria sido capaz o populacho.

Pouco a pouco, o grupo inicial de observadores judeus foi sendo multiplicado pelos peregrinos que iam e vinham pela rota de Jafa. Muito próximo, na primeira fila – cerca de dez metros em linha reta –, distingi vários saduceus, entre os quais Judas Iscariotes, com a cabeça coberta por um manto. (Ignoro se por temor de possíveis represálias dos amigos e seguidores do Mestre, ou se para se proteger, como outros, dos turbilhões de areia que varriam aquela parte extramuros da cidade.)

Sinceramente, ao ver o traidor, meu desejo foi descer do Gólgota e unir-me a ele. Seu estranho suicídio era um dos episódios que eu gostaria de ter podido esclarecer. Mas a missão especificava com clareza que eu não deveria separar-me de Jesus naqueles críticos momentos.

O encarregado do encravamento apanhou o martelo e, colocando--se diante do condenado, apoiou o joelho direito no chão, tirou outro cravo do cinto e fez um aceno aos companheiros. Um deles tomou o pé direito do réu, esticou-lhe a perna e ajustou a planta do pé à superfície da stipe. Essa manobra deixou no nível da pele um dos ossos do tarso – o astrágalo –, que serviu de referência ao hábil verdugo. Com uma só martelada, ele enterrou o cravo sobre o osso e o costurou à madeira. A dor percorreu o corpo de Gistas e transformou-se num instante em uivo. E antes que outro romano flexionasse a perna esquerda do zelote para assentar a palma do pé sobre o poste, um jorro de sangue espalhou-se por debaixo do pé recém-cravado e precipitou-se pela árvore até as cunhas que a escoravam.

Ao uivo seguiu-se uma série de berros entrecortados. O diafragma do zelote havia começado a se ressentir e sua respiração entrou em angustioso enfraquecimento. Em poucos minutos, entre um bramido e outro, o desesperado homem começou a arquejar, multiplicando curtas e dramáticas inspirações de ar.

Aqueles gritos – mistura de espanto, dor e raiva – tiraram de seu isolamento o jovem terrorista. Ele levantou penosamente a cabeça e, ao ver seu companheiro, empalideceu e começou a transpirar.

Os soldados concluíram o encravamento do prisioneiro, cujo pé esquerdo ficou a dez ou quinze centímetros por cima do direito.

A visão do sangue correndo em abundância pela stipe acabou por provocar espasmos no segundo guerrilheiro, que não tardou a vomitar.

Longino apressou seus homens para que desatassem Dimas. O infeliz, aturdido e tremendo de medo, não opôs resistência. Depois que ele foi despido, as mulheres receberam do centurião o sinal para que lhe ministrassem aquela poção que

traziam.

Antes, porém, quatro mercenários rodearam o réu e ameaçaram cravar-lhe a ponta de suas lanças nos rins, nas costas e no ventre. Os tremores do “bandido” intensificaram-se e seus joelhos começaram a oscilar.

Contagiadas pelo pavor do condenado, as judias encheram com as mãos trêmulas uma funda taça de madeira com um líquido amarelento-esverdeado contido no cântaro. Ao me aproximar, cheguei a sentir o cheiro da beberagem, identificando entre seus ingredientes o odor particular do fel, ou bile de touro. Interessei-me pela natureza da mistura e a mulher que trazia a jarra explicou-me, com certo tremor – confundindo-me, é possível, com alguma alta personalidade estrangeira –, que consistia basicamente em um vinho aguardentado a que se juntava o conteúdo de uma ou várias bexigas biliares de boi recém-sacrificado. Em vez de algum tipo de sonífero ou droga, os hebreus utilizavam para tais fins um processo mais comum e natural. Preparavam primeiro um extrato do fel, deitando sobre um filtro de baeta o conteúdo das bexigas. Depois faziam-no evaporar em banho-maria, enquanto o agitavam. Dessa forma obtinham o extrato desejado, que podia ser conservado indefinidamente. Quando aquela piedosa “associação” de mulheres recebia a notícia de uma execução, vertia o extrato de bile bovina em vinho ou aguardente de elevada graduação alcoólica. A fulminante ação metabólica da bile “liberava” o álcool do vinho, provocando assim no réu uma rápida e acentuada embriaguez que embotava seu cérebro, aliviando até certo ponto seus sofrimentos e, sobretudo, debilitando sua consciência.

Mateus, portanto, foi o único que acertou ao relatar essa passagem evangélica. Marcos (15,23) assegura que as mulheres deram a Jesus “vinho com mirra”. Isso é inexato. Entre outras razões, porque a mirra, por sua natureza excitante, tônica e emenagoga, provavelmente teria atuado de forma contrária ao efeito desejado. (Naquele tempo era empregada em geral como bálsamo, como pomada para certos tumores articulares, como elemento dentifrício e, sobretudo, como perfume.)

A hebreia pôs a mão direita sobre o vaso de madeira, procurando impedir que a poeira levantada pelo vento contaminasse o vinho. Olhou para Longino e este voltou a apontar o prisioneiro, autorizando-a a aproximar-se. A mulher foi até Dimas e estendeu-lhe a beberagem. Acossado pelo terror, o rapaz não reagiu. Seus olhos, avermelhados pelo pranto, desviaram-se para o centurião, interrogando-o.

– Bebe! – ordenou-lhe Longino.

O zelote ergueu os braços e agarrou a taça. Mas suas convulsões já eram tão intensas que parte do líquido se perdeu. A muito custo conseguiu levar o recipiente até os lábios e engolir os 250 ou 300 centímetros cúbicos que continha.

As hebreias se retiraram, reunindo-se ao resto do grupo, e o réu foi conduzido aos puxões diante das duas stipes que haviam ficado livres na primeira fileira e a cujos pés havia sido transportado o patibulum.

Dimas foi colocado de costas para os três lenhos e, enquanto dois verdugos puxavam seus braços para trás, um terceiro deu-lhe uma rasteira e o derrubou de

costas. O centurião, colocado por trás do réu, empunhou uma lança, disposto a golpear o crânio do prisioneiro em caso de necessidade. Levantou a ponteira do pilum e aguardou.

No entanto, o prisioneiro quase não ofereceu resistência. Aparentemente, havia assumido sua sorte. O medo, além disso, havia garroteado seus músculos. Ao ser deitado sobre o lenho, levantou a cabeça e com um fio de voz se pôs a clamar por sua mãe. Mas suas incessantes invocações cessaram quando o verdugo lhe assentou a primeira martelada. Um bramido se elevou da rocha. E a multidão acolheu o novo encravamento com fortes protestos e assobios.

O prisioneiro, com os olhos saltando das órbitas e todos os músculos do pescoço tensos como cordas de violino, estremeceu e deixou pender a cabeça por trás do tronco. Nesse instante, um forte fedor foi arrastado pelo vento. O soldado que segurava os pés do réu com a corrente explodiu em mil imprecações e insultos contra o zelote. Presa de pânico incontável, os esfíncteres do rapaz haviam-se relaxado, liberando excrementos.

Ao lhe perfurarem a munheca direita, o jovem perdeu os sentidos. E os verdugos aproveitaram sua inconsciência para acelerar o içamento à stipe. Quando se preparavam para erguer o patibulum, surgiu uma dúvida. Em qual dos stipes livres deveriam crucificá-lo? Os infantis consultaram o oficial e este deu de ombros. Foi o encarregado dos cravos quem encontrou a solução, bem recebida por todos.

– Deixemos o “rei” no centro... – comentou divertido.

E assim se fez. Esta foi a razão por que os chamados “ladrões” ficaram à direita e à esquerda do Mestre.

Quando chegou a vez do pé esquerdo do guerrilheiro, o verdugo o perfurou de forma que os dedos ficaram sobre um dos braços do sedilis de ferro, que, como já expliquei, atravessava a madeira de lado a lado. Essa circunstância proporcionaria a Dimas um certo alívio na hora de lutar por inspirações de ar mais profundas. O pé direito, entretanto, foi fixado um pouco mais abaixo, sobre a face frontal da stipe. O segundo “braço” do sedilis – que ficaria paralelo ao patibulum, como na cruz de Jesus – não foi utilizado. Minha opinião é que esse relativo “descanso” pôde influir decisivamente nesse crucificado, a ponto de lhe permitir melhor oxigenação e, em consequência, maior clareza de ideias.

Concluída a crucifixão de Dimas, os soldados, suados e manchados de sangue, recuperaram a corda que servira para erguer o réu e puseram os olhos em Jesus de Nazaré. Meu coração voltou a estremecer, ao distinguir sarcásticos sorrisos nos rostos dos romanos.

Eram 13 horas...

A súbita intervenção de Eliseu distraiu-me por um momento. O módulo detectava o “olho” do siroco a pouco mais de quinze minutos de Jerusalém. A velocidade do haboob havia declinado ligeiramente, mas o arrasto de areia era considerável, levantando partículas até 2 mil ou 2.500 metros do solo. Para meu companheiro, o mais preocupante daquela tormenta seca era a possibilidade de

que o vento arrastasse agentes biológicos ativos que pudessem afetar-me.

Sinceramente, a advertência de Eliseu não me preocupou. Meu coração e meus cinco sentidos estavam a quatro metros de mim mesmo: na figura daquele homem de mais de um metro e oitenta de estatura que ali estava agora, encurvado e maltratado.

O Mestre foi erguido sem mais demora. Foi-lhe retirado o manto de púrpura que ainda conservava sobre os ombros, amarrado na altura do pescoço, e em seguida o roupão. Então a parte superior da túnica ficou a descoberto e, ao vê-la, fechei os olhos. Era uma mancha informe, sanguinolenta e colada ao corpo sobre as feridas da flagelação. Engoli em seco. Que ocorreria no momento que o despissem?

Esse angustioso transe, porém, foi retardado por um problema com o qual ninguém havia contado: o elmo de espinhos.

Quando um dos soldados se dispunha a retirar-lhe a túnica, outro guardião notou o trançado de farpas e advertiu que ou rasgavam a túnica ou era preciso retirar primeiro o elmo.

Os soldados se enredaram em acalorada discussão. Suponho que ela se teria prolongado indefinidamente não fosse o optio. Com um sentido prático bem mais acentuado que o de seus homens, ele se limitou a tocar o tecido e, ao verificar que se tratava de uma túnica sem costura, ordenou aos verdugos que lhe retirassem a "coroa". No início, me pareceu absurdo que discutissem por algo que poderia ter tido uma fácil e drástica solução: simplesmente rasgar a veste. Depois compreendi. Parece que era costume "não oficial" que os verdugos repartissem a roupa do justicado.¹⁸⁵

Então um dos romanos se colocou diante de Jesus, introduzindo lentamente os dedos por dois vãos do elmo. Quando suas mãos haviam agarrado o feixe de juncos na altura das orelhas, ele deu um violento puxão para cima.

O Galileu estremeceu. Mas o elmo de espinhos não se desprende de todo. Alguns dos longos e afilados espinhos estavam solidamente incrustados na carne, e aquela primeira tentativa só conseguira dilacerar ainda mais os tecidos e provocar novo sangramento.

Arsenius balançou a cabeça com impaciência, advertindo o infante de que primeiro deveria mover o elmo na horizontal e depois puxá-lo para cima. O Nazareno apertou os lábios e esperou o segundo puxão.

De fato, com os giros para os lados, muitos espinhos das áreas parietais e frontal se desprenderam. E o verdugo repetiu a manobra. O puxão vertical foi tão violento que o elmo saltou. No entanto, os espinhos situados sobre as faces e a nuca arranharam a epiderme e dois espinhos, um cravado no intumescido pômulo direito e outro no músculo elevador esquerdo, partiram-se, ficando alojados em ambas as áreas do rosto.

Um gemido acompanhou aquela brutal manobra. E os saduceus, atentos ao penoso espetáculo, receberam-no com aplausos e aclamações.

Antes que o rabi pudesse recuperar-se dos novos e agudos sofrimentos, dois soldados ergueram-lhe os braços, enquanto um terceiro o despia, recolhendo a túnica pela borda inferior.

Ao ver suas pernas, senti que meu coração acelerava o ritmo. Estavam cruzadas e tomadas em todos os sentidos por filetes de sangue, coágulos, hematomas azulados e uma infinidade de pequenos círculos, na maioria causados pelos cravos das sandálias romanas. Quanto aos joelhos, o esquerdo apresentava um considerável edema. O direito, ainda que menos deformado, estava aberto na face anterior da rótula, com múltiplos rasgos e perda do tecido celular subcutâneo, sendo possível ver até a parte do perióstio do osso. Era inacreditável como aquele ser humano havia conseguido caminhar e arrastar-se sobre os joelhos até a muralha. As forças – confesso – começaram a faltar-me de novo. Mas aquele martírio não havia sequer começado...

O ranger da túnica ao ser despregada do torso de Jesus me fez empalidecer.

O mercenário, ao verificar que o tecido estava colado às feridas, não teve dúvidas. Olhou para trás, sorriu malicioso para os companheiros e foi erguendo a túnica lentamente. O linho foi-se despregando das feridas, mas arrastando grandes placas de sangue. Enrubesci de indignação e agarrei-me à “vara de Moisés” até quase parti-la. Grossas gotas de suor começaram a rolar pela minha testa, e foi necessário que eu mordesse a manga de meu manto para não saltar sobre aqueles sádicos.

Por fim, quando a túnica já estava erguida na altura do rosto do Nazareno, os soldados baixaram-lhe os braços e a cabeça e retiraram-lhe sua última veste.

O Filho do Homem ficou ali totalmente despido, encurvado, sangrando por inúmeras feridas. Ao ver aquelas costas abrasadas por hematomas e cortes, Longino ficou perplexo. O requintado descolamento da túnica havia aberto muitas das lesões, fazendo irromper outra violenta sangria. Apesar da proteção dos dois mantos e da túnica, o madeiro havia erodido a parte superior das costas, ulcerando as áreas da omoplata direita e a pele do feixe muscular esquerdo do trapézio. Nessa última região, observei uma esfoladura de uns nove centímetros por seis, de bordos irregulares e com enrugamento da pele, produzida possivelmente em uma das violentas quedas (talvez a segunda, ao desmaiar e tombar de costas na fortaleza Antônia).

Os cotovelos também estavam praticamente destruídos pelos golpes e pelas quedas. Quanto ao antebraço esquerdo, a fricção com o córtex do patibulum havia desfiado o plano muscular, com perda de substância e provocando amplas áreas arroxeadas.

Mas a visão mais terrível era a dos flancos. Os pontapés haviam arrebatado alguns dos hematomas e dilacerado muitas fibras musculares vitais para a função respiratória.

Despojado de suas roupas, Jesus havia começado a tiritar, acusando os duros choques do vento e da poeira.

O abandono, a amargura e a impotência daquele homem alcançaram naquele momento um de seus pontos culminantes.

Os curiosos e transeuntes que iam engrossando o grupo inicial de testemunhas romperam a dramaticidade daquele momento, fazendo galhofas e acolhendo com gargalhadas a nudez do Galileu. Os sacerdotes, sobretudo, foram os mais corrosivos. Alguns chegaram até a galgar as rochas interiores do Gólgota, gesticulando e imitando a postura de Jesus, que, humilhado, cabeça baixa, ocultava com ambas as mãos a região pubiana.

Livres do elmo de espinhos, seus cabelos começaram a flutuar ao vento, pondo a descoberto as marcas dos açoites de Lucílio em suas orelhas. Apesar dos 17,5°C que o módulo registrava naquele momento em Jerusalém, o Mestre continuava tremendo de frio. Ao ficar sem a proteção das roupas, amplas áreas dos braços, tórax, ventre e pernas ofereciam o conhecido aspecto de "pele de galinha". E a febre não cedia.

Quão distante havia ficado a majestosa figura do Galileu! Ainda que seus discípulos e amigos não estivessem presentes, estou convencido de que muito poucos o teriam reconhecido. As dores, o esgotamento e a sede deviam ser insuportáveis. Todavia, ao contemplá-lo ali, só, ultrajado, sem o mais fugaz alento ou prova de amizade, penso que sua verdadeira e mais profunda tortura não eram os padecimentos físicos, mas sim essa sensação de aniquilamento moral que sempre invade um homem injustamente condenado. Mas essas são reflexões pessoais de um mero observador. Quem poderia adivinhar os pensamentos de Jesus de Nazaré naquelas circunstâncias? O certo é que seu fim estava muito próximo.

Enquanto os soldados colocavam o patibulum junto à stipe central, Longino dirigiu-se ao grupo de mulheres e as convidou a ministrarem ao rabi sua beberagem. E as mesmas hebreias, com passo apressado, dirigiram-se ao Mestre. Ao se separarem do grupo, foram seguidas pelo jovem João Marcos. Ignoro como ele conseguira chegar até ali, mas, antes que cometesse alguma loucura, fiz-lhe sinais, chamando-o para junto de mim.

As judias encheram a taça de madeira e ofereceram a Jesus o fétido líquido. O Nazareno levantou a cabeça e olhou as mulheres. Estas, estranhando o silêncio do condenado, fizeram um ligeiro movimento com a vasilha, incitando-o a beber. Mas o encurvado gigante não se decidia. Suas mãos não se moviam dos genitais. Respeitando o pudor do Galileu, a mulher que tinha a taça colocou-a em seus lábios e inclinou o recipiente, de forma a permitir-lhe a ingestão sem necessidade de utilizar as mãos. O Mestre entreabriu a boca e provou a mistura. Mas assim que percebeu o que era, afastou o rosto e fez um gesto de rejeição com a cabeça. A atitude do prisioneiro deixou atônitas as mulheres, e também o centurião. Elas olharam para Longino e este deu de ombros, encerrando o assunto.

Ao me ver, o rosto de João Marcos se iluminou. Venceu correndo os poucos metros que nos separavam e me abraçou. Tinha as faces marcadas pelo pranto.

Choramizando e com um acesso de soluços, o pequeno pediu-me que salvasse o Mestre. Não pude fazer mais do que sorrir para ele. Como poderia explicar-lhe quem eu era e em que consistia minha missão? Não vou esconder que naquele instante cheguei a pensar nessa possibilidade. Que teria acontecido se, daquele promontório, eu tivesse dado ordem a Eliseu para mobilizar o módulo e rumar para o Gólgota? Seria simplíssimo descer sobre a rocha e arrancar o Galileu das garras daquela patrulha. Mas foram apenas sonhos impossíveis...

Antes que os soldados repreendessem o menino, cuidei de persuadi-lo a se retirar dali, dando-lhe um encargo que – poucas horas depois – seria de muita importância para mim. João Marcos não percebeu isso, mas obedeceu. O optio, alertado por um dos soldados que montavam guarda ao redor do patíbulo, aproximou-se de nós e aconselhou-me delicadamente a mandar o menino embora. Não foi necessário que ele repetisse. João Marcos escapuliu e misturou-se às mulheres que já desciam do Gólgota. Dali a pouco, avistei-o junto a Judas Iscariotes, exatamente como eu lhe havia pedido.

O gesto de Jesus, recusando a aguardente biliosa, desconcertou--me. Ao abrir a boca, sua língua e sua mucosa, mais do que ressequidas, revelaram um angustioso processo de desidratação. Seus lábios, trincados como o casco de um velho barco encalhado, deviam estar suportando uma sede sufocante. Não sei, pois, como o Mestre pôde recusar a taça de vinho. Se realmente o fez – como suspeito – para sustentar ao máximo sua ameaçada lucidez mental, somente posso reverenciar, pela enésima vez, sua coragem.

– É hora – advertiu o centurião.

Submisso, sempre com as mãos ocultando os genitais, o Nazareno começou a arrastar-se – mais do que caminhar – em direção às cruzes. Longino e outro soldado o escoltaram, tomando-o pelos braços.

Um suor frio começou a envolver-me. O guerrilheiro que havia sido crucificado em primeiro lugar continuava uivando e tendo convulsões intermitentes. Mas os soldados já não lhe davam a menor atenção. Ajoelhado diante do patibulum, o verdugo responsável pelo encravamento aguardava, com um daqueles aterrorizantes cravos de ferreiro na mão direita. Era praticamente similar aos usados anteriormente: de uns vinte centímetros de comprimento – talvez um pouco mais – e com a ponta afilada, ainda que não tanto como os de seus “irmãos”. Havia outro detalhe que o distinguia também dos precedentes: embora a seção fosse quadrangular, as arestas estavam deterioradas, formando ligeiras rebarbas e dentes.

Os soldados colocaram o Mestre de costas para o lenho. Depois, separando seus braços, puxaram-nos para baixo, ao mesmo tempo que um terceiro aplicava-lhe uma rasteira. A extrema fraqueza de Jesus foi mais do que suficiente para acelerar sua queda.

Uma vez colocado de costas sobre o madeiro, os verdugos apoiaram os braços de Jesus sobre o patibulum, enquanto prendiam as extremidades do rugoso cilindro

com os joelhos. As palmas das mãos ficaram voltadas para cima, trêmulas, com as pontas dos dedos levemente flexionadas e – como os braços e antebraços – salpicadas de sangue coagulado.

A perna esquerda, inflamada na altura do joelho, havia ficado dobrada. O encarregado da corrente procurou esticá-la, baixando-a com uma seca palmada sobre a rótula. O Galileu acusou a dor, abrindo a boca, mas sem um único gemido. Longino, em seu posto rotineiro, junto à descaída cabeça do réu, que tocava as rochas com os cabelos, pôs-se em posição e apontou a haste do pilum para a testa de Jesus.

Os ajudantes do verdugo principal esticaram os braços do rabi. O que estava sobre o lado esquerdo do tronco desembainhou a espada e colocou a lâmina sobre os quatro dedos grandes do Mestre. Aquela inovação – pareceu-me – facilitava o trabalho de fixação da extremidade superior ao patibulum. Se o prisioneiro tentasse reagir, era certo que, a uma contração da mão, ele se cortaria irremissivelmente no fio da espada. O grau de crueldade e perícia daqueles mercenários parecia não conhecer limites...

Os numerosos filetes de sangue que banhavam os grossos antebraços do Nazareno dificultavam até certo ponto a procura dos vasos. Por fim, o verdugo pareceu distinguir as linhas azuladas das artérias e veias, assinalando o ponto escolhido para a perfuração.

Antes de erguer a vista para o centurião, o soldado que deveria martelar o cravo, extremamente surpreso diante da docilidade do “rei dos judeus”, olhou para os companheiros manifestando sua surpresa com um significativo erguer de sobranceiras. Os outros, também atônitos, responderam com idêntica mímica.

Longino, que, cansado de sustentar a lança, a havia baixado, autorizou o golpe com um leve movimento de cabeça.

Mantendo o cravo em posição perpendicular ao centro do pulso (na altura do conglomerado de minúsculos ossos do carpo), o verdugo lançou o martelo sobre a cabeça redonda. A ponta se perdeu num instante no interior dos tecidos. A pele que rodeava o metal abriu-se como uma flor, em meio a uma densa coroa de sangue.

A ponta do cravo, ao abrir caminho entre os tendões, ossos e vasos, deve ter roçado o nervo mediano, um dos mais sensíveis do corpo, provocando uma descarga dolorosa difícil de avaliar.

No mesmo instante, os braços se contraíram e a cabeça de Jesus distendeu-se para o alto, permanecendo tensa e oscilante, paralela ao solo. Os dentes, apertando-se duramente por poucos segundos, abriram-se. E Jesus, quando todos esperávamos um agudo grito de dor, limitou-se a inalar o ar com uma respiração curta e ofegante.

Os soldados, que esperavam uma reação violenta, estavam assombrados.

Por fim, derrotado pela dor, o Mestre deixou cair para trás a cabeça, que se chocou contra a rocha. Todos acreditamos que ele havia perdido a consciência. Mas

em poucos segundos abriu o olho direito e acelerou o ritmo respiratório.

Como eu não tinha percebido isso antes! Jesus só respirava pela boca. Aquilo me fez suspeitar que seu septo devia apresentar alguma complicação – fruto dos golpes –, o que dificultava a inspiração pelo nariz.

O verdugo mudou de posição, inclinando-se dessa vez diante do braço direito. Mas essa segunda perfuração iria apresentar complicações...

O sangue havia começado a emanar com extrema lentidão, formando um bracelete vermelho ao redor do pulso esquerdo do Nazareno. Evidentemente, o cravo estava servindo de tampão, produzindo hemóstase ou estancamento do derrame sanguíneo. Mas a fraca hemorragia constituía uma faca de dois gumes: os médicos sabem que nessas situações a dor aumenta.

Arsenius e o oficial olharam-se sem compreender a ausência de gritos e o espernear clássico de todo homem que sabe que está à beira da morte. Ao contrário, aquele réu, longe de causar problemas, havia começado a despertar profunda admiração em Longino e em seu lugar-tenente. O contraste com aquele zelote que pendia na cruz e enchia os ares com seus berros e pragas era tão extraordinário que o oficial, ao notar que ainda trazia nas mãos a lança, jogou-a violentamente contra a base das cruces, de repente, indignado consigo mesmo.

O segundo golpe do martelo foi tão preciso como o primeiro. O cravo se inclinou do mesmo modo, a cabeça apontando para os dedos do Mestre. Mas, em lugar de penetrar na madeira do patibulum, seguindo a direção do cotovelo, a peça apenas arranhou o tronco.

Nesse segundo encravamento, o rabi não levantou sequer a cabeça. Grossas gotas de suor haviam começado a rolar pelas têmporas, tropeçando aqui e ali com os coágulos. Limitou-se a abrir a boca ao máximo e a emitir um sufocado e indecifrável som gutural.

– Que está acontecendo? – perguntou o centurião, ao ver que cerca de catorze centímetros do cravo haviam deixado de penetrar no pulso.

O verdugo tirou o braço de Jesus da cruz e examinou a superfície côncava do lenho. Ao passar a ponta do dedo pelo córtex, balançou a cabeça em sinal de contrariedade. E, dirigindo-se a Longino, explicou-lhe que havia topado com um nó.

Senti que as entranhas me ardiam.

Sem perder a calma, o verdugo ajeitou novamente o pulso de Jesus sobre o patibulum e, tomando o cravo entre o indicador e o polegar, dispôs-se a vencer a resistência do inoportuno obstáculo com um novo golpe.

O impacto foi tão terrível que a seção piramidal do cravo se partiu a poucos centímetros da pele ensanguentada do réu.

O novo contratempo foi acompanhado de uma torpe imprecisão do soldado, que lançou a maça para um lado e ordenou aos companheiros que segurassem o antebraço de Jesus. Depois, prendendo como pôde a extremidade do metal, tentou arrancar o que restava do cravo. Em vão, porém. A ponta havia perfurado o nó da madeira e o metal resistiu.

Entre novas maldições, o irado soldado levantou-se, apoiou com o pé esquerdo na região “cúbito-radial” de Jesus e recomeçou a tarefa de remover o cravo, fazendo-o oscilar de um lado para o outro. Até Longino empalideceu diante daquela nova forma de tortura. Os bruscos puxões do verdugo, buscando retirar o metal, dilataram o orifício do pulso, dilacerando tecidos e inundando de sangue seus próprios dedos, o patibulum e a rocha.

É muito provável que a dor tivesse sido atenuada em parte pela profusa hemorragia. Do contrário, não há como explicar o comportamento do Galileu. A cada movimento pendular do soldado no afã de extrair a peça, Jesus respondia com um lamento. Cinco, seis... oito sacudidas e outros tantos gemidos, acompanhados de movimentos da cabeça. Mas aquele gigante não explodiu, não protestou...

Por fim, após uma eternidade, o verdugo separou a ponta do tronco. E depois de arrancar a ensanguentada e gotejante barrinha metálica do carpo, pegou de novo o saco de couro e começou a remexer em seu interior. Ao virar para o Nazareno, ele trazia uma espécie de verruma curta, com punho de madeira.

Em seguida, retirou o braço de Jesus do madeiro, cuspiu sobre a mancha de sangue que cobria o lenho e limpou com a mão a área onde se situava o nó. Pegou a ferramenta, introduziu a rosca em espiral no orifício feito pelo cravo e, apoiando todo o peso de seu corpo sobre a verruma, a fez girar e penetrar na quase pétrea rugosidade, com movimentos lentos, mas firmes.

A operação foi trabalhosa. Enquanto isso, o sangue do rabi continuava vertendo, a ponto de formar uma extensa poça sobre a branca superfície do Gólgota. A julgar pelo ritmo da hemorragia, não creio que as arestas em serra do cravo tenham chegado a abrir alguma artéria ou veia principal. Mesmo assim, aquela perda começava a ser dramática. Jesus empalidecia rapidamente, e temi que ele entrasse em novo estado de choque.

Quando o soldado considerou que havia feito um buraco suficiente, procurou no cinto outro cravo, examinou-lhe a ponta e a cabeça, fez um sinal de aprovação e de novo dispôs o braço do condenado na posição adequada, como no início. Mas, contrariamente ao que se supunha, antes de pegar o martelo, passou o cravo pelo folgado orifício. Quando a extremidade apareceu do outro lado, na face dorsal, o verdugo a introduziu no furo que acabara de fazer e só então martelou de novo. Superado o nó, o cravo penetrou no lenho sem problemas. Um segundo golpe e o braço do Mestre estava definitivamente fixado. A base do cravo, como havia ocorrido com o pulso esquerdo, não chegou a tocar a carne. Ambas as cabeças – horas depois eu entenderia por que – ficaram entre oito e dez centímetros de fora.

Tal como havia acontecido com os guerrilheiros, no momento em que os pulsos foram cravados, os polegares de Cristo se dobraram, saltando e apontando para o centro das palmas das mãos, na direção oposta à dos quatro dedos, apenas ligeiramente flexionados.

Enquanto a ferida do pulso esquerdo – de forma ovalada – quase não chegava

a alcançar 15 x 19 milímetros, a da direita era muito mais ostensiva, com quase 25 milímetros de comprimento, no sentido do eixo do antebraço, o que me fez temer pela estabilidade do Mestre quando ele fosse erguido sobre a stipe. Será que se produziria dilaceração dos tecidos?

Os soldados obedeceram ao oficial. Aquilo estava moroso demais. Por fim, ajudados pelo optio, içaram o patibulum com o crucificado e agilmente enroscaram o prisioneiro na grossa corda de esparto que deveria servir para erguê-lo até o alto da stipe.

Ao passar a corda pela ranhura do extremo da stipe e começar a esticá-la, o madeiro – controlado pelos mercenários para que não perdesse a posição horizontal – iniciou uma lenta e exasperante ascensão. Mas as fortes rajadas de vento, castigando o corpo do Nazareno com sucessivas cargas de pó e terra, começaram a dificultar a operação.

O centurião protestou com gritos a presença de dois dos homens que mantinham a segurança do Gólgota, distribuindo-lhes ao pé da escada de mão em apoio ao soldado que puxava do alto.

Enquanto o Mestre conservava os pés sobre a rocha, a posição de seus braços pôde manter-se mais ou menos no eixo do patibulum. Pouco a pouco sua cabeça recuperou a verticalidade, mas às vezes caía para a frente até tocar a ponta superior do esterno. Numa dessas vezes, depois de forte inalação de ar, Jesus levantou fugazmente a cabeça, dirigiu o olhar para o céu turbulento e exclamou:

– Pai!... Perdoai-os!... Eles não sabem o que fazem!

Os soldados, ao ouvirem aquela voz quebrantada, pararam. O Mestre havia falado em aramaico. Creio que, salvo um ou dois, os demais não o entenderam. Lamentavelmente, porém, quiseram saber o significado da frase, mas os dois que a haviam entendido apenas ficaram olhando um para o outro, indecisos. Antes que pudessem abrir a boca, outro soldado desferiu uma bofetada em Jesus.

– Maldito hebreu! – exclamou o que o havia esbofetado. – Nem mortos nem vivos são dignos de piedade!

A versão do tradutor foi correta, mas os incultos mercenários interpretaram erroneamente suas palavras.

– Então não sabemos o que fazemos... – bradou-lhe o que havia feito as perfurações. – Pois espera e verás!

E, dirigindo-se ao centro do Calvário, recolheu do solo o elmo de espinhos e postou-se diante do Galileu.

O centurião tampouco havia compreendido o sentido da expressão, e vacilava diante da irritada postura de seus homens. Suponho que não se atrevia a intervir. No fundo, também ele talvez se sentisse ofendido pelo que parecia uma crítica a seu profissionalismo.

O verdugo separou a cabeça do Mestre do patibulum e de um golpe encaixou nela o capacete de espinhos. O ajuste, talvez pelo temor de ferir-se ele próprio nos espinhos, não foi excessivamente violento, e a massa espinhosa ficou oscilando nas

têmporas do prisioneiro.

A multidão, que naquele momento devia oscilar entre 2 mil e 3 mil pessoas, uivou de prazer diante do gesto do romano.

O Mestre permaneceu de cabeça baixa, e seus torturadores prosseguiram na operação de erguer o madeiro.

A grande estatura e o peso de Jesus – possivelmente em torno de 80 quilos – foram outro handicap para seus suarentos carrascos, que não tardaram a estimular uns aos outros, acompanhando cada esforço com um “eia!”.

Palmo a palmo, a grossa corda de esparto foi içando o crucificado, numa operação interminável e penosa. Para cúmulo, o povo – cada vez mais excitado – uniu-se às interjeições dos verdugos, acompanhando cada puxão com seus “eia!”.

Mas os poderosos braços dos três soldados que operavam no solo e no alto da escada não foram suficientes. Temendo que o condenado e o madeiro se precipitassem ao solo, Longino e Arsenius não tiveram outra opção senão juntar-se aos soldados, somando seus esforços para o levantamento do tronco.

“Eia!... Eia!...”

Por fim, o corpo do Galileu se ergueu do solo, e aí começou a demolidora contagem regressiva até uma horrorosa agonia.

Ao perder Jesus o apoio dos pés, seus braços se esticaram e a crepitação de seus ossos se uniu, durante alguns segundos, ao rangido da corda sobre a forquilha do tronco vertical.

Num instante, clavículas, esterno e costelas se desenharam debaixo de sua pele e o sangue começou a correr em filetes, enquanto os músculos peitorais, dos ombros, do pescoço e dos braços se retesavam fortemente, a um passo da deslocação. Mas o vigor daqueles feixes musculares ainda era grande e evitou a luxação dos ombros e cotovelos. As fibras dos antebraços, em especial os músculos extensores das mãos e dos dedos, afilaram-se como sabres, e eu fechei os olhos, temendo vê-los saltar num daqueles empuxos.

“Eia!”...

Jesus já pendia a metro e meio do solo. A força da gravidade fez que, desde o primeiro momento da suspensão absoluta, os braços girassem e, arrastados pelo peso do corpo, deslizassem até formar um ângulo de uns 65 graus com a stipe.¹⁸⁶

O formidável peso que o Nazareno suportou em cada uma das gretas dos pulsos, unido à abertura das feridas e à extrema tensão dos ligamentos dos ombros e cotovelos deve ter multiplicado suas dores (supondo que lhe restasse capacidade para isso) até a loucura.

Em vários momentos, vencido pelo sofrimento, deitou sua cabeça para trás, buscando ar e, sobretudo, um ponto de apoio. Mas esses pontos ele só os podia encontrar em um único lugar. Ou melhor, em dois lugares: nos cravos que atravessavam os carpos. Mas como elevar-se sobre peças de metal quando se está pendurado?

Os espinhos, a cada vez que erguia a cabeça, se incrustavam mais e mais na

região occipital, fazendo o Mestre desistir. Essas sucessivas e frustradas tentativas de ganhar uns gramas de oxigênio foram transformando sua respiração em um descompassado e agitado matraquear de ossos, cada vez menos eficiente. O fantasma da asfixia havia começado a pairar sobre o Filho do Homem...

“Eia!... Eia!...”

Quando os soldados detiveram o pesado avanço da corda, o corpo de Jesus balançava a uns noventa centímetros ou um metro do chão. Seus pés, sangrando, roçaram o córtex do tronco vertical e se apegaram a ele desesperadamente. Mas as hemorragias os faziam às vezes escorregar. E, em questão de minutos, a face frontal do madeiro se tingiu de vermelho, impregnada desde a zona das omoplatas até a dos tornozelos.

O mercenário colocado na extremidade superior da stipe apertou os dentes e começou a puxar a laçada central. Mas o patibulum não se moveu um centímetro sequer. O peso do madeiro mais o do condenado (um pouco mais que cento e dez quilos) era excessivo para o esgotado infante. O centurião e Arsenius, quase em unísono, gritaram-lhe que forçasse o empuxo final. Foi inútil. O romano, ofegante, fez um sinal de impotência com a mão direita e deixou-se cair sobre a forquilha da stipe.

Olhei para Jesus e contei sua frequência respiratória: 35 curtíssimas inspirações por minuto! As pontas de seus dedos haviam começado a ficar com uma coloração azulada. A cianose, ou deficiente oxigenação do sangue, dava sinal de sua presença. Examinei, alarmado, seus lábios; mas a hipoxia (diminuição da quantidade normal de oxigênio no sangue) não se manifestava ainda na mucosa labial nem nas orelhas.

O bombeamento do extenuado coração do Mestre aumentou de ritmo, mas duvidei que fosse suficiente para irrigar as partes mais periféricas do corpo. Se Longino e seus homens não agissem rápido, a falta de irrigação e o conseqüente déficit de oxigênio no cérebro de Jesus poderiam desembocar, primeiro, na perda da razão e, em seguida, em sua morte. E, honestamente, em alguns daqueles críticos segundos, cheguei a desejar isso mesmo, com todas as minhas forças. Seria a forma de acabar de vez com suas torturas.

Mas o oficial, sem perder os nervos, ordenou aos que permaneciam ao pé da stipe que ajudassem o encarregado de encaixar o patibulum. “Mas como? – pensei – se só há uma escada de mão...” A solução chegou rapidamente.

Dois daqueles destros soldados, treinados e ágeis, agarraram-se ao tronco vertical, enquanto outros dois se encarapitavam nos seus ombros, alcançando, assim, as extremidades do madeiro transversal. A um sinal daquele que havia voltado a prender a laçada central, empurraram o lenho até que a afilada ponta do poste penetrou no orifício central do patibulum.

– Agora! – gritou o infante que estava no alto da escada. Os soldados saltaram sobre a rocha, ao mesmo tempo que o centurião e os demais carrascos soltavam de um só golpe a grossa corda.

O lenho horizontal se precipitou para baixo, mas, a uns quarenta centímetros da forquilha, ficou encaixado no grosso perímetro da stipe.

A manobra foi recebida pela multidão com grandes vivas e aplausos. O Mestre acusou o impacto com um lamento mais forte. Sua respiração foi interrompida por alguns segundos e as brechas dos pulsos ficaram visivelmente mais dilatadas. Os dedos, garroteados, mal puderam reagir diante da bárbara tração.

Longino passou a tabuinha ao soldado e este a cravou por cima do patibulum.

Enquanto concluía o ajuste do tronco transversal, outro romano puxou com força a perna direita de Jesus, com isso forçando o abaixamento do ombro de toda essa metade do corpo do Nazareno, que, ao sentir o puxão, inclinou mais ainda a cabeça, afastando do madeiro o tronco e as nádegas. Seu joelho direito dobrou-se involuntariamente, mas o verdugo, que se preparava para encravar o pé, esmagou-o com uma martelada. O companheiro que havia esticado a perna de Jesus ajeitou a superfície da planta do pé até que ela completamente plana – tocasse a stipe. Então um terceiro cravo transpassou o pé do Nazareno, penetrando no dorso por um ponto próximo à prega da flexão. (Ao examinar de perto a entrada e a saída do cravo, calculei que o verdugo havia perfurado o ligamento anular anterior do tarso. Dessa forma, a peça deslizou entre o tendão do músculo extensor próprio do artelho grosso e os do extensor comum dos dedos, penetrando por fora entre os ossos calcâneo e cuboides e, por dentro, entre o astrágalo e os escafoides. Os quatro ossos ficaram habilmente separados, e o cravo caminhou para trás e para baixo, situando-se mais próximo do calcanhar que dos dedos.)

Nesse momento, apesar da destreza do carrasco, a ponta ou as arestas do cravo deslocaram ou esmagaram alguns ramais das artérias digitais ou da veia safena externa, causando uma hemorragia que me atemorizou. O sangue emanou aos borbotões, banhando inteiramente o metro que separava o pé direito de Jesus do solo do Gólgota. É de supor que aquele estrago tivesse afetado também o nervo tibial anterior, dilacerando a perna e a coxa e provocando uma insuportável dor reflexa nas ramificações dos nervos denominados plexo sacro e lombar, em pleno ventre.

Apesar das dores horríveis, o Galileu continuava consciente. Eu não conseguia explicar aquilo!

O encravamento do pé direito, ainda que pareça paradoxal, aliviou o ritmo respiratório do Nazareno, pelo menos durante os primeiros minutos da crucificação. Ao apoiar o peso do corpo sobre o cravo, dividindo assim os pontos de sustentação, seus pulmões puderam capturar um volume maior de ar, ventilando um pouco mais os alvéolos. Mas à custa de quanto sofrimento ele conseguiu essa momentânea regularização respiratória?

Aquela inspiração mais profunda não durou mais do que décimos de segundo. Quase no mesmo instante o corpo do Galileu voltou a pender, oprimindo o diafragma e entrando em nova e angustiosa fase de progressiva asfixia. Suas inalações, sempre pela boca, passaram a ser vertiginosas, curtas e notoriamente

insuficientes para encher e ventilar os pulmões.

Um pouco mais tranquilo, o verdugo colocou o quarto cravo sobre a região dianteira do pé esquerdo. O golpe nos ligamentos posteriores do joelho havia inflamado e arroxeadado toda a região em que se inserem o fêmur, a tíbia e o perônio. E, apesar da rigidez da perna, o soldado a dobrou violentamente, fazendo estalar as massas ósseas.

O cravo penetrou sem problemas, ficando, como no caso do pé direito, entre cinco e seis centímetros acima do dorso. O sangue fluiu em menor quantidade, ou porque o metal não chegasse a tocar vasos importantes, ou simplesmente porque a volemia do Nazareno tivesse baixado visivelmente.

A perna esquerda ficara flexionada, formando com o tronco vertical da cruz um ângulo de uns 120 graus, aberto para a esquerda da cruz.

Se bem que a árvore dispusesse, como já adiantei, de uma barra de ferro, ou sedilis, atravessada a cerca de 1,20 metro da extremidade inferior da stipe e paralela ao patibulum, dessa vez ela não foi eficaz. A altura considerável do réu fez que seus pés ultrapassassem o apoio, que talvez – na hipótese de haverem coincidido – só tivessem servido para dilatar sua agonia.

Ao ver consumada a crucifixão do rabi, a multidão começou a gesticular, aplaudindo o macabro trabalho dos romanos com uma compacta salva de palmas. Os sacerdotes, sobretudo, mostravam especial satisfação. Toda a sua cólera anterior havia-se convertido em júbilo. A vingança deles estava quase saciada. E digo “quase” porque, até mesmo depois de morto, o cadáver do Filho do Homem seria ameaçado por aquela agitada ralé sacerdotal...

Eu estivera sempre vigiando com os olhos a figura de Judas Iscariotes. Assim que encravaram o segundo pé do Mestre, o traidor afastou--se do povo e desapareceu no caminho poeirento rumo a Jerusalém. João Marcos também desaparecera de minha vista e penso que para seguir os passos de Judas.

O triste espetáculo havia entrado em seu último ato. Os curiosos começaram a desfilar, retirando-se para a Cidade Santa. Jesus de Nazaré e os zelotes – cravados na direção do sul – eram apenas um despojo...

Às 13h30 daquela sexta-feira, 7 de abril, comuniquei a Eliseu o final da dura crucificação. E tanto meu irmão quanto eu ficamos em silêncio. Um doloroso silêncio.

Se o texto que figurava na tabuinha de Jesus tivesse sido outro – ao gosto dos sacerdotes judeus –, talvez o recém-crucificado não fosse tão escarnecido. Digo isso porque, a partir da elevação do Mestre sobre a stipe, as risadas e os sarcasmos da multidão amiudaram-se durante alguns bons instantes, aparentemente, segundo averiguações posteriores, como contrapartida vingativa pelo “INRI”. Ao fracassarem diante de Pilatos, os juízes tiveram o especial cuidado de intoxicar a multidão, ridicularizando o Mestre, retirando a seriedade das três inscrições, como uma forma sutil de evitar que as testemunhas pudessem levar a sério aquele título de “rei dos judeus”.

Assim é que, voltando-se para a cada vez menos numerosa massa humana, alguns dos saduceus começaram a apontar a cruz do Galileu e a bradar:

– Ele salvou aos demais, mas não conseguiu salvar a si mesmo!

O populacho aplaudiu essa nova manifestação jocosa com fortes e repetidos aplausos. E logo outra voz se destacava na turba perguntando ao Nazareno:

– Se és filho de Deus, bendito seja o seu nome!, por que não desces da cruz?

Jesus, como eu e a patrulha, ouviu essas exclamações marcadas pela mais cruel e mordaz ironia. Estando a um metro apenas do solo e a pouco mais de dez da primeira fileira dos judeus, não era muito difícil ouvir esses gritos e até mesmo as conversas que os mercenários mantinham no minguado círculo rochoso do Gólgota. Os soldados, concluída a trabalhosa crucificação, fizeram uma parada. O optio dissolveu o cordão de segurança, que desde o início da operação guardava a circunferência do promontório e era formado, como eu já disse, por seus infantess. E a vigilância ficou reduzida a um primeiro turno de apenas quatro soldados, cada um deles colocado em um ponto cardeal, rodeando os três condenados e o resto do pelotão. Os demais – exceto dois – sentaram-se a uns três metros das cruces, para contemplar, aborrecidos, os dois companheiros que se ocupavam em retirar a escada de mão, enrolar meticulosamente a corda e recolher as ferramentas espalhadas pelo chão. Diante daqueles preparativos, tudo indicava que haveria uma longa espera. Pelo menos, era nisso que Longino e seus homens acreditavam. Na realidade, segundo informou-me o centurião, a rendição não chegaria antes do ocaso.

– Você está sentindo as primeiras frentes do haboob?

As palavras de Eliseu fizeram-me lembrar da iminente proximidade do “olho” do siroco. Protegi a vista com a mão esquerda em forma de viseira e, de fato, ao longe – por detrás do monte das Oliveiras –, divisei massas negrumbosas e oscilantes que avançavam numa extensa frente.

O oficial também reparou naquelas ameaçadoras nuvens de pó e, como bom conhecedor desse tipo de fenômeno meteorológico, alertou seus homens. A primeira cautela foi testar a estabilidade das cruces. As stipes, a um primeiro exame, pareciam solidamente plantadas nas rachaduras da rocha. No entanto, Arsenius ordenou que as cunhas de madeira fossem incrustadas ao máximo. Depois, os soldados rasgaram os restos das túnicas dos zelotes e as converteram em estreitas tiras que, sem perda de tempo, o oficial foi distribuindo equitativamente pelos doze soldados. Não compreendi o sentido daquela operação, até ver um deles cobrindo as pernas desnudas com aquelas faixas de pano. Prudentemente, os romanos estavam procurando proteger a pele do açoite daquele vento carregado de areia. Por último, os seis escudos dos homens de folga do serviço de vigilância do Calvário foram colocados no solo, um junto ao outro, formando uma fileira com a face côncava para cima.

Alguém lembrou ao pelotão das vestes do Nazareno, que jaziam ainda num dos extremos do grande penhasco. Mas, quando os soldados as recolheram, dispostos a

transformá-las em tiras, os quatro mercenários responsáveis pela custódia e encravamento de Jesus protestaram, lembrando – com toda a razão – que aquelas prendas lhes pertenciam e, dado seu bom estado, eles as reclamavam para si.

O resto da tropa concordou e então o oficial, rapidamente, antes que a tempestade de areia caísse sobre Jerusalém, fez o inventário das vestes e as repartiu entre o “cuaternio”. A um correspondeu o manto de púrpura que Antipas dera ao Nazareno; a outro, o cinto; ao terceiro, o par de sandálias; e o último se viu recompensado com o esplêndido manto. Mas ainda restava a túnica. Que se faria com ela? Alguns insistiram na ideia inicial de rasgá-la, mas o suboficial se opôs. Apesar de seu aspecto deplorável – coalhada de sangue seco, molhada pela água e pela urina de Lucílio, suja do pó do caminho e com uma parte desfiada na altura dos joelhos –, aquela peça, tecida a mão, merecia um final mais honroso do que proteger as pernas dos romanos. A solução foram os dados.

O soldado responsável pelo saco de couro não tardou a regressar, sacudindo na mão um trio de dados. Formaram um círculo fechado e, um depois do outro, foram lançando os pequenos cubos de madeira de dois centímetros de lado sobre o solo do patíbulo. De tanto uso, as peças haviam perdido sua cor branca original, assim como o fio das arestas. A sujeira acumulada havia acabado por lhes dar um lustro característico. Os números de cada face – perfurados em vermelho – estavam divididos de tal forma que a soma dos dois lados opostos sempre dava sete.

E então os dados foram lançados: 1-5-3 na primeira mão; 6-3-4 para o segundo jogador; 1-3-5 para o terceiro; e 1-5-3 na última jogada.¹⁸⁷

O vencedor dobrou cuidadosamente “sua” túnica, enquanto, entre a multidão, ouviam-se frases ferinas contra o Mestre:

– Tu que querias destruir e reconstruir o Templo em três dias... salva-te a ti mesmo!...

– Se és o Rei dos Judeus – bradavam outros –, desce da cruz e acreditaremos...

– Ele confiou em Deus, bendito seja, para libertá-lo e teve a pretensão de ser seu filho... Olhai-o agora! Crucificado entre dois bandidos...

O autor da última frase – outro dos sacerdotes de Caifás – não conseguiu o efeito desejado. A multidão, certamente, não considerava Gistas e Dimas ladrões e por isso não fez coro ao mal-intencionado saduceu.

Enquanto os soldados guardavam as vestes do Mestre, um pensamento assaltou-me: “Que iria ocorrer com aquelas peças? Onde iriam parar?”.

De uma coisa estou certo: os mercenários não se desvencilhariam facilmente do que, segundo o costume, pertencia-lhes. Por outro lado, seguir a pista das vestes não era coisa fácil para os discípulos de Jesus. A maioria daqueles romanos regressaria de imediato ao acampamento-base, na cidade de Cesareia, e com o passar dos meses muitos mudariam de destino ou seriam licenciados. Tudo isso me fez suspeitar que – ao contrário do que ocorreria com a mortalha que serviu para seu sepultamento – Jesus de Nazaré não era partidário de que seus discípulos guardassem essas relíquias, sempre suscetíveis de serem convertidas em alvo de

adoração supersticiosa, com o conseqüente risco de relegarem a um segundo plano sua verdadeira mensagem ou mesmo esquecerem-se dela...¹⁸⁸

Concluída a divisão das vestes, Longino pediu a seu lugar-tenente que examinasse também o encravamento dos condenados. O optio aproximou-se primeiro da cruz da direita e tocou a cabeça do cravo do pé esquerdo do guerrilheiro. Parecia solidamente plantado. O zelote, com o corpo pendido, violentamente encurvado para a frente, não havia parado um só momento de ulular e contorcer-se, na ânsia de sobreviver. Mas as penosas e cada vez mais duras condições para roubar alguns bocados de ar apenas lhe haviam acrescentado maiores dores e hemorragias.

Ao ver Arsenius ao pé de sua cruz, Gistas fez um supremo esforço e, retesando os músculos dos ombros, conseguiu elevar os braços e inspirar fundo. E, ao expirar o escasso ar conseguido, lançou contra o suboficial uma cusparada misturada com sangue e acompanhada de um insulto. Indignado, o auxiliar do centurião pegou uma lança e assestou com o cabo de madeira um golpe em plena boca do estômago do zelote. O já castigado diafragma se ressentiu ainda mais, mergulhando o condenado em um processo mais acelerado de asfixia. Sem deixar de olhar para cima, desconfiado, o optio repetiu o exame nos pés de Jesus e, finalmente, nos cravos do terceiro crucificado. Este vinha recobrando os sentidos, ainda que seu olhar – consequência, possivelmente, da beberagem – tivesse se tornado opaco e oblíquo. A dor o havia tirado da inconsciência e seus gemidos não cessariam tão cedo.

De repente, entre um uivo e outro, Gistas, com o rosto banhado de suor frio, girou a cabeça para a esquerda e perguntou ao Mestre:

– Se és filho de Deus... por que não asseguras tua salvação e a nossa?

No mesmo instante, porém, sufocado pelo esforço, caiu sobre os pontos de apoio inferiores, ofegante, empenhado em novas e rapidíssimas inspirações.

Mas o Mestre não respondeu. Quem o fez foi o outro guerrilheiro. Apoiado, como estava, com a ponta do pé esquerdo sobre metade do sedilis, sua mecânica respiratória não era tão fatigante como a de seus companheiros de cruz. E com voz balbuciante censurou seu amigo:

– Tu não temes nem mesmo a Deus?.. Não vês que nossos sofrimentos... são por nossos atos...?

Dimas fez uma pausa, lutando por uma nova inalação, e por fim continuou:

– ... Mas ... este homem sofre injustamente!... Não seria preferível buscarmos o perdão de nossos pecados... e a salvação... de nossas... almas?

Os músculos de seus braços relaxaram e o abdome voltou a inflar como um globo.

Jesus, que havia escutado as palavras de ambos os zelotes, abriu os lábios uns poucos milímetros, em evidente demonstração de que desejava responder. Mas seu corpo, muito pendido sobre as extremidades inferiores, não obedeceu à sua vontade. Mesmo assim, o gigante não se rendeu. Acelerou o número de inspirações

pela boca – cheguei a contar quarenta por minuto, quando o ritmo normal e inconsciente de respirações de um ser humano é de dezesseis – e tentou contrair os potentes músculos das coxas, no afã de erguer-se alguns centímetros e fazer chegar o ar aos pulmões. No entanto, aqueles cinco ou dez primeiros minutos na cruz haviam queimado o escasso potencial de todos os feixes musculares das coxas e das pernas – utilizados pelo Senhor no imprescindível apoio sobre os cravos dos pés para ganhar oxigênio – e os bíceps, sartórios, retos anteriores vastos e gêmeos se negaram a funcionar. A rigidez de todas essas fibras musculares convenceu-me de que a temida tetanização havia-se iniciado antes do previsto. (Esse dolorosíssimo quadro – a tetanização – ocorre sempre que os músculos entram em um processo anaeróbico, ou a carência de oxigênio. Em condições assim, o ácido láctico existente nas fibras musculares não pode metabolizar-se ou cicatrizar-se. O organismo se vê, então, submetido a uma dor dilacerante, bem conhecida pelos atletas.)

Ao compreender que suas pernas haviam começado a falhar, o Mestre – presa das primeiras convulsões e espasmos musculares próprios da incipiente, mas irreversível tetanização – forçou a articulação dos cotovelos, ao mesmo tempo que, buscando apoio (!) nos cravos dos pulsos, pedia à musculatura de seus antebraços que lhe servisse de “ponte” para erguer a dos ombros.

Entre ôfegos, inspirações e lamentos entrecortados – provocados pelo atrito ou pela pressão dos cravos sobre os nervos medianos dos pulsos –, aquele exemplar humano venceu enfim a força da gravidade, içando-se sobre si mesmo e relaxando o diafragma. Os deltoides, duros como pedras, transformaram seus ombros em “mãos” e sua boca se abriu tremulante, ganhando pelo menos a metade da batalha pela inspiração do ar poeirento que os açoitava.

Ao observar o titânico esforço de Jesus, o zelote que o havia defendido voltou a falar-lhe:

– Senhor! – disse-lhe com voz suplicante – Lembra-te de mim quando entrares no teu reino!

Ao mesmo tempo em que expirava parte do ar conseguido na última inspiração e com as artérias do pescoço tensas como tábuas, o Galileu conseguiu responder-lhe:

– Em verdade... hoje te digo... que algum dia estarás junto a mim... no paraíso...

Os músculos dos ombros, braços e antebraços vieram abaixo e, com eles, toda a massa corporal do Nazareno, que de novo se dobrou “em serra”, sem esperança de repetir o extenuante “trabalho”.¹⁸⁹

De minha parte, em vista da acelerada degradação do organismo do gigante, dispus-me a colocar nos olhos as “crótalos” e iniciar uma das mais delicadas e vitais operações de acompanhamento médico daquela missão.

Mais dois fatos – um deles absolutamente imprevisto e desconcertante – atrasariam esse novo exame do corpo de Jesus...

Por volta das treze e quarenta, a voz de Eliseu disse "5 x 5" em meu ouvido. Com certa excitação, adiantou-me algo que os hebreus, o pelotão de vigilância do Gólgota e eu já tínhamos visto e que não tardaria a converter a Cidade Santa e aquela paragem em um inferno. A primeira frente do haboob acabava de cair como uma tenebrosa névoa sobre o lado oriental do monte das Oliveiras. O "berço", como medida de precaução, havia ativado seu "cinturão" de defesa. As rajadas de vento, em sua passagem pelo módulo, alcançavam os 35 nós.

A multidão, ao divisar as nuvens sujas de tempestade que avançavam pelo leste como uma "onda" gigantesca, começou a se movimentar precipitadamente até a muralha. Muitos penetraram pela porta de Efraim e outros, bons conhecedores dessa espécie de siroco, buscaram refúgio ao pé do alto muro que circundava Jerusalém naquele ponto. O sol continuava brilhando no alto, no centro de um céu azul e transparente. Creio que esse registro seja mesmo muito interessante: ao contrário do que dizem os evangelistas, aquela multidão não se retirou das proximidades do Calvário por causa das "trevas" a que aludem as escrituras sagradas. As trevas ainda não tinham ocorrido. E mais: naquele momento tampouco percebi medo. O fenômeno – não me cansarei de insistir nisso – era incômodo e até mesmo perigoso, mas frequente naquelas latitudes. Os judeus, portanto, estavam acostumados a tais tormentas de vento e poeira. Não era lógico que esta lhes infundisse pânico. Todavia, o terror de que falam Mateus, Marcos e Lucas produziu-se. Mas, como passarei a narrar em seguida, a origem do medo não esteve, repito, no siroco...

Em poucos minutos, daquelas centenas de pessoas que contemplavam os crucificados, só restou um contingente mínimo de sacerdotes e curiosos. Talvez meia centena, cuja maioria, como se fosse uma medida habitual de proteção, começou a sentar-se no chão e a cobrir a cabeça com os pesados e multicoloridos mantos. Aquele pequeno grupo, positivamente, era uma prova a mais do que afirmo. Sabiam que se formava sobre suas cabeças uma tempestade seca e, todavia, encararam o caso com sabedoria. Certamente elegeram e preferiram o macabro espetáculo dos condenados debatendo-se entre a vida e a morte.

Senti-me tentado a aproveitar aqueles instantes para colocar minhas lentes de contato e checar o corpo do Mestre. Mas a iminente aproximação dos densos e negros redemoinhos me fez desistir. A tal velocidade – cerca de setenta quilômetros por hora –, as partículas de poeira e os grânulos de areia poderiam danificar a delicada superfície das "crótalos", arruinando aquela fase da missão e quem sabe pondo em perigo a integridade física de meus olhos. Por isso, optei por ligar os registros ultra-sônicos e "teletermográficos". Segundo Eliseu, o "focinho" do haboob e os dois ou três "lóbulos" que vinham atrás não eram muito profundos, estimando-se sua duração de quinze a vinte minutos.

Não foi necessário que o centurião desse muitas instruções. Cada homem sabia como devia comportar-se diante daquela contingência. Ao observar a maciça retirada dos judeus, Longino permitiu às sentinelas que se agrupassem no extremo

sudeste do cume do Gólgota, de frente para a tormenta. Juntaram os quatro escudos, formando um parapeito, e cravaram seus joelhos no chão. Para garantir a estabilidade dessa improvisada defesa, valeram-se das braçadeiras internas de cada escudo. O resto da patrulha levantou a fileira de escudos que havia sido disposta sobre a superfície do patíbulo e formou um segundo muro de defesa. E todo o pelotão – incluídos o oficial e Arsenius – agachou-se também de frente para o cada vez mais próximo temporal.

Longino, ao me ver de pé e indeciso, fez-me sinal com a mão para que eu buscasse refúgio junto ao magote formado por seus homens. Assim fiz, sem perda de tempo. Mas, em lugar de me agachar como os soldados na direção do siroco, sentei-me de costas para a patrulha, sem perder de vista os crucificados.

O vento, num instante, tornou-se mais cálido e sibilante. O primeiro torvelinho do haboob se precipitou sobre Jerusalém e sobre o penhasco em que nos encontrávamos com considerável violência. Em poucos segundos, uma massa esbranquiçada, formada por toneladas de areia e pó em suspensão, arrasou o lugar, produzindo repiques em seu choque contra as faces convexas dos escudos.

Apesar do manto que cobria minha cabeça, uma miríade de grãos de areia fina começou a acostrar-me, penetrando por todas as partes ocultas de minhas vestes e ferindo-me a pele – especialmente as pernas – como alfinetes. O bramido daquele tornado foi crescendo com a velocidade. Em pouco tempo, tanto os soldados como eu nos vimos obrigados, em estado de quase desespero, a fechar os olhos e proteger a boca, os ouvidos e as fossas nasais daquela angustiante massa de areia.

Conforme o siroco foi crescendo, os gritos dos zelotes – com as faces voltadas para o vento e quase despidos como estavam – fizeram-se mais e mais estentóreos. As rajadas haviam começado a açoitar seus corpos indefesos com os milhões de partículas de terra. Era mais um novo e insuportável suplício. Ergui a cabeça como pude e, entre as colunas de areia ouvi, mais do que vi, um dos guerrilheiros implorando entre uivos que acabassem com ele. Quanto a Jesus, quase não pude divisar sua figura, mas imaginei o sufocante tormento que estaria suportando.

Duvido que alguém no Gólgota e arredores, ou na cidade, pudesse levantar os olhos durante aquele pesadelo. As sucessivas frentes do haboob, cujo “teto” era impossível divisar em tais condições, elevavam-se, como quer que fosse, a uma altitude suficiente para esfumar o disco solar, ao menos para qualquer observador que se encontrasse imerso no tornado. No entanto, não observei propriamente uma escuridão ou redução da luz diurna que pudesse ser caracterizada como “trevas”. Houve, naturalmente, uma diminuição da visibilidade, como consequência do arrasto de areia e pó, mas não a escuridão fechada que se depreende dos textos evangélicos. Qualquer pessoa que tenha vivido uma dessas experiências sabe que, por mais espesso que seja o fenômeno meteorológico em questão, dificilmente ele desemboca em trevas. Foi depois que ocorreu “aquilo” que uma grande área “escureceu”.

Uma vez distanciados os três ou quatro lóbulos “de cabeça” da tormenta, Eliseu abriu de novo a conexão auditiva e anunciou que a “cauda” do siroco, já enfraquecida, necessitaria de outros cinco ou dez minutos para cruzar a região. As massas de terra em suspensão já eram menos consistentes, ainda que os ventos, na superfície, mantivessem velocidades não inferiores a vinte ou vinte e cinco nós.

O centurião, ao notar que o torvelinho principal parecia decrescer, ergueu-se parcialmente e inspecionou os quatro soldados que se resguardavam a poucos metros de nossa “paliçada”. Não deve ter observado muitas anomalias, porque voltou a acocorar-se imediatamente, à espera das últimas rajadas do haboob. Eliseu não estava enganado. Por volta das catorze horas, a força do tornado diminuiu, assim como a poeira. Felizmente, o corpo principal do siroco fora-se fragmentado desde seu nascimento nos desertos arábicos e alcançara as terras da Palestina com uma “cabeça” cujo comprimento foi avaliado pelos instrumentos do módulo em uns vinte quilômetros, com cento e vinte e cinco de frente. As rajadas, não obstante, não cessariam até já bem entrada a tarde.

Quando a tormenta cessou, o espetáculo que se ofereceu ao nosso redor era simplesmente dantesco. Os soldados e eu, naturalmente, estávamos cobertos de areia. O pó havia branqueado as sobrancelhas, os cabelos e as vestes dos soldados, assim como os mantos dos cinquenta últimos judeus que haviam preferido aguentar o açoite ao pé do Gólgota.

Quanto aos crucificados, ao vê-los mudos e com as cabeças imóveis sobre o peito, o que primeiro pensei é que haviam perecido por asfixia. Longino deve ter imaginado o mesmo, porque se precipitou para as cruzes ao mesmo tempo que batia com as mãos em suas roupas e sacudia-se.

Entretanto, ao chegarmos junto aos condenados, verificamos – eu, pelo menos, com alívio – que continuavam vivos. As costelas flutuantes de Jesus registravam esporádicas oscilações, sinal de uma débil ventilação pulmonar. As feridas e os filetes de sangue estavam crivadas de partículas de areia, que chegavam a tampar as profundas brechas das costas e a ruptura da rótula. Seus cabelos e os pelos das axilas e do púbis, assim como os do peito, estavam irreconhecíveis, convertidos em massas encanecidas. Seus cabelos, sobretudo, encharcados pela hemorragia, eram agora, com o pó, um viscoso e cinzento penduricalho. Fiquei aturdido ao ver sua barba e seu bigode cobertos de pó e seus lábios cobertos de uma crosta terrosa, que lhe ocultava o contorno e até as profundas rachaduras abertas.

As chagas dos cravos, tanto em Jesus como nos zelotes, haviam sido quase tampadas pelo haboob. Aquele vento infernal, que acabava de ameaçar o fio de vida que ainda flutuava no alto daquelas cruzes, havia conseguido o que parecia ser um milagre: estancar a perda de sangue do Nazareno (ainda que, sinceramente, àquela altura da crucificação, não sei se isso era o melhor). De qualquer forma, o destino é muito estranho...

Os guerrilheiros e Jesus de Nazaré estavam inconscientes. E, no fundo, era o melhor que lhes podia ter ocorrido.

E aconteceu. Às 14h05, meu companheiro, no módulo, com uma excitação igual à que havia demonstrado durante minha permanência no horto de Getsêmani, abriu subitamente a comunicação auditiva para anunciar algo que fez balançar meus esquemas mentais.

– ... Aí está outra vez ... Jasão, eu o tenho na tela...! O radar registra um eco... Direção...? Afirmativo: procede do leste. Isto é coisa de louco!

Voltei-me para a direção, mas uma vez mais não vi nada de anormal.

Era lógico. Ainda que a “onda” de poeira se houvesse extinguido, aquele objeto ainda estava, segundo o “Gun Dish” de bordo, a 135 milhas do “ponto de contato” onde repousava o “berço”.

– Não vem muito rápido – prosseguiu Eliseu, que devia estar com o nariz colado à tela do radar. – Calculo que a uns 400 nós... Oh!...

A voz de meu companheiro foi interrompida. Rodeado como estava pelos doze soldados e seus dois chefes, não pude ligar minha conexão e dirigir-me a ele. Que diabo estava acontecendo no módulo?

– ... Jasão, nunca acreditarão em nós...! O eco acaba de fazer uma ruptura de quase noventa graus... Está no rumo 190... Se continuar assim passará quase sobre a vertical... Mas como pôde...? Que espécie de “coisa” pode fazer um giro assim...? Jasão, penso que não me pode falar. Continuarei informando... Agora está reduzindo, afirmativo, reduz sua velocidade! E também o nível... Vamos ver... de fato... Puxa! Passa de 400 nós a 275... Nível? 300, e continua baixando... Dou os “pegeons”¹⁹⁰ em relação ao módulo: 90 milhas e mantido em 190... Um instante! Agora acelera... Afirmativo, está acelerando: 400... 700... 900 nós...! Não é possível...! Estabilizou-se agora no nível 120 (4 mil metros)... Você o verá daqui a pouco, se ele mantiver essa velocidade... Acho que às “duas” da sua posição...

De fato, em cinco minutos e seis segundos, a voz de Eliseu irrompeu de novo na minha cabeça. Mas dessa vez eu via a “coisa”: no início, como um ponto brilhante; depois, à medida que foi-se aproximando, perdeu luminosidade e converteu-se em uma espécie de “lua cheia”, de cor mate.

Os soldados não tardaram muito a vê-lo. E o centurião, levantando os olhos, ficou tão perplexo quanto eu.

– ... Jasão...! Está vendo? Eu o vejo quase nas minhas “doze”, e alto... Continua a 12 mil pés. Agora para...! Afirmativo! Está estacionário...!

As últimas palavras vindas do módulo, carregadas de emoção, acabaram contagiando-me. Esfreguei os olhos pensando em uma possível alucinação... Mas logo caí em mim: aquela hipotética explicação era ridícula. Longino, os infantes e eu poderíamos sofrer algum tipo de transtorno, mas e o radar?

Aquela “coisa”, segundo Eliseu, havia-se estabilizado a uns 4 mil metros sobre a vertical de Jerusalém. E assim permaneceu por dois ou três minutos. A julgar pela altura em que estava e por seu tamanho aparente – superior ao de dez luas –, suas dimensões eram enormes.

Enquanto eu observava surpreso aquele fenômeno, passou pela minha mente

uma infinidade de possíveis explicações que certamente não me satisfaziam. Era o segundo objeto voador que eu via nas últimas catorze horas. Como podia ser aquilo? Que significava? E, sobretudo, quem (um ou mais) o tripulava?

Mas minhas elucubrações foram definitivamente pulverizadas quando meu irmão, depois de checar por três vezes o diâmetro do artefato, deu-me suas dimensões: 1.757,9096 metros! Quase um quilômetro e oitocentos metros! Quer dizer, um comprimento um pouco superior ao de toda a Cidade Santa...

A presença daquele monstruoso disco, totalmente silencioso e flutuante como uma frágil pluma, levou a escolta do espanto ao medo. Em um movimento de reflexo, o centurião e alguns de seus homens desembainharam suas espadas e reuniram-se na base das cruzes. Mas nenhum conseguiu dizer nada. Um pânico irracional os imobilizava. E o mesmo ocorria com a meia centena de curiosos que permanecia ao pé do Gólgota. Os olhares de todos estavam fixados naquela misteriosa "lua"...

Às 14h08, segundo os cronômetros do módulo, o objeto oscilou ligeiramente – como se "tremesse" – e, rápido, em um arranque ascencional que me atreveria a qualificar de majestoso, dirigiu-se na direção do sol. Ao alcançar o nível 180 (18 mil pés), voltou ao estado estacionário.

Um alarido coletivo escapou das gargantas dos judeus quando viram que o artefato começava a interpor-se entre o disco solar e a Terra. E o fez de leste para oeste (sempre considerada a observação a partir do Calvário e imediações).

Em segundos, com uma precisão que me ressequiu a garganta, o formidável objeto tapou o círculo solar, ocasionando o progressivo escurecimento de Jerusalém num extenso raio, no qual, naturalmente, eu estava.

Essa interposição, milimétrica e magistralmente desenvolvida por quem quer que governasse aquele imenso aparelho, processou-se com certa lentidão, mas sem titubeios. Hoje, ao recordar o acontecimento, tenho a sensação de que os responsáveis pela operação quiseram que o "eclipse" pudesse ser observado passo a passo.

Em menos de dois minutos, o disco solar desaparecia e, com ele, a claridade. Ou melhor dizendo, uns 80% da fonte de luz. Obviamente, embora a grande massa metálica – confirmada pelo radar – projetasse o gigantesco cone de sombra sobre a Cidade Santa e seus arredores, a radiação solar continuava ativa, formando uma "coroa" ou "aura" luminosa que abarcava toda a curvatura do enigmático objeto. As "trevas", de fato, aconteceram sobre Jerusalém, ainda que não com o caráter absoluto de uma noite fechada, por exemplo. A claridade remanescente ao redor do disco era suficiente para que pudéssemos distinguir coisas e pessoas em torno de nós, com um índice de luminosidade muito similar ao que se costuma seguir a um pôr do sol. E assim se manteria até que chegasse o momento fatídico...

(Não creio que seja necessário estender-me em profundidade sobre essa ilógica explicação científica que tenta resolver esse fenômeno das "trevas" com a ajuda de um eclipse total do sol. Basta recordar que naqueles dias se registrava

precisamente o plenilúnio, o que tornava o eclipse solar impossível. A lua, às duas horas da tarde do dia 7 de abril do ano 30, estava ainda oculta por baixo do horizonte oriental. Os astrônomos sabem, além disso, que um eclipse dessa natureza sempre se inicia pela face oeste do disco solar. Aqui, ao contrário, o escurecimento do sol iniciou-se pelo leste.)

Eliseu, uma vez consumado o escurecimento solar, verificou os parâmetros de bordo e confirmou que aquela espécie de "superfortaleza" volante havia ficado "ancorada" a 18 mil pés de altura, com velocidade de deslocamento de 1.431,055 quilômetros por hora. Nos 45 minutos que durou o fenômeno das "trevas", aquele objeto cobriu um total de 1.073,2912 quilômetros, sempre a uma altitude de 6 mil metros. (O diâmetro solar aparente correspondia a um arco cujo valor aproximado era de 33 minutos e 10 segundos.)¹⁹¹

Ao se completar o eclipse que – insisto – só teve projeção puramente local, muitos dos judeus – espantados – caíram com o rosto no chão, golpeando o próprio peito com ambas as mãos e proferindo exclamações de terror. Os saduceus, desconcertados, não sabiam como reagir. Por fim, a maioria dos hebreus fugiu pela porta de Efraim, enquanto seus dirigentes – não inteiramente convencidos – tentavam retê-los, gritando-lhes que "tudo aquilo só podia obedecer a algum encantamento do crucificado, se não fosse um fenômeno celeste...".

Foi inútil. A perturbação dos ignorantes e supersticiosos inimigos de Jesus era tal que eles não quiseram ouvir as razões dos sacerdotes. E ali permaneceram os desamparados juízes, muito mais atentos ao que ocorria no céu do que ao patíbulo. Suponho que eles tenham continuado ao pé do Gólgota não porque lhes sobrasse valentia, mas em obediência a Caifás e ao resto do Conselho.

O oficial romano teve de fazer um esforço supremo para acalmar seu nervosismo e o de seus homens. Se os hebreus estavam temerosos com esse tipo de manifestação, os romanos muito mais. Com gritos imperiosos, Longino conseguiu, finalmente, que seus soldados ocupassem os postos de vigilância que haviam sido designados pelo optio antes da chegada da tormenta. A julgar pelo vozerio que se levantava além da muralha, a confusão e o medo entre os peregrinos e a população de Jerusalém deviam ser extremos. Enquanto aquela área permaneceu na penumbra, muitos curiosos chegaram a aproximar-se do arco da porta de Efraim, intrigados e, suponho, ansiosos por descobrir se tudo "aquilo" teria alguma relação com o prodigioso Mestre da Galileia. Mas nenhum teve coragem de se aproximar. Ou melhor, houve um grupo que teve...

Poucos minutos antes de se iniciarem as "trevas", pelo caminho que partia de Jerusalém um grupo de meia dúzia de pessoas se destacou. Com passo ligeiro e decidido, foi-se aproximando do sopé da grande rocha. Por causa das sombras, não consegui distinguir o apóstolo João, até que ele parasse a poucos metros de onde eu estava. Por fim, havia voltado. Acompanhavam-no outro homem e dezoito mulheres, estas semiocultas por seus mantos. Mas não consegui ver o rosto de

nenhum dos amigos do Zebedeu.

Era deveras estranho. Na realidade, tudo era estranho desde o aparecimento daquele objeto, que continuava fixo e imperturbável sobre nossas cabeças. Precisamente desde sua aparição no espaço – e só me dei conta disso após a chegada de João e seu grupo –, o vento havia cessado. E, com ele, todos os rumores e sons próprios do campo. Pelo menos os que habitualmente eu vinha percebendo. Até mesmo os fugazes trinos das andorinhas e outras aves, o zumbido dos insetos e das nuvens de moscas verdes e grandes como moedas de um centavo que, antes da passagem do haboob, haviam começado a pousar às dezenas sobre o sangue dos crucificados.

Quando eu estava a ponto de descer pela fresta afim de me encontrar com João, um súbito gemido do Galileu me deteve. O Mestre parecia ter recobrado a consciência. O centurião e eu caminhamos alguns passos e de fato comprovamos que o Nazareno se esforçava para sustentar de novo um ritmo respiratório acelerado. A queda forçada do diafragma havia inchado seu ventre, e o tórax estava rígido como o madeiro do qual pendia. Apesar do pó que o cobria – quase como fatídica antecipação de uma sepultura –, os sinais da cianose eram cada vez mais palpáveis. As poucas unhas dos dedos dos pés que não se achavam cobertas de sangue haviam começado a tomar a típica cor azulada. O mesmo ocorria com as pontas dos dedos. A tetanização dos membros inferiores era agora galopante. Os músculos das coxas e das pernas continuavam registrando espasmos, ainda que cada vez mais espaçados. Os dedões dos pés já haviam entrado em “adução”, desviando-se para o plano central do corpo do Nazareno.

De repente uma mão pousou em meu ombro esquerdo. Era João. Com sua habitual coragem, havia subido até o alto do Calvário. Estava só. A verdade é que nem sequer quis contemplar o Mestre. Com os olhos fundos, o rosto marcado pelas longas horas de insônia e sofrimento, parecia um velho...

Com voz trêmula, dirigiu-se a Longino, suplicando-lhe que, ainda que por um instante, permitisse à mãe de Jesus aproximar-se da cruz e dar o último adeus a seu primogênito. João acompanhou seu pedido apontando para o grupo de mulheres que aguardavam a curta distância dos saduceus.

Apesar de tudo o que eu já havia vivido e sofrido naquela missão, ao ouvir o Zebedeu meus joelhos tremeram. Maria estava ali!

Longino não teve coragem de negar. Autorizou o discípulo a acompanhar a mãe do Mestre até o alto do patíbulo, com a condição de que o restante do grupo ficasse onde estava e a permanência ao pé da cruz fosse a mais breve possível.

João agradeceu o gesto humanitário do centurião e apressou-se a voltar para o grupo. Trocou algumas palavras com as mulheres e em seguida uma das hebreias começou a subir por entre as rochas, assistida por João e outro homem.

À medida que se aproximavam, meu pulso se acelerou. Em poucos segundos tive diante de mim a mãe terrena daquele gigante...

Os soldados, um pouco mais tranquilos, haviam descido ao segundo penhasco

em busca de lenha seca para fazer uma fogueira. É claro que eles não poderiam prever a duração do escurecimento e Arsenius, prudentemente, ordenara aos infantes que fizessem uma boa provisão de lenha. Faltavam quatro horas para o ocaso e a custódia dos condenados podia ser longa.

No instante em que Maria chegou ao pé da cruz central, dois soldados depositaram sobre a rocha diversos feixes da chamada giesta “de escovas”, muito leve e de excelente qualidade para seus propósitos.

Apoiada nos antebraços de João e do segundo homem (que se chamava Jude, ou Judas, e que, segundo eu viria saber no dia seguinte, era irmão carnal de Jesus), aquela hebreia de rosto extremamente pálido parou a um metro da cruz em que estava cravado seu filho. Não era muito alta. Sua cabeça, erguida para o Mestre, havia ficado mais ou menos na altura dos joelhos do Nazareno. Possivelmente mediria entre 1,60 e 1,65 metro. Tinha cerca de cinquenta anos, embora sua figura frágil, meio encurvada, e as rugas que se projetavam de seus bonitos olhos amendoados a fizessem mais venerável. Apesar da escuridão, chamou-me a atenção sua testa alta e dilatada, arrematando um rosto ovalado em que mal despontava um nariz pequeno e reto. Tinha a cabeça coberta com um manto marrom-claro que não me permitiu ver-lhe os cabelos. No entanto, a julgar pela cor das sobrancelhas – finas e levemente arqueadas –, deviam ser de um negro azeviche. A túnica, de tonalidade igual à do manto, mas um pouco mais apagada, quase roçava o solo do Gólgota.

Ninguém disse nada. João começou a chorar, agarrado no braço da Senhora. Longino, comovido, afastou-se.

No entanto, para minha surpresa, Maria não derramou uma só lágrima. Só o tremor de suas longas e calejadas mãos, sob cuja pele serpenteava uma rede de veias azuis e pronunciadas, refletia sua aflição.

Meus problemas foram aliviados quando o oficial, em outro gesto que muito depunha a seu favor, juntou-se de novo a nós carregando um facho que acabava de acender.

Quando Longino aproximou a improvisada tocha do corpo do Mestre para que sua mãe pudesse contemplá-lo melhor, o Galileu, alertado quem sabe pelo resplendor da chama, desprende o queixo do peito e percebeu a presença da família. Sua respiração voltou a se agitar e seu olho direito se abriu ao máximo.

A mulher, do mesmo modo que João e o irmão de Jesus, não tirava os olhos do rosto do crucificado.

A boca do gigante se abriu ligeiramente. Ele tentava falar, mas seus pulmões – reduzidos à mínima capacidade vital, devido às múltiplas lesões dos músculos respiratórios e à angustiante falta de apoio – apresentavam gravíssima insuficiência ventilatória restritiva. (Poucos minutos mais tarde, quando ajustei os ultra-sons a seu tórax, o equipamento do Cavalo de Troia receberia informação precisa sobre essa delicada situação, confirmando minhas suspeitas: a capacidade vital de Jesus se achava muito abaixo de oitenta por cento do valor teórico normal,

estimado, como se sabe, em cinco litros e meio.)

Apesar disso, o Nazareno, em um titânico esforço, contraiu os músculos abdominais e, quase ao mesmo tempo, a esgotada musculatura dos antebraços e ombros começou a palpitar, buscando a energia necessária para que a parte superior do corpo se elevasse os imprescindíveis e quilométricos 26,5 centímetros. Mas as reservas de Cristo estavam quase totalmente esgotadas, e sua vontade não foi suficiente. Nesse dramático momento, aconteceu algo quase insignificante, pouco menos que imperceptível para os que estavam aos pés da cruz, mas que, como médico que sou, gelou-me o coração. Jesus arqueou o diafragma uma segunda vez e distendeu de novo os músculos elevatórios e extensores, fazendo-os vibrar. Ao mesmo tempo, seu pulso esquerdo girou apenas um centímetro sobre o eixo do antebraço. Aquele movimento do carpo sobre o cravo colaborou decisivamente para a elevação dos ombros. A cabeça do rabi cravou-se no patibulum e seu queixo apontou para o céu, enquanto a violenta dor provocada pelo ligeiro giro de seu pulso fazia latejar violentamente as paredes da veia jugular externa, salientando as fossas supraclaviculares e os músculos do pescoço como jamais vi em ser humano algum. Num instante, da semifechada ferida do punho esquerdo surgiram dois fios de sangue, finíssimos e divergentes, que correram para o cotovelo.

O Mestre – a que preço! – havia conseguido atingir seu propósito. Ao erguer-se, a boca se abriu ao máximo e uma aspiração de ar fresco penetrou em seus pulmões, ao mesmo tempo que o afundamento do ventre deixava a descoberto a crista ilíaca do quadril direito.

O corpo do crucificado voltou a pender e Jesus, baixando o rosto, esboçou um estranho sorriso. Aquele ricto alarmou-me: não se tratava na realidade de um sorriso e sim de outro sintoma da tetanização, que em medicina se conhece por “sorriso sardônico”: lábios apertados, com as comissuras para fora e para cima.

Maria, ao contemplar o desesperado esforço de seu filho, baixou o rosto. Suas pernas fraquejaram. João e Judas a sustentaram. Seus lábios, apenas sombreados pela luz da tocha, começaram a tremer, e as profundas olheiras que se viam em cima de seus pômulos salientes e afilados se confundiram com a negra e insondável amargura de uns olhos que, apesar de tudo, conservavam ainda singular beleza.

– Mulher...!

A rascante voz do Mestre fez com que Maria e todos os demais erguessem o rosto. E o semblante da hebreia se iluminou.

– Mulher – repetiu Jesus –, eis aqui teu filho!

João enxugou as lágrimas com a palma da mão direita e ficou olhando para o Mestre, sem conseguir compreender.

Depois, voltando o rosto para o apóstolo, Jesus exclamou quase sem forças:

– Filho meu... eis aqui tua mãe!

A minguada inalação do crucificado estava quase esgotada. Sua respiração

entrou em déficit. Utilizando suas últimas possibilidades, ele ordenou arquejante:

– Desejo... que abandoneis este... lugar.

Seu abdome tinha voltado a deformar-se, enquanto a cabeça, os braços e os ombros desabavam.

Os homens mostraram intenção de dar meia-volta e retirar-se, mas Maria, sempre em silêncio, avançou um passo para o filho, inclinou-se muito lentamente e depositou um beijo em seu joelho direito. Depois, ocultando o rosto entre as mãos, abandonou o penhasco, praticamente sustentada por João e Judas.

Creio que tanto o centurião como eu ficamos impressionados com a fortaleza daquela mulher. Uma hebreia que eu ainda teria a oportunidade de rever, numa conversa em que obteria uma magnífica e sensacional informação.

A pequena, quase insignificante sombra de Maria, a mãe do Mestre, não tardou a esfumar-se na penumbra. João e Judas a acompanharam em seu caminho de volta a Jerusalém. Mas as outras mulheres do grupo continuaram ali, a certa distância, atentas à agonia do crucificado. Ali estavam, entre outras seguidoras e crentes, Rute, também irmã carnal do Nazareno; Salomé, a mãe de João; Miriam, esposa de Cleopás e irmã da mãe de Jesus; Rebeca e Maria, a de Magdala, mais conhecida por Madalena.

Às 14h25, o optio autorizou seu subordinado, que fazia as vezes de intendente, a distribuir a ceia entre os homens da patrulha: porco salgado, queijo, pão e uma ração de água com vinagre, conhecida pelo nome de posca. Todos os soldados, à exceção dos que montavam guarda, reuniram-se em torno da fogueira, para dar conta das iguarias.

Durante aqueles breves momentos de descontração, perguntei ao oficial por que a patrulha havia empilhado diversos feixes de ramos na base de cada uma das cruzes. Longino, convidando-me a beber o vinho fermentado, explicou-me que se tratava de uma simples medida de benevolência. Em caso de necessidade, se assim se ordenasse ou se a agonia dos réus se prolongasse muito, deveriam atear fogo à lenha. A fumaça consumava a morte dos crucificados por asfixia em questão de minutos.

Alguns dos infantes, para atenuar o medo que, sem dúvida, ainda os atormentava, começaram a gracejar com os condenados. Um deles, mais ousado que os demais, voltou-se para Jesus e fez um brinde com sua caneca de latão:

– Saúde e sorte para o rei dos judeus!

O gesto contagiou os outros, que também levantaram a taça de posca em direção à cruz do Galileu.

Jesus, interrompendo sua arquejante respiração, exclamou:

– Tenho sede!

O optio consultou o centurião, e este o autorizou a aproximar do Galileu o tampão do cântaro que continha a água avinagrada. Arsenius tomou a tampa e, depois de cravá-la na ponta de uma das azagaias da escolta, chegou ao pé da cruz e ergueu a lança de forma que o tampão, previamente empapado na posca,

tocasse os empoeirados lábios do Mestre. Jesus abriu a boca e mordeu ansiosamente a cortiça. O líquido removeu a terra de seus lábios, mas, ao penetrar nas rachaduras, sua acidez irritou a mucosa ferida do Nazareno e este afastou rapidamente a cabeça. Arsenius baixou a lança e, ao observar que o prisioneiro não aceitara a bebida, retirou-se.

Os lábios do rabi acusavam com seus tremores um incremento da crise febril. Tomei então uma tocha e, ao aproximá-la do rosto de Jesus, descobri que a tetanização havia começado a reduzir o brilho do esmalte dos seus dentes, aumentando, ao mesmo tempo, a opacificação do cristalino. Seu olho esquerdo continuava fechado pelos hematomas (A insuficiência das paratireoides, provocada pelo tétano, já devia ser alarmante, com acentuada baixa da concentração de cálcio no sangue.)

Não havia tempo a perder. Afastei-me alguns passos, até chegar à borda sul do promontório e, de costas para os soldados, ajustei as lentes de contato “crótalos” em meus olhos. Segundos antes, quando retirava as lentes da bolsa de borracha, vi que João e seu companheiro regressavam da cidade e juntavam-se às mulheres.

Avisei Eliseu dos exames que eu iria fazer, adiantando-lhe que, se não me enganava, Jesus estava entrando em pleno processo pré-agônico. E pedi-lhe que, a fim de sincronizar a exploração médica com o tempo real, ajustasse os cronômetros do módulo com a ativação do circuito ultra-sônico, dando-me a hora a cada cinco minutos.

Retrocedi de novo, parando a três metros da cruz central, e ativei as ondas ultrassônicas.

Eram duas e meia da tarde...

Minha primeira preocupação foi detectar a perda geral de sangue.

As constantes hemorragias – em especial depois do encravamento – faziam-me suspeitar de um grave declínio da volemia. As ondas de 3,5 MHz localizaram as principais artérias; o efeito Doppler nas cavas e na aorta confirmaram meus temores: o volume total de sangue foi estimado em 47 por cento. Jesus, portanto, naquele momento, 14h30, havia sofrido uma perda de 2,82 litros. (Esses dados e outros mais complexos que preferi omitir em meu diário foram obtidos, como já tive a oportunidade de dizer, depois do término daquela primeira parte da “grande viagem”.)

O Nazareno, portanto, havia perdido quase metade de sua volemia.

Se continuasse sangrando, sem possibilidade de reposição de ao menos parte do plasma perdido – o que era fato francamente difícil –, a anemia galopante terminaria por provocar um desfalecimento do qual não se recuperaria. Naquele momento, supondo que isso tivesse sido possível, o corpo do Mestre deveria ter sido colocado na posição horizontal.

– 14h35...

O imediato exame do baço ratificou o já reduzido circuito gerador de glóbulos vermelhos ou eritrócitos. Ao caírem estes para a alarmante cifra de 2.700 mil por

milímetro cúbico de sangue, o baço fora liberando suas reservas, que cedo se esgotaram. Quanto à aceleração da eritropoese na medula óssea e à estimulação da síntese protéica, fazia tempo que haviam baixado ao limite mínimo.

Essas perdas de corrente sanguínea e a não ingestão de líquidos compensatórios, desde que fora içado ao madeiro vertical, estavam originando uma sede torturante – talvez um dos piores sofrimentos – e, conseqüentemente, um desmedido esforço cardíaco. A rudimentar ventilação pulmonar, cada vez mais degradada, havia acionado todos os “alarmes”; o coração, em um esforço supremo, lutava para bombear sangue à musculatura dos ombros, braços e intercostais. Estes últimos, sobretudo, tinham ficado a cargo de praticamente 90 – e, às vezes, 100 – por cento da responsabilidade respiratória.

O músculo cardíaco, que numa pessoa normal trabalha à razão de 60 a 70 pulsações por minuto, golpeava a caixa torácica de Jesus a uma média de 120 a 130 batidas, oprimido pela dramática solicitação de oxigênio e forçado por parte das áreas nobres do organismo: cérebro, rins e, naquelas circunstâncias, pela musculatura que lutava pela entrada de ar nos pulmões. O instinto de conservação estava imprimindo ao coração um esforço que a equipe do Cavalo de Troia estimou entre 30 e 40 litros por minuto. Não obstante, à medida que corria o tempo, as formidáveis palpitações do Nazareno foram oscilando, com sensíveis decréscimos, em consequência da menor atividade do bulbo raquidiano, que começava também a fraquejar, enviando muito menos impulsos nervosos ao coração. Isso, em suma, provocaria um círculo vicioso de caráter irreversível.

– 14h40...

O Mestre, com as costelas tensas como arcos e as artérias pulsando sem cessar, despregou o queixo do tórax. Seu olho direito começava a mostrar um ligeiro estrabismo, ou desvio divergente. Franziu as sobrelhas e com um gemido suplicante murmurou:

– Tenho sede!

Longino repetiu a manobra, mas, nessa ocasião, os pergaminhados lábios apenas roçaram o tampão esponjoso do cântaro. O centurião fez oscilar a tocha na altura do rosto do Galileu, com lentos movimentos pendulares. Mas a pupila, muito dilatada, não chegou a se mover. Jesus havia começado a perder a visão! O olhar vidrado levou-me a pensar numa possível formação de um edema papilar, ou inflamação do nervo óptico, no fundo do olho, seguramente em consequência da hipertensão intracraniana ou da redução do fluxo sanguíneo naquela região da cabeça.

O oficial examinou detidamente o rosto do rabi. Seu nariz, apesar do hematoma e do possível desvio ou da fratura dos ossos próprios, havia começado a adquirir um sombreado afilado (sinal inequívoco da fase pré-letal). Também as cavidades orbitais estavam mais pronunciadas, notando-se, além disso, um afundamento da bolsa adiposa do pômulo direito. O esquerdo apresentava-se tão intumescido e ensanguentado que não permitia distinguir sinal algum.

– Este – comentou Longino – está por pouco...

E retornou junto a seus homens, movendo a cabeça com ar de desalento.

Sentei-me sobre os calcanhares e dirigi o finíssimo laser avermelhado por sob o último segmento do esterno, ou apêndice xifoide, procurando evitar assim o choque dos ultrassons com as costelas falsas e flutuantes. Ao encontrar a massa esponjosa e elástica dos pulmões, a catástrofe respiratória revelou-se em todo o seu dramatismo. O pulmão esquerdo estava quase em colapso, devido ao derrame pleural. As chibatadas e os sucessivos golpes e pontapés nas costelas – principalmente no lado esquerdo – haviam originado, sem dúvida, acumulação de líquido na parte inferior do “saco” pleural que envolve o pulmão.

Ao medir os mais importantes parâmetros da respiração de Jesus,¹⁹² o computador encarregado das valorações e registros – um Dataspir, sistema “on line EDV 70” – estimou que naquele momento (14h40), tal como eu supunha, a capacidade vital do Galileu se achava em fase crítica: com déficit superior a setenta por cento.

Essa deficiência generalizada das funções respiratórias havia ocasionado igualmente um decréscimo do volume residual do ar, estimado em condições normais em 1,67 litros. A queda da capacidade vital, do volume residual e da “TLC”, ou capacidade pulmonar total, havia provocado em Jesus a formação do chamado “pulmão pequeno”. Por outro lado, o incremento da frequência respiratória – acima, mesmo, de quarenta respirações por minuto – não permitia mais que uma pobre aeração dos chamados “espaços mortos” – boca, traqueia etc. –, de resultado pouco eficaz na hora de levar oxigênio aos alvéolos pulmonares. Consequentemente, a hipoventilação que derivava da existência do “pulmão pequeno” resultou de imediato no incremento do CO₂ ou anidrido carbônico, o que contribuiu para o progressivo envenenamento e intoxicação do rabi. Essa alta dosagem de CO₂ não tardaria a deprimir o sistema nervoso central. A equipe do Cavalo de Troia estimou que o aumento de anidrido carbônico havia alcançado valores superiores a 50-60 de mmg de pressão, trinta minutos depois de Jesus haver sido pregado na cruz. O aumento do PaCO₂ ou pressão arterial do anidrido carbônico, teve, todavia, uma repercussão que podemos qualificar de “relativamente benéfica” para o Nazareno: ao multiplicar a presença desse tóxico, o organismo de Jesus entrou em uma fase de adormecimento, que, sem dúvida, tornou mais “suportável” o tormento.

– 14h45...

A baixa saturação de oxigênio em hemoglobina estimulou uma vez mais o instinto de sobrevivência do Mestre. E, içando-se de novo sobre os cravos dos pulsos, aspirou o que seria seu penúltimo sorvo de ar. A partir desse instante, presa de uma taquicardia muito mais violenta, o Galileu consciente de seus escassos minutos de vida – começou a recitar o que me pareceu serem passagens das Sagradas Escrituras. O centurião e vários soldados se aproximaram, intrigados. Mas sua linguagem era quase ininteligível. As forças lhe escapavam aos borbotões

e só de vez em quando suas palavras chegavam com um mínimo de nitidez aos meus ouvidos. Ao reter algumas daquelas frases, vi que o Mestre não tentava nos dizer nada. Simplesmente rezava!

Assim é que pude escutar, por exemplo: “Sei que o Senhor salvará sua unção...”; ou “Tua mão descobrirá todos os meus inimigos” e, sobretudo, a impressionante e polêmica “Meu Deus, meu Deus! Por que me abandonaste?”.

Ao retomar ao módulo, consultei o livro dos Salmos e, de fato, comprovei que o Mestre havia estado recitando algumas das passagens desse texto sagrado. Entre os que consegui identificar, estavam parágrafos dos salmos XX, XXI e XXII. Este último (salmo 22, 2) diz exatamente: “Meu Deus, Meu Deus! Por que me desamparaste? Longe da salvação estão meus rugidos”.

Não pude deixar de sorrir. Os teólogos, exegetas e moralistas de todas as Igrejas têm escrito rios de tinta, durante séculos, na tentativa de interpretar e acomodar essas últimas palavras de Jesus. Para alguns, sobretudo para os padres latinos, esse suposto lamento do Nazareno era só uma expressão metafórica: “Jesus – dizem – fala em nome da Humanidade pecadora e, na pessoa dele, os pecadores são abandonados por Deus”. Assim pensavam, por exemplo, Orígenes, Atanásio, Gregório Nazianzeno, Cirilo de Alexandria e Agostinho, entre outros.

Uma segunda hipótese – defendida por Eusébio e Epifânio – chegou a propor o seguinte: “A natureza de Jesus fala à sua natureza divina, queixando-se ao Verbo de que irá abandonar a natureza humana no sepulcro por algum tempo”.

Por último, uma terceira teoria aponta para o fato de que Cristo chegou a sentir-se verdadeiramente abandonado pelo Pai. Assim dizem, ao menos, homens tão prestigiosos como Tertuliano, Teodoreto, Ambrósio, Jerônimo, são Tomás e uma infinidade de teólogos modernos.

Em minha opinião, o Mestre, angustiado pela sombra da morte, refugiou-se em algo que é comum a muitos humanos quando estão em transe semelhante: a oração.

– 14h50...

O fulminante aumento da acidose foi outro anúncio do iminente final do Nazareno. Ao revisar a corrente sanguínea, observamos uma alarmante queda do pH. De 7,20-7,30 no primeiro momento da crucificação, havia baixado para 7,15. Os rins ainda continuavam produzindo angiotensina, lutando por elevar a pressão, mas tudo era quase inútil. Na realidade, aqueles últimos movimentos respiratórios de Jesus, cada vez mais breves e acelerados, já eram mantidos pela hipoxia, ou baixa carga de oxigênio na hemoglobina do sangue. Mas esse último e sábio estímulo da natureza humana tinha seus minutos contados.

A cianose já dominava todas as mucosas, as pontas dos dedos das mãos e dos pés, a língua, os lábios e até algumas áreas da pele.

De repente, o ritmo galopante do coração aumentou ainda mais, passando a pulsação para 169 batidas por minuto. Jesus, com os dedos garroteados, havia iniciado aquela que seria sua derradeira elevação muscular. O pulso esquerdo girou

pela segunda vez, mas nessa oportunidade a hemorragia foi muito mais viscosa e arroxeadada. Apesar disso, o sangue escorreu em filetes pelo antebraço, para gotejar na rocha do Calvário ao chegar ao cotovelo. O pescoço inchou e os músculos intercostais experimentaram novos espasmos, enquanto o rosto ganhava altura, milímetro a milímetro. Com o olho e a boca muito abertos, o Mestre parecia querer agarrar a vida que já se ia...

A caixa torácica, a ponto de estalar, inalou ar suficiente para que Jesus, com uma potência que provocou a atenção de todos os mercenários, exclamasse:

– Terminei! Pai, ponho em tuas mãos meu espírito!

No mesmo instante seu corpo arriou, fazendo crepitar todas as articulações.

Ouvi a voz de Eliseu às 14h55...

Ao ouvir a retumbante expressão do supliciado, o oficial precipitou-se para o pé da stipe. E antes que me esqueça, desejo registrar que, como assinala João em seu Evangelho (único testemunho entre os quatro escritores sagrados), não houve grito no sentido literal da palavra. Sua voz se propagou estentórea, isso sim. E, talvez por isso, com o passar dos anos, as mulheres e o próprio centurião confundissem essa derradeira manifestação do Mestre com um grito. Como disse João, Jesus não proferiu semelhante grito. Dito isso, prossigamos.

Longino aproximou de novo a tocha do rosto do Nazareno. O Mestre tinha o olho esquerdo aberto e a pupila dilatada. Na revisão das filmagens, pôde-se precisar que, minutos antes dessa última perda de consciência, a córnea do olho havia-se tornado opaca. Foi uma lástima que o olho direito estivesse fechado. Muito provavelmente os analistas do Cavalo de Troia teriam detectado o chamado signo de Larcher.¹⁹³

Externamente, havia cessado toda a evidência respiratória. O Mestre, com o queixo afundado sobre o esterno, permanecia com a boca entreaberta.

Apressei-me a dirigir os ultrassons sobre a região cardíaca. A equipe depois verificou que a partir das 14h54 – quando as batidas do coração já estavam, havia cerca de três minutos, aproximadamente, com uma frequência vertiginosa (alcançando seu pico máximo nas já mencionadas 169 pulsações por minuto), o pulso baixou o ritmo. O nódulo senoauricular (que bate normalmente à razão de 72 vezes por minuto) ficou muito abaixo dos sessenta impulsos e, em questão de segundos, todo o miocárdio entrou em fibrilação ventricular. Aos trinta segundos de arritmia, o Mestre caiu fulminado, ainda que a parada cardíaca final não tivesse ocorrido antes dos dois minutos e meio seguintes. Segundo essas observações, a morte de Jesus pode ter ocorrido às 14h57 e 30 segundos da sexta-feira, 7 de abril do ano 30.

Apesar do esforço cardíaco, a irrigação sanguínea que chegava ao cérebro foi insuficiente, provocando, entre outros efeitos, o desmaio, ou perda de consciência, do qual não haveria retorno.

– Morreu...

O centurião pronunciou aquela palavra com certa piedade. Como se a

desaparição daquele justificado houvesse representado algo para ele... Na realidade, como eu já disse, a morte clínica do Nazareno só ocorreria alguns segundos mais tarde, mas isso Longino não poderia saber.

O Mestre não tardaria a entrar na morte biológica. Suspenso pelos cravos nos pulsos, tinha o ventre muito inchado. O tórax permanecera afundado e os peitorais – que não haviam cessado de oscilar e se convulsionar – jaziam rígidos, desmaiados. Entre os ramos e os espinhos do elmo já se notava, cada vez mais marcado, um círculo violáceo ao redor do deformado nariz. As têmporas, semiocultas pelos cabelos, estavam afundadas, e a orelha direita, pouco visível, havia se retraído. A pele que se situava imediatamente acima da barba enrugara-se, e o globo ocular foi escurecendo como se uma espécie de tela viscosa o cobrisse. Pelos ferimentos dos cravos especialmente no pé direito – continuava emanando sangue, ainda que a coloração já fosse muito mais rósea. (A volemia, no instante da morte, havia chegado abaixo dos cinquenta por cento. Ou seja, Cristo havia perdido mais da metade de seu volume sanguíneo.)

Exatamente naquele momento, registrou-se o relaxamento de seus esfíncteres, acrescentando ao tétrico aspecto de Jesus o fétido odor de excrementos quase líquidos e amarelentos que escorreram pelas faces internas de suas pernas.

Hesitei na hora de utilizar o circuito “teletermográfico”. Todavia, apesar de meu aturdimento, cumpri o estabelecido pelo projeto. Daquele último e rápido exame se pôde deduzir, por exemplo, que o acúmulo de sangue nas extremidades inferiores – apesar da ruptura de uma das artérias do pé direito – havia sido considerável. Poucos segundos após a morte, a temperatura dessas extremidades inferiores, em consequência da sobrecarga sanguínea, estava um grau centígrado acima do normal.

A checagem dos tecidos superficiais comprovou também que o agudo e decisivo processo de tetanização havia inutilizado as pernas e as coxas do Nazareno logo aos doze minutos do encravamento na cruz. Isso confirmava minhas impressões sobre o titânico esforço que o rabi da Galileia teve de empregar a cada vez que lutava por um sorvo de ar. Ao falharem os hipotéticos pontos de apoio dos cravos dos pés, como eu já disse, foi a musculatura superior (ombros, antebraços e músculos intercostais) que arcou com o dispêndio energético. Mas essas fibras ficariam bloqueadas também pela tetanização poucos minutos depois: aos dezoito, os delteoides, vastos externos dos braços e supinadores, palmares maiores, cubitais e ancôneos dos antebraços; aos vinte minutos, aproximadamente, ficaram arrasados os grandes peitorais e a potente rede muscular da zona superior das costas: os trapézios. Esse quase “congelamento” da formidável musculatura do Galileu precipitou sua morte. Era o fantasma maior e horrível da asfixia. Entre numerosos déficits circulatórios, ventilatórios, renais e do sistema nervoso central que confluíram e levaram ao desenlace de Jesus, a equipe do projeto Cavalo de Troia considerou sempre que a raiz e a causa básica do óbito (se é que a este se pode dar o qualificativo de “natural”) foi a asfixia. Por volta das 14h55, o cérebro

de Jesus entrou em coma depasé, com as trágicas consequências que isso acarreta...

As áreas das perfurações dos carpos e dos pés adquiriam uma cor azul forte, sinal evidente do importante processo inflamatório que haviam sofrido e, conseqüentemente, da maior temperatura.

Quando focalizei o laser no olho de Jesus, a dilatação da pupila mostrou só uma mancha escura, sinal claro de perda da visão. As estreitas zonas periféricas da córnea, todavia, ainda conservavam calor, e foi possível registrar pequenos "anéis" azuis. O cristalino já estava opacificado, e a íris, assimétrica.

Na realidade, pouco mais se poderia fazer. O general Curtiss lutou para que os técnicos aperfeiçoassem o sistema de "ressonância magnética nuclear", que nos teria permitido rastrear os movimentos atômicos de algumas zonas-chave do cérebro do Nazareno, mas os trabalhos não chegaram a tempo.

Tristemente, aquele homem, a quem eu havia começado a admirar e querer bem, estava morto. Apesar de todo o meu treinamento, ao despojar-me das "crótalos" deixei-me cair sobre a dura superfície do Gólgota. A melancolia foi germinando no fundo de minha alma e senti que parte de mim ia-se com aquele ser. Uma melancolia sem limites que, eu sei disso, acompanhará para sempre meu angustiado coração, até que a morte feche definitivamente minha pobre existência. Ainda hoje, como naquele dia junto às cruzes, continuo chorando.

Nem Eliseu nem ninguém do projeto jamais soube disso. A partir daquele fatídico momento da morte de Jesus, algo se fundiu no mais profundo do meu ser. Minhas últimas horas na Palestina quase não tiveram sentido. Cumpri o programado pelo projeto Cavalo de Troia, mas como um autômato. E o pior é que jamais pude refazer-me...

Às 14 horas, 57 minutos e 30 segundos – precisamente quando o coração de Jesus parou para sempre – ocorreu o inesperado. Com um sincronismo que ainda me aterroriza e que só pode ter uma explicação, aquela "lua" gigantesca começou a se mover. E, com a mesma lentidão com que havia coberto o sol, foi-se deslocando para o leste, devolvendo-nos a transparente luminosidade daquela sexta-feira.

Meu companheiro, no módulo, apressou-se a confirmar o que eu já estava vendo. Pouco a pouco, sem pressa, como que desejando ser observado, o objeto se dirigiu para o levante e desapareceu por detrás do monte das Oliveiras.

Aquele singular "amanhecer" foi acolhido pelos soldados e pelo escasso grupo de mulheres e saduceus que permanecia junto ao penhasco com vivas demonstrações de alegria e assombro. O mesmo ocorreu na cidade. Sua população recebeu a "liberação" do sol como sinal de bom augúrio.

Foi então, enquanto o gigantesco disco rompia o estado estacionário para se afastar, que o centurião, voltando-se para a cruz da qual pendia o Mestre, golpeou a couraça que protegia seu tórax com o punho direito e, nessa atitude de saudação, sentenciou:

– Por certo era um homem íntegro...! Realmente deve ter sido o Filho de Deus...

Os soldados, inquietos, pediram instruções ao optio e ao oficial. Mas nem Arsenius nem Longino souberam o que fazer. Simplesmente, como medida de segurança, dobraram a guarda. Aqueles homens intuíaam algo quando agiram assim. E não se equivocaram...

Ao desaparecer a penumbra, a luz do sol iluminou os crucificados, revelando todo o horror daqueles corpos dessangrados, grotescamente convulsionados e cobertos de areia. Os zelotes ainda estavam inconscientes e assim permaneceram – felizmente para eles mesmos – até que chegaram aqueles três novos mercenários romanos...

A pele do Galileu, apesar da grossa película de pó que havia aderido aos ferimentos e aos cabelos, dos coágulos e das manchas de sangue, logo começaria a adquirir a típica tonalidade marmórea dos cadáveres. O odor das fezes tornava insuportável a permanência junto à cruz, e os soldados que não tinham serviço de guarda se afastaram para a borda do penhasco. A situação ficou um pouco mais suportável quando, assim que ressurgiu o sol, o vento voltou a soprar do leste, ainda que muito debilmente se comparado com o das terríveis horas que o precederam. É agora, graças à perspectiva do tempo, que me ocorre fazer uma pergunta que não cheguei sequer a intuir na ocasião: aquele formidável objeto teve algo a ver com a estranha quietude que sobreveio com as “trevas” e, depois, com a intensificação do vento? O cientista não tem resposta, mas o homem intuitivo que também trago dentro de mim diz que sim...

Notei um certo alarme entre as mulheres, em João e no irmão de Jesus. A total imobilidade do Mestre começava a causar-lhes estranheza. Meu estado de ânimo era tão minguado que virei de costas, não desejando encontrar o olhar de Zebedeu. Então, vinda do oeste, percebi uma curiosa agitação entre os bandos de pássaros que geralmente faziam ninho nos muros da cidade. Apesar do vento, haviam recomeçado o voo, dispersando-se em total desordem. Dei de ombros. Mas quase ao mesmo tempo uma confusa algaravia me fez virar a cabeça para a muralha e o que vi deixou-me perplexo. Pela porta de Efraim havia começado a sair uma matilha de cães, a ladrar lastimosamente. Eu sabia que havia cães em Jerusalém, mas nunca pensei que fossem tantos. Pareciam nervosos, muito excitados e, sobretudo, atemorizados. Como se alguma coisa ou alguém os houvesse afugentado de repente. Mas que ou quem havia feito isso?

Longino e eu nos olhamos sem compreender, igualmente alarmados. Que estaria ocorrendo em Jerusalém?

Os cachorros cruzaram correndo diante do penhasco em direção aos campos do norte e nordeste. Alguns, ofegantes e farejando o terreno sem cessar, galgaram o Gólgota, mas foram rapidamente expulsos pelos soldados.

Em poucos segundos, uma comunicação do módulo me fazia estremecer com a explicação parcial do comportamento anômalo daqueles animais: os sensores de

bordo haviam começado a detectar uma série de gases com alto conteúdo de enxofre, assim como uma ligeira elevação da temperatura no nível do solo.

Eliseu não tinha certeza, mas achava possível que um movimento sísmico se avizinhava. Aquela hipótese podia esclarecer em parte a inquietação das aves e dos cachorros. (Os animais, como também os homens, mas estes em proporção menor, têm a capacidade de inalar os gases que frequentemente precedem o estalido de um terremoto. Ao se registrarem as primeiras perturbações no interior da Terra, os gases são expulsos através das estreitas fissuras do solo, e os animais conseguem inalá-los. No mesmo instante é segregado em seus cérebros um volume de serotonina muito superior ao normal, e esses hormônios disparam os mecanismos de excitabilidade do indivíduo. No caso dos cães, sua reação foi fugir das perigosas áreas edificadas de Jerusalém.)

No entanto, os dois sismógrafos "Teledyne" e "Geotech", instalados pelo projeto Cavalo de Troia para medir e avaliar o terremoto a que faz alusão o evangelista Mateus em seu texto sagrado (27,51) – e do qual eu, sinceramente, havia-me esquecido por completo – não registravam sinal algum. Ambos os sismógrafos, desenhados sob encomenda pelos especialistas do Centro Nacional de Meteorologia de Tóquio – e em cujo projeto colaborou decisivamente o professor Nagamune, chefe de Informação de Prognósticos de Terremotos –, foram colocados pelos peritos em dois suportes, ou "trens" de aterrissagem do "berço". No delicado processo de miniaturização e adaptação à nossa nave, um dos aparelhos foi convertido em sismógrafo "horizontal" e o outro em "vertical". Os pesados pêndulos foram substituídos por grandes feixes de luz laser, capazes de registrar as ondas de sismos profundos (até 720 quilômetros) e, naturalmente, aquelas procedentes de movimentos intermediários ou quase superficiais, com profundidade-limite de sete quilômetros abaixo da superfície. No "horizontal" – programado em especial para os movimentos de vaivém ou de "rastelo" do terreno –, o espelho tradicional que serve como registro fotográfico havia sido eliminado. Os impulsos do laser ficariam codificados em cima de um papel especial, podendo ampliar as vibrações mais de 100 mil vezes. Quanto ao "pêndulo-laser", de conformação vertical, preparado para os movimentos de compressão, achava-se em contato com um papel térmico e um registro tradicional de fita magnética.

Foi pouco depois – às 15h01 – que sentimos o primeiro abalo. Recordo-me de um pequeno detalhe que, nos primeiros décimos de segundo, contribuiu ainda mais para aumentar minha confusão. Um dos infantes, por ordem do optio, havia tomado entre suas mãos a vasilha guardada na malha de cordas e estava pronto para jogar parte da água nela contida sobre a fogueira. Mas, no exato momento, o primeiro tremor do terreno o desequilibrou, e o jorro de água foi espalhar-se sobre o rosto de um companheiro que permanecia sentado junto ao fogo.

O mercenário caiu ao chão e também o cântaro, que se partiu em pedaços.

Aquela oscilação do solo fez com que os soldados que estavam sentados se erguessem fulminantemente. Aturdidos, não tiveram tempo sequer de olhar uns

para os outros. Ainda que detecções posteriores tivessem estimado que a primeira onda sísmica havia durado menos que dezesseis segundos, o deslocamento horizontal dos estratos – num movimento de vaivém – tinha potência suficiente para derrubar vários soldados. No meu caso, o que mais me consternou naqueles segundos iniciais foi a agonizante tontura que comecei a sentir. Parecia que uma força invisível agitava meu cérebro...

Ao perceber a oscilação, as mulheres começaram a gritar, vítimas do mesmo pânico que nos inundava a todos.

Subitamente, no entanto, da mesma forma que havia chegado, assim desapareceu aquele movimento.

Longino e o suboficial, pálidos como a pele de Jesus, aguardaram alguns segundos. Seus olhares estavam fixados nos extremos superiores das cruzes. Mas as stipes, ao cessar o abalo, haviam permanecido imóveis como sempre. E o oficial, com muito discernimento, dirigiu-se a seus homens ordenando:

– Para baixo...! Vamos, todos para baixo...!

A patrulha, incluídas as sentinelas, obedeceu prontamente, precipitando-se pela brecha de acesso ao Gólgota. Na atropelada fuga, alguns dos soldados esqueceram seus escudos e capacetes. O oficial estava a ponto de descer, mas parou, e girando sobre os calcanhares regressou ao penhasco para apagar a fogueira com os pés. Nesse momento meu coração se estilhaçou de susto: um bramido surdo e longínquo começou a se elevar do leste. Quase simultaneamente, sentimos uma segunda e mais vigorosa oscilação. Todo o penhasco tremeu e balançou – não sei se esses dois movimentos aconteceram ao mesmo tempo –, e eu me senti deslocado de modo violento, caindo sobre a superfície vibrante do Calvário. (É curioso, mas, ao ver aquelas vibrações da rocha, veio-me à memória a cena dos espasmos da carne de vaca recém-sacrificada...)

Do solo, incapaz de me levantar, vi que o centurião também caíra e que as cruzes tinham acusado aquela segunda réplica com um traquear rapidíssimo, que fez estremecer os corpos dos judeus. Uma das stipes, colocada atrás dos crucificados – aquela que estava ligeiramente inclinada –, bambaleou como um junco agitado pelo vento e desabou.

O pânico e a sufocante tontura foram tais que eu não soube, ou não consegui, gritar nem pronunciar palavra alguma – apesar de ter tentado. Tombado de boca para baixo e agarrado às irregularidades da rocha, só fui capaz de formular um pensamento: sobreviver! As sucessivas convulsões do solo me golpeavam sem cessar, chegando mesmo a atirar-me para o ar, a vários centímetros do solo.

Hoje, depois da amarga experiência, lembro-me muito bem de que as pedras desprendidas do penhasco saltavam como bolas de borracha, deslocavam-se horizontalmente como projéteis e chocavam-se com violência contra as bases das cruzes e contra o meu corpo e o do oficial.

Imerso como eu estava em um pavor incontrolável e irracional, aqueles segundos não tiveram medida para mim. Foram, simplesmente, eternos. O

ribombar que parecia nascer de cada centímetro quadrado do solo e a violenta agitação da Natureza tiveram, todavia, duração relativamente curta: 47 segundos, de acordo com o instrumental do módulo. Para mim, pareceram séculos.

Decorrido esse tempo, tudo voltou a serenar. Um silêncio de morte caiu sobre o penhasco e seus arredores.

Quando consegui levantar-me, tive de me apoiar na “vara de Moisés”. Agora era o estômago que dava voltas, transmitindo-me uma angustiosa necessidade de vomitar. Um suor frio cobriu todo meu corpo quase ao mesmo tempo. Hoje sei que parte desse mal-estar era proveniente do medo...

Longino permaneceu alguns instantes de joelhos, com os olhos fixos no solo, como que esperando uma terceira oscilação. Mas o sismo não se repetiria.

Ao verificar que o novo tremor estava demorando a chegar, o oficial se recompôs e fez um sinal com o braço para que eu o seguisse. Creio que jamais obedeci tão cegamente a alguém. Em poucos segundos, o centurião e eu, mais do que correr, voávamos Calvário abaixo, saindo para o campo aberto e nos unindo ao pelotão. Quase todas as mulheres estavam no chão, gemendo e proferindo gritos que acabaram arrepiando meus cabelos.

João e Judas, tão aterrorizados quanto os demais, não sabiam se corriam para o campo ou para a cidade. Mas, pouco a pouco, à medida que o terremoto se foi distanciando na memória, os ânimos começaram a ser recobrados e o bom senso voltou a se impor, ao menos da parte dos oficiais romanos e de Zebedeu. A trágica realidade dos crucificados – esquecida durante o terremoto – reapresentou-se em seguida aos olhos de todos os amigos e parentes do Mestre.

Mas antes de seguir adiante no relato, quero resenhar um fato altamente misterioso detectado pelo módulo.

Segundo os dados recolhidos nos registros permanentes ou “sismogramas” do “berço”, os dois tremores haviam somado um total de 63 segundos. A primeira onda, muito mais débil que a segunda, correspondia às ondas do tipo “L”, também chamadas “longas” ou “superficiais”. Os sismógrafos detectaram um predomínio da variante “Love”, mais de acordo com a natureza uniforme dos estratos superficiais daquela zona geológica. A velocidade estimada foi de 3,3 quilômetros por segundo. No entanto, nesse primeiro sismo – cuja magnitude não foi tão significativa: 4,1 na escala de Richter –, os aparelhos não receberam, como seria de esperar, as séries de serpenteios das ondas “P” ou “primárias”, tampouco os ziguezagues posteriores das ondas “S”, mais lentas do que as “P”.¹⁹⁴

Ante o desconcerto geral, apenas surgiram as ondulantes, lentas e superficiais “Love” (que de “amorosas”, aliás, nada tiveram).

No segundo tremor, em contrapartida, apareceram as ondas “P” e “S” e, por último, as “L”. Os cientistas, diante dos dados acumulados pelos sismógrafos, deram a esse segundo e mais intenso sismo uma magnitude de 6,8.¹⁹⁵

Até aqui, quase tudo “normal”, dentro do que é e se pressupõe que seja um quadro sísmico, com exceção da já mencionada ausência das ondas “de empuxo” e

das "secundárias". Mas o espanto dos homens do Cavalo de Troia chegou ao limite quando, muito depois do segundo tremor e dos correspondentes "feixes" de ondas, o módulo inteiro estremeceu e rangeu pela terceira vez. Dessa vez, contudo, os sismógrafos haviam emudecido. O que fez vibrar o "berço" – segundo os dados do instrumental de bordo – foi uma onda expansiva! E o mais incrível: aquela onda expansiva – viajando à razão de trezentos metros por segundo – tinha sua gênese na mesma área onde os peritos em sismologia haviam localizado o epicentro do terremoto: a uns 750 quilômetros ao sul-sudeste de Jerusalém, em pleno deserto, muito próximo da atual fronteira entre a Jordânia e a Arábia Saudita e ao sul da povoação de Sakaka.

Quando as comprovações foram concluídas, o general Curtiss e todos nós da equipe ficamos estupefatos com os resultados: aquele tipo de onda expansiva e parte das ondas sísmicas obedeciam aos efeitos de uma explosão nuclear subterrânea. Sinceramente, a surpresa nos emudeceu...

Assim, ao fato inquestionável da escassa sismicidade da Palestina – muito inferior à da Grécia, da Itália e da Espanha, para fazer só algumas comparações –, tivemos de juntar esse novo e inesperado fator. (No período compreendido entre 1901 e 1955, por exemplo, registraram-se em Israel e nas zonas limítrofes dos atuais Líbano e Síria treze sismos.¹⁹⁶ Segundo Karnik, que publicou os dados em 1971, destes sismos, dez foram de magnitude entre 4,1 e 5,1, sempre de acordo com a escala de Richter. Dois oscilaram entre 5,2 e 5,6 e só um roçou os 6,2 graus de intensidade.) Se já era improvável que um sismo "coincidisse" com a morte de Jesus de Nazaré, o problema se agravou quando, como eu disse, os instrumentos captaram a enigmática explosão nuclear subterrânea. (Não quero nem devo estender-me mais sobre esse fato fascinante, pela simples razão de que esse, justamente, foi outro dos motivos que levaram o projeto Cavalo de Troia a programar e executar uma segunda "grande viagem".)

Dez ou quinze minutos após o sismo, Longino e os soldados regressaram ao cume do Gólgota, retomando a custódia dos crucificados. Minutos antes, João havia-se aproximado do centurião, interrogando-o sobre a sorte de Jesus. Ao vê-lo balançar negativamente a cabeça e baixar os olhos, o apóstolo compreendeu que não havia mais nada a fazer. Mas em seu coração não restavam lágrimas e ele apenas se limitou a pedir às mulheres que se retirassem daquele lugar. Em meio a uma explosão de dor, a maior parte do grupo – que acreditava firmemente que Jesus realizaria um prodígio e se salvaria – obedeceu ao Zebedeu, retirando-se em companhia de Judas, com destino à casa de Elias Marcos, "quartel-general" dos mais chegados ao Mestre desde a definitiva dispersão de Davi Zebedeu e seus "correios" diante da chegada dos levitas do Templo. Mas evitarei adiantar acontecimentos, ajustando-me à rigorosa ordem cronológica dos fatos.

João permaneceu à sombra do Gólgota, junto com quatro ou cinco hebreias, que se negaram a regressar a Jerusalém.

Enquanto eu subia de novo ao alto do penhasco, fixei-me nos saduceus. O

pânico os havia paralisado. Pensei que, uma vez consumada a morte do “odiado impostor”, eles se retirariam. Como eu estava equivocado...!

Quando Judas e as mulheres se afastaram pelo poeirento caminho, Longino e Arsenius, que se ocupavam com vários homens na verificação dos danos e na estabilidade das cruzes, sobressaltaram-se novamente. A porta de Efraim havia começado a lançar um rio de gente, enlouquecida e vociferante, que parecia estar fugindo da cidade. Ante a terrível possibilidade de um novo abalo sísmico, milhares de cidadãos e peregrinos, que haviam sido surpreendidos pelos abalos em Jerusalém, decidiram-se pelo imediato abandono das ruelas da Cidade Santa, em busca de terreno aberto. Centenas de homens, mulheres e crianças – muitos carregando volumosos objetos ou puxando cavalgaduras e rebanhos – começaram a desfilar apressada e ininterruptamente junto ao Calvário, rumo às lombadas de Gareb, a pequena distância. Os soldados interromperam sua inspeção, reforçando a vigilância periférica do penhasco. Mas, para dizer a verdade, aqueles rostos transtornados pelo medo nem sequer se voltaram para Jesus e os zelotes. O verdadeiro desejo deles era fugir, retirar-se o mais rápido possível dos muros da cidade. Pouco antes do pôr do sol, quando, enfim, tive a oportunidade de reentrar em Jerusalém, indaguei sobre os possíveis danos causados pelos tremores. Segundo Elias Marcos e José de Arimateia, os abalos haviam provocado muito mais medo do que estragos materiais. As edificações, quase todas de um ou dois pavimentos e de material leve, haviam suportado bem as investidas. Ocorreram alguns pequenos desabamentos, mas, felizmente, os feridos não eram muitos. Um fato que provocaria uma infinidade de comentários – chegando mesmo a ser registrado pelos evangelistas – foi a ruptura de um dos grandes véus, ou cortinas, colocados diante do Debir, ou “lugar santíssimo” (também chamado “oráculo”), e do Hekal, ou “lugar santo”, que precedia o primeiro. Como ambos estavam no interior do Santuário, para mim foi impossível verificar os rumores, ainda que todas as notícias transmitidas pelos judeus em voz baixa e com alta carga de superstição – fizessem referência ao primeiro e mais importante:¹⁹⁷ o que fechava o caminho para a sempre misteriosa estância cúbica de nove metros de largura, considerada a “morada de Deus” e na qual, em outros tempos, se erguiam os dois querubins de quatro metros e meio de altura, belamente esculpidos em madeira de oliveira e chapados em ouro. Quanto eu teria dado para poder penetrar nesse recinto e examinar o interior! Mas esse também era um sonho impossível...

Quando a patrulha se convenceu de que aquela multidão só pretendia escapar e que nem parava ao passar junto aos juízes, o oficial e seus soldados recomeçaram a inspeção ocular do patíbulo, cuidando de fazer o inventário dos possíveis danos causados pelo terremoto.

Eu me uni a eles, concentrando minha atenção nos crucificados. As stipes haviam suportado bem as convulsões da rocha, salvo aquela fincada do lado oeste e por detrás dos condenados. Os mercenários a ergueram e escoraram de novo. Concluído o trabalho, aquele que havia sido encarregado de recolher os restos do

cântaro de água fixou a atenção em algo e chamou Longino. A poucos passos das cruzes, na direção sul, o penhasco estava aberto. Tratava-se de uma fenda não muito longa – de uns 25 centímetros – mas bastante profunda. Talvez de dois metros ou mais. Contudo, nenhum dos soldados soube afirmar se aquela brecha estava ali antes do sismo ou se, ao contrário, acabara de ser aberta. Mas nem o centurião nem seus homens deram ao fato maior importância. E cada qual voltou à sua atividade. Da minha parte, tampouco pude garantir se aquela fratura no alto do Gólgota fora consequência do tremor de terra. O que é certo é que a pequena fenda não seguia a direção da estratificação natural do promontório. Ao contrário, cortava a superfície da rocha transversalmente.

Às 15h35, a saída de hebreus da Cidade Santa começou a diminuir consideravelmente. A calma foi-se restabelecendo e aquela gente acampada nos arredores de Jerusalém começou a perambular, indecisa, enchendo uns aos outros de perguntas. Entendo que o paulatino regresso das aves às muralhas do Templo e da cidade contribuiu de modo decisivo para sossegar os ânimos. Muitos receberam com alvoroço esse maciço retorno de pombos e andorinhas a Jerusalém e se animaram a cruzar de novo o umbral da porta de Efraim. O centurião, Arsenius, seus homens e eu próprio respiramos também com alívio quando, de repente, um bando daqueles pombos cinza-azulados fez uma interrupção em seu voo para a Cidade Santa e pousou nos troncos transversais das cruzes. Que triste e significativa me pareceu aquela imagem! Três ou quatro pacíficas aves descansando sobre o patibulum de Jesus de Nazaré, para retomar o voo segundos mais tarde.

A volta da espantada multidão a Jerusalém foi bem mais tranquila. Dessa vez, muitos chegaram a parar diante do patíbulo, observando em silêncio ou interrogando os saduceus. E estes não perderam tempo em anunciar aos quatro ventos, triunfantes, que o Galileu havia morrido e que, “quase certamente, o responsável por aquele terremoto era Jesus, aliado do Belzebu...”. A maioria não deu muita atenção àquele palavreado, mas alguns – arrastados pela veemência dos sacerdotes – voltaram a insultar o Mestre, engrossando o número dos curiosos que permaneciam à borda da grande rocha.

A atenção do oficial e seus homens foi subitamente desviada pela chegada ao patíbulo de três soldados procedentes da fortaleza Antônia. Depois de saudar Longino, explicaram o motivo de sua presença no Calvário: traziam ordens expressas do governador de dar fim à vida dos condenados e trasladar seus corpos para a vala comum aberta no vale da Geena, ao sul da cidade.

O oficial interrogou os mercenários sobre a razão que havia levado Pôncio a uma decisão à primeira vista precipitada. Eles explicaram que, pouco antes do sismo, um grupo de sinedristas havia visitado de novo o governador, expondo o que chamaram de “desejo do povo de Jerusalém”, ou seja, que os corpos dos executados fossem baixados antes do ocaso, como ordenava a Lei, já que aquele, como se sabia, era o dia da Preparação. Pilatos – cujo ânimo estava fortemente

abalado pelas “trevas” – concordou, expedindo ordens a Civílis para que enviasse alguns homens.

Longino não disfarçou sua estranheza. Se aqueles mensageiros, em vez de soldados, fossem sinedristas, é provável que ele não teria acatado a ordem. A ele, no fundo, pouco importavam os costumes judeus. Não fazia mais do que duas horas e meia que os árduos trabalhos de levantamento e encravamento dos zelotes tinham sido iniciados e já se exigia a não menos desagradável e demorada tarefa de desencravá-los e trasladá-los para a vala comum dos criminosos...

Claro que, por outro lado, aquela contra-ordem apresentava também um certo atrativo. Se as operações se desenvolvessem com presteza, a escolta não passaria ali a noite, exposta a novas tormentas e ao rigor do serviço de vigilância.

Dispostos, então, a encerrar o caso, o oficial e Arsenius ordenaram que os zelotes e o Galileu fossem arriados. Longino advertiu os recém-chegados de que o prisioneiro do centro já estava morto. E os três soldados, que vinham providos de bastões idênticos aos que eu havia visto utilizarem no apaleamento do soldado romano, tomaram posição. Dois diante de Dimas e o terceiro à direita do segundo guerrilheiro – e, como seus companheiros, a apenas meio metro das extremidades inferiores de Gistas. Um quarto mercenário, espada em punho, completou o quadro, colocando-se diante da perna esquerda do zelote mais velho.

Não houve sinal algum. Os quatro romanos firmaram bem suas sandálias na dura crosta da rocha e, brandindo seus bastões e a espada, descarregaram quatro secos e tremendos golpes nas pernas dos infelizes. A crepitação das tíbias, pulverizadas à altura do terço inferior, foi seguida de uma série de curtas e violentas convulsões. Os zelotes haviam sido “despertados” pela dor. Provavelmente, os golpes haviam afetado também o perônio, porque num instante as pernas incharam, e os corpos, sem o árduo consolo do apoio dos cravos dos pés, penderam alguns centímetros, enquanto os desgraçados, uivando, abriam suas bocas desesperadamente, em pleno e irreversível processo de asfixia. Gistas, nesse momento, havia levado a pior parte. A espada do soldado lhe havia seccionado a perna. Em questão de segundos, o choque traumático e uma possível embolia aceleraram a morte por asfixia.

Às 15h45, ambos deixavam de existir.

Apesar da advertência do centurião, um dos soldados encarregados de liquidar os condenados colocou-se debaixo do cadáver do Mestre, para examiná-lo detidamente. A verdade é que nem Longino nem o resto da tropa se aperceberam das intenções daquele soldado. O grosso dos romanos se ocupava dos preparativos da descida dos justicados. Suponho que o romano estava preocupado em salvar sua responsabilidade, porque apanhou um pilum e, sem pensar duas vezes, espetou-o no flanco direito do Mestre. A lança penetrou uns quinze ou vinte centímetros, mas o corpo, como era de esperar, não mostrou reação alguma. O soldado, convencido agora da morte do condenado, puxou a arma. A ponta da flecha, entretanto, ficou retida nos tecidos e resistiu. Na segunda tentativa, os

tecidos cederam e o ferro, ensanguentado, ficou livre. Pela ferida, de uns quatro centímetros e meio de comprimento, brotaram mansamente uns dez centímetros cúbicos de sangue e, em seguida, uma pequena quantidade de líquido seroso. Ao me aproximar e examinar o ferimento, notei que a lança havia penetrado entre a quinta e a sexta costela, com uma trajetória obviamente ascendente, que, presumi, havia transpassado o plano muscular intercostal, as pleuras parietal e visceral, o pulmão e o pericárdio, entrando em cheio na aurícula direita. Essa região do coração, precisamente, conserva uma certa quantidade de sangue após o óbito. Em minha opinião, foi esse o sangue que verteu. Quanto à "água" que João Evangelista diz ter visto após o derrame sanguíneo, é bem provável que se tratasse do citado líquido seroso que recheia a cavidade virtual existente entre as folhas de cada uma das pleuras pulmonares. (A visceral, como se sabe, adere de modo íntimo ao pulmão e ao diafragma, exceto seu centro. Por dentro, protege a face mediastina e, por fora, a face interna das costelas.)

Quando a lança rompeu as pleuras, o citado líquido, ao variar a pressão, acabou escapando, derramando-se imediatamente atrás da hemorragia. À sua maneira, João havia dito uma verdade...

Mas as afrontas ao corpo de Cristo ainda não haviam terminado.

Dissipadas a escuridão e a ventania, as moscas e os insetos caíram sobre os corpos dos crucificados, convertendo suas feridas em coroas negras e palpitantes. Com grande experiência nesse tipo de execução, o carrasco encarregado dos encravamentos sugeriu ao oficial que se iniciasse a operação de descida pelo réu que morrera primeiro. Longino concordou. Também ele sabia que a rigidez cadavérica não tardaria a começar, dificultando os trabalhos próprios do traslado à Geena.

Era simplesmente assombroso. Naquele momento – quase quatro da tarde –, nenhum dos discípulos ou amigos do Mestre o havia ainda reclamado seu corpo. A ideia do centurião, tal como havia dado a entender o governador, era retirar os corpos das cruzes e atirá-los a uma vala comum. João, que seguia atento os movimentos dos soldados, não havia saído das proximidades do patíbulo. Atendeu durante breves minutos a outro dos "correios" de Davi Zebedeu – informando-o do falecimento do Mestre – e, após a retirada do mensageiro, continuou ao pé do Calvário, com o ânimo visivelmente arrasado.

Quando o oficial romano se colocou debaixo da cruz de Jesus, supervisionando os preparativos da descida, logo reparou no novo e bastante visível ferimento do costado. O sangue havia começado a formar grossos grumos sobre o franjado lábio inferior do furo. Irritado ao verificar que o cadáver havia sido desnecessariamente golpeado, Longino censurou os homens pela desobediência. Nenhum deles disse uma só palavra.

O carrasco, sem perda de tempo, começou a manipular a cabeça do cravo que atravessava o pé direito do Mestre, enquanto outros soldados colocavam a escada de mão na parte traseira da stipe, preparando de novo a longa corda de esparto

utilizada no içamento.

Com estudada precisão, o mercenário agarrou a base do cravo com ambas as mãos, fazendo-o oscilar para cima e para baixo. Sabiamente, o responsável pelo encravamento havia deixado a cabeça do cravo uns oito ou dez centímetros para fora. Dessa forma, dispunha de espaço suficiente para manuseá-lo. Em poucos segundos, após um forte puxão, a ponta metálica estava fora da madeira e a extremidade inferior do Galileu relaxava totalmente, oscilando de leve no vazio. O infante, então, segurou o calcanhar com a mão esquerda e arrancou o cravo com a direita. No mesmo instante o sangue brotou de novo pelo orifício livre, formando uma enorme rosa avermelhada sobre o dorso do pé.

Antes de se colocar diante do esquerdo, o verdugo verificou se seu companheiro postado no alto da escada havia prendido a corda no patibulum. Esperou que ele arrematasse a laçada central e depois repetiu a extração do segundo, também sem problemas. O corpo do Mestre pendia já inerte, escorrendo sangue pelas pontas dos pés. Os dedões, como eu já disse, estavam bastante separados dos demais, muito forçados para o eixo central do cadáver. Boa parte do volume de sangue acumulado em suas pernas e que estivera relativamente represado pelos próprios cravos começara a fluir ao desaparecer o efeito hemostático, convertendo aquela parte da rocha em extenso charco onde os romanos escorregaram várias vezes.

Libertos os pés, dois soldados se agarraram a ambos os lados da cruz e um terceiro e um quarto, saltando sobre seus ombros, aprontaram-se para repetir a operação de içamento do madeiro transversal.

Atento àquelas manobras, não percebi que a minúscula representação do Sinédrio havia sido acrescida de outro grupo de sacerdotes, recém-chegados. Aqueles sinedristas estavam a ponto de protagonizar outro lamentável episódio...

Agindo em conjunto, os soldados colocados por baixo de cada extremidade do patibulum e aquele que segurava a corda fizeram força e elevaram o lenho até que a afilada ponta da stipe ficasse fora do orifício central do conjunto.

Nesse exato instante, o soldado da escada deu um grito instruindo os que controlavam a corda atrás da cruz para que a afrouxassem. E assim eles fizeram. Jesus e o madeiro foram baixando lentamente, palmo a palmo. Centímetros antes que os pés tocassem a rocha, o carrasco agarrou os tornozelos do Mestre e inclinou-se para trás, de forma que o cadáver chegou ao solo em linha horizontal.

Ao recuar, tropecei inadvertidamente em alguém. Quando me voltei para desculpar-me, descobri o ancião José de Arimateia, acompanhado de outro judeu de apenas um metro e meio de altura.

José ficou contente ao me ver. Esboçou um sorriso triste e apresentou-me a seu companheiro. Era Nicodemos, membro, como ele, do Conselho do Sinédrio e da chamada "nobreza laica" de Jerusalém. Aqueles dois homens, com uma coragem que, em minha opinião, não foi ainda de todo valorizada, traziam uma ordem firmada pelo próprio Pôncio autorizando o traslado do cadáver do Nazareno para

uma tumba privada. José, conhecendo a triste sorte sempre reservada aos justicados – seus corpos eram geralmente devorados por ratos e animais predadores na vala da Geena –, havia visitado o governador e lhe suplicara a custódia de seu Mestre. Pelo visto, esse tipo de petição não era inusitado. Muitos familiares e amigos de executados tinham o costume de recorrer à máxima autoridade romana e, em troca de dinheiro ou presente, conseguiam seu propósito. José também havia levado uma grande soma ao Pretório. Mas, quando Pilatos soube da intenção de seu velho amigo, recusou o dinheiro e firmou o ato de autorização.

O mal foi que José e Nicodemos chegaram ao patíbulo pouco depois de seus fanáticos companheiros do Sinédrio...

O centurião desenrolou o próprio e depois de ler com atenção o texto, concordou.

Mas a inesperada presença dos demitidos membros do Conselho de Justiça Judeu ao pé das cruzes mobilizou de imediato os saduceus. Os sacerdotes viram perfeitamente quando José entregou o rolo ao oficial e suspeitaram que os discípulos do Galileu tencionavam apoderar-se do cadáver.

Enquanto isso, o carrasco havia conseguido desencravar o pulso esquerdo de Jesus. E quando se preparava para fazer o mesmo com o último cravo, uma súbita gritaria o interrompeu. A patrulha e nós todos vimos então que vários juízes, vermelhos de ira, precipitavam-se para o alto do Gólgota, exigindo o direito de dispor dos corpos dos três crucificados.

Longino fez um sinal a seus homens e os quinze, com Arsenius à frente, cobriram a borda oriental do penhasco para barrar a passagem dos furiosos sacerdotes. Ao alcançar o final do caminho que conduzia ao promontório, os juízes pararam, espantados diante dos reflexos das ameaçadoras espadas.

Longe, porém, de retroceder, encararam a escolta reclamando o corpo do Mestre. Parte dos curiosos que se haviam unido aos juízes, instigada e animada por eles próprios, fez coro com a reclamação, insultando os romanos e jogando-lhes pedras. Os amotinados, enraivecidos, começaram a avançar na direção do Calvário. Mas o centurião desembainhou sua espada, colocou-se à frente de seus homens e deu ordem de atacar. Em formação cerrada, protegendo-se dos projéteis com os escudos, os romanos começaram a caminhar com passo firme e decidido ao encontro dos sinedristas que haviam galgado os penhascos. Seus rostos tensos, destilando uma raiva malcontida, fizeram-me tremer. Aqueles soldados pareciam dispostos a tudo. Então os sacerdotes, intuindo o perigo, deram meia-volta e atropeladamente fugiram. Um ou dois, em sua precipitação, rodaram pelo canal e foram sem piedade pisoteados pela patrulha, que, em fila, já corria em direção aos irritados hebreus.

A carga não demorou a produzir efeito. Quando o populacho viu os soldados com as espadas erguidas, dispostos a massacrá-los se fosse preciso, retrocedeu e todos se dispersaram em todas as direções.

Restabelecida a ordem, o pelotão retomou ao alto da rocha, formando um novo e mais numeroso cinturão de segurança em torno das cruzes.

João e as mulheres, que haviam sido obrigados a correr para se proteger da furiosa carga, contemplaram de longe a conclusão do trabalho de desencravamento de Jesus. O restante dos sacerdotes e judeus que se haviam rebelado desapareceu pelos campos ou no interior da cidade. Só uns poucos, já distantes e dispersos, atreveram-se a espiar os movimentos da guarda. Mas em momento algum tiveram coragem de se aproximar a menos de cem metros do patíbulo.

Apesar do forçado isolamento do Calvário, Longino – sempre cuidando de agir com o mínimo de justiça – caminhou até a borda do promontório e, elevando a voz, fez a leitura da ordem de Pôncio Pilatos. Duvido muito que os raivosos juízes tenham chegado a ouvir o oficial.

Em seguida, voltou-se para José de Arimateia e comunicou-lhe solenemente:

– Este corpo te pertence. Faz o que considerares oportuno. Meus soldados te ajudarão para que ninguém se oponha ao teu desejo.

O ancião, pálido ainda de susto, agradeceu as palavras de Longino e, em companhia de Nicodemos, dirigiu-se ao lugar onde descansava o cadáver do Mestre. O patibulum havia sido retirado e também o elmo de espinhos, que foi lançado com força pelo verdugo para o pequeno penhasco situado a oeste. Nem José nem seu amigo, tampouco os soldados, prestaram a menor atenção ao elmo. Simplesmente eu o vi perder-se entre as giestas do acidentado terreno.

Enquanto os soldados iniciavam a segunda descida, o ancião José se ajoelhou junto à maltratada cabeça de Jesus e, depois de contemplá-la em silêncio, estendeu sua mão e baixou a pálpebra direita do Senhor. Depois de vinte ou trinta segundos, retirou os dedos, mas o olho do Galileu voltou a se abrir. José colocou de novo a mão sobre a pálpebra e, assim, a conservou durante uns dois minutos. Nesse momento, uma lágrima solitária rolou pela face do amigo do Nazareno.

Ainda que o rigor mortis – que seria sem dúvida acelerado pela tetanização – não devesse começar antes de umas seis horas após o falecimento, o certo é que a queda do maxilar inferior me fez suspeitar de que os músculos da boca, que havia ficado aberta, não tardariam a entrar em rigidez. Por sua vez, a perna esquerda estava flexionada, possivelmente devido à forçada e prolongada postura da cruz. Seus dedos das mãos – em garra –, com os polegares voltados para o centro das palmas, haviam se tornado muito mais azulados.

Uma vez fechado os olhos de Jesus, Nicodemos descarregou no solo um par de pequenos sacos que, unidos por um cordel, pendiam de seu ombro esquerdo e dos quais não se separara durante todo o tempo. Com a ajuda de José, estendeu sobre a área seca da rocha um pano branco que trazia dobrado sob o braço. (Segundo José de Arimateia me contaria nessa mesma noite na casa de Elias Marcos, ele havia adquirido aquelas seis varas¹⁹⁸ de pano de um comerciante da vizinha localidade de Palmira, ao norte.)

Examinei o tecido e verifiquei que se tratava de uma peça de linho. Medi-o

disfarçadamente com a ajuda da “vara de Moisés” e deduzi que tinha 4,30 metros de comprimento por pouco mais de 1 metro de largura. (Em nossa segunda “aventura”, as análises feitas no interior do módulo sobre esse pano nos dariam assombrosos dados sobre o que pode ter acontecido no sepulcro, os quais, sem dúvida alguma, coroaram nossa missão. Nessa análise, comprovamos, por exemplo, que as dimensões exatas da tela eram 4,36 x 1,10 metros e que ela pesava 234 gramas por metro quadrado, ou seja, o peso dos 4,80 metros quadrados chegava a 1.123 gramas. A fibra, de fato, era de linho, que, submetido a ampliações de até 8 mil vezes, mostrou uma estrutura denominada “4 em espiga” ou “espinha de peixe”. Esse tecido em sarja, exatamente como me havia dito Nicodemos, procedia dos teares de Palmira. Curiosamente, esse tipo de confecção não apareceria na Europa até já bem entrado o século XIV. Mas não desejo estender-me agora sobre nossas fascinantes descobertas sobre o lençol que cobria o cadáver de Cristo durante aquelas históricas 36 horas...)

José de Arimateia verificou a posição do sol e pediu a Nicodemos que o ajudasse a trasladar o cadáver até o lençol. O ancião colocou-se junto à cabeça do Mestre e o amigo, por sua vez, junto aos pés. Ambos se inclinaram ao mesmo tempo. José introduziu suas mãos por debaixo dos ombros do Galileu, pegando pelas axilas. Nicodemos fez o mesmo pelos tornozelos. Trocaram olhares e, quando consideraram que estavam prontos, tentaram erguer o pesado corpo. E digo que tentaram porque é certo que só José de Arimateia conseguiu levantá-lo uns poucos centímetros.

Tentaram uma segunda vez, inutilmente. Os funcionários judiciais e aquelas pessoas que já se viram alguma vez na obrigação de mover um cadáver sabem por experiência que não se trata de algo fácil. Muito menos se os pontos de sustentação não forem adequados. Era o caso de Nicodemos...

Incapazes, em absoluto, de erguer o Nazareno, José não teve outro remédio senão solicitar a ajuda do oficial. Longino, avaliando a delicada situação dos hebreus, suspendeu o trabalho de desencravamento de Dimas, que continuou pendurado no patibulum, e um dos soldados, mais jovem e robusto do que José, foi encarregado da parte superior do Mestre. Passou seus braços pelas axilas, levantando o tronco do cadáver. Ao mesmo tempo, outro soldado flexionou ao máximo os joelhos do rabi, abraçando ambas as pernas na altura da parte de trás dos joelhos. O corpo do Galileu formou então um “V” e, com a ajuda de outros soldados – que colocaram suas mãos nos quadris e nas costas –, os 80 ou 82 quilos do Filho do Homem puderam ser içados e estendidos no lençol.

O corpo foi depositado a uns vinte centímetros da beirada do tecido, com a cabeça quase no centro. Naquele traslado, de apenas cinco metros, a intensa flexão do tronco comprimiu as vísceras torácicas e abdominais, dando lugar a nova hemorragia. Sem dúvida, a pressão fez vazar uma das veias e um grosso fio de sangue brotou da ferida da lança, jorrando pelo flanco direito e deslizando pelas costas, na altura da cintura.

Nicodemos tentou baixar o joelho esquerdo do Mestre, mas não conseguiu mais do que uns poucos centímetros. Os hematomas, os cortes das articulações e a rigidez da perna tornaram impossível seu total alinhamento. José de Arimateia pôs fim aos esforços do companheiro, cobrindo o cadáver com os dois metros de linho que haviam ficado livres.

O oficial, que seguia atentamente a manobra, logo percebeu que os apuros daquela voluntariosa dupla de sinedristas não terminavam ali. Nicodemos e José, aturdidos, ao perceberem que o traslado de Jesus iria exigir a colaboração de pelo menos quatro homens, voltaram a implorar ajuda a Longino. Este, sorridente, recomendou ao seu lugar-tenente uma parada na operação de descida dos zelotes, designando em seguida quatro homens dos mais robustos para se encarregarem da remoção do cadáver até a tumba escolhida.

Nicodemos e José pediram ao oficial que lhes permitisse colaborar no traslado do corpo do improvisado féretro. E assim se fez. Às quatro e meia da tarde, o próprio centurião, outro mercenário e os dois amigos de Jesus ergueram o lençol do frio solo do patíbulo e carregaram os restos mortais do Filho do Homem. Atrás vinham os três soldados restantes, com as espadas desembainhadas, e eu, com a alma tão descarnada quanto aquela funesta rocha da qual nunca mais me esquecerei.

Embora João fale, em seu relato, de um sepulcro situado no mesmo local da crucificação, por mais que eu observasse a região durante minha permanência no alto do Gólgota, não consegui descobrir um único ponto junto ao penhasco que reunisse as principais características assinaladas pelos evangelistas, ou seja, um horto e alguma pedra na qual se pudesse escavar uma tumba. Mas logo essa nova incógnita ficaria resolvida.

Assim que descemos do maciço rochoso, Zebedeu e as mulheres saíram ao nosso encontro. José tranquilizou o centurião, que, ao ver aproximar-se o pequeno grupo, colocara-se em guarda. Quase de joelhos, o apóstolo dirigiu-se ao soldado que segurava uma das extremidades do lençol suplicando-lhe que lhe cedesse seu posto. Longino respondeu ao olhar interrogativo de seu soldado com um movimento afirmativo de cabeça, e João o substituiu no traslado.

Nenhum crucificado podia ser enterrado em cemitério judeu, assim estabelecia a lei. José e Nicodemos sabiam disso e, antes mesmo de visitar Pilatos, já haviam decidido sepultar o Mestre em uma das propriedades do ancião de Arimateia. Mas o final daquela trágica sexta-feira se aproximava a passos largos. As trombetas do Templo não tardaram a anunciar o ocaso e, com ele, a entrada do sábado e da solene festa da Páscoa. Era preciso agir depressa. E os membros do Sinédrio, que carregavam o lençol pela parte dos pés, aceleraram o passo. Atrás, a uns quatro ou cinco metros, seguiam Maria, a de Magdala; Maria, a esposa de Cleopás; Marta, outra das irmãs da mãe de Jesus; e Rebeca de Séforis. Os soldados, por sua vez, haviam-se dividido, cobrindo os flancos do corpo.

Ao contemplar o silencioso e furtivo cortejo fúnebre, não pude reprimir uma

tristíssima sensação de solidão. Abandonado pela maioria de seus amigos e fiéis seguidores, ultrajado depois da descida da cruz por aquela turba de fanáticos, o Galileu agora – a caminho do sepulcro – nem sequer podia ser sepultado com um mínimo de dignidade e repouso. Até o mais pobre e miserável dos judeus, segundo a lei, tinha direito a um enterro com, pelo menos, dois músicos de flauta e uma carpideira. Para o Nazareno já não restavam nem as lágrimas. Os corações das mulheres e dos três amigos haviam secado. Quanto ao acompanhamento, apenas me lembro dos apressados passos da escolta e dos que carregavam o cadáver, arrastando no caminho cardos e abrolhos.

José e Nicodemos dirigiram o traslado bordejando a muralha norte de Jerusalém e seguindo quase o mesmo itinerário da via-crúcis. Cruzamos a estrada de Samaria e dez ou quinze minutos após o início da marcha, suarentos e com os dedos machucados pelo peso do corpo, os componentes da comitiva pararam diante de um horto. Estávamos ao norte do Gólgota e relativamente perto da fortaleza Antônia, a cerca de uns 100 ou 150 metros. (Era lógico que os ricos fazendeiros de Jerusalém não possuíssem propriedades, plantações ou hortos de recreio próximo ao penhasco onde se justificavam ladrões e outros criminosos. Aquele, entretanto, parecia um lugar tranquilo e belo.)

Uma das mulheres, creio que Madalena, adiantou-se e soltou a corda que, com um laço, prendia um portão de madeira de um metro de altura a uma cerca de estacas meticulosamente branqueadas a cal. Essa sebe, de altura igual à da cancela de entrada, perdia-se à direita e à esquerda entre a ramaria de uma infinidade de árvores frutíferas.

Ao serem giradas, as ferragens articuladas dos gonzos rangeram como animal ferido. O grupo precipitou-se no interior da propriedade. Caminhamos cerca de cinquenta passos, sempre em meio a uma frondosa plantação de pequenas árvores selecionadas, até chegarmos a uma bifurcação do estreito caminho que começava no próprio umbral da porta do horto. Depois de uma breve parada, suficiente para recobrar o ânimo, José e Nicodemos fizeram um sinal aos soldados e tomamos o desvio da direita. O da esquerda levava a uma casinha situada a cerca de uma centena de metros, que, a julgar pela serpenteante e espigada coluna de fumaça que escapava pela chaminé, devia ser habitada. Dois pequenos cães saíram de entre as árvores, saltando e ladrando alegremente entre as pernas de José de Arimateia. Mas o ancião os fez recuar com um grito autoritário.

Percorridos uns vinte metros da bifurcação, apareceu diante de mim uma suave elevação do terreno. Era uma formação calcária que não se destacava mais do que um metro e meio do nível do solo.

Aí fizemos uma parada e José de Arimateia anunciou ao oficial que já podiam depositar o corpo de Jesus no solo.

Dois passos além do ponto onde agora repousava o cadáver do Nazareno, o solo argiloso que rodeava aquela pedra rochosa havia sido removido. José, o proprietário do lugar, havia mandado construir uma rústica escada que descia até

uma estreita galeria de apenas dois metros de largura. Ao fim dos cinco degraus, entrava-se na galeria e defrontava-se com uma fachada, perfeitamente trabalhada sobre a rocha viva. Grosso modo, calculei a altura daquela parede rochosa em uns três metros. No centro, havia uma diminuta porta quadrangular de noventa centímetros de largura. José nos pediu que o desculpássemos e afastou-se rapidamente em direção à casinhola.

Enquanto os soldados aproveitavam aquele intervalo para sentar-se e descansar, agachei-me e tentei dar uma olhada no interior da cripta. Uma pedra redonda, muito parecida a uma mó de moinho, com um metro de diâmetro, repousava à esquerda da boca de entrada do sepulcro. Ao pé da fachada, havia sido aberta uma canaleta de uns vinte centímetros de profundidade por trinta de largura, que corria por toda a fachada. A pedra, cujo peso devia ser superior a quinhentos quilos, polida de modo tão tosco quanto a fachada, estava disposta de tal forma que – para vedar o estreito orifício que fazia as vezes de porta – bastava fazê-la rolar sobre a canaleta, à qual se ajustava quase matematicamente. Ao passar a mão sobre aquela pedra redonda, imaginei o enorme esforço que deve ter custado aos operários seu traslado até o fundo da galeria e quanto exigiria cada manobra de abertura e fechamento da tumba.

Mas, ao introduzir a cabeça no interior da cripta, a escuridão era tal que não consegui distinguir sua profundidade nem a altura das paredes ou qualquer outro detalhe.

Ergui-me e, enquanto aguardava José, dediquei-me a medir aquela espécie de antecâmara, ou galeria. Da fachada até o degrau mais baixo, a distância era de 2,20 metros. As paredes da galeria, a céu aberto, iam descendo desde os três metros (altura máxima e que correspondia à fachada da tumba) até mais ou menos um metro, no nível do degrau mais alto.

Minhas medições foram interrompidas pela volta do ancião, que vinha acompanhado de um hebreu de uns cinquenta anos, com barba bem cuidada e que lembrou o falecido Mestre. Tinha na cabeça um largo chapéu de palha e carregava uma volumosa e pesada ânfora. José trazia nas mãos dois archotes de cabo curto e uma espécie de pano.

Eram cinco da tarde quando o dono do horto se ajoelhou diante da câmara sepulcral e, com muito cuidado, estendeu a mão esquerda e depositou uma das tochas no interior da cripta. Em seguida, entregou a segunda tocha a seu servo e jardineiro, que, solene e mudo como uma estátua, permanecia imóvel na galeria.

José, sempre naquela posição forçada, arrastou-se e penetrou na cova.

O tremeluzir avermelhado da tocha dentro da tumba desapareceu em poucos segundos. E o ancião, assomando a cabeça pela abertura, pediu a segunda tocha. Seu ajudante apressou-se a entregá-la, fazendo o mesmo com o pano.

Quando José considerou que tudo estava em ordem, saiu da galeria e fez um sinal a Nicodemos para baixarem o corpo do Mestre.

Os soldados cumpriram a ordem, colocando os restos sobre a terra

avermelhada e aplainada da galeria. O cadáver foi orientado de forma que a cabeça ficasse defronte à estreita entrada. O ancião voltou então para o interior, seguido do centurião. Uma vez lá dentro, ambos começaram a retirar o lençol, ajudados do exterior por outros três soldados.

Quando, por fim, o corpo foi introduzido na tumba, Nicodemos foi passando a José os dois sacos que ainda pendiam de seu ombro e a ânfora. Satisfeita esta última parte do árduo traslado, também Nicodemos se inclinou e, de joelhos, perdeu-se na mortíca claridade do sepulcro, seguido de João.

Ignorando se encontraria lugar para mim, aventurei-me a seguir Nicodemos. Meu metro e oitenta de altura obrigou-me a dobrar a coluna e a arrastar-me sobre o piso rugoso e incômodo.

Ao erguer a vista, encontrei-me em um recinto quadrado, de uns 3 metros de largura e por 1,70 de altura, aproximadamente. (Desta última medida estou bastante seguro, porque durante o tempo em que permaneci no interior da cripta não tive outra alternativa senão inclinar a cabeça para não bater no teto rochoso, escavado a duras penas com escopro de cantaria, a julgar pelos cortes chanfrados da abóbada e do resto das paredes.)

Minha intromissão foi bem recebida. Quando me ergui, os quatro homens se esforçavam para levantar o cadáver até um simulacro de banco de sessenta e cinco centímetros de altura, igualmente roubado da massa pétreia e localizado na parede direita (sempre tomando como referência a boca de entrada).

Apressei-me a juntar-me a eles, colaborando no definitivo e último içamento do Nazareno. (Aquele insignificante e pobre gesto não teria sido aprovado pelo rigoroso código do Cavalo de Troia, mas isso já não importa mais...)

Os restos de Jesus repousavam finalmente sobre um leito de pedra de um 1,89 metro de comprimento por 93 centímetros de largura, que, para dizer a verdade, parecia ter sido escavado sob medida para o Galileu.

José apressou-se a descobrir o cadáver, enquanto Nicodemos desdobrava o pacote de pano para extrair dele, em primeiro lugar, duas penas totalmente brancas que, à primeira vista, pareciam ser de alguma ave doméstica.

À luz cambaleante das tochas – colocadas por José em cada um dos cantos da cripta – surgiu de novo ante nossos olhos o ensanguentado, sujo e malcheiroso corpo do até horas antes majestoso Filho do Homem. As crostas de excrementos haviam acabado de secar sobre as coxas e pernas, exalando um cheiro insuportável. Ainda que só tivessem transcorrido duas horas desde o instante de sua morte clínica, os pés, com as unhas azuladas, já apresentavam contração post-mortem, com predomínio do extensor dos dedos. A rigidez, como eu temia, avançava irremediavelmente. A cabeça pendia para o lado direito, e a boca permanecia aberta, apresentando tonalidade lívida e pronunciado arroxamento dos lábios. O tórax, totalmente relaxado, estava coberto por uma mistura de terra e sangue ressecado, com uma infinidade de coágulos que despontavam sobre todo o tórax e já não obedeciam à lei da gravidade. Observei que o epigástrico estava

afundado e, com ele, as pregas do abdome, especialmente em sua metade inferior.

Mas o que mais me chamou a atenção foi a mão direita. Seu dorso e bordo cubital estavam praticamente ocultos sob uma grande mancha de sangue coagulado; os quatro dedos longos, com pronunciada cianose e dimensões ligeiramente superiores em relação aos da esquerda, conservavam o já citado garroteamento em forma de "garra". Aquele aumento da extensão dos dedos da mão direita, a meu ver, só podia ter sido causado por alguma das terríveis lesões nos correspondentes músculos extensores, por causa da extração do cravo e da segunda perfuração do carpo.

O joelho esquerdo continuava dobrado; ambos os cotovelos, já enrijecidos, mantinham os antebraços em flexão.

Quando vi Nicodemos introduzir as penas nas fossas nasais de Jesus, compreendi sua intenção. Se o corpo conservasse um mínimo de vida, o roçar das plumas irritaria as mucosas e excitaria sua respiração. Era, como havia escrito o rabino A. Levy, a "certificação da morte".

Nem é preciso dizer que o Galileu não mostrou reação alguma. Cumprido o "trâmite", José voltou a assomar à entrada da tumba, mas retomou no mesmo instante.

– Precisamos nos apressar – disse em voz baixa. – O sábado não tardará a apontar.

Depois, abrindo a ânfora, verteu parte da água em um pedaço de esponja acinzentada e perfurada por centenas de minúsculos orifícios. Nicodemos colocou-se aos pés do Mestre, erguendo-lhe a extremidade esquerda até onde foi possível. José de Arimateia despojou-se do manto e, arregaçando a túnica, começou a esfregar e limpar a face posterior da coxa e da perna de Jesus. Depois repetiu as lavagens na perna direita, concluindo com uma série de imperfeitas fricções nas nádegas, testículos e ânus.

– Deixemo-lo assim... – disse Nicodemos, cada vez mais preocupado com o iminente fim da sexta-feira.

José de Arimateia atirou a esponja ao chão e começou a desatar os sacos de aniagem, enquanto seu companheiro buscava algo no fundo do pacote de pano. Um dos sacos continha entre quinze a vinte quilos de um pó granulado, de cor amarelo-ouro, extremamente aromático, que, assim que foi aberto, espalhou uma deliciosa fragrância por toda a cripta. Longino e eu nos olhamos, agradecendo aquela súbita mudança no pesado ambiente da tumba.

No segundo saco, distingi um jarro bojudo de cobre, fechado com um tampão de pano. Nicodemos o abriu, enquanto José o repreendia por sua lentidão. Por fim, entre as peludas mãos do ex-sinedrista vi aparecerem pedaços de pano. Eram tiras estreitas, esgarçadas, que, pela irregularidade dos fios, deviam ter sido arrancadas de alguma velha peça.

Nicodemos selecionou uma daquelas "vendas" (de pouco mais de um metro de comprimento) e, pegando-a por ambas as extremidades, esticou-a e colocou-a

sobre o saco que continha o pó dourado. Sem perder tempo, Arimateia enfiou a mão esquerda no saco, pegando um punhado de pó. Depois deixou-o escapar pela parte inferior do punho, cobrindo mais que generosamente a superfície da tela. O trêmulo pulso do ancião fez que boa parte do aloés – porque era disso que se tratava – caísse no saco ou se derramasse sobre o piso da câmara. Sem disfarçar demais, recolhi um punhadinho daquele pó e o guardei. (Submetido, posteriormente, a uma análise microscópica pela equipe do projeto Cavalo de Troia, apurou-se que aquela substância era na realidade uma das variantes do aloés: o chamado “sucotrina”, que deve seu nome à ilha de Socotora, na entrada do Golfo Árabe. Geralmente se apresenta em blocos de fratura brilhante, como que vítrea, nas tonalidades vermelha, rosada, esverdeada ou amarelada. Submetido à pulverização, esse aloés proporciona um produto granuloso, idêntico ao que eu tinha diante dos olhos. No caso do aloés de Socotora, sua origem, como a de outros tipos de aloés – “hepático ou das Barbadas”, “cavaludo” etc. –, está no sumo que se extrai de diferentes espécies botânicas. Trata-se de grandes e formosas plantas da família das liliáceas (grupo dos asfódelos), que crescem nas regiões quentes da Ásia, África e América. Do centro de um conjunto de folhas grandes e carnosas, com bordas em pontas, sai um talo, ou pedúnculo, que ostenta em seu ápice uma larga espiga de flores tubulares, geralmente bilabiadas e vermelhas. O sumo é produzido pelas folhas.

José levantou-se e, colocando-se aos pés do Mestre, procurou juntá-los, levantando-os de modo que seu companheiro pudesse passar a peça de pano impregnada de aloés na altura dos joelhos. Em seguida, Nicodemos foi assoprando sobre o aloés e, para minha surpresa, seu aroma particular se fez mais intenso e penetrante.

Amarrou a “venda” na ponta dos pés e, apanhando de novo o saco, repetiu a operação com uma segunda faixa. Dessa vez, antes de amarrar as mãos do Galileu, José teve o cuidado de depositá-las reverencial e pudicamente sobre o púbis do cadáver. A esquerda sobre a direita. Uma e outra mostravam uma mancha redonda de sangue coagulado sobre a parte superior do punho. A forma triangular do ferimento, com bordas negras e descarnadas, me fez estremecer.

Uma vez atado o cadáver, como mandava a lei judaica, os amigos do rabi se inclinaram novamente sobre os sacos. Nicodemos removeu o conteúdo do jarro, enquanto José enchia as mãos com um volume considerável de aloés.

Na mão esquerda de Nicodemos surgiu uma substância pastosa, de aspecto gomo-resinoso, que brilhou à luz das tochas como milhares de lágrimas avermelhadas. Era mirra. Seu forte odor, muito menos agradável que o do aloé, em seguida se misturou ao pó, me sufocando.

Nicodemos postou-se à altura da cintura do cadáver, enquanto o velho José fazia o mesmo junto às extremidades inferiores. Durante alguns segundos ele manteve suas mãos firmemente fechadas, aprisionando o pó dourado. Quando as separou, o aloés havia-se transformado em um pasta macia, quase plástica.

E ambos, a um só tempo, se puseram a besuntar e a fechar os cortes e os orifícios naturais do corpo de Jesus. Nicodemos ocupou-se das fossas nasais, dos ouvidos e das grandes feridas dos flancos. José, dos profundos cortes dos joelhos, dos orifícios dos cravos das mãos e dos pés, e da rede de pequenos orifícios provocados pelos pregos das sandálias dos soldados (paradoxalmente, daqueles mesmos que o haviam defendido depois de morto...).

Saltava aos olhos a pressa dos homens. Se trabalhassem mais lentamente, é provável que o tamponamento não tivesse sido feito. Uma prova do que digo surgiu quando José recordou que faltava o reto. Mas as extremidades inferiores de Jesus estavam amarradas, e foi preciso a ajuda de Nicodemos, que, resmungando, ergueu novamente as pernas do Galileu para que o ancião alcançasse e tamponasse o ânus. Logicamente, ao concluir essa manobra, grande parte do pó dourado depositado na faixa que mantinha unidos os pés deslizou, caindo sobre o lençol de linho.

Ao terminar, José, pressionado pela iminente chegada do crepúsculo, dirigiu-se novamente para a pequena abertura, mas, na sua afobação, tropeçou na ânfora e faltou pouco para que caísse de bruços. Uma vez verificada a posição do sol, retomou ao banco de pedra, murmurando algo ininteligível.

Nesse ínterim, Nicodemos – mais sereno do que José – havia desatado de seu braço direito um longo lenço de coloração granada, utilizado habitualmente para enxugar o suor. Dobrou-o habilmente e envolveu com ele a cabeça de Jesus. O lenço, fortemente amarrado no alto da cabeça, ergueu o maxilar inferior, fechando assim a boca de Cristo.

Tudo estava consumado naquele improvisado e provisório sepulcro. Antes de abandonar a cripta, enquanto Nicodemos recolhia e levava para o exterior os diversos utensílios, José apanhou sua bolsa e, ao acaso, extraiu dela um par de moedinhas de bronze de uns quinze milímetros de diâmetro cada uma. Seguindo um remoto costume, José as depositou sobre as pálpebras do Nazareno. Só que a grande inflamação do olho esquerdo fez o lepton escorregar.¹⁹⁹

Ainda que a cabeça do Mestre tivesse sido escorada na altura das orelhas com a massa de mirra, a tremenda deformação da região malar mantinha o olho oculto, tornando difícil a colocação da moeda sobre a quase irreconhecível pálpebra. Mas José insistiu, conseguindo, por fim, um precário equilíbrio da moeda sobre os hematomas.

Os fachos, com suas cintilações, deram uma faísca de vida nas brilhantes superfícies dos leptons.

Ao me inclinar, comprovei que a cunhagem de ambas era extremamente rudimentar, com uma efígie descentrada e numerosas imperfeições. As duas procediam seguramente da mesma emissão, a julgar pelas idênticas inscrições e pelo lituus, ou cajado central,²⁰⁰ e sobretudo pela mesma falha ortográfica nas letras que cingiam o círculo da referida efígie do lituus, ou “cajado mágico”.²⁰¹ A legenda em questão dizia o seguinte: “TIBEPIOY CAICAPOC”. Ou seja, “Tiberiou

Káisarís”, ou “de Tibério César”.

Ergui com curiosidade a moedinha da pálpebra direita e no reverso descobri a não menos desgastada silhueta de um simpulum (caneca especial para provar vinho), utilizado nas oferendas rituais das libações pagãs. No centro, junto a essa concha, ou caneca, lia-se o número “16”, formado por um “jota” (equivalente a “10”) e pelo chamado “epísemon”, que correspondia a “6”. Em outras palavras, a data “16”, ano do reinado de Tibério César, ou 29 da Era Cristã.

Antes de cobrir de uma vez por todas o cadáver com o lençol, o bom amigo de Jesus se ajoelhou e, baixando a cabeça, guardou alguns minutos de silêncio. João Zebedeu o imitou. Foram instantes especialmente tensos e emotivos. Compreendi, com desolação, que aquela era a última vez que eu veria o corpo sem vida do Mestre. Não devo ocultar que, ao pousar meus olhos sobre seus massacrados restos, uma dúvida assaltou-me, tão densa e angustiosa quanto aquela câmara mortuária: ele ressuscitaria tal como havia anunciado? Mas como? Aquela devastadora catástrofe havia reduzido seu corpo e seu organismo a frangalhos...

Confesso com toda a sinceridade: meu espírito científico se rebelou. Ninguém, que se soubesse, havia conseguido isso em toda a história da humanidade. Por que aquele Galileu iria conseguir, tão humano que era como os demais? Se realmente gozava de poderes tão extraordinários, por que não havia evitado tanto suplício e, sobretudo, uma morte tão cruel e humilhante?

Nicodemos e quase todos os amigos e discípulos tampouco estavam muito seguros da anunciada ressurreição de Jesus. Até mesmo José duvidava. Um sinal palpável do que digo estava justamente naquela rápida e sumária limpeza do cadáver. A iniciativa do ancião de Arimateia, de seu companheiro e das mulheres que esperavam fora da cripta nada tinha a ver com essa presumida ressurreição do rabi. Se tivessem realmente acreditado em algo tão prodigioso, por que postergar o embalsamamento definitivo do corpo de Jesus para depois da festa do sábado? O mais lógico teria sido não tampar suas feridas, nem cobri-lo com produtos aromáticos, destinados unicamente a neutralizar o iminente mau cheiro da putrefação.

Encurvado, aturdido e cansado ao extremo de tantas emoções e da falta de sono, não fui capaz de formular um só pensamento, nem uma fugaz oração ante o Filho do Homem. Com grande desolação, descobri que não me lembrava de nenhuma das poucas orações que aprendera na infância. Todavia, juntei-me simbolicamente a José de Arimateia quando ele depositou na enrugada testa do amigo um cálido e prolongado beijo.

Depois, José cobriu o corpo de Jesus com o lençol e apanhou as tochas. Eu me apressei a recolher seu manto e, nesse momento, ao abaixar-me, descobri em um dos desvãos da câmara – semi-ocultos na penumbra – dois cestos de vime cheios de entulho e uma pequena picareta. José percebeu e desculpou-se pela desordem do lugar. Segundo seu comentário, o sepulcro estava ainda em obras...

Por volta das cinco e quarenta e cinco da tarde, João, Longino e eu saímos para

a galeria. O resto foi relativamente cômodo. Enquanto José empunhava as tochas, o centurião, seus quatro soldados e o hortelão deslocaram a rocha circular, fazendo-a rodar pela profunda ranhura até que fechasse por completo a abertura da fachada. E digo "relativamente cômodo" porque, não fosse a presença dos seis homens, não sei como José e Nicodemos poderiam ter movido aquela meia tonelada...

O rangido sinistro e de dar calafrios da pedra roçando a parede principal do panteão pôs um ponto final em muitas das esperanças daqueles homens e mulheres. Como eu poderia imaginar naquele momento que o selamento do sepulcro não era outra coisa senão um breve parêntese nessa incrível e surpreendente história?

Antes de partir para Jerusalém, José agradeceu a decisiva e inestimável ajuda dos romanos e deu a cada um deles uma generosa quantia em dinheiro. Creio não me equivocar se disser que, a partir daquela sexta-feira, a amizade entre Longino e José germinou firme e sincera.

Ao abandonar o horto, as mulheres, que se haviam mantido longe do sepulcro – tal como especificava a lei judaica –, uniram-se ao cansado passo de José, manifestando sua dúvida sobre o esmero daquele apressado sepultamento do Mestre. Tanto Nicodemos como o ancião concordaram com a observação das hebreias e deram-lhes autorização para que no domingo, logo cedo, fizessem um embalsamamento correto. Nicodemos entregou-lhes os restos de aloés e mirra e pediu-lhes que não se esquecessem de aparar os cabelos e a barba de Jesus, lavando-os cuidadosamente, e de colocar sobre seu corpo uma pluma ou uma chave, símbolo de seu celibato, como se fazia desde os tempos imemoriais. Mas eles também procurariam estar presentes.

Diante da porta dos Peixes, o oficial e seus homens se despediram, regressando ao Gólgota, com a expressa missão de conduzir os corpos dos zelotes para a fossa da Geena.

Às seis da tarde, quando estávamos a poucos passos da casa de Elias Marcos, três clarinadas se ergueram da cúpula do Templo, anunciando à cidade o fim da sexta-feira. A partir desse momento, já em plena festividade da Páscoa, a atividade em Jerusalém foi decrescendo. As pessoas, alegres e recuperadas do susto provocado pelos tremores de terra, corriam apressadas para casa, dispostas a festejar e preparar a ceia pascal. Não sei por que, mas aquela excitação e as constantes saudações dos hebreus, desejando paz ao se cruzarem nas estreitas vielas, trouxeram-me à memória o ambiente festivo e tão especial dos dias que precedem o Natal e que eu havia vivido em minha terra. Curiosamente, salvo Nicodemos, João, José e o grupo de mulheres, que caminhavam cabisbaixos, os demais peregrinos e habitantes da Cidade Santa não se mostravam aflitos – nem de longe – pelo que acabava de acontecer no penhasco do Calvário. Estou convencido de que uma imensa maioria nem mesmo sabia ainda da trágica morte do profeta da Galileia. E se sabia, evidentemente havia esquecido e não se

importava... Esse era o triste, mas autêntico panorama daquela Jerusalém do dia 7 de abril do ano 30. Um dia que, durante muito tempo, seria recordado não pela crucificação de Jesus de Nazaré, mas pelo “nefasto augúrio” do escurecimento do sol e do posterior terremoto.

Nicodemos e João se despediram na porta da casa dos Marcos. O primeiro estava disposto a reunir-se com os apóstolos que se haviam refugiado em sua casa e a celebrar com eles a obrigatória Páscoa. Zebedeu, desalentado e imerso em sua tristeza infinita, afastou-se a caminho de sua casa, onde o aguardava a mãe de Jesus.

José concordou em acompanhar as mulheres até o interior da mansão dos Marcos, onde estavam as companheiras que Judas havia trazido do Gólgota.

A família, desolada pelos acontecimentos, acolheu o ancião e as hebreias com grande solicitude, pedindo-lhes que narrassem tudo o que havia acontecido a partir da morte do Mestre. O efficientíssimo serviço de mensageiros de Davi Zebedeu havia mantido informados pontualmente os principais núcleos de amigos e seguidores do rabi. Por meio desses correios, Elias Marcos e os demais apóstolos espalhados por Jerusalém, Betânia e Betfagé haviam sabido da morte do Galileu entre uma e duas horas depois.

Quando o ancião concluiu seu relato, a esposa de Elias voltou a encher nossos copos com o vinho quente e reconfortante. E antes que José se retirasse, pedi-lhe que me informasse o que ocorrera desde o momento em que o vi afastar-se para ir ao Templo, em pleno incidente com os juízes e judeus que tentavam mudar o texto do “inri” do Nazareno.

José olhou para mim com infinito cansaço.

– Para que recordar essa triste história? – perguntou.

Mas eu necessitava averiguar o acontecido no interior do Santuário. Que teria ocorrido na reunião do Sinédrio? Que fora feito de Judas Iscariotes? O filho de Elias Marcos não estava em casa, ou pelo menos eu não o havia visto, e isso me preocupava.

Supliquei-lhe com tal ansiedade que o bom José acabou cedendo.

– Dos muros da torre Antônia – começou o ancião –, dirigi-me ao Templo. Como comentamos, em seu coração havia uma suspeita: os cegos saduceus, leais ao clã de Caifás e de seu sogro, podiam conspirar também contra os íntimos do Mestre. O temor deles de um levante por parte dos seguidores e amigos de Jesus não se havia dissipado com a condenação à morte do Mestre, sancionada por Pilatos. Ao contrário. Precisamente a partir desse momento – segundo eles –, a situação era muito mais delicada. E, da mesma forma que haviam tentado capturar Lázaro, adotaram as medidas oportunas para prender e encarcerar os discípulos.

– Medidas? Que medidas? – atalhei.

– Assim que voltaram ao seu quartel-general no Santuário, os levitas, obedecendo às instruções do sumo sacerdote, formaram uma escolta e saíram para a propriedade de Simão, “o leproso”, em Getsêmani. Graças à infinita bondade de

Deus – bendito seja seu santo nome! –, pouco antes da partida, pude estabelecer contato com um dos emissários de Davi Zebedeu. Ao informá-lo do que se propunha o Sinédrio, ele correu até o monte das Oliveiras para dar o alerta. Mas sobre a sorte dos que ali estavam acampados não posso dizer grande coisa. Só sei que, no seu regresso, o capitão da guarda do Templo mostrou-se furioso: “Os seguidores do impostor – explicou a Caifás – fugiram como covardes, mas incendiámos o acampamento...”.

“O sumo sacerdote e a maioria dos membros do Sinédrio se acalmaram, achando que a debandada dos homens do Nazareno reduzia consideravelmente o risco de um motim. E Caifás, reunido com o Conselho na sala das “pedras talhadas”, prosseguiu seu informe sobretudo o que ocorrera de noite e de madrugada, até o momento em que o Mestre fora introduzido em definitivo no Pretório.

“O amontoado de mentiras, injúrias e arbitrariedades sustentadas pelo genro de Anás foi tal que, irritado, retirei-me do tribunal. Mas quando me retirava do Templo, apareceu Judas. Olhamo-nos em silêncio e o traidor entrou na sala do Sinédrio. Aí, então, regressei ao interior da sede do Conselho, disposto a destruir aquele miserável. Mas não foi preciso. Ao ver Iscariotes, Caifás e seus homens começaram a murmurar entre si, mas ninguém lhe dirigiu a palavra. Aparentemente, Judas esperava uma recepção triunfal. Pensou, de modo equivocado, que aquela ralé o cumularia de honras, enaltecendo seu “grande serviço à nação”. Pobre desgraçado!

“A um sinal do sumo sacerdote, um dos servidores se dirigiu a Judas e, tocando em suas costas, convidou-o a segui-lo. Visivelmente confuso e decepcionado, o traidor obedeceu, e ambos saíram da sala.

“Então, o servo entregou-lhe uma bolsa e disse-lhe: “Judas, fui encarregado de te pagar por traíres Jesus. Eis aqui tua recompensa”.

“Iscariotes, pálido, abriu a bolsa e, com um sangue frio que ainda me aterroriza, contou as moedas...”

José fez uma pausa e, quando eu dava como certo que ele me diria qual o valor da recompensa, esquivou-se do assunto. Vi-me na obrigação de interrompê-lo outra vez e mostrar meu interesse em conhecer a quantia.

– Trinta moedas... – replicou o ancião, com repugnância.

– Denários de prata? – perguntei.

– Não, trinta siclos.

(Essa moeda de prata, conhecida popularmente como “siclo de Tiro”, constituía, como já disse, o dinheiro habitual no pagamento dos tributos do Templo. Era também uma peça comumente usada pelos sacerdotes na maior parte de suas transações comerciais. Equivalia, naquela época, a quatro denários de prata. Uma soma, portanto, “mediana”. É preciso ter em conta que, segundo o testemunho evangélico de Mateus (27,9), os sacerdotes compraram um terreno com o dinheiro que Judas havia recusado. Hoje, esses 120 denários de prata poderiam

corresponder a uns duzentos dólares.²⁰²

E José prosseguiu:

– Quando o traidor verificou o valor da bolsa, ficou lívido e mudo de estupor, e lançou-se para a porta do Conselho, disposto – suponho – a protestar. Mas o porteiro cortou-lhe a passagem, proibindo-lhe a entrada. Derrotado, Judas passou da cólera à sua habitual frieza. Guardou a bolsa e afastou-se da sala das “pedras talhadas”. E desde então não voltei a vê-lo...

Foi inútil minha insistência. José de Arimateia, de fato, havia perdido a pista do traidor. Ignorava sua morte e, certamente, não podia conhecer o incidente do Templo e o gesto desesperado de Iscariotes, jogando as moedas no tesouro do Santuário. Eu estava a par dessa última ação de Judas pela leitura prévia de Mateus, mas teriam as coisas acontecido como as descreve o autor sagrado?

Quis a sorte que eu pudesse resolver essa incógnita pouco depois da saída do ancião da casa de Elias Marcos. Havia dois assuntos que me obrigavam a permanecer naquela casa e que, por acaso, foram um magnífico pretexto para averiguar outro dado.

O projeto Cavalo de Troia me havia dado a inevitável missão de resgatar o microfone que eu havia camuflado sob a lanterna da sala em que havia ocorrido a última ceia de Jesus. Uma das normas básicas do projeto especificava que os “astronautas” não podiam deixar na área de exploração nenhum resto, sinal ou indício de sua passagem. Tampouco era lícito trazer para o “nosso tempo real” algo que pertencesse à referida época. A recuperação dessa peça, conseqüentemente, era obrigatória.

Por outro lado, era imprescindível que eu falasse com o jovem João Marcos. Mas o adolescente não aparecia. Assim é que, invocando um sentimental desejo de ver pela última vez o cenáculo, convenci a esposa de Elias a me acompanhar ao piso superior.

Quando entramos na sala, meu coração quase parou. A lanterna havia desaparecido!

A hebreia notou minha palidez, confundindo minha angústia com uma compreensível e honrosa emoção ao pisar de novo o recinto onde havia ceado o Mestre. Tomando cuidado para não perder o controle dos nervos, percorri com os olhos toda a sala, na busca ansiosa da maldita lanterna. Mas, evidentemente, alguém a havia levado da casa.

À beira de um colapso, interroguei a dona da casa sobre o paradeiro da bela peça. Sem dar importância ao assunto, a mulher explicou-me que ela havia sido transformada em cacos pelo terremoto. Um dos criados a havia levado a uma oficina de Jerusalém para ser reparada.

Agradei sua gentileza por permitir que eu revisse o cenáculo e, desarvorado, voltei para o pavimento térreo. Eu sabia que, a partir do toque das trombetas – e tratando-se de uma festa tão solene como aquela –, as atividades artesanais e de qualquer outro tipo cessavam automaticamente e não seriam retomadas até que a

Páscoa passasse. Como podia eu recuperar o microfone, se o retorno do módulo havia sido fixado para as sete horas da manhã de domingo? Como creio já ter assinalado, esse contratempo veio somar-se à série de razões que aconselharam o projeto Cavalos de Troia a repetir o grande “salto” ao ano 30.

Absorvido por esse inesperado incidente, quase não me dei conta da passagem do tempo. A família de Marcos, ocupada com os preparativos da ceia pascal, também pouco reparou em mim.

Por volta das oito da noite, quando o sono começava a vencer-me, alguém me tirou de meus confusos pensamentos. Ao erguer os olhos, encontrei diante de mim dois rostos bem conhecidos. Um, sorridente – o do ativo Davi Zebedeu – e outro, pelo contrário, carregado e aflito: o do jovem filho de meus hospitaleiros anfitriões.

Aquilo me desafogou por um momento.

Davi, com uma alegria que eu não conseguia entender, pôs em minhas mãos o manto de linho branco que eu havia adquirido na tarde de quinta-feira na tinturaria de Malkiyias e do qual, honestamente, eu havia me esquecido.

– Suponho que estejas inteirado de todo o ocorrido – disse por fim o chefe dos emissários.

Assenti em silêncio.

Ao perceber meu abatimento, Davi abraçou-me com carinho e exclamou com uma convicção que me deixou atônito:

– Ressuscitará! Ele prometeu...

Perscrutei os cansados olhos daquele hebreu e fiquei maravilhado. Ele acreditava mesmo no que estava dizendo. Era assombroso. Tinha diante de mim o único ser que acreditava cega e firmemente na promessa do Mestre. Nem no audaz João, o evangelista, nem em José de Arimateia nem em nenhum outro discípulo ou amigo de Jesus eu havia visto uma fé como a daquele homem. E, paradoxalmente, ele sequer é citado nos textos evangélicos...

Agora, sim, estava claro qual era a razão de sua alegria.

Antes de sua partida para a casa de Nicodemos, onde havia instalado seu “centro de correios”, Davi me informou sobre suas últimas peripécias no acampamento de Getsêmani. De fato, ao receber o aviso de José, desmontara o quanto antes as tendas de campanha, trasladando seu “posto de comando” para o ponto mais elevado do monte das Oliveiras. Dali, uma vez superada a ameaça dos levitas, continuou enviando mensagens a todos os pontos onde sabia estarem os apóstolos, amigos e familiares do Nazareno.

Assim que foi conhecida, por um de seus agentes, a ordem de crucificação, outros velozes mensageiros correram para Pela, Betsaida, Filadélfia, Sidon, Damasco e Alexandria, com a notícia da iminente morte de Jesus, por ordem do governador romano.

Durante boa parte daquele dia, Davi não cessou de mandar “correios” a Jerusalém e Betânia, informando pontualmente os discípulos e a família de Jesus de tudo o que estava ocorrendo. Não fosse a perícia e valentia desse judeu, a

maior parte dos apóstolos, escondidos e temerosos, teria ficado algum tempo sem conhecer o triste fim do Mestre.

Por fim, com o ocaso, Zebedeu suspendeu os "correios", permitindo a seus mensageiros que se retirassem para descansar e celebrar a obrigatória festa pascal. No entanto, sua convicção quanto à ressurreição do rabi era tão sólida que, antes de seus homens partirem, passou-lhes em segredo a recomendação de se concentrarem na casa de Nicodemos, na manhã de domingo, às primeiras horas. Sua intenção era transmitir a boa nova quando ela acontecesse.

Minha admiração por aquele homem cresceu sem limites...

E antes que o filho de Marcos se unisse à família no banquete de Páscoa, minha curiosidade se viu satisfeita ao ficar conhecendo por intermédio dele, afinal, a sorte de Iscariotes.

Custou-me muito esforço persuadir o jovem João Marcos a falar. Naquelas últimas dez horas, sua alma de menino havia-se consumido entre a dor, a raiva e a impotência. Jamais esqueceria a ensanguentada figura de seu ídolo e amigo, Jesus de Nazaré. Como tampouco poderia apagar da memória a imagem dos sacerdotes fanatizados e, sobretudo, de um populacho que pouco antes havia aclamado as corajosas e lúcidas intervenções de seu Mestre na esplanada do átrio dos Gentios e que, agora, condenava o Galileu na fachada do Pretório romano.

Tentei acalmá-lo, recordando-lhe as palavras que Davi Zebedeu acabava de pronunciar sobre a ressurreição. Mas João olhou-me sem compreender. Aquela expressão – "e ressuscitarei no terceiro dia" – ultrapassava sua capacidade infantil.

Tanto João Marcos quanto sua família sabiam que eu havia permanecido ao pé da cruz e, como reconhecimento ao que eles consideravam um gesto de amor e bravura pelo rabi, o menino acabou por contar-me o que havia visto e ouvido desde que eu lhe recomendara que seguisse Judas.

Foi este o seu entrecortado e lacônico relato:

– Quando o traidor viu que os soldados concluíam o encravamento dos pés de Jesus, afastou-se do patíbulo com a cabeça coberta pelo manto. Tu o viste...

Animei-o a continuar.

– Judas, então, foi diretamente para o Templo. Não pude ver sua cara porque segui atrás dele, mas, vendo suas grandes passadas e os empurrões com que abria passagem na esplanada do Santuário, eu diria que estava furioso.

– Caminhou até a porta da Sala do Conselho de Justiça, mas, ao tentar abri-la, o porteiro se interpôs. Judas, com uma praga que não me atrevo a repetir, golpeou-o em pleno rosto, derrubando-o e deixando-o como morto.

(Aquela reação se encaixava bem na violência que, em certas ocasiões, explode nos grandes tímidos. E Iscariotes era um deles.)

– ... Abriu a grande porta da sala das "pedras talhadas" e, descobrindo-se, irrompeu no tribunal. Eu não me atrevi a mover-me do umbral da porta. Se me pusessem a mão em cima, seguramente me açoitariam...

Concordei com um sorriso de gratidão e João Marcos prosseguiu:

– Somente pude ver Caifás e alguns saduceus, escribas e fariseus sentados nos bancos de madeira. Quando Iscariotes avançou para a grade, os juízes emudeceram. Em seus rostos havia surpresa. Pelo visto, não esperavam o traidor. E Judas, arquejante, num tom que quase me deu lástima, disse-lhes: “Pequei no sentido de haver traído um sangue inocente... Ofereceste-me dinheiro por esse serviço, o preço de um escravo, e com isso me insultastes...”.

“Os sinedristas, atônitos, pareciam não dar crédito ao que estavam vendo. E Judas concluiu: ‘... Arrependo-me do meu ato. Eis aqui vosso dinheiro’.

“Sacou então uma bolsa da faixa e mostrou-a ao Conselho. Por último, exclamou com voz imperiosa: ‘Quero livrar-me desta culpa!’.

“As gargalhadas não tardaram a encher a grande sala. Aqueles hipócritas, dando fortes palmadas sobre os assentos, zombavam do traidor e o ridicularizavam cruelmente. Um dos que ocupavam um banco próximo de Judas se levantou e, aproximando-se dele, convidou-o com a mão para se retirar. Mas antes disse-lhe em voz alta: “Teu Mestre foi condenado pelos romanos. Quanto à tua culpa, em que nos concerne? Ocupa-te tu disso e vai-te!”.

“Iscariotes deu meia-volta e, cabisbaixo, afastou-se do tribunal, enquanto as gargalhadas e insultos intensificavam-se de novo.

“Quando passou a meu lado, sua cara me deu medo. Levava a bolsa na mão esquerda e os olhos fixos no chão. Creio que nem sequer me viu...”

“Com grandes passadas, perdeu-se em direção ao átrio das Mulheres, entrando na sala do tesouro. Com grande calma, tomou um punhado de moedas e as lançou como quem lança uma bola. Depois tornou a apanhar a bolsa e atirou o resto dos siclos contra os ladrilhos do chão. Quando as moedas acabaram, lançou ao solo a própria bolsa e a pisoteou com ódio.

“Então, abrindo passagem violentamente entre os atônitos homens que lá estavam, saiu em direção ao átrio dos Gentios.

Penso que essa aparente insólita atitude de Judas Iscariotes, desvencilhando-se das trinta moedas de prata, merece um comentário. As palavras do traidor diante do tribunal – “eis aqui vosso dinheiro” e “quero livrar-me desta culpa” – não foram uma simples e humana reação de arrependimento. Judas sabia, como todos os judeus, que a lei protegia os “vendedores” de algo ou de alguém. A Misná, em sua ordem quinta (“Votos de Avaliação” – arajin), estabelece, em um total de nove capítulos, as disposições em torno dos chamados votos de avaliação, ou seja, aqueles pelos quais uma pessoa se compromete a entregar ao Templo o valor de determinada pessoa, como vem determinado no Levítico (27,1-8), em relação com a idade e o sexo. Ademais, abrange minuciosa normatização sobre a compra e a destinação de terras herdadas e de casas, como também sobre seu resgate e os votos de “extermínio”. Pois bem, em vista da atuação de Iscariotes, entendo que ele considerou – ou tentou considerar diante dos sinedristas – que a entrega do Mestre se enquadrava plenamente no que poderíamos denominar uma “venda”, ou “transação comercial”, pela qual havia recebido uma compensação financeira.

Nesse sentido, ao menos no que concerne a bens puramente materiais – casas, terrenos etc. –, se o vendedor, uma vez efetuada a operação, não considerasse justa ou simplesmente decidisse voltar atrás, poderia recorrer, dentro de um prazo de doze meses, a contar do dia da venda. A mesma Misná no capítulo IX (4) do citado artigo sobre “Votos de Avaliação” reza textualmente nesse sentido:

“Se chegou o último dia desses doze meses e não foi redimida (a casa, por exemplo), torna-se definitivamente sua (quer dizer, do comprador), independente de que houvesse comprado ou recebido de presente, posto que está escrito no Levítico (25,30): “a perpetuidade”. Antigamente, (o comprador) se escondia quando chegava o último dia dos doze meses, a fim de que se fizesse em definitivo sua (a casa). Mas Hilel, “o velho”, dispôs que (o vendedor) podia deitar o dinheiro na câmara do Templo, podia romper a porta e entrar (na casa) e que o outro podia vir quando quisesse e recolher seu dinheiro.”

Judas, conseqüentemente, havia agido conforme a lei. Não estava de acordo com a “venda” de Jesus de Nazaré e fez uso de seu direito, no mesmo dia da paga da “transação”. E ainda que Iscariotes devesse saber também que no capítulo primeiro (artigo 32) do referido assunto dos Votos se esclarece que “o moribundo e o que é conduzido à morte (por veredicto de um tribunal judeu que não admite graça) não podem ser objeto de voto nem avaliações”, forçou seus direitos ao máximo, acreditando ingenuamente que aquele gesto anularia a “venda”. Deve-se reconhecer, para atenuação da culpa de Iscariotes, que ele pelo menos esgotou todas as possibilidades jurídicas em benefício do Mestre. Isso de pouco serviu, é certo, mas creio que seja justo esclarecer esse fato tão escassamente historiado pelo escritor sagrado. Muitas pessoas poderão perguntar-se – eu também fiz essa questão – por que Judas concordou com essa “venda” se sabia que sua traição desembocaria no justicamento do Nazareno. Pessoalmente creio que, diante do mencionado comportamento de Judas na sala do Sinédrio e, depois, na do tesouro, ele jamais chegou a imaginar que seu Mestre seria condenado à morte. Ele o havia entregue aos dignitários das castas sacerdotais convencido de que eles se limitariam a “custodiá-lo” e interrogá-lo; no máximo, condenariam-no ao encarceramento ou ao desterro. Não estou tentando fazer uma defesa extremada do traidor, mas sua fria vingança contra o Galileu teria sido de todo com a vergonha da captura e a conseqüente dispersão dos discípulos. Mas os acontecimentos, como sabemos, tomaram outros rumos.

Qual teria sido, porém, a razão que pesou mais forte no coração de Judas? Não estou certo. Poderia ter sido a iminente morte do Mestre ou o ridículo a que se viu submetido pelos sinedristas. Como tenho repetido, não era dinheiro o que tentava Judas. Sua obsessão era o conhecimento público, as honras prometidas e sonhadas, que, infelizmente para ele, jamais chegaram. Dentro da lógica, se suas maquinações tivessem tido por base e objetivo final a obtenção de dinheiro, por que ele renunciaria às trinta moedas de prata? Fosse assim e ele as teria levado até o túmulo. A luta interna do traidor, naquelas horas, deve ter sido tão aguda

que não me sinto capaz de julgá-lo, nem de julgar sua última e trágica decisão...

E se Jesus não houvesse sido condenado à morte? Nessa hipótese, Judas teria tido êxito em seu intento de anular a "venda"? A lei, pelo menos, previa um prazo de um ano para que o "comprador" – nesse caso os sinedristas – se retratasse e devolvesse a "mercadoria".

João Marcos, quase dormindo, arrematou seu testemunho com uma notícia que mudava – em parte – o que Mateus afirma em seu Evangelho:

– Judas desceu para a cidade baixa. No início, pensei que se dirigia à minha casa ou a Betânia. Tinha muita pressa. Não cumprimentava ninguém. Saiu da cidade pela porta da Fonte e, para minha surpresa, entrou à direita, em direção à garganta de Hinom. Subiu pelos penhascos e, ao chegar a uma das rochas mais altas e pontiagudas, desfez-se do manto e do cinto. Eu estava tão assustado que fiquei colado no chão, tremendo de medo. Então vi Judas, à borda do precipício, atando uma das extremidades do cinto a um ramo de uma pequena figueira que crescia entre as rachaduras da rocha. Quando compreendi o que Judas pretendia fazer, levantei-me, disposto a impedi-lo. Mas não tive tempo sequer de abrir a boca. Judas fez outro nó ao redor do pescoço e, em silêncio, lançou-se ao vazio...

O menino, tomado de extrema palidez, tapou o rosto com as mãos e começou a soluçar.

Tive de esperar que se acalmasse. Mas, rapidamente, choramingando, concluiu:

– ... Foi espantoso, Jasão! Corri para a figueira. Naquele instante, só tive um pensamento: cortar, morder, arranhar o cinto... Tudo, menos deixar que Judas se enforcasse.

"Quando cheguei à borda do abismo, o corpo do pobre Judas balançava no ar, debatendo-se e girando sobre si mesmo como um zevivon...²⁰³

"Tinha as mãos agarradas ao pescoço, como se tentasse lutar contra a asfixia, e os olhos muito abertos, quase fora das órbitas.

"Meus joelhos tremiam e minha garganta estava seca, como se tivesse engolido um punhado de areia. Quando me dispunha a subir na árvore e quebrar o ramo, o nó se soltou, e Judas caiu no precipício, estatelando-se contra as pedras.

"Foi tudo tão rápido que não pude fazer nada. Fiquei ali em cima, imóvel, contemplando o corpo inerte de Judas. Depois, sem força nem para chorar, regressei à cidade. Quando tentava voltar ao Gólgota, aconteceu o terremoto... Meu terror foi tão grande que regressei à porta da Fonte e fugi para o acampamento. Foi onde Davi me encontrou..."

Perguntei-lhe se o corpo de Iscariotes ainda continuava no fundo da garganta. João Marcos encolheu os ombros. Ele não havia comentado o acontecimento com ninguém; eu era o primeiro a saber. Agradei sua informação e pedi-lhe que se recolhesse e descansasse.

– Amanhã, à primeira hora, se não for inconveniente – disse-lhe –, quero que me acompanhes até aquele lugar...

João Marcos concordou como um autômato, desaparecendo em seguida no

pátio, onde a ceia pascal estava a ponto de começar.

A versão do menino mudava ligeiramente a sempre trágica sorte do traidor. Era preciso confirmar se Judas havia morrido por enforcamento ou pela queda. Ainda que sua intenção, no fundo, estivesse clara – suicidar-se –, talvez a forma definitiva de sua morte (supondo que tivesse morrido) não tenha sido a que sempre conhecemos e aceitamos.

E, abusando da generosidade daquela família, escolhi um dos cantos do piso térreo para descansar, envolvido em meu manto. Ao ficar a sós, estabeleci uma última conexão com o módulo, anunciando a Eliseu minha intenção de visitar o Hinom e examinar o cadáver de Judas, na expectativa de que ele ainda estivesse ali.

Às 21h30, o sono dissipou minha fadiga e minhas angústias. Parecia estranho, muito estranho, que Jesus de Nazaré não estivesse vivo e próximo. Sem querer, eu havia-me acostumado à sua majestosa presença...

125 Cavalo de Troia, graças a um esplêndido serviço da inteligência norte-americano, havia obtido em fins de 1972 os planos do radar "Gun Dish", que seria utilizado meses depois pelos egípcios na guerra do "Yom-Kippur" (outubro de 1973) e cuja frequência era de 16 GHz. Ou seja, 16 mil megaciclos/segundo. Esse complexo radar havia sido instalado a bordo do módulo. (N. do M.)

126 A posição do "objeto" era de 360 graus (ao Norte) e a 30 milhas de distância do ponto onde se achava pousado o módulo. (N. do M.)

127 O objeto, que havia seguido uma trajetória Norte, começava a deslocar-se na direção Oeste-Sudoeste, justamente para a área de Jerusalém. (N. do M.)

128 Ou seja, havia permanecido estático ou imóvel. (N. do M.)

129 Como não podíamos tocar em Jesus, o Cavalo de Troia colocara no interior da "vara de Moisés" uma complexa trama de equipamentos miniaturizados, destinados a explorar o corpo do Mestre, tanto no singular fenômeno do suor sanguinolento do horto de Getsêmani, como na flagelação e nas longas horas de crucificação. Esse sistema, que irei detalhando aos poucos, consistia fundamentalmente em um equipamento de "teletermografia" e no de ultrassons, já referido.

Este último foi selecionado pelos peritos do projeto por sua natureza inofensiva e por suas características, que o tornavam idôneo para o exame – e posterior conversão em imagens – de órgãos internos tão importantes como pâncreas, bexiga, fígado e abdomen em geral, assim como para o controle da corrente sanguínea através das grandes artérias e dos vasos intermediários, do coração, dos olhos e dos tecidos moles em geral. O Cavalo de Troia, com base no chamado "efeito piezelétrico", já descrito pela dupla Curie e, segundo o qual, a compressão da superfície de um cristal de quartzo cria nele uma corrente (ultrassom), dispôs na cabeça emissora uma placa de cristal piezelétrico, formado por titanato de bário. Um gerador de alta frequência alimentava a placa, produzindo assim as ondas ultrasônicas (com frequência oscilando entre 16 mil e 10^{10} Hertz).

Esses ultrassons – com uma velocidade de propagação no corpo humano de 1 mil a 1.600 metros por segundo, com exceção dos ossos – permitem, como disse, um excelente exame e posterior visualização dos órgãos desejados, conseguindo-se até a captação do som cardíaco e do fluxo sanguíneo, através de um sistema de adaptação denominado "efeito Doppler". Com intensidades que oscilam entre 2,5 e 2,8 milliwatts por centímetro quadrado e frequências aproximadas de 2,25 megaciclos, o dispositivo de ultrassom transforma as ondas iniciais em outras audíveis, mediante uma complexa rede de amplificadores, controles de sensibilidade, moduladores e filtros de faixas.

Com a finalidade de resolver o árduo problema do ar, inimigo vital dos ultrassons, e já que as medições e rastreamentos só podiam ser efetuadas a certa distância de Jesus, os especialistas do projeto idealizaram um revolucionário sistema, capaz de "encarcerar" e "guiar" os ultra-sons através de um finíssimo "cilindro" de luz laser de baixa energia, cujo fluxo de elétrons livres ficava "congelado" no mesmíssimo instante de sua emissão. O processo para "congelar" o laser, dando lugar ao que poderíamos qualificar de "luz sólida", cujas aplicações no futuro serão inimagináveis, não me é permitido revelar. Certamente, ao conservar um comprimento de onda superior a 8 mil angströms (0,8 micro), o "tubo" laser continuava desfrutando da propriedade essencial do infravermelho; com isso, só podia ser visto mediante as lentes especiais de contato que o Cavalo de Troia me

havia dotado. Dessa forma, as ondas ultra-sônicas deslizavam pelo interior do feixe de "luz sólida ou coerente", podendo ser lançadas a distâncias que oscilavam entre 5 e 25 metros. (N. do M.)

130 Precisamente por sua relativa semelhança com as fossas "infravermelhas" dessas serpentes, que lhes permitem a caça pelas emissões de radiação infravermelha do corpo de suas vítimas. (N. do M.)

131 Geralmente, as lentes de contato do tipo duro baseiam-se em um produto chamado polimetil-metacrilato (PMMA). (N. do M.)

132 Como se sabe, qualquer corpo cuja temperatura seja superior ao zero absoluto (menos 273 graus centígrados) emite energia IV (infravermelha), invisível aos olhos humanos e provocada pelas oscilações atômicas no interior das moléculas, estando, por consequência, estreitamente ligada à temperatura de cada corpo. Pois bem, o olho do homem, como está demonstrado, só vê uma pequena parcela do espectro eletromagnético da luz: a que se estende dos 400 aos 700 nanômetros. Acima desta última, aparece toda a gama do infravermelho. Mas mediante o uso de óculos especiais adequados à emissão do infravermelho, o homem pode "ver" também nessa frequência. (Por sua vez, essa região do infravermelho está subdividida em infravermelho curto, médio, longo e extra longo.) Os sensores IV das serpentes norte-americanas – crócalos – são formados precisamente por uma membrana dotada de abundantes terminações nervosas, que lhes permitem detectar variações de temperatura da ordem de um milésimo de grau. (N. do M.)

133 Os especialistas do projeto haviam conseguido confeccionar essas quase milagrosas lentes de contato "infravermelhas" incorporando uma série de faixas periféricas à superfície básica monocurva, dotadas de centenas de microcélulas, que não eram outra coisa senão filtros "Wratten 89B", que só deixavam passar a radiação infravermelha. O peso específico obtido foi de 1,19. Sua força flexional (ppi) era de 10 mil-15 mil e a dureza Rockwell, de M85-M105.

134 Ainda que a possibilidade fosse remota, se eu tropeçasse com uma fonte de energia natural de grande intensidade (no caso de ter olhado para o sol), esta teria provocado graves lesões em meus olhos. E ainda que nada disso tenha ocorrido, o contato direto da córnea com as "crócalos" desaconselhava seu uso prolongado.

135 No caso dos ultrassons, a cabeça de cobre, de cor branca, podia adotar duas posições diferentes: a primeira, para ativar o lançamento de ondas com a frequência de 3,5 MHz (suficiente para explorar órgãos internos), e a segunda, de 7,5 a 10 MHz (para rastreamento de superfícies e tecidos moles). (N. do M.)

136 Embora se pensasse no início que talvez a "hematoidrose" tivesse sido provocada por um excesso de histamina, liberada pelo sistema nervoso em consequência da grande tensão emocional e lançada na corrente sanguínea, rompendo assim os capilares, as investigações sobre o pâncreas inclinaram os peritos para a hipótese da chamada fibrinólise, consistente na ativação patológica de um mecanismo normal. Um súbito aumento de plasmina (lisocinase) pode ter originado o derrame generalizado de sangue, diluindo o "cimento endotelial", o que resultaria na passagem do sangue para o exterior. (N. do M.)

137 Nível 30: 3 mil pés ou cerca de mil metros. (N. do M.)

138 Radial 100: o objeto se aproximava com rumo de 100 graus (na direção Leste-Sudeste, aproximadamente). (N. do M.)

139 A essa altura, o vento tinha a direção de 120 graus (Sudeste) e cerca de 50 nós de velocidade (ao redor de 100 quilômetros/hora). (N. do M.)

140 No jargão aeronáutico, à esquerda do observador, tomando sempre as 12 horas do relógio como o ponto frontal de observação. Às "três" seria, portanto, à direita. (N. do M.)

141 "Colimado": Eliseu havia localizado e centrado o objeto em seu painel de instrumentos. (N. do M.)

142 O radar do módulo estava sendo "silenciado" ou inutilizado por outra possível emissão de radar ou por alguma interferência eletrônica proveniente do objeto. (N. do M.)

143 Como membro da Força Aérea, sei até onde chega hoje a resistência humana diante da gravidade. Alguns astronautas, com trajes muito especiais, têm suportado até 11 "g" (o valor normal da "aceleração da gravidade" – ou seja, de um "g" – é de 9,80665 metros por segundo a cada segundo). Na minha estimativa, aquele objeto realizou uma "queda" e uma posterior "arrancada" que deve ter submetido seus possíveis "pilotos" a 20 ou 30 "g". (N. do M.)

144 A figura do optio representava um suboficial diretamente sob o comando de um centurião. Em geral, comandava pequenos grupos de tropa, aliviando o oficial de suas tarefas administrativas, disposição das guardas, instrução militar etc. Segundo Festo, o nome optiones foi dado a eles porque, "desde o tempo em que se permitiu aos centuriões escolher (optare) o que desejassem, aplicou-se a eles também o nome de optio, pelo fato de escolherem". (N. do M.)

145 Alguns especialistas lembraram a possibilidade de que a alegada "lei" fosse, na realidade, "uma adaptação" muito particular do regime de garantia de apresentação ante o juiz, mediante os chamados praedes vades, que serviam com precisão para a prisão preventiva do réu, tal como se faz hoje com a abusivamente chamada "fiança" (que não é uma garantia pessoal, mas um depósito em dinheiro). (N. do M.)

146 O argumento daquele levita era correto. A profunda superstição daquela gente considerava que os demônios atacavam principalmente os aleijados, os noivos e os jovens “de honra”, segundo informação que me deu “Papai Noel”. Não era lógico, pois, que um suposto “demônio” (Jesus) curasse aleijados... (N. do M.)

147 Como creio que já expliquei anteriormente, os levitas (uns 10 mil) estavam divididos, como os sacerdotes, em 24 seções semanais, que se revezavam a cada semana. Cada seção tinha um chefe. Além dos serviços inferiores (música e algo semelhante ao que fazem os atuais “sacristãos”), os levitas se encarregavam da vigilância do Templo. Filon descreve suas funções com detalhe: “Uns, os porteiros, ficavam às portas; outros, no interior da esplanada do Templo, no terraço, e os demais, patrulhando os arredores. Havia, naturalmente duas guardas: a diurna e a noturna”. A vigilância, portanto, estava dividida em três grupos: os porteiros das entradas exteriores do Templo, os guardiões do “terraço” que separava a esplanada dos Gentios do recinto sagrado do Santuário; e as patrulhas do citado átrio dos Gentios. Durante o dia, vigiavam também o átrio das Mulheres. Uma vez fechadas as portas do Santuário, ao pôr do sol, os policiais noturnos ocupavam seus postos: 21 no total. A zona sagrada, à qual não tinham acesso os levitas, era custodiada pelos próprios sacerdotes. Os chefes desses levitas eram chamados *strategoí*, como cita Lucas (22,4). Vários deles, na verdade, estavam presentes na captura de Jesus. (N. do M.)

148 Quando consultei o módulo sobre os zelotes, “Papai Noel” forneceu-me a seguinte informação: “Esse movimento revolucionário e clandestino – similar, até certo ponto, aos atuais grupos terroristas da Europa e América – começou a desenvolver suas atividades guerrilheiras e de fustigamento ao exército romano na época de Augusto e era chefiado por um tal de Judas ben Ezequias, da Galileia, que já se havia destacado nos tempos de Herodes pelo assalto a um arsenal do exército real e por seus desmandos e incêndios. Ao ter notícia desses bandos que assolavam o país, Varo chegou de Antíóquia com duas legiões, arrasou as cidades de Zippora (Séforis) e Emmaús, e vendeu seus habitantes partidários de Judas ben Ezequias como escravos. Varo ordenou ainda a captura e execução de todos os partidários de Judas ben Ezequias, crucificando mais de 2 mil guerrilheiros. Mas o chefe, Judas “Galileu”, conseguiu fugir e, com a ajuda de outro extremista, um fariseu chamado Jadok, iniciou um lento, mas profundo movimento de luta clandestino contra o Império Romano. Já nos tempos de infância e juventude de Jesus de Nazaré, esse movimento – que adotou o nome de zelotes, isto é, “zeladores” – começou a ganhar adeptos, estendendo-se como uma mancha de azeite por toda Israel. Galileia, uma vez mais, foi o berço e o coração desses patriotas extremistas, que não cessaram suas hostilidades contra as tropas romanas assentadas em Cesareia e no resto da nação judia. Camuflados sob um ardente espírito religioso, esses “terroristas” do século I empunhavam as armas sob uma doutrina que poderia ser sintetizada nos seguintes princípios:

1. O reinado de Deus sobre Israel é incompatível com qualquer jugo estrangeiro. Aceitar o César de Roma como rei é violar a lei divina. Deus é o único rei do povo.
 2. O culto ao Imperador, em qualquer de suas formas, é abominável. O zelo de muitos desses zelotes era levado ao extremo de não tocar sequer as moedas romanas que levavam a efígie de César. O pagamento de tributo a Roma era uma idolatria e uma apostasia, já que implicava submissão a Roma e ao Imperador. (Precisamente, o nacionalismo zelote surgiu com Judas ben Ezequias e originou-se da ordem de Augusto de que toda a nação hebraica fosse recenseada. Essa operação de censo tinha, na realidade, uma motivação econômica, mais do que estatística. E isso indignou os judeus.)
 3. Os judeus não deveriam esperar passivamente a chegada do Reino de Deus. Era necessário colaborar com Deus por meio da revolução e da guerra santa. Eles acreditavam nos milagres de Deus e consideravam que estes deviam estar sempre a serviço de uma ideia libertadora.
 4. O objetivo principal de sua luta armada era conquistar a liberdade e a independência política de Israel. Os zelotes haviam adotado a libertação do Egito por Jeová como símbolo e modelo a imitar.
 5. Segundo a filosofia zelote, a conversão a sua fé exigia necessariamente desobediência à autoridade romana e disposição de sacrificar o dinheiro, a tranquilidade e até a vida em benefício desses princípios “salvadores”.
- Diante de tudo isso, é fácil entender a confusão de alguns dos discípulos e apóstolos de Jesus (caso de Simão, o Zelote, e do próprio Judas, que acreditaram desde o princípio que a doutrina do Galileu tinha muito a ver com todo esse movimento de libertação nacional).

Os zelotes foram os causadores das sangrentas revoltas contra Roma nos anos 68 a 70 da nossa Era, assim como daquela registrada no ano 135. (N. do M.)

149 Na primeira oportunidade que tive, pedi a “Papai Noel” informação sobre as principais superstições dos judeus naquela época. E entre outras figurava, de fato, a de não empreenderem viagem alguma, por mais curta que fosse, sem antes colocar essa cauda de raposa, ou um trapo vermelho, entre os olhos do animal. Se os dois convidados de um banquete, por exemplo, jogavam um no outro bolinhas de pão, era certo que ficariam doentes. Outra superstição, relacionada com a presença de demônios nas latrinas, chegava a sugerir que se devesse entrar nesse lugar em companhia de um cordeiro. Dessa forma, o judeu poderia fazer suas

necessidades sem problemas. (N. do M.)

150 A lei judia permitia esse tipo de maldição – contra o pai e a mãe –, embora esta não fosse nominal. Nesse sentido, Pedro teve o especial cuidado de não citar os nomes de batismo de seus progenitores. (N. do M.)

151 O Cavalo de Troia dotara o módulo de um sistema múltiplo de relógios, cujo fundamento não era o sistema tradicional de radiação do Césio 133 dos relógios atômicos, mas a “manipulação” e o “aprisionamento” de um íon – um só – em um campo magnético, mediante o uso de um finíssimo raio de luz laser. É quase certo que esse novo sistema de medição do tempo, com precisão 100 mil vezes superior à dos relógios atômicos, seja incorporado definitivamente à vida do homem nos próximos anos. Graças a esse delicado instrumental, a aparição, ou orto, do limbo superior do sol no horizonte – para Jerusalém: latitude aproximada de 32 graus Norte – foi prevista para as 5h42 naquele 7 de abril do ano 30 (sempre hora local). Quanto ao ocaso, ou a desaparecimento do citado limbo superior do sol sob o horizonte, foi calculado para as 18h22 (levou-se em conta a refração que nos referidos acontecimentos eleva o astro cerca de 34 segundos de arco). Para essa latitude, a variação das horas de orto e ocaso é de aproximadamente quatro minutos a cada cinco graus de separação em latitude. (N. do M.)

152 Não era exato, como pretendem alguns exegetas que se apoiam nos escritos rabínicos Baba gamma (VII, 7 – VIII, 10 e 82b), que a criação de galináceos estivesse proibida em Jerusalém. (Pensava-se que, ao ciscar, poderiam retirar coisas impuras.) Segundo a Misná, o canto do galo servia precisamente como sinal para o toque das trombetas, o que é confirmado pelos textos da Sukka V, 4, do Tamíd I, 2 e do Yoma 1, 8. Entre as informações fornecidas pelo computador do módulo, a Misná menciona um galo de Jerusalém que, segundo Yuda ben Baba, “havia sido lapidado por haver matado um homem”. A presunção é que o galo havia atravessado com o bico o crânio de um menino. Também em Tos. B. Q. 19 (361, 29) se diz que a criação dessas aves domésticas era permitida na Cidade Santa desde que se dispusesse de um horto ou esterqueira onde pudessem ciscar. (N. do M.)

153 Tanto Josefo, em sua obra Guerras dos Judeus (V 4, 2 e VI 6, 3), como a Misná (Mid. V 5; Sanb. XI 2 e Tamid II 5, entre outros documentos) asseguram de forma muito precisa que o Sinédrio “mudou-se”, 40 anos antes da destruição do Templo, da sala das “pedras talhadas” a uma espécie de “bazar” praticamente acoplado ao Santuário pela face oeste. O mesmo se depreende também de Fatos (23,10). (N. do M.)

154 “Papai Noel” forneceu os seguintes dados sobre a composição oficial do Sinédrio naquele tempo: uma instituição superior, ou “Sinédrio maior”, formado por 72 membros, e um “Sinédrio menor”, constituído por 23 membros. Ambos os tribunais eram competentes em matéria criminal. Os dois membros mais destacados do “Grande Sinédrio” eram o nasi, ou presidente, e o ab bet din, ou “pai do tribunal”, títulos, ao que parece, puramente honoríficos. As três fileiras de bancos do “Sinédrio menor” eram destinadas aos discípulos dos sábios. Dadas as características daquele “julgamento” e seu horário irregular, era natural que os “alunos” dos juízes não estivessem presentes. (N. do M.)

155 Após a destruição do Templo, alguns não comiam carne assada para evitar a aparência de que fosse carne do sacrifício pascal, que passara a ser proibido. (N. do M.)

156 A astrologia era então severamente punida. Rops assegura que era uma “ciência funesta” que engendrava todas as maldades. (N. de J.J.Benítez)

157 Naquele tempo, nem os homens nem as mulheres usavam botões. Em Israel não eram conhecidos. Em seu lugar, eram utilizados passadores: uma espécie de agulha grande com um orifício no centro, ao qual se prendia um cordão. Era usado aplicado no pano e passando-se o cordão por trás da cabeça. (N. do M.)

158 Nos antigos textos gregos, descreve-se um jogo, chamado muinda, que consistia em vedar os olhos de um dos jogadores (com um lenço ou com a própria mão). Este devia adivinhar o objeto que lhe apresentavam ou a pessoa que o tocava. Se acertasse, seu posto era ocupado por quem havia perdido. (N. do M.)

159 O “bastardo”, ainda que existissem diferentes interpretações, era, em geral, o filho nascido do adultério. Não eram admitidos na assembleia de Israel, nem mesmo seus descendentes, “até a décima geração”. Não podiam contrair matrimônio com nenhum membro legítimo da comunidade judaica, discutindo-se vivamente até mesmo se as famílias dos bastardos poderiam participar da libertação final de Israel. Esse insulto era considerado como uma das piores injúrias. Aquele que o empregasse poderia ser condenado a 39 açoites. (N. do M.)

160 Graças àquele gesto, a Operação Cavalo de Troia pôde obter uma inestimável amostra do sangue de Jesus de Nazaré. E ainda que a análise dos coágulos que aderiram ao retalho de minha túnica não pudesse ter sido efetuada com a velocidade aconselhada nesses casos, pudemos averiguar, entre outras coisas, que o volume de eritrócitos por milímetro cúbico de sangue naquele momento (sete da manhã) era de aproximadamente 4.900 mil, pouco menos que o normal, possivelmente em razão da perda que havia começado a ocorrer). Também observamos alguns leucócitos (muito poucos). Por meio da análise comparativa, estabeleceu-se que tanto o número dessas células (7 mil por milímetro cúbico) como os tipos examinados (neutrófilos, eosinófilos, basófilos, linfócitos e monócitos) correspondiam ao que é normalmente encontrado num indivíduo são. E, ainda que a primeira análise tivesse sido feita antes das 36 horas, não foi possível encontrar plaquetas. Todas haviam

desaparecido. No entanto, encontramos restos de trombina e alguns elementos próprios da degradação da fibrina. Em um dos coágulos – que conservava leve resto de umidade –, foi possível detectar algumas proteínas do plasma (fundamentalmente albuminas e globulinas), assim como ligeiros indícios de glicose, vitaminas, hormônios e diversos aminoácidos. Não pudemos descobrir restos de colesterol. Quanto à coagulação, só por meio da observação pessoal das feridas pudemos estabelecer que era normal. Essa dedução foi reforçada pela análise das proteínas do plasma – o fibrinógeno –, que, depois de se converter em fibrina, tinha-se degradado. (N. do M.)

161 Assim diz a lei (Misch., tratado "Sinédrio", capítulo IV, nº 1). (N. do M.)

162 Assim pensam e escrevem, entre outros, autores como S. Zeitlin (The Crucifixion of Jesus Reexamined), H. Mantel (Studies in the Story of the Sanhedrin), P. Winter (On the Trial of Jesus), J. Carmichael (The Death of Jesus), D. Flusser, J. Isaac, H. Cohn, W. R. Wilson, Catchpole e um longo etc. (N. do M.)

163 Entre os defensores desta segunda hipótese se acham, por exemplo, Blinzler (El Proceso de Jesús), Jeremias, E. Lohse (Sunedion), Strack-Billerbeck, Mommsen (Römische Strafrecht), Sherwin-White (Roman Society and Roman Law in the New Testament), A. Strobel (Die Stunde der Wahrheit), E. Schurer, etc. (N. do M.)

164 Em sua ordem segunda, a Misná estabelece que, na noite de 14 do mês de Nisan (vigília da festa de Páscoa), "devia-se buscar meticulosamente toda substância com levedura (em geral cereais) à luz de uma vela". (N. do M.)

165 Antes de iniciar a missão, eu havia recebido uma informação completa sobre quem era esse tetrarca ou governador da Galileia: Herodes, de apelido Antipas (ou "igual a seu pai"). E a verdade é que esse apelido se encaixava com perfeição. Herodes Antipas havia herdado o governo das terras do norte (Galileia) pela morte de seu funesto pai, Herodes, o Grande, no ano 4 a.C. Tinha 17 anos. Pelo primeiro testamento de seu pai, Antipas deveria receber o reino da Judeia, mas Herodes, o Grande, mudara de ideia e substituíra Antipas pelo outro filho, Arquelau. E Herodes Antipas recebeu, portanto, a Galileia. Um terceiro filho, Felipe, foi designado tetrarca da Itureia. Foi exatamente dele que Herodes Antipas tirou a mulher, Herodíades, responsável, ao que parece, pelo assassinato do primo distante de Jesus de Nazaré, João Batista. (N. do M.)

166 Ao consultar os arquivos de "Papai Noel", o computador central confirmou que o nome "Barrabás" era de origem semítica (mais exatamente aramaica), e podia ter vários significados: "Bar" quer dizer filho em aramaico, e "Rabba", o mestre, ou rabi; também cabia a explicação de "Bar Abba" ou "filho de seu pai", que era um modo de chamar qualquer um cujo pai fosse desconhecido. (N. do M.)

167 Alguns daqueles gálicos haviam feito parte da guarda de Cleópatra, rainha do Egito, calculando-se seu número em mais de quatrocentos. (N. do M.)

168 Plínio, o Velho, em sua História Natural, descreve essa doença afirmando que as citadas úlceras começavam sempre pelo mento (queixo). Daí o nome de "mentagra". Segundo nosso computador, a doença foi importada da Ásia por um cidadão de Perusa. (N. do M.)

169 Quando Herodes Antipas se enamorou da mulher de seu irmão Felipe, tetrarca, como ele, mas da região da Pereia, ao norte do Jordão, aproveitou uma viagem a Roma para unir-se a Herodíades. Sua esposa legítima, filha do árabe Areta, quarto rei dos nabateus, teve de sair de Israel e voltar para sua família. Desde então, João Batista aproveitou todas as oportunidades que teve para reprovar Herodes e sua amante Herodíades pelo adultério permanente. As críticas do primo de Jesus foram tão duras que Antipas, possivelmente a conselho de Herodíades, mandou encarcerar João Batista em uma solitária fortaleza situada na orla do mar Morto, chamada pelos beduínos de "Mashnaka", ou "Palácio Pendente". Ali ele seria decapitado logo depois. Desde então, Antipas viveu consumido pelo medo, acreditando que o fantasma de João Batista regressaria algum dia para exigir justiça. Segundo nossas investigações, era muito improvável que Antipas houvesse concordado em degolar o Batista por causa da famosa dança de Salomé, a filha de Herodíades. Naquela época, Salomé devia ser uma adolescente. O verdadeiro nome da enteada de Herodes é conhecido graças ao testemunho de Flávio Josefo e à inscrição de uma moeda em que ela aparece junto de seu marido Aristóbulo. Segundo os historiadores, a versão mais racional e verossímil é que João Batista tenha sido encarcerado e executado em consequência de suas ácidas críticas contra o tetrarca e contra a esposa de Felipe. (N. do M.)

170 A lenda grega relata que existiam três irmãs – as Górgonas –, que só dispunham de um olho e de um dente para as três, que os passavam uma para as outras quando queriam ver ou comer. Isso, segundo a lenda, simbolizava que a inveja, a calúnia e o ódio viam com um só olho e se alimentavam com o mesmo dente. Uma dessas terríveis irmãs, velha como a humanidade e com serpentes em lugar de cabelos (Medusa), tinha o poder de converter em pedra quem a olhasse. Mas foi morta por Perseu, que lhe cortou a cabeça. E, segundo a mitologia, uma parte de seu sangue foi cair no mar e se converteu em coral. Daí o coral ter tido sempre uma grande aceitação entre esses povos como valioso amuleto contra o "mau olhar" e a inveja. (N. do M.)

171 Essa fulminante afirmação do Major levou-me a pesquisar todos os documentos que me foi possível, em busca do desgraçado final de Herodes Antipas. Para minha grande surpresa, descobri que o filho de Herodes, o Grande, havia sido vítima, finalmente, da ambição e do domínio de sua amante, Herodíades. Depois da morte do

imperador Tibério, no ano 37 de nossa Era, outro membro da numerosa família de Herodes, precisamente um irmão de Herodíades, foi tirado do cárcere de Roma pelo novo César, Caio, aliás Calígula, ou "Botinha". E, para desespero de Antipas e sua amante, Herodes Agripa foi designado rei de toda a Israel. Antipas deixou-se influenciar por Herodíades e correu para Roma, disposto a pedir para si o título de rei. Mas Calígula, que estava na ocasião – ano 39 – em plena campanha militar nas Gálias, não só não atendeu aos desejos do tetrarca da Galileia como, ante o desconcerto da "velha raposa", despojou-o do título e o desterrou. Flávio Josefo e Tilemont concordam em que Herodes e sua mulher se viram obrigados a peregrinar para a Espanha, onde possivelmente se estabeleceram e morreram. Àquela época, já existiam na Península Ibérica sete cidades mediterrâneas com importantes colônias judaicas, assim como em outras regiões de Andaluzia, onde Herodes pode ter fixado residência. (N. de J.J.Benítez)

172 Ainda que naquela primeira "grande viagem" da Operação Cavallo de Troia eu não chegasse a me encontrar com Cláudia Prócula ou Procla, todas as nossas informações apontavam a origem dessa mulher como "distinta" e, possivelmente, entroncada – segundo Tácito – no ramo dos Próculo, pertencentes, como Pôncio, à ordem equestre. Foram muito conhecidos Tício Próculo, amigo de Sila; Cervário Próculo, que conspirou contra Nero; Licínio Próculo, servidor de Oton e prefeito do Pretório, e Volúbio Próculo, que comandou a frota de Messina. Uma das tradições considerava Prócula descendente dos "Cláudio", oriundos por sua vez das Gálias, e talvez aparentada longinquamente com Tibério. Se isso for certo, talvez possa explicar por que Pôncio Pilatos foi desterrado para as Gálias por Calígula depois do falecimento de Tibério. (N. do M.)

173 A lei judaica estabelecia para o castigo da flagelação um total de quarenta açoites menos um. Assim estava escrito: "Em número de quarenta" (o acrescentado, segundo R. Yehudá, seria o quarenta). O réu era açoitado com as mãos atadas a uma coluna. O servidor da sinagoga agarrava-lhe as vestes e as rasgava e rasgava, e as dilacerava e dilacerava, até que o peito ficasse descoberto. Atrás dele havia uma pedra e sobre ela subia o servidor da sinagoga, tendo na mão uma correia de bezerro, dobrada em duas, primeiro, e depois em quatro; outras duas correias subiam e baixavam nela. (N. do M.)

174 Um aumento na intensidade de um estímulo que origina uma diferença perceptível no grau de dor recebe a designação de "diferença apenas perceptível" ou "just noticeable difference" – JND). Aplicando todas as intensidades de estímulo entre o nível em que não há dor e o nível da dor mais intensa, comprovou-se que o paciente médio pode alcançar até 22 JND. (N. do M.)

175 A detecção da temperatura cutânea a distância – base de nossas experiências de "teletermografia" – realizou-se graças à propriedade da pele humana capaz de comportar-se como emissor natural de radiação infravermelha (RI). Como se sabe, pela fórmula da lei de Stephan-Boltzmaan ($W = eJT^4$), a emissão é proporcional à temperatura cutânea e, como T é elevada à quarta potência, pequenas variações em seu valor provocam aumentos ou reduções que são assinalados na emissão infravermelha (W: energia emitida por unidade de superfície; e: fator de emissão do corpo considerado; J: constante de Stephan-Boltzmaan; e T: temperatura absoluta.).

Em numerosas experiências iniciadas por Hardy em 1934, foi possível comprovar que a pele humana se comporta como um emissor infravermelho similar ao "corpo negro" e, conseqüentemente, não emite radiação infravermelha refletida de volta. (Esse espectro de radiação infravermelha emitida pela pele humana é amplo, com um pico máximo de intensidade fixado em 9,6 μ .)

Nosso dispositivo de "teletermografia" consistia, portanto, em um aparelho capaz de detectar, a distância, intensidades mínimas de radiação infravermelha. Basicamente constava de um sistema óptico que localizava a RI sobre o detector. Este era formado por substâncias semicondutoras (principalmente SbIn e Ge-Hg) capazes de emitir um mínimo sinal elétrico cada vez que um fóton infravermelho, de intervalo de comprimento de onda determinado, incidia em sua superfície. E, embora o detector fosse do tipo "pontual" capaz de detectar a RI procedente de um único ponto geométrico, o projeto Cavallo de Troia havia conseguido ampliar seu raio de ação mediante um complexo sistema de varredura, formado por mini-espelhos rotatórios e oscilantes. A alta velocidade da varredura permitia analisar a totalidade do corpo de Jesus várias vezes por segundo. Isso, por sua vez, possibilitava a obtenção de imagens dinâmicas (daí o nome de "teletermografia" dinâmica). Em seguida à emissão, o sinal elétrico correspondente à presença de fótons infravermelhos era amplificado e filtrado, para ser conduzido depois a um osciloscópio miniaturizado. Nele, graças à alta voltagem existente e à varredura sincronizada do detector, obtinha-se a imagem correspondente, que ficava armazenada na memória de cristal de titânio do computador. Certamente, nosso "teletermógrafo" dispunha de uma escala de sensibilidade térmica (0,1; 0,2 ou 0,5°C, etc.) e de uma série de dispositivos técnicos adicionais, que facilitavam a medição de gradientes térmicos diferenciais entre zonas do termograma (isotermas, análise linear etc.).

As imagens assim obtidas podiam ser de dois tipos: em escala de branco e preto, muito adequada para o estudo morfológico dos vasos; e em escala de cor, entre oito e dezesseis cores, muito útil para efetuar medições térmicas diferenciais com precisão.

Ambos os sistemas, naturalmente, podiam ser usados de forma complementar. O Cavalo de Troia, depois de numerosas provas, selecionou os equipamentos AGA-661, assim como uma associação do Barnes-Pyroskan e os do sistema CSF-IR-815, como os mais indicados para nossa missão. (N. do M.)

176 Em um primeiro exame visual, acreditei poder identificar aquela sarça com a planta denominada *Poterium spinosum*, muito comum na Palestina e usada habitualmente como provisão para o fogo. Isso confirmava a hipótese do doutor Ha Reubeni, diretor do Museu Botânico da Universidade Hebraica de Jerusalém, desqualificando outras muitas teorias sobre a possível origem da planta utilizada para o trançado do “elmo” de espinhos. (A mais conhecida e popular indicava a *Ziziphus* ou *Spina Christi* (*Palinurus aculeatus*) como a sarça utilizada nessa “coroação”). (N. do M.)

177 Poucos anos depois da morte de Cristo, numerosos samaritanos se congregaram em torno de um suposto Messias que lhes prometera descobrir os vasos sagrados enterrados por Moisés em um dos montes de Samaria. Pilatos soube dessa manifestação popular no monte Garizim e, envolvendo com suas tropas os samaritanos, deu ordem de avançar sobre eles, do que resultou grande mortandade. Samaritanos e judeus se dirigiram então a Vitélio, supremo governador da província da Síria, acusando Pilatos do horrível massacre de milhares de samaritanos. Vitélio não tinha autoridade para julgar o governador da Judeia e enviou-o a Roma para que comparecesse diante do Imperador. Mas, durante a viagem, Tibério morreu, assumindo o imperador Caio, aliás, “Calígula”. Este, ao conhecer os fatos, desterrou Pôncio e sua família para as Gálias, onde, ao que parece, morreu. (Algumas tradições apontam para o fato de que Pilatos terminou por se refugiar no que hoje conhecemos como Lausanne, na Suíça, suicidando-se.) (N. do M.)

178 O famoso governador Cirino desempenhou um papel destacado sob as ordens de Augusto, tendo sido responsável pelos seis censos efetuados sob o mandato do citado César na então província romana da Síria. O primeiro desses censos ocorreu entre os anos 10 e 7 antes de Cristo e foi, precisamente, o que mobilizou José e Maria em direção a Belém. O segundo ocorreu entre os anos 6 e 7 de nossa Era, e nessa ocasião Sulpício Quirinius, ou Cirino, foi enviado por Roma, em companhia de Copônio, primeiro governador da Judeia. (N. do M.)

179 Felizmente para mim, eu havia sido instruído na arte dos áugures e arúspices gregos e romanos antigos. Uma vez sob o espaço de céu que devia observar, o áugure tomava seu *lituus* e voltava-se para o Sul, traçando uma linha sobre o céu, de Norte a Sul, chamada *cardo*. Depois fazia o mesmo de Leste para Oeste (*decumanus*), dividindo assim em quatro áreas a parte visível do céu. Em seguida, tirando duas linhas paralelas às duas traçadas anteriormente, formava um quadrado que, projetado sobre a terra, constituía o citado prisma, ou *templum*. A zona que ficava diante dele era denominada *antica*, e a que ficava atrás, *postica*. (N. do M.)

180 A origem do *patibulum* remonta à viga que servia para trancar as portas de Roma. Ao removê-la, abria-se a porta. Daí o nome. (N. do M.)

181 Denomina-se *haboob*, em termos meteorológicos, uma tempestade de areia que se forma nos desertos durante o período de convecção do ar. O termo *haboob* deriva de outro, igualmente árabe, que significa “vento violento”. São notáveis e famosos os *haboobs* do Sudão, com velocidade de até 85 quilômetros por hora. (N. do M.)

182 O termo *Gulgutha* é a forma aramaica do hebreu *Gulgoleth*, que significa crânio. Por eliminação de um dos “eles” aparecem o termo grego *Gógotha* e o siríaco *Gugultha*. Na versão latina, lê-se *Calvarium*. Daí a denominação final de Calvário. (N. do M.)

183 Nas diversas interpretações que eu havia estudado sobre esse lugar, durante meu treinamento para a missão Cavalo de Troia, só a que associava a forma do penhasco com a palavra “crânio” me parecera a mais verossímil. E eu não me havia equivocado. Para alguns, entre os quais estava São Jerônimo, o Gógota tomara aquele nome por ser o lugar onde se justificavam e sepultavam os criminosos. Crasso erro, já que os judeus tinham por costume enterrar os executados em uma vala comum, ou mesmo jogá-los nas barrancas da Geena, ou Hinom, ao sul de Jerusalém, onde eram devorados pelos cachorros, ratos e outros animais. Uma segunda teoria – mais peregrina que a anterior –, alude a uma velha lenda, segundo a qual aquele promontório recebeu tal nome porque em uma caverna interior estava o crânio de Adão. Assim acreditaram, por exemplo, personagens tão importantes como Orígenes, Santo Atanásio, Santo Ambrósio, Santa Paula etc. Nesse sentido, uma vidente chamada Ana Emmerich chegou a escrever o seguinte em sua obra *La dolorosa Pasión de Nuestro Señor Jesús Cristo*: “Quanto ao nome, apareceu no tempo do profeta Eliseu. Então não era como no tempo de Jesus; era uma elevação com muitas muralhas e grutas que pareciam sepulcros. Vi o profeta Eliseu baixar nessas grutas (não sei se o fez de verdade, ou se era simplesmente uma visão). Eu o vi retirar um crânio de um sepulcro de pedra onde repousavam ossos. Um que estava a seu lado, creio que um anjo, disse-lhe: ‘É o crânio de Adão’. O profeta quis levá-lo, mas o anjo não permitiu. Vi sobre o crânio alguns cabelos ruivos espalhados. Soube também que, havendo o profeta contado o que lhe acontecera, o lugar veio a receber o nome de ‘Calvário’. Enfim, eu vi que a cruz de Jesus estava colocada verticalmente sobre o crânio de Adão”. Com todo o meu respeito pela citada vidente, seus “informes” não concordam com os estudos arqueológicos nem com a própria natureza da humilde

rocha. (N. do M.)

184 O *sedilis* era uma peça de madeira ou metal – geralmente ferro – que se colocava às vezes nas zonas baixas do stipe. Era usado quando se desejava prolongar a agonia do crucificado. Nessa peça, que adotava formas diversas – desde uma simples barra até um taco de madeira, passando por uma estrutura similar a um chifre –, o réu podia apoiar os pés e, conseqüentemente, o peso de seu corpo. Tertuliano o cita em uma ocasião, chamando-o *sedilis excelsus*, ou assento elevado. (N. do M.)

185 A partir do imperador Adriano (117-138), oficializou-se esse costume, denominado *pannicularia*, ou “propina”, por decreto recolhido no *Digesto*. (N. do M.)

186 Um simples cálculo matemático nos mostra a terrível imagem do peso que Jesus teve de suportar durante esse angustioso içamento. Dividindo o peso total do Mestre por ambos os braços (40 quilos em cada um), a força da tração exercida sobre cada um deles é igual a $40/\cos 65^\circ = 40 : 0,4226 = 95$ quilos, aproximadamente. (N. do M.)

187 Ainda que eu não seja entendido nos mistérios da chamada Cabala ou *Qábbalah* (vocábulo hebreu equivalente a “conhecimento” ou tradição), convido os prováveis leitores deste diário a submeterem as sucessivas numerações surgidas nos lances dos dados ao método de conversão utilizado por Cagliostro, que supõe uma pretensa equivalência entre os números e as letras, segundo os alfabetos hebreu e latino. Eu o fiz e fiquei surpreso diante das palavras que os números “153-634-135-153” parecem formar... Não só aparece o nome “cósmico” de Jesus – sempre segundo o Esoterismo – como também, quando essa seqüência numérica é “traduzida” ou “convertida” em letras (as do alfabeto hebreu), os peritos em Cabala descobriram com assombro toda uma “mensagem”. Através desse sistema – conhecido na ciência cabalística como “*gueematria*” –, esses números (na mesma ordem em que aparecem no texto) foram “decifrados” e interpretados, obtendo-se, como eu disse, uma “mensagem múltipla”. Não vou revelar aqui e agora essa incrível “mensagem”. Prefiro que o leitor trabalhe sobre esse impressionante enigma e descubra por si próprio o “segredo” da citada numeração. Só acrescentarei algo: em meu desejo de comprovar e analisar tudo quanto aparece neste diário, submeti os números resultantes dos lances dos dados a um frio e rigoroso exame do catedrático de Ciências Matemáticas e Estatísticas J. A. Viedma e de um grupo de especialistas em Informática, encabeçados por meu bom amigo José Mora, todos eles residentes em Palma de Mallorca. Pois bem, segundo esses peritos, o cálculo de probabilidade matemática de que tais números possam sair nessa ordem é de $1/1.679.616 = 0,00000059537$. Ou seja, a probabilidade é baixíssima. (N. de J.J.Benítez)

188 Como bem sabem os seguidores das igrejas – especialmente da católica –, o número atual de relíquias supostamente relacionadas ou pertencentes à Paixão do Galileu supera o milhar. Isso, do ponto de vista objetivo, arqueológico e científico é tão absurdo quanto impossível. Na basílica de Saint-Denis, em Argenteuil, ao norte de Paris, conserva-se por exemplo uma suposta “túnica sagrada”. E o mesmo ocorre na catedral de Tréveris. Com o devido respeito aos que creem em ambas as “túnicas”, nenhuma delas pode ser a que usou o Mestre da Galileia. Na primeira, não obstante as dimensões serem aproximadas das reais (1,45 metro de comprimento por 1,15 metro de largura) e não mostrarem costura, o cânhamo nada tem a ver com a natureza das vestimentas usadas habitualmente pelos hebreus na época. Algodão, lã e linho. (Por uma túnica confeccionada com um tecido tão ralo como tosco, os soldados não teriam perdido tempo em sorteá-la.). Quanto à segunda, ainda é mais difícil de identificar. Trata-se de uma série de fragmentos de um tecido muito fino e pardacento, envolto e protegido contra as traças entre dois panos. Um destes é de seda adamascada, fabricado possivelmente no Oriente, entre os séculos VI e IX. Com os cravos e a cruz de Cristo ocorre algo parecido. Segundo a tradição, a piedosa imperatriz santa Helena os desenterrou no século IV. (Para começar, duvido que as forças romanas perdessem tempo e dinheiro sepultando as stipes e os patibulum, assim como os cravos, após cada execução, como pretendem alguns exegetas em defesa da história da mencionada mãe do Imperador Constantino.) Segundo essas mesmas lendas, santa Helena mandou fazer um freio, com um dos cravos, para o cavalo de seu filho (que hoje se conserva em Carpentras). Com outro, fez um círculo para o capacete de Constantino, e se diz que esse círculo faz parte agora da coroa de ferro dos reis lombardos, conservada em Monza. O terceiro cravo, dizem que serviu para apaziguar uma tempestade no Adriático... O certo é que, hoje, em várias igrejas da Europa são venerados supostos cravos da Paixão, até um total de dez (!): dois em Roma e um em cada um dos seguintes locais: Santa Cruz de Jerusalém, Santa Maria do Capitólio, Veneza, Tréveris, Florença, Sena, Paris e Arras. Com respeito à madeira da cruz de Cristo, o assunto se complica ainda mais. O mundo dos cristãos está materialmente semeado de estilhas de todos os tamanhos, todas elas presumidamente extraídas da verdadeira cruz. Como diziam Breckhenridge e Salmásio, entre outros, “se se juntassem essas relíquias poderíamos plantar um bosque...”. Talvez o fragmento maior seja o que se venera no Norte da Espanha, em São Toríbio de Liébana, na província de Santarém. A tradição assegura que esse *lignum crucis* foi levado a Jerusalém por São Toríbio, bispo de Astorga, na Espanha, e contemporâneo de São Leão I, o Grande. Um dos dados a favor desse suposto fragmento da cruz em que foi pendurado o Mestre é ser de madeira de pinho. Mas, do ponto de vista científico, as dúvidas

continuam envolvendo sua origem. (N. do M.)

189 Os peritos do Cavalo de Troia, em informe posterior a esta primeira "grande viagem", baseados em dados de Jesus (peso, comprimento dos braços, distância ombros-cravos e o ângulo de trinta graus que formavam seus membros superiores com a horizontal), expuseram, entre outros, os seguintes cálculos: a distância entre os cravos dos punhos e uma linha horizontal (imaginária) que passasse pelo centro das articulações dos ombros era de 26 centímetros, aproximadamente. Essa era, em suma, a arrepiante altura a que devia elevar-se o Mestre cada vez que inspirava mais profundamente. Considerando que uma das funções do músculo deltoide (que se estende da clavícula e da omoplata ao úmero) é elevar o membro superior, cujo peso é de mais de um quilo, o esforço a que se viu submetido o Galileu foi simplesmente excepcional. É fácil comprovar sua enorme dificuldade se pensarmos no singular exercício de ginástica que se executa com argolas, popularmente conhecido como "fazer de Cristo". Não podendo contar com a ajuda dos músculos da perna, a musculatura do ombro tem de erguer o peso correspondente ao conjunto formado por cabeça, tronco e pernas. Ou seja: supondo que a massa total de Cristo fosse de 82 quilos, a musculatura deveria arcar com 2/3 de massa corporal. Em outras palavras, com quase 54,6 quilos. De acordo com a expressão peso = massa x gravidade, obtém-se que $54,6 \times 9,8 = 535,73$ newtons. Ao cronometrar a elevação de 26,5 centímetros (0,265 metro) em 1,5 segundo, o Cavalo de Troia deduziu que a aceleração sofrida por Jesus de Nazaré foi de 0,2355 metro por segundo a cada segundo (m/s^2). Foram levados em conta, obviamente, os seguintes parâmetros: "e" = espaço (ou distância) percorrido; " V_0 " = velocidade inicial – neste caso, zero; "a" = aceleração; e "t" = tempo gasto. A fórmula que relaciona esses parâmetros é: $e = V_0 t + 1/2 a.t^2$. Isso significa o seguinte: $0,265 = 1/2 a. 1,5^2$.

Também foi calculada a força que teve de fazer o Mestre em cada uma das violentas elevações na vertical: peso-força = massa x aceleração. Ou seja, $535,73 - F = 54,6 \times 0,2355$. O resultado foi $F = 522,87$ joules. Quanto ao "trabalho" desenvolvido, eis aqui a arrepiante cifra: trabalho = força x distância, ou seja: $T = 522,87 \times 0,265 = 138,56$ newtons. Isso equivale a uma potência de 92,37 watts! (potência = trabalho/tempo, ou $138,56/1,5$). Se compararmos esses 92,37 watts com os 2,5 normalmente gerados pela mesma musculatura para simplesmente elevar o braço, começaremos a intuir o gigantesco e dobrosíssimo esforço que Jesus de Nazaré desenvolveu na cruz. (N. do M.)

190 "Pegeons": entre os pilotos e astronautas, indica distância e rumo. (N. do M.)

191 Não posso resistir à tentação de lembrar ao leitor outro fato que parece manter estreita relação com este: o sol que "dançou" em Fátima em 1917. Quanto ao objeto que provocou as "trevas" sobre Jerusalém e imediações, o computador do módulo avaliou que girava geossincronicamente sobre a Cidade Santa (paralelo calculado para Jerusalém: 5.463 quilômetros). (N. do M.)

192 Utilizando o chamado "Sistema 1", baseado em tabelas francesas elaboradas em Nancy, foram desenvolvidos por volta de quarenta parâmetros. Por exemplo, "VC" (capacidade vital); "VT" (volume corrente); "RV" (volume residual); "TLC" (capacidade pulmonar total); "MV" (volume minuto); transferência ou difusão pulmonar do oxigênio; "RAW" (resistência de vias aéreas); distensibilidade pulmonar e torácica; e "PST" (pressão de retração "elástico-pulmonar"). (N. do M.)

193 Esse "sinal", que costuma preceder a morte, bem conhecido dos médicos, apresenta geralmente no olho direito uma opacidade da esclerótica um pouco mais pálida que a do esquerdo. Quase sempre essa "mancha ocular" aparece primeiro em um olho, e só depois no outro. (N. do M.)

194 A energia liberada em um terremoto se desloca pela rocha em forma de ondas. A rocha atua como um corpo elástico. As partículas individuais nos estratos rochosos vibram de uma parte a outra com grande rapidez, à medida que se transmite o movimento ondulatório. Ainda que seus padrões se mostrem complexos ao extremo, constantemente modificados pelas propriedades de reflexão, difração, refração e dispersão das ondas, estas foram internacionalmente divididas em três grandes grupos:

A onda "P" ou "primária", "de empuxo", "compressional" ou "longitudinal", viaja pelo interior da Terra a grande velocidade (entre 6 e 11,3 quilômetros/segundo), sendo a primeira a chegar à estação rastreadora. Transmite-se, como as ondas sonoras, por compressão e expansão alternadas do volume da rocha, ao longo da rota de viagem das ondas. Pode atravessar sólidos, líquidos e gases.

A onda "S" ou "secundária", "de sacolejo", de "esforço cortante", "distorcional" ou "transversal", forma um corpo de ondas mais lentas que a "P", viajando entre 3,5 e 7,3 quilômetros/segundo. São as segundas a chegar ao sismógrafo. Viajam também pelo interior da Terra, sendo transmitidas – como as ondas da luz – por vibrações perpendiculares à trajetória em que viajam as ondas nas rochas. Sua velocidade é proporcional à rigidez do material que atravessam, não podendo cruzar líquidos.

E, por último, as ondas "L", também conhecidas pelos nomes de "longas" ou "superficiais". São lentas – ao redor de 3,5 quilômetros/segundo –, variando seu deslocamento com a elasticidade da rocha. Têm natureza ondulante, movimentando-se fundamentalmente sob a superfície terrestre. Conhecem-se duas classes principais: as ondas

“Love”, em sólidos uniformes, e as “Raleigh”, em sólidos não uniformes. (N. do M.)

195 Como base puramente comparativa, o famoso terremoto de 1755 em Lisboa, cuja magnitude foi estimada em 9, provocou uma onda sísmica (ou maremoto) denominada “tsunami”, que arrasou a capital portuguesa e seus arredores, ocasionando 60 mil mortes. Trata-se do sismo mais forte da História Moderna; até o lago Lomond, na Escócia, balançou por causa do tremor. (N. do M.)

196 Um dos testemunhos mais antigos de que se dispõe hoje sobre os sismos em Israel procede de Flávio Josefo. Em seu livro I, capítulo XIV, da Guerra dos judeus, e sob o título de “A cilada de Cleópatra contra Herodes, e da guerra de Herodes contra os árabes, e um enorme tremor de terra que então aconteceu”, diz o historiador: “... Persequindo (Herodes, o Grande) seus inimigos, aconteceu-lhe, por vontade de Deus, outra desgraça aos sete anos de seu reinado, e no tempo em que fervia a guerra de Accio, porque no princípio da primavera houve um tremor de terra no qual morreu infinito gado e pereceram 30 mil homens, restando salvo e inteiro todo o seu exército porque estava no campo.” O terremoto ocorreu, portanto, por volta do ano 35 antes de Cristo, justamente 64 ou 65 anos antes do sismo que os Evangelhos mencionam. (N. do M.)

197 Das dimensões desse grande véu, dá-nos ideia o seguinte escrito rabínico Middot (III,8): “Se o véu do Templo se manchou, deve-se lançá-lo em um banho, na presença de trezentos sacerdotes”. (N. do M.)

198 Medida antiga de comprimento, correspondente a 1,10 metro. (N. T.)

199 Essa moeda, similar à perutah de Agripa I, era cunhada em Jerusalém. Encontraram-se exemplares dela emitidos sob Copônio, Valério Grato, Pôncio Pilatos e Antônio Félix. Seu valor era mínimo: um denário de prata equivalia a 192 perutah, aproximadamente. (N. do M.)

200 Ao consultar os principais catálogos mundiais de moedas judaicas do tempo de Cristo – especialmente o de moedas antigas do Museu Britânico – e o livro de Madden sobre moedas judaicas, publicado em 1864 e reimpresso em 1967, os especialistas do Cavalo de Troia comprovaram que a maior parte das moedas cunhadas por Pôncio Pilatos (de 26 a 36 da nossa Era) distinguia-se precisamente por signos como o lituus, simpulum etc., que, por seu caráter pagão, ofendiam os sentimentos religiosos do povo hebreu. No caso do lituus, ou cajado do áugure ou adivinho, supõe-se que essa ousadia de Pôncio, único governador romano que se atreveu a agredir a fibra religiosa da Judeia – guardasse também um alto grau de adulação para com Tibério, grande entusiasta, como já vimos, dos astrólogos. (N. do M.)

201 Uma das falhas ortográficas mais evidentes era o “c” inicial da palavra “CAICAPOC”. O lógico é que o responsável pela gravação houvesse cunhado o referido título com o “K” grego: “KAICAPOC” ou “Káíсарis” (de “César”). Mas, de outra parte, conhecida a péssima reputação do governador romano como cunhador de moedas, isso tampouco me causou estranheza. Outro erro, consequência do “comodismo” dos cunhadores, aparece nos dois últimos “C” de “CAICAPOC”. Na realidade, a mencionada palavra grega deveria ter sido escrita em “E” (letra “S” ou “sigma”). Provavelmente os artesãos preferiram truncar o aborrecido signo, deixando-o pela metade: “<”, “C”. (N. do M.)

202 Duzentos dólares de 1973, bem entendido. (N. de J.J.Benítez)

203 Nos relatos tradicionais da festividade judia das luminárias, ou “Chanucá” (que costuma coincidir com as natalinas), conta-se que, durante a ocupação romana, no século I, era proibido reunir-se em grupos para estudar a Torá. Quando um vigia alertava o grupo de estudiosos sobre a aproximação dos soldados, alguém apanhava um zevivon, espécie de dado com uma base pontiaguda e uma asa superior que o fazia girar. Dessa forma, dissimulavam, fazendo apostas sobre a face do dado que cairia para cima. Mesmo hoje, é frequente ver meninos israelitas jogando com um desses dados durante os dias da “Chanucá”. (N. do M.)

8 de abril, sábado

Pouco antes do amanhecer, Eliseu me tirou de um profundo sono, entremeado de pesadelos, nos quais, curiosamente, misturavam-se as mais absurdas situações e vivências, tanto no “tempo” real em que eu me movia quanto em meu verdadeiro século.

As condições meteorológicas haviam mudado. O dia prometia serenidade: vento calmo, excelente visibilidade, baixa umidade relativa e temperatura de 10°C, em ascensão. Do módulo, os radares de longo alcance desenhavam com toda a nitidez os perfis do árido Negev.

João Marcos não tardou a se apresentar. Trazia uma grande caneca de leite de cabra e um pouco de pão, feito durante a manhã de sexta. Meu esgotamento havia desaparecido; praticamente devorei o frugal desjejum.

Com as primeiras luzes e o som das trombetas do Santuário anunciando o novo dia, meu jovem amigo e eu cruzamos as solitárias ruas de Jerusalém. O habitual ruído das moendas havia desaparecido. Ninguém parecia ter pressa de se levantar. Por um lado, fiquei contente. Se o corpo de Judas continuava entre as rochas, eu preferia que ninguém nos visse junto dele. Era muito mais seguro.

Uma vez fora das muralhas, o menino me conduziu para o oeste, seguindo quase paralelamente ao muro meridional da cidade. A poucos metros da porta da Fonte, pela qual havíamos saído, o terreno mudou. Entramos no que os judeus chamavam de a Geena, ou “inferno”, suponho que pela topografia, uma depressão, e pelas numerosas fogueiras que se levantavam aqui e ali, numa permanente queima de lixo. De fato, à medida que caminhávamos, observei que aquela tétrica paragem havia sido convertida em uma imensa esterqueira em que perambulavam cães vadios e ratazanas enormes como lebres.

João Marcos parou. Observou a paisagem e, em poucos segundos, retomou a marcha. Aos cinco minutos de caminhada, a Geena se converteu em um labirinto de penhascos, escarpas estéreis e pequenas, agudos precipícios. De acordo com as marcas de nossos mapas, aquele extremo sul de Jerusalém oscilava entre 612 e 630 metros de altitude, nas proximidades do portão da Fonte, e chegava a 685 metros nas cercanias da porta dos Essênios. Entre esses dois pontos, o perfil do terreno sofria bruscas variações, com desníveis de vinte, trinta e até quarenta metros.

Ao ir vencendo, passo a passo, aquele “inferno”, supus que se Iscariotes tivesse caído de alguma daquelas escarpas, o mais provável seria ter sido destroçado sobre as cortantes arestas das rochas.

Por fim Marcos parou. Estávamos a uns duzentos metros, em linha reta, da muralha, sobre um daqueles descalvados promontórios. Marcos indicou-me uma

figueira jovem, nascida por milagre entre as irregularidades e fissuras da rocha e que, precisamente como o menino me havia explicado, crescia com a metade da sua ramagem voltada para oeste, sobre o vazio.

Aproximei-me devagar da borda do precipício. Inquieto e trêmulo, o rapaz agarrou-se a meu braço. No início, nada distingui de anormal. O talude apresentava uma inclinação quase vertical, de uns 35 ou 40 metros. Mas a frouxa claridade da alvorada não permitia distinguir o fundo com precisão.

Depois de alguns minutos de intensa busca, João Marcos deu um grito que quase me fez perder o equilíbrio.

– Ali!... Vê, está ali!

Segui a direção de seu dedo e, de fato, confundido entre as pedras, vi um vulto leitoso, imóvel, que do meu ponto de observação parecia um homem envolto em algo como uma túnica ou manta branca.

Ordenei a João que não se movesse e escolhi um maciço para iniciar a descida. Depois de não poucas voltas, escorregões e sustos entre as ardilosas paredes do precipício, cheguei ao fundo da garganta, a pouco mais de quatro metros do corpo. Vi que ele não movia um músculo sequer. Estava desmaiado ou morto. Era um homem, com certeza, vestido com uma túnica cor de marfim, igual à que Judas usava. Estava com o rosto para baixo, com a perna esquerda violentamente flexionada sob o abdome.

Quando, afinal, decidi avançar, um vulto negro, grande e peludo como um coelho saiu de sob o corpo, fugindo para as sarças próximas. Parei. Um calafrio percorreu minhas entranhas. Os ratos haviam começado a devorá-lo...

Apressei-me a virar o corpo e, então, o rosto imberbe, pontiagudo e pálido de Iscariotes surgiu à minha frente. Tinha um olho aberto com a expressão de espanto em suas pupilas. O outro havia praticamente desaparecido diante das investidas dos roedores.

Por mais que examinasse seu corpo, não encontrei sinal algum de sangue. Apenas um finíssimo fio, já seco, brotava da comissura direita de seus lábios.

Tinha ainda o cinto preso ao pescoço. Ao examiná-lo, verifiquei que não estava rompido. Simplesmente, como dissera João Marcos, o nó havia-se desfeito. O cinto pressionava a garganta de Judas, mas, para minha surpresa, a conjuntiva, ou membrana mucosa que forra o dorso das pálpebras e a zona interior do olho, não apresentava as típicas manchas roxas dos enforcados. Afastei os cabelos finos e negros, mas também não observei esse tipo de equimose por trás das orelhas.

A língua não estava presa entre os dentes nem apresentava a habitual tonalidade azul, sinais característicos nos enforcados.

Se realmente tivesse ocorrido a obstrução completa de toda a irrigação e desaguamento cerebral, o rosto de Judas estaria embotado. No entanto, seu aspecto – apesar das quinze horas presumivelmente transcorridas desde o óbito – era quase normal. A pupila, dilatada no início, havia começado a diminuir, entrando na fase de miose (possivelmente a partir das nove da noite de sexta-feira).

O corpo apresentava também a lividez própria do estado post-mortem, mas, insisto, as veias jugulares e artérias carótidas não mostravam sinais de estrangulamento.²⁰⁴

Diante daquele acúmulo de provas negativas, minha impressão foi a seguinte: Judas Iscariotes não havia morrido por enforcamento, mas em consequência direta da queda.

Essa hipótese foi fortalecida depois que apalpei as extremidades e o resto do corpo. As pernas e um dos braços apresentavam fraturas quádruplas e as rupturas internas eram generalizadas.

Mas o que me acabou convencendo foi o som do crânio, quando o agitei entre as mãos. Aquele ruído – similar ao de um “saco de nozes” – era típico das pessoas que tinham sofrido uma queda de grande altura.

Ainda que fosse verossímil que o traidor, em seu desespero, não tivesse ajustado o nó do cinto convenientemente, nunca pude compreender como esse sujeito – em geral tão meticuloso – pôde cometer tal erro.

Voltei a colocar o corpo sobre as pedras e, depois de fechar seus olhos (ou o que restava deles), permaneci alguns minutos em pé, em silêncio, contemplando aquele desgraçado. Perguntei-me se Iscariotes, ou “homem de Carioth”, filho de Simão, sujeito ilustre e endinheirado da Judeia, discípulo de João Batista e atormentado pesquisador da verdade, mereceria realmente um fim tão desolador...

Regressei para junto de meu amigo e lhe confirmei a morte de Judas. João Marcos havia recuperado o manto do renegado e lentamente voltamos para Jerusalém.

Uma vez na cidade, pedi-lhe que me conduzisse até a casa de João Zebedeu e que depois fizesse contato com a família de Judas. Era preciso que recolhessem os despojos antes que os ratos e outros animais da Geena acabassem com eles.

Diligentemente, como era seu costume, o filho dos Marcos atendeu meus pedidos.

João Zebedeu não me esperava, mas recebeu-me com um forte abraço. Dispunha de uma casinha de um pavimento, muito humilde e quase vazia, na zona norte da cidade, num bairro que, naquele tempo, começava a crescer e era conhecido por “Beza’tha”.

À porta ardiavam pequenos troncos, destinados a afugentar insetos. Cruzei o umbral. No interior do único aposento, parcamente iluminado por uma lâmpada de azeite, distingi quatro mulheres: Maria, a mãe de Jesus; sua irmã Miriam; Salomé, a mãe de João; e a jovem Rute, irmã do Nazareno.

Não havia cadeiras nem tamboretas, e Zebedeu convidou-me a sentar em uma das esteiras espalhadas sobre a terra socada que constituía o piso. Causou-me estranheza a singular austeridade daquela casa, com um terraço de cobertura bem leve, à base de ramos cobertos de argila, sem uma só janela ou fresta. Depois, soube que aquela não era a residência habitual dos Zebedeu. Moravam realmente ao norte, na Galileia.

João não me apresentou às mulheres. Não era costume e, ademais, não havia necessidade disso. Todas as hebreias se mostravam especialmente solícitas com Maria. Uma delas acabava de lhe oferecer uma caneca de madeira com leite. Mas a mãe do Galileu resistia em tomá-lo. Quando meus olhos se foram acostumando à penumbra, vi que a Senhora tinha a cabeça descoberta. Seus cabelos eram muito mais negros do que eu havia pensado. Penteava-os com uma risca no centro, recolhendo na nuca uma sedosa massa de cabelo. Suas olheiras, ainda mais pronunciadas do que no momento de seu encontro com o crucificado, refletiam a noite de vigília e sofrimento. Estava sentada sobre uma daquelas grossas esteirinhas de palma e junco, com o corpo e a cabeça reclinados na parede de adobe, os olhos semicerrados. De vez em quando, um profundo suspiro agitava todo o seu ser e os belos olhos rasgados se entreabriam. Por um momento, ao captar a resignada amargura daquela hebreia, senti-me desfalecer. Não sabia como interrogá-la. As forças e a coragem pareciam escapar de mim, anulado como me sentia diante da angústia de uma mãe que acabava de perder – e de que forma! – seu filho primogênito. Como podia eu iniciar a conversa? Com que ânimo interrogaria aquela mulher dilacerada pela dor para pedir-lhe que me falasse de seu Filho, de sua infância e de sua não menos obscura juventude?

Foi João quem, sem querer, facilitou-me tão árdua tarefa, prevista pelo projeto Cavalo de Troia como um dos últimos objetivos da missão.

Depois de sacudir um velho e enegrecido pelego de cabra, o discípulo encheu outra caneca de madeira com um leite espesso e acre e me pediu que aceitasse aquele humilde alimento.

– Não te incomodes com o cheiro – disse-me. – Sacia melhor a sede...

Não quis desagradá-lo e tomei todo o pestilento líquido, com os olhos fechados e a respiração suspensa.

O Zebedeu recolheu a caneca e, apontando o manto de linho branco que pendia de meu cinto, observou:

– Vejo que não esqueceste teu presente...

Baixei a vista e compreendi. Ainda que aquela espécie de xale houvesse sido comprado para Marta, irmã de Lázaro, a genial sugestão do discípulo mudou meus planos. De fato, aquele podia ser o meio ideal para ganhar a estima e a confiança de Maria... Como isso não me havia ocorrido antes?

Tomei o manto nas mãos e, erguendo-me, aproximei-me da Senhora. Ajoelhei-me diante dela e, estendendo-lhe o rico presente, pedi que se dignasse a aceitá-lo.

Maria e as mulheres que a rodeavam olharam-me e depois se entreolharam. Por fim, a mãe do rabi, afastando-se da parede, tomou o manto e banhou-me com um olhar profundo. Um olhar que me lembrou o do seu Filho.

João, atento e solícito, aproximou a lanterna de barro para que Maria pudesse contemplar melhor a finíssima textura do linho. Então, à luz da lâmpada de azeite, os olhos daquela mulher surgiram diante de mim em toda a sua beleza: eram verdes!

Depois de acariciar o tecido, Maria levantou de novo os olhos para mim e, mostrando dentes brancos e perfeitos, exclamou:

– Obrigada, filho!

Era a primeira vez que eu ouvia aquela voz grossa, mas cálida e firme.

– Eu te conheço – disse confusa –. Onde nos vimos antes?

Neguei com a cabeça, intrigado diante daquela aparente obsessão coletiva. O “tempo” (nunca melhor dizendo) se encarregaria de ajudar-me naquela situação. Mas não devo me adiantar nesse “tempo”...

A partir daquele instante – oito da manhã, aproximadamente – e depois que João Zebedeu lhe disse quem era eu e porque estava ali, Maria concordou com agrado em falar-me de Jesus, de seus primeiros anos em Nazaré, de suas viagens pelo Mediterrâneo e da morte, em acidente de trabalho, de seu esposo, o construtor e carpinteiro chamado José.

Tentando pôr ordem em minhas ideias e nos milhares de temas que se agitavam em minha mente, comecei por perguntar-lhe sobre o nascimento do gigante...²⁰⁵

Por volta das onze e trinta, nossa conversa foi interrompida pela chegada de Judas, ou Judá, e José de Arimateia. Traziam as últimas notícias.

Uma vez terminada a ceia da Páscoa, os sinedristas haviam voltado a reunir-se, dessa vez na casa de Caifás. Segundo o ancião, o único tema debatido fora a profecia feita por Jesus de ressuscitar no terceiro dia. Os sacerdotes, em especial os saduceus, não davam muito crédito às palavras do justicado. Mas os intrigantes membros do Sinédrio achavam que o mais prudente seria vigiar a tumba. “Segundo afirmaram – prosseguiu José –, havia a possibilidade de que os amigos e crentes de Jesus roubassem o cadáver, para depois propagar a mentira de sua ressurreição.” Com a finalidade de abortar qualquer tentativa de roubo, o sumo sacerdote designara uma comissão com o encargo de visitar o governador romano na primeira hora da manhã de sábado. Pois bem, esse grupo de sinedristas acabava de entrevistar-se com Pôncio.

José, alertado por um de seus confidentes, havia se apressado a ir ao Templo. Ali, depois de não poucas buscas, entre ferinas indiretas por parte dessa comissão – conhecedora de sua vinculação com o Nazareno –, José de Arimateia conhecera finalmente os pormenores da reunião entre os sacerdotes e Pilatos.

– Senhor – haviam dito os juízes ao governador –, viemos lembrar-te de que Jesus de Nazaré, esse falsário, declarou em vida: “Passados três dias, ressuscitarei”. Por conseguinte, estamos diante de ti para pedir que dês as instruções necessárias para que o sepulcro seja devidamente protegido contra seus discípulos, até que se tenham passado esses três dias. Tememos que seus fiéis tentem roubar o corpo durante a noite e, em seguida, proclamem ao povo que ele ressuscitou de entre os mortos. Se consentirmos que isso ocorra, teremos cometido falta maior do que se o tivéssemos deixado com vida.

E Pôncio, depois de escutar esse pedido, respondera:

– Eu vos darei uma escolta de dez soldados. Ide e montai a guarda diante da tumba.

E José de Arimateia prosseguiu:

– Essa escolta romana e outros dez levitas, recrutados em uma das seções semanais do Templo, já estão na tumba, como pude verificar antes de vir até aqui. Essas bestas hipócritas que rodeiam e adulam Caifás não tiveram o menor escrúpulo de violar o sábado sagrado e invadir minha propriedade. Quando tentei chegar até a cripta, alguns dos guardiães do Santuário me barraram o caminho, obrigando-me a retirar-me. É indigno!...

– Então – provoquei –, ninguém pode se aproximar da tumba.

– Ninguém que não seja da guarnição da torre Antônia ou do corpo de levitas. Os selvagens chegaram até a retirar a laje que cobre o poço do hortelão para uni-la à rocha que fecha a câmara sepulcral. E depois ainda estamparam o selo de Pilatos para que ninguém as possa remover.

Aquela notícia me deixou preocupado de verdade. Os últimos minutos de minha missão em Jerusalém deveriam transcorrer, precisamente, o mais próximo possível do sepulcro. O projeto Cavalo de Troia tinha especial interesse, é lógico, em averiguar se a ressurreição do Mestre da Galileia era uma realidade objetiva ou, pelo contrário, uma lenda. Como poderia eu levar adiante minha observação se o caminho do sepulcro estava bloqueado por vinte sentinelas?

Ainda restavam várias horas e eu preferi não me atormentar com tal dilema. Alguma coisa me ocorreria...

A mudança de assunto de José me ajudou a esquecer o tema por um tempo.

Com grande surpresa para mim, uma das maiores preocupações do ancião era acertar o epitáfio que deveria ser gravado na fachada rochosa do sepulcro onde repousava o corpo de seu Mestre. José até trazia escritas algumas frases, que deu para Judas e João lerem.

Com gesto grave, os três homens discutiram o possível texto, chegando à conclusão de que o último era o mais adequado. Pedi a João que me passasse o pergaminho e, em aramaico, li o seguinte:

Este é Jesus, o Messias.
Não há aqui ouro ou prata,
senão seus ossos.
Maldito seja o homem
que abra este sepulcro.

Eu sabia que os saques às tumbas estavam na ordem do dia em Israel, mas não conseguia assimilar a falta de fé daqueles íntimos de Jesus de Nazaré, que não hesitavam em qualificar o Galileu de Messias, mas, por outro lado, renunciavam por completo à ideia de sua ressurreição. Era tão triste quanto anacrônico...

Uma vez decidido o epitáfio, José mostrou a frase escolhida à mãe de Jesus. Maria, porém, negou-se a lê-lo. E, cravando os olhos em cada um dos três,

censurou-lhes sua falta de fé com um comentário lapidar:

– O Messias escreverá seu epitáfio com uma única palavra: “Ressuscitou!”.

Um silêncio pesado cobriu a todos durante alguns minutos. José balançou a cabeça negativamente e Judas e João se limitaram a baixar o rosto, manifestando dúvida.

A Senhora não insistiu. Recostou-se de novo na parede e semicerrou os olhos.

Foi José quem rompeu a embaraçosa situação, tentando-nos convencer, a nos e a si mesmo, de que não deviam ser cultivadas falsas ilusões.

– A notícia da promessa da ressurreição – comentou – terminou ganhando as ruas, e Jerusalém toda comenta o assunto. Se o Messias não cumprir a promessa, em que situação ficarão seus discípulos e ele mesmo?

Infelizmente, aquela postura, própria de um homem racional de comprovado bom senso, era compartilhada por quase todos os seus apóstolos, enclausurados desde a noite de quinta-feira em diversas casas de Jerusalém e Betânia, mortos de medo e sem a menor esperança com relação ao futuro. Se aqueles rudes galileus tivessem se deixado possuir pela fé de um Davi Zebedeu, para dar exemplo, as coisas teriam sido muito diferentes...

Ainda que com o risco de repetir-me, creio ser de extrema importância salientar essa ingrata, mas muito humana disposição dos apóstolos e seguidores do Filho do Homem em relação ao tema da ressurreição. Estão equivocados os que supõem que os discípulos esperavam ansiosos o amanhecer do terceiro dia. Nenhum deles, em perfeito juízo, poderia admitir que um cadáver, depois de 36 horas de falecimento, fosse capaz de se levantar e viver. Mas o surpreendente rabi jamais falava em vão...

Meia hora antes do ocaso – ali pelas seis –, Judas e sua irmã Rute puseram-se a caminho, acompanhando a mãe até a residência de Lázaro, em Betânia. João, obedecendo a recomendação dada por José, foi para a casa de Elias Marcos, onde estava prevista a reunião de urgência de todos os discípulos e fiéis de Jesus que estivessem na Cidade Santa.

Ofereci-me para acompanhar a família do Nazareno e, dessa forma, pude ampliar meus conhecimentos sobre a vida de Jesus.

Às 19h30, as irmãs do ressuscitado nos receberam em sua casa com infinitas atenções.

Mas a noite se aproximava e, depois de me despedir de meus novos amigos, agradei a Marta e Maria sua generosa hospitalidade e anunciei-lhes que iria empreender uma longa viagem, mas que era quase certo que regressaria logo. Aquela piedosa mentira, que talvez aliviasse o aflito coração de Marta, chegaria a ser uma realidade. Uma realidade que viria ao encontro das íntimas aspirações deste cada vez menos incrédulo e cético oficial da Força Aérea Norte-americana.

A irmã mais velha de Lázaro, com os olhos cheios de lágrimas, confiou-me, em segredo, que seu irmão tinha precisado refugiar-se em Filadélfia e que elas, assim que pudessem vender as terras e a fazenda, seguiriam seus passos. Eu conhecia a

primeira parte da informação, mas – estúpido que fui! – naquele instante, enquanto lhe dizia adeus, não soube perceber o que verdadeiramente sua confissão encerrava...

Pouco antes da meia-noite, preocupado com o avançado da hora e com a necessidade de encontrar alguma fórmula que me permitisse observar a entrada do sepulcro com um máximo de nitidez e segurança, iniciei a ascensão do monte das Oliveiras.

Será que ocorreria mesmo a grande “façanha”? Realmente, teria eu a grandiosa oportunidade de comprovar com meus próprios olhos o anunciado prodígio da ressurreição?

204 Em Medicina Legal, está definitivamente aceito que, para produzir a obstrução total das jugulares, é preciso uns cinco quilos de força. No caso dos carótidas, entre dez e quinze quilos. (N. do M.)

205 O extenso relato do Major sobre essa apaixonante conversa com a mãe de Jesus de Nazaré, na qual figuram inúmeros dados novos e fascinantes sobre a infância, juventude e idade adulta do Galileu, foi destacado do diário e incluído – devido à sua extensão – em um próximo volume. Sinto, de verdade, deixar o leitor com água na boca... (N. de J.J.Benítez)

9 de abril, domingo

Por volta da uma da madrugada, sem ar nos pulmões e suando por todos os poros, divisei por fim a cerca de madeira da propriedade de José de Arimateia. Tudo estava em silêncio. E solitário. Caminhei nervosamente para cima e para baixo da cerca, buscando um meio que me conduzisse, são e salvo, ao interior do horto. Mas meu cérebro, embotado pela aflição, negava-se a trabalhar. Eliseu, à minha passagem pelo cume do monte das Oliveiras, havia me lembrado da imperiosa necessidade de contar com minha presença antes das 7 horas. Os preparativos para o retorno exigiam um mínimo de testes e o definitivo ajuste do computador. Suponho que lhe tenha prometido regressar muito antes dessa hora. Não me recordo bem. Meu ânimo ia se excitando conforme eu corria ladeira abaixo, em direção à zona norte da cidade.

Agora, com a missão quase concluída, sentia-me incapaz de encerrar com êxito aquela que, sem dúvida, poderia ser a fase decisiva de todo o projeto.

Respirei fundo e, sem mais demora, saltei para o interior da propriedade. Poderia ter aberto a cancela, mas pensei melhor. Os enferrujados e impertinentes gonzos poderiam delatar-me.

Uma vez no pomar, permaneci alguns minutos de cócoras, atento ao menor ruído. Tudo continuava calmo. E estimulando a mim mesmo, fui me arrastando sobre o seco terreno argiloso, apoiando-me, a cada avanço, nos antebraços e cotovelos. Eu havia pulado à esquerda da cancela com uma intenção inicial: tentar alcançar a parte de trás da casinhola do hortelão. Quando ali chegasse, se os guardas não me descobrissem antes, pensaria no que fazer...

Fui fazendo pequenas paradas, ocultando-me atrás dos frágeis troncos das árvores frutíferas e tentando perfurar o pequeno bosque com a vista. A lua, praticamente cheia, irradiava uma claridade que, naqueles minutos decisivos, poderia trair-me.

“Uns metros mais – disse para mim mesmo –, e quase terei conseguido.”

Resfolegando e com a túnica avermelhada pela argila, ocultei-me por fim detrás do muro de pedra do poço, situado a uma dezena de metros da casa do hortelão. Assomei lentamente a cabeça por cima do parapeito do muro e verifiquei, com alívio, que a porta estava fechada e não havia luz alguma no interior. A chaminé estava inativa.

“Quem sabe os soldados o obrigaram a deixar sua vivenda”, pensei. E nesse instante, uma dúvida mortal me ressecou a garganta:

“E se eu houvesse chegado tarde demais? E se a suposta ressurreição já tivesse ocorrido...?”

O único indício nesse sentido está no texto evangélico de Mateus (28,1-8). Se o

autor sagrado tivesse razão e o prodígio se operasse “ao alvorecer do primeiro dia” – ou seja, no domingo –, tudo estava perdido. A aparição do limbo superior do sol sobre o horizonte havia sido fixada por “Papai Noel” com precisão matemática: dada a latitude aproximada de Jerusalém – 32 graus Norte –, esse instante ocorreria às 5h42.

Mas um inesperado acontecimento interrompeu essas lucubrações, fazendo-me tremer da cabeça aos pés. Subitamente, os cães de José de Arimateia começaram a ladrar furiosos. Eu não havia contado com aquele novo problema!

Colei-me à parede do poço, tentando adivinhar a posição deles. Não demoraria a descobrir. Em dois ou três minutos, senti às costas os grunhidos dos animais. Eles haviam-me detectado e permaneciam ali, a dois ou três metros, as goelas arreganhadas e ameaçadoras. Eu estava disposto a golpeá-los e pô-los fora de combate se fosse preciso. Tratava-se, na verdade, de dois pequenos exemplares, por isso supus que não seria difícil amedrontá-los ou bater-lhes com a “vara de Moisés”. O que mais me preocupava era que a escolta romana ou levítica pudesse ter sua atenção despertada e me descobrisse.

Preparei-me e, levantando-me, fiquei pronto para afugentá-los. Mas então o sangue congelou-se em minhas artérias: uma mão rude e pesada caiu sobre meu ombro direito... Ao virar o rosto, quando já considerava tudo perdido, vi diante de mim a alta silhueta do hortelão. Antes que eu pudesse explicar-lhe, levou o dedo indicador aos lábios pedindo silêncio. Depois fez sinal para que o acompanhasse. Surpreso, obedeci, como um autômato. Os cães, ao ver o dono da casa, ficaram em silêncio e nos seguiram docilmente até o interior da casa.

Ali, o horticultor ficou sabendo de minhas intenções. Ele havia-me reconhecido e, como seguidor dos ensinamentos do Mestre, regozijou-se diante de minha suposta fé, prometendo ajudar-me a encontrar o lugar adequado para satisfazer meu desejo aparentemente louco.

De modo rápido, medindo cada passo, o homem rodeou a casa e entrou em um pequeno vinhedo situado a oeste da cripta, que eu havia visto de maneira fugaz em minha primeira visita ao horto. Próximo ao suave promontório onde havia sido sepultado o corpo do Nazareno, erguia-se uma espécie de enorme caixão, de uns dois metros de altura. O indivíduo se ocultou atrás de uma das paredes de tábuas do misterioso “cubo” e eu fiz o mesmo.

– Daqui poderás observar sem perigo...

Depois abriu um pequeno alçapão existente na base daquela face do caixão e me fez sinal para que eu me agachasse e entrasse.

Sem saber o que me aguardava, fiquei de joelhos e penetrei no interior do cubo. Em minha precipitação, esqueci a “vara de Moisés” no chão. Mas o alçapão estava fechado por fora! Desesperado, escutei os passos do jardineiro que se afastava em direção à casa.

Que podia eu fazer? Se gritasse, reclamando a presença do hortelão, os soldados perceberiam minha presença. “Além disso – pensei com nervosismo

descontrolado –, como vou sair?”

O som de uma série de bater de asas me devolveu ao presente. Ergui o rosto, tentando identificar aqueles ruídos e, ao me levantar, as trevas do caixão se converteram em um bombardeio de pequenos corpos brancos, chocando-se entre si, contra minha cabeça e contra as paredes do cubículo. Instintivamente, cobri-me com os braços. Mas o assustador e assustado vaivém daqueles seres prosseguiu por vários minutos. Agachei-me de novo e, pouco a pouco, tudo foi serenando. O chão de terra achava-se atapetado de penas. Ao examiná-las, compreendi: eram pombos!

Apesar do susto não pude evitar uma contida gargalhada. O bom horticultor me havia metido em um pombal!...

Para falar a verdade, durante mais de meia hora minha preparação de anos como astronauta, meus estudos, minhas investigações e minha aprendizagem para um projeto tão importante não me serviram de nada. Simplesmente, o general Curtiss não havia previsto aquela ridícula situação e eu, com certeza, não tinha a menor ideia de como acalmar três dezenas de pombas e pombos naturalmente assustados com a súbita aparição de um estranho em sua morada.

Se eu não conseguisse acalmar as aves, seria muito difícil assomar--me a rede metálica situada na parte superior do caixão.

Tentei por duas vezes, mas o resultado foi caótico. Apesar de meus doces assobios, de minhas ternas palavras e de meus gestos apaziguadores, as inquietas aves se alvoroçaram em ambas as ocasiões.

Vencido, deixei-me cair no fundo do pombal. Cheguei a pensar em matar os pombos. Mas só de imaginar senti repugnância. Durante alguns minutos, com a minha cabeça mergulhada nos joelhos, tentei recordar tudo o que sabia ou havia visto sobre aquelas aves. Em minhas escassas recordações, surgiu-me na memória a figura de meu avô, velho caçador de patos nas lagunas de Baton Rouge, na Louisiana. Lembrei-me de algumas alvoradas em sua companhia durante minhas férias da juventude, às margens do lago Pontchartrain. Lembrei-me das garças e – céus! –, de repente, como um milagre, surgiu em meu cérebro a cara de meu avô, com um raminho entre os dentes, estalando as mandíbulas e movendo a cabeça para cima e para baixo, imitando as garças no cio. Aquela cena, que sempre me havia divertido poderia conter a solução...

Procurei, mas não achei um só ramo. Sem desanimar, tomei a pena mais longa que havia no chão e, colocando-a entre os dentes, comecei a oscilar a cabeça, de oito a dez vezes por minuto. Depois, com uma lentidão exasperante, mas forçada, fui-me erguendo entre travessas e nichos, procurando emitir um som parecido com um arrulho.

No meio do caminho parei e observei as aves, sem deixar de mover a cabeça. Aquele velho sistema para atrair a atenção das garças fêmeas na América parecia eficaz. Algumas pombas esvoaçaram inquietas, mas a maioria continuou impassível. (Não sei se absortas ou surpresas – ou ambas as coisas ao mesmo

tempo – diante daquele pobre estúpido que pretendia se fazer passar por mais um pombo.)

Passados dez ou quinze minutos, o projeto Cavalo de Troia estava em dívida com meu desaparecido e espirituoso avô: as pombas, sossegadas, acabaram por me aceitar ou esquecer. (Essa indefinição permanece até hoje...) Sem deixar de movimentar a cabeça e sempre com a pena entre os dentes, alcancei, por fim, a rede de metal.

Minha posição, como havia previsto o horticultor, era privilegiada. Eu estava a uns oito ou dez metros do ponto final do estreito caminho que conduzia à escada do sepulcro. A lua iluminava amplamente a parte superior da rocha, assim como as figuras dos soldados que montavam guarda na borda da galeria, a antessala da cripta. Eles haviam acendido uma fogueira, dividindo-se em dois grupos bem diferenciados, distanciados entre si uns três ou quatro metros. Pouco a pouco, fui reconhecendo as sentinelas. Os que se reuniam ao redor da fogueira eram soldados romanos. Mas não vi nenhum oficial. O segundo pelotão, também de dez homens, era integrado por levitas. Curioso: durante mais de meia hora nenhum dos guardiães do Templo se dirigiu a seus supostos companheiros de serviço. Ou eu me enganava, ou eles se ignoravam mutuamente. Aquela situação era bastante verossímil, tendo em conta o ódio recíproco entre os dois povos...

Apesar de minha proximidade, a entrada da câmara funerária não era visível do meu improvisado observatório. Estando abaixo do nível do terreno, era quase impossível divisá-la. No máximo – erguendo-me até o teto do pombal –, eu conseguia ver um trecho da área superior da fachada sepulcral.

Aquilo me inquietou, mas procurei acalmar-me. Além disso, se ocorresse “algo”, os primeiros a avisar seriam os próprios guardiães. Bastava que eu não os perdesse de vista. O fato de estarem ali, pacificamente sentados ou deitados, era sinal de que até aquele momento nada de estranho havia acontecido.

E às 2h30, tal como o projeto havia programado, Eliseu efetuou a primeira das chamadas “conexões em cadeia”. Até às 3h30 daquela madrugada meu companheiro de módulo iria lembrar-me a hora a cada trinta minutos. A partir desse momento e até às 6h00, as “chamadas” – porque era disso que se tratava – seriam efetuados a cada quinze minutos. O projeto havia previsto – e isso foi aceito por todos os membros da missão – que em caso de “alta emergência”, o módulo decolaria mesmo com um só dos astronautas. (A essa altura da operação, “alta emergência” só significava uma coisa: que eu não pudesse chegar ao “berço” antes da decolagem automática)

Certamente eu não quis intranquilizar meu irmão dizendo-lhe que me achava preso em um pombal...

De sua parte, Eliseu tampouco se referiu, naquele momento, ao estranho sinal detectado no “Gun Dish”, o radar de bordo...

– Não quis carregá-lo com novas preocupações – disse no meu retorno ao “berço”.

Ao que parece, à uma da madrugada, diante do natural desconcerto de meu irmão, outro objeto voador, procedente do sul, irrompeu na tela do radar. Era o terceiro veículo (?) que detectávamos desde a madrugada de quinta-feira... Um objeto que guardava uma estreita relação com nós mesmos, ainda que, obviamente, nem eu nem Eliseu pudéssemos sequer imaginar isso naqueles cruciais momentos...

E dez minutos depois, às 2h40, ocorreu o inexplicável.

Quando eu vigiava os movimentos da guarda, notei algo raro... Não saberia explicar. Foi como um abalo. Não, talvez a palavra exata seja "vibração"... Mas uma vibração seca. Quase instantânea, sem ruído.

E cessou em questão de décimos de segundo.

Minha primeira impressão foi confusa. Pensei que talvez o pombal tivesse oscilado por conta de alguma rajada de vento. Mas em seguida dei-me conta de dois fatos importantes. Em primeiro lugar, não havia vento. E, depois, os pombos também haviam acusado aquela espécie de descarga elétrica... se é que assim se poderia identificar aquele fenômeno.

Dessa vez, estou certo, não fui eu o causador da revoada dos pombos, que abriram suas asas e começaram a emitir um som parecido ao gluglu dos perus.

Se se tratasse de um novo sismo, Eliseu o registraria no mesmo instante e me avisaria no ato. Mas a voz de meu companheiro continuou calada.

Agarrei-me com força à rede metálica e concentrei meus cinco sentidos nos soldados. Dois ou três haviam-se levantado, mas, exceto isso, tudo parecia tranquilo.

Não haviam transcorrido nem dois minutos quando uma nova sacudida, ou vibração, ou descarga – não sei como qualificá-la – açoitou o pombal e, a julgar pelo desconcerto dos sentinelas, toda a área em torno do sepulcro. As aves começaram a revoltear. As vibrações pareciam encadeadas. Sucediavam-se quase sem interrupção, com uma força que fazia tremer a frágil estrutura de tábuas em que eu estava prisioneiro. Ao mesmo tempo – e creio que isso foi o pior –, um zumbido agudíssimo, infinitamente mais potente e agudo que o de um gerador, devastou meus ouvidos e perfurou-me os tímpanos.

Pensei estar enlouquecendo. Tentei proteger os ouvidos com as mãos, mas foi inútil. Aquele silvo continuava cravado em meu cérebro, com frequência muito próxima dos 16 mil Hertz.

Acabei caindo no chão, meio inconsciente. E, de repente, quando pensava que minha cabeça iria explodir, tudo cessou. As vibrações e o zumbido desapareceram completamente. Ao erguer o rosto, vi alguns pombos no chão, mortos ou em espasmos agônicos.

Levantei-me, como que impulsionado por uma mola. Que seria aquilo? Que estava acontecendo?

Ao olhar para o exterior, vi os soldados meio tombados no chão, gritando e segurando a cabeça com as mãos. O silvo, indubitavelmente, também os havia

afetado.

Chamei Eliseu e pedi-lhe informação sobre a hora e sobre um possível registro sismográfico. Eram 2h44. E, como eu suspeitava, o instrumento de bordo não detectara oscilação alguma do terreno. Sem conseguir conter-me, relatei a Eliseu o ocorrido, expressando-lhe minha preocupação com o que estava acontecendo.

Durante os minutos seguintes, a calma foi completa. Os soldados foram-se recuperando e entabularam uma acesa polêmica sobre o ocorrido. Uns falavam em novo terremoto. Outros, de uma tormenta. "Tormenta?", perguntei a mim mesmo. Olhei para o alto, mas o céu continuava transparente, sem o menor sinal de nuvens. "Impossível!", comentei para mim mesmo. "Não conheço uma tormenta que seja capaz de produzir um zumbido como esse. Além disso, como explicar os abalos?"

Alguns levitas sugeriram que deveriam avisar seus chefes. No fim, porém, diante da falta de argumentos, desistiram e voltaram a sentar-se.

Às 3h00, Eliseu fez a segunda chamada. Perguntou-me se tudo continuava em ordem e, quando lhe respondi afirmativamente, sugeriu que não me descuidasse. "Às sete – advertiu –, tomaremos o chá..."

Agradei o gracejo de meu irmão. Eu bem que necessitava. Toda aquela tensão estava-me destroçando.

Quando começava a acreditar que tudo aquilo podia ter sido fruto de minha imaginação, um novo fato fechou o parêntese.

Sete ou oito minutos após a última conexão com o módulo, um silêncio estranho e anormal – muito semelhante àquele que eu havia sentido em Getsêmani – caiu sobre a área. Observei os pombos. De maneira inexplicável, haviam-se acorçado no fundo das pequenas células do pombal, visivelmente atemorizados.

Agucei os ouvidos. Nada. Não percebia o mais leve ruído.

Os soldados romanos, intrigados pelo silêncio, haviam ficado de pé. Às 3h10, ainda em meio àquele espesso silêncio, um calafrio me percorreu o corpo, da cabeça aos pés. Como um rugido, como uma mão de ferro que se arrastasse sobre uma rocha, assim comecei a ouvir o lento, muito lento, deslizar de uma pedra sobre outra.

Se eu não tivesse assistido ao fechamento da enorme pedra que tampava a tumba do Nazareno, suponho que não teria associado aquele bramido com o ruído da mó ao rodar pelo fundo da ranhura. Meu pressentimento foi confirmado quando, subitamente, um dos levitas surgiu na galeria do sepulcro, lançando um alarido estremeedor. Seus companheiros e também os mercenários romanos correram para ele de imediato. Em poucos segundos, começaram a recuar, gemendo e tropeçando uns nos outros.

– As pedras! – gritavam em total confusão. – As pedras estão-se movendo sozinhas!... As pedras!

Os guardiões do Templo, surpresos e tomados de um pânico indescritível,

saíram em fuga por todas as direções, uivando e chocando-se contra os ramos mais baixos das árvores frutíferas. Quanto à escolta romana, alguns retrocederam até a fogueira, desembainhando as espadas. Dois deles, não sei se paralisados pelo terror ou se mais audazes, permaneceram à beira da escada que conduzia ao panteão. Durante segundos que me pareceram séculos, o rangido da pedra circular, rolando e arranhando a fachada do sepulcro, dominou tudo. Os levitas haviam desaparecido do horto. Os soldados, ainda que continuassem a poucos metros da boca da tumba, tinham os rostos banhados de suor.

De repente, o rangido cessou. Quase simultaneamente, brotou da galeria uma labareda. Mas não era fogo. Era luz. Tampouco se podia definir o fenômeno como uma explosão. Entre outras razões, porque não houve estampido algum. Só posso dizer que era luz. Uma língua, ou bolha ou radiação luminosa, de um branco azulado indescritível.

Aquela “explosão” luminosa – não tenho palavras para descrever a visão – saiu do sepulcro. Disso estou certo. E prolongou-se instantaneamente até as árvores mais próximas, situadas a pouco mais de quatro metros dos degraus de acesso ao panteão. Sua trajetória foi oblíqua e seguiu uma linha natural de escape. De certo modo, lembrou-me uma onda expansiva, mas luminosa.

Em décimos de segundo a luz desapareceu, e tudo ficou no mais absoluto silêncio. Os soldados jaziam no chão como mortos.

Mexi-me inquieto, tentando ver alguém. Naquele local, está claro, ocorrera algo anormal e inexplicável à luz da razão. Mas, por mais que eu rastreasse o lugar com a vista, o sepulcro e suas imediações me pareciam solitários. A fogueira continuava flamejando e, da tumba – disso sou testemunha –, não saiu pessoa alguma. Mas quem poderia aparecer por aquela escada senão o próprio Jesus de Nazaré?

“Jesus de Nazaré?”

Sem saber como nem por que, sentei-me no solo do pombal, chutando furiosamente a rede metálica. Tinha de sair. Tinha de entrar no sepulcro e desvendar a tremenda dúvida que acabava de me assaltar.

“Continuaria ali o cadáver de Jesus de Nazaré?”

“Maldita porta! Abre-te.”

Num daqueles violentos pontapés, a rede voou pelos ares. Deslizei como um louco pela portinhola, seguido de um não menos enlouquecido torvelinho de pombos. Recuperei minha vara e corri, corri sem respirar, até a borda da escada. Os soldados, com os olhos muito abertos, continuavam no chão.

E comecei a descer os degraus. Mas, no meio da escada, repentinamente, senti medo. Um pânico irracional que me arrepiou os cabelos. Dei meia-volta e saí de lá correndo, sufocado e com a língua endurecida como papelão.

Mas quando me dispunha a me aventurar por entre as árvores, algo me deteve. É possível que fosse o bombeamento de meu coração, acima das 180 pulsações por minuto. Tomei fôlego, reclinei-me sobre o tronco de uma das árvores frutíferas e tentei pensar. Tinha de voltar! Era preciso!...

Liguei a conexão auditiva e pedi a Eliseu que não me perguntasse nada:

– Apenas fale-me, fale sem parar até que eu o avise.

Eliseu, bendito seja, não me fez perguntas, mas, consciente de que algo grave acontecia, tentou animar-me...

– Tenho um livro em minhas mãos – começou – e quero ler-lhe algo:

“Olha para o oriente... Olha para o oriente do teu coração... Está saindo um novo sol...”.

Enquanto aqueles versos soavam em meu cérebro como uma mão mágica (nunca soube quem era o autor), desandei a caminhar, aproximando-me, trêmulo, do fosso da cripta.

– “... Dizem que deixa esteiras de liberdade... Dizem que é a esperança... A esperança adormecida até hoje na outra margem...”

Um, dois, três, quatro degraus... Só falta um. Inspirei várias vezes e, à luz da lua, aproximei-me da fachada da tumba. As duas pedras, efetivamente, haviam sido removidas para a esquerda, deixando a descoberto o escuro vazio da cova. “Se os vinte guardiães estavam ali em cima – raciocinei –, quem fez rolar essas pedras?” O peso total delas devia ser superior a setecentos quilos...

Os selos do governador estavam rompidos e atirados ao solo, na galeria. Comecei a suar. “Devo olhar?... E se Ele não estiver?...”

– “... Olha para o oriente... Para o oriente de ti mesmo...”

“Tenho de fazê-lo!” E, colocando-me de cócoras, inclinei-me e olhei o interior da cripta. A escuridão era total, fechada como boca de lobo.

“É impossível – pensei. – “Preciso de uma tocha.”

Regressei ao alto, tomando um dos lenhos flamejantes da fogueira. Os soldados, embora paralisados, estavam vivos. Seus pulsos atestavam isso.

– “... Está amanhecendo na costa do teu olhar... Já brilha uma nova estrela...”

Desci a escada e, com o coração à beira da fibrilação, introduzi a tocha pelo vazio da entrada. A luz avermelhada da tocha inundou no mesmo instante a câmara sepulcral. Engatinhei um pouco mais e, ao levantar a vista, um impacto como que desintegrou minha alma. A tocha caiu ao chão e eu fiquei ali, de joelhos, a boca aberta e os olhos fixos naquele banco de pedra... vazio!

– “Já chega... Já tens meu sinal entre as mãos...”

Não pude conter-me. As lágrimas começaram a rolar pelas minhas faces. Meu temor havia desaparecido. Jesus de Nazaré não estava! E nos meus ouvidos continuavam ecoando os últimos versos de Eliseu:

– “... Já chega... Já tens meu sinal entre as mãos...”

Deixei que meu pranto caísse, livre, sobre o solo daquele lugar, enquanto uma paz infinita aliviava agora meu torturado coração.

Sem pestanejar, sem me mover, examinei os panos. O lençol mortuário estava no lugar que o Nazareno havia ocupado. E, no meio dele, no lugar onde havia repousado a cabeça do Mestre, distinguia-se o vulto do sudário ou mantão com o qual Nicodemos havia amarrado seu maxilar inferior. Era como se o cadáver tivesse

sido absorvido por sucção! Como se aquele corpo de mais de 1,80 metro se houvesse evaporado! A posição do lençol – “desinflado” sobre si mesmo – não deixava dúvida. Se alguém tivesse roubado e trasladado o cadáver, aqueles panos jamais teriam ficado naquela impressionante posição.

“Mas como? Como?...” – repetia a mim mesmo sem descanso. Primeiro haviam sido as trepidações. Depois, as pedras da porta que rolavam, movidas por uma força invisível. E, por último, aquele “fogo” brilhante...

“Como?...”

E agora, o maior prodígio de todos os tempos! Uma tumba vazia... Seria preciso esperar por minha segunda “grande viagem” à Palestina do ano 30 para começar a intuir o que havia acontecido no interior daquela cripta. Foi a análise daqueles panos que nos deu uma pista. Como antecipação, posso dizer que a ressurreição do Galileu – o feito físico e milagroso de sua ressurreição – aconteceu poucos minutos ANTES da “desintegração” de seus despojos. Nada teve a ver uma coisa com a outra. O cadáver se desfizera, sim, mas ANTES, insisto, Jesus havia feito o grande prodígio.

Finalmente, avisei meu companheiro que estava pronto para empreender o caminho de retorno à nave.

E às 3h30, depois de beijar o solo rochoso da cripta, abandonei o horto de José de Arimateia. Os soldados da fortaleza Antônia continuavam ali, desmaiados, como testemunhas mudas da mais sensacional notícia: a ressurreição do Filho do Homem.

Eram 7h02 daquele domingo “de glória”, 9 de abril do ano 30 de nossa Era, quando o módulo decolou, enquanto o sol se erguia. E ao nos elevarmos em direção ao futuro, uma parte de meu coração permanecia para sempre naquele “tempo” e naquele Homem a quem chamam Jesus de Nazaré.

Janeiro de 1984



J. J. Benítez nasceu em Pamplona, norte da Espanha, em 7 de setembro de 1946. Formou-se em Ciências da Informação pela Universidade de Navarra em 1965. Escritor e jornalista, há 33 anos viaja incansavelmente investigando inúmeros enigmas, tendo percorrido 5 milhões de quilômetros e dado a volta ao mundo 122 vezes, o que resultou em 50 livros publicados até o momento.

Seu especial interesse por Jesus de Nazaré, seu “grande amigo” como ele mesmo diz, nasceu em 1975, quando foi anunciado que o Santo Sudário poderia ter sido a mortalha que envolveu o corpo do Galileu.

Atualmente, J. J. Benítez dispõe de 144 projetos que, obviamente, não poderá cumprir...

Mora em Barbate, sul da Espanha, junto ao seu segundo “amor”, o mar, e à sua esposa, Blanca, e celebra a noite de Natal em 21 de agosto, o verdadeiro nascimento de Jesus..